CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

REFLETINDO SOBRE MUDANÇAS: COM A PALAVRA, MEUS EX ALUNOS, HOJE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Carlos Henrique da Silva Rocha

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Profª.Drª. Giselle Faur de Castro Catarino

Rio de Janeiro
Maio, 2025

REFLETINDO SOBRE MUDANÇAS: COM A PALAVRA, MEUS EX ALUNOS, HOJE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Calos Henrique da Silva Rocha

Banca Examinadora:

Presidente, Profª. Drª. Giselle Faur de Castro Catarino (CEFET-RJ)

Orientadora

Prof. Dr. Glauco dos Santos Ferreira da Silva (CEFET-RJ)

Profª. Drª. Alcina Maria Testa Braz da Silva (CEFET-RJ)

Profª. Drª. Glória Regina Pessoa Campello Queiroz (UERJ)

Prof. Dr. Adriano Vargas Freitas (UFF)

Suplentes:

Prof. Dr. João Paulo Fernandes (CEFET-RJ)

Profª. Drª. Eline das Flores Victer (UNIGRANRIO)

Rio de Janeiro
Maio, 2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

R672 Rocha, Carlos Henrique da Silva
Refletindo sobre mudanças: com a palavra, meus ex alunos, hoje professores de ciências / Carlos Henrique da Silva Rocha. — 2025.
138f. + apêndice : il. color. , enc.

Tese (Doutorado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2025.
Bibliografia : f. 128-138
Orientadora: Giselle Faur de Castro Catarino

1. Professores - Formação. 2. Prática de ensino. 3. Professores de ensino de primeiro grau – Formação. 4. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovitch), 1895-1975. 5. Freire, Paulo, 1921-1997. 6. Análise do discurso. I. Catarino, Giselle Faur de Castro. (Orient.). II. Título.

CDD 370.71

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

À minha esposa e filhas, razão de tudo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.ª Dr. ª Giselle Faur de Castro Catarino pelo estímulo à participação neste programa de doutorado e pelo excelente trabalho de orientação, realizado durante a elaboração desta tese.

Aos meus pais, Otacílio e Maria Lourdes (*in memoriam*), que sempre apontaram a educação como um caminho para mudança e transformação de vidas.

À minha querida amiga, companheira de trabalho, Iara da Silva Sucupira, pela amizade, incentivo e apoio na elaboração deste trabalho.

Aos meus ex-alunos, hoje professores de ciências e matemática, que aceitaram participar desta pesquisa, contribuindo assim, a partir do relato de suas experiências docentes, para a construção desta tese.

Aos colegas Cleber Monteiro e Maurício Batalha, que dividem as atividades comigo no SENAI, pela ajuda na adequação de horários e tarefas, possibilitando minha participação nas disciplinas e atividades deste programa de doutorado.

Aos colegas professores do Curso Técnico em Eletrotécnica e equipe gestora da Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek, pelo incentivo e ajuda na adequação de horários e tarefas a fim de viabilizar minha participação neste programa de doutorado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Educação (PPCTE) do CEFET-RJ pelos ensinamentos e contribuições dadas durante o curso de doutorado.

Aos professores, membros da banca examinadora, pelas contribuições no meu exame de qualificação e no aprimoramento do meu texto final.

Por fim, agradeço a meus familiares, esposa e filhas, que renunciaram a minha convivência durante as horas que dediquei à realização dos trabalhos propostos ao longo deste curso de doutorado.

EPÍGRAFE

"*Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.*" (Paulo Freire, 1987)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade potencializar reflexões acerca de possibilidades e obstáculos na implementação de mudanças nos cursos de licenciatura em Física, Matemática e Química, apontadas por egressos, tendo em vista os problemas de baixa procura e evasão que tais cursos vêm enfrentando. Partimos da hipótese de que determinadas mudanças poderiam diminuir o abismo existente entre a formação inicial e a realidade encontrada em sala de aula. Foram entrevistados dez professores licenciados (quatro de Física, cinco de Matemática e um de Química), todos ex-alunos do autor dessa pesquisa no Curso Técnico em Eletrotécnica em uma Escola Técnica Estadual localizada na cidade do Rio de Janeiro. Identificamos, a partir de seus discursos, impactos da formação inicial em suas práticas, obstáculos e possibilidades enfrentados ao longo do curso de formação e na atuação em sala de aula, além de possíveis mudanças nos cursos de licenciaturas. Como aporte teórico, foram utilizados referenciais que constituem a base e as novas tendências para pesquisas nas áreas de formação e prática docente. Conduzido numa perspectiva sociocultural, desenvolvemos um referencial teórico-metodológico, a partir das ideias de Bakhtin e Freire, gerando um importante constructo para as análises. Dessa maneira, buscando capturar a realidade do que acontece com os professores no âmbito de suas práticas profissionais, a partir dos seus discursos, esta pesquisa tem abordagem qualitativa e, por examinar acontecimentos contemporâneos de um grupo bem definido de sujeitos, oriundos de uma mesma formação técnica que se encaminharam para a formação em cursos de licenciatura, com ampla variedade de evidências, foi realizado um estudo de caso. Os dados foram obtidos a partir da realização de entrevistas semiestruturadas. Para as análises dos dados – os discursos dos sujeitos, enfatizamos nas características dialógicas do discurso na sua dimensão sócio-histórico-cultural, caracterizando a Análise Dialógica do Discurso, aqui apoiada no referencial teórico-metodológico. A análise dos discursos dos professores nos permitiu ensaiar algumas respostas às questões que norteiam a pesquisa, bem como permitiu refletir sobre possíveis propostas de mudanças no âmbito da formação inicial, incluindo a necessidade de ouvir os professores da Educação Básica que, coletivamente, assumem papel de protagonistas na avaliação e produção de saberes. Ao apresentarmos os resultados das análises, entendemos, segundo o referencial bakhtiniano, que cada sujeito é único e isso nos permite compreender o único, o singular, e ao mesmo tempo o possível.

Palavras - Chave: Formação de Professores, Prática Docente, Novas Tendências, Licenciatura, Perspectiva Sociocultural, Bakhtin, Freire, Análise do Discurso.

ABSTRACT

The aim of this study is to encourage reflection on the possibilities and obstacles to implementing changes in degree courses in Physics, Mathematics and Chemistry, as pointed out by graduates, in view of the problems of low demand and dropout that these courses are facing. We started from the hypothesis that certain changes could reduce the gap between initial training and the reality found in the classroom. Ten graduate teachers were interviewed (four in Physics, five in Mathematics and one in Chemistry), all former students of the author of this research on the Electrotechnical Technical Course at a State Technical School located in the city of Rio de Janeiro. Based on their speeches, we identified the impact of initial training on their practices, the obstacles and possibilities they faced during the training course and when working in the classroom, as well as possible changes in degree courses. As a theoretical contribution, references were used that constitute the basis and new trends for research in the areas of teacher training and practice. Conducted from a sociocultural perspective, we developed a theoretical-methodological framework based on the ideas of Bakhtin and Freire, generating an important construct for analysis. In this way, in an attempt to capture the reality of what happens to teachers in the context of their professional practices, based on their discourses, this research has a qualitative approach and, because it examines the contemporary events of a well-defined group of subjects, coming from the same technical background, who went on to train in degree courses, with a wide variety of evidence, a case study was carried out. The data was obtained through semi-structured interviews. To analyze the data - the subjects' speeches - we emphasized the dialogical characteristics of discourse in its socio-historical-cultural dimension, characterizing Dialogical Discourse Analysis, supported here by the theoretical-methodological framework. The analysis of the teachers' speeches allowed us to rehearse some answers to the questions guiding the research, as well as to reflect on possible proposals for changes in initial training, including the need to listen to primary school teachers who, collectively, take on the role of protagonists in the assessment and production of knowledge. In presenting the results of the analysis, we understand, according to the Bakhtinian framework, that each subject is unique and this allows us to understand the unique, the singular, and at the same time the possible.

Keywords: Teacher Education, Teaching Practice, New Trends, Graduation, Sociocultural Perspective, Bakhtin, Freire, Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Triângulo da formação de Nóvoa 44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Gênero dos sujeitos da pesquisa	80
Gráfico 2	Dados de ingresso no mercado de trabalho como estagiários técnicos	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados de idade, licenciatura realizada, ano de conclusão, tempo de magistério e instituição de formação inicial dos sujeitos da pesquisa	77
Tabela 2	Cursos de pós-graduação Lato e Stricto Sensu com instituição e ano de conclusão	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Marco legal para formação de professores no Brasil 35

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Código Brasileiro de Ocupações
CNCT	Catálogo Nacional de Cursos Técnicos
CEFET/RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
CIEE	Centro de Integração Empresa Escola
CONFEA	Conselho Federal de Engenharia e Agronomia
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
CFT	Conselho Federal dos Técnicos Industriais
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
ETEJK	Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek
FAETEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IFRJ	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
RP	Residência Pedagógica
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio
UNOPAR	Universidade do Norte do Paraná
UVA	Universidade Veiga de Almeida

SUMÁRIO

Introdução 17

Objetivos da Pesquisa 26

1 **Levantando Referenciais: As primeiras décadas do século XXI**..... 28

2 **Novas Perspectivas para a Reconstrução da Formação de Professores**..... 48

3 **Bakhtin e Freire: Perspectiva dialógica por uma sociedade mais igualitária**..... 55

4 **Desenho Metodológico**..... 64
4.1 Os sujeitos da Pesquisa..... 66
4.2 A Origem dos Sujeitos da Pesquisa..... 67
4.3 Sobre o Curso Técnico em Eletrotécnica..... 68
4.4 Instrumentos de Coleta de Dados..... 70
4.5 Análise do Discurso..... 72

5 **Análise de Dados**..... 76
5.1 Apresentação dos Sujeitos da Pesquisa..... 77
5.2 Formação Continuada, Cursos de Pós-graduação Lato e/ou Stricto Sensu..... 81
5.3 A Opção Pela Licenciatura e Disciplina..... 82
5.4 Experiências Profissionais Pré, Durante e Pós Magistério..... 86
5.5 O Choque Inicial e as Etapas Seguintes no Magistério..... 92
5.6 A Identidade Profissional do Professor 98
5.7 Teorias e Práticas Educacionais Oportunizadas Durante a Licenciatura 105
5.8 Impacto dos Cursos de Pós-graduação na Prática Docente 107
5.9 Participação dos Sujeitos em Projetos de Pesquisa 108
5.10 Participação em Comunidades de Aprendizagem 110
5.11 A Reflexão na Ação e Sobre a Ação 111
5.12 Aproximação Universidade-Escola / Pesquisador-Prof. 113
5.13 Conhecimentos Importantes para Formação do Aluno..... 114
5.14 As Contribuições das Formações Iniciais Sobre as Práticas dos Sujeitos 116
5.15 Questões de Gênero, Raça e Diversidade Tratadas nos Cursos de Graduação 119
5.16 Propostas de Mudanças na Ótica dos Sujeitos..... 121

Ensaiando Considerações 128

Referências 131

Apêndices 142
I – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
II – Termo de Anuência Institucional
III – Instrumento de Coleta de Dados
IV – Transcrição das Entrevistas Semiestruturadas

Introdução

Torna-se oportuna, inicialmente, uma breve apresentação do pesquisador e do seu lugar de fala.

Oriundo de família pobre, pai motorista no serviço público e mãe do lar, realizei os ensinos Fundamental, Médio e Superior em instituições públicas. Por incentivo de familiares, paralelamente ao terceiro ano do Ensino Médio, iniciei minha formação profissional nos cursos de aprendizagem industrial do SENAI, concluindo o curso de eletricista de manutenção industrial. Como acontece com a maioria dos jovens das classes sociais menos favorecidas, parti para o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, alimentava o sonho de ingresso em um curso de Nível Superior. O gosto pela profissão de eletricista me conduziu, naturalmente, à opção pelo Bacharelado em Engenharia Elétrica. Sendo aprovado para a UERJ, surge o grande desafio de conciliar a vida acadêmica com a atividade profissional, pois trabalhava inicialmente na iniciativa privada. Buscando melhores condições de trabalho, que viessem a facilitar a conciliação trabalho-universidade, realizei concurso público e fui aprovado para o cargo de eletricista de manutenção na mesma universidade, local no qual trabalhei por onze anos e onde, sem ter consciência à época, atuei muitas vezes como ator social invisível da ciência, termo utilizado por Guerra (2021) pois, muitas vezes, fui responsável pela montagem e manutenção de vários aparatos que possibilitaram a realização de experimentos em diversos departamentos e laboratórios da universidade. Esta experiência profissional me oportunizou conviver com diversos professores pesquisadores e técnicos de laboratório, constatando a seriedade e o comprometimento destes em relação aos processos de ensino e de construção do Conhecimento Científico.

Em um Brasil de muitas crises, finalizei o Bacharelado em Engenharia Elétrica em um tempo não muito favorável ao ingresso como engenheiro no mercado de trabalho, início da era das privatizações das empresas públicas, concessionárias de energia elétrica e empresas de telecomunicações. Neste contexto de instabilidade do mercado, a convite, ingressei como instrutor no SENAI, minha primeira experiência docente, instituição na qual atuo até os dias atuais, ou seja, há aproximadamente vinte e nove anos.

Grandes foram os desafios para o recém-graduado engenheiro eletricista tornar-se um professor, haja vista que em nenhum momento de minha graduação fui preparado para tão grandiosa e complexa função. Para superação desta fase, chamada por Hubermam (1995) de “Choque Inicial”, contei com apoio de colegas mais experientes,

alguns deles meus ex instrutores na própria instituição, e com o suporte de dona Mauricéia, pedagoga da instituição, que me passou os primeiros e valiosos “macetes” da arte de ensinar, principalmente aqueles ligados ao domínio de turma.

Vencidas as barreiras, foi se construindo a paixão pelo “ser” professor, fato que me levou a realizar concurso público para a FAETEC. Obtendo aprovação como professor de Eletrotécnica fui enviado para a Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek, escola onde atuo desde então, mais precisamente há 26 anos. Após o ingresso na FAETEC pedi minha exoneração do cargo de eletricista de manutenção na UERJ e passei a atuar exclusivamente como professor/instrutor da educação profissional.

As exigências do Conselho Estadual de Educação, após o ingresso na FAETEC, me levaram à realização do curso de Docência do Ensino Fundamental e Médio na UCAM, onde obtive o título de “Especialista Plenamente Licenciado em Eletrotécnica”. Por atuar em alguns períodos de minha carreira como coordenador de curso realizei, com financiamento governamental, MBA em Gestão do Ensino Profissional no Estado do Rio de Janeiro na FGV.

A inquietude pela busca de melhorias em minha prática docente, associada à necessidade de titulação para ascensão na carreira, me conduziram à realização do Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica na UNIGRANRIO, tempo de grande aprendizagem, primeiro contato formal com a investigação científica e onde surge a importante parceria e amizade com minha orientadora, professora Giselle Faur de Castro Catarino.

Ao término do mestrado no ano de 2016 a vida me apresentou novos desafios, época de ingresso das filhas na universidade, fato que me levou a focar no trabalho, aumentando a quantidade de tempos de aula e realizando alguns projetos de engenharia elétrica a fim de aumentar a renda da família.

E o doutorado? Em tempos de pandemia do Covid 19, mais precisamente em 2021, com mais tempo para me dedicar às leituras sugeridas e à elaboração de um pré-projeto, sempre incentivado pela professora Giselle Faur, surge a oportunidade de participação do processo seletivo do PPCTE do CEFET-RJ. É nesta cronotopia, mergulhado nas leituras sugeridas pela orientadora sobre o tema “Pesquisa Sobre Formação e Prática Docente” e embebido pela longa experiência como professor, que surge a ideia para o tema desta pesquisa.

Conforme relato, o trabalho ininterrupto como professor de eletrotécnica no Ensino Médio Técnico desde 1999, ou seja, há 26 anos, e a constante preocupação

com a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem foram os responsáveis pela escolha do tema desta pesquisa.

Ao longo de minha trajetória como educador, atuando especificamente no ensino das ciências exatas, pude constatar as dificuldades encontradas por professores e alunos no estabelecimento de metodologias de ensino e estratégias de aprendizagem mais prazerosas e efetivas.

Há um consenso entre educadores e/ou pesquisadores (Nóvoa, 1995; Giroux, 1997; Schön, 2000; Tardif e Lessard, 2014 e Candau *et al*, 2020) de que mudanças precisam ser implementadas a fim de que os processos de ensino e aprendizagem sejam mais próximos dos alunos, no sentido de levarem em conta a diversidade de realidades em que são desenvolvidos, realidades diversas e em constante e acelerado processo de transformação. Tardif e Lessard (2014) afirmam que o trabalho dos professores deve ser dirigido à coletividade, porém para ser eficaz, deve considerar as diferenças individuais, sociais e culturais dos alunos a fim de fazê-los progredirem. Acrescentando, Lemke (2001) aponta que a ciência, a educação científica e a pesquisa sobre educação científica devem ser entendidas como atividades sociais humanas conduzidas dentro de estruturas sociais e institucionais. Nesse sentido, entendemos que o trabalho docente deve contribuir com o processo de humanização dos alunos, historicamente situados. Para tal, a profissão docente deve ser entendida como de caráter dinâmico, a fim de colaborar com o processo emancipatório da população. Nesse contexto de repensar a docência diante das novas demandas sociais, Macedo (2019) alerta que não se pode homogeneizar ou pasteurizar as singularidades das pessoas, as quais devem receber uma educação que possibilite sua ascensão a uma cidadania plena de direitos e condições de dignidade social. Segundo o autor, é possível, via um currículo que trabalhe a partir de e com a diversidade, construir o acesso à dignidade social. No âmbito da formação docente, Imbernón (2009) traz a ideia de incluir no papel dos professores outros aspectos, por exemplo, a luta contra a exclusão social e relações com as estruturas sociais e com a comunidade, requerendo para isso novos modelos de formação inicial e continuada dos professores.

Mesmo diante das novas demandas sociais e educacionais, para Candau *et al* (2020), as escolas continuam com dificuldade de lidar com a pluralidade e a diferença enquanto os cursos de formação de professores, em sua maioria, ainda são conduzidos de forma homogênea e articulada com a monoculturalidade, desconsiderando as diferenças como fatores pedagógica e didaticamente relevantes.

Nesse sentido, autores citados anteriormente, como Tardif e Lessard (2014), já vêm apontando, há algum tempo, para a necessidade de implementação de mudanças

nos processos de formação inicial e/ou continuada de professores. Tais mudanças são complexas e urgentes tendo em vista, não só a necessidade de mudanças sociais para um mundo mais democrático e com mais justiça social, como também os diferentes contextos de atuação docente e a necessidade de respeito aos saberes, carregados por suas experiências pessoais e profissionais.

Ao analisar os processos de formação inicial e continuada de professores, Mizukami (2005) aponta que estes ainda continuam, em pleno século XXI, carregados pelo paradigma da racionalidade técnica[1], com predominância de um ensino realizado de forma disciplinar e fragmentado, transmitido de forma expositiva, fatos que dificultam a aderência às novas e urgentes concepções de formação. As chamadas tradicionais metodologias de ensino, pautadas exclusivamente na exposição de conteúdo, tornam a prática pedagógica afastada da reflexão crítica, apontada nas pesquisas em educação como uma das opções construtivistas que pode provocar mudanças nos processos de formação docente. Para Lemke (2001), a visão particular da racionalidade técnica, chamada por ele racionalidade científica, precisa ser reexaminada criticamente a fim de constatarmos se esta não se trata de mera idealização.

Para Umpierre *et al* (2014), a hegemonia da racionalidade técnica no contexto da educação em ciências serve como instrumento a serviço da maquinaria produtiva do sistema capitalista e como mecanismo de manutenção das desigualdades sociais e exclusões características da política educacional vigente. Esta constatação teve sua origem na revolução industrial, quando houve a necessidade de formação de professores que suprissem as demandas das escolas que, a partir daquele momento, passaram a servir como instrumentos de preparação da mão de obra barata e necessária ao recorrente trabalho fabril. A partir de pesquisa realizada em artigos publicados em quatro periódicos nacionais da área de educação entre os anos de 2009 e 2013, os autores apontaram no sentido de avançarmos para modelos de formação docente mais condizentes com percepções críticas e problematizadoras do contexto educativo, destacando três possíveis modelos de racionalidade que predominaram nas publicações, quais sejam:

- racionalidade prática reflexiva (Schön, 2000) – Capacidade do professor, mesmo diante de situações complexas e incertas, de refletir sobre sua prática, agindo com base

[1] Modelo de formação de professores pautado na ideia de acúmulo de conhecimentos teóricos, com vistas a posterior aplicação no domínio da prática. Nesta lógica, a atividade profissional do professor se resume a resolução de problemas instrumentais, a partir da aplicação de teorias e técnicas científicas previamente disponíveis.

nesta reflexão e aprendendo de forma contínua com as experiências por ele vivenciadas.

- racionalidade crítica (Contreras, 2012) - Forma de pensar e agir do professor que valoriza sua autonomia e o questionamento das condições sociais e institucionais de sua prática para, a partir de um compromisso ético, contribuir para a transformação da realidade.

- racionalidade comunicativa (Habermas, 1999) – Capacidade do professor agir com base no diálogo em busca do entendimento, sem dominações ou manipulações, mas sim a partir da argumentação e do respeito mútuo, na busca por consensos válidos.

Comentando sobre a condução das aulas ainda focadas na exposição de conteúdos, Catarino (2013) aponta que:

> ...na visão tradicional, a sala de aula é também vista como um conjunto de alunos isolados, eventualmente em competição uns com os outros. O aluno não é visto como um ser social e nem pode adquirir consciência social. É claro que a isso corresponde a forma tradicional de transmissão de conteúdo, com suas aulas verticais – do professor para o aluno – puramente expositivas, sua disciplina em sala, seus exames e reprovações, que espelham uma visão de mundo de hierarquias naturais e imutáveis. (Catarino, 2013, p. 35).

Refletindo sobre mudanças no currículo de um curso de licenciatura em Física a fim de trabalhar com novas metodologias de ensino, que viessem a contribuir com a redução dos altos índices de evasão e reprovação, Micha *et al* (2018) apontaram que:

> A prática de aulas expositivas também continua sendo o modo predominante a despeito de se pensarem espaços para que os alunos sejam mais ativos e menos passivos em sala de aula. Há uma preocupação dos docentes em geral em relação ao conteúdo que será abordado. Atividades que não passam pela exposição de conteúdos muitas vezes são encaradas como “perda de tempo”. (Micha *et al*, 2018, p. 509).

Assim, é preciso rever as metodologias de ensino e observar as pessoas, no sentido de entender seus processos de aprendizagem, carregados por suas experiências pessoais e que, geralmente, não são respeitadas no modelo de ensino formal. Segundo Freire (1987), a educação não pode ser um ato de depósito de conteúdos, mas sim o da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Para Tardif e Lessard (2014):

> Os professores não podem mais se comportar como simples transmissores de conhecimentos estáveis ou invariáveis e de uma cultura “eterna”: a cultura escolar, como também a cultura da sociedade, são envolvidas por um turbilhão. A multiplicação de inovações e de técnicas, a velocidade sempre maior com que são colocados em circulação e desaparecem objetos e saberes, certezas e ideias, provocam nos professores o sentimento de estar sendo continuamente ultrapassados. Em suma, a escola fica para trás. (Tardif e Lessard, 2014, p.145).

Os processos de formação inicial e continuada dos professores de ciências e matemática, atualmente, ainda estão distantes do pensamento de Freire (1987) e Tardif e Lessard (2014) pois, segundo Mizukami (2005), os formadores de professores atuam carregados pelo paradigma da racionalidade técnica.

Queiroz e Lima (2007) apontam que os alunos dos cursos de Licenciatura em Ciências, nas diversas especialidades, desenvolvem suas atividades tomando como exemplo as práticas de seus próprios ex-professores, levando-os a ensinar da mesma forma como foram ensinados, ou seja, de forma expositiva, fato que leva a uma prática pedagógica afastada da reflexão crítica, apontada pelas autoras como uma das opções construtivistas que podem fomentar mudanças nos processos de formação docente. As autoras salientam que o replicar das práticas de ex-professores dificulta que o processo de formação se torne um terreno fértil às reflexões sobre necessárias mudanças.

> Normalmente, a caracterização do profissional do magistério trazida é traduzida pelo estereótipo do professor tradicional que lhes serviu de exemplo pelo já longo tempo de escolarização. Assim sendo, a maioria deles acredita que a aula deve ser dada quase no sentido estrito de doação do saber do professor para os alunos, que receberão passivamente e que são considerados detentores de nenhum saber. (Queiroz e Lima, 2007, p.285).

Ao introjetar práticas de seus ex-professores, as quais Imbernón (2009) chama de aquisição do conhecimento pedagógico comum, os recém-licenciados assumem estereótipos e esquemas, geralmente obsoletos para o exercício da profissão de ensinar e que, muitas vezes, são difíceis de eliminar ou superar.

Em relação a esta dificuldade de eliminação ou superação outra autora, Lüdke (2014), afirma que:

> Ao observar o comportamento didático (pedagógico) de alguns professores, talvez de muitos deles, tem-se a impressão de que ele reproduz quase de maneira intocada a prática vivida por eles mesmos, enquanto alunos, sob a direção de algum professor que os marcou indelevelmente. Essa prática parece ter atravessado incólume não apenas o tempo decorrido, mas todas as investidas provindas de outros cursos por eles feitos, inclusive os de cunho exclusivamente pedagógico. (Lüdke, 2014, p.90).

Esta imitação acrítica é apontada por Pena *et al* (2021) como um dos grandes problemas que os professores iniciantes enfrentam no início da docência.

Corroborando com a mesma visão, Giroux (1997) afirma que os professores se baseiam em suposições de senso comum para estruturar suas experiências em sala de aula, porém experiências do tipo: relação professor aluno, autoridade escolar, objetividade etc. deveriam ser analisadas de forma crítica pelos educadores. O autor cita ainda que as influências pedagógicas conservadoras, adquiridas antes e durante a faculdade, não são facilmente superadas pelos professores. Contreras (2012) afirma

que a aplicação do conhecimento de forma intuitiva, baseada no saber do senso comum, carregada por visões pré-fixadas e estereótipos, leva o professor a introjetar e aprender a aceitar as situações como fixas e estáveis, ou seja, longe da reflexão crítica.

Muitos de meus ex-alunos, numa mesma instituição de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, que oferece o Curso Técnico em Eletrotécnica nas modalidades integrado ao Ensino Médio e Subsequente ao Ensino Médio, seguiram suas vidas acadêmicas ingressando nos cursos de licenciatura em Física, Matemática ou Química e hoje são professores destas disciplinas no Ensino Fundamental e Médio. As redes sociais desempenham um papel muito importante no sentido de proporcionarem uma observação mais próxima dos rumos que cada um de nossos alunos tomou após tornarem-se egressos de nossas instituições, possibilitando identificar os sujeitos para compor a pesquisa que realizamos ao longo deste trabalho.

Partindo do consenso dos vários autores pesquisadores na área de educação citados até aqui, de que mudanças se fazem necessárias nos processos de formação inicial e continuada dos professores de Ciências e Matemática, partindo das atuais demandas por uma escola que reflita sobre as mazelas sociais e almeje uma sociedade democrática e mais justa, este trabalho buscou identificar e refletir sobre quais foram as principais dificuldades encontradas por dez sujeitos, que estudaram na mesma instituição de Nível Médio Técnico, hoje professores de Física, Matemática ou Química na educação básica, em suas práticas em sala de aula. Além disso, a pesquisa realizada, buscou ainda identificar quais foram as estratégias adotadas para encontrar soluções para os conflitos encontrados, com quais suportes teóricos práticos ou parcerias puderam contar para transpor estes obstáculos e quais possíveis mudanças apontariam nos cursos de licenciatura que cursaram.

Com esta pesquisa, buscaremos responder à seguinte questão norteadora:

"Quais mudanças, na percepção de professores de Física, Matemática ou Química egressos do Curso Técnico de Eletrotécnica, ex alunos do pesquisador, poderiam ser implementadas nos processos de formação inicial dos professores de Ciências e Matemática, com vistas ao desenvolvimento de práticas de ensino coerentes com as atuais demandas por uma sociedade mais justa?"

Acreditamos, corroborando com Nóvoa (1995), que a escuta das histórias de vida destes professores é uma profícua fonte de informações, que nos subsidiem na reflexão sobre possíveis propostas de mudanças nos cursos de formação inicial e continuada de professores. Para o autor:

> Munido de precauções cada vez maiores (conceptuais, metodológicas, éticas etc.), mas prolongando as mesmas convicções, fui continuando a acreditar que por aqui, pelas histórias de vida, pode passar a

> elaboração de novas propostas sobre a formação de professores e sobre a profissão docente. (Nóvoa, 1995, p. 25).

Nóvoa (2023), em palestra proferida aos colaboradores do Departamento Nacional do Senai, citando Emmanuel Macron (presidente da França), apontou a revolução cultural como uma das chaves para oportunizar transformação da educação, destacando que esta deve ser incrementada ouvindo os professores, valorizando suas falas, capacidades e experiências profissionais pois, segundo o autor, muita coisa boa já existe e é implementada por bons professores.

Esta pesquisa corrobora com a proposta de acompanhamento de egressos apresentada por Brito *et al* (2022), na qual:

> ...devem existir como parte do currículo dos cursos de formação de professores, na esfera da responsabilidade social das instituições formadoras, programas de acompanhamento dos egressos, colaborando com o processo de sua inserção profissional, principalmente nas redes públicas de ensino. (Brito *et al*, 2022, p. 158).

A política de acompanhamento de egressos estava prevista no inciso V do art. 8^0 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica (Brasil, 2019), que apontava para a necessidade de avaliações que possibilitassem o diagnóstico de lacunas e a identificação de mudanças de percurso que se fizessem necessárias nos processos de formação dos professores. O mesmo documento, no art. 24^0, estabelecia a necessidade de acompanhamento dos egressos dos cursos de formação de professores como uma das formas de realizar a avaliação dos processos formativos. Porém, a publicação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (Brasil, 2024) não traz indicativos específicos sobre o acompanhamento de egressos, citando que a avaliação *in loco* dos cursos de formação de professores é de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o qual precisa elaborar novo formato avaliativo do Enade para estes cursos.

A partir do relato das experiências pessoais de nossos ex alunos, hoje professores de Física, Matemática e Química, buscaremos contribuir com a reflexão sobre possíveis mudanças que possam ser implementadas nestes cursos de licenciatura, de forma que os processos de formação adotem inovações pedagógicas construtivistas, alinhadas aos saberes provenientes das pesquisas em educação, a fim que os recém-licenciados possam proporcionar aos seus futuros alunos formas mais efetivas de aprendizagem do conhecimento científico, levando em conta, principalmente, as diversas possibilidades de situações que encontrarão no exercício

de suas atividades docentes e que estejam conscientes que atuarão dentro de realidades em constante processo de transformação.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O capítulo 1 apresenta o levantamento de referenciais teóricos que constituem a base para pesquisas nas áreas de formação e prática docente, principalmente aquelas realizadas nas duas últimas décadas.

No capítulo 2 são apresentadas as novas perspectivas para a formação e prática docente, entre elas, as perspectivas dialógica, decolonial e multicultural/intercultural.

O capítulo 3 traz a semelhança das ideias de Freire e Bakhtin na perspectiva de uma sociedade mais igualitária.

A metodologia desta pesquisa é apresentada no capítulo 4, onde também pode ser encontrada a descrição e a origem dos sujeitos da pesquisa, a apresentação dos instrumentos de coleta de dados e a descrição da Análise do Discurso.

No capítulo 5 são apresentadas as análises de dados, realizadas a partir dos dados coletados durante a pesquisa.

O capítulo 6 ressalta as considerações parciais da pesquisa.

Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas ao longo da pesquisa.

Objetivos da Pesquisa

Esta pesquisa visa corroborar com a pergunta norteadora da linha de pesquisa L4 do PPCTE do CEFET-RJ: “O que é formar professores de ciências no Brasil e como se dão esses processos formativos nos contextos de uma realidade complexa e em constante transformação?”

Alinhados com esta proposta e reduzindo o espectro de possibilidades, utilizaremos como norte a busca de respostas à seguinte pergunta:

“Quais mudanças, na percepção de professores de Física, Matemática ou Química egressos do Curso Técnico de Eletrotécnica, ex alunos do pesquisador, poderiam ser implementadas nos processos de formação inicial dos professores de Ciências e Matemática, com vistas ao desenvolvimento de práticas de ensino coerentes com as atuais demandas por uma sociedade mais justa?”

O objetivo desta pesquisa é analisar os discursos dos docentes das disciplinas de Física, Matemática e Química, sujeitos da pesquisa, ex alunos do pesquisador, focando principalmente no relato de suas experiências em sala de aula. Busca-se possibilitar uma reflexão acerca de quais mudanças podem ser implementadas nos cursos de licenciatura em Física, Matemática ou Química, segundo as experiências práticas destes docentes. Tais mudanças, segundo nossa proposta, poderiam diminuir o abismo existente entre a formação inicial dos professores e a realidade encontrada em sala de aula. Mariano (2012), analisando quatorze trabalhos (teses e dissertações) publicados ao longo de duas décadas sobre o início da docência e as políticas de inserção na carreira, concluiu que existe um hiato entre a teoria e a prática docente e que este divórcio impede que os professores assumam o compromisso público que está no cerne de sua profissão. Corroborando, Umbelino e Ciríaco (2018), falando sobre os primeiros contatos dos docentes com a realidade das salas de aula, destacam que:

> É nesse momento da realidade que os professores percebem as diferenças dos estudos teóricos que são apresentados nos cursos de formação para o que realmente acontece na prática cotidiana das escolas. (Umbelino e Ciríaco, 2018, p. 416).

Um levantamento entre meus ex-alunos nos apontou para um número de dez participantes para a presente pesquisa, sendo cinco professores de Matemática, quatro de Física e um de Química.

Como mecanismo para concretização desta pesquisa, apresentamos os objetivos específicos que serviram de guia para este processo:

- Identificar junto aos sujeitos da pesquisa quais foram as principais dificuldades encontradas por eles no momento de sua inserção em sala de aula.

- Levantar junto aos participantes quais foram as estratégias adotadas para tentar superar estas dificuldades.
- Analisar os recursos (didáticos, materiais e/ou humanos) com os quais puderam contar durante o processo de adequação da prática em sala de aula.
- Perceber, a partir dos discursos, se seus processos de formação inicial adotaram inovações pedagógicas construtivistas, alinhadas com as pesquisas da área de educação. (reflexão crítica, pesquisa e comunidades de aprendizagem).
- Identificar nos discursos as possíveis formações continuadas com as quais puderam contar ao longo de suas carreiras e se estas contribuíram para melhoria de suas práticas.
- Contribuir com reflexões sobre possíveis mudanças que possam ser implementadas nos processos de formação inicial de professores, com vistas a reduzir o abismo existente entre a formação, muitas ainda focadas na racionalidade técnica, e as diversas realidades encontradas durante o desenvolvimento de suas práticas em sala de aula.

1. Levantando Referenciais: As primeiras décadas do século XXI

Na intenção de não abandonarmos referenciais teóricos importantes, que constituem uma base para pesquisas nas áreas de formação e prática docente, esta pesquisa buscou apoio em diversos trabalhos que vêm sendo realizados, principalmente nas duas últimas décadas, por estudiosos acerca do tema formação de professores de ciências, suas principais lacunas e possíveis propostas de solução. Estes trabalhos já apontavam para a necessidade de mudanças nos processos de formação de professores de ciências, haja vista que o século XXI trouxe consigo a necessidade de redefinição da noção de conhecimento científico, até então, considerado como algo nocional e imutável (Mizukami *et al*, 2010). Segundo as autoras, o conhecimento científico precisa ser construído pelo homem em interação com o ambiente.

Na tentativa de apresentar um panorama das duas últimas décadas na pesquisa em formação de professores, alguns referenciais foram aqui privilegiados. Entretanto, é preciso apresentar novas questões, que serão colocadas mais adiante.

Para Imbernón (2009), precisamos rejeitar a visão de um ensino técnico, formal e acabado, propondo a efetivação de um conhecimento em constante processo de construção e não imutável. Para o autor, a educação deve ser analisada como um compromisso político, prenhe de valores éticos e morais e, para que isto ocorra, os docentes precisam desenvolver capacidades de aprendizagem da relação, da convivência, das diferenças culturais do contexto e da interação das pessoas com seus grupos e com as comunidades que envolvem as escolas.

Corroborando com a ideia, Pozo e Crespo (2009) afirmam que:

> Praticamente não restam saberes ou pontos de vista absolutos que, como futuros cidadãos, os alunos devam assumir; o que devem, na verdade, é aprender a conviver com a diversidade de perspectivas, com a relatividade das teorias, com a existência de interpretações múltiplas de toda informação. E devem aprender a construir seu próprio julgamento ou ponto de vista a partir de tudo isso. (Pozo e Crespo, 2009, p. 24).

Porém, os processos de formação dos professores ainda estão carregados pelo paradigma da racionalidade técnica e são desenvolvidos com base metodológica disciplinar e fragmentada, dificultando a aderência dos cursos de licenciatura às novas e urgentes concepções de formação que precisam preparar os futuros professores para aprender e ensinar, tomando o conhecimento como algo em construção e agindo de forma reflexiva quanto às suas práticas em sala de aula. Contreras (2012) define prática reflexiva como uma prática deliberativa e consciente, orientada pela busca de coerência pessoal entre convicções e atuações.

Quanto à formação de professores ainda pautada em bases metodológicas e fragmentadas, Catarino (2013) aponta que a autonomia excessiva das disciplinas gera fragmentação dos saberes, cada vez mais especializados e desligados entre si. A autora aponta a interdisciplinaridade como possível caminho para os novos e urgentes modelos de formação docente. Para a autora:

> A interdisciplinaridade surge como necessidade do próprio conhecimento complexo em ser compreendido, compreender as partes; imergir em um recorte não dá mais conta de compreender o mundo, é preciso emergir, é preciso olhar de fora e contemplar o todo, como ensina Bakhtin em seu conceito Exotopia[2]. (Catarino, 2013, p.28).

Estas novas possibilidades de trabalhar conceitos físicos, por exemplo com a utilização dos Conteúdos Cordiais[3] segundo Santos *et al* (2021), estão muito distantes da formação inicial que a grande maioria dos licenciados recebe durante sua estada nas universidades. Os formadores até sentem ou estão conscientes desta necessidade de mudança, porém, ao oportunizar processos formativos sob uma nova visão, esbarram em um quadro peculiar que foi relatado por Mizukami (2005):

> Se, por um lado, os formadores percebem os limites e dificuldades do paradigma da racionalidade técnica e procuram superá-los pela adoção de um novo paradigma, por outro eles têm toda uma formação e prática pedagógica que lhes garante autonomia e segurança no desenvolvimento de suas atividades, o que lhes dificulta aderir integralmente à nova concepção, assim como operacionalizar de forma pertinente seus cursos/disciplinas a partir de uma nova forma de compreender e de interferir em processos formativos da docência. (Mizukami, 2005, p. 8).

Ainda segundo a autora, de forma mais sistemática não há espaço, mesmo nos cursos de pós-graduação, para que os formadores de professores desenvolvam suas práticas pedagógicas e a vivência de situações de aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência, ou seja, não há uma preparação formal do formador nem do co-formador, professor da escola. Enfim, não há um currículo formal explícito, direcionado à formação do formador, que contemple o que esse formador deveria saber e fazer de forma a atender às necessidades de formação do professor que se pretende formar.

A partir de projetos, experiências e literatura sobre aprendizagem da docência, que indicam focos de possíveis intervenções nos processos de formação dos

---

[2] O conceito de Exotopia no Círculo de Bakhtin nos dá ideia de um lugar exterior, de onde é possível captar a visão do outro, permitindo entender de que maneira e como o outro vê. Os conceitos de Bakhtin serão melhor explicados mais adiante.

[3] Os Conteúdos Cordiais serão apresentados no capítulo 2 deste trabalho.

professores, visando a aprendizagem da docência e tornando o formador como foco, são apontados por Mizukami (2005) os seguintes pontos:

a) Base de Conhecimento – Conteúdos específicos, contextos formativos, processos de aprendizagem da docência, políticas públicas.
b) Estratégias Formativas – Respeito a crenças, valores e teorias pessoais dos professores.
c) Comunidades de Aprendizagem e Atividade Investigativa – Construção e manutenção de uma comunidade de aprendizagem no local de trabalho, estreitando processos formativos vivenciados durante a formação inicial e os vivenciados na escola.

Para que os professores desempenhem suas funções alinhados com as necessárias mudanças educacionais é imprescindível que recebam em sua formação uma base de conhecimento ao mesmo tempo sólida e flexível de forma que oportunize diferentes experiências, levando-os a aprender a ensinar em diferentes realidades e contextos escolares. Dessa maneira, as estratégias formativas, no âmbito da formação docente, baseadas na experiência, potencializam a construção de pontes entre a teoria e a prática levando os docentes à reflexão crítica. Quanto a esta questão, Freire aponta que: *"na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática"* (Freire, 2023, p. 40).

As comunidades de aprendizagem citadas pela autora ajudam os professores a superar um dos desafios impostos por um mundo em que as transformações ocorrem em ritmo cada vez mais acelerado. Ainda segundo ela, ao se criarem as comunidades de professores, metas simultâneas devem ser consideradas, quais sejam, manter o foco no aluno e criar estrutura para que professores se engajem como aprendizes das disciplinas que lecionam pois, conforme destaca Santos (2021, p.378), "*profissão de professor é a profissão de quem, para aprender, resolveu ensinar"*. Mizukami (2005) lembra ainda que a segunda meta descrita, em contraste com a primeira, geralmente, não faz parte da tradição das escolas. Nóvoa (2019) destaca que a metamorfose, que se faz necessária nas escolas e nos processos de formação inicial e/ou continuada dos docentes, só acontece quando os professores se juntam em coletivo a fim de responderem aos desafios impostos por um mundo em acelerado processo de transformação.

Souza *et al* (2021) apontam para o estabelecimento de comunidades de aprendizagem, chamadas por eles comunidades de prática, como uma possibilidade de caminho para a reflexão sobre a própria prática. Para os autores, a aprendizagem ocorre no lugar em que se gera a prática de trabalho, levando os professores a aprender a

partir das relações dinâmicas com seus pares, os quais nem sempre compartilham do mesmo entendimento, fato que leva a potencializar a aprendizagem. Para os autores:

> ...comprometer-se com a própria aprendizagem e contribuir para o aprendizado dos colegas, auxilia na sustentação de uma comunidade de prática e assumir-se inconcluso e em constante processo de evolução e aprendizagem, permite o contínuo fortalecimento docente. (Souza *et al*, 2021, p. 977).

Estas comunidades, além das questões intelectuais, precisam estar engajadas em atividades sociais a fim de pensar o coletivo, buscando novas formas de interagir com as diversas pessoas envolvidas nos processos de ensino e de aprendizagem. Corroborando, Contreras (2012) afirma que o trabalho do professor não pode ser desenvolvido à margem das questões sociopolíticas que dão credibilidade à própria escola. Lemke (2001) argumenta que a ciência deve ser entendida como uma atividade humana, cujo foco de interesse e disposições teóricas, em qualquer época, deve se tornar parte e não a parte da cultura e das questões sociopolíticas dominantes. Portanto, para o autor, ensinar ciências sem uma abordagem sociocultural ou fora de contexto social, econômico, histórico e tecnológico é inútil. Os conceitos ensinados desta forma não fazem sentido para a vida dos estudantes, por mais que pareçam ter sido bem compreendidos a partir dos resultados demonstrados nas avaliações tradicionais. Ainda segundo o autor, a aprendizagem dos alunos passa brevemente por nossas salas de aula, ou seja, ela também é construída a partir da interação destes com a vida fora da escola, segundo a realidade de suas crenças, atitudes, valores e identidades pessoais.

Via de regra, durante a formação inicial dos licenciados em Ciências e Matemática, raras são as situações oportunizadas para interação entre alunos, fato que desenvolveria nestes a ideia de que o conhecimento coletivo ultrapassa o individual.

Mizukami *et al* (2010), corroborando com a visão de vários autores, nos trazem o conceito da formação de professores como um "*continuum*", onde o modelo da racionalidade técnica não cabe mais, dando lugar ao chamado modelo da racionalidade prática, pois, conforme afirma Contreras (2012, p. 138): "*Assim, à racionalidade técnica se opõe, como a adequada para os assuntos humanos nos quais se busca o bem, a racionalidade prática.*" Neste modelo, o professor constrói seus conhecimentos de forma peculiar e processual, incorporando e transcendendo o conhecimento advindo da racionalidade técnica. Ainda no sentido da formação como um "*continuum*", é preciso estabelecer um fio condutor que produza sentido entre a formação inicial, formação continuada e experiências vividas pelos professores, inclusive enquanto alunos. Neste mesmo sentido, Catarino (2013, p. 17) acrescenta que: "*Parece claro que o trabalho docente e seu desenvolvimento contínuo são moldados pela constelação de saberes*

sistematizados durante sua formação inicial, durante sua prática docente cotidiana e ao longo de toda a sua vida."

Pimenta (1996) aponta que, para que isto ocorra, é preciso que as escolas sejam ao mesmo tempo espaço de trabalho e formação, onde uma gestão democrática possibilite práticas curriculares participativas, propiciando redes de formação contínua.

Mizukami *et al* (2010), apontam a reflexão e a pesquisa como conceitos capazes de produzir os nexos entre as formações inicial e continuada e as experiências vividas pelos professores. Para o desenvolvimento de professores técnicos autônomos, a formação básica precisa ser norteada pela prática reflexiva (Schön, 2000) e esta envolve três outros conceitos importantes para a prática docente: o conhecimento-na-ação, a reflexão-na-ação e a reflexão-sobre-a-ação e sobre a reflexão-na-ação, as quais são definidas como:

- Conhecimento-na-ação - Envolve conhecimentos técnicos ou de solução de problemas, manifestando-se no saber fazer, podendo ser fruto de experiências e de reflexões passadas, consolidado por rotinas ou esquemas semiautomáticos.
- Reflexão-na-ação - O professor deve ter capacidade de aprender com seus erros, sem se constranger, seu sucesso dependerá de sua capacidade de manejar essa complexidade, resolvendo os problemas práticos com criatividade e conhecimento técnico.
- Reflexão-sobre-a-ação e sobre a reflexão-na-ação - Momento em que o professor, dentro de um contexto, articula as situações problemáticas, determinando as metas e escolhendo os meios, com suas teorias e convicções pessoais.

O segredo, segundo Mizukami *et al* (2010), está na busca do equilíbrio entre a reflexão e rotina, entre o ato e o pensamento. Os professores devem decidir de forma consciente os caminhos a seguir na construção de sua própria prática de forma reflexiva, não se entregando a modismos.

Para Luckesi (2014), um educador nunca está definitivamente pronto, pois, a sua preparação e maturação se faz no dia a dia, a partir da reflexão diuturna sobre os dados de sua própria prática.

Contreras (2012) aponta que é necessário dispor de um conhecimento profissional (conhecimento-na-ação), do qual se possam extrair reflexões que possibilitem a realização de juízos e a tomada de decisões.

> Pelo contrário, parece que temos que pensar num conhecimento que é em parte individual, produto das reelaborações sucessivas dos docentes a partir de sua experiência, em parte compartilhado, por obra dos intercâmbios entre professores e processos comuns de socialização, e em parte diversificado, produto de diferentes tradições e posições pedagógicas, o que supõe formas diferentes de interpretar

> a realidade escolar, a ação docente e as aspirações educativas. (Grimmett e Mackinnon, 1992, apud Contreras, 2012, p. 92).

Para Contreras (2012), o contraposto da concepção de professores segundo a racionalidade técnica, que resultou numa política ineficaz de democratização do ensino, é o investimento na valorização e no desenvolvimento dos saberes dos professores, considerando-os como intelectuais capazes de produzir conhecimento e de participar das decisões e da gestão no âmbito escolar. Desta forma, atuando como profissionais reflexivos, os professores trariam perspectivas para a reinvenção da escola democrática.

Somando com a importância de uma formação que leve a um professor reflexivo crítico, Catarino (2013) afirma:

> A prática docente envolve movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar e exige a reflexão crítica sobre a própria prática a fim de que a decorrente relação teoria/prática possa estar presente na sala de aula. Quanto mais o professor exercita a análise de sua prática, melhor ele se percebe como educador e mais chances tem de evoluir. (Catarino, 2013, p. 24).

No mesmo sentido, propondo possíveis estratégias a serem adotadas nos processos de formação inicial e continuada de professores, Imbernón (2009) aponta que:

> O processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores. Nessa linha, o eixo fundamental do currículo de formação do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e à docência. (Imbernón, 2009, p. 39).

Ao encontro com as ideias de Catarino (2013), Matos e Martins (2022) apontam, após a realização de uma pesquisa bibliográfica, que a formação docente deve ser tratada como algo dinâmico e contínuo, de tal forma que a qualificação dos futuros docentes corrobore com uma educação transformadora. As autoras indicam como grande desafio o desenvolvimento de práticas pedagógicas que estejam pautadas na reflexão crítica. Porém, segundo elas, os professores dos cursos de licenciatura ainda apresentam dificuldades com relação a práticas pedagógicas que relacionem melhor teoria e prática nas salas de aula, por conta de lacunas existentes em suas próprias formações, recebidas na própria universidade. À guisa de possíveis caminhos para solução, destacam a necessidade de realização de pesquisas que reflitam sobre a formação inicial dos licenciados, bem como sobre as diretrizes que orientam as matrizes curriculares dos cursos de licenciatura, as quais serão apresentadas mais adiante.

Refletindo sobre a formação didático-pedagógica dos professores dos cursos de licenciatura, Matos e Martins (2022) apontam que:

> Todavia, muitos são os docentes que possuem dificuldades de colocar em prática uma didática pautada na práxis, isso reflete de forma mais acentuada no nível superior, quando muitos professores são bacharéis e não possuem o conhecimento pedagógico necessário para o exercício em sala. Até mesmo os professores licenciados possuem lacunas em sua formação que os impossibilitam de exercerem práticas pedagógicas reflexivas. (Matos e Martins, 2022, p. 8).

Algumas mudanças para alinhar os processos de formação de professores foram apontadas na LDBEN 9394 (1996) porém, segundo Contreras (2012), estas mudanças não contemplaram as demandas dos educadores no que se refere à formação de professores para as séries iniciais. A sequência do conjunto de legislações que regulamentam a formação de professores no Brasil, apresentada por Rocha (2022) no quadro 1 abaixo, demonstra que ainda não estamos no rumo certo no que tange à formação de professores, bastando para confirmar isto a análise do documento de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica (2019), que fragmentou ainda mais os cursos de formação inicial e continuada de professores, conforme aponta Ferreira *et al* (2021). Para Veiga (2022), a resolução n. 2/2019 impunha uma lógica formativa embasada em critérios de eficiência e eficácia e não, como a comunidade de pesquisadores esperava que fosse, pelos critérios de efetividade e de relevância educacional.

Chamando atenção para o momento histórico recente, gestão 2018-2022 do Governo Federal, em que as propostas conservadoras moralistas chamavam para as pautas autoritárias de militarização das escolas e das ações do projeto escola sem partido, Lima e Farias (2020), apontaram que a aprovação dos documentos educacionais vigentes (Base Nacional Comum Curricular para Educação Básica (BNCC), das Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação Inicial de Professores para Educação Básica (DCNFPEB) e da Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) não asseguravam a identidade nacional sob o eixo do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, não respeitando a diversidade, os programas de inclusão e a cultura. Não havia considerações sobre as assimetrias regionais de um país com dimensões continentais como é o caso do Brasil e ainda colocavam em xeque a qualidade do trabalho realizado pelos professores.

Os autores *op cit* chamam atenção para a tentativa de retomada de uma educação voltada aos interesses internacionais, orquestrada pela competitividade econômica, trazendo à tona a ideia de um ensino e de professores “globalmente competentes”.

Quadro 1 – Marco Legal Para Formação de Professores no Brasil

1988	Constituição da República Federativa do Brasil, art.205
1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB n.9.394/96.
1999	Decreto n. 3.276, dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na Educação Básica, e dá outras providências.
2001	Plano Nacional de Educação (Lei n. 10.172/2001), especialmente em seu item IV, Magistério na Educação Básica, que define as diretrizes, os objetivos e metas, relativas à formação profissional inicial para docentes da Educação Básica.
2001	Parecer CNE/CP n. 9/2001, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
2001	Parecer CNE/CP n. 27/2001, Dá nova redação ao item 3.6, alínea "c", do Parecer CNE/CP n. 9/2001, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
2001	Parecer CNE/CP n. 28/2001, Dá nova redação ao Parecer CNE/CP n. 21/2001, estabelecendo a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, cursos de licenciatura, de graduação plena.
2002	Resolução CNE/CP n. 1/2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, graduação plena.
2002	Resolução CNE/CP n. 2/2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica, em nível superior.
2005	Parecer CNE/CP n. 5/2005. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.
2006	Parecer CNE/CP n. 3/2006. Reexame do Parecer CNE/CP n. 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.
2006	Resolução CNE/CP n. 1/2006, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.
2014	Lei 13.005/2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.
2015	Resolução CNE/CP n. 2/2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.
2017	Resolução CNE/CP n. 1, de 9 de agosto de 2017, Altera o art. 22 da Resolução CNE/CP n. 2, de 1 de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.
2017	Resolução CNE/CP n. 2, de 22 de dezembro de 2017, Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.
2019	Resolução CNE/CP n. 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)
2024	**Resolução CNE/CP n. 4, de 29 de maio de 2024, Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura).**

Fonte: (Adaptado de Rocha, 2022, p. 195 a 197)

Corroborando com Lima e Faria (2020), D´Ávila (2020), apontou que estes documentos precarizavam a formação de novos professores, reduzindo a complexidade dos processos de ensino e de aprendizagem à compreensão de como ensinar e reduzindo a didática ao ensino de conteúdos técnicos, limitando-a a conteúdos eminentemente metodológicos. Tudo isto com vistas a formar um docente para o mercado de trabalho, alinhado ao neotecnicismo consubstanciado pelo neoliberalismo vigente na atualidade. Felizmente, no momento histórico em que escrevemos este trabalho, na vigência do governo 2023-2026, estas pautas foram canceladas e entraram em novo debate, sendo publicada a resolução n^0 4 de 2024 (Brasil, 2024) que nos traz nova esperança de dias melhores. Ainda nesta gestão, a preocupação com a baixa procura por cursos de licenciatura, levou à publicação do Decreto n^0 12358 (Brasil, 2025) que estabeleceu o programa Pé-de-Meia Licenciaturas, cujo objetivo é fornecer bolsas de incentivo a fim de promover a valorização e a qualificação do magistério da Educação Básica e incentivar a docência no Brasil.

No que tange às políticas de formação de professores, Brito et al (2022) afirmam que:

> Não estamos afirmando a inexistência de políticas de formação de professores. Pelo contrário, reconhecemos a existência dessas políticas, que têm sido implementadas como políticas de governo, resultando em rupturas e descontinuidades que afetam intensamente a formação, a prática e a profissão docente. (Brito et al, 2022, p. 163 e 164).

Evidencia-se, a partir da observação das contínuas mudanças mostradas no quadro 1, que não foi implementada uma política de Estado relativa ao tema formação de professores, mas sim uma sequência de programas de governo claramente orientados pelo viés político e/ou ideológico. Não houve sequer, nos curtos intervalos entre as mudanças, tempo suficiente para se consolidar, implementar e analisar nenhuma das propostas de formação docente apresentadas.

Mizukami *et al* (2010), apontam para um modelo em que o lócus da formação docente precisa ser a própria escola e o foco precisa estar na valorização do saber docente. Neste sentido, podemos citar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Residência Pedagógica (RP) como exemplos de programas de extensão alinhados com o pensar das autoras. A ideia de cursos de reciclagem está ultrapassada e, no lugar desta, entra a reflexibilidade crítica sobre os projetos pedagógicos, trabalhando no âmbito educativo com questões relativas à diversidade cultural, étnica, gênero etc., haja vista que a experiência docente ocorre em contextos específicos e variados. Tempo e espaço devem ser considerados como elementos estruturantes para o desenvolvimento e formação profissional docente.

As propostas educacionais atuais têm como âmago as necessidades dos alunos e a participação dos professores na determinação dos conteúdos dos processos de desenvolvimento profissional. Além disso, estes processos precisam ser adaptados às especificidades das escolas. Assim, o professor reflexivo precisa ser capaz de criar e analisar propostas práticas e o contexto na qual estas ocorrerão.

Macedo (2019) avalia que os educadores precisam entrar no mérito dos debates dos currículos, aprendendo a lidar com as complexas e interessadas dinâmicas de ação, a fim de não deixarem que os burocratas da educação atuem de forma reducionista e insensível quanto às necessidades de mudanças que levem a um "currículo educativo", contra hegemônico, ou seja, um currículo compromissado com uma educação transformadora, cidadã, pois, conforme D´Ambrosio (2023), ao longo da história, os currículos foram organizados como reflexo dos interesses dos grupos detentores do poder. Giroux, em 1997, já salientava que o paradigma curricular dominante era incapaz de fornecer uma base nocional aos estudantes para que estes pudessem refletir criticamente sobre os fatos de determinada sociedade, acrescentando que neste modelo curricular dominante o conhecimento é tratado basicamente como domínio de fatos objetivos, ou seja, considera-se o conhecimento como externo ao indivíduo e que deve ser imposto a ele. Para Freire (2011), é preciso assumir uma posição democrática e progressista quando dos processos de estudo, debate e proposição de novos currículos, ouvindo professores, alunos, pais, organizações sociais, comunidades locais etc. Somando, para Lemke (2001), precisamos construir currículos mais multidisciplinares, trabalhados de forma a reduzir a separação radical entre a escola e o resto da vida dos alunos pois, para o autor, o que dura a longo prazo é o que o aluno aprende a refazer para si mesmo, em múltiplos contextos.

Para Lopes e Macedo (2010, 2011 e 2021), os supostos currículos comuns, considerados nas políticas públicas como universais, possuem proposição teórica normativa fortemente orientada pela racionalidade técnica, ou seja, alicerçada sobre o binômio da intervenção centralizada e das avaliações em larga escala. Desta forma, construídos de forma hegemônica, estes currículos ocultam as relações de poder e de desigualdades sociais, tendendo a silenciar as vozes das camadas economicamente marginalizadas da sociedade.

> A escola, por intermédio do currículo e da organização do trabalho pedagógico, difunde normas, práticas e valores associados à divisão social do trabalho, posicionando como marginais os sujeitos das classes desfavorecidas socialmente. Mas o faz sem determinismos, na medida em que é também um espaço de contestação onde jovens marginalizados manifestam sua resistência aos sentidos culturais. (Lopes e Macedo, 2011, p. 165 e 166).

Para Lopes e Macedo (2021) é possível produzir políticas públicas que considerem os locais e a concretude dos sujeitos envolvidos nos processos curriculares. Nesta visão, segundo a autora, política é lugar de constituição de subjetividades, ou seja, lugar no qual os docentes, mais do que se formam, se constituem como sujeitos, pois:

> É muito mais produtivo intervir nas políticas curriculares por meio da constituição de uma rede intersubjetiva da qual participem professores em serviço, pesquisadores da Universidade também formadores de professores, professores em formação inicial que, no espaço situado da escola, vão se produzir como sujeitos. Nessa rede, estarão sendo produzidos currículos – da escola, com desdobramentos no currículo da universidade, demonstrando ser possível falar em políticas públicas de currículo situados nas escolas. (Lopes e Macedo, 2021, p. 6).

Como proposta, Lopes e Macedo (2010, 2011 e 2021), apontam para a necessidade de construção de currículos emancipatórios, multiculturais, que trabalhem conceitos como o diálogo e a negociação entre culturas preexistentes, num processo de escuta e incorporação do que os considerados diferentes têm a dizer.

> Um currículo, assim pós, não opera com conceitos e critérios técnicos e empresariais, como os presentes nos currículos nacionais, baseados no produto e nos mecanismos do mercado, na eficiência econômica e na superexploração do trabalho, na geração de mais desemprego e duma sociedade de não trabalho, na reunificação de diversidade social. Os conceitos e critérios de um pós-currículo possuem potencial e carga políticas. Eles apontam para a valorização social e financeira do magistério, para a distribuição prioritária de recursos aos marginalizados, para políticas de eliminação de todas as desigualdades de oportunidades e de desempenhos, para as dinâmicas da diferença e as experiências inquietantes da alteridade. (Lopes e Macedo, 2010, p. 106).

Esse modelo de currículo, chamado pelas autoras da citação anterior currículo da resistência, aponta para a necessidade de produção de políticas públicas e práticas curriculares contra hegemônicas aos modelos de globalismo e universalismo presentes ainda nos dias de hoje. Tal modelo contribui também para a construção de uma linguagem das possibilidades emancipatórias para a formação de professores.

O estabelecimento de comunidades de aprendizagem é apontado por Mizukami *et al* (2010) como uma estratégia para que os professores superem os desafios impostos por um mundo em que as transformações ocorrem em ritmo cada vez mais acelerado. Estas comunidades de aprendizagem, além das questões intelectuais devem ser engajadas em atividades sociais a fim de pensar o coletivo, buscando novas formas de interagir com os diversos atores envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem, a fim de alcançar, inclusive, a problematização de questões sociais atuais. Sobre esta possibilidade de aprendizagem em conjunto, realizada de forma dialética e em interação social com mundo, Santos (2021) nos aponta que:

> Podemos pensar na codocência como um ponto de interlocução de saberes no contexto de experiência entre os sujeitos, como condição de um considerar as múltiplas realidades e a diversidade do campo de conhecimento do outro, de permitir encontros únicos no espaço e tempo e potencializar sentidos emergentes a partir da prática e dos discursos. (Santos, 2021, p. 73).

Entendendo aqui o termo codocência, utilizado na citação anterior, no sentido considerado por Cardoso (2023, p. 255), ou seja, *"o trabalho de grupos colaborativos de professores que buscam planejar, discutir e refletir suas práticas em conjunto."*

Para o desenvolvimento do processo de formação docente, no sentido do "*continuum*", atribuído por Mizukami *et al* (2010), devemos ter consciência que a rapidez das mudanças traz complexidade e a aprendizagem acontece, geralmente, sob as lentes do caos. A aprendizagem nunca está pronta e ocorre melhor em grupos cujas regras de evolução ainda estão em construção. Outra importante variável a ser observada está relacionada à avalanche de políticas públicas indesejadas e descoordenadas, recebidas pelas escolas advindas da burocracia e da política.

A fim de possibilitar reflexões sobre a reestruturação da natureza da formação e da prática docente, Giroux (1997) apresenta a ideia do professor intelectual transformador ou intelectual crítico, cujas práticas precisam ser pautadas e relacionadas com as experiências e problemas da vida cotidiana. Indo além da reflexão, segundo o autor, os professores intelectuais críticos devem não somente compreender as circunstâncias em que ocorrem os processos de ensino, mas também, junto com seus alunos, estabelecer as bases para as críticas e transformações das práticas sociais que ocorrem no entorno da escola. Para o autor, a prática docente precisa ser emancipadora, ou seja, os docentes precisam problematizar os pressupostos por meio dos quais se sustentam discursos e valores que legitimam as práticas acadêmicas e sociais. Para tal, devem se valer do conhecimento crítico de que dispõem a fim de construir um ensino voltado à formação de cidadãos ativos e críticos. De acordo com o autor, o professor intelectual crítico ou intelectual transformador não se limita à transmissão de um saber crítico, mas sim, envolve-se na própria transformação social, na medida em que capacita seus alunos para pensar e agir de forma crítica, levando à progressiva humanização da ordem social. Para lograr êxito neste processo, o professor intelectual crítico deve ser altamente sensível às particularidades da comunidade, evitando as ideologias excludentes que, via de regra, relegam dos debates os grupos minoritários. Não há como defender uma escola democrática sem considerar todos os grupos que compõem esta sociedade (raça, gênero, classe, idade etc.) e, portanto, têm algo a dizer sobre os problemas educacionais desta.

Reforçando a importância da escuta e participação da sociedade, Freire (1987) já afirmava que não existem escolas em perfeito isolamento com o resto da sociedade e para alcançarmos uma educação que respeite a compreensão do mundo dos educandos, desafiando-os a pensar criticamente, Freire (2011) apontou que é preciso estabelecer uma formação permanente dos educadores e educadoras. Ainda segundo o autor, esta formação permanente deve ocorrer no sentido de superar as velhas marcas autoritárias, elitistas, racistas, sexistas etc. que, infelizmente, ainda insistem em habitar as pessoas. Sem este viés, ainda segundo o autor, qualquer tentativa de mudança na educação tende a não vingar.

Para Candau (2014), as variáveis processuais precisam ser tratadas em íntima interação com as variáveis contextuais a fim de possibilitar a compreensão dos problemas fundamentais de toda prática pedagógica pois, para a autora:

> Se todo o processo ensino-aprendizagem é "situado", a dimensão político-social lhe é inerente. Ele acontece sempre numa cultura específica, trata com pessoas concretas que têm uma posição de classe definida na organização social em que vivem. Os condicionamentos que advém desse fato incidem sobre o processo de ensino-aprendizagem. A dimensão político-social não é um aspecto do processo de ensino-aprendizagem. Ela impregna toda a prática pedagógica que, querendo ou não (não se trata de uma decisão voluntarista), possui em si uma dimensão político-social. (Candau, 2014, p. 15).

Similar a ideia de *"continuum"* atribuído por Mizukami *et al* (2010) à formação dos professores, Giroux (1997) aponta que o trabalho do professor intelectual transformador não é uma construção acabada e, neste sentido, os projetos têm que ir encontrando e elaborando seus próprios conteúdos na medida em que vão sendo realizados.

Contreras (2012) define o professor intelectual crítico ou intelectual transformador como:

> ...um profissional que participa ativamente do esforço para descobrir o oculto, para desentranhar a origem histórica e social do que se apresenta como "natural", para conseguir captar e mostrar os processos pelos quais a prática do ensino fica presa em pretensões, relações e experiências de duvidoso valor educativo. (Contreras, 2012, p.203).

Outra ferramenta importante, apontada pelas pesquisas para o desenvolvimento da ação do formador de professores, é o fomento de atitudes investigativas que envolvam os contextos das escolas e de diferentes instituições de ensino superior, as próprias aprendizagens do formador e as dos futuros professores.

> A atitude investigativa é uma perspectiva intelectual, uma forma de questionar, dar sentido e relacionar o trabalho diário ao trabalho de outros e a contextos sociais, históricos, culturais e políticos mais amplos. (Mizukami, 2005, p.15).

Na perspectiva sociocultural apontada por Lemke (2001), a realização de pesquisas é necessária para descobrirmos as melhores maneiras de integrarmos o ensino de ciências aos desafios de uma sala de aula composta por uma comunidade heterogênea e diversa.

Pimenta (1996) já destacava que os cursos de formação inicial precisavam desenvolver com os licenciandos práticas de pesquisa sobre a atividade docente, considerando tais pesquisas como princípio cognitivo da compreensão da realidade escolar, ou seja, as pesquisas devem ser consideradas como princípio formativo da docência e como uma das etapas de construção da identidade profissional do professor.

A questão da pesquisa também foi apontada por Freire (2011) como fator importante nos processos de formação e desenvolvimento docente e, segundo o autor, o momento em que se realiza a pesquisa é onde, preponderantemente, se produz novos conhecimentos. Para o autor, o papel das universidades é ensinar, formar e pesquisar e, para tal, é preciso reduzir a distância entre as universidades, ou o que nelas se produz, e as classes populares, porém, com o cuidado de não se perder a seriedade e o rigor. Segundo o autor:

> Na verdade, porém, toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade, assim como não há pesquisa em cujo andamento necessariamente não se aprenda porque se conhece e não se ensine porque se aprende. (Freire, 2011, p. 262).

É preciso construir estratégias investigativas e formativas que deem conta dos processos de desenvolvimento profissional dos professores. Uma estratégia apontada por Mizukami *et al* (2010) é a colaboração entre o conhecimento acadêmico (pesquisador) e o conhecimento prático (professor), que pode ser oportunizada a partir de pesquisa-ação. Esta metodologia tem como elementos básicos a colaboração, foco em problemas práticos, ênfase em desenvolvimento profissional e necessidade de tempo e apoio para comunicação aberta. Na mesma linha de pensamento, Guridi (2007), aborda a questão da distância entre o professor e o pesquisador (escola x academia) e, neste sentido, apresenta como proposta para a redução desta distância, incorporar os saberes advindos da prática profissional dos professores a partir de pesquisas conduzidas pelos próprios professores, assim, cria-se uma via de mão dupla entre a academia e a escola pois, ao mesmo tempo em que busca incorporar ferramentas e critérios científicos às pesquisas desenvolvidas pelos professores, oportuniza-se também uma reflexão aos membros da academia, com vistas a buscar uma flexibilização de critérios e uma maior aproximação com a escola. Ao encontro de

Guridi (2007), a questão da criação de novos critérios para pesquisas realizadas por professores também é amplamente defendida por Lüdke (2011).

De acordo com Contreras (2012), para se compreender o fazer dos professores é preciso valorizar o seu pensar, seu sentir, suas crenças e seus valores, não apenas os de sala de aula, pois o trabalho docente não se limita a esta. O autor destaca:

> Daí a prioridade de se realizar pesquisas para se compreender o exercício da docência, os processos de construção da identidade docente, de sua profissionalidade, o desenvolvimento da profissionalização, as condições em que trabalham, de status e de liderança. (Contreras, 2012, p. 15).

Diniz (2009), corroborando com Mizukami *et al* (2010), Contreras (2012), Giroux (2001), Freire (2011) e Guridi (2007), enfatiza que:

> Outro aspecto que consideramos de relevância para o ensino fundamental e médio, reside no fato de que as pesquisas nessas áreas enfatizam a necessidade de que se estabeleça um paralelo entre a atividade do professor, em sala de aula, e a do pesquisador, principalmente no que se refere a uma postura investigativa na busca e identificação dos desafios que suas práticas apresentam, bem como na utilização de procedimentos e recursos necessários para a superação dos mesmos. (Diniz, 2009, p. 40).

A participação da academia nestes processos de pesquisa é importante pois a pesquisa “do” professor encontra resistência de legitimação na comunidade acadêmica, sendo considerada por esta como de segunda categoria, ou seja, realizada com falta de rigor científico. Para Mizukami *et al* (2010), a academia enxerga os professores como meros consumidores e implementadores desses resultados. Contreras (2012) destaca que estas pesquisas são rechaçadas com veemência no meio acadêmico pois questionam os limites do ideário de formação dos professores predominante atualmente. Segundo Luckesi (2014), esta separação entre a academia e a escola, entre a teoria e a prática, é interessante aos detentores do poder, pois ao relegar aos professores somente as decisões de “como fazer”, corrobora com a manutenção dos poderes hegemônicos.

Para Guridi (2007), existe um espectro de possibilidades de relação entre os professores e os pesquisadores, resumindo este espectro em três categorias:

- Professor Usuário: Mero aplicador das pesquisas elaboradas pelos pesquisadores.
- Professor Participante Passivo: São participantes das pesquisas apenas como fornecedores de dados, não intervindo nessas pesquisas.
- Professor Sócio: São protagonistas do processo de pesquisa junto com os pesquisadores, participando do planejamento e da execução da pesquisa.

Contreras (2012) explica que a tecnologização do ensino separou as fases de concepção e execução, afastando os docentes das fases de intervenção e decisão no

planejamento do ensino, ou seja, reduzindo sua função à de aplicadores de programas e pacotes curriculares. Segundo o autor, são os grupos de acadêmicos, pesquisadores universitários e especialistas com funções administrativas que ocupam uma posição de destaque na comunidade discursiva da educação e, portanto, detém o status de profissionais do ensino. Embora estejam em processo de luta contra esta realidade, aos professores resta o papel subordinado e de relação desigual de meros consumidores do conhecimento profissional.

> Esta separação pessoal e institucional entre a elaboração do conhecimento e sua aplicação é igualmente hierárquica em seu sentido simbólico e social, já que representa distinto reconhecimento e *status* tanto acadêmicos como social para as pessoas que produzem os diferentes tipos de conhecimento e para os que o aplicam, assentando-se assim uma clara divisão no trabalho. (Contreras, 2012, p. 102).

Tardif (2014) também aponta para a necessidade de aproximação entre os que ele denomina como teóricos e práticos, ou seja, entre pesquisadores e professores. Para o autor é preciso estabelecer uma passarela entre o discurso objetivante relativo aos fenômenos sociais e os discursos elaborados pelos atores sociais envolvidos na ação.

Sobre esta ponte, passarela ou articulação o autor afirma que:

> Por esse motivo, ela parece ser o núcleo de uma possível colaboração entre “teóricos e práticos”, entre pesquisadores universitários e os professores de profissão, na medida em que essa colaboração exige que os primeiros reconheçam que os segundos possuem uma racionalidade, ou seja, saberes e um saber-fazer baseados em razões, motivos, argumentos etc., diferentes, por hipótese, daqueles que encontramos na ciência e na pesquisa, mas adequados às situações práticas da profissão docente. (Tardif, 2014, p. 204).

Corroborando, Tardif e Lessard (2014) apontam que a aproximação entre pesquisadores e professores gera colaborações frutuosas, levando à construção de uma base de conhecimento ao mesmo tempo rigorosa e eficiente, ou seja, realmente útil na prática.

Nóvoa (2019) já propunha um novo modelo para a formação de professores, destacando que não é possível estabelecer novos mecanismos de formação docente sem o apoio e colaboração de outros professores, haja vista a complexidade da profissão em todas as suas dimensões (experienciais, culturais, teóricas, ideológicas, políticas e simbólicas). Para o autor, as mudanças necessárias aos processos de formação dos professores implicam na criação de um novo ambiente para a formação profissional, pois, os ambientes de formação inicial e/ou continuada existentes atualmente, universidades e escolas, não são propícios ao modelo de formação necessário aos professores do século XXI. Como proposta de reconstrução dos ambientes de formação docente, Nóvoa (2019) orienta que o lugar da formação deve

ser o lugar da profissão, destacando a importância que deve ser dada à interação entre os três espaços (profissionais, universitários e escolares) pois, as potencialidades de transformação da ação docente estão na interação dos vértices do triângulo, conforme representado na figura 1.



Figura 1 – Triângulo de Formação de Nóvoa
Fonte: Nóvoa (2019)

As ligações propostas no triângulo mostrado na figura 1 são fatores primordiais para possibilitar a construção de programas de formação coerentes, incrementando também o prestígio e a renovação docente. Nóvoa (2019) destaca que:

> Precisamos juntá-los num mesmo espaço institucional, uma casa comum da formação de professores dentro das universidades, mas sempre com uma ligação orgânica aos professores e às escolas de rede. É nessa casa comum que se pode definir um campo estimulante, que escape à fragmentação atual das licenciaturas e que mobilize o conhecimento pertinente para formar os professores do futuro. (Nóvoa, 2019, p. 8).

Divergindo de Nóvoa (2019), entendemos que não basta juntá-los no mesmo espaço institucional, mas sim, alicerçados na possibilidade de utilização simultânea das ideias Bakhtin e Freire[4], apresentar o dialogismo/dialogicidade como um dos caminhos para o estabelecimento desta triangulação.

Lüdke (2011) aponta que é unânime a ideia de que a pesquisa é importante para a formação e para o trabalho do professor e salienta a importância da inclusão dos alunos das licenciaturas nas pesquisas, por exemplo, utilizando bolsas do CNPQ. Podemos citar aqui o exemplo do Projeto do Observatório da Educação (OBEDUC), da CAPES/INEP.

Uma questão relatada pelos pesquisadores refere-se à dificuldade de acessar o conhecimento prático dos professores, pois estes têm dificuldades de explicitá-los a membros externos à instituição. Esta questão específica pode ser explicada pelo fato de os professores não terem sido formados com foco nas abordagens centradas na inquirição.

[4] A possibilidade de utilização simultânea das ideias de Bakhtin e Freire será apresentada no capítulo 3.

Para Guridi (2007), a discussão em torno das pesquisas na área de ensino tem atravessado diferentes fases, quais sejam:

- Primeira Fase: A reflexão do professor estava vinculada a questões de construção de uma sociedade mais justa e democrática. A reflexão do professor considerada como elemento central para ocorrência dessa transformação.
- Segunda Fase: Reflexão do professor vinculada aos processos de pesquisa sobre a prática profissional com vistas a torná-la mais efetiva para democratização do ensino.
- Terceira Fase: Articulação da pesquisa do professor com a academia de forma colaborativa com a superação das posições hierárquicas.

Em busca de possíveis soluções para o problema, Guridi (2007) fez uma pesquisa utilizando como recorte os trabalhos de autores de maior destaque neste campo de investigação, publicados em um volume específico da Revista Cadernos de Pesquisa, dedicado exclusivamente ao tema. Três vertentes de solução, não hierárquicas ou excludentes, foram encontradas pela autora:

- A ideia do professor pesquisador
- A aproximação dos dois universos
- A necessidade de melhora da comunicação entre os dois universos

Para Ibiapina (2016) a realização de pesquisas colaborativas é uma ferramenta para diminuir o fosso existente entre os saberes oriundos do mundo das práticas educativas e os saberes oriundos das produções do mundo acadêmico. Portanto, para a referida autora, é necessário que haja interação entre pesquisadores e professores para que, conjuntamente, produzam conhecimentos sobre as práticas educativas orientadas pela reflexão crítica.

Sobre a complexa relação entre ensino e pesquisa, Santos (2011) aponta as questões estruturais e as complexas relações do campo acadêmico no interior das universidades como responsáveis pela baixa integração entre ensino e pesquisa. Como fator positivo, a autora cita a concessão de bolsas de iniciação científica aos alunos de graduação, licenciandos, fato que possibilita a ambientação destes, desde sua formação inicial, com as particularidades e rigor das atividades de pesquisa. Como obstáculo ao desenvolvimento de uma formação com foco na pesquisa, Santos (2011) aponta as peculiaridades dos professores formadores quando, por exemplo, centram suas aulas apenas em torno de suas pesquisas, quando dedicam-se exclusivamente aos cursos de pós-graduação ou quando consideram seus trabalhos de pesquisa desconectados de suas atividades de ensino. Corroborando com Mizukami *et al* (2010) e Guridi (2007), a autora defende que os currículos dos cursos de licenciatura devem voltar-se à preparação dos futuros professores para o exercício das atividades de pesquisa e

reflexão, para assim diminuir a distância entre a pesquisa e a atividade profissional. Esta linha de pensamento leva os professores a tornarem-se produtores de conhecimento, deixando de ser meros consumidores dos conhecimentos produzidos exclusivamente nas universidades, ou ainda, tornando-se consumidores críticos, capazes de participar do desenvolvimento destas pesquisas.

Sobre os tipos de pesquisas realizadas (com, sobre ou do professor), em um estudo realizado por Lüdke (2011), com professores que desenvolvem pesquisas em paralelo à função docente, só foi encontrada uma pesquisa do tipo "Pesquisa com o Professor" e nenhuma pesquisa do tipo "Pesquisa do Professor". Portanto, predominaram as pesquisas do tipo "Pesquisa sobre o Professor". Com estes dados conclui-se que é urgente a necessidade de desenvolver pesquisas dos dois primeiros tipos apontados ("com" e "do" professor), haja vista que estes dois tipos estão mais intimamente ligados à realidade dos professores e, conforme afirma Contreras (2012, p.132): *"O professor, como pesquisador de sua própria prática, transforma-a em objeto de indagação dirigida à melhoria de suas qualidades educativas."* Para o autor, os práticos fazem emergir seu conhecimento profissional implícito a partir das situações problema, buscando novas formas para entendê-las e resolvê-las, fazendo experiências na prática. As dificuldades e surpresas geradas pelos casos práticos servem como um potente motor para a reflexão. Para Lüdke (2011), é preciso criar um conjunto de novos critérios que possam balizar as pesquisas do professor de maneira ampla e flexível, mas com o mínimo de rigor acadêmico. André (2011), defende a ideia de que a pesquisa dos professores precisa ter graus de exigência e implicações diferentes pois, devido ao seu exigente trabalho diário, o professor não teria tempo, espaço e materiais para produzir pesquisas com o corpus teórico exigido das pesquisas de cunho meramente acadêmico. Segundo a autora, as pesquisas do professor carecem voltar-se menos para a produção de conhecimento e mais para a ação.

Segundo Nascimento (2016), este foco na ação deve ser realizado com cautela pois, após pesquisa realizada em produtos educacionais produzidos por egressos de um curso de mestrado profissional em ensino de Física, o autor concluiu que a concepção do programa é racionalista técnica, trabalhando basicamente a instrumentalização do mestrando, em detrimento dos conhecimentos pedagógicos, teóricos e metodológicos necessários. Dentre as 27 dissertações analisadas na pesquisa, apenas 3 desenvolveram propostas com questões escolares relevantes para as escolas, para os docentes ou para os estudantes. Predominaram os trabalhos responsivos às exigências das instituições ou dos documentos oficiais que, geralmente, são desenvolvidos para atendimento a demandas específicas, ou seja, não atendendo

ao caráter universal da educação. Concluindo, Nascimento (2016) aponta que os produtos educacionais produzidos nos mestrados profissionais precisam se afastar do tecnicismo e, para isso, deveriam problematizar as situações vivenciadas pelos professores nas escolas, levando os mestrandos a pensarem em atividades curriculares alternativas, com projetos interdisciplinares, problematizando situações sociais, por exemplo, questões de gênero e etnia.

Além do panorama descrito neste capítulo, novas questões vêm sendo discutidas sobre o tema atualmente, as quais serão apresentadas a seguir.

2. Novas Perspectivas Para a Reconstrução da Formação de Professores

Promover mudanças na educação passa pela promoção de mudanças também na formação docente, a partir de uma base teórica e epistemológica com caminhos que favoreçam novas reflexões acerca das práticas educativas e das suas interferências na sociedade em que vivemos, gerando engajamento para mudanças cada vez mais urgentes e necessárias. Resolver problemas sociais passa, então, pela criação de práticas que valorizem o respeito ao próximo e a compreensão da Ciência e de suas formas de produção. Na tentativa de desenvolver e potencializar tais práticas, novas tendências vêm surgindo na área de Educação em Ciências no que diz respeito à formação e prática docente, entre elas, as perspectivas dialógica, decolonial e multicultural/intercultural (Moura e Guerra, 2016; Walsh *et al*, 2018; Guerra, 2021 e Jamal e Guerra, 2022).

Assumir uma perspectiva sociocultural e dialógica na área da Educação em Ciências significa, entre outros aspectos, compreender a ciência e a pesquisa em ensino de ciências como atividades sociais humanas, realizadas a partir da realidade sociocultural, além de compreender o papel da interação social no processo de ensino e aprendizagens da ciência (Lemke, 2001). Essa perspectiva defende claramente um currículo de ciências voltado para questões sociais e para problemas que já estão sendo enfrentados por nós neste século, como a atual crise ambiental e a injustiça social.

Freire (1987, 2011 e 2023) já defendia a educação como forma de intervenção no mundo e como reflexão crítica sobre a prática, entendendo que a intervenção no mundo pode implicar tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento, não podendo a educação ser só uma ou só a outra. Nesse sentido, é preciso criar esforços e pensar estratégias para transformar a prática pedagógica e, consequentemente, interferir no mundo de modo mais consciente, entendendo que, conforme apontam Moura e Guerra (2016), a maneira tradicional e hegemônica como a ciência é apresentada aos estudantes é altamente alienante aos que não se encaixam no perfil de tradição colonial, ou seja, homens brancos heterossexuais.

Corroborando, Stengers (2023), aponta que a questão do gênero na ciência está associada meramente a uma representação ilusória, que precisa ser corrigida a partir de muita informação e mudança de imagem. Para a autora, *"a realidade seria de uma ciência neutra em relação ao gênero"* (Stengers, 2023, p.52).

Como proposta para romper com tal tradição, Guerra (2021) destaca que a ciência tem sido construída, por um grupo amplo de pessoas em diferentes condições, abarcando, inclusive, aquelas pessoas que historicamente foram consideradas fora do campo da produção intelectual e isso precisa ser ensinado. Para a autora, a partir de um olhar decolonial e multicultural é possível estudar o papel das relações entre a ciência e a sociedade, em especial, o papel do contexto social e institucional na construção do conhecimento científico, de forma temporal e espacialmente situado. Sintetizando, Stengers (2023) afirma que todo conhecimento é uma construção social, porém, este fato sofre apagamento.

No mesmo sentido das ideias de Guerra (2021) e Stengers (2023), Harding (2019) afirma que:

> As perspectivas das pessoas empobrecidas, das "minorias" raciais e étnicas, das pessoas de outras culturas, das mulheres, das minorias sexuais e das pessoas portadoras de deficiências são talvez as perspectivas de diversidade mais amplamente utilizadas, a partir das quais as afirmações do conhecimento dominante em todas as disciplinas têm começado a ser reavaliadas. Tais grupos não foram aqueles que projetaram e hoje mantém as políticas e práticas dominantes institucionais que os prejudicam. Tais instituições não fornecem o conhecimento e o poder que os grupos desfavorecidos necessitam para gerenciar suas próprias vidas em seus próprios termos. (Harding, 2019, p. 150).

D´Ambrosio (2023) aponta que o silenciar das manifestações dos grupos inferiorizados/dominados foi uma das estratégias adotadas pelos colonizadores nos processos de conquista, pois levaram ao enfraquecimento das raízes e a remoção dos vínculos históricos dos povos dominados.

Citando as ênfases que devem ser dadas aos atuais currículos de ciências, Gurgel (2020), apresenta a questão identitária como elemento importante, haja vista que, em uma sociedade com diferentes tipos de desigualdades (gênero, raça, etnia, sociais etc.), a representatividade importa, pois é preciso que a aquisição do conhecimento científico passe pela criação de vínculos identitários e, para tal, é necessário compreender a ciência como uma atividade multicultural.

Estas tendências de mudanças no campo da educação, apontadas por Walsh *et al* (2018), vêm sendo rediscutidas no Brasil nos últimos vinte anos, inclusive na temática da formação docente, foco desta pesquisa, a qual precisa se alinhar ao desafio de superar as desigualdades e discriminações, relativas às questões raciais, de gênero, de etnia, religiosas, sexualidade etc.

Entende-se, portanto, que os programas de formação docente precisam fugir das lógicas educativas hegemônicas, de formulações teóricas eurocentradas, aderindo urgentemente a modelos de formação realizados em uma perspectiva dialógica, com e

a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, como por exemplo, quilombolas, indígenas, afrodescendentes e diversidades de sexo-gênero. Essa corrente, chamada por Walsh *et al* (2018) de “Pedagogia Decolonial”, visa proporcionar uma releitura do mundo para intervir na sociedade, pois, segundo as autoras:

> Essa ideia vem se construindo como força política, epistemológica e pedagógica, faz referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternos pela modernidade europeia capitalista e um projeto teórico voltado para o repensamento crítico e transdisciplinar, em contraposição às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva eurocêntrica de construção do conhecimento. (Walsh *et al*, 2018, p. 3).

De forma mais específica, no Brasil, Lopes e Macedo (2010) chamaram esta perspectiva de pós-colonial e, da mesma forma, apontaram para a necessidade de ouvirmos e darmos vez aos grupos culturais étnicos plurais na produção de conhecimento em educação.

Outra nova perspectiva para formação para o Ensino das Ciências é apresentada por Oliveira e Queiroz (2017), Teixeira *et al* (2019) e Santos *et al* (2021), os quais apontam para a utilização dos Conteúdos Cordiais como uma possibilidade de pedagogização dos conteúdos de ciências a partir da perspectiva da Educação em Direitos Humanos, fazendo referência à chamada Ética da Razão Cordial da filósofa espanhola Adela Cortina (2007) e, ao mesmo tempo, indo ao encontro das demandas das Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2012) e das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (Brasil, 2024).

Quanto à formação de professores pautada na questão dos direitos humanos, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Básica (Brasil, 2024), em seu artigo 5^0, alínea XI; artigo 13^0, letra g e no artigo 14^0, parágrafo segundo apontam, respectivamente, que:

> XI - educação para a construção de um mundo sustentável, abordando questões que ameaçam o futuro, tais como, a pobreza, o consumo predatório, a deterioração urbana, o conflito e a violação dos direitos humanos, sempre respeitando a pluralidade e a diversidade cultural;
> g) pesquisa e estudo das relações entre educação e trabalho, educação e diversidade, educação e comunicação, direitos humanos, cidadania, educação ambiental, entre outras problemáticas centrais da sociedade contemporânea;
> 2º Os cursos de formação inicial deverão garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, seus fundamentos e metodologias, bem como conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, formação na área de políticas pública e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, Libras e Educação Especial.
> (Brasil, 2024, p. 4, 10 e 12).

Concordamos com Santos *et al* (2021) ao defenderem que é possível humanizar os conteúdos de ciências, colocando-os a serviço dos direitos humanos, da justiça social e de uma formação cidadã, que conduza a uma sociedade mais justa e solidária. Desta forma:

> Torna-se relevante que durante a formação de professores, exista uma relação entre a construção de valores sociais pautados em direitos humanos e a elaboração de conteúdos específicos pedagogizados a partir destes valores. (Cardoso, 2023, p. 58).

Cortina (2007) afirma que não é possível conhecer a justiça apenas pela racionalidade pura, mas sim por uma razão que não descarta os aspectos afetivos, tais como, a estima, a admiração, a compaixão etc. A essa razão a autora denominou "Cordial", acrescentando ainda que o ponto central de nosso vínculo enquanto humanos é a comunicação em sentido mais amplo, ou seja, onde haja um entender e um sentir comum.

> A ética da razão cordial é entendida como uma autêntica comunicação, entendimento comum e um sentir comum; estrutura cognitiva, mas estima de valores; desenvolvimento de uma técnica de argumentação, mas sem deixar de lado uma sintonia com as narrações, testemunhos, histórias de vida – que possui princípios básicos apresentados pela filósofa. (Teixeira et al, 2019, p. xxiv).

Estes princípios básicos, estabelecidos por Cortina (2007), para a razão cordial são:

- Não instrumentalizar as pessoas;
- Empoderar as pessoas;
- Distribuir os prejuízos e os benefícios;
- Permitir a participação dialógica dos afetados;
- Agir com responsabilidade pelos seres indefesos não humanos.

Oliveira e Queiroz (2017) depuram estes princípios básicos, conforme segue:

> O primeiro, *não instrumentalizar* as pessoas, é um princípio de não colocar as pessoas a serviço de finalidades que elas não tenham elegido, ou seja, não manipular as pessoas para seus próprios interesses. Respeito pela autonomia. A intervenção não pode se converter em manipulação, não é justo utilizar seres humanos para metas distantes de seu próprio bem – sejam econômicas, científicas ou políticas. O segundo, *empoderar as pessoas*, trata-se de atuar positivamente para potencializar as capacidades das pessoas, de forma que possam levar adiante planos de vida, e que elejam sempre que com eles não se prejudique a outros. Para o terceiro princípio, *Distribuição dos prejuízos e benefícios (justiça distributiva)*, é trazido o modelo de justiçado interlocutor válido. Ele consiste em empoderar as pessoas para que possam ser interlocutoras válidas, como um primeiro mínimo decente, a partir do qual poderiam dizer o que consideram como básico mediante ao diálogo. O quarto princípio, *a participação dialógica dos afetados*, é uma norma de prudência, mas também uma exigência de justiça. São os afetados os melhores intérpretes das suas necessidades. E o quinto, *a responsabilidade pelos seres indefesos*

> *não humanos*, busca ampliar a responsabilidade de quem pode proteger seres que são valiosos e vulneráveis – porém – não humanos-, mas não o fazem. (Oliveira e Queiroz, 2017, p. xxxii).

A relação entre os conteúdos de ciências e os princípios básicos da Educação em Direitos Humanos foi chamada nas obras de Oliveira e Queiroz (2017), Teixeira *et al* (2019) e Santos *et al* (2021) de "Conteúdos Cordiais", ou seja, um diálogo entre os conteúdos de Química, Biologia e Física e os aspectos que são fundamentais à dignidade humana. Os autores das três obras citadas destacam que deve haver um compromisso ético ao se ensinar os conteúdos específicos de cada disciplina, mas não apenas uma ética que busque cegamente bons argumentos, mas sim uma ética da razão cordial. Segundo Adela Cortina:

> Os especialistas de diversas áreas do conhecimento devem estar dispostos a buscar alternativas humanizadoras e viáveis, estando interessados em fazer com que elas funcionem, apresentando-as aos poderosos da terra e à opinião pública. (Santos *et al*, 2021, p. 24).

Neste sentido, diversos professores pesquisadores foram convidados pelos autores Oliveira e Queiroz (2017), Teixeira *et al* (2019) e Santos *et al* (2021) para pensar conteúdos de suas disciplinas, especificamente Química, Biologia e Física, a partir de um olhar mais humanizado, valorizando e ouvindo as pessoas que, historicamente, por pertencerem às minorias, tiveram seus saberes marginalizados durante os processos de Ensino das Ciências.

Por este viés, os professores pesquisadores convidados apresentaram, ao longo das obras de Oliveira e Queiroz (2017), Teixeira *et al* (2019) e Santos *et al* (2021), diversos exemplos de possibilidades de trabalhar os Conteúdos Cordiais, por exemplo, Pinheiro (2017) apresentou a possibilidade de trabalharmos os fenômenos químicos e físicos do lixo a partir da perspectiva dos direitos humanos, contextualizando esta temática à questão racial. Rosa *et al* (2021) apresentaram uma possibilidade de abordagem dos conteúdos da Física no Ensino Médio a partir de uma perspectiva decolonial, utilizando para a contextualização os artefatos das casas de farinha existentes no interior do Brasil. Este tipo de abordagem permitiu repensar os currículos escolares de forma a quebrar e desconstruir os discursos racistas e preconceituosos existentes sobre os povos originários e afrodescendentes. Na Biologia, Bastos (2019) trouxe para a sala de aula a discussão das tensões sociais que são provocadas pelo não reconhecimento das desigualdades relativas à diversidade sexual e identidade de gênero, acrescentando que o ensino de Biologia, a partir de estratégias pedagógicas, deve ser espaço privilegiado de construção de culturas e identidades, na medida em que traga para a discussão de ciências em sala de aula aspectos sociais, históricos e culturais.

Outra perspectiva que vem sendo debatida nas pesquisas na área de Educação e que precisa ser incrementada nos processos formativos dos futuros professores surgiu a partir da publicação do Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Brasil, 2015), a Curricularização de Extensão. Este documento, em sua meta 12, estratégia 7, indicou que deveriam ser assegurados, até 2024, no mínimo 10% do total de créditos curriculares exigidos para os cursos de graduação em programas e projetos de extensão universitária. Nos cursos de licenciatura, segundo Forato *et al* (2021), este viés extensionista precisa estar presente nas disciplinas que compõem os currículos de formação a fim de promover ações universitárias voltadas para a melhoria da Educação Básica, através de um conjunto de ações formativas que precisam ir além do estágio supervisionado obrigatório. Esta exigência do Plano Nacional de Educação 2014-2024 visa proporcionar uma formação mais completa e conectada com a realidade social dos estudantes, promovendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e permitindo que os licenciandos apliquem os conhecimentos adquiridos em sala de aula em contextos reais, ou seja, oportunizando a eles a possibilidade de contribuição para a solução de questões sociais. Sobre o incremento dos programas de extensão nos currículos dos cursos de licenciatura, Forato *et al* (2021) apontam que:

> Isso permite que professores em formação inicial vivenciem o contato com seus futuros estudantes, mobilizando objetivos complementares ao Estágio Supervisionado, ampliando as possibilidades de sua interação com o contexto escolar. (Forato et al, 2021, p. 133).

Reforçando as exigências com relação a Curricularização da Extensão, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (Brasil, 2024), nos trazem também a necessidade de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, apontando a necessidade de inserção dos licenciandos nas instituições de Educação Básica, segundo o documento, lugar privilegiado da práxis docente.

No artigo 13, inciso III, o documento nos aponta que:

> Atividades Acadêmicas de Extensão - AAE, realizadas na forma de práticas vinculadas aos componentes curriculares: envolvem a execução de ações de extensão nas instituições de Educação Básica, com orientação, acompanhamento e avaliação de um professor formador da IES. (Brasil, 2024, p. 10).

A carga horária destinada às Atividades Acadêmicas de Extensão deve ser de 320 (trezentas e vinte) horas e deve estar discriminada no Projeto Pedagógico do Curso da instituição formadora, destacando-se que estas horas devem ser realizadas, integralmente, de forma presencial quer seja nos cursos ofertados na modalidade presencial ou na modalidade à distância.

Com base no exposto, constatamos que propostas de mudanças, que visem a implementação de novas práticas precisam chegar aos bancos de todos os cursos de licenciatura em Física, Matemática e Química, com vistas a preparar os futuros professores destas disciplinas para estarem mais próximos das demandas do mundo atual, quebrando o paradigma de uma formação exclusivamente dentro do contexto da racionalidade técnica, hegemônica, colonial e eurocêntrica, abrindo novos horizontes e perspectivas para práticas de ensino mais alinhadas com a visão dinâmica do construtivismo. Destacamos aqui que estas mudanças já começaram a ser implementadas nos cursos de licenciatura de algumas universidades, por exemplo, nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, conforme nos apontam Massoni *et al* (2020) e Santos (2023).

Este trabalho de pesquisa se alinhou com as tendências apontadas nos trabalhos dos diversos pesquisadores apresentados e visa, a partir do debate, pesquisa e reflexão, levando em consideração as diversas realidades de ensino nas quais os docentes estão inseridos, fomentar o surgimento de propostas de mudanças, passíveis de serem implementadas nos cursos de formação inicial e/ou continuada de professores, propostas estas que sejam mais realistas e palpáveis.

3. Bakhtin e Freire: Perspectiva Dialógica Por Uma Sociedade Mais Igualitária

Entendemos, corroborando com a visão de diversos autores (Moura, 2011; Nunes e Kramer, 2011 e Cardoso e Gusmão, 2021), que a utilização simultânea das ideias de Bakhtin e Freire é viável, pois para os dois autores a dialética é referencial comum, assim como é a compreensão dos humanos em sua perspectiva histórica, cultural, política e social.

Estes dois teóricos da linguagem, segundo Assunção e Souza (2019), se complementam e se aproximam política, social e ideologicamente. Segundo os autores, embora em cronotopias diferentes, as ideias de Freire e Bakhtin se emaranham e pouco se estranham, produzindo efeito de sentido naqueles que se lançam nos estudos da palavra e do mundo.

Neste sentido, as ideias de Freire e Bakhtin se complementam de maneira rica e produtiva de forma a oferecer ferramentas conceituais poderosas para as análises de dados cujo viés não considere apenas números e/ou estatísticas, mas também as narrativas e os contextos dos sujeitos envolvidos, permitindo ir além do quantitativo, ou seja, proporcionando a incorporação nestas análises do qualitativo e do interpretativo. Desta forma, considerando a complexidade e a subjetividade das experiências humanas, estas teorias oferecem uma perspectiva crítica e dialógica, permitindo a inclusão de aspectos qualitativos e contextuais que, normalmente, são negligenciados nas análises de dados cujas abordagens são quantitativas e objetivas. Além de enriquecer a compreensão dos dados de uma pesquisa, este enfoque também possibilita uma análise crítica e transformadora, alinhada com os princípios de justiça social e do empoderamento das minorias.

Acerca do lugar da linguagem nas relações humanas, Moura (2011) destaca que as relações de Freire remetem às de Bakhtin pois, para ambos, a linguagem é atividade, é consciência prática, plenamente dimensionada no social.

Bakhtin refere-se ainda à heteroglossia (multiplicidade de vozes, estilos de discurso e pontos de vista que coexistem em qualquer contexto social), argumentando que a linguagem é sempre polifônica, refletindo a complexidade e a diversidade das experiências humanas.

Para Cardoso e Gusmão (2021), à luz das perspectivas freiriana e bakhtiniana, os sujeitos se constroem a partir de suas relações com o outro e com o meio. Para os autores:

> Dessa forma, ao situar a língua nessa posição de ponte entre os sujeitos (o eu e o outro), ou neste movimento de ir e vir pautado na interação, é aprendida uma nova visão de mundo mediada pela linguagem, a qual permite perceber que a produção de sentido do enunciado ocorre em interação, tanto entre interlocutores quanto com o ambiente que os envolve. (Cardoso e Gusmão, 2021, p. 175).

Corroborando, Barros (1997) afirma que Bakhtin considera o dialogismo como princípio construtivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. A autora afirma ainda que o discurso:

> ...não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um "diálogo entre discursos", ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas "externas" e "internas" e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico. (Barros, 1997, p. 33).

Para Nunes e Kramer (2019), o dialogismo constitui o eixo central da teoria de Bakhtin, pois não existe linguagem fora do diálogo entre o eu e o outro ou entre muitos eus e muitos outros. De maneira afim, Freire afirma que não se pode pensar pelos outros nem para os outros nem sem os outros, ou seja, os sujeitos dialógicos crescem, um com o outro, tomando como ponto de partida o respeito aos pensamentos contraditórios, pois, para ele:

> O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. (Freire, 2011, p. 162).

Figueiredo (2020) destaca que tanto nas obras de Freire como nas de Bakhtin podemos encontrar elementos que fundamentam uma educação pautada em valores humanos fundamentais para a construção de uma sociedade mais igualitária, haja vista que estes autores propõem o diálogo como categoria preponderante para a promoção de um mundo mais justo, ou seja, é o diálogo que constitui o ser humano nas suas dimensões socioculturais, imersas na história. Destacamos, em sintonia com o autor, que na área da Educação as abordagens que valorizam a diversidade de vozes e contextos promovem a conscientização, contribuindo assim para a transformação social e para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva.

Castro (2009) aponta que, quando tratamos de educação, o aspecto essencial da obra de Bakhtin está na ênfase das características dialógicas do discurso, nas suas dimensões histórico, social e cultural. Fica clara na obra bakhtiniana a importância dada

à mediação entre ouvinte e falante, num processo ativo de interação. Corroborando com a ideia, Brait (2020) nos aponta que as propostas filosóficas de Bakhtin permitem afirmar que o mundo não chega à consciência sem a mediação.

A obra freiriana destaca que a vida humana só tem sentido caso haja comunicação e esta deve ser mediatizada pela realidade, ou seja, deve ocorrer em contexto. O pensar dos sujeitos não deve ser realizado no isolamento, mas sim através da comunicação, efetivada em torno de uma realidade. Para Freire (1987), a relação dialógica é indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. E, ao criticar a concepção bancária da educação, o autor aponta que esta ocorre de forma antidialógica e que, para avançarmos no sentido de uma educação libertadora/problematizadora, a dialogicidade é fator preponderante.

Para o autor:

> Mais uma vez se antagonizam as duas concepções e as duas práticas que estamos analisando. A "bancária", por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmistificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele a indispensável relação ao ato cognoscente, desvelador da realidade. (Freire, 1987, p. 41).

Corroborando com as ideias apresentadas, Manieri e Cardoso (2021) destacam na obra de Freire a necessidade de uma prática dialogal ativa para efetivação de uma educação que seja realmente libertadora, pois o dialogismo marca um ambiente de abertura epistemológica na qual o conhecimento, ao contrário do que acontece na educação bancária, não é imposto, mas sim debatido em sua diversidade de aplicabilidade.

Portanto, a obra freiriana considera que, na ação dialógica, os sujeitos se encontram em colaboração para a pronúncia do mundo com vistas à sua transformação. Ou ainda, segundo Freire (1987), o diálogo é uma exigência radical de todo processo autêntico de transformação.

Comin (2014) destaca que, em seus escritos originais, Freire utilizou a palavra dialogicidade no lugar de dialogismo, o que sugere a impressão de diálogo em acontecimento, em constante ação-reflexão. Neste sentido, a dialogicidade torna-se instrumento social de humanização do ser humano, ou seja, instrumento de combate às relações de assimetria e de libertação das amarras que aprisionam e alienam os humanos.

Para Machado (2020), o dialogismo reverteu o quadro tipológico das criações estéticas pois, ao valorizar o estudo dos gêneros de discurso[5], descortinou um excelente recurso para radiografar o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade dos sistemas de signos da cultura e, para dar conta das mensagens neste contexto discursivo, Bakhtin sugere um campo conceitual ao qual chamou de "prosaica". Segundo a autora, do ponto de vista do dialogismo, a prosaica é a esfera mais ampla das formas culturais no interior das quais outras esferas são experimentadas. A autora acrescenta que a prosa não nasceu pronta e, graças à dinâmica dos gêneros discursivos, ela continua se fazendo, pois, segundo o próprio Bakhtin:

> A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros de discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (Bakhtin, 1997, p. 280).

Bakhtin (1997) distingue os gêneros discursivos simples, da comunicação cotidiana, definidos por ele como gêneros primários, dos gêneros discursivos complexos, da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados e que são definidos por ele como gêneros discursivos secundários. Os gêneros discursivos secundários são formações complexas elaboradas a partir da comunicação cultural organizada, em sistemas específicos como o artístico, científico ou sociopolítico.

Em contato, ambas as esferas (primária e secundária) se modificam e se complementam. Bakhtin (1997) afirma que no processo de sua formação os gêneros discursivos secundários incorporam e reelaboram diversos gêneros discursivos primários, formados na comunicação discursiva imediata. Segundo o autor, ao serem incorporados, os gêneros discursivos primários perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios pois, para ele:

> A distinção entre os gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos sociais. (Bakhtin, 1997, p. 281/282).

Para Rocha (2016), outro fator importante da teoria de Bakhtin diz respeito à diversidade de situações em que a linguagem é utilizada de um modo diferente como, por exemplo, em uma feira livre. Em algumas situações a linguagem é explorada em função da performance visual, vocal, gestual e do próprio espaço de interação.

[5] Gêneros de discurso, segundo Bakhtin, são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por esferas específicas de utilização da língua.

> Isso tem a ver com o uso da linguagem em esferas específicas da interação. Esse é apenas um exemplo singelo que não pretende esgotar o sistema semiótico em suas possibilidades discursivas, mas tão somente destacar uma metodologia de análise em que a enunciação é ambiente privilegiado do diálogo e das formas prosaicas em trânsito. Diríamos que o ambiente é a condição sem a qual o diálogo simplesmente não acontece. (Brait, 2005, p.164).

A partir da citação anterior, podemos estabelecer uma relação entre "as condições sociais" de Bakhtin e o "contexto ou problematização" de Freire, sem os quais não acontecem, respectivamente, o diálogo e a aprendizagem.

Na teoria de Bakhtin, são os contextos ou situações concretas que nos fazem compreender a partir dos enunciados, ou ainda, os enunciados são o encontro da língua com a realidade concreta.

Bakhtin (2006) defende a língua como instrumento ou expressão das relações de lutas sociais. Para o autor, a enunciação é de natureza social, portanto não existe fora de um contexto social. Acrescentando, na medida em que a enunciação acontece de forma ideológica e em contexto, esta deve ser entendida como estrutura socioideológica.

Para Bakhtin (2006):

> Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais. É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais. (Bakhtin, 2006, p.65).

Uma das máximas do pensamento semiótico de Bakhtin nos aponta que, ao estudarmos os humanos, buscamos e encontramos signos em toda parte e isto nos leva à compreensão de sua significação.

Vamos agora desenvolver brevemente outros conceitos fundamentais para embasar nossas análises: enunciado, atitude responsiva, entonação e cronotopo.

Quanto ao enunciado, sabemos que este não pode existir de forma isolada, todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que o sucederão, cada enunciado compõe apenas um elo de uma cadeia, portanto só pode ser compreendido no interior dessa cadeia. Assim, entendemos as situações de forma dinâmica e encadeada: *"Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados"* (BAKHTIN, 1997, p. 292). Além disso, o enunciado é composto pelo verbal e pelo extraverbal – silêncio, gestos e expressões. Para Bakhtin (1997), todo enunciado, desde que seja analisado criteriosamente, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, permite a descoberta das palavras ocultas ou semiocultas do outro, com seus graus diferentes de alteridade.

Para Brait e Melo (2020), o conceito de enunciado deve ser analisado em oposição ao conceito de frase, unidade compreendida como modelo ou sequência de palavras ordenadas segundo a sintaxe, suscetível de ser analisada fora de contexto.

Para as autoras:

> O enunciado, nessa perspectiva, é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a "frase" ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações "enunciativas". (Brait e Melo, 2020, p.63).

Entendemos ainda que as respostas-enunciados são dotadas de uma atitude responsiva ativa – concorda ou discorda, sendo *"A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (...); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor"* (Bakhtin, 1997, p. 291). Para Freire: *"O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar"* (Freire, 1987, p. 46).

Ainda com relação ao extraverbal, como aponta Bakhtin, *"Se uma palavra isolada é proferida com uma entonação expressiva, já não é mais uma palavra, mas um enunciado completo, realizado por uma única palavra (...)"* (Bakhtin, 1997, p. 310). Ou seja, a entonação expressiva é um traço do enunciado: *"Um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do seu discurso"* (Bakhtin, 1997, p. 310).

Em outra fonte, Bakhtin afirma que:

> Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial* – Grifo do autor (Bakhtin, 2006, p. 98/99).

No mesmo sentido, Freire (1987) nos aponta a palavra, na análise dos diálogos, como algo mais do que um simples meio pelo qual estes se estabelecem, permitindo-nos buscar também seus elementos construtivos. Segundo o autor: *"Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo"* (Freire, 1987, p. 46).

Outra observação refere-se ao conceito de "cronotopo" de Bakhtin, ou seja, a ideia indissociável entre o espaço e o tempo, pois devem ser consideradas a história, o lugar de elaboração do enunciado e o tempo particular de elaboração deste enunciado, por um lado, como também os envolvimentos intersubjetivos dos sujeitos, que dizem respeito a um dado discurso. Segundo Brait (1997), Bakhtin denomina este

envolvimento intersubjetivo de entonação ou tom do discurso e, para combinar as duas dimensões, histórica e intersubjetiva, Bakhtin enfatiza a avaliação social. Esta avaliação social é bem descrita por Brait (1997), como:

> ...conceito retomado em vários outros momentos do conjunto de obras do autor, reitera a ideia de particularidade da situação em que se dá o enunciado, envolvendo uma atividade que poderíamos traduzir como "competência avaliativa e interpretativa de sujeitos em processo interpretativo", ou, mais simplesmente, o julgamento da situação que interfere diretamente na organização do enunciado e que, juntamente com isso, deixa no produto enunciado as marcas do processo de enunciação. (Brait, 1997, p. 97).

Em outra obra, a mesma autora afirma que:

> O Círculo de Bakhtin não aceita que as categorias de percepção e/ou pensamento possam existir fora da situação concreta dos sujeitos percipientes e/ou pensantes ou que existam em sua consciência entendida como instância associal e a-histórica. (Brait, 2020, p. 24).

Cinco características básicas são apontadas em Sobral (2020), a fim de permitir o entendimento do conceito de cronotopo de Bakhtin, quais sejam:

> a) o tempo e o espaço estão ligados de modo intrínseco, necessário;
> b) o tempo e o espaço são o continente da atividade, embora nem sempre se mostrem visivelmente nesta;
> c) o tempo e o espaço unidos no cronotopo variam de acordo com as ordens, aspectos, séries ou momentos do universo (ritmos distintos entre os organismos, os indivíduos, as sociedades);
> d) o sentido de tempo e espaço não é único, variando de acordo com a "posição" do agente de percepção;
> e) as categorias de tempo e espaço são históricas, pois variam em reação a alterações das necessidades humanas de percepção. (Sobral, 2020, p. 138 e 139).

Ainda segundo o mesmo autor:

> Para Bakhtin, a ética está fundada num aqui e num agora vinculados a formas de apreensão do mundo, histórica e socialmente concebidas, de uma maneira que, se não nega princípios éticos gerais, nem por isso acata propostas que veem o ético como propriedades puramente teóricas que não se alteram na situação concreta das decisões éticas dos indivíduos. (Sobral, 2020, p. 139).

Para Sobral (2020), as obras do Círculo de Bakhtin evidenciam as relações entre a mente e o mundo, numa articulação dialógica, transdialética, entre o geral e o particular, o eu e o outro, a universalidade e a singularidade, o mundo sensível e o mundo inteligível, numa dinâmica em que deve prevalecer a ideia das relações de fluxo em detrimento da fixidez.

Para Machado (2010), o neologismo cronotopo, se tornou a formulação do dialogismo para permitir a compreensão e representação do tempo em diferentes perspectivas, de modo a apreender como se manifestam as simultaneidades; como o tempo se constitui no espaço; como se transforma, como se desenvolve e, nessa

dinâmica, acaba por movimentar todo sistema cultural. Trata-se de um conceito para observação do comportamento do tempo como dimensão do espaço na narrativa dos sujeitos. No mesmo sentido, em outra obra, Machado (2020) afirma que:

> O gênero adquire então uma existência cultural, como Bakhtin procura demonstrar em sua teoria do cronotopo, e passa a ser a expressão de um grande tempo das culturas e civilizações. A própria noção de contemporaneidade se enriquece à luz da concepção dialógica do tempo e das culturas. O gênero, na teoria do dialogismo, está inserido na cultura, em relação a qual se manifesta como "memória criativa" onde estão depositadas não só as grandes conquistas das civilizações, como também as descobertas significativas sobre os homens e suas ações no tempo e no espaço. (Machado, 2020, p. 158 e 159).

Acreditamos que, ao oportunizarmos o diálogo com os professores, sujeitos da pesquisa, segundo as perspectivas de Bakhtin e Freire, possamos, corroborando com Manieri e Cardoso (2021), refletir sobre propostas de mudanças que levem a um ensino de ciências que não seja hermético e ensinado de forma unilateral, mas sim concebido de forma mediada pela linguagem, convertendo-se em conhecimento apreendido de forma interdiscursiva. Neste mesmo sentido Nunes e Kramer (2011) apontam a opção dos dois autores, Freire e Bakhtin, em romper com os paradigmas que, via de regra, encarceram o conhecimento científico, tentando novas interpretações centradas na diversidade de ideias onde o papel desempenhado pelo dialogismo, segundo Bakhtin, ou dialogicidade, segundo Freire, tem primazia.

Nossa metodologia de pesquisa, bem como nossos instrumentos de coleta de dados, se alinham com a perspectiva dialógica, considerada crucial nas obras de Freire e Bakhtin, ao oportunizar o diálogo com os sujeitos da pesquisa, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas pois, segundo Assunção e Souza (2019):

> A discussão sobre a natureza da linguagem se apresenta como fulcral nas obras de Bakhtin e Freire para se refletir sobre os modos de pensar, trabalhar e escrever a pesquisa na perspectiva dialógica, pois essa é uma modalidade de pesquisa que traz em seu texto a coexistência de inúmeros narradores, narrativas, formas de narração e temas que, no decorrer da enunciação, configuram uma "heterogeneidade discursiva". (Assunção e Souza, 2019, p. 296).

Corroborando, Machado (2020) destaca que esta metodologia de análise semiótica dos discursos toma a enunciação como ambiente privilegiado do diálogo e das formas prosaicas em trânsito.

As entrevistas semiestruturadas, quando pensadas e realizadas em consonância com as ideias de Freire e Bakhtin, permitem que os participantes compartilhem suas histórias de vida, experiências e perspectivas de forma aberta e espontânea, viabilizando a coleta de dados contextualmente informados.

Quanto à utilização dos conceitos de Bakhtin na condução das pesquisas em ciências humanas, Sobral (2020) destaca que é preciso pensar nos seguintes aspectos:

> a) a relação entre os aspectos generalizáveis e os aspectos particulares do fenômeno, que constitui o plano do teórico propriamente dito;
> b) a relação entre as expectativas do pesquisador e a realidade do fenômeno, base da construção do objeto de que o pesquisador se ocupa, que constitui o plano do ético;
> c) o caráter de construção arquitetônica de toda pesquisa, que envolve a criação de uma totalidade orgânica que permite à pesquisa ir além de uma construção mecânica e constituir-se em totalidade dotada de sentido, que constitui o plano do estético. (Sobral, 2020, p. 114 e 115).

Resumindo, o autor aponta que o pesquisador deve ver o fenômeno, o objeto e o percurso da pesquisa no espelho do próprio objeto, logicamente que refratado por seu próprio olhar e atravessado por tudo que concerne às pesquisas.

À guisa de depuração da aproximação das ideias de Freire e Bakhtin, poderíamos dizer que atuaram em contextos de crise política e social, sempre pensando o sujeito e a linguagem de forma relacional e transformadora. Para ambos, a linguagem não é neutra, mas sim vista como prática ideológica, social e ética. O sujeito é considerado por eles como inacabado, sendo construído/formado a partir de e pela interação com muitos outros. Ao tomarem o diálogo como princípio epistemológico, suas ideias permitem a construção de uma pedagogia ética, plural e dialógica. Mesmo em cronotopias diferentes, ao valorizarem o processo de escuta e respeito à opinião do outro, poderíamos inferir que pensaram e agiram sempre com alteridade.

Dessa maneira, no capítulo cinco, buscamos em nossas análises de dados identificar e evidenciar o que está além do verbal, analisando silêncios, expressões faciais, gestos, entonações, ou seja, analisando os sujeitos da pesquisa em situação, segundo suas experiências em sala de aula, problematizadas e contextualizadas. Isto foi possível a partir da combinação da análise temática (inspirada por Freire) com a análise discursiva (inspirada por Bakhtin), capturando assim os padrões e as nuances nos dados. Esta utilização simultânea de ideias nos proporcionou uma abordagem rica e multifacetada, que valoriza a experiência e a voz dos sujeitos da pesquisa, promovendo uma análise com viés crítico e transformador, fato que se alinhou com os princípios de uma sociedade mais igualitária, conforme apontou o título deste capítulo.

Destarte, refletimos sobre possíveis propostas de mudanças que possam ser implementadas nos processos formativos dos licenciandos, em colaboração crítica dialógica com os professores pesquisados, como nos aponta Freire e analisando as características dialógicas dos seus discursos em suas dimensões histórico, social e cultural, conforme preconiza Bakhtin.

4. Desenho Metodológico

Apresentamos a natureza da proposta de pesquisa realizada durante a elaboração deste trabalho, assim como os procedimentos que foram adotados para a coleta de dados.

Para Carvalho (2005), apesar de uma metodologia de pesquisa não se resumir à construção de dados, esta é sua principal função.

A pesquisa conduzida ao longo deste trabalho foi previamente submetida à Plataforma Brasil, sendo devidamente aprovada pelo parecer nº 5.950.885 do CEP do IFRJ, seu percurso metodológico foi planejado e desenvolvido com objetivo de identificação e coleta de dados sobre professores no âmbito de suas práticas profissionais, ou seja, no cotidiano escolar, a partir de seus discursos sobre obstáculos e potencialidades em seu fazer docente. A fim de promover um diálogo entre os dados analisados e as tendências apontadas pelo referencial teórico aqui elaborado na área de pesquisa sobre formação de professores, buscamos identificar pontos de convergência, lacunas e reflexões sobre possíveis propostas de mudanças para os processos de formação inicial e/ou continuada de professores de Física, Química e Matemática. A pesquisa teve abordagem qualitativa uma vez que foram interpretadas as falas, os gestos e as ações dos professores, sujeitos desta pesquisa.

Segundo Lüdke e André (2013), as seguintes características servem para identificar uma pesquisa de cunho qualitativo:

- O investigador é o instrumento principal da pesquisa e o ambiente se constitui como fonte direta de dados.
- Os dados coletados são predominantemente descritivos.
- Mais do que com os resultados, a preocupação está voltada para o processo.
- O pesquisador foca no significado.

As autoras citadas acima afirmam ainda que o contato direto do pesquisador com a situação estudada permite a obtenção de dados descritivos, retratando a perspectiva dos participantes.

Ferreira (2016) aponta as pesquisas qualitativas como um dos métodos mais adequados para pesquisas na área da Educação, pois fornecem abrangências suficientes para englobar múltiplas variantes, proporcionando melhor compreensão dos problemas e fenômenos ligados ao objeto de estudo. A partir da perspicácia e aptidão do pesquisador em articular os dados obtidos à literatura existente sobre o tema e ao método de análise dos dados, surgem as contribuições para o campo educacional.

Várias formas podem ser assumidas pelas pesquisas de cunho qualitativo. Dentre os quatro tipos de pesquisas qualitativas propostos por Lüdke e André (2013), quais sejam, etnográficos; estudos de caso; pesquisa-ação e participante, nossa pesquisa se enquadra como estudo de caso. Para Lüdke e André (2013), um estudo de caso precisa ser bem delimitado, com contornos bem definidos no desenrolar do estudo. Algumas características apontadas pelas autoras para estudos de caso se alinham com nossa proposta de pesquisa, quais sejam:

- Visam à redescoberta.
- Enfatizam a interpretação de um contexto.
- Buscam relatar a realidade de forma profunda.
- Usam várias fontes de informação.
- Procuram relatar diferentes e conflitantes pontos de vista.
- Utilizam uma linguagem e forma mais acessível.

Corroborando, Yin (2001) descreve que o estudo de caso deve ser a estratégia escolhida quando examinamos acontecimentos contemporâneos, em que os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos. Segundo o autor, os estudos de caso utilizam como fonte de evidências a observação direta e uma série sistemática de entrevistas, lidando com ampla variedade de evidências.

Segundo Yin (2001):

> Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos. A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. (Yin, 2001, p. 32 e 33).

Somando, Pádua (1997) afirma que os estudos de caso tentam abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando, bem como seu processo de desenvolvimento. Assim, mesmo considerando que o pesquisador já parta de alguns pressupostos, o caso vai se construindo de forma mais concreta, à medida que vão se identificando os múltiplos fatores que corroboram para sua configuração. Portanto, trata-se de uma técnica flexível que permite, à medida que a pesquise avance, que o pesquisador passe de um contexto meramente discursivo para o contexto interpretativo ou heurístico.

Sobre a realização de pesquisas na área da educação, Nunes e Kramer (2019) afirmam que:

> O desafio que se coloca para as pesquisas em educação não se reduz ao uso de determinadas técnicas ou estratégias de coleta de dados, mas no rompimento do saber e na capacidade que devemos ter para a real articulação com o próprio contexto em que a pesquisa se realiza e a consideração às condições sociais de produção dos discursos e das interações. (Nunes e Kramer, 2011, p. 29).

A proposta deste trabalho é utilizar a experiência dos professores, sujeitos da pesquisa, em sala de aula, coletando e analisando dados a partir do relato de suas experiências docentes, identificando as dificuldades encontradas em seus primeiros contatos com as turmas enquanto regentes, os principais mecanismos de apoio com os quais puderam contar para transpor as dificuldades, o impacto de suas formações iniciais em suas práticas e de possíveis formações continuadas ocorridas ao longo de seus percursos profissionais, além de levantar possíveis propostas de mudanças que venham a ser sugeridas para os cursos de licenciatura.

4.1- Os Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa, num total de dez professores, sendo cinco de Matemática, quatro de Física e um de Química, foram convidados e manifestaram seu aceite através da assinatura do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) que se encontra no Apêndice I deste trabalho. Além disso, apresentaram termo de anuência institucional, Apêndice II, devidamente assinado por suas respectivas instituições de atuação profissional, concordando com sua participação na pesquisa. Vale ressaltar que, dentre os dez sujeitos da pesquisa, três não estavam exercendo o magistério no momento da realização da entrevista, portanto, não tiveram como apresentar o termo de anuência institucional citado acima.

Na apresentação dos dados, as identidades dos professores foram preservadas de modo que cada um foi identificado a partir de um código que os distingue entre si. Desta forma os professores, sujeitos da pesquisa, foram identificados como: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10.

Mas por que estes sujeitos? Acreditamos que devido à boa relação professor aluno, estabelecida entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, ao longo dos três anos de convívio no Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, estes sujeitos se sentiram à vontade para externar seus conhecimentos práticos, superando as dificuldades apontadas por Lüdke (2011). Segundo a autora, os professores têm dificuldades de explicitar seus conhecimentos práticos a membros externos à instituição.

Encontramos nos sujeitos da pesquisa uma diversidade em relação a suas atuações profissionais, ou seja, alguns atuam a serviço da educação pública e outros a

serviço da educação privada. Há uma variedade também quanto aos níveis de atuação, Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Fundamental e Médio.

Quanto às instituições de formação superior, cursos de licenciatura e pós-graduações realizados pelos sujeitos da pesquisa, encontramos universidades públicas e privadas. Além disto, podemos destacar a diversidade de idades dos professores pesquisados, bem como dos seus tempos de atuação no magistério.

4.2 – A origem dos Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram alunos do pesquisador quando frequentaram o Curso Técnico em Eletrotécnica na Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek (ETEJK). A escola foi criada pelo Decreto 2755 de 17 de outubro de 1975, sendo fruto de um programa conjunto entre o Ministério da Educação e do BIRD (Banco Mundial).

Construída a partir de um projeto arquitetônico singular e acolhedor do arquiteto Luiz Paulo Conde, a inauguração aconteceu em 13 de março de 1980 porém, inicialmente eram ministradas somente disciplinas profissionalizantes. No ano de 1990, após passar por uma reestruturação curricular; com matrizes próprias, novo regimento, aumento dos corpos docente e discente; a ETEJK se enquadrou definitivamente nos aspectos característicos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Em 1996, por Decreto do então Governador Marcelo Alencar, a ETEJK desliga-se da Secretaria Estadual de Educação, passando à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, diretamente subordinada à FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica), situação na qual permanece até os dias atuais.

É neste último recorte temporal que os sujeitos da pesquisa passaram como discentes pela instituição, ou seja, realizaram o Curso Técnico em Eletrotécnica a partir de 1996, com a ETEJK já pertencente à rede FAETEC. Acrescentamos ainda que nove realizaram o curso na modalidade Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Integrado e um na modalidade Educação Profissional Técnica de Nível Médio/ Subsequente.

A ETEJK está localizada na cidade do Rio de Janeiro, no bairro Jardim América e conta em 2025 com 644 alunos, oriundos, em sua grande maioria, dos bairros da região da Leopoldina e de algumas cidades da Baixada Fluminense, vizinhas do bairro Jardim América.

O Projeto Político Pedagógico de 2023 assim descreve as ações da ETEJK:

> Sua ação educativa está fundamentada nos princípios de universalização de igualdade de acesso, permanência e aprendizagem, da obrigatoriedade da Educação Básica e da gratuidade escolar, oportunizando o Ensino Médio Técnico Integrado aos cursos de Administração, Análises Clínicas, Eletrotécnica,

> Informática, Hospedagem, além dos Subsequentes ao Ensino Médio em Administração, Eletrotécnica, Agenciamento de Viagem, Guia de Turismo e Hospedagem, além do Curso Técnico em Administração na modalidade EAD. (ETEJK, 2023, p. 6).

Em relação à citação anterior, acrescentamos que a modalidade Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Integrado é oferecida na ETEJK desde 1990, enquanto a modalidade Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Subsequente passou a ser oferecida somente a partir de 2009.

Os cursos técnicos oferecidos pela ETEJK estão em sintonia com as demandas do mercado do Estado do Rio de Janeiro e estruturados conforme descrito na citação acima, em duas modalidades de Educação Profissional: Educação Profissional Técnica Subsequente ao Ensino Médio e Educação Profissional Técnica Integrada ao Ensino Médio.

4.3 – Sobre o Curso Técnico em Eletrotécnica

A profissão de Técnico Industrial e Técnico Agrícola de nível médio foi criada no Brasil pela Lei n^0 5524 de 1968 e regulamentada pelo Decreto 90922 de 1985. À época estes cursos ficaram vinculados ao Sistema CONFEA/CREA, juntando-se a centenas de outras profissões.

Após várias décadas de intensos debates, os Técnicos Industriais decidiram criar um conselho próprio e com a sanção presidencial da Lei n^0 13639 de 2018, com base na Lei n^0 5524 de 1968 e no Decreto n^0 90922 de 1985, surge o atual CFT (Conselho Federal dos Técnicos Industriais) que passou a agregar os profissionais deste segmento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n^0 9394, de 28 de dezembro de 1996, foi quem definiu os atuais moldes de atuação da Educação Profissional Técnica de Nível Médio que, com vistas a atender o preceito constitucional previsto no inciso XXIV do artigo 22 da Constituição Federal, definiu-a como “integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.” (BRASIL, 1996, p. 15)

Ao longo de quase vinte e sete anos de sua criação, a LDB sofreu uma série de alterações, destacando-se como mais significativa para a educação profissional a Lei n^0 11741, de 16 de julho de 2008. Na mesma data, a Portaria MEC n^0 870 institui o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), sendo a atualização mais recente realizada pela Resolução CNE/CEB n^0 2, de 15 de dezembro de 2020. O CNCT está organizado em treze eixos tecnológicos e, segundo Souza *et al* (2022), estes eixos tecnológicos podem ser compreendidos como conjuntos organizados e sistematizados

de conhecimentos, competências e habilidades de diferentes ordens (políticas, científicas, éticas, estéticas, jurídicas, econômicas etc.). Ainda segundo os autores, estes eixos congregam um grupo de cursos, indicando a carga horária mínima, o perfil profissional de conclusão, infraestrutura mínima requerida, campo de atuação e a ocupação associada ao Código Brasileiro de Ocupações (CBO).

O Curso Técnico em Eletrotécnica, viés deste trabalho, pertence ao Eixo Tecnológico Controle e Processos Industriais, cujo perfil profissional de conclusão foi definido pelo CNCT como:

> - Planejar, controlar e executar a instalação e a manutenção de sistemas e instalações elétricas industriais, prediais e residenciais, considerando as normas, os padrões e os requisitos técnicos de qualidade, saúde e segurança e de meio ambiente.
> - Elaborar e desenvolver projetos de instalações elétricas industriais, prediais e residenciais, sistemas de acionamentos elétricos e de automação industrial e de infraestrutura para sistemas de telecomunicações em edificações.
> - Aplicar medidas para o uso eficiente da energia elétrica e de fontes energéticas alternativas.
> - Elaborar e desenvolver programação e parametrização de sistemas de acionamentos eletrônicos industriais.
> - Planejar e executar instalação e manutenção de sistemas de aterramento e de descargas atmosféricas em edificações residenciais, comerciais e industriais.
> - Reconhecer tecnologias inovadoras presentes no segmento visando a atender às transformações digitais na sociedade. (Brasil, 2020, p. 101).

Ainda segundo o CNCT, para o desenvolvimento profissional de um Técnico em Eletrotécnica, são necessários os seguintes conhecimentos:

> - Conhecimentos e saberes relacionados aos processos de planejamento e implementação de sistemas elétricos de modo a assegurar a saúde e a segurança dos trabalhadores e dos usuários.
> - Conhecimentos e saberes relacionados à sustentabilidade do processo produtivo, às técnicas e aos processos de produção, às normas técnicas, à liderança de equipes, à solução de problemas técnicos e trabalhistas e à gestão de conflitos. (Brasil, 2020, p. 101).

Os seguintes campos de atuação para o Técnico em Eletrotécnica são apontados no CNCT:

> - Empresas de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, que atuam na instalação, manutenção, comercialização e utilização de equipamentos e sistemas elétricos.
> - Grupos de pesquisa que desenvolvam projetos na área de sistemas elétricos.
> - Laboratórios de controle de qualidade, calibração e manutenção Indústrias de fabricação de máquinas, componentes e equipamentos elétricos.
> - Concessionárias e prestadores de serviços de telecomunicações. (Brasil, 2020, p. 102).

O curso se alinha com as seguintes ocupações do CBO:

- 3131-05 - Eletrotécnico.
- 3131-10 - Eletrotécnico (produção de energia).
- 3131-15 - Eletrotécnico na Fabricação, Montagem e Instalação de Máquinas e Equipamentos.
- 3131-20 - Técnico de Manutenção Elétrica.
- 3131-25 - Técnico de Manutenção Elétrica de Máquina.
- 3131-30 - Técnico Eletricista.
- 3187-05 - Desenhista Projetista de Eletricidade.
(Brasil, 2020, p. 102).

A ETEJK oferece o Curso Técnico em Eletrotécnica em atenção à legislação vigente, citada anteriormente, alinhada com a evolução tecnológica, buscando sempre adequar suas matrizes curriculares, conteúdos programáticos e modernizar seus laboratórios, geralmente através de verbas de fomento oriundas de projetos FAPERJ, com vistas a atender às demandas do mercado.

Esta foi a realidade de formação recebida pelos sujeitos da pesquisa durante sua estada na Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek, enquanto alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Integrado ou Subsequente.

4.4 – Instrumentos de Coleta de Dados

A abordagem metodológica desta tese, por ser de cunho qualitativo, da forma estudo de caso, requer a coleta de informações e posterior análise de dados, portanto foram utilizadas técnicas de coleta de informações e evidências durante a realização deste trabalho de pesquisa. Para Castro (2009), as informações coletadas ao longo da pesquisa transformam-se em dados depois de tratadas, nas formas de registro e no tratamento empregado nos dados para análise.

Utilizamos como fonte de informação a realização de entrevistas semiestruturadas individuais com os dez participantes da pesquisa. O modelo com a estrutura das perguntas que foram realizadas encontra-se no Apêndice III deste trabalho. Estas entrevistas foram operacionalizadas e tiveram seus conteúdos gravados com a utilização da plataforma MS Teams. Posteriormente, com a utilização do *Software Reshape*, estas gravações foram transcritas para texto e separadas por turno de fala (Apêndice IV), onde a participação dos sujeitos da pesquisa e do pesquisador pode ser identificada. Vale ressaltar que as entrevistas foram transcritas na íntegra pois, conforme nos aponta Duarte (2004), quando se pretende fazer análise de discurso as edições não devem ser realizadas. Estes fatos e o fato de os sujeitos terem sido alunos do curso técnico em eletrotécnica reafirmam nossa pesquisa como um estudo de caso.

Ressaltamos aqui a realização de uma entrevista individual semiestruturada com os sujeitos da pesquisa, a qual, segundo Martins (2008), deve ser realizada com base

nas suposições e conjecturas do pesquisador. Estas entrevistas semiestruturadas permitem levantar percepções, motivações e atitudes dos entrevistados em relação ao objeto da pesquisa. Duarte (2004) afirma que entrevistas são fundamentais quando se deseja mapear práticas, crenças e valores de universos sociais específicos, bem delimitados, onde os conflitos e contradições não estejam bem explicitados. Para o autor:

> ...tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior de grupos sociais dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo lugar. (Duarte, 2004, p. 219).

Não foram utilizadas imagens dos sujeitos da pesquisa ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Para Pádua (1997), as entrevistas são uma técnica muito eficiente para obtenção de dados importantes, referentes ao comportamento humano, permitindo uma análise qualitativa a partir, por exemplo, da técnica da análise de discurso, a qual utilizaremos neste trabalho.

Yin (2001) aponta que as entrevistas são as mais importantes fontes de informação para os estudos de caso, porém esclarece que as questões devem ser cuidadosamente formuladas, de forma que o entrevistador pareça ingênuo acerca do tema pesquisado, permitindo que o respondente faça comentários novos sobre ele, ou seja, atendendo ao sentido corroborativo da entrevista. Para o autor, o pesquisador deve estimular os participantes da pesquisa a apresentarem suas próprias interpretações sobre os acontecimentos pois, desta forma, se aproximarão mais do papel de informantes, afastando-se da condição de meros respondentes.

Para Duarte (2004), as entrevistas semiestruturadas propiciam situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de maneira a provocar um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa, sendo simultaneamente significativo no contexto pesquisado e academicamente relevante. O discurso propiciado foi ao encontro das teorias de Freire e Bakhtin, descritas no capítulo três deste trabalho, possibilitando a coleta das histórias de vida e experiências dos entrevistados a fim de subsidiar a análise de dados.

Duarte (2004) aponta que:

> ao mesmo tempo em que coleta informações, o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores, a história e as marcas que constituem o grupo social ao qual pertence, as tradições de sua comunidade e de seu povo. (Duarte, 2004, p. 220).

Cabe ressaltar que as entrevistas partiram do roteiro apresentado no Apêndice III deste trabalho, porém novas questões surgiram ao longo de sua realização, permitindo maior flexibilidade nas confirmações e aprofundamento das informações levantadas durante o diálogo com os entrevistados. Essa dinâmica tornou o trabalho menos engessado, possibilitando uma conversa mais fluida e proveitosa, deixando os sujeitos da pesquisa mais confortáveis no decorrer das entrevistas.

Ou seja, ao fomentarmos o diálogo os com professores pesquisados, além de obtermos rica matéria prima para nossa pesquisa, oportunizamos a estes refletir sobre suas próprias vidas, formações acadêmicas e carreiras docentes, questões das quais talvez não se detivessem em outras situações.

4.5 – Análise do Discurso

A análise do discurso é um campo de pesquisa formado por abordagens múltiplas, quase todas de cunho qualitativo, ocupando-se das relações existentes entre o uso da língua e o mundo social. Este campo de pesquisa considera que a língua não é um sistema abstrato ou simplesmente linguístico, sem conexões, repetível e sem sentido, mas sim um objeto articulado com o contexto sócio-histórico e cultural de uso.

Existem linhas distintas de abordagem da análise do discurso, por exemplo, Análise Crítica do Discurso, Análise do Discurso Foucaultiana, Análise Dialógica do Discurso e etc., porém, embora possuam significativas diferenças de cunho teórico e metodológico, estas diversas abordagens, ao tomarem o discurso como objeto de análise, rejeitam a concepção estruturalista da linguagem, a qual, segundo elas, não pode ser considerada somente como um sistema de signos ou um meio neutro de refletir e discutir o mundo (Oliveira *et al*, 2022). No Brasil, em especial, dentre as diversas abordagens destacadas acima, tem se consolidado a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, sob a denominação Análise Dialógica do Discurso. Pereira e Oliveira (2022), após intensa pesquisa nos bancos de dados brasileiros, apontaram que a Análise Dialógica do Discurso é uma cunhagem brasileira, ou seja, uma resposta (segundo os termos bakhtinianos) dos pesquisadores brasileiros aos escritos do Círculo de Bakhtin.

Oliveira *et al* (2022) destacam que nas múltiplas formas de se fazer análise do discurso, mesmo considerando que cada linha contenha suas próprias regras internas (fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas), o funcionamento interno é influenciado pelas condições de produção, incluindo o contexto histórico, social e ideológico. Para os autores:

> O conceito base mantido pelo desenvolvimento das análises dos discursos comunga a ideia de se tratar de um método de pesquisa apropriado para refletir sobre a língua falada ou escrita em relação ao

> contexto sócio-histórico e cultural de uso. Assim busca principalmente a compreensão dos modos nos quais o usuário da língua aciona as estruturas linguísticas, o léxico, os campos semânticos, os parâmetros paradigmáticos dentro das produções com a intenção de produzir as relações dialógicas, ou seja, de utilizar a língua para a finalidade de comunicar. (Oliveira *et al*, 2022, p. 42 e 43).

Entendemos que a prática docente dos sujeitos desta pesquisa é uma prática social, ou seja, é preciso levar em conta suas condições sociais de produção. Portanto, a necessidade de compreendermos melhor a história de vida destes sujeitos, suas crenças, seus valores, suas aspirações, influências e atitudes, orientou nossa escolha para a utilização da análise do discurso durante a etapa de análise de dados desta tese.

Este enfoque interpretativo, de cunho social, pressupondo intensa interação entre o pesquisador, sujeitos da pesquisa e objeto pesquisado, discursos dos sujeitos, nos remete à análise do discurso na linha bakhtiniana, chamada também Análise Dialógica do Discurso, a qual considera que não há possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz. As análises realizadas a partir da Análise Dialógica do Discurso devem fazer a leitura dos textos com foco na posição discursiva dos sujeitos, legitimada socialmente pela tríade social-histórica-ideológica, a fim de produzir sentidos. Entendemos ainda que tal referencial converge com a perspectiva sociocultural e dialógica já apresentada no capítulo 3.

O Círculo de Bakhtin não propôs uma teoria da análise do discurso, porém contribuiu de forma significativa para os estudos da linguagem. Brillinger (2019) destaca que no Círculo de Bakhtin não foram definidas categorias diante de uma objetividade calculável, mas sim direções provisórias, sugestivas, interpretativas e preliminares que possibilitam uma visão interpretativa do objeto analisado. Catarino (2013), corroborando, acrescenta que este é um ponto importante a ser destacado sobre as análises baseadas no princípio dialógico de Bakhtin, qual seja, não há categorias a priori que devam ser aplicadas de forma mecânica a textos e discursos com o objetivo de compreender formas de construção de sentido. Para a autora: "*É preciso deixar que os discursos revelem sua produção de sentido e suas especificidades, sempre a partir do ponto de vista dialógico"* (Catarino, 2013, p. 86).

Bakhtin (2006) nos traz um novo olhar para os estudos voltados à linguagem, ou seja, um novo olhar para o discurso pois, segundo o autor, o discurso é por natureza dialógico e, por isto, estas relações carecem ser estudadas por uma nova filosofia da linguagem, denominada por ele como Metalinguística. Segundo Brillinger (2019), este novo olhar propõe um novo método de análise de dados da linguagem, o método sociológico, que permite que os caminhos teórico, metodológico e analítico participem da análise da articulação construtiva da linguagem.

Bakhtin estabelece esta base ideológica da língua a partir de suas críticas ao objetivismo abstrato, representado principalmente pela obra de Saussure, que não considerava as questões sócio-históricas; e ao subjetivismo idealista, representado especialmente pela obra de Humboldt, que engajado na metafísica kantiana, teorizava a formação da palavra dentro dos limites do organismo biológico.

Para Oliveira *et al* (2022), na acepção de Bakhtin, a língua é social, mutável, heterogênea, ideológica, portanto construída por meio das relações interpessoais, pois:

> Na verdade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou inclinada de um sentido ideológico ou vivencial. (Bakhtin, 2006, p. 95, grifos do autor).

No mesmo sentido, Catarino (2013) ressalta que toda palavra, todo enunciado, todo discurso ou todo texto não podem ser encarados exclusivamente pelo viés da língua (sistema de signos), mas também e principalmente na perspectiva da vida concreta, no contexto de sua produção. Para a autora, os elementos puramente linguísticos formam apenas uma parte do enunciado, que só tem sua completude alcançada a partir das situações extraverbais, as quais, segundo os estudos de Bakhtin, se tornam um fecundo caminho para a compreensão da inserção social dos textos. Para a autora:

> Esse entendimento da linguagem e a possibilidade de estudá-la a partir de sua historicidade, levando em conta os sujeitos e o contexto social que a permeia provocaram mudanças profundas que geraram saltos qualitativos. A nova proposta permite o conhecimento das relações e das interações sociais, e do próprio ser humano e sua inserção na história e na cultura. (Catarino, 2013, p. 85).

Nossa análise de dados foi desenvolvida à luz da Análise Dialógica do Discurso, considerando a ordem metodológica proposta por Bakhtin (2006). Para o autor, ao analisarmos objetos linguísticos e discursivos, devemos examinar:

> 1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
> 2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
> 3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (Bakhtin, 2006, p. 126).

Para Oliveira et al (2019), a evolução real da língua segue a mesma ordem de estudo apresentada acima, pois, inicialmente, evoluem as relações sociais (em função das infraestruturas), em segundo plano, a comunicação e a interação verbal (em função das relações sociais), o que leva em terceiro plano à evolução das formas dos atos de fala, e, finalmente, esse processo reflete-se na mudança das formas da língua.

A fim de potencializarmos nossa análise de dados numa perspectiva dialógica e sociocultural, apoiamo-nos nas ideias de Freire e Bakhtin, nas quais a natureza da linguagem se apresenta como ponto fulcral. Este suporte nos permitiu observar, no decorrer dos enunciados dos sujeitos, uma heterogeneidade discursa a partir dos narradores, narrativas, formas de narração e temas. Ressaltamos ainda que os dois teóricos tomam a palavra como forma de luta e posicionamento político-social.

A observação dos enunciados dos sujeitos da pesquisa nos sustentou durante o processo de análise de dados pois, conforme afirma Bakhtin (1997), o enunciado é composto pelo verbal e pelo extraverbal (silêncios, gestos e expressões), servindo como elo de uma cadeia complexamente organizada de outros enunciados. Portanto, não há enunciado isolado, pois todo enunciado pressupõe todos aqueles que o antecederam e todos aqueles que o sucederão.

O conceito de Cronotopo de Bakhtin também foi considerado para efeito de análise de dados, o qual representa o tempo e o espaço em que os enunciados dos sujeitos foram produzidos e, finalizando, consideramos em nossas análises os contextos mais subjetivos, “valoração” para Bakhtin, conceito que representa a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.

5 Análise de Dados

Para Gil (2009), nos estudos de caso, a análise e a interpretação dos dados é um processo que se dá simultaneamente com a coleta, iniciando com as primeiras entrevistas, observações, leituras etc. Segundo o autor, ao longo do processo o pesquisador tem a oportunidade de refletir sobre e refinar sua pesquisa. Pádua (1997) ressalta que na análise de dados dos estudos de caso não podemos falar de um esquema rígido de análise e interpretação de dados. Para Yin (2001), a análise de dados de um estudo de caso depende muito do rigor e do estilo de pensar do pesquisador, além da suficiente apresentação de evidências e da análise cuidadosa das interpretações alternativas. As evidências, segundo o autor, devem ser tratadas de forma justa, a fim de produzirem conclusões analíticas irrefutáveis, eliminando interpretações alternativas.

De acordo com Lüdke e André (1986), durante a tarefa de análise de dados, em um primeiro momento, é preciso organizar todo o material coletado, dividindo-o em partes a fim de relacioná-las, identificando nestas partes padrões relevantes. Corroborando, Duarte (2004) aponta que os dados são sempre resultado de uma ordenação do material coletado, passando pela interpretação dos fragmentos dos discursos e pelo cruzamento deste material com os referenciais teóricos/conceituais que orientam o olhar do pesquisador.

Durante o processo de análise de dados utilizamos, simultaneamente, as ideias de Freire e Bakhtin o que nos permitiu um enfoque crítico e dialógico a fim de identificarmos as múltiplas vozes e perspectivas presentes nos discursos dos sujeitos. Apoiados nos conceitos bakhtinianos, utilizamos a análise do discurso ou, como é mais conhecida no Brasil, Análise Dialógica do Discurso. Para Castro (2009), a ênfase nas características dialógicas do discurso, na sua dimensão sócio-histórico-cultural, é o aspecto essencial da obra de Bakhtin, quando pensamos em Educação. Em nossas análises entendemos as respostas dos pesquisados como enunciados. “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 1997, p.271). Além disso, o enunciado é composto pelo verbal e pelo extraverbal – silêncio, gestos e expressões.

O material coletado, obtido a partir da realização de vinte e cinco perguntas (Apêndice III) durante as entrevistas semiestruturadas, foi devidamente organizado, interpretado e dividido em partes, a fim de viabilizar o processo de análise. A partir do olhar do pesquisador, foram identificados padrões relevantes, bem como o cruzamento do material coletado com os referenciais teóricos desta tese, levando à divisão deste material em dezesseis partes, apresentadas a seguir:

5.1 – Apresentação dos Sujeitos da Pesquisa

No início da entrevista semiestruturada os sujeitos da pesquisa foram convidados a se apresentar, informando suas idades, gênero com o qual se identificam, curso de licenciatura realizado, instituição onde se graduaram, ano de conclusão da graduação e o tempo em que atuam ou atuaram no efetivo exercício do magistério.

A tabela 1 mostrada abaixo compila os dados das informações levantadas.

Tabela 1 – Dados de idade, licenciatura realizada, ano de conclusão, tempo de magistério e instituição de formação inicial dos sujeitos da pesquisa

Professor	Idade	Gênero	Licenciatura	Instituição	Ano de Conclusão	Tempo de Magistério
P1	33	Masculino	Física	Pública	2019	6
P2	37	Masculino	Matemática	Pública	2010	6
P3	40	Masculino	Matemática	Privada	2010	20
P4	38	Masculino	Física	Pública	2008	14
P5	33	Masculino	Matemática	Privada	2015	5
P6	27	Masculino	Matemática	Privada	2022	3
P7	36	Masculino	Química	Pública	2013	6
P8	36	Masculino	Física	Pública	2012	14
P9	36	Masculino	Matemática	Privada	2008	13
P10	36	Feminino	Física	Pública	2009	12

Fonte: O autor, a partir das entrevistas semiestruturadas, 2023.

Quanto ao gênero dos sujeitos da pesquisa, observa-se na tabela 1 que nove dos entrevistados pertencem ao gênero masculino e somente uma, P10, pertence ao gênero feminino. Esta predominância do gênero masculino nas carreiras docentes destinadas ao ensino das ciências, especificamente Física, Matemática e Química, vai ao encontro da visão de Jamal e Guerra (2021), na qual o ensino de ciências está voltado à aprendizagem de conceitos físicos, desconectados das questões sociopolíticas da modernidade como, por exemplo, a participação das mulheres na construção da ciência, o que pode influenciar na escolha profissional docente. As autoras defendem um ensino de ciências com um viés mais politizado, trabalhando as relações entre ciência e patriarcado, com vistas a destacar e aumentar a participação do gênero feminino na construção do conhecimento científico. Castro *et al* (2003) acrescentam que as questões de gênero estão ligadas a fatores estruturais, culturais e

simbólicos, que afetam o acesso e a permanência das mulheres e de outros grupos minoritários em posições de destaque e/ou de gestão nas organizações.

Silva e Cruz (2017) destacam em sua obra que, tanto a sociedade quanto o Estado, estão impregnados pela ideologia do sistema patriarcal, onde a classe dominante é quem exerce o poder, com base nos seus princípios de conduta e aceitação, onde predominantemente exercem essa ordem homens, brancos e heterossexuais. Pois, para os autores:

> A divisão social do trabalho em um modelo de sociedade permeado por valores e por uma hierarquização que promove desigualdades entre homens e mulheres faz surgir outras divisões, fragmentando ainda mais a totalidade do ser social, entre eles a divisão sexual do trabalho, caracterizada pelas desigualdades presentes entre os gêneros no processo produtivo. (Silva e Cruz, 2017, p. 8).

Quanto à origem das instituições de formação, universidades públicas ou privadas, temos um equilíbrio, seis graduados em instituições públicas e quatro graduados em instituições privadas. Um destaque deve ser dado ao fato que, dentre os quatro sujeitos que completaram seus cursos de graduação nas universidades privadas, dois iniciaram seus cursos de licenciatura em universidades públicas, migrando em seguida para universidades privadas por conta de dificuldades de conciliação de horários e greves (P3) ou de custo de passagens devido à distância de sua residência ao polo dos encontros presenciais (P6).

> Logo assim que eu entrei, eu peguei uma greve imensa. Então, a ... ficou seis meses parada. (P3, excerto [00:05:06], Apêndice IV).
> Mas eu fiquei pouco tempo lá, por causa da questão financeira. (P6, excerto [00:24:34], Apêndice IV).

Ao observarmos o tempo de exercício do magistério, em comparação com as informações relativas ao ano de conclusão dos cursos de licenciatura, podemos observar que, dentre os dez sujeitos da pesquisa, nove iniciaram suas atividades docentes antes da conclusão de seus cursos de graduação. Esta maioria relata que, convidados por escolas privadas, cursos pré-vestibulares e pré militares, assumiram turmas ainda enquanto alunos da graduação.

Por exemplo, a partir do relato dos professores P1, P3 e P6, podemos constatar esta realidade.

> Tanto eu quanto outros alunos, não eram todos, mas a grande maioria, desde que esteve na faculdade, já atuava como professor e esse foi um caso meu também. Então eu posso dizer que sem carteira assinada, eu devo ter atuado como professor por volta de uns quatro anos e com carteira assinada, dois anos. (P1, excerto [00:01:00], Apêndice IV).
> No quinto período, eu estava fazendo, aí eu precisei trancar a faculdade. Porque eu tive que **[silêncio]**. Eu tive outras propostas, eu estava trabalhando muito. Então, eu já estava dando bastante aula,

> fazendo outras coisas, porque eu não estava conseguindo encaixar o horário. (P3, excerto [00:05:26] em diante, Apêndice IV).
> Eu atuo como professor desde o meu quinto período. Antes da conclusão mesmo eu já dava aula para o oitavo e nono ano. É comum porque tem pouco profissional na área, né? (P6, excerto [00:01:12] em diante, Apêndice IV).

Vale destacar a fala do sujeito P3, que relata ter trancado o curso de licenciatura em Física no quinto período por estar com dificuldades de conciliar os horários das disciplinas de seu curso de graduação com a excessiva carga horária assumida como regente de turmas. Na expectativa ou necessidade de obter recursos financeiros o então licenciando acabou por atrasar a conclusão da sua graduação. Recorrendo aos conceitos de Bakhtin, segundo o qual o enunciado é composto pelo verbal e extraverbal – silêncios, gestos e expressões, podemos observar que este sujeito, ao pausar sua fala, demonstra sua própria estranheza quanto ao fato citado.

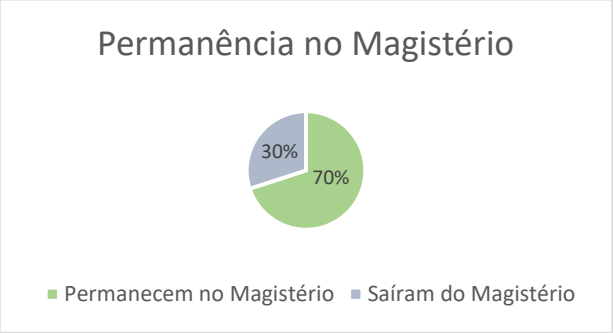
A falta de profissionais para o magistério, situação preocupante apontada por diversas pesquisas, é destacada pelo professor P6 em seus turnos de fala. Esta realidade tem levado as escolas, principalmente as privadas, a captar os licenciandos para assumir como professores regentes, ainda durante o curso de sua formação inicial.

Catarino (2013) destaca, a partir de relatos do sujeito de sua pesquisa, a importância dos licenciandos construírem seus saberes durante a etapa de formação inicial, pois esta formação interfere na identidade e na prática dos futuros professores. Para a autora, a inserção dos licenciandos em sala de aula, antes da conclusão de seus respectivos cursos de graduação, impede que estes utilizem estratégias de cunho construtivista (Queiroz e Lima, 2007), consideradas nos dias de hoje como essenciais para os processos de ensino e de aprendizagem. Este ingresso dos licenciandos em sala de aula antes da conclusão de seus cursos de graduação acaba por levá-los a replicar práticas de seus ex-professores do Ensino Médio onde, geralmente, predominam aulas tradicionais do tipo expositivas. E, conforme já destacado neste trabalho, esta imitação acrítica é apontada como uma das causas de insucesso do trabalho docente.

A partir dos discursos dos sujeitos da pesquisa, pôde-se observar que alguns deixaram a carreira do magistério, ingressando em outras atividades laborais.

O gráfico 1 abaixo resume as informações quanto a permanência, ou não, no magistério.

Gráfico 1: Dados de permanência no magistério.



Fonte: O autor, a partir das entrevistas semiestruturadas, 2023.

Dentre os dez sujeitos da pesquisa que participaram da entrevista semiestruturada, três deixaram o magistério após alguns anos de regência. Um deles (P1) relata que pretende voltar assim que concluir o curso de Teologia, razão pela qual se ausentou temporariamente das salas de aula porém, os outros dois (P2 e P8) não manifestaram o desejo de retorno. O sujeito P2 demonstrou sua insatisfação com as questões de carga horária excessiva e com os baixos salários, confrontando com a grande responsabilidade requerida pela atividade docente. A partir da análise do discurso deste sujeito, vide excertos abaixo, considerando o contexto em que desenvolve sua atividade profissional atual, pôde-se perceber que ele atribuiu maior responsabilidade à atividade docente do que aquela relativa à chefia de manutenção elétrica de um aeroporto da cidade do Rio de Janeiro. Segundo P2, ao terminar seu turno de trabalho ele "desliga" de suas atividades profissionais, coisa que não acontecia quando atuava como professor pois, segundo ele, os professores mesmo nas horas de folga estão sempre envolvidos com planejamentos de suas aulas, correções etc. Corroborando com as ideias de Ott (2014), segundo as quais a escola atual está efetivamente em crise por não responder às reais necessidades dos estudantes e não estar em coerência com a teoria educacional que justifique sua atuação, o professor P8 descreve sua descrença com a educação como um dos fatores que o levou a migrar para outra área, descrevendo que o atual projeto político de educação, tanto no setor privado como no público, está fadado ao fracasso. O relato, com a íntegra destes discursos, é mostrado nos turnos de fala abaixo:

> Então, eu não estou no magistério no momento porque eu estou como estudante de teologia. Estou me capacitando em outra formação e esta formação é em tempo integral. Então eu precisei deixar o magistério por algum tempo. Apesar de, se eu tivesse a oportunidade e o meu curso não fosse integral aqui, com certeza eu estaria no magistério, que é uma coisa que realmente eu gosto muito. (P1, excerto [00:01:58], Apêndice IV).
> Então, foi justamente por conta da pandemia e esse foi o principal motivo e também por questão salarial. A carga horária era muito alta. Eu hoje voltei a trabalhar como eletrotécnico, eu ganho a mesma coisa

> trabalhando bem menos e com menos responsabilidade do que como professor. (P2, excerto [00:02:02] em diante, Apêndice IV).
> Então, a minha saída do magistério tem a ver com isso, tem a ver com a vontade de ter outras experiências e tem a ver também um pouquinho com o fato de olhar a educação como um projeto que tende ao fracasso, um projeto político que tende ao fracasso e que é uma força muito difícil de combater. Então, tanto o setor privado quanto o setor público, na minha opinião, oferecem uma educação muito pouco qualificada. (P8, excerto [00:03:38] em diante, Apêndice IV).

Entendemos que esse dado é fundamental tendo em vista o atual cenário de evasão da carreira e baixíssima procura pelos cursos de licenciatura. É urgente colocar em prática ações que busquem reverter o cenário. Acreditamos, portanto, que esses dados e essas informações revelam a necessidade de modificações urgentes, tendo em vista o fato de as condições da profissão do magistério não serem atrativas.

5.2 – Formação Continuada, Cursos de Pós-Graduação Lato e/ou Stricto Sensu

No decorrer da entrevista semiestruturada, os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre os cursos de pós-graduação, Lato e/ou Stricto Sensu, que realizaram após a conclusão de seus respectivos cursos de licenciatura, incluindo o ano de conclusão e instituição onde foram realizados. As informações estão sintetizadas na tabela 2 mostrada abaixo.

Tabela 2 – Cursos de pós-graduação Lato e Stricto Sensu com instituição e ano de conclusão.

Professor	Pós Lato Sensu	Ano de Conclusão	Mestrado	Ano de Conclusão	Doutorado	Ano de Conclusão
P1	Não		Não		Não	
P2	Não		Não		Não	
P3	Ensino de Física/ Unigranrio Economia/ UCAM	2018 2020	Não		Não	
P4	Não		Não		Não	
P5	Matemática Financeira Estatística/ UNIBF	2022	Não		Não	
P6	Não		Não		Não	
P7	Não		Tecnologia Polímeros/ UFRJ	2015	Tecnologia Polímeros/ UFRJ	2019
P8	Não		Convivência Desenvolvi-mento Humano/ UNICAMP	2021	Não	
P9	Não		Não		Não	
P10	Não		Física de Partículas/ UERJ	2011	Física de Partículas/ UERJ	2016

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas semiestruturadas, 2023.

Analisando as informações da tabela 2 observa-se que somente dois sujeitos da pesquisa realizaram cursos de pós-graduação com foco na área de ensino, P3 realizou pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Física e P8 fez mestrado em Convivência e Desenvolvimento Humano. Cinco dos professores entrevistados, alguns formados há mais de dez anos, não realizaram nenhum tipo de curso de pós-graduação. Outra observação importante está no fato de que os dois professores pesquisados, P7 e P10, que possuem doutorado, realizaram estes cursos e consequentemente desenvolveram seus projetos de pesquisa em áreas desconexas com a área de ensino, quais sejam, Tecnologia em Polímeros e Física das Partículas.

> Fiz o mestrado e doutorado ... Na parte de polímeros, de ciência e tecnologia dos polímeros. (P7, excerto [00:02:44] em diante, Apêndice IV).
> ... o mestrado e doutorado foram em teoria quântica de campos, Física de partículas. (P10, excerto [00:44:00] em diante, Apêndice IV).

Brandão (2014), baseada em depoimentos de vários professores, aponta que estes consideram como ingrediente indispensável à boa prática docente o domínio dos conteúdos que ensinam e, portanto, *"Quando fazem cursos de aperfeiçoamento, procuram os relacionados à disciplina que ensinam; jamais os de técnicas de ensino ou pedagógicos"* (Brandão, 2014, p. 61). Segundo a autora este fato é mais um indicador da distância entre os cursos de formação e a realidade da prática dos professores.

5.3 – A Opção pela Licenciatura e Disciplina

Sendo todos os dez sujeitos da pesquisa oriundos do Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, onde a maioria dos egressos que avança para o Ensino Superior opta, tradicionalmente, pelos cursos de engenharia, os respondentes foram questionados sobre a razão pela qual escolheram os cursos de licenciatura e, mais especificamente, a razão para escolha da disciplina específica, Física, Matemática ou Química.

O sujeito P1 relatou que a vocação para o magistério foi trabalhada nele por seus pais desde a infância, em casa e na igreja, onde ele foi incentivado a ajudar no aprendizado da irmã e a dar palestras na igreja. Quanto à opção pela Física, aponta que o contato com os fenômenos físicos nas disciplinas de cunho técnico no curso de eletrotécnica, especificamente o eletromagnetismo, fizeram despertar nele o interesse pela disciplina. Outro destaque dado pelo sujeito P1 em relação à sua escolha pela licenciatura aponta para sua participação em um projeto de extensão da universidade, que colocava alunos do curso de bacharelado em Física para atuarem como professores em um curso pré-vestibular social da instituição. Vejamos o relato excerto que segue.

> ... a questão da licenciatura, do ensino, ela surgiu exatamente com a experiência profissional, porque quando eu estava na Física, lá no bacharelado, eu comecei o curso no bacharelado. Eu tive a

> oportunidade de participar de um projeto de ensino de jovens e adultos, um pré-vestibular comunitário, que a UFRJ tem, eu acho que tem até hoje lá, chama Samora Marshall, é um projeto que um professor desenvolve com alunos da comunidade e tal, bem bacana o projeto. E o meu primeiro contato dando aula para uma turma foi esse. E aí quando eu comecei a dar aula de Física para a galera, eu vi que foi uma coisa assim que eles, os alunos, curtiram, eu curti fazer, eu entendi, cara, eu nasci para fazer isso aqui. Tipo, a minha praia é essa, eu me senti bem demais ali dando aula. E foi quando eu comecei já a perceber que a minha área não era área de pesquisa, mas era realmente a área do ensino, do magistério. (P1, excerto [00:05:16], Apêndice IV).

Para P2 o gosto pela Física e Matemática também surge a partir do intenso contato com as disciplinas de cunho técnico do curso de eletrotécnica e suas aplicações práticas. A opção pela Matemática se dá pelo fato de o curso ser noturno, fato que permitiu seu ingresso no mercado de trabalho como eletrotécnico, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Quanto à opção pela carreira docente, descreve que seus pais sempre valorizaram e apontaram a educação como instrumento de mudança, atribuindo aos professores alto valor social.

> Porque o curso, de certa forma, me garantiu uma coisa que eu tinha muita dificuldade na matemática que era ter alguma aplicabilidade. (P2, excerto [00:04:53], Apêndice IV).
> E meu pai sempre apostou na educação, sempre teve o discurso de que a educação era transformadora.....Os professores lá em casa eram muito idolatrados e respeitados. (P2, excerto [00:32:24], Apêndice IV).

A mãe do sujeito P3 foi professora durante muitos anos e, segundo ele, esse fato foi decisivo na sua escolha pois foi levado desde cedo por ela para dentro das escolas onde trabalhava. Este fato permitiu a este sujeito entender a dinâmica dos ambientes escolares desde a tenra idade. O contato com as disciplinas de eletricidade do curso técnico em eletrotécnica abriu sua cabeça e, ao mesmo tempo, fomentou o gosto pelas disciplinas de Física e Matemática. A especificidade pela Matemática veio por conta da maior afinidade com a disciplina.

> A eletricidade, quando eu fiz lá com o Júlio me encantou ... Ela abriu a porta para mim para a Física e Matemática. (P3, excerto [00:07:51], Apêndice IV).
> ...porque eu cresci dentro de escola, eu cresci no ambiente escolar. A minha mãe me levava, botava a lancheirinha e me levava para a escola onde ela era diretora para estar com ela trabalhando dentro da secretaria. (P3, excerto [00:31:26], Apêndice IV).

Para P4 a opção pela licenciatura foi considerada uma alternativa mais rápida para ingresso no mercado de trabalho pois, a princípio, ele tinha dúvidas quanto a cursar bacharelado ou licenciatura em Física, porém havia a necessidade de trabalhar. Segundo ele, o curso de licenciatura não exigiu dele a realização de cursos de mestrado e doutorado, que são característicos para ingresso dos bacharéis nas carreiras de

pesquisa. Este sujeito também cita o contato com as disciplinas de cunho técnico do curso em eletrotécnica como a razão pela escolha da Física.

> E como eu precisava trabalhar, eu falei, não, vou fazer licenciatura, tentar ser professor e ver se eu consigo, né, se eu tenho uma boa visão, dessa parte dessa área. (P4, excerto [00:02:28], Apêndice IV).
> Foi o gosto mesmo pela disciplina. É, a própria formação de eletrotécnica já dá uma boa base, né? (P4, excerto [00:03:36], Apêndice IV).

O sujeito da pesquisa P5 ingressou na licenciatura em Matemática com a intenção futura de eliminar disciplinas em cursos de engenharia, que era na verdade seu verdadeiro foco, porém, ele passa a gostar da licenciatura e opta por continuar na área de educação por conta do cenário devastador que aconteceu na engenharia brasileira causado pela "Operação Lava Jato". A título de estancar os esquemas de corrupção existentes na Petrobrás, esta operação quebrou as grandes empresas de engenharia brasileiras, prejudicando toda cadeia produtiva e causando um desemprego generalizado na área. Tudo orquestrado pela elite dominante, a serviço do capital estrangeiro, interessado verdadeiramente nas reservas de petróleo do pré-sal. A Matemática surge a partir da recomendação da leitura do livro Fundamentos da Matemática, feita por um professor do curso técnico em eletrotécnica, que o presenteou com um PDF do referido livro.

> ...eu pensava, olha, eu vou fazer licenciatura em Matemática, eu vou eliminar as disciplinas de Matemática do curso de engenharia. Ao mesmo tempo eu olhava o cenário do Brasil, acho que na época, em 2015, a gente tinha passado pelo governo Dilma, Temer. (P5, excerto [00:05:48], Apêndice IV).
> Ele falou, pô, tem essa coleção aqui que é Fundamentos da Matemática Elementar. Aí eu lembro que comecei a estudar estes livros. (P5, excerto [00:08:30], Apêndice IV).

Micha *et al* (2018) corroboram com o discurso do sujeito P5, que optou pela licenciatura em Matemática como um possível caminho para o ingresso no curso de engenharia. Os autores apontam que, muitas vezes, os cursos de licenciatura são a segunda ou terceira opção, temporária, para estudantes desejosos de ingressar nos cursos de bacharelado ou engenharias, cujo acesso é mais difícil ou cujas oportunidades são menores. Ainda segundo os autores, tal fato pode contribuir para os altos e alarmantes índices de evasão dos cursos de licenciatura.

A facilidade de comunicação e articulação com as pessoas, aliada ao gosto pelos números, levou o sujeito P6 à escolha pela licenciatura. A opção pela Matemática foi pensada por conta de a disciplina apresentar maior campo de trabalho, pois está presente nas matrizes curriculares desde o sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio.

> Então, a licenciatura em Matemática, sendo bem sincero, foi uma área que eu me identifiquei porque eu sempre tive muita facilidade com números. (P6, excerto [00:03:13], Apêndice IV).
> E é melhor que você ganha três, quatro turmas a mais do que com Física. (P6, excerto [00:04:15], Apêndice IV).

O contato com a Química durante o Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, especificamente a partir do trabalho de uma professora que levava a turma para o laboratório uma vez por semana e a facilidade encontrada nos cursos pré-vestibulares, levou P7 à escolha pela disciplina. O sujeito também relata a influência de sua mãe, professora de Matemática, na escolha pela carreira docente e a facilidade de ajudar os colegas de turma na disciplina de Química.

> Teve uma professora, não lembro mais o nome...Ela disponibilizava um dia da semana, na parte da manhã. Para a parte experimental de Química no laboratório ... Eu comecei a gostar bastante. (P7, excerto [00:04:36], Apêndice IV).
> ..minha mãe é professora... Ela deu aula por muito tempo ... Então eu tive facilidade de ensinar (P7, excerto [00:04:53], Apêndice IV).

O primeiro contato do sujeito P8 com o mercado de trabalho enquanto estagiário de eletrotécnica, especificamente com alguns engenheiros, levou-o a desistir de seguir sua vida profissional cursando engenharia elétrica. Com a necessidade de trabalhar, opta pela licenciatura por oferecer cursos à noite. Ao mesmo tempo relata leituras que o inspiraram a ser professor, por exemplo, Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, além do contato com professores de cursos pré-vestibulares que, segundo P8, ministravam aulas dinâmicas. O gosto pela Física também é apontado pelo sujeito a partir do contato com as disciplinas de cunho técnico do curso de eletrotécnica. Ao contrário do sujeito P7, opta pela Física pensando em trabalhar com público de mais idade.

> Então, comecei a fazer uma pesquisa sobre os cursos disponíveis noturnos que nós tínhamos ali na altura, 2004, 2005. (P8, excerto [00:07:50], Apêndice IV).
> Um dos primeiros livros que li Pedagogia do Oprimido do Paulo Freire. (P8, excerto [00:08:13], Apêndice IV).
> Foi o seguinte, eu não me imaginava dando aula para criança. (P8, excerto [00:13:29], Apêndice IV).

O sonho de ser professor existia desde a infância do sujeito P9 porém, por influência paterna, foi obrigado a realizar o curso técnico de eletrotécnica para ter uma profissão. A opção pela Matemática também vem desde a infância e é atribuída à facilidade nata com a disciplina.

> Desde menino, com uns 13 anos, eu já tinha meio que decidido trabalhar com sala de aula. Na eletrotécnica, eu fiz mais por uma pressão paterna. É porque eu sempre tive uma aptidão com Matemática. (P9, excerto [00:05:36], Apêndice IV).

A facilidade de ensinar os colegas do curso de forma diferente, levando-os à compreensão das disciplinas, levou o sujeito P10 a escolha pela licenciatura. Mais uma

vez o gosto pela Física surge pelo contato do sujeito com as disciplinas de cunho técnico do curso de eletrotécnica, somando-se a isto a possibilidade de o sujeito conseguir matematizar os fenômenos físicos.

> Como eu tinha uma facilidade do ponto de vista de interação com os colegas, em biblioteca, para ensinar algumas partes de Física, alguns assuntos, eu comecei a gostar mais do que eu já gostava. (P10, excerto [00:02:31], Apêndice IV).
> Mas eu acho que a Física, o fato de você conseguir materializar o que você enxerga na natureza, a possibilidade de escrever o que você está vendo, não só por palavras, mas com Matemática, eu acho que essa foi a principal motivação. (P10, excerto [00:04:36], Apêndice IV).

Nos enunciados dos sujeitos da pesquisa P1, P2, P3, P4, P5, P7, P8 e P10 podemos perceber uma relação cronotópica com seus passados, quando remontam ao espaço-temporal em que foram alunos do curso técnico em eletrotécnica para explicarem a razão pela escolha da licenciatura e disciplina específica. Os sujeitos P2, P3 e P7 remontam ainda ao espaço-temporal de suas infâncias ao relatarem, permeados de questões afetivas, a influência exercida por seus pais em suas escolhas pela carreira docente. As falas destes sujeitos corroboram com as ideias de Tardif (2014), as quais apontam que a origem social do saber-fazer dos professores é patente, por exemplo, aquelas que provém da família e de suas escolas de formação.

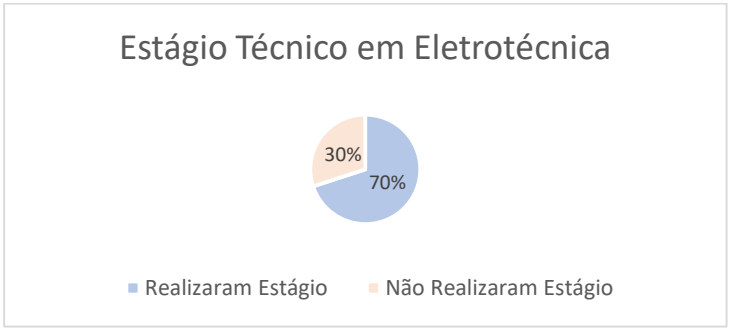
Diferente dos demais, P6 e P9 relatam que a escolha pela licenciatura em matemática foi feita levando em conta a habilidade de lidar com números, sem nenhuma referência afetiva ou espaço-temporal.

Ainda sobre este item, destacamos a escolha por cursos noturnos, apontada pelos sujeitos P2 e P8, com vistas a possibilitar que trabalhassem concomitantemente com a realização de seus cursos de graduação devido às suas condições financeiras. Este critério pode levar a escolhas equivocadas, fato que também pode contribuir com os altos índices de evasão presentes nos cursos de licenciatura.

5.4 – Experiências Profissionais Pré, Durante e Pós Magistério.

Dentre os sujeitos da pesquisa, sete deram início às suas vidas profissionais trabalhando como estagiários técnicos de eletrotécnica (P1, P2, P5, P6, P8, P9 e P10), principal porta de acesso ao mercado de trabalho para os alunos egressos do curso técnico. Outros três sujeitos (P3, P4 e P7) relataram inaptidão e insegurança para o desenvolvimento da parte prática da profissão de técnico em eletrotécnica e optaram por não realizar estágio, partindo diretamente para os cursos de licenciatura.

Gráfico 2: Dados de ingresso no mercado de trabalho como estagiários técnicos.



Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas semiestruturadas, 2023.

O sujeito P1 relatou que iniciou suas atividades profissionais como estagiário técnico em eletrotécnica em uma empresa de engenharia, projetando linhas de transmissão de energia. Não seguindo carreira na área de engenharia, optou por realizar o curso de licenciatura em Física e, ainda durante a graduação, inicia alguns trabalhos em laboratório e sua atuação docente em cursos de pré-vestibular comunitário, projetos de reforço escolar, projetos de reestruturação de laboratórios em escola, todos fomentados pela própria universidade. Sua primeira experiência oficial como professor formado se deu em uma escola privada, passando em seguida para outra escola privada na qual permaneceu até sua saída, a pedido, para realizar um curso de teologia em tempo integral. Destacamos, conforme já citado anteriormente, que o sujeito P1 iniciou suas atividades como docente antes da conclusão de seu curso de graduação.

Uma questão importante a ser destacada é a participação do sujeito P1 em projetos de extensão e pesquisa, fomentados pela própria universidade ou órgãos como a FAPERJ e CAPES. Vejamos os excertos abaixo:

> Então, uma outra experiência muito boa que eu tive foi no IFRJ de Nilópolis. Também trabalhei lá. Também um projeto chamado PIBID, que é da CAPES, né? Um projeto de iniciação à docência. Então, muito bacana também. (P1, excerto [00:09:12], Apêndice IV).
> Então, esse projeto do PIBID, eu trabalhei bastante tempo também ali no IFRJ. Ainda no PIBID, eu trabalhei também numa outra escola estadual. Lá perto de onde eu morava, no Rio de Janeiro, na Pavuna, eu agora esqueci o nome do colégio. Pessoal chamava de Batistão, né? (P1, excerto [00:11:38], Apêndice IV).
> Eu também participei de iniciação científica e eu trabalhei num laboratório de meteorologia, na verdade, micro meteorologia e modelagem da UFRJ. E eu, inclusive, cheguei a ser técnico. Depois, inicialmente, eu comecei com a bolsa de iniciação científica. E depois eu passei a ser técnico do laboratório, inclusive, através do curso de eletrotécnica que eu tinha. E eu fui bolsista da FAPERJ. (P1, excerto [01:05:28], Apêndice IV).

A partir de um dos enunciados de P1 podemos perceber, mais uma vez, sua relação cronotópica com o passado, quando retoma o espaço temporal em que foi

professor do curso pré-vestibular comunitário, permeado por questões afetivas, a fim de externar sua realização e predileção por aquela experiência profissional específica. O embargo na voz, entonação segundo Bakhtin, traz um breve instante de silêncio, demonstrando a valoração afetiva do sujeito, conforme o excerto abaixo.

> Todas as experiências que eu tive em todas as escolas foram completamente diferentes. Não teve uma igual à outra. Mas eu posso dizer que, até hoje, a mais marcante e a que eu tenho o maior carinho foi o trabalho com jovens e adultos, naquele pré-vestibular comunitário. Era um interesse tão grande em aprender, uma sede pelo aprendizado da parte dos alunos. E isso motiva demais. Então, até hoje, eu não consegui **[silêncio]** Não tive um contexto tão favorável para o magistério quanto eu tive naquele projeto. Muito bacana (P1, excerto [00:12:11], Apêndice IV).

Outra questão que podemos extrair do excerto acima refere-se ao envolvimento de P1 nos movimentos sociais que buscam incluir as minorias nos cursos de nível superior. A entonação afetiva observada demonstra que o sujeito tem consciência da importância de seu papel enquanto agente transformador em sua sociedade, carregada de desigualdades e tensões.

Ao término do Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, P2 começou a trabalhar como eletrotécnico e ingressou no curso noturno de licenciatura. Após o ingresso na graduação, ainda atuando como técnico, atuou como professor voluntário em um curso pré-vestibular comunitário aos finais de semana. No excerto abaixo podemos verificar a valoração afetiva que P2 atribui a este projeto, bem como sua consciência enquanto possível agente de transformação por uma sociedade mais justa.

> Eu já, durante o final de semana, atuei como professor voluntário em um pré-vestibular comunitário, até porque o pré-vestibular que eu fiz foi comunitário e eu queria, de certa forma, retribuir o que eu tinha recebido. (P2, excerto [00:07:17], Apêndice IV).

Após a conclusão do curso de licenciatura em Matemática, P2 ingressou como professor em um centro de integração, desenvolvendo trabalhos interdisciplinares, porém devido ao horário integral requerido pela empresa, resolve partir para trabalhar em duas escolas regulares, o que o possibilitou flexibilizar horários a fim de realizar um curso de engenharia em uma universidade pública na qual havia sido aprovado. O conflito de horários, associado às distâncias entre universidade e escolas, levaram P2 a desistir do curso de engenharia, permanecendo somente como professor nas duas escolas até sua saída do magistério e retorno ao mercado de trabalho como eletrotécnico, situação na qual permanece até os dias atuais.

> Eu fui trabalhar em duas escolas, uma na Barra da Tijuca e outra no Recreio. E aí, eu tentei cometer essa loucura de trabalhar na Barra e no Recreio e estudar em Niterói. (P2, excerto [00:09:43], Apêndice IV).

P3 é um dos sujeitos que não atuou como eletrotécnico em nenhum momento de sua vida profissional. Já na universidade foi inserido em projetos de extensão universitária, dando aulas em um programa governamental que visava acelerar a aprendizagem de jovens. Em seguida, em outro projeto, começou a dar aulas para funcionários com pouca instrução formal, da própria universidade. Ainda no quarto período de sua graduação começou a trabalhar em escolas da rede privada e assim permaneceu por alguns anos, até que trancou o curso de licenciatura e foi trabalhar como representante comercial. Retornou ao curso de licenciatura alguns anos depois e, após formado, atuou em várias escolas da rede privada e ministrou também aulas particulares. Convidado por uma grande empresa de São Paulo, largou novamente o magistério e passou a trabalhar como gerente regional até o ano de 2016 quando retorna definitivamente para o magistério, entrando na escola bilíngue internacional onde permanece trabalhando como professor de Matemática até os dias atuais.

Outro sujeito da pesquisa que não atuou no mercado de trabalho como eletrotécnico foi P4 que, após a conclusão do Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, seguiu direto para a licenciatura onde também não desenvolveu nenhuma atividade laboral até sua conclusão. Somente ao término da licenciatura em Física é que realizou concursos públicos e passou a atuar como professor na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro com duas matrículas, permanecendo nesta condição até os dias atuais.

> Durante a faculdade eu não trabalhei, meu pai sempre falava assim, não, enquanto você estiver fazendo a faculdade, eu vou tentar dar o suporte para você concluir o curso. E aí eu só fui trabalhar mesmo direto no magistério. Vamos dizer assim, eu caí de paraquedas direto na sala de aula do Estado. (P4, excerto [00:07:39], Apêndice IV).

O sujeito P5 começou a trabalhar como ajudante de seu pai em uma empresa de refrigeração. Durante o curso técnico em eletrotécnica estagiou como instalador de câmeras de segurança e, em seguida, em uma empresa de ventiladores e exaustores. Já como técnico, passou a trabalhar em uma fábrica de painéis elétricos, onde atuou por dois anos. Em seguida, passou para uma empresa de manutenção de motores onde atuou por mais um tempo e retornou para o setor de montagem de painéis elétricos passando por duas empresas. Deixando a carreira de técnico, já no curso de licenciatura em Matemática, fez estágios nas secretarias de educação da Prefeitura e do Estado do Rio de Janeiro e deu aulas em cursos preparatórios. Após formado passou dois anos desempregado e se dedicou ao estudo para a realização de concursos públicos, sendo aprovado respectivamente nas prefeituras de Teresópolis, Mesquita e Rio de Janeiro, mantendo-se trabalhando até os dias de hoje nas duas últimas prefeituras citadas.

> E após formado eu fiquei um bom período desempregado. Fiquei quase dois anos. Foi a época do Temer, quase dois anos desempregado. Aí nesse período assim, foi bem complicado porque só tinha uma coisa a fazer Carlos Henrique. Era estudar. (P5, excerto [00:20:17], Apêndice IV).

O sujeito P6 ingressou no mercado de trabalho como jovem aprendiz em uma empresa de ônibus, atuando como eletricista de autos por um ano e meio. Passou um breve período como fuzileiro naval e, após ingressar na licenciatura em Matemática, desde o quinto período, passou a trabalhar como professor em escolas da rede privada de educação. Desde estão está como regente de turmas e nos dias atuais trabalha em duas escolas e um curso preparatório.

> Eu hoje trabalho em três escolas.... Duas escolas e um curso. (P6, excerto [00:06:34], Apêndice IV).

P7 é o terceiro sujeito da pesquisa que nunca atuou como eletrotécnico. A partir de um segundo curso técnico que realizou na área de Química, começou a estagiar nos laboratórios da UFRJ, auxiliando os mestrandos e doutorandos em seus projetos de pesquisa. Foi engajado, enquanto aluno da graduação, em diversos projetos de iniciação científica com fomento de diversas empresas privadas e órgãos governamentais, atuando em várias linhas de pesquisa. Após finalizar sua graduação em bacharelado e licenciatura em Química, seguiu para o mestrado e doutorado, sempre desenvolvendo suas atividades na área acadêmica. Atuou como professor substituto na disciplina de nanotecnologia e atualmente é professor no curso técnico em Polímeros no IMA da UFRJ.

> Aí, quando eu acabei o período de estágio, a professora, ela estava na graduação também, a professora me convidou para fazer projetos de iniciação científica juntamente com ela. (P7, excerto [00:13:31], Apêndice IV).

O sujeito da pesquisa P8 iniciou suas atividades profissionais como estagiário de eletrotécnica em uma empresa de manutenção de aparelhos de refrigeração, não se adaptando à atividade, foi trabalhar como vendedor em uma loja de roupas no shopping por algum tempo. Após a saída do segundo emprego, dedicou-se integralmente por seis meses ao curso de licenciatura em Física, período em que iniciou como estagiário em uma escola da rede privada de educação, atuando nesta instituição por quatro meses. Durante o curso de licenciatura atuou em projetos de pesquisa na área de semicondutores e como monitor da disciplina de mecânica. Em seguida, realizou um processo seletivo para monitor e ingressou em um segundo colégio particular, local onde permaneceu trabalhando por quatorze anos, chegando ao cargo de diretor de uma das unidades da rede até sua saída, a pedido. Atualmente migrou para outro país onde trabalha como empresário no ramo da alimentação.

> Então, depois dessa minha segunda experiência profissional, eu fui morar com meu pai em São Cristóvão, onde fiquei dedicando-me só à faculdade e depois de seis meses mais ou menos eu consegui um estágio no colégio chamado ... onde eu fiquei três ou quatro meses nesse estágio, então eu passei na prova da monitoria do Colégio Curso ..., entrei como monitor e fiquei lá por 14 anos, até minha saída do magistério. (P8, excerto [00:21:25], Apêndice IV).

O ingresso de P9 de mercado de trabalho, como na maioria dos sujeitos da pesquisa, se deu a partir do estágio, ainda durante o último ano do curso técnico em eletrotécnica, em uma empresa de venda de materiais elétricos para condomínios, trabalhando mais especificamente com acessórios de iluminação. Em seguida passa para uma empresa de cadastro de equipamentos, onde não havia um link tão grande com sua área de formação. Decepcionado com a falta de oportunidades na área da eletrotécnica, já realizando seu curso de licenciatura em Matemática, iniciou como atendente em uma farmácia onde ascendeu, progressivamente, até o cargo de gerente. Após finalizar seu curso de graduação começou a trabalhar como professor em várias escolas da rede privada até ser aprovado em concursos públicos para as secretarias de educação do Estado e da Prefeitura do Rio de Janeiro. Por questões de incompatibilidade de horários optou e se mantém até os dias atuais como professor na Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro.

> Mas passei na Prefeitura do Rio de Janeiro logo em seguida no Estado, mas não assumi o Estado porque não consegui conciliar o horário porque minha carga horária na Prefeitura é muito grande...já se vão oito anos. (P9, excerto [00:07:17], Apêndice IV).

P10 foi estagiária de eletrotécnica em uma fábrica de fotocélulas e, logo em seguida a conclusão do curso técnico, ingressou na graduação. Durante a realização da graduação foi inserida em projetos de iniciação científica. Durante a graduação atuou como professora particular e também em uma pequena escola de bairro. Ao finalizar a licenciatura em Física ingressou no Mestrado com bolsa e passou em concurso público para a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, onde atuou como professora por três anos. Em seguida, passou em concurso público para a Rede Federal de Educação onde, com dedicação exclusiva, atua até os dias atuais.

> E só comecei com o Estado, que foi um emprego oficial de professora, já em 2011, quando eu já tinha entrado no doutorado... E aí, daí pra frente foi só mesmo dentro da escola e atualmente o CEFET. (P10, excerto [00:07:40], Apêndice IV).

Podemos observar pelos relatos acima que metade dos sujeitos da pesquisa (P1, P3, P7, P8 e P10) foram inseridos, durante a graduação, em projetos de pesquisa ou de extensão universitária. Esta inclusão dos alunos dos cursos de licenciatura em programas de extensão e pesquisa, com bolsas fornecidas pela própria universidade ou por órgãos de fomento como, por exemplo, FAPERJ e CNPQ, é apontada por Lüdke

(2011) como um dos meios para melhoria da formação e do trabalho docente. Por exemplo, o programa destacado pelo sujeito P1, PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência), incrementado pela CAPES a partir do Decreto 6755/2009, tem como objetivo à busca por alternativas que contemplem uma formação inicial articulada com os espaços de exercício profissional, ofertando aos licenciandos as habilidades e os conhecimentos imprescindíveis ao desenvolvimento da prática docente na sociedade contemporânea. O grande diferencial deste programa é a oferta de bolsas não só aos licenciandos e professores universitários, mas também aos professores das escolas públicas onde se desenvolvem as atividades dos bolsistas. Neste sentido, os professores das escolas atuam como coformadores no processo de iniciação à docência.

O viés extensionista e/ou de pesquisa observado nas falas dos cinco sujeitos da pesquisa citados está alinhado com o Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Brasil, 2015) e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores do Magistério para a Educação Escolar Básica (Brasil, 2024), documentos que apontam para a necessidade de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esta perspectiva de formação vem sendo debatida na área de pesquisa em educação e foi apontada no capítulo 2 deste trabalho.

Destaque deve ser dado ao fato que todos os projetos de pesquisa e/ou extensão citados foram realizados em universidades públicas. A nenhum dos sujeitos da pesquisa, que realizaram seus cursos de licenciatura integralmente em universidades privadas, foi oportunizada a participação em projetos com este viés. Este fato reforça a necessidade de lutarmos por universidades públicas, gratuitas e de qualidade, pois estas são os verdadeiros celeiros de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento. Além disto, é urgente cobrar das universidades privadas que implementem no percurso formativo de seus alunos programas de pesquisa e/ou extensão.

5.5 – O Choque Inicial e as Etapas Seguintes no Magistério.

Nestas perguntas da entrevista semiestruturada os sujeitos da pesquisa foram convidados a relatar suas primeiras experiências em sala de aula, descrevendo as dificuldades encontradas e possíveis apoios com os quais puderam contar para superá-las. Na sequência foram convidados a descrever também as fases que sucederam esta fase inicial, classificada por Huberman (1995) como “Choque Inicial” e que ocorre normalmente entre 1 e 3 anos de magistério.

Dentre os dez entrevistados, sete relataram ter encontrado dificuldades em suas primeiras experiências com turmas e seis dentre eles afirmaram não terem encontrado

apoio pedagógico nas instituições em que trabalharam, descrevendo a consulta informal a colegas mais experientes, consulta a parentes, replicar de práticas de ex-professores, o estabelecimento de bom relacionamento com os alunos e o estudo como as estratégias adotadas para superação destas dificuldades.

O choque dos sujeitos P1 e P3 não ocorreu, como de costume, em suas primeiras experiências como docentes, as quais relataram terem ocorrido em projetos da própria universidade, P1 iniciou em um pré-vestibular comunitário e P3 em um projeto de alfabetização de adultos para funcionários da própria universidade. O "choque inicial" descrito por Huberman (1995) aconteceu para eles em suas primeiras experiências profissionais em escola privada. Este impacto ocorreu para P1 em função do desinteresse generalizado de suas turmas, compostas por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e dos três anos do Ensino Médio e para P3 por conta do grande número de alunos por turma. Vide excertos abaixo:

> Então, foi um choque muito grande para mim a questão do desinteresse generalizado né? E você começar a ver poucos alunos realmente interessados no que você está ensinando, mesmo com todo entusiasmo, com todo recurso audiovisual que você leva, toda a iniciativa. Então eu sou do tipo de professor que eu gosto de ter um feedback positivo da turma. (P1, excerto [00:21:55], Apêndice IV).
> Quando tive a minha aula, no ...., porque o ... foi o colégio que mais me deu aquele choque inicial, porque eu tinha turmas de quase 50 alunos. (P3, excerto [00:18:32], Apêndice IV).

Para lidar com estas dificuldades P1 relatou que recorria a outros professores da escola, colegas de faculdade que já exerciam o magistério há mais tempo, professores da licenciatura que também atuavam no colégio de aplicação da universidade e aos coordenadores de curso. Já o sujeito P3 recorreu a ajuda da mãe, professora de longa data.

> Por exemplo, tinha um professor, o A. P. F. que, além de ser professor nosso na UFRJ, ele também era professor no CAP da UFRJ. Então o cara tinha aquela vivência na sala de aula que era parecido com o contexto nosso, né? Então, eram esses caras que eu trocava ideia.
> Então, no caso com os coordenadores, a questão era mais pessoal, né? Por exemplo, tive um problema com um aluno X. Ou o aluno me desrespeitou, ou o aluno está meio rebelde e tal. (P1, excerto [00:21:55], Apêndice IV).
> A minha mãe foi diretora de escola, sei lá há 40 anos. Então, ela me dava sempre muitas dicas. Olha, faz isso, faz aquilo. (P3, excerto [00:21:29], Apêndice IV).

Os sujeitos P4, P5 e P8 relataram que a maior dificuldade encontrada se remete ao fato de não terem sido devidamente preparados pela universidade para esse primeiro contato enquanto regentes de turma.

> Mas, realmente, assim, no início foi bem complicado. Porque aí durante esses primeiros anos de experiência que a gente começa a sentir dentro da sala de aula que a faculdade não prepara tão bem. Para a

> gente ingressar na sala de aula. É muita teoria, mas a parte prática a gente quase não tem. Mesmo fazendo estágios e tudo. (P4, excerto [00:11:41], dados da pesquisa)
> E assim, quanto a gente vai para a prática, para a sala de aula, a gente não vai carregando o que os teóricos dizem, a gente carrega o que a universidade nos ensina. (P5, excerto [00:30:31], Apêndice IV).
> Bem, hoje, fazendo uma análise da minha carreira, naquele momento eu tinha muito pouca ferramenta pedagógica. Muito pouca. Sabia nada. (P8, excerto [00:48:17], Apêndice IV).

Por ter iniciado sua atividade docente em uma escola pública pequena, P4 relatou não ter tido contato com outros professores de sua disciplina, bem como não havia profissionais disponíveis para suporte pedagógico. Sua estratégia de superação foi tentar adequar os conteúdos ao ritmo dos alunos, normalmente mais lento, por se tratar de um curso noturno. Corroborando com Queiroz e Lima (2007), P5 descreve que utilizou como estratégia, para vencer os obstáculos oriundos dos primeiros contatos com turmas, o replicar de práticas de outros professores, pois não pôde contar com nenhum tipo de apoio institucional. Este replicar acrítico das práticas de ex-professores é apontado pelas pesquisas como uma das causas dos problemas da educação. A escola em que P8 iniciou suas atividades ofereceu um curso, ministrado por outros professores da disciplina que lecionava, Física, porém, no espaço temporal em que se deu o ingresso deste sujeito em sala de aula, a escola ainda não contava com uma estrutura de apoio pedagógico, a qual só começou a ser incrementada a partir do ano de 2018. Como estratégia de superação P8 buscou se balizar na boa relação com seus alunos.

> Então, o chato que, como era uma escola pequena quando eu comecei. Escola noturna. Então, por exemplo, só tinha eu de professor de Física.... Mas, e a questão pedagógica, também não tinha, assim, coordenador pedagógico. (P4, excerto [00:12:56], Apêndice IV).
> Nada, nada. Zero, zero. Claro que a gente pergunta se a gente tem uma dificuldade de uma questão ou outra, mas sobre como ensinar, a gente acaba replicando Carlos Henrique, a gente replica outros professores, outros mestres e a gente acaba levando isso para a sala de aula. (P5, excerto [00:32:32], Apêndice IV).
> ...você começava como monitor, aí você passava pelo treinamento interno, que era o treinamento da disciplina que você fazia parte e esse treinamento ele era ministrado pelos próprios professores que se colocavam à disposição daquela disciplina. Não existia essa estrutura na escola que eu trabalhei inicialmente. Essa estrutura foi sendo construída depois que eu participei da construção dessa nova estrutura a partir de 2018. (P8, excertos [00:47:44] e [00:54:06], Apêndice IV).

Embora também tenham encontrado dificuldades em suas primeiras experiências enquanto regentes, os relatos de P6 e P9 divergem um pouco das falas dos demais sujeitos da pesquisa. O sujeito P6 relatou que encontrou certa resistência das turmas por conta de sua pouca idade, mais ou menos 23 anos, no momento de seu ingresso em sala de aula. O sujeito P9 apontou o interstício de quatro anos, entre a

conclusão de seu curso de licenciatura e o início da atividade docente, como o responsável pelas dificuldades encontradas, relatando, a partir de suas experiências profissionais, não ter encontrado nenhum tipo de apoio pedagógico nas escolas da rede privada por onde passou.

> A resistência pela minha idade. Acho que foi a maior dificuldade. (P6, excertos [00:09:16], Apêndice IV).
> Na verdade, eu estava muito, muito enferrujado porque eu me formei em 2008 ..... E quando eu fui voltar em 2012, foi na cara e na coragem. (P9, excertos [00:15:29], Apêndice IV).

Como estratégia de solução P6 contou com a ajuda da diretora da escola e com o apoio de outros professores de Matemática, disciplina que leciona. O apoio para P9 veio por parte da esposa e, segundo ele, a superação das dificuldades se deu a partir de muito estudo.

Dentre os três entrevistados que não apontaram dificuldades, dois foram inseridos em sala de aula em condições atípicas, P7 e P2, em trabalhos desenvolvidos, respectivamente, pela própria universidade ou por centros de integração, onde encontraram condições de trabalho e público diferenciado, fatos que mitigaram o chamado "choque inicial". Os relatos podem ser vistos nos excertos abaixo:

> Mas aí, quando eu realmente fui atuar na área, o CIEE realmente foi um dos melhores lugares onde eu já trabalhei. Mas essas dificuldades não foram tão grandes, justamente porque, nessa época, eu realmente tive apoio da instituição. (P2, excertos [00:18:48] e [00:20:42], dados da pesquisa).
> Assim, por incrível que pareça, é **engraçado**, porque quando você leciona, diferentes de amigos meus que tive contato, como meu primeiro contato foi ali dentro de uma instituição federal, então foi **engraçado**, porque não tive dificuldade nenhuma, porque os alunos queriam, estavam lá porque queriam.... (P7, excerto [00:24:27], dados da pesquisa).

O destaque à palavra "engraçado", valoração segundo Bakhtin, dado pelo sujeito P7, demonstra sua surpresa pelo fato de não ter vivenciado, pelo menos conscientemente, a situação de "choque inicial" típica dos recém-licenciados.

Em seguida, os sujeitos da pesquisa foram convidados a descrever as etapas subsequentes ao início de suas carreiras e, a partir de seus discursos, podemos comprovar algumas das fases citadas por Huberman (1995). A chamada Fase de "Estabilização ou Afirmação", que segundo o autor acontece entre 4 e 6 anos de magistério, pôde ser comprovada a partir dos relatos dos sujeitos P1, P2, P8 e P9, conforme excertos abaixo:

> E aí você começa a ser mais objetivo. Então, aí vem a fase da objetividade. Então, você passa a ser mais simples. Eu, pelo menos, senti isso. (P1, excerto [00:29:37], Apêndice IV).

> ...esses primeiros anos, três, quatro anos que eu fiquei no ...., ele era essa fase do recém ingresso no mercado de trabalho, você estava ainda com muitas crenças e felicidades sobre a educação transformadora. (P2, excerto [00:21:45], Apêndice IV).
> Bom, a partir do momento em que eu tive oportunidade, eu pensava, meu primeiro objetivo era ser reconhecido como um bom professor. (P8, excerto [00:59:22], Apêndice IV).
> Depois a gente vai meio que criando uma casca. E não só a casca do dia a dia, isso é importante também, a gente entra em sala, quando o aluno levanta a mão, eu, pelo menos, contando minha experiência, eu tinha muito medo de vir uma pergunta que eu não soubesse responder, isso me apavorava, mas com o passar do tempo, eu fui vendo que a maioria delas, pelo menos, eu conseguia atender... (P9, excerto [00:22:00], Apêndice IV).

Huberman (1995) aponta uma terceira fase da carreira de um professor, que pode ocorrer entre 7 e 25 anos de docência, chamada por ele de “Diversificação”, onde o professor parte em busca de novos desafios. Os excertos de P1, P4, P9 e P10 corroboram com as ideias do autor.

> E comecei a fazer a utilização. Foi a época que surgiu, inclusive, a questão da minha monografia. A época de você usar simulações em vez de experimentos. (P1, excerto [00:29:37], Apêndice IV).
> Só que aí, realmente, depois desse choque, eu fui sempre fazendo adaptações. (P4, excerto [00:17:56], Apêndice IV).
> Situações, por exemplo, uma determinada aula que você descobre uma maneira de fazer um aluno entender, isso até hoje eu consigo perceber e vou melhorando. (P9, excerto [00:22:00], Apêndice IV).
> ...eu comecei a tentar sair um pouco dessa precisão absurda e desse formalismo absurdo para tentar minimamente colaborar com a aprendizagem significativa dos alunos. (P10, excerto [00:16:40], Apêndice IV).

Uma quarta fase é chamada por Huberman (1995) de “Pôr-se em Questão” e nela os professores podem passar por uma ligeira sensação de rotina ou até mesmo entrar em uma crise existencial ou desencanto. Segundo o autor esta fase acontece no meio da carreira docente, ou seja, entre 15 e 25 anos de magistério. Nesta fase o professor começa a se questionar se vale a pena todo esforço empreendido em busca de novas estratégias de ensino, haja vista que, muitas das vezes, seu público não está interessado e o ambiente é hostil ao aprendizado, levando-o a contentar-se com o trivial. As falas dos sujeitos P1, P2 e P8 corroboram com o autor.

> Aí você começa a entrar em crise, né? Então, era a crise que já estava passando, estava começando a me questionar, cara, não está legal. Então, eu estava tentando, inclusive, quando eu estava já, digamos assim, nos últimos meses de trabalho, eu estava tentando resgatar aquele professor que começou, antes daquele primeiro choque, né? (P1, excerto [00:33:04], Apêndice IV).
> E aí acaba que as vezes você pensa assim, será que vale a pena realmente gastar meu tempo de lazer, meu descanso fazendo uma atividade que é legal para o resultado ser bem próximo ou praticamente idêntico a se eu não estivesse fazendo nada nesse sentido. (P2, excerto [00:24:10], Apêndice IV).

> Você olhar para você mesmo e dizer o seguinte, cara, você é muito fraco, falta muito para você, muito. E isso não é um discurso de humildade, isso é uma constatação real, um exercício real que eu precisarei fazer, de olhar para a minha profissão, que não é o ensino da Física, que não é fazer os alunos passarem no vestibular, mas que é participar da real formação dessas pessoas. (P8, excerto [00:21:45], Apêndice IV).

As demais fases descritas por Huberman (1995), quais sejam, “Serenidade”, “Conservantismo” e “Desinvestimento” não puderam ser observadas nesta pesquisa pois ocorrem, segundo o autor, em tempos de atividade docente superiores ao tempo máximo exercido (20 anos) pelos sujeitos desta pesquisa.

Ancorados no referencial teórico metodológico desta tese pôde-se identificar também, a partir da análise dos discursos dos sujeitos, que os estudos de Huberman (1995) dialogam com as ideias de Freire e Bakhtin de forma indireta, porém conceitualmente profunda. Dando ênfase aos temas centrais às ideias dos três autores, quais sejam, o sujeito, o tempo e a transformação pelas experiências vivenciadas, foi possível observar esta aproximação. Huberman, Freire e Bakhtin enxergam os sujeitos como um processo, ou seja, sempre inconclusos, que se formam na prática e na reflexão, ao longo de suas vidas/carreiras, de forma relacional e historicamente situada, o que nos permite concluir que existem aspectos comuns entre suas ideias. Para eles não existem sujeitos estáticos, mas sim sujeitos dinâmicos, construídos a partir da relação com o tempo, com os outros, com o contexto e com as experiências por eles vivenciadas, sempre de forma ética, dialógica e contínua.

Conforme já citado no levantamento de vários referenciais teóricos no início deste trabalho, vários autores apontam que, no decorrer dos cursos de licenciatura, os futuros professores deveriam ser preparados para melhor enfrentar este choque inicial que ocorre de forma tão turbulenta no início de suas carreiras e que, muitas vezes, leva ao abandono da profissão ainda nos anos iniciais. Na mesma linha de pensamento deveriam, durante sua passagem pelo curso de formação inicial, receber ferramentas adequadas a fim de transporem com êxito as demais fases características da carreira docente. Citando Santos (2017, p.163), “*O que seria importante criar para amenizar essas dificuldades encontradas no início da docência?*”

Dessa maneira, entendemos que políticas públicas de valorização do magistério e atenção aos recém-egressos, chamados “professores novatos”, é de fundamental importância para a superação de obstáculos e transformação de práticas que busquem adequação às demandas educacionais e sociais e convergência com pressupostos teóricos e metodológicos que ampliem as possibilidades de professores e professoras. Corrobora Mariano (2012) quando aponta que é preciso estabelecer elos entre a

formação inicial, o início da carreira e a formação continuada dos professores pois, segundo o autor, a única política existente é a do sobreviver sozinho.

5.6 – A Identidade Profissional do Professor

Foi solicitado aos sujeitos da pesquisa que se auto identificassem, apontando quais características atribuiriam às suas identidades profissionais e, em que medida, seus respectivos cursos de licenciatura contribuíram para a construção desta identidade profissional. Outro viés do questionamento procurou levantar junto aos entrevistados se identificavam, ao longo de suas vidas, outras etapas de construção das características que formam suas identidades profissionais. Por fim, foi perguntado aos sujeitos se procedem com a mesma identidade profissional em todas as turmas que lecionam.

O sujeito P1 se descreveu como um apaixonado pela disciplina que leciona, relatou que tenta passar o conhecimento da forma mais atrativa possível, sua abordagem é fenomenológica, ou seja, não é seu objetivo preparar o aluno para provas de vestibular, por exemplo. Utiliza como suporte softwares de simulação, com os quais consegue trabalhar a comprovação dos fenômenos físicos.

> Bom, eu sou um professor que.... apaixonado pela disciplina que eu ensino. O meu perfil de trabalho, ele é muito voltado para a questão de realmente passar o conhecimento ali para o aluno da forma, compartilhar.... De forma mais atrativa possível. A minha abordagem da Física, ela é muito mais fenomenológica do que, de fato, a prática no sentido de preparar o aluno para um vestibular, por exemplo. (P1, excerto [00:47:07], Apêndice IV).

Para ele, seu curso de licenciatura contribuiu para a construção desta identidade profissional, destacando nesta construção a participação de alguns professores do curso de licenciatura que trabalharam nesta mesma linha de experimentos de baixo custo para simulação dos fenômenos físicos.

> Eu tive matérias que foram sensacionais, assim. Um contato com professores muito bons, né? Ali na ..., você tem professores que são muito engajados nisso, né? Por exemplo, pessoal que trabalha com experimentos de baixo custo ou pessoal que trabalha mais com a parte de eletrônica. (P1, excerto [00:47:07], Apêndice IV).

Ele identificou várias outras etapas de sua vida que ajudaram a compor sua identidade profissional, citando dentre elas as aulas que ministrava na escola dominical de sua Igreja desde a adolescência e o estímulo de seus pais à leitura de textos e explicações para sua irmã mais nova durante a infância. Ainda durante a infância foi considerado como um dos três melhores alunos da classe e, por isso, lhe foi ofertado desconto nas mensalidades para que atuasse como monitor de seus colegas. Esta ajuda aos colegas se estendeu, segundo P1, ao curso pré-vestibular frequentado por ele e a algumas aulas particulares ministradas ao longo de sua vida. Nas palavras de

P1 *"É até difícil você saber quando que começa*" (P1, excerto [00:56:05], Apêndice IV). Finalizando o recorte que investigou sobre a identidade profissional, P1 relatou que tenta proceder com a mesma identidade em todas as turmas que leciona, porém são necessárias algumas adequações em função das necessidades e expectativas das turmas. Segundo ele, a partir do feedback das turmas, torna-se necessário o incremento de pequenas mudanças.

O sujeito P2 se descreveu como um professor persistente no sentido de trabalhar com seus alunos a possibilidade de aplicações práticas dos conteúdos ministrados, levando-os a refletir sobre possíveis aplicações destes conteúdos em situações mais próximas de suas realidades para que, segundo ele, em um segundo estágio, possam alcançar a abstração. Por ter nascido e crescido em comunidade carente, apontou que seus pais sempre estiveram envolvidos em movimentos sociais e estes eram compostos, majoritariamente, por professores e professoras, fato que contribuiu para a formação de sua identidade, assim como os exemplos de seus ex-professores que trabalhavam de forma diferente, segundo ele, com um certo brilho. Bakhtin nos ajuda a pensar a partir de questionamentos fundamentais "QUEM FALA? DE ONDE FALA?" que as práticas e a identidade docente não são neutras e não se constituem de forma isolada do contexto de vida desse professor. Assim, é fundamental compreender que várias vozes estão presentes em uma sala de aula e, no caso de P2, as vozes dos professores e professoras dos movimentos sociais pelos quais passou influenciaram a identidade de P2.

> Então eu acho que a minha característica seria justamente essa, de ser persistente com o aluno e querer justamente essa Matemática, mas prática e próxima da realidade. (P2, excerto [00:27:52], Apêndice IV).
> E aí muito daquele movimento de esquerda comunitário, ... era feito por professores, por professores e professoras. (P2, excerto [00:32:45], Apêndice IV).
> Sempre existiram aqueles que traziam um certo brilho e você fala assim, ah eu quero ser assim, como ele, como ela, inclusive o senhor é uma dessas inspirações.... (P2, excerto [00:34:14], Apêndice IV).

O sujeito relatou ainda que seu curso de licenciatura não contribuiu com a construção desta identidade profissional e apontou para a necessidade de certos ajustes nesta identidade a fim de possibilitar o trabalho com a diversidade de perfis das turmas.

Adepto das teorias de Paulo Freire, P3 se descreveu como um professor que busca uma aproximação com seus alunos no sentido de levantar e entender seus problemas, trazendo estes alunos, afetivamente, para perto de si. Esta aproximação se reflete, segundo ele, em suas estratégias de ensino. Apontou que sua formação inicial contribuiu para a formação desta identidade profissional, porém teceu algumas críticas às práticas empregadas por alguns professores dos cursos de licenciatura. Ainda sobre

a construção desta identidade, grande influência foi atribuída à sua mãe, professora por mais de 40 anos, que sempre o levou para dentro das escolas onde trabalhou e aos seus ex-professores do Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, dos quais observava as formas de trabalho e histórias de vida. Descreve proceder com a mesma identidade profissional em todas as turmas que leciona, apontando pequenas adaptações necessárias em função da diversidade de idades de seus alunos.

> Eu sou muito adepto a Paulo Freire. O cara ensina e ensina com coração também, com sabedoria. Então, eu consigo passar isso para eles, eu consigo traduzir isso em forma de educação, de ensino. (P3, excerto [00:28:01] e [00:30:49], Apêndice IV).
> A minha mãe me levava, botava a lancheirinha e me levava para a escola onde ela era diretora para estar com ela trabalhando dentro da secretaria. (P3, excerto [00:32:00], Apêndice IV).
> Então quando eu estudava no XX, quando eu estudava alguma coisa, ..., eu já estudava pensando em como eu iria ensinar aquilo para alguém. (P3, excerto [00:44:07], Apêndice IV).

A tranquilidade em sala de aula foi a característica atribuída por P4 à sua identidade profissional, buscando sempre o diálogo como uma estratégia para manter o bom relacionamento e a disciplina de seus alunos, demonstrando ainda uma preocupação com as questões sociais de seus alunos. Como influência na construção de sua identidade profissional, apontou os professores do Ensino Médio Técnico em Eletrotécnica, principalmente os três que ministraram Física ao longo dos três anos de curso. Este sujeito fez algumas críticas aos professores da licenciatura e relatou que sua formação inicial não contribuiu para a construção desta identidade profissional, fato relatado por outros três sujeitos da pesquisa. Apontou para a necessidade de adequações da identidade profissional em função, principalmente, da quantidade de alunos por turma, quantidade que pode variar de 8 a 12 alunos.

> É assim, eu sou tranquilo em sala de aula. Tento sempre dialogar com ... Ter uma troca com eles. (P4, excerto [00:22:36], Apêndice IV).
> Que aí, quando você vai conversar com o aluno, entender a realidade dele, você fala, caramba, como é que esse aluno está passando por tudo isso? (P4, excerto [00:25:38], Apêndice IV).
> Então eu acho que um pouquinho de cada a gente vai pegando, ..., e isso, né, acaba ficando dentro da gente mesmo, acaba moldando. (P4, excerto [00:31:04], Apêndice IV).
> Não tem como ser igualzinho, mesma identidade, porque tudo varia de acordo com os alunos, por exemplo, às vezes eu tenho turmas com trinta alunos, quarenta alunos, e às vezes tem turmas que tem oito, dez alunos. (P4, excerto [00:31:45], Apêndice IV).

Professor de linha tradicional, esta foi a definição dada pelo sujeito P5 em relação à sua identidade profissional, porém destacou o fato de diversificar suas práticas, debatendo temas da realidade com seus alunos. Aponta seu alinhamento com as ideias de Paulo Freire, trabalhando no sentido de uma formação crítica de seus alunos em relação às questões de cunho social. A depuração desta identidade

aconteceu, segundo P5, a partir de sua inserção nas salas de aula, como teoriza Tardif ao apresentar o Saber da Experiência, condição espaço-temporal em que aflorou nele este viés crítico social. Relatou que sua formação inicial também contribuiu para a construção desta identidade, pois foi durante a graduação que teve acesso aos textos do autor citado. Tenta proceder com a mesma identidade em todas as turmas que leciona, porém aponta ligeiras adaptações, necessárias em função da diversidade de público das escolas onde trabalha.

> E assim, por mais que esteja dentro, inserido no ensino tradicional, a gente sempre busca assim beber de outras fontes quando possível. Converso, falo sobre a realidade, sobre a precarização do mercado de trabalho. (P5, excerto [00:41:52], Apêndice IV).
> Dentro da universidade a gente capta muitas coisas. A gente olha mais o mundo, a gente tem acesso a, por exemplo, Paulo Freire. (P5, excerto [00:43:13], Apêndice IV).
> ... ao longo do tempo a gente vai construindo uma identidade como cidadão e a gente entende que tem outros problemas envolvidos e tal e a gente tenta trabalhar com outras questões também. (P5, excerto [00:44:59], Apêndice IV).
> Não tem como ser igual em todas, mas a minha identidade continua. (P5, excerto [00:46:07], Apêndice IV).

A rigidez e a seriedade nas questões de cumprimento de horários e frequência de seus alunos foram duas características apontadas pelo sujeito P6, quando solicitado a descrever sua identidade profissional. Para este sujeito, esta identidade foi construída desde o contato com professores do Ensino Fundamental, passando ainda por sua casa, igreja e quartel. Destacou que seu curso de licenciatura contribuiu muito pouco para a construção desta identidade. Para ele, a identidade profissional de um professor precisa ser moldada em função da diversidade de público quando comparados os Ensinos Fundamental e Médio.

> Eu tento fazer uma troca com eles, mas essa seriedade é uma característica forte em mim. Até a rigidez. (P6, excerto [00:16:06], Apêndice IV).
> E essa identidade foi formada desde a escola, até quartel, em casa, igreja, tudo isso. (P6, excerto [00:18:50], Apêndice IV).
> Eu acho que a identidade da gente é formada de verdade desde o Ensino Fundamental dois, né? (P6, excerto [00:19:55], Apêndice IV).

O sujeito P7 se definiu como um professor paciente, principalmente no trato com as questões que envolvem as diversidades de idades, formas de aprender e tempos de aprendizagem de seus alunos. Destacou o estudo e a pesquisa constante como formas para a conquista da melhoria contínua de suas práticas, levando sempre para a sala de aula inovações que surgem em sua área de conhecimento que é Polímeros. Destacou a contribuição dos professores do curso técnico em Química que realizou na construção desta identidade, bem como da influência de sua mãe professora. Seu curso de licenciatura contribuiu, segundo ele, para a construção desta identidade profissional,

porém fez críticas em relação à falta de didática de alguns professores, destacando aqueles que ministraram as disciplinas iniciais como, por exemplo, cálculo e física. Relata agir sempre com a mesma identidade profissional por trabalhar com turmas praticamente uniformes.

> Tenho muita paciência e realmente tem que ter, porque você lidar com alunos de várias idades, com dificuldades de aprendizagem, cada um tem o seu tempo de aprendizagem, formas de aprender. (P7, excerto [00:32:02], Apêndice IV).
> Na universidade, eu tive que muito correr atrás, estudar, eu mesmo estudar, correr atrás, porque às vezes o professor não passava, não dava aula direito. (P7, excerto [00:40:45], Apêndice IV).
> Fiquei meio espelhando na forma que eles tinham paciência para dar aula, tinham preocupação (P7, excerto [00:50:28], Apêndice IV).

"Investir muito tempo na gestão de conflitos". (P8, excerto [01:18:30], Apêndice IV). Essa foi uma das falas de P8 ao definir sua identidade profissional, acrescentando ser sempre paciente e aberto ao diálogo, dando valor ao conteúdo ensinado e trazendo para a realidade de seus alunos o valor real que existe no desenvolvimento cognitivo. Sendo mais um adepto das ideias de Paulo Freire, busca desenvolver em seus alunos ferramentas de combate aos elementos destrutivos da sociedade. Esta identidade profissional foi apurada ao longo do tempo, segundo ele, principalmente após o sexto ou sétimo ano de magistério, quando abandonou um pouco as questões mais voltadas aos aspectos técnicos de sua área, passando a preocupar-se mais com a formação de seus alunos enquanto cidadãos plenos. Destacou que sua formação inicial não contribuiu com a construção de sua identidade profissional e acrescentou não ser possível trabalhar com a mesma identidade em todas as turmas em que leciona por ser necessário identificar as características de cada segmento, Fundamental e Médio.

> Conseguir dar valor ao conteúdo ensinado, trazer para a realidade dos alunos o valor real que existe no desenvolvimento cognitivo. (P8, excerto [01:18:38], Apêndice IV).
> Talvez não só estudando, mas estudando é a principal maneira de se conseguir desenvolver ferramentas para se tornar um ser humano melhor que tenha funcionalidade dentro da sociedade, para que você possa contornar absurdos que acontecem dentro da construção social. (P8, excerto [01:19:15], Apêndice IV).
> E depois, no meio da minha carreira, depois de 6, 7 anos, eu comecei a me desenvolver de uma maneira mais ampla e comecei a entender os desafios que existem, os novos desafios que eles têm dentro do processo educativo. (P8, excerto [01:25:48], Apêndice IV).

Um professor mais humano, situação que foi acentuada após sua inserção como docente na escola pública e a chegada da paternidade. Esta foi a autodefinição do sujeito da pesquisa P9, quando solicitado a descrever sua identidade profissional. Seu relato apontou que esta característica foi sendo construída principalmente ao longo dos anos de magistério, levando-o de um perfil de linha dura para o atual perfil, mais humano

e menos técnico. Segundo ele, sua formação inicial contribuiu para a construção desta identidade profissional. Quando indagado sobre agir com a mesma identidade profissional em todas as turmas que leciona, informou ser impossível devido à diversidade de situações e de perfis de alunos porém, de forma incoerente com a fala de professor mais humano, relatou agir com a mesma justiça com relação a critérios de avaliação.

> ... eu era um professor bem linha dura. Mas, assim, a vida vai fazendo a gente amolecer um pouquinho o coração. Eu acho que a paternidade também, né? Acho que a Prefeitura, trabalhar naquela realidade acabou me trazendo isso. (P9, excerto [00:34:11], Apêndice IV).
> A vida muda a gente. As experiências que a gente tem, com certeza, vão modificando a gente, mesmo antes da formação. São coisas que a gente traz da nossa vivência. (P9, excerto [00:36:20], Apêndice IV).
> Então, é impossível você ser o mesmo de todos. O que eu tento fazer é agir com a mesma justiça com relação a critérios de avaliação, com a nota, enfim. (P9, excerto [00:37:25], Apêndice IV).

A professora P10 relatou possuir um viés maternal, escutando as demandas de suas turmas, sendo fluida no sentido de que cada turma, na verdade, acaba tendo um comportamento específico. Busca ensinar Física de uma forma mais realista, ou seja, útil para que seus alunos e alunas possam desenvolver suas habilidades. A construção desta identidade remonta ao Curso Técnico em Eletrotécnica que realizou, quando dava aulas e tirava dúvidas de seus colegas de classe às vésperas dos dias de provas. Segundo ela, sua formação inicial contribui para a construção de sua identidade profissional. Relatou trabalhar com a mesma identidade profissional em todas as turmas que leciona, porém destacou a relação de afeto mútuo em algumas turmas como um diferencial positivo para sua prática enquanto docente.

> Então, eu acho que, assim, nesse caso, eu acho que sou uma professora que tenta escutar muito o que a minha turma tem de demanda. E eu tento ser uma pessoa fluida no sentido de cada turma vai ter um comportamento e eu vou ter que lidar com aquilo.... Então, eu acho que eu sou a professora que quer ensinar Física, que quer ensinar Matemática, mas de uma maneira realista. (P10, excerto [00:21:27], Apêndice IV).
> Para a formação da identidade profissional, pelo que eu estou entendendo, então, acho que começa na época que eu... poderia pensar inicialmente em ajudar os colegas na biblioteca, para estudar para alguma prova. (P10, excerto [00:31:07], Apêndice IV).
> ...eu acho que sim, eu mantenho uma base comum para todos, mas tem uma parte que está associada muito a qual é a relação de afeto que eu tenho com a turma e que a turma tem comigo. (P10, excerto [00:36:44], Apêndice IV).

Os enunciados de todos os sujeitos corroboram Tardif (2014), quando o autor nos aponta que, ao analisarmos as escolhas, conhecimentos e o saber dos professores constatamos que a origem social destes itens é patente. Sobre estes itens o autor nos aponta que:

> Por exemplo, alguns deles provém da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm das universidades ou das escolas normais; outros estão ligados às instituições (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.); outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem, etc. (Tardif, 2014, p. 19).

Porém, se nos apoiarmos nas ideias de Dubar (2005), é possível identificar que os discursos dos sujeitos se limitaram a responder somente ao primeiro questionamento, ou seja, às suas autoidentificações. Nas palavras de Dubar (2005), os sujeitos da pesquisa descreveram suas identidades sociais, as quais são definidas pelo autor como um produto da interação entre a identidade para si (aspecto biográfico e pessoal) e a identidade para o outro (aspecto social e relacional). A identidade profissional é construída, segundo o autor, a partir da interação entre a identidade para si – construída a partir da história de vida, das experiências pessoais, da formação e da trajetória profissional e da identidade para o outro – atribuída pelas instituições, organizações e grupos sociais. Para o autor:

> ...as identidades sociais e profissionais típicas não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais nem produtos de estruturas ou de políticas econômicas impostas de cima, mas sim construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação. Resultados sempre precários ainda que muito fecundos de processos de socialização, essas identidades constituem formas sociais de construção de individualidades, a cada geração, em cada sociedade. (Dubar, 2005, p. 330).

Uma observação importante pode ser feita a partir da análise dos discursos dos sujeitos P2, P4, P7 e P8, ao relatarem que suas formações iniciais não contribuíram para a formação de suas identidades profissionais. Somando, P3, P4 e P7 fizeram críticas diretas aos seus cursos de licenciatura, especificamente à metodologia utilizada por alguns de seus ex-professores. Estas observações apontam para a necessidade de mudanças nos processos formativos dos professores.

É possível observar, após a análise dos discursos da maioria dos sujeitos, que suas identidades profissionais foram construídas a partir de suas relações com o outro (família, ex-professores, colegas de classe, alunos etc.) e com o meio, ou seja, alinhadas com as perspectivas socioculturais ou perspectivas freiriana e bakhtiniana, conforme nos aponta Cardoso e Gusmão (2021). Ficou latente também o fato da maioria trabalhar no sentido de uma Educação Transformadora, pautada em valores humanos, que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Utilizando o conceito de cronotopo é possível compreender que estas identidades foram construídas através de mais de um espaço-tempo de atuação (casa, escola, universidade etc.).

A postura de não fixidez em relação às identidades profissionais dos sujeitos caracteriza que suas aulas não são um gênero pronto e acabado, pois são modificadas em função das respostas do seu público.

5.7 – Teorias e Práticas Educacionais Oportunizadas Durante a Licenciatura

Buscou-se também, na condução das entrevistas, o levantamento de informações sobre o impacto que as disciplinas de cunho pedagógico, dos cursos de licenciatura, tiveram na construção dos saberes docentes dos sujeitos. Neste item, houve um relativo equilíbrio nas respostas, tendo seis sujeitos (P1, P2, P5, P6, P9 e P10) respondido que a participação nas disciplinas de cunho pedagógico contribuiu de forma considerável para a construção de seus saberes, e quatro (P3, P4, P7 e P8) relatando que não houve contribuição.

Os relatos dos sujeitos que responderam positivamente ao questionamento podem ser observados nos excertos mostrados abaixo:

> Sim, eu tive uma matéria chamada Psicologia da Educação. Foi uma matéria muito marcante nesse sentido né? Que a gente aprendeu lá, os camaradas, né? Piaget, Vygotsky... Mas honestamente, eu posso dizer para o senhor esses teóricos e tudo [silêncio]. Eu mais dialogava com as ideias não no sentido de replicar, mas no sentido de lapidar a minha própria forma. (P1, excerto [00:59:23], Apêndice IV).
>
> Assim, teve, é obvio que teve uma matéria, que era uma professora que era totalmente lá na educação, que foi Psicologia da Educação, que me fez ter outra visão na época da faculdade com relação à educação, porque, como eu te falei.... você começava a ter as matérias de licenciatura lá para o sétimo ou oitavo período, já para o final. (P2, excerto [00:41:29], Apêndice IV).
>
> Então, as teorias, sim, mas fica aqui a minha crítica da realidade, porque por mais que eu tenha acesso aos teóricos de diferentes tipos, a gente confronta essa questão da realidade da escola como ela é hoje. (P5, excerto [00:49:12], Apêndice IV).
>
> Contribuíram sim, contribuíram sim. Os teóricos da educação ... Muitas coisas que eles falam, os teóricos da educação, a gente não pode levar ao pé da letra, porque tudo depende do contexto em que você está introduzido. (P6, excerto [00:21:15], Apêndice IV).
>
> Com certeza contribuíram. Apesar de muita coisa, também, eu achar que é papo de quem nunca frequentou sala de aula, porque, às vezes, parece muito que esse tipo de coisa, eu escuto até hoje, parte do nível central, parece que nunca pisaram no chão da escola, nunca pisaram numa sala de aula, mas não dá para falar que foi tudo assim. Muita coisa, com certeza, contribuiu. (P9, excerto [00:38:32], Apêndice IV).
>
> E assim, eu confesso que essas da educação, elas não colaboraram diretamente. Eu não vejo uma questão muito prática. Eu acho que foi mais uma questão de enriquecimento e dimensionamento de algumas questões que podem ocorrer em sala.... Então, assim, eu acho que contribuíram, sim, mas contribuíram de uma maneira menos na prática do que as que vi na Física. (P10, excerto [00:42:00], Apêndice IV).

A resposta dos quatro sujeitos da pesquisa que responderam de forma negativa ao questionamento, pode ser observada nos excertos mostrados abaixo:

> Eu gostava bastante por conta dos debates que nós tínhamos em sala. Mas, não foi uma matéria importante. (P3, excerto [00:52:32], Apêndice IV).
> Olha, eu vou te falar a verdade, eu não consigo enxergar muito, assim, dessa maneira que realmente contribuiu, sabe, poque acho que foi tudo muito teórico. Eles puxam muito para a parte da teoria, né, aí a parte prática você vê que é outra realidade. (P4, excerto [00:32:42], Apêndice IV).
> Assim, infelizmente não. Eles ficavam muito na teoria e o que eles pregavam na disciplina era algo muito bonito, interessante, mas até muitos amigos meus que se formaram e foram dar aula também ou que faziam estágio em colégio, ou já davam aula também em cursinho ou em colégio particular, que era totalmente diferente do que era pregado ali na disciplina, era uma realidade totalmente diferente. (P7, excerto [00:58:07], Apêndice IV).
> Não. Mas contribuíram muito menos do que poderiam ter contribuído. Porque, na verdade, foi uma parcela muito pequena da minha formação. Eu estudei muito mais Física e Matemática do que a parte pedagógica. (P8, excerto [01:27:38], Apêndice IV).

Retomando ao espaço de suas formações, em relação cronotópica com o passado, dois sujeitos (P1 e P2) fizeram referência somente a uma disciplina de cunho pedagógico, demonstrando que outras disciplinas com o mesmo viés, que certamente fizeram parte de suas formações, não impactaram, pelo menos de forma consciente, a construção de suas práticas docentes. Nos discursos dos demais sujeitos da pesquisa (P3 a P10), podemos observar críticas em relação às disciplinas de cunho pedagógico que foram ministradas em seus cursos de licenciatura, apontando que estas estão muito distantes da realidade encontrada pelos licenciandos em sala de aula e sugerindo que sejam ministradas com um viés que possibilite maior aplicabilidade prática.

As observações acima vão ao encontro da ideia de Luckesi (2014), segundo a qual, na maior parte das vezes, as disciplinas pedagógicas que compõem os currículos dos cursos de licenciatura ficam situadas como tópicos a serem aprendidos isoladamente e não de forma diuturna como se esperaria em um curso cujo objetivo é a formação do educador. Corroboram Brito *et al* (2022, p. 155) quando afirmam que *"na área das Ciências da Natureza, os futuros professores somente parecem descobrir a formação profissional para docência ao se depararem com as disciplinas pedagógicas."*

Este modelo de formação é conhecido como 3 + 1 (três anos de formação de conteúdos próprios da disciplina, seguidos de um ano de formação em didática), conforme nos apontam Neto e Giraldo (2019), onde predomina a ideia ultrapassada de que se deve saber primeiro o conteúdo específico para, em seguida, aprender como transmiti-lo. Para os autores, os cursos de licenciatura deveriam ser permeados por questões tais como:

- Como ensinar conteúdos específicos;
- Como relacionar os conteúdos que serão ensinados;

- Como os estudantes entendem determinado conteúdo ou cometem erros;
- Como está organizado o conteúdo.

Acrescentamos a este quadro o fato destacado por P2, de as disciplinas pedagógicas serem ministradas, geralmente, nos períodos finais da graduação, muitas vezes oferecidas em outros departamentos da universidade, fato este que fragmenta a necessária formação holística do futuro professor.

No sentido de tornar consciente o impacto das disciplinas de formação e seus programas na identidade dos futuros docentes, ou ainda de gerar modificações na estrutura da licenciatura que tornem tais disciplinas convergentes com suas necessidades, é importante ampliar a participação dos licenciandos e licenciandas e dos professores em exercício na elaboração do currículo de formação inicial, tornando-os assim atores e formadores "integrados nas atividades de formação dos futuros professores" (Tardif, 2014, p. 289).

5.8 – Impacto dos Cursos de Pós-Graduação na Prática Docente

Buscando levantar informações sobre impactos que os cursos de formação continuada têm sobre a melhoria das práticas docentes, os sujeitos da pesquisa foram convidados a fazer um relato sobre suas experiências ou expectativas em relação à realização de cursos de pós-graduação.

Conforme já foi relatado no item 5.2 deste capítulo, cinco dos sujeitos da pesquisa não haviam realizado cursos de pós-graduação até o momento de realização das entrevistas semiestruturadas,

O sujeito P3 fez dois cursos de pós-graduação Lato Sensu, um em Ensino de Física e outro em Matemática Financeira e apontou que somente o segundo impactou em sua prática docente, conforme os excertos a seguir:

> ...eu fiz Ensino de Física. Ela não foi definitiva especificamente na minha sala de aula. (P3, excerto [00:56:51], Apêndice IV).
> Então, cara, eu tive que estudar a parte de Macro e Micro economia para poder passar para os alunos. Então, eu busquei a pós dentro da ... e foi importante... (P3, excerto [00:58:27], Apêndice IV).

Sobre este mesmo questionamento, os sujeitos P7, P8 e P10 relataram que os cursos de pós-graduação Stricto Sensu que realizaram impactaram positivamente em suas práticas docentes, conforme pode ser observado nos excertos mostrados abaixo:

> Me ajudou bastante, porque durante o mestrado e doutorado, normalmente a gente orienta alunos de iniciação científica, que são alunos ou de graduação ou de colégio técnico... (P7, excerto [01:07:07], Apêndice IV).
> Ele foi muito importante. Eles fazem um trabalho muito bem feito, muito bem feito, mesmo. (P8, excerto [01:34:49], Apêndice IV).

> Impactaram positivamente. E sim, foi muito significativo para mim. Eu acho que uma das coisas que eu faço, que eu julgo como um diferencial nas minhas aulas, é justamente eu conseguir falar sobre alguns assuntos da própria pesquisa em Física. (P10, excerto [00:44:00], Apêndice IV).

Somente o sujeito P5 apontou que sua prática docente não foi impactada pelo curso de pós-graduação Lato Sensu que realizou na área de Matemática Financeira. Seu relato pode ser observado no excerto abaixo:

> Foi na área de Matemática Financeira, mas não contribuiu. Carlos Henrique, eu fiz esse curso, é um curso desse online... (P5, excerto [00:50:16], Apêndice IV).

As informações levantadas neste item da pesquisa apontam para a necessidade de fomento à participação dos professores em cursos de pós-graduação, haja vista que a metade dos entrevistados, alguns formados há mais de dez anos, ainda não possui tais cursos. Vale destacar que os cursos ofertados e/ou frequentados por professores necessitam possuir conexão com a área de Ensino, a fim de que possam contribuir para a melhoria da prática docente.

5.9 – Participação dos Sujeitos em Projetos de Pesquisa

Alinhados com o que vários pesquisadores da área de educação apontam como possível estratégia para melhoria dos processos formativos dos licenciandos, buscou-se com esta pergunta levantar-se junto aos entrevistados se estes foram envolvidos, ou não, em projetos de pesquisa ao longo de suas estadas nas universidades e, em seguida, foram questionados sobre a importância desta participação em seus respectivos processos formativos. Ainda no decorrer do questionamento os sujeitos foram instigados a comentar se tais pesquisas, caso tenham ocorrido, foram do tipo “do professor”, “com o professor” ou “sobre o professor”.

Cinco dos dez entrevistados (P2, P4, P5, P6 e P9) não foram envolvidos em projetos de pesquisa ou de extensão universitária de quaisquer tipos, durante a realização de seus cursos de licenciatura.

O sujeito P3 participou de projetos de extensão universitária, com bolsa de um órgão de fomento, dando aulas de reforço para alunos da rede estadual de educação e para funcionários da própria universidade.

> Acadêmica não. Mas eu fiz o projeto de iniciação à licenciatura, iniciação à docência. Eu tinha bolsa FAPERJ. (P3, excerto [00:59:31], Apêndice IV).

Quatro sujeitos, P1, P7, P8 e P10, estiveram envolvidos em projetos de pesquisa, iniciação científica, porém sem nenhum viés que proporcionasse a inserção destes em salas de aula ou que os envolvesse em estudos que objetivassem a melhoria

da prática docente. Este fato impediu que avançássemos no levantamento sobre o tipo de pesquisa realizado, “do”, “com” ou “sobre” o professor. Os excertos abaixo comprovam esta constatação:

> Eu também participei de iniciação científica e eu trabalhei num laboratório de meteorologia na verdade, micro meteorologia e modelagem na UFRJ... E eu fui bolsista FAPERJ. (P1, excerto [01:05:28], Apêndice IV).
> No caso, minha iniciação científica, eu participei de vários projetos. Participei de projetos com alunos, de mestrados e doutorados, pesquisa envolvendo reciclagem, trabalhando com casca do camarão, que eu achei superinteressante na época. (P7, excerto [01:09:49], Apêndice IV).
> Sim, eu pesquisei sobre materiais supercondutores. Dentro da própria universidade. Foi como eu falei, é iniciação científica. (P8, excerto [01:36:03], Apêndice IV).
> Sim, foi só a iniciação científica...E aí eu já entrei para essa parte de cosmologia, Física teórica, utilizava relatividade geral. (P9, excerto [00:46:33], Apêndice IV).

A partir da observação dos enunciados dos sujeitos P1, P7, P8 e P10, podemos constatar a participação destes em projetos que não tiveram como objetivo a aproximação universidade escola. Segundo Brandão (2014), projetos que proporcionam a aproximação dos dois mundos, universidade e escola, têm possibilitado o registro, a sistematização, a especulação e a coleta de subsídios que levarão à produção de conhecimentos realmente úteis. Para o autor, estes conhecimentos, contextualizados, proporcionarão uma intervenção adequada no sistema escolar. Corroborando Lüdke (2014) acrescenta que:

> Fazer pesquisa simples, sem muita sofisticação, mas de maneira constante, que vá registrando sistematicamente erros e acertos e permita uma comunicação regular com a comunidade educativa, num acúmulo gradual da sabedoria da área, parece-me representar a perspectiva mais desejável no momento no campo da didática. (Lüdke, 2014, p.88).

Os partícipes de projetos de pesquisas relataram que esta participação impactou, positivamente, suas formações e os demais sujeitos da pesquisa, que não tiveram tal oportunidade, responderam que a participação em projetos de pesquisa é fator essencial aos cursos de licenciatura, devendo ser ofertada, inclusive de forma compulsória, a todos os futuros professores. O discurso do sujeito P1, mostrado no excerto abaixo, resume sua impressão sobre a importância de participação neste tipo de projeto:

> Uma universidade que não tem um programa como esse, parecido com esse, eu acho que ela está proporcionando uma formação deficitária. Outra coisa é você estar desempenhando esse papel num contexto de você estar sendo auxiliado, você está trabalhando em equipe, você está estudando o que você está fazendo, avaliando o que está sendo feito, trazendo resultados. Então, você traz a metodologia científica para a profissão docente. (P1, excerto [01:11:28], Apêndice IV).

Destacamos aqui a importância da defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade, ao constatarmos que todos os sujeitos que estiveram envolvidos em projetos de pesquisa e/ou de extensão universitária realizaram seus cursos em instituições públicas. Considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério de Educação Escolar Básica (Brasil, 2024), que nos trazem a exigência da Curricularização da Extensão, chamamos atenção para a necessidade de cobrança às universidades privadas em relação à obrigatoriedade de implementação destes projetos.

Corroborando com Lüdke (2011), apontamos que é urgente o estímulo ao desenvolvimento de pesquisas nos processos formativos dos professores, principalmente aquelas dos tipos: "com o professor" e "do professor", pois os professores têm capacidade de se tornarem pesquisadores e analisarem as próprias práticas de forma crítica: *"No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa"* (Freire, 1996, p. 29).

5.10 – Participação em Comunidades de Aprendizagem

Buscando investigar sobre a participação em comunidades de aprendizagem, apontadas por Mizukami (2005) como uma das possíveis intervenções nos processos de formação dos professores, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa sobre a existência ou não destas comunidades nas escolas em que atuam ou atuaram e sobre as impressões que estes têm sobre esta possível estratégia.

Sete deles nunca participaram de comunidades de aprendizagem, relatando pequenas trocas de informações, informais, entre colegas, nos horários de intervalo. Três (P2, P3 e P6) relataram participar de grupos de estudo para troca entre professores, sendo que, para dois deles (P2 e P3), estes grupos são formais, com horários oficializados pela instituição de ensino. O sujeito P6 apontou que o grupo se reúne informalmente, pós expedientes, a partir do voluntariado de três professores. Os excertos abaixo comprovam a participação dos três sujeitos citados:

> Tinha outras pessoas que também aplicavam o mesmo conteúdo comigo, e a gente tinha ambiente colaborativo. A gente se sentava, ficava até as cinco, debatendo, montando planos de aula, pegando, compartilhando material. (P2, excerto [00:19:42], dados da pesquisa)
> A gente faz toda quarta-feira de manhã. A gente tem uma professional development, que é o desenvolvimento profissional. No meu caso, eu junto eu e mais uma professora de matemática. (P3, excerto [01:02:59], dados da pesquisa).

> Normalmente, na quinta feira, nós pegamos provas de concursos aleatórios a nível de professor. Nós resolvemos, aí um que não consegue resolver, o outro vai e resolve, mostra uma parte teórica lá que um esqueceu, ou que o outro lembra, e a gente assim vai levando... Não é formal... (P2, excerto [00:26:12], dados da pesquisa).

Sobre as trocas de experiências em condições informais, predominam as falas sobre a ocorrência na sala dos professores, na hora do café.

> Ah, isso a gente conversa nas salas dos professores, mas no geral sim... Só na hora do café. (P5, excerto [01:02:09], dados da pesquisa).

Quando questionados, os dez sujeitos da pesquisa julgaram que o estabelecimento de comunidades de aprendizagem nas escolas seria de grande valia para seu desenvolvimento profissional.

> Seria sim, porque normalmente no colégio tem um professor que se sai bem, consegue lidar bem com os alunos, e às vezes por um motivo, alguma característica que ele tenha, que ele aprendeu ao longo da vida, a experiência que os alunos conseguem lidar bem com ele, né, e isso seria interessante, essa troca. (P7, excerto [01:21:56], dados da pesquisa).

Perguntado sobre sua opinião a respeito das escolas não criarem estas comunidades de aprendizagem, o sujeito P1 sinaliza que os professores, principalmente nas escolas privadas, ganham por hora aula e que essas escolas não estariam interessadas em pagar horas a mais para que os professores participassem destas comunidades de aprendizagem. "*É porque já é meio zoado, né? Você ganha por hora aula. A aula que você dá, que você ganha. Enfim"* (P1, excerto [01:15:43], Apêndice IV).

Acrescentamos à fala de P1 o fato de vivermos em tempos de precarização das relações trabalhistas dos professores, o que muitos autores têm chamado de uberização e/ou pejotização destas relações, fato que torna ainda mais distante a possibilidade de estabelecimento destas comunidades de aprendizagem.

5.11 – A Reflexão na Ação e Sobre a Ação

Diversos autores citados no levantamento de referenciais desta tese como, por exemplo, Contreras (2012), Mizukami (2005) e Imbernón (2009), apontam a prática reflexiva como mais uma possível estratégia a ser inserida no processo formativo dos professores com vistas à sua melhoria. Neste sentido os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre se atuam de forma reflexiva em suas práticas docentes e se suas formações iniciais fomentaram o desenvolvimento desta postura.

Por unanimidade os sujeitos responderam que atuam de forma reflexiva crítica, buscando sempre melhorar suas práticas a partir da observação do desempenho de seus alunos. Destaque deve ser dado à fala de P10, quando apontou que só passou a

trabalhar desta forma a partir da pandemia do Covid 19, recorte temporal em que foi obrigada a rever suas práticas a fim de adequá-las às aulas ministradas remotamente.

> Eu fiquei um bom tempo sem olhar muito para isso. Com a pandemia e a necessidade de se trabalhar de maneira remota, eu acho que acabei, por pior que tenha sido a pandemia, nessa parte eu achei que foi um ganho para mim, a parte de reorganizar muito das minhas aulas do ponto de vista de tempo, do ponto de vista de profundidade do conteúdo, do ponto de vista de ilustração do que está sendo falado. (P10, excerto [01:03:49], dados da pesquisa).

A segunda parte da pergunta indagou se as formações iniciais dos sujeitos da pesquisa forneceram subsídios para que viessem a trabalhar de forma reflexiva. Somente P1 considerou que a reflexão crítica fez parte de seu processo de formação inicial e que esta desenvolveu nele esta expertise, citando que durante sua passagem pelo curso de licenciatura sempre foi estimulado a trabalhar desta forma.

> A minha formação, ela foi muito importante neste sentido porque a gente sempre foi incentivado a refletir, né? A refletir sobre a docência e principalmente sobre o nosso exercício docente.
> E a gente dava aula para os colegas e avaliava um ao outro e tal.
> Conversando sobre isso, avaliando o que a gente faz, como está fazendo, trocando ideias. Então, é muito [silêncio] É muito vivo isso dentro da formação. Pelo menos a formação que eu tive, né? (P1, excerto [01:18:10], Apêndice IV).

Os demais sujeitos da pesquisa apontaram que suas formações iniciais não contribuíram para que viessem a atuar enquanto professores reflexivos críticos. Os excertos abaixo mostram algumas das respostas destes sujeitos:

> Não, não considero que a minha formação inicial tenha me dado. Eu acho que isso é uma coisa que eu já tinha como propósito. Sim, eu sempre trabalhei de maneira reflexiva, mas sempre tive dificuldade em encontrar as ferramentas para que eu conseguisse realmente assim desenvolver. (P8, excerto [01:45:08], dados da pesquisa).
> Eu acho que a minha formação não ofereceu, como eu falei era uma Matemática bem dura... (P2, excerto [00:50:29], dados da pesquisa).
> A licenciatura, não, não me deu essa base que eu tenho hoje. Infelizmente não foi a universidade... Mas, hoje em dia, eu sempre procuro tá melhorando, sempre fazendo curso, fazendo cursos para poder tá melhorando a forma, que eu, conhecimento da minha forma de ensinar, sempre pesquisando, sempre reformulando material, tentando coisas... (P8, excerto [01:45:08], dados da pesquisa).

Com base no exposto, podemos inferir pela necessidade de mudanças nos professos formativos dos licenciandos, de forma a desenvolver nos futuros professores este viés reflexivo crítico pois, segundo Rays (2014), é pela reflexão crítica analítica que educador e educandos atingem, conjuntamente, o desequilíbrio das certezas pedagógicas do fazer didático e, assim, livram-se da didática vazia que geralmente está baseada em referenciais sociais e educacionais também vazios.

5.12 – Aproximação Universidade-Escola/Pesquisador-Professor

Segundo Brandão (2014), o diagnóstico do atual estado da educação brasileira associado à dificuldade dos meios acadêmicos de gerar alternativas para sua solução, têm levado pesquisadores a saírem de seus gabinetes nas universidades e centros de pesquisa em busca de maior aproximação com a prática. No extremo oposto, os professores, alvo constante das críticas feitas a este fracasso, com um sentimento de incapacidade para reverter este quadro, enxergam que suas vozes precisam ser ouvidas pela academia em busca de possíveis soluções. Neste sentido esta pergunta buscou levantar junto aos sujeitos suas opiniões sobre esta possibilidade de aproximação.

Os dez sujeitos da pesquisa responderam que sim, a aproximação entre a academia e a escola é uma estratégia importante e até urgente na busca por soluções para melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem. Porém, o olhar de fora do pesquisador, de onde é possível captar a visão dos sujeitos, conceito de exotopia de Bakhtin, possibilitou identificar dois diferentes enfoques, a partir dos lugares de fala destes sujeitos.

> Com certeza. Com certeza. As vezes a academia se distancia demais do chão de fábrica, né? Do que está acontecendo nas escolas. Eu mesmo tinha algumas aulas com alguns professores que tipo assim parecia que o cara estava em Nárnia, entendeu?
> Então assim, eu acho que esse tipo de prática, ela auxilia exatamente para trazer a academia também para a realidade. Para a realidade do que acontece. (P1, excerto [01:20:45], Apêndice IV).
> Muito. O problema é saber com quem a universidade está dialogando. A universidade não está dialogando com a sociedade, por mais que esteja, eu já tenho contato com algumas escolas, alguns projetos, mas a universidade nesse meio novo digital, acho que os divulgadores científicos, seja lá o que for, tem que se comunicar melhor com a sociedade. (P5, excerto [01:06:24], Apêndice IV).
> Eu acho que é uma possibilidade fundamental. Acho que na verdade ela deve existir e deve existir com alguma urgência professor.... Eu imagino um professor, por exemplo, com seus 60 anos, pós doutor, que sempre atua na universidade pública, tentar compreender como é que funciona o processo de construção de conhecimento para um menino de 11 anos. É muito difícil. (P8, excerto [01:48:14], Apêndice IV).
> Olha, eficaz sim, mas eu não tenho esperança de que isso aconteça. Assim, não em larga escala. Se a gente fosse ver isso como de verdade um plano organizado pelo poder público para melhorar a educação básica, eu não tenho essa esperança. Mas não tenho dúvida de que seria eficaz. (P9, excerto [00:53:08], Apêndice IV).

Os discursos dos sujeitos P1, P5, P8 e P9, mostrados nos excertos acima, deixam claro seus lugares de fala enquanto professores, manifestados pela importância dada à aproximação como uma via de mão única, academia-escola/pesquisador-professor.

O sujeito P7, além de atuar como professor, possui viés com a área de pesquisa, demonstrando claramente seu lugar de fala enquanto pesquisador ao sugerir a aproximação, também de mão única, no sentido escola-universidade/professor-pesquisador. Esta observação pode ser comprovada a partir de seu discurso, mostrado nos excertos abaixo:

> Sim...Quando o professor tiver esse link, né? Essa ponte com o pesquisador, ele pode abrir a mente. (P7, excerto [01:24:01], Apêndice IV).
> Então, acho que ajudaria e faria que despertaria, às vezes, o interesse daquele professor de Ensino Médio fazer um mestrado, fazer um doutorado, e se aprofundar mais e acho que até despertar o interesse ...do professor que só fica em sala de aula. (P7, excerto [01:25:20], Apêndice IV).

A efetividade desta alternativa de solução só se concretizará quando for alcançado o estabelecimento de uma via de mão dupla, onde as duas partes se aproximem mutuamente em busca de possíveis estratégias de solução. Pesquisas apontam que esta aproximação já começou, porém ainda se faz necessária a quebra destas polarizações. Para Brandão (2014) já existem boas práticas alternativas isoladas pelo lado do fazer e fundamentações críticas consistentes pelo lado do pensar que, trabalhadas em harmonia, levarão à construção do conhecimento necessário.

5.13 – Conhecimentos Importantes para Formação do Aluno.

Nesta parte da entrevista semiestruturada foi perguntado aos sujeitos da pesquisa que conhecimentos eles julgam mais importantes na formação de seus alunos, ou seja, o que eles mais valorizam em sala de aula.

Os sujeitos P1 e P2 valorizam a contextualização dos conteúdos abordados, seja a partir de uma abordagem fenomenológica, com vistas a possibilitar ao aluno a compreensão do mundo que o cerca, conforme relatou P1, ou no sentido de buscar aplicações práticas para esses conteúdos de modo que os alunos consigam vislumbrar que estes têm tangência física, ou seja, que não saíram do nada, conforme apontou P2. Os discursos destes dois sujeitos podem ser observados nos excertos abaixo:

> Bom, no caso da Física, eu entendo que a Física, o propósito da Física é você compreender o mundo o mundo que te cerca. Você ter uma mínima noção daquilo que [silêncio] da sua realidade. Então, como eu já falei, a minha abordagem é muito fenomenológica. Às vezes eu dou exemplo utilizando até coisas da própria sala de aula, como a gente tem a luz LED, por que o LED, por que ar-condicionado. Então a gente traz um pouco dessa vivência, de procurar compreender os fenômenos e a importância que eles têm no dia a dia. (P1, excerto [01:23:40], Apêndice IV).
> Como eu disse, eu acho que é o conhecimento em que o aluno consiga vislumbrar uma aplicação, mesmo que não seja uma aplicação pra ele de forma direta, que ele consiga visualizar que aquele problema matemático, ele tem alguma tangência física, que, de novo, não saiu

> do nada, não foi alguém que falou assim vou inventar isso aqui, que ele parte de um problema. (P2, excerto [01:05:58], Apêndice IV).

Verifica-se nos enunciados de P1 e P2 uma tentativa de trabalhar em contexto, trazendo exemplos da vida cotidiana do aluno com vistas a enriquecer as práticas em sala de aula, fugindo um pouco das tradicionais estratégias de ensino. Para Rocha (2016) estas abordagens tradicionais, que privilegiam a aplicação de fórmulas e resolução de exercícios repetitivos, dificultam o estabelecimento de abordagens mais práticas e conceituais que possibilitam uma associação dos conteúdos ministrados com a realidade e/ou experiências pessoais dos alunos.

Em relação aos enunciados dos sujeitos P3 a P8, podemos constatar que valorizam uma formação cidadã do aluno, buscando equilíbrio entre os conteúdos e a questão social, valorizando uma formação para a vida e para o mercado de trabalho, porém com viés crítico às mazelas do sistema. Relatam que buscam e valorizam uma formação holística do aluno, de forma que se tornem pessoas que convivam de forma ética e respeitosa na sociedade. Esta constatação pode ser comprovada a partir dos excertos abaixo:

> Claro que eu me preocupo muito com o aspecto social do cara, como ele está se desenvolvendo como pessoa, como ele está se desenvolvendo como profissional. Mas, também, Carlos, eu aperto um pouquinho na parte técnica. (P3, excerto [01:11:18], Apêndice IV).
>
> Olha, hoje em dia, a gente pega uma abordagem até geral, que eu falo assim, eu tento preparar eles, que eu falo pra eles, pra vida, o que eles vão encarar. (P4, excerto [00:48:28], Apêndice IV).
>
> Assim, eu acredito muito, eu acho muito bonita no sentido de que ela visa a construção de um cidadão, cidadão crítico e o cidadão voltado para o mercado de trabalho.... Não é apenas uma formação de um cidadão que apenas trabalha e não reflete sobre a sociedade. (P5, excerto [01:08:50], Apêndice IV).
>
> Eu tenho uma aluna lá que é assim, ela é muito boa em tudo, mas em Matemática ela é comum, bem mediana, ..., só que ela é tão boa em tudo que eu não sinto a necessidade de cobrar ela ser a melhor em Matemática. ...eu não acho certo eu forçar ela a ser a melhor em Matemática se ela não tem o prazer em estudar isso, entendeu? (P6, excerto [00:34:24], Apêndice IV).
>
> Então, essa questão, eu acho que é mais a questão realmente de você conseguir tratar o aluno como ser humano, como pessoa, ... acho que essa é a questão mais importante, não é a questão de você ter um grande conhecimento para passar para o aluno, acho que você saber lidar com o ser humano, com a pessoa em si. Ter conhecimento, saber muito, tudo mais, mas como ser humano, ser uma pessoa melhor. (P7, excerto [01:29:57], Apêndice IV).
>
> É, eu acho que é a convivência ética, ou seja, ... criar, por exemplo, senso crítico e a capacidade de se relacionar de forma respeitosa com outras pessoas. Isso para mim era um dos maiores valores dentro do processo. (P8, excerto [02:01:55], Apêndice IV).

É possível observar nos excertos acima aspectos de práticas docentes que têm como meta uma formação cidadã do aluno, ou seja, que levam em conta questões do

tipo sócio-histórico-cultural, questões que são apontadas pelas pesquisas como possíveis estratégias de abordagem a serem adotadas pelos professores a fim de possibilitar a inclusão dos grupos considerados minoritários no processo de construção do conhecimento científico como, por exemplo, pessoas com necessidades especiais, negros, indígenas, mulheres e etc.

Finalizando este item, os sujeitos P9 e P10 apontaram que valorizam no aluno a vontade de aprender, conforme mostram os excertos a seguir:

> Então, eu acho que o que eu mais valorizo dentro de sala é realmente aquele aluno que mesmo que está com uma dificuldade absurda, mas que ele mostra a vontade de tentar entender, procura, tenta, sabe? Eu acho que é isso aí para mim. (P9, excerto [01:10:07], Apêndice IV).
> O mais importante é a vontade de aprender, porque eu falo com eles o seguinte, nós temos aqui, se a gente for olhar para a estrutura da escola, a gente perde de lavada para a maioria das escolas da rede particular. Não tem, não dá nem para comparar..... Mas se a gente conseguir, dentro daquele ambiente ali, que não tem uma estrutura legal, se a gente conseguir criar um ambiente acadêmico adequado, a gente tem tudo que a gente precisa para desenvolver uma educação de qualidade. E todo o resto só viria a agregar. (P10, excerto [00:55:01], Apêndice IV).

Os sujeitos demonstraram não haver uma preocupação formal com os conteúdos abordados, mas sim uma preocupação com a evolução destes alunos enquanto sujeitos no processo de aprendizagem, o que nos indica uma tentativa de alteridade.

5.14 – As Contribuições das Formações Iniciais Sobre as Práticas dos Sujeitos.

Nesta parte da entrevista os sujeitos da pesquisa foram convidados a externar suas opiniões sobre o curso de formação inicial recebido, apontando se estes forneceram subsídios suficientes para o pleno exercício do magistério. Com vistas a iniciar o ensaio do levantamento de possíveis propostas de mudanças, os sujeitos foram instigados a tecerem elogios e/ou críticas aos seus cursos de formação inicial.

Os sujeitos da pesquisa P1, P3, P6 e P10 relataram que suas formações iniciais foram suficientes para o desenvolvimento de suas atividades docentes, logicamente, alguns tecendo pontos que poderiam ser melhorados num processo de aprimoramento contínuo, necessário a qualquer atividade profissional.

> Eu não tenho que botar defeito não, cara. Eu gostei demais da minha formação. E eu acho que fui muito bem preparado para [silêncio] para a profissão docente...Talvez se eu pudesse fazer alguma crítica, eu acho que a academia podia ser mais aberta para alguns recursos que a gente vê, por exemplo, às vezes nas escolas, elas estão na frente. Por exemplo, eu fiz muitos experimentos ali que são equipamentos que estão lá há milênios, sei lá, ou até de repente novos, mas experimentos também feitos de forma antiga...Então, por exemplo, eu tive aulas em que você não tem nenhuma utilização de recurso audiovisual. Então

> fica aquela coisa abstrata demais... Aula de recursos audiovisuais para ensinar Física. E teve muitas coisas legais que eu ti lá, mas tipo assim **[silêncio]** Que eu nem uso porque eu sozinho descobri coisas muito melhores. Então, eu acho que, assim, poderia ser feito um update, sabe? Seria muito bom, muito bom mesmo se a gente tivesse acesso a coisas mais atuais, metodologias mais atuais, principalmente relacionadas a laboratórios. (P1, excerto [01:26:29], Apêndice IV).
> Sem ela, eu não estaria aqui. (P3, excerto [01:13:02], Apêndice IV).
> Então, eu acredito que sim. A única crítica que eu tenho à formação de qualquer faculdade do Brasil é trabalhar com alunos laudados. Então, o laudado, em vez de ser inclusão, se torna exclusão de aluno, entendeu? (P6, excerto [00:35:35], Apêndice IV).
> Eu acho que a minha formação para dar aula no ensino básico foi ótima. Eu acho que a UERJ teve uma bagagem teórica, formal, dos cursos mais duros. Para mim foi muito proveitoso. E, ao mesmo tempo, com esse olhar para o ser humano, para o aluno, para as práticas docentes. (P9, excerto [01:12:14], Apêndice IV).

Os sujeitos P3 e P10 não externaram neste momento críticas ou sugestões às suas formações. As críticas e/ou sugestões de P1 ficaram limitadas às questões das aulas de laboratório, principalmente em relação aos aparatos utilizados na condução destas aulas que, segundo ele, são arcaicos. Hoje existe um mercado com uma série de kits experimentais e bancadas didáticas que possibilitam uma série de experimentações nas mais diversas realidades de ensino. Pelo relato de P1, embora tenham chegado às escolas, pelo menos nas escolas privadas, estes aparatos ainda não foram adquiridos pelas universidades. O sujeito salienta também a necessidade de um avanço, por parte das universidades, no sentido de utilização de softwares de simulação, atual tendência nas práticas educativas por ser de fácil manipulação, haja vista que podem ser acessados a partir dos celulares dos alunos. Fazendo uso das ideias de Bakhtin, o silêncio de P1, em meio a dois enunciados, demonstra sua estranheza pelo fato de ter conseguido acessar sozinho softwares de simulação melhores do que os que foram trabalhados na disciplina específica para ensinar a utilização deste recurso. Sobre esta sugestão de P1, destacamos que estão sendo incorporadas aos currículos de licenciatura de algumas universidades, por exemplo, na licenciatura em Física da UERJ, aulas de oficina, cujo objetivo principal é a capacitação dos licenciandos para construção, manuseio e aplicação de experimentos de baixo custo. O sujeito P6 teceu críticas a seu processo formativo relativas à falta de preparo dos futuros professores para lidar com os alunos “laudados”, ou seja, alunos com necessidades especiais como, por exemplo, TDAH, TEA etc. A inclusão destes alunos nas turmas trouxe dificuldades para grande parte dos professores pois muitos não receberam, durante suas formações iniciais, subsídios para trabalhar com esta diversidade de público. Concordamos, alicerçados em experiências pessoais, com a fala

deste sujeito quando aponta que, na realidade, pode ocorrer uma exclusão do próprio aluno com necessidades especiais ou até mesmo do restante da turma.

Seis dos sujeitos da pesquisa, P2, P4, P5, P7, P8 e P10, relataram que suas formações iniciais não contribuíram para o desenvolvimento de suas práticas docentes. Destes, somente P8 respondeu de forma objetiva, não tecendo críticas ou apontando sugestões à sua formação. Os relatos dos seis sujeitos podem ser observados nos excetos abaixo:

> Não, efetivamente não.... Você sabe que realmente o cara é testado, é verificado, principalmente em escola pública, então ele é de conhecimento, de saber inegável, só que ele também, ele acha que a realidade é aquilo que ele vivencia. (P2, excerto [01:09:53], Apêndice IV).
> Então, infelizmente tem certos professores que têm essa visão, dos alunos, e, realmente, esse tipo de professor você já olha assim e fala, que esse cara não vai me complementar, né, olhando assim, diretamente. (P4, excerto [00:51:09], Apêndice IV).
> Na minha formação faltou bastante coisa. A prática na sala de aula é uma e o que nos é ensinado na universidade é outra. Calha que a gente tem que aprender mesmo no mercado de trabalho, batendo cabeça, aprendendo, redescobrindo, assim é no dia a dia. (P5, excerto [01:10:37], Apêndice IV).
> É, não! (P8, excerto [02:10:01], Apêndice IV).
> E não teve um preparo, assim, na universidade, alguma disciplina, alguma parceria que ensinasse, né, ou mostrasse como é que era a realidade em escola, em colégios, comunidade com aluno, essa parte, mesmo tendo as disciplinas pedagógicas, sociologia, psicologia, não, não, elas não abordavam a realidade que é vista em sala de aula. (P7, excerto [01:35:04], Apêndice IV).
> Acho que a melhor universidade do mundo não vai me dar formação suficiente. Porque tem coisas que é no dia a dia, ainda mais numa realidade como a nossa.... Eu nem sei se hoje em dia, mesmo já depois de 11 anos, se eu estou pronto ou não. Com certeza eu estou melhor do que antes. (P9, excerto [01:01:28], Apêndice IV).

Corroborando com a pesquisa de Matos e Martins (2022), os sujeitos P2 e P4 fizeram críticas e sugeriram mudanças na didática dos professores universitários, muitos deles bacharéis, apontando esta característica como uma das possíveis causas dos altos índices de evasão dos cursos de licenciatura.

Finalizando este item da pesquisa, os sujeitos P5, P7 e P9 criticaram o distanciamento que existe entre a formação recebida nos cursos de licenciatura e a realidade encontrada pelos professores em sala de aula. Corroborando com diversas pesquisas, apontaram para a necessidade de aproximação entre a formação recebida e a realidade da escola, a fim de melhor preparar os futuros professores para as demandas que encontrarão enquanto regentes de turma.

Algumas das sugestões apontadas serão mais bem fundamentadas e exploradas no item 5.16 adiante.

5.15 – Questões de Gênero, Raça e Diversidade Tratadas nos Cursos de Formação

Conscientes de que os professores, mais especificamente os sujeitos desta pesquisa, atuam em realidades onde interagem o tempo todo com questões relativas à diversidade de gênero, raça, etnia etc., esta pergunta objetivou investigar se, durante seus cursos de formação inicial, foram preparados para lidar com estas situações específicas. Os sujeitos P3, P6 e P10 relataram que durante seus cursos de formação inicial foram preparados para trabalhar com as questões citadas e que já estão vivenciando estas experiências em seu dia a dia, no trato com suas turmas, com destaque dado às questões de gênero, conforme nos mostram os excertos abaixo:

> Eu acho que sim, Carlos.... Eu tenho que saber como viver com essa realidade.... Hoje se discute se vai ter um banheiro único dentro da escola ou não.... O nome dele era Victor, querendo que chamassem ele de Vick, a Vick. E a escola não aceitava. (P3, excerto [01:14:25], Apêndice IV).
> Sim.... Tive muitas aulas sobre isso, ensinando a se portar, a entender a dificuldade que é se comunicar com o aluno de hoje. (P6, excerto [00:39:41], Apêndice IV).
> Sim, acho que depois de tudo o que eu falei, faz bastante sentido dizer que sim. (P10, excerto [01:16:16], Apêndice IV).

A partir dos excertos mostrados acima, podemos constatar que somente P6 relatou ter realizado disciplinas cujo viés foi específico para as questões de diversidade e, acrescentando, este sujeito é o único cuja conclusão do curso é mais recente, em 2022, após passar por três universidades distintas ao longo de sua formação. A partir deste fato podemos ensaiar que, atualmente, alguns cursos de licenciatura já estão trabalhando de forma mais frequente com as questões de raça, gênero e etnia no processo formativo dos futuros professores.

Os enunciados dos sujeitos P1, P2, P4, P5, P7, P8 e P9 apontam que não foi ministrado nenhum conteúdo formal ao longo de seus cursos de licenciatura para prepará-los no sentido de trabalharem com a diversidade. Alguns alegaram que as questões que envolvem etnia, raça, gênero, diversidade, alunos especiais etc., é mais recente e, segundo eles, mais efervescente atualmente. Acreditam que, atualmente, por conta desta efervescência, os cursos de licenciatura já estejam trabalhando com questões deste tipo. Vide excertos abaixo:

> Agora, não com relação a digamos, a aula sobre isso. Eu acho que nesse sentido eu não tive muito debate, né?... Então, a gente aprendeu na prática.... Então, assim, mais nos bastidores, mais na informalidade, né? (P1, excerto [01:33:10], Apêndice IV).
> Eu até tive alguns professores na faculdade até tinham essa intenção, já foram apresentados a etnomatemática, enfim, só que apesar disso não era nada aprofundado então assim nem voltado para o ensino em si, era mais como uma curiosidade Matemática do que uma aplicação prática... (P2, excerto [01:18:00], Apêndice IV).

> Não, com certeza não.... Então, normalmente já tem algum aluno com nome social, já chega na sala de aula, já fala assim, ah, professor, não me chama na chamada pelo nome, não, tá? (P4, excerto [00:54:28], Apêndice IV).
> Esses assuntos estão mais aflorados atualmente. Na época em que eu estava fazendo faculdade, era basicamente o começo dessas discussões. (P5, excerto [01:11:32], Apêndice IV).
> Isso aí, não.... já tive esse tipo de aluno, tá, só que a diversidade em si, né, no curso não me preparou para isso. (P7, excerto [01:36:10], Apêndice IV).
> É, não. Isso aí entra mais na pauta mais recentemente, né? É, eu acho que isso aí é uma preocupação, ainda é, uma preocupação maior de pessoas que não estão ligadas às ciências exatas, entendeu? Então, esse debate, por exemplo, é um debate que vem crescendo, vem ganhando força, mas que deveria estar inserido organicamente no contexto formativo e não está. (P8, excerto [02:10:09], Apêndice IV).
> De novo, suficiente não. A minha monografia falando sobre tantas sugestões de trabalhos a serem feitos com relação a Lei...Se não me engano 10.639, que é a Lei que fala sobre trabalhos, sobre trabalhar a cultura afro e indígena em sala de aula... Era uma coisa que deixou os professores meio nervosos. (P9, excerto [01:07:20], Apêndice IV).

Os discursos, mostrados nos excertos acima, nos permitem constatar que estes sujeitos aprenderam a lidar com as questões da diversidade na prática, em sala de aula, a partir de experiências vivenciadas junto a alguns de seus alunos, fato que pode gerar tensões devido à falta de uma instrução formal.

Recorrendo ao conceito de Cronotopo de Bakhtin, observa-se que o sujeito P9 recorre ao espaço temporal da escrita de sua monografia para citar a Lei 10.639 (Brasil, 2003) que foi tema de seu trabalho de conclusão de curso. Esta lei trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileira e indígena no currículo das escolas de Ensino Fundamental e Médio. Segundo P9, este foi o único momento de sua formação em que teve contato com a questão da diversidade e, na época da escrita, 2008, esta obrigatoriedade de inclusão ainda deixava os professores incomodados quanto à maneira como iriam trabalhar estas questões em sala de aula.

É importante destacar a necessidade de os cursos de licenciatura incluírem em seus percursos formativos as questões de inclusão citadas pois, além de serem necessárias à boa relação professor-aluno, são uma possível estratégia de abordagem para a construção do conhecimento científico, conforme nos aponta Rocha (2023):

> Trabalhando neste sentido, teríamos uma visão de Ciência construída de forma mais representativa, plural e democrática, promovendo maior justiça social e fugindo aos estereótipos existentes na academia que, geralmente, excluem da participação da construção do conhecimento científico alguns grupos como, por exemplo, negros, índios e mulheres. (Rocha *et al*, 2023, p.2).

Uma formação inicial que contemple o preparo dos licenciandos para trabalhar com as questões de etnia, raça e gênero pode ser considerada como uma das principais ações para mudança social e cultural do Brasil. No entanto, alguns especialistas afirmam que a Lei 10.639 (Brasil, 2003) ainda não está sendo devidamente aplicada.

5.16 – Propostas de Mudanças na Ótica dos Sujeitos da Pesquisa

Na trilha em busca de possíveis respostas à pergunta de partida desta tese, os sujeitos foram questionados sobre sua concordância ou não à necessidade de mudanças nos cursos de licenciatura, a fim de tornar a formação inicial dos professores mais próxima da realidade encontrada pelos novatos em sala de aula. No caso de concordância, foi solicitado que apontassem suas sugestões. Os dez sujeitos concordaram com a necessidade de implementação de mudanças nos cursos de licenciatura e seus discursos foram bem ricos ao apontar, basicamente, oito possíveis propostas que, nas suas opiniões, contribuiriam para uma formação mais apropriada para a transformação social.

Como primeiro ponto P1, P2, P5, P7 e P9 sugeriram o fortalecimento dos programas de pesquisa e/ou extensão, com aporte de mais recursos governamentais, com vistas a oportunizar a participação, compulsória, de todos os alunos dos cursos de licenciatura nestes programas. Alguns citaram também programas de residência pedagógica como imprescindíveis à formação docente. Vide excertos abaixo:

> Então, eu acho que um fortalecimento desses programas, realmente, a injeção de dinheiro público, nesse sentido, porque, enfim, depende de recursos públicos. O PIBID é da CAPES. Como se fosse uma coisa obrigatória, né? Olha, você para se formar tem que fazer um período, tem que participar um período do PIBID. Entende? (P1, excerto [01:36:45], Apêndice IV).
>
> Eu acho que foi parte do que também já debatemos acho que deveria ter uma residência, eu olhei em alguns lugares e já estão tentando fazer isso, professor residente, residência pedagógica, isso está acontecendo em algumas universidades... eu acho que deveria ter um pacto social, nacional de repensar a educação porque educação .... ela não é paralela a sociedade. (P2, excerto [01:20:41], Apêndice IV).
>
> Eu acho que se a universidade dialogasse mais com as escolas, assim, que as universidades estivessem mais presentes ali nas escolas, não com cursos e tal, e que o professor universitário estivesse mais próximo, assim, dialogasse mais com a escola... É uma espécie de residente, professor residente, que ajuda os alunos com maior dificuldade... E assim, eu acho que a universidade, eu ponho um peso, porque a universidade tem um peso, e não só a escola, mas olhando de um parâmetro geral, a universidade tem que dialogar mais com a sociedade. (P5, excerto [01:18:39], dados da pesquisa).
>
> ...eu acho que ter uma disciplina onde levasse o aluno, sei lá, como monitor de algumas escolas do Estado, Município, da Prefeitura, para ele poder acompanhar, por exemplo, as aulas, como é o ambiente da sala de aula, como é que são os alunos, como é que aquele professor

> consegue lidar com os alunos, eu acho que isso seria interessante... (P7, excerto [01:49:14], dados da pesquisa).
> Eu acho que como proposta seria mais isso. Você pensar... Eu já falei isso aqui, no chão da escola. Como é que você vai fazer o professor se acostumar com a realidade da sala de aula? Colocando-o numa sala de aula, claro que o professor ainda em formação, deveria ter supervisão e tudo mais... (P9, excerto [01:13:49], dados da pesquisa).

Embora variados, os discursos dos cinco sujeitos, mostrados nos excertos acima, deixam clara a necessidade de mudanças que visem à inserção dos licenciandos em salas de aula, ainda durante a etapa de formação inicial, com vistas a ambientá-los naquela que será a sua realidade de trabalho, diminuindo assim os possíveis impactos negativos do chamado “choque inicial” descrito por Huberman (1995).

Esta proposta está alinhada com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (Brasil, 2024) que aponta para a necessidade de inserção dos docentes, ainda durante a etapa de formação inicial, em Instituições de Educação Básica, lugar privilegiado da práxis docente. A questão relativa à ampliação das bolsas de fomento corrobora com a opinião de Lüdke (2011), a qual aponta que é unânime a ideia de que a participação em pesquisas é importante para a formação dos professores, salientando para a necessidade de inclusão dos licenciandos nos programas de pesquisa com bolsas do CNPQ.

A segunda sugestão foi dada por P1 e aponta para a necessidade do engajamento de “todos” os professores ligados aos cursos de licenciatura em projetos de pesquisa e/ou extensão que busquem o estreitamento da lacuna existente entre a universidade e a escola ou, segundo ele, entre a academia e a realidade.

> Um outro aspecto é a questão da aproximação da academia com a realidade, que eu também falei sobre isso. Então, é importante que os professores, todos os professores que estão ligados ali, eles estejam engajados em algum projeto como esse. (P1, excerto [01:39:23], Apêndice IV).

Outra proposta que encontra forte aporte teórico em várias pesquisas citadas no decorrer do levantamento de referenciais desta tese, quais sejam: Lemke, 2001; Pimenta, 1996; Freire, 2011; Diniz, 2009 e Guridi, 2007. Além disto, esta proposta vai ao encontro das exigências relativas à curricularização da extensão, presentes no Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Brasil, 2015) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (Brasil, 2024), que traz a necessidade da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Como terceira sugestão de melhoria P1 repete o que já havia citado em pergunta anterior, ou seja, a necessidade de atualização dos experimentos e seus aparatos nos

cursos de graduação na tentativa de aproximação com o que, possivelmente, será encontrado e utilizado pelo futuro professor nas realidades de escolas de Ensino Fundamental e Médio em que irá trabalhar. Ele aponta que deve ser dado foco na realização de experimentos de baixo custo, conforme exemplo *op cit*, que vem sendo incrementado no currículo de Licenciatura em Física da UERJ, ou seja, uma tentativa de aproximação ao que é viável de ser replicado na realidade que os futuros professores encontrarão em seus ambientes de trabalho.

> ...você não vai ter numa escola um experimento que custa um experimento que custa um catatal de dólares. Um experimento ali, aquele experimento antigo, que é um troço gigante.
> Eu acho que você tem que aprender a usar, na universidade, aquilo que você vai utilizar na sala de aula, que vai ser viável para você usar na sala de aula.
> .... o professor ensinou a gente a montar um equipamento de baixo custo, que com aquele equipamento a gente mesmo fazer o experimento e ver, olha, funciona. (P1, excerto [01:39:23], Apêndice IV).

Os sujeitos P2, P8 e P10 reforçam a mesma sugestão quando apontam para a necessidade de utilização de softwares de simulação, fator que, segundo eles, facilitaria a discussão de fenômenos físicos nas diversas realidades de escolas que serão encontradas pelos futuros professores onde, geralmente, os recursos didáticos são precários.

> ..usar a tecnologia que a gente está na era tecnológica entender que esses periféricos celulares, laptops, essas coisas elas podem e devem ser utilizadas na educação. (P2, excerto [01:20:41], dados da pesquisa).
> Então, a educação digital, quais são as ferramentas que nós podemos implementar dentro do processo educativo. (P8, excerto [02:24:25], dados da pesquisa).
> ...eu acho que hoje você vê as coisas acontecendo, e se talvez a gente conseguisse fazer essa junção, botar a simulação mais próxima, não sei como é que está hoje realmente na licenciatura, se já está sendo usado isso... (P10, excerto [01:21:48], dados da pesquisa).

Rocha (2016) aponta para a importância da realização de experimentos como instrumento facilitador dos processos de ensino e de aprendizagem, chamando especial atenção para a possibilidade de construção e implementação de kits de baixo custo, facilidade de montagem e possibilidade de aplicação nas diversas realidades de escolas que fazem parte do universo de trabalho dos professores.

Alarmados com os altos índices de evasão nos cursos de licenciatura, P1, P3 e P10 apontam uma quarta sugestão, propondo uma repaginação das metodologias de ensino nas disciplinas iniciais dos cursos de licenciatura. Segundo eles, grande parte dos alunos abandona o curso por conta das lacunas existentes em suas formações na

educação básica, lacunas estas que os impedem de acompanhar o ritmo imposto pelos professores da graduação, levando-os a reprovações já nas primeiras disciplinas. Para P1 os professores deveriam ter mais empatia a fim de identificar essas lacunas, buscando saná-las e, com isso, diminuir os altos índices de evasão. P10 destaca que estes professores deveriam se preocupar menos com os cálculos, dando maior ênfase aos conceitos físicos, no caso da Física e P3 destacou que os professores universitários deveriam se aproximar mais dos alunos, com vistas a entender melhor suas dificuldades. Os discursos destes sujeitos constam nos excertos abaixo:

> Eu acredito que a evasão ela ocorre por causa das lacunas de aprendizado que existem. O cara chega com uma formação deficiente na universidade. Aí ele chega na universidade, ele se depara com o ensino com praticamente zero empatia. Ou seja, tu chegas lá e só apanha, cara. Então você aprende apanhando, tem que se virar e correr atrás e tal. Uma preocupação maior com a didática e menor com a pressão que eu coloco sobre o aluno. A questão é, quando eu olho para colegas que abandonaram a caminhada, eu vejo, poxa, aquele cara, talvez se a abordagem fosse um pouquinho diferente, o cara tinha chegado lá. Entendeu? E aí, realmente tentar fazer uma abordagem mais atrativa, fazer aquilo que eles esperam da gente quando a gente estiver exercendo a profissão. (P1, excerto [01:39:23], Apêndice IV).
> Acho que essa cabeça do professor universitário tem que ser mudada, essa cabeça, não o conteúdo em si, não a parte específica do conteúdo, não a parte que tem que ser ensinada, mas eu acho que pode sim ser ensinada de uma maneira um pouco mais leve, um pouco diferente. (P3, excerto [01:23:33], Apêndice IV).
> Principalmente lá na formação inicial do professor da licenciatura, eu acho que deveria ser abordada uma formação conceitual, acho que mais forte, uma formação conceitual não desvinculada da parte de cálculo, de conta mesmo o tempo todo. (P10, excerto [01:18:41], dados da pesquisa).

As sugestões dos três sujeitos vão ao encontro da fala de Mussi (2022) que cita a identificação de gargalos dos cursos de licenciatura, levantados após intensos debates no Fórum de Licenciaturas da UEFS em 2019, apontando a alta taxa de reprovação em alguns componentes como suspeita de possíveis motivos dos altos índices de evasão. Estes discursos corroboram também com a pesquisa de Micha *et al* (2018), que salientou para os altos índices de evasão nos cursos de Física no Brasil, destacando que a grande maioria dos alunos evade nos períodos iniciais do curso, com incidência ainda maior no período de ingresso.

Sabemos que já existem universidades no Brasil que trabalham neste sentido, buscando diminuir as lacunas existentes na formação básica dos ingressantes dos cursos de licenciatura, porém estas ações precisam ser ampliadas. Como exemplo podemos citar a UERJ, onde foram criadas as disciplinas de Física Zero e Cálculo Zero na licenciatura em Física com o objetivo de trabalhar estas lacunas e, consequentemente, diminuir os altos índices de evasão.

A quinta sugestão, apontada por P1, P3, P4 e P8, e que se liga também ao tema da evasão e da alta taxa de reprovação, refere-se à necessidade de melhoria da didática dos professores das licenciaturas pois, segundo eles, as práticas de alguns professores estão muito distantes do verdadeiro sentido da educação enquanto prática reflexiva. Estão muito distantes daquilo que se espera de um formador de professores, conforme nos mostram os excertos abaixo:

> Se eu estou formando professores, os professores desses caras precisam ser o suprassumo do exemplo. Entende? Por que como que eu espero formar bons professores se esses caras estudam com maus professores? (P1, excerto [01:39:23], Apêndice IV).
> As práticas que a gente tem dentro da universidade, os professores da universidade não colocam em prática. Aquelas experiências de se relacionar com o aluno, de ter um entendimento maior. Os professores da universidade não colocam isso em prática. (P3, excerto [01:27:35], Apêndice IV).
> Mesmo sendo, tendo essa diferenciação de bacharel e licenciatura, a gente sente que os professores que dão curso de licenciatura, sejam da área de Cálculo, da área de Física mesmo, eles realmente estão ali só para a parte teórica, para te passar o conteúdo, no geral, não generalizando realmente todos, mas a grande maioria é assim, pelo que eu vivi. (P4, excerto [01:00:17], Apêndice IV).
> Então, ele é um pesquisador, ele é um produtor de conteúdo, mas que dentro da carga horária dele é necessário, é obrigatório que ele ministre aulas. E por muitas vezes, esses professores nem tiveram a formação pedagógica. (P8, excerto [01:29:25], Apêndice IV).

Sobre esta quinta sugestão, não pretendemos fazer juízo de valor, definido por Tardif (2014) como dimensão assertória ou proposicional do saber, sobre o que é um bom ou mau professor, entretanto pesquisas recentes tratam da ausência de uma formação da docência universitária. Por exemplo, Matos e Martins (2022) apontam que muitos dos professores universitários são bacharéis, portanto não possuem o conhecimento pedagógico necessário ao exercício da docência. Para Ferraz *et al* (2021), não há um lócus para a formação do professor universitário e, portanto, a aprendizagem da docência ocorre, na maioria das vezes, com base nas experiências cotidianas em sala de aula. Ainda segundo as autoras, os saberes imprescindíveis para que os professores universitários desenvolvam suas aulas com um sentido didático-pedagógico ainda é uma questão pouco debatida nas universidades.

A necessidade de reformulação da disciplina de didática/prática docente foi apontada pelos sujeitos P4 e P9 como sexta sugestão pois, segundo eles, as atividades nesta disciplina limitam-se à observação das aulas de outros professores e ao preenchimento de formulários e relatórios. Esta disciplina deveria colocá-los efetivamente ministrando aulas sob supervisão, criando maior proximidade com a escola. Seguem os relatos nos excertos abaixo:

> Eu lembro que tinha a disciplina de estágio, a gente cumpriu estágio na escola, porém, na sala de aula, a gente só tinha que apresentar relatórios, para ganhar nota. (P4, excerto [01:02:48], dados da pesquisa).
> Eu tive na graduação matérias como prática docente .... E também com a prática, com o dia a dia, de ter o momento de vivenciar uma sala de aula, enfim, e não aconteceu. (P9, excerto [01:11:56], dados da pesquisa).

A proposta dos dois sujeitos encontra sustentação nas ideias de Marzari (2015), as quais apontam para a necessidade de mudanças na disciplina de didática dos cursos de licenciatura a fim de que esta disciplina deixe o papel meramente instrumental e de neutralidade política, característica trazida dos tempos de ditadura militar no Brasil, avançando para um sentido que vise a apropriação de conceitos e, consequentemente, a formação do pensamento teórico crítico dos licenciandos.

A sétima sugestão foi apontada por P6 e refere-se à necessidade de preparação psicológica dos futuros professores, tendo em vista que atuarão em constante tensão frente à diversidade de perfil das turmas e dos alunos com os quais trabalharão. Pois, segundo P6:

> Uma coisa que é importante, que a faculdade deveria, pelo menos a maioria das faculdades de licenciatura deveriam ter alguma parte voltada para psicologia, entendeu? (P6, excerto [00:46:38], dados da pesquisa).

A proposta do sujeito P6 encontra aporte nas ideias de Santos e Silva (2022), as quais apontam que circunstâncias internas e externas às salas de aula concorrem para o adoecimento físico e psíquico dos professores. Para os autores, comparada com outras atividades profissionais, a docência é caracterizada por maiores níveis de estresse e baixos níveis de bem-estar, destacando que a Organização Internacional do Trabalho considera a docência como atividade de risco desde 1981. Somando, Farias (2018), após pesquisa realizada com 34 professores de um Instituto Federal de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, apresentou os conflitos estabelecidos nas relações interpessoais como um dos fatores para a falta de qualidade de vida no trabalho dos professores. A autora acrescentou que as doenças de origem psicológica são uma das causas dos afastamentos do trabalho, destacando que estas doenças são provenientes desta falta de qualidade de vida no trabalho.

Finalizando, a oitava proposta foi apontada pelo sujeito P8 e sugere mudanças nos currículos dos cursos de licenciatura de forma que os licenciandos recebam subsídios suficientes para que, no exercer da docência, atuem como professores intelectuais críticos, no sentido atribuído por Giroux (1997), ou seja, para que aprendam a trabalhar com seus alunos de forma a estabelecer as bases para críticas e

transformação das práticas sociais que ocorrem no entorno da escola. Vide o discurso deste sujeito, a partir do excerto abaixo:

> Porque a escola hoje tem que estar preparada para o desafio do desenvolvimento educacional individual, mas também tem que estar preparada para o impacto social que está relacionado ao desenvolvimento desse indivíduo. Ou seja, a escola tem que estar preparada para lidar com a família desses jovens, a escola tem que estar preparada para lidar com a vizinhança da escola. E a escola tem como função, na minha visão, para além da educação. Quando falo escola, falo de todas as escolas, inclusive as privadas. Elas deveriam ser responsáveis pelo entorno. Ou seja, de identificar elementos do entorno que possam ser transformados através da educação e da oportunidade. Pessoas carentes, pessoas com menos acesso à informação. Então, acho que a escola vai ter que cuidar da comunidade e ela tem que ter ferramentas, claro, para que ela possa fazer isso. (P8, excerto [02:21:52], dados da pesquisa).

Esta proposta se alinha com diversos referenciais citados ao longo desta tese, destacando, a título de exemplo, as ideias de Freire (1987 e 2011) as quais apontaram que não existem escolas em perfeito isolamento com o resto da sociedade e de Lemke (2001) quando destacou que a ciência e o ensino da ciência devem ser entendidos como atividades humanas, cujo foco de interesse deve se tornar parte e não a parte da cultura e das questões sociopolíticas dominantes.

Ensaiando Considerações

A análise dos enunciados dos sujeitos permitiu perceber algumas questões que foram levantadas no resgate de referenciais deste trabalho, identificando que o relato das práticas dos professores dialoga com os resultados que as pesquisas vêm apontando como possíveis estratégias para a solução de tensões presentes no trabalho docente. Ao mesmo tempo, enfatizamos a necessidade de ouvir os professores e professoras da Educação Básica que participam do processo de construção de saberes no cotidiano escolar.

Sinalizamos aqui, alguns resultados apresentados nas análises. Como primeiro resultado, destacamos a importância de problematizar a construção das identidades docentes sem reflexão e como reprodução de modelos mais voltados para a racionalidade técnica.

A segunda observação nos remeteu à falta de participação em cursos de formação continuada por grande parte dos sujeitos, ou a sua participação em cursos de áreas desconexas com a prática docente, ponto que não contribui para a continuidade do estudo e o envolvimento dos sujeitos com pesquisas atuais sobre o ensino e possibilidades de reflexões e mudanças em seus processos de ensino e de aprendizagem.

O abandono da carreira docente por conta de baixos salários, excesso de responsabilidade e descrença com o sistema educacional pôde ser observado a partir dos enunciados de dois sujeitos. Este fato corrobora com as estatísticas alarmantes para a falta de professores de algumas disciplinas em um futuro próximo.

O “choque inicial”, descrito por Huberman (1995), foi identificado no discurso da maioria dos entrevistados, bem como pôde-se observar a falta de apoio institucional que os recém-licenciados encontram quando buscam soluções para os problemas vivenciados em suas primeiras experiências enquanto regentes.

O diálogo entre as ideias de Freire e Bakhtin possibilitou observar que a construção das identidades profissionais dos sujeitos ocorre ao longo da vida, a partir de suas relações com o outro e com o meio, bem como constatar uma postura de não fixidez na busca por uma Educação Transformadora, pautada em valores humanos, postos fundamentais na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Quanto às disciplinas de cunho pedagógico, ministradas na graduação, segundo a metade dos entrevistados, não contribuíram para a construção dos saberes docentes, sendo que alguns dos entrevistados relataram que somente uma disciplina impactou positivamente em suas formações, desconsiderando as demais disciplinas presentes no currículo. Este fato nos leva a refletir sobre a necessidade de mudanças na perspectiva

de alguns pesquisadores que apontam que tais disciplinas não devem ser oferecidas somente ao final dos cursos de licenciatura, mas sim ao longo de todo o curso de formação inicial.

Entendemos, portanto, que é preciso dar maior ênfase à participação dos licenciandos nas discussões sobre o currículo da sua formação inicial, levando-se em conta que suas escolhas individuais são determinantes para a construção de suas identidades docentes.

Embora os dez sujeitos tenham apontado como uma estratégia imprescindível a participação em projetos de pesquisa ao longo da formação inicial, somente quatro deles participaram destes programas, porém nenhum dos projetos relatados objetivou a inserção destes licenciandos em sala de aula com vistas a fomentar pesquisas e debates sobre a prática docente. Esta inserção em sala iria ao encontro de outra questão importante, a aproximação entre a academia e a escola, estratégia cujo objetivo é diminuir o abismo existente entre a formação inicial e a prática a ser desenvolvida em sala de aula. Os professores não aceitam mais o papel de meros aplicadores do conhecimento e desejam que suas vozes sejam ouvidas pela academia.

Quanto ao estabelecimento das comunidades de aprendizagem nas escolas, constatamos que somente dois dos sujeitos participam de forma oficial desta estratégia, com carga horária direcionada para essa atividade. Vale ressaltar que todos os sujeitos consideram importante este estabelecimento, corroborando com o que apontam as pesquisas.

Dentre os dez sujeitos, somente um participou, durante sua formação inicial, de disciplinas que o prepararam para o trabalho com as questões da diversidade (gênero, raça, etnia e etc.). Esta lacuna, presente na formação da maioria dos entrevistados, dificulta o estabelecimento de ações necessárias à mudança social e cultural de nosso país.

Refletindo sobre possíveis propostas de mudanças que venham a impactar positivamente os cursos de graduação de forma a melhor preparar os futuros professores, os sujeitos apontaram as seguintes sugestões:

- Incremento da participação, compulsória, de todos os licenciandos em programas de pesquisa e/ou extensão universitária, com bolsas subsidiadas por órgãos de fomento. Incrementando também a pesquisa nos projetos PIBID e de Residência Pedagógica, a depender do período dos alunos e também da formação do supervisor na escola.
- Engajamento compulsório de todos os professores envolvidos nos cursos de licenciatura em projetos de pesquisa e/ou extensão que visem o estreitamento do abismo existente entre a academia e a escola.

- Atualização dos experimentos e seus respectivos aparatos nos cursos de licenciatura com vistas a trabalhar com materiais mais próximos da realidade a ser encontrada pelos futuros professores nas salas de aula, sugerindo para tal a utilização de experimentos de baixo custo e softwares de simulação.
- Mudanças na metodologia de ensino dos professores dos cursos de licenciatura com vistas à identificação e ao tratamento das lacunas de aprendizagem existentes na formação básica dos alunos e, consequentemente, à diminuição dos níveis de reprovação nas disciplinas iniciais.
- Repensar a docência universitária, ou seja, a formação didática para os professores universitários que, muitas vezes, só possuem bacharelado e, por isso, não dominam as estratégias necessárias à prática docente.
- Reformulação da disciplina de didática ministrada na graduação, a fim de que esta coloque os licenciandos, efetivamente, para ministrar aula sob a supervisão dos professores formadores.
- Preparação psicológica dos futuros professores na graduação, tendo em vista que atuarão em constante tensão frente à diversidade de perfil das turmas e dos alunos com os quais trabalharão.
- Repensar os currículos das licenciaturas, de forma que os futuros professores possam trabalhar com viés intelectual crítico, entendendo que a escola não está isolada da sociedade e que, por isso, precisa contribuir com as mudanças sociopolíticas do seu entorno.

A análise dos discursos dos dez docentes nos permitiu responder à questão norteadora e alcançar os objetivos específicos que serviram como guia para a concretização da pesquisa. As sugestões de mudanças apresentadas refletem a importância de ouvirmos os professores da Educação Básica que, coletivamente, assumem o papel de protagonistas na avaliação e produção de saberes.

O levantamento de referenciais para a construção desta tese nos permitiu identificar que já existem cursos de licenciatura no Brasil trabalhando no sentido de construírem novos percursos formativos, a partir de mudanças em seus currículos, cujo objetivo principal é mitigar a distância existente entre a formação inicial e a realidade a ser encontrada pelos futuros professores em sala de aula, por exemplo, alguns cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Por fim, destacamos que o vasto material coletado ao longo desta pesquisa, a partir das gravações e transcrições dos discursos dos sujeitos, pode ser utilizado como subsídio para a realização de novas e necessárias pesquisas, que venham a corroborar ou refutar esta tese.

Referências

ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, M. (org). 12 ed. **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. Campinas, SP: Papirus. 2011, p. 55-69.

ASSUNÇÃO, E. T. C.; SOUZA, E. M. de. F. Diálogos entre Mikhail Bakhtin e Paulo Freire. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 7, p. 286-300, 2019.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: BRAIT, B. (org). 1 ed. **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas, SP: Unicamp. 1997, p. 27-38.

BASTOS, F. Eu fico meio sem saber como eu vou falar isso assim, do nada: Currículo, Diversidade Sexual e Ensino de Biologia. In: TEIXEIRA, P. P.; QUEIROZ, G. R. P. C. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Biologia Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2019, p. 33-47.

BRAIT, B. **Bakhtin, Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas, SP: Unicamp. 1997.

BRAIT, B. (org). 5 ed. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2020.

BRAIT, B; MELO, R de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (org). 5 ed. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2020, p. 61-78.

BRANDÃO, Z. Abordagens alternativas para o ensino da didática. In: CANDAU, V. M. (org). 36 ed. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014, p. 55-65.

BRASIL**. Lei n.º 5.524, de 5 de novembro de 1968**. Dispõe sobre o exercício da profissão de Técnico Industrial de nível médio. Brasília, DF, 1968.

BRASIL. **Decreto n.º 90.922, de 06 de fevereiro de 1985**. Regulamenta a Lei n.º 5.524, de 05 de novembro de 1968, que dispõe sobre o exercício da profissão de técnico industrial e técnico agrícola de nível médio ou de 2º grau. Brasília, DF, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei no 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL, **Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. **Lei n.º 11.741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n^0 870**, **de 16 de julho de 2008**. Aprova o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio, elaborado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Brasília, DF, 2012

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha Base**. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. **Lei n.º 13.639, de 26 de março de 2018**. Cria o Conselho Federal dos Técnicos Industriais, o Conselho Federal dos Técnicos Agrícolas, os Conselhos Regionais dos Técnicos Industriais e os Conselhos Regionais dos Técnicos Agrícolas. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB n^0 2**, **de 15 de dezembro de 2020**. Aprova a quarta edição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, Brasília, DF, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024** Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de

licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura), Brasília, DF, 2024.

BRASIL. **Decreto n.º 12358, de 14 de janeiro de 2025**. Institui o Programa Mais Professores para o Brasil – Mais Professores. Brasília, DF, 2025.

BRILLINGER, M. de S. **O Gênero Jornalístico Artigo no Livro Didático: Um Estudo da Elaboração Didática.** 2019, 192f, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

BRITO, A. E.; CARVALHÊDO, J. L. P.; LIMA, M. da. G. S. B. Currículo da Formação Inicial de Professores. In: VEIGA, I. P. A.; SANTOS, J. S. dos S. (orgs). 1 ed. **Formação de Professores Para a Educação Básica**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2022, p. 148-167.

CANDAU, V. M. A Didática e a formação de educadores – Da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. (org). 36 ed. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014, p. 13-24.

CANDAU, V. M. CRUZ, G. B. da.; FERNANDES, C. **Didática e Fazeres-Saberes Pedagógicos: Diálogos, Insurgências e Políticas**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2020.

CARDOSO, E. K. C.; GUSMÃO, M. A. P. A Constituição da Dialogia em Bakhtin e Freire: Convergências Discursivas em Produções Textuais do Gênero Autobiográfico com Alunos da EJA. **Revista Educação e Linguagens**, v. 10, n. 19, p. 173-195, 2021.

CARDOSO, S. P. **O laboratório de mudança como ferramenta para o desenvolvimento profissional dos docentes de um curso de Ensino Médio Integrado,** 2023, 311f, Tese de Doutorado, CEFET-RJ, Rio de Janeiro, 2023.

CARVALHO, A. M. P. de. **Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e Suas Metodologias.** São Paulo: Papirus, 2005.

CASTRO, P.; LIMA. M. L.; GARRIDO, M. V. **Temas e Debates em Psicologia Social**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

CASTRO, G. F. de. **A Construção da (Auto) Imagem do Professor: Os saberes explícitos e implícitos nos discursos de professores de Física.** 2009, 128f, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CATARINO, G. F. de. C. **A aula de física com gênero discursivo: reflexões sobre educação científica formal, não formal e outras formas**. 2013, 247f, Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

COMIN, F. S. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. **Educação em Revista**, v. 30, n. 03, p. 245-266, 2014.

CONTRERAS, J. **A Autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2012.

CORTINA, A. Ética de la razón cordial: Educar en la cidadania en el siglo XXI. Llanera (Asturias): Ediciones Nobel, 2007.

D´AMBROSIO, U. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

D´ÁVILA, C. Para onde vai a didática? O enfrentamento às abordagens teóricas e desafios políticos da atualidade. In: CANDAU, V. M.; CRUZ, G. B. da.; FERNANDES, C. (orgs). 1 ed. **Didática e Fazeres-Saberes Pedagógicos: Diálogos, Insurgências e Políticas**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2020, p. 198-210

DINIZ, R. E. da. S. Concepções e Práticas Pedagógicas do Professor de Ciências. In: NARDI, R. (org). 2 ed. **Questões Atuais no Ensino de Ciências**. São Paulo: Escrituras Editora. 2009, p. 35-40.

DUARTE, R. Entrevistas em Pesquisas Qualitativas. **Educar em Revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUBAR, C. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ETEJK, **Projeto Político Pedagógico**, Rio de Janeiro, 2023.

FARIAS, D. L. G. de. **Choque de Realidade: um estudo sobre stress ocupacional e qualidade de vida no trabalho em instituto federal de ensino no Rio de Janeiro.** 2018, 119f, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

FERRAZ, R. D.; FERREIRA, L. G.; NOVA, C. C. C. da. A docência universitária e suas interfaces didáticas: movimentos de aprendizagens. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, n. 68, p. 155-183, 2021.

FERREIRA, A. V. **Representações sociais e evasão em espaços educacionais não escolares**, Curitiba, PR: CRV, 2016.

FERREIRA, L. G. et al. Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores: desafios e configurações para as licenciaturas. 2021.

FIGUEIREDO, J. Perspectivas para a construção de práticas pedagógicas solidárias a partir de Freire e Bakhtin. **Diálogo**, n. 45, p. 33-41, 2020.

FORATO, T. C. de. M; SILVA, J. A da.; SILVA, R. S. da.; GOUW, A. M. S. Pseudociências, Polarizações, Direitos Humanos e Curricularização da Extensão: A Física Moderna no Empoderamento dos Sujeitos. In: SANTOS, A. G. F. dos.; QUEIROZ, G. R. P. C.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Física Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2021. p. 129-152.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro Com a Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. 75ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GIL, A. C. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas Editora, 2009.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia da aprendizagem.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

GUERRA, A. Novas perspectivas historiográficas para história de ciências no ensino: discutindo possibilidades para uma educação em ciências mais política. **Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 4, n. 3, 2021.

GURGEL, I. Reflexões político-curriculares sobre a importância da História das Ciências no contexto da crise da modernidade. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 2, p. 333-350, 2020.

GURIDI, V. M. **A inclusão de professores de ensino básico na pesquisa: um desafio institucional**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social.** Madrid: Taurus, 1999.

HARDING, S. Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo de Sandra Harding. **Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência**, n. 5, 2019.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A.(org). 2 ed. **Vidas de Professores**. Porto, PT: Porto Editora, 1995. p. 31-62.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza**. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2009.

IBIAPINA, I. M. L. de. M. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão. In: IBIAPINA, I. M. L. de. M. (org). 1 ed. **Pesquisa Colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Teresina, PI: EduFPI, 2016. p. 33-61.

JAMAL, N. O. El.; GUERRA, A. O caso Marie Curie pela lente da história cultural da ciência: discutindo relações entre mulheres, ciência e patriarcado na educação em ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 24, p. e35963, 2022.

LIMA, M. do. S. L.; FARIAS, I. M. S. de. A didática e a prática de ensino: Questões contemporâneas em debate. In: CANDAU, V. M.; CRUZ, G. B. da.; FERNANDES, C. (orgs). 1 ed. **Didática e Fazeres-Saberes Pedagógicos: Diálogos, Insurgências e Políticas**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2020, p. 158-176.

LEMKE, J. L.; Articulating Communities: Sociocultural Perspectives on Science Education, **Revista de Pesquisa no Ensino de Ciências,** v.38, n. 3, p. 296 a 316, 2001.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Currículo: debates contemporâneos.** 3ª edição, São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. Apresentação Uma alternativa às políticas curriculares centralizadas. **Roteiro**, v. 46, 2021.

LUCKESI, C. C. O Papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, V. M. (org). 36 ed. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014, p. 25-34.

LÜDKE, M. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: ANDRÉ, M. (org). 12 ed. **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. Campinas, SP: Papirus. 2011, p. 27-54.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.; **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 2013.

LÜDKE, M. Novos enfoques da pesquisa em didática. In: CANDAU, V. M. (org). 36 ed. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014, p. 79-93.

MACEDO, R. S. **Currículo: Campo, Conceito e Pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**, v. 1, p. 203-234, 2010.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org). 5 ed. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2020, p. 151-166.

MANIERI, D. CARDOSO, K. D. V. O dialogismo no ambiente educacional: Bakhtin e Freire. **REVISTA EIXO**, v. 10, n. 3, p. 4-12, 2021.

MARIANO, A. L. S. A aprendizagem da docência no início da carreira: qual política? Quais problemas? **Revista Êxitos**, v. 2, n. 1, p. 79-94, 2012.

MARTINS, G. de. A. **Estudo de Caso: Uma estratégia de Pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

MARZARI, M. Didática no ensino superior: perspectivas de mudanças. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 17, n. 1, 2015.

MASSONI, N. T.; BRÜCKMANN, M. E.; ALVES-BRITO, A. A Reestruturação Curricular do curso de Licenciatura em Física da UFRGS: construção de novas identidades na formação docente inicial do século XXI. **Revista Educar Mais.** Pelotas, RS. Vol. 4, n. 3, p. 512-541, 2020.

MATOS, E. O. da. F.; MARTINS, E. S. A formação didático-pedagógica dos professores de licenciatura. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v.3, n.1, p. 1-10, 2022.

MICHA, D. N.; BARCELLOS, M. E.; SILVA, G. dos. S. F. da. S.; SOUZA, E. G. de.; SILVA, M. C. da.; SILVA, E. T. da.; GONÇALVES, D. N. O novo currículo do Curso de Licenciatura em Física do CEFET/RJ, Campus Petrópolis. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 35, n. 2, p. 478-517, 2018.

MIZUKAMI, M. da. G. N. Aprendizagem da Docência: Professores Formadores. **Revista e-Curriculum,** v.1, n. 1, p. 0, 2005.

MIZUKAMI, M. da. G. N. *et al*. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MOURA, E. M. **Paulo Freire e Bakhtin: um diálogo possível.** 2011, 190f, Tese de Doutorado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

MOURA, C. B. de.; GUERRA, A. História cultural da ciência: um caminho possível para a discussão sobre as práticas científicas no ensino de ciências? **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 16, n. 3, p. 725-748, 2016.

MUSSI, A. de. A. Formação de professores para a Educação Básica: Relações entre currículo e escola. In: VEIGA, I. P. A.; SANTOS, J. S. dos. S. (orgs). 1 ed. **Formação de Professores Para a Educação Básica**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2022, p. 168-188.

NASCIMENTO, M. M. **Análise dos Produtos Educacionais Desenvolvidos no Âmbito de Um Mestrado Profissional em Ensino de Física.** 2016, 222f, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NETO, C. D. da. C.; GIRALDO, V. Do 3+1 à prática como componente curricular: uma narrativa possível sobre o currículo da formação inicial de professores de matemática na UFRJ. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, v. 8, n. 17, p. 369-394, 2019.

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto, PT: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação Num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação e Realidade**, v. 44, n. 3, 2019.

NÓVOA, A. **Sétima Jornada Pedagógica Nacional de Educação Profissional e Tecnológica**. Youtube: 08/02/2023. Disponível em: https://www.youtube.com/live/L-MQfibWa9w?feature=share. Acessado em 01/04/2025.

NUNES, M. F. R.; KRAMER, S. Linguagem e alfabetização: dialogando com Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 6, n. 11, p. 19-40, 2011.

OLIVEIRA, R. D. V. L. de.; QUEIROZ, G. R. P. C. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Química Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2017.

OLIVEIRA, C. Z. de.; CAMPOS, J. B.; OLIVEIRA, M. A. A. de. A ANÁLISE DO DISCURSO: uma abordagem teórico-metodológica em pesquisa de formação docente. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 31, n. 03, p. 41-67, 2022.

OTT M. B. Ensino por meio de solução de problemas. In: CANDAU, V. M. (org). 36 ed. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014, p. 66-75.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

PENA, G. B. de. O.; SILVEIRA, H. E. da.; GUILARDI, S. **O Início da Carreira Docente: Um Início Aprofundado e Reflexão Dessa Fase**. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

PEREIRA, R. A.; OLIVEIRA, A. M. de. Análise dialógica do discurso: apontamentos de/para pesquisa no Brasil. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, n. 11, p. 41-68, 2022.

PINHEIRO, B. C. S. Catadores de lixo e a questão racial no Brasil: Um enfoque químico e social na problemática do lixo. In: OLIVEIRA, R. D. V. L. de.; QUEIROZ, G. R. P. C. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Química Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2017, p. 51-60.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o Ensino de Ciências: Do Conhecimento Cotidiano ao Conhecimento Científico**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

QUEIROZ, G. R. P. C.; LIMA, M. C. A. B. Conhecimento Científico Seu Ensino e Aprendizagem: Atualidade do Construtivismo. **Ciência & Educação,** v.13, n. 3, p. 273-291, 2007.

RAYS, O. A. Pressupostos teóricos para o ensino da didática. In: CANDAU, V. M. (org). 36 ed. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014, p. 43-52.

ROCHA, C. H. da. S. **A Melhoria do Processo de Aprendizagem do Eletromagnetismo Com a Utilização de Experimentos de Baixo Custo.** 2016, 180f, Dissertação de Mestrado, Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2016.

ROCHA, J. D. T. E agora? Pós BNCC – Qual (is) currículo (s) para formar professor no Brasil. In: VEIGA, I. P. A.; SANTOS, J. S. dos S. (orgs). 1 ed. **Formação de Professores Para a Educação Básica**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2022, p. 189-218.

ROCHA, C. H. da. S.; CATARINO, G. F de. C.; GUERRA, A. Atores sociais invisíveis da ciência: Um relato sobre a trajetória de Joaquim Venâncio Fernandes: Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 14. **Anais...** Caldas Novas, ENPEC, 2023.

ROSA, K. D. da.; SILVA, C. de. S.; TORRES, A. de. O. P. A mecânica dos onjós de farinha: descolonizando sabres In: SANTOS, A. G. F. dos.; QUEIROZ, G. R. P. C.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Física Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2021. p. 97-112.

SANTOS, L. L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, Marli (org). 12 ed. **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. Campinas, SP: Papirus. 2011, p. 11-25.

SANTOS, Q. D. de. O. Aprendendo a profissão – professores em início de carreira, as dificuldades e descobertas do trabalho pedagógico no cotidiano da escola. In: SILVA, K. A. C. P. C. da. S.; CRUZ, S. P. da. S. (orgs). **O Professor Iniciante: Sentidos e Significado do Trabalho Docente**. Jundiaí, SP: Paco Editorial. 2017. p. 148-163.

SANTOS, A. G. F. dos.; QUEIROZ, G. R. P. C.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Física Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2021.

SANTOS, A. G. F. dos. **A práxis da codocência e da coaprendizagem pelos caminhos da interdisciplinaridade na formação inicial de professores de ciências na perspectiva da teoria da atividade.** 2021, 336f, Tese de Doutorado. CEFET-RJ, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, K. D. A.; SILVA, J. P. da. Sentido de vida e saúde mental em professores: uma revisão integrativa. **Revista da SPAGESP**, v. 23, n. 1, p. 131-145, 2022.

SANTOS, R. N. **Formação Docente e Ensino de Biologia: a construção do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.** 2023, 168f, Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

SILVA, K. A. C. P. C. da.; CRUZ, S. P. da. S. (orgs). **O Professor Iniciante: Sentidos e Significado do Trabalho Docente**. Jundiaí, SP: Paco Editorial. 2017.

SOBRAL, A. Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas/Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, B. (org). 5 ed. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2020, p. 103-150.

SOUZA, D. M. de. *et al*. Formação docente para bacharéis: possibilidades para professores novatos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 957-981, 2021.

SOUZA, D. F. de.; ROSA, L. L. da.; SILVA, R. C. R. da.; JÚNIOR, W. A. M.; **Análise da Formação Técnica de Nível Médio em Eletrotécnica e do Bacharelado de**

Engenharia Elétrica: Perspectivas Para Construção das Atividades Profissionais. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato Editorial, 2022.

STENGERS, I. **Uma outra ciência é possível**: **manifesto por uma desaceleração das ciências**. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2023.

TARDIF, M. **O Trabalho Docente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, P. P.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de.; QUEIROZ, G. R. P. C. (orgs). **Conteúdos Cordiais: Biologia Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaça**. 1 ed., São Paulo: Livraria da Física, 2019.

UMBELLINO, M. M.; CIRÍACO, K. T. "Dores, dilemas e descobertas": desafios de professores iniciantes na carreira do magistério. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 27, n. 1, p. 399-425, 2018.

UMPIERRE, A. B.; MOREIRA, S. A.; SUAREZ, A. P.; CRUZ, P.; SILVA, A. M. T. B. da.; QUEIROZ, G. R. P. C. Novas perspectivas para além da racionalidade técnica na formação de professores de ciências: Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, 15. **Anais...** Maresias, EPEF, 2014.

VEIGA, I. P. A. Formação de professores – Uma análise por dentro da resolução n. 2/2019. In: VEIGA, I. P. A.; SANTOS, J. S. dos S. (orgs). 1 ed. **Formação de Professores Para a Educação Básica**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2022, p. 94-116.

WALSH, C; OLIVEIRA, L. F. de.; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, p. 83-83, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.

Apêndice I - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido



Ministério da Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IFRJ

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

(De acordo com as Normas das Resoluções CNS nº 510/16)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa PROPOSTAS DE MUDANÇA: COM A PALAVRA, MEUS EX ALUNOS, HOJE PROFESSORES DE CIÊNCIAS. **Antes de decidir se participará, é importante que você entenda por que o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa. O projeto consiste em levantar informações sobre as experiências práticas de professores (as) regentes de Física, Matemática ou Química.** O objetivo deste estudo é possibilitar, a partir dos relatos de seu percurso profissional enquanto docente, reflexões sobre os impactos da formação inicial e/ou continuada de professores em suas práticas. **Entre outras atividades pretendemos** realizar entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa a fim de levantar informações sobre suas práticas docentes e trajetórias profissionais. Você foi selecionado (a) para contribuir com a pesquisa concedendo uma entrevista e sua participação não é obrigatória. Você foi selecionado (a) por ser professor (a) de Física, Química ou Matemática, ex aluno (a) de um curso técnico e para coleta de informações será feita uma entrevista semiestruturada, individual, via plataforma TEAMS. **Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto** Propostas de Mudança: Com a palavra, meus ex alunos, hoje professores de ciências, **será de forma voluntária. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo, será exigida somente sua participação na entrevista semiestruturada que será realizada remotamente via plataforma TEAMS.** Os riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa são: Conceder um tempo considerável de sua vida cotidiana para auxiliar na pesquisa; sentir-se incomodado em expor questões específicas que levem ao desconforto, como questões institucionais, hierárquicas e pessoais. Serão tomadas as seguintes providências para evitá-los/minimizá-los: Haverá liberdade para responder ou não as questões colocadas; as informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Sua colaboração é importante para contribuir com o levantamento de informações que subsidiem reflexões sobre os impactos da formação inicial e/ou continuada de professores em suas práticas docentes. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar a sua identificação em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. Você tem direito de conhecer e acompanhar os resultados dessa pesquisa. Participar desta pesquisa **não** implicará em nenhum custo para você, e, como voluntário (a), você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação. Você será ressarcido (a) de qualquer custo que tiver relativo à pesquisa e será indenizado por danos eventuais decorrentes da sua participação na pesquisa. Você receberá uma via assinada pelo pesquisador, que deverá ser guardada, com o e-mail de contato destes pesquisadores que participarão da pesquisa e do Comitê de Ética em Pesquisa que a aprovou, para maiores esclarecimentos. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rua Buenos Aires, 256, Cobertura, Centro, Rio de Janeiro- telefone 3293-6034 de segunda a sexta-feira, das 9 às 12 horas, ou por meio do e-mail: cep@ifrj.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição e tem como uma das principais funções proteger os participantes de qualquer problema. Esse documento possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável.

Assinatura do pesquisador

Instituição: CEFET-RJ
Nome do pesquisador:Carlos Henrique da Silva Rocha
Tel: (21) 99235-0527
E-mail: chsrocha@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e os benefícios da pesquisa e os meus direitos como participante da pesquisa e que concordo em participar.

_____
Nome do(a) Participante da pesquisa

Data ____/___/___ _____
(Assinatura do(a) participante)

CEP IFRJ
R. Buenos Aires, 256 – 6° andar, sala 601, Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20061-002
Tel: (21) 3293-6034 E-mail: cep@ifrj.edu.br

Apêndice II - Termo de Anuência Institucional

Logo da Instituição externa

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Venho por meio deste documento autorizar o pesquisador Carlos Henrique da Silva Rocha, a desenvolver o projeto intitulado: PROPOSTAS DE MUDANÇA: COM A PALAVRA, MEUS EX ALUNOS, HOJE PROFESSORES DE CIÊNCIAS no(a) _____, cuja infraestrutura atende as necessidades da pesquisa. Cabe citar que estou ciente que o pesquisador está regularmente matriculado no Curso de Doutorado do PPCTE do Campus Maracanã do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET-RJ.

Foi esclarecido que os (as) participantes da pesquisa participarão de entrevistas semiestruturadas, realizadas on line via plataforma TEAMS, a fim de levantar informações sobre suas práticas docentes e trajetórias profissionais. Estou ciente de que a pesquisa consiste em levantar informações sobre as experiências práticas de professores (as) regentes de Física e Matemática, não comprometendo as funções do professor participante da pesquisa. A qualquer momento os participantes poderão desistir de participar da pesquisa, não causando nenhum prejuízo às instituições envolvidas, à pesquisa ou aos participantes. Cabe citar que os procedimentos adotados pelo pesquisador garantem sigilo da identidade dos participantes e sigilo da instituição na qual o participante atua como docente. Os dados serão utilizados para a realização de relatórios internos e publicações científicas.

Essa autorização será válida após aprovação da pesquisa pelo Comissão de Ética em Pesquisa do CEFET-RJ

Rio de Janeiro, ___ de _____de 2022.

_____

Diretor da Instituição

Obs: Não esquecer da assinatura e carimbo

Endereço da Instituição:
Tel:
E-mail:

Apêndice III – Instrumento de Coleta de Dados

Questões Para Entrevista Semiestruturada

1) Qual seu nome e idade?

2) Qual curso de graduação você realizou, instituição e ano de conclusão?

3) Há quantos anos você atua como professor ou quantos anos atuou como professor?

4) Caso não esteja mais atuando como professor, qual a razão de sua saída do magistério?

5) Você já realizou algum curso de pós-graduação lato sensu, mestrado ou doutorado? Caso tenha realizado descreva a instituição e o ano de conclusão.

6) Considerando que você realizou o ensino médio técnico em eletrotécnica, por que optou pela licenciatura?

7) Mais especificamente, por que optou pela física/matemática/química?

8) Descreva as experiências profissionais vividas por você até hoje, considerando também aquelas exercidas antes e/ou depois do magistério.

9) Descreva como foram seus primeiros anos como professor (3 a 5), relatando as dificuldades encontradas, possíveis apoios, ou não, com os quais pôde contar para superá-las. Que estratégias você utilizou para vencer possíveis obstáculos?

10) Após a fase inicial no magistério, descrita por Huberman (1995) como “choque inicial”, poderia descrever como foram os anos seguintes? Descrever se possível em etapas, até os dias atuais.

11) Como é o professor “X”? Quais características você atribuiria a sua identidade profissional?

12) Sua formação inicial, curso de licenciatura, contribuiu para a construção desta identidade profissional?

13) Considerando que, segundo Tardif (2014), a identidade profissional de um professor se constrói ao longo de vida, em que momentos de sua trajetória você identifica etapas de construção das características que formam sua identidade profissional?

14) Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que leciona?

15) As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?

16) Caso tenha realizado cursos de pós-graduação lato sensu, mestrado e/ou doutorado, estes cursos contribuíram para a melhoria da sua prática docente? Faça um breve relato sobre como este curso impactou, positiva ou negativamente, sua prática docente.

17) Durante sua estada na universidade, no decorrer do curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?

18) Em relação à pergunta anterior, caso tenha participado de pesquisas, esta participação contribuiu para sua formação? Comente (levantar se é do/com ou sobre). Caso não tenha participado de projetos de pesquisa, julga importante a oferta e participação dos licenciandos em programas de pesquisa? Defenda sua posição.

19) Em sua escola, você participa de comunidades de aprendizagem, grupos de estudo e/ou de trocas de experiência docente? Caso não participe, julga importante a implementação destes grupos de estudo? Saberia informar a razão da não realização? Caso participe de comunidades de aprendizagem, faça um breve relato sobre o trabalho que é realizado por sua equipe, descrevendo as contribuições para a melhoria da prática docente.

20) Você atua de forma reflexiva crítica sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua? Considera que sua formação inicial te forneceu subsídios para trabalhar desta forma? Comente.

21) Pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre a academia e a escola (professor x pesquisador) como um caminho possível para melhoria dos processos formativos. Guridi (2007). Você enxerga esta alternativa como uma possibilidade eficaz? Comente.

22) Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação de seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?

23) Considerando seu curso de licenciatura, você considera que esta formação inicial te forneceu subsídios suficientes para o pleno exercício da atividade docente? Descreva sobre elogios e/ou críticas à sua formação.

24) Sua formação inicial te forneceu subsídios para você exercer a docência no atual contexto social (observando as questões da etnia, gênero, raça, diversidade etc.)

25) Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudanças nos cursos de licenciatura, com vistas a oportunizar melhores condições de formação aos licenciandos, tornando esta formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos professores novatos em sala de aula. Você concorda com esta afirmação? Caso concorde, quais propostas de mudança apontaria como necessárias aos cursos de licenciatura a fim de tornar a formação inicial de professores mais próxima da realidade encontrada pelos novatos em sala de aula?

Apêndice IV – Transcrição das Entrevistas Semiestruturadas

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P1

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:20]	Pesquisador	Vamos lá.
[00:00:21]	Pesquisador	Fala para mim qual é o seu nome completo e sua idade.
[00:00:25]	P1	Eu me chamo W. A. V. e eu tenho 33 anos.
[00:00:31]	Pesquisador	W. qual curso de graduação você realizou, em qual instituição foi realizado e qual foi o ano de conclusão?
[00:00:39]	P1	Eu estudei na UFRJ, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de licenciatura em Física e eu concluí o curso em 2019.
[00:00:54]	Pesquisador	Há quantos anos você atua como professor ou atuou como professor?
[00:01:00]	P1	Então, desde a faculdade, a gente já trabalhava em projetos. Tanto eu quanto outros alunos, não eram todos, mas a grande maioria, desde que esteve na faculdade, já atuava como professor e esse foi um caso meu também. Então eu posso dizer que sem carteira assinada, eu devo ter atuado como professor por volta de uns quatro anos e com carteira assinada, dois anos. Então foram seis anos aí.
[00:01:37]	Pesquisador	Seis anos. Atualmente você não está mais atuando como professor, né?
[00:01:42]	P1	É, no momento não. No momento eu estou como estudante de teologia.
[00:01:49]	Pesquisador	Então a próxima pergunta é, caso você não esteja mais atuando, qual a razão de sua saída do magistério? Você pode me dar essa explicação?
[00:01:58]	P1	Certo. Então, eu não estou no magistério no momento porque eu estou como estudante de teologia. Estou me capacitando em outra formação e essa formação é de tempo integral. Então eu precisei deixar o magistério por algum tempo. Apesar de, se eu tivesse a oportunidade e o meu curso não fosse integral aqui, com certeza eu estaria no magistério, que é uma coisa que realmente eu gosto de fazer.
[00:02:31]	Pesquisador	Ok. Você chegou a realizar algum curso pós-graduação, lato sensu, você fez mestrado ou doutorado?
[00:02:39]	P1	Não, não.
[00:02:42]	Pesquisador	Considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica, que é o viés aqui dessa tese, por que você optou pela licenciatura em Física?
[00:02:56]	P1	Quando eu fiz o curso de eletrotécnica, eu tive já um contato muito grande com fenômenos físicos, principalmente na área de eletromagnetismo e algumas coisas até relacionadas à termodinâmica, que foram muito, muito, como eu posso dizer, despertaram bastante a minha curiosidade sobre a Física em si, sobre os fenômenos. E eu queria aprender mais sobre esses assuntos. A princípio, eu tinha pensado em fazer faculdade de engenharia, mas durante o pré-vestibular, eu passei por professores de Física que foram assim, me fizeram acabar me apaixonando pela matéria. Então, eu lembro que eu passei praticamente o pré-vestibular todo estudando só Física, de tão apaixonado que eu fiquei pela matéria. Então, eu decidi fazer Física, eu decidi que eu iria fazer, em vez da Engenharia, a minha primeira opção passou a ser Física. Eu queria aprender mais e o tempo na eletrotécnica me ajudou, na verdade, a despertar esse interesse e querer conhecer mais o que estava por trás dos mecanismos e dos fenômenos que eu observava enquanto aluno.
[00:04:26]	Pesquisador	Enquanto técnico, a gente é mais diretivo, mais focado em aplicação, para você conhecer melhor realmente a Física, se for a própria Matemática que te dá esse aprofundamento. Você já respondeu a próxima pergunta, que seria por que optou mais especificamente pela Física? Por que optou pela Licenciatura e por que optou mais especificamente pela Física? Já foi respondido. William, descreve para mim suas experiências profissionais, inclusive aquelas que você viveu antes do Magistério. Serve o estágio, não sei se você chegou a trabalhar algum tempo como técnico, não me lembro muito bem, vindo desde lá da sua primeira inserção no mercado de trabalho.
[00:05:16]	P1	Certo. Então, no mercado de trabalho, logo após a... Na verdade, a gente começa a fazer o estágio antes de concluir. O estágio faz parte do processo de formação. Então eu já comecei a atuar na área de projetos de linha de transmissão de energia elétrica. Eu trabalhei na época, a

		empresa chamava Marte, Marte Engenharia, lá na Cinelândia, no Clube Militar, e era uma empresa muito séria, muito legal, trabalhava no setor de eletromecânica ali com AutoCAD. Trabalhava bastante fazendo revisão de planta de perfil de linha de transmissão, de torres, torres estaiadas, torres de ancoragem. E era muito bacana o trabalho. Eu não cheguei a trabalhar... Tinha algumas ferramentas que os engenheiros utilizavam, acho que era PLS-CAD, um negócio assim. Eu não cheguei a trabalhar, mas era muito bacana ver todo o processo de engenharia e de projeto que era feito. Então essa foi uma experiência muito marcante. Foi, na verdade, na eletrotécnica, foi a experiência profissional que eu tive de atuação no mercado. Então foi quando eu comecei o pré-vestibular também e aí ocorreu aquilo que eu já compartilhei aqui com o senhor, de ter um maior contato com a Física, aprender de forma mais profunda. Então eu fui ficando cada vez mais curioso e a ponto de eu realmente decidir que a minha área, a área que eu queria seguir profissional, era a questão da física mesmo, conhecendo mais a física. Eu não cheguei a comentar na outra pergunta, mas a questão da licenciatura, do ensino, ela surgiu exatamente com a experiência profissional, porque quando eu estava na Física, lá no bacharelado, eu comecei o curso no bacharelado. Eu tive a oportunidade de participar de um projeto de ensino de jovens e adultos, um pré-vestibular comunitário, que a UFRJ tem, eu acho que tem até hoje lá, chama Samora Marshall, é um projeto que um professor desenvolve com alunos da comunidade e tal, bem bacana o projeto. E o meu primeiro contato dando aula para uma turma foi esse. E aí quando eu comecei a dar aula de Física para a galera, eu vi que foi uma coisa assim que eles, os alunos, curtiram, eu curti fazer, eu entendi, cara, eu nasci para fazer isso aqui. Tipo, a minha praia é essa, eu me senti bem demais ali dando aula. E foi quando eu comecei já a perceber que a minha área não era área de pesquisa, mas era realmente a área do ensino, do magistério. E claro, ensinando aquilo que eu gosto, que no caso é o ensino de Física. Então, eu passei, eu trabalhei nesse projeto, eu trabalhei também, fiz estágio no município, em escolas também de favelas. Maestro Pixinguinha trabalhei lá, mais no contexto de ensino fundamental, ali foi com Matemática. Então, eu trabalhava mais na formação dos alunos ali, também trabalhei...
[00:08:50]	Pesquisador	Essa escola fica onde?
[00:08:53]	P1	Fica entre Tomás Coelho e Vicente de Carvalho, ali seguindo o metrô, né? Eu acho que o bairro dela mesmo é Vicente de Carvalho, mas ela fica bem no meio ali das duas estações.
[00:09:08]	Pesquisador	Próximo àquelas comunidades ali do Juramento.
[00:09:12]	P1	Exatamente, foi uma experiência muito legal também, passei um tempo ali trabalhando com eles, foi muito joia. Lá eu trabalhava mais com reforço escolar, né? Então, eu trabalhava com os alunos que tinham conceito ruim, e aí eu ajudava eles a... Eu tinha diversas atividades lúdicas ali, que a gente trabalhava para tentar desenvolver raciocínio lógico, matemático ali com os alunos, ajudar eles a sanar as dificuldades. Então, foi um trabalho bem bacana, né? De realmente você pegar ali as bases do ensino da Matemática e ajudar as crianças a desenvolverem. Eu trabalhei também numa escola chamada Amaro Cavalcante. Isso foi um dos estágios que eu fiz na UFRJ, trabalhei um bom tempo lá. Amaro Cavalcante fica no Largo do Machado, né? Uma escola estadual também. Trabalhei lá como estagiário de física, ajudando os professores nas turmas. Às vezes, tinha oportunidade de dar aulas, né? Também ajudei a implementar um laboratório de física, né? Montando kits e tal, e ajudando a revitalizar o laboratório que tinha lá, só que estava precisando de uma recauchutada, digamos assim, né? Aí eu dei uma força, ajudei também. Foi muito bacana o tempo que eu passei lá. Tive contato com diversos contextos, né? Eu trabalhei com vários professores. Inclusive, a minha monografia, ela surgiu por causa desse contato que eu tive com um dos professores ali. Mas aí depois eu posso falar melhor sobre isso, né? Então, uma outra experiência muito boa que eu tive foi no IFRJ de Nilópolis. Também trabalhei lá. Também um projeto chamado PIBID, que é da CAPES, né? Um projeto de iniciação à docência. Então, muito bacana também.

[00:11:17]	Pesquisador	Nós vamos ter umas perguntas mais adiante onde vamos detalhar mais essa questão de projeto de pesquisa.
[00:11:24]	P1	Sim, é porque faz parte da minha caminhada profissional.
[00:11:27]	Pesquisador	Não, só para você não entrar no detalhe da... Eu vou te explorar mais ainda nessa questão aí, que é importante também, entendeu?
[00:11:38]	P1	Perfeito. Então, esse projeto do PIBID, eu trabalhei bastante tempo também ali no IFRJ. Ainda no PIBID, eu trabalhei também numa outra escola estadual. Lá perto de onde eu morava, no Rio de Janeiro, na Pavuna, eu agora esqueci o nome do colégio. Pessoal chamava de Batistão, né? É Batista? Alguma coisa Batista. Esqueci o nome agora do...
[00:11:57]	Pesquisador	Isso, ali é Acari. É Batistão mesmo que a gente conhece. João Batista, alguma coisa.
[00:12:03]	P1	Isso, eu fiz.
[00:12:04]	Pesquisador	Passando na Avenida Brasil, em direção à Guadalupe, à direita, o Colégio Grande Estadual.
[00:12:11]	P1	Pelo PIBID, eu cheguei a trabalhar lá um pouquinho também. Foi um pouco... Na verdade, eu comecei lá, e aí, logo depois, o professor que a gente trabalhava com ele, ele foi para o IFRJ de Nilópolis. E a gente, então, continuou com o projeto com ele lá no IFRJ. Então, foi uma passagem rápida, mas foi uma experiência bem marcante ali naquela escola. Coisa de louco. Enfim, aí... E aí, as minhas experiências com carteira assinada já foram num colégio lá na Ilha do Governador, chamado Colégio Tauá. É um colégio... Não é um colégio muito grande, é um colégio particular. E eu trabalhei ali. Foi uma experiência bem legal também, porque coisas que eu não via nos outros contextos... Eu tinha, por exemplo, nessa escola, a gente tinha data show em todas as salas, e a escola cedia para a gente um iPad, para a gente poder dar as aulas. Então, foi um... Como é que eu posso dizer? Tinha ferramentas muito bacanas para você utilizar em sala de aula. Então, eu pude até botar em prática a utilização do software que eu trabalhei na monografia, que é o Algodoo. Provavelmente, em algum momento, a gente vai falar sobre ele ainda aqui. Então... Foi uma experiência muito legal também lá na escola. E bem diferente. Todas as experiências que eu tive em todas as escolas foram completamente diferentes. Não teve uma igual à outra. Mas eu posso dizer que, até hoje, a mais marcante e a que eu tenho o maior carinho foi o trabalho com jovens e adultos, naquele pré-vestibular comunitário. Era um interesse tão grande em aprender, uma sede pelo aprendizado da parte dos alunos. E isso motiva demais. Então, até hoje, eu não consegui... Não tive um contexto tão favorável para o magistério quanto eu tive naquele projeto. Muito bacana.
[00:14:16]	Pesquisador	Geralmente, são nessas inserções, nas comunidades mais pobres, nas pessoas mais necessitadas do saber que a gente tem a melhor realização profissional. A minha realização profissional é no serviço público. Embora eu atue no SENAI, treinando pessoas que já estão no mercado, que eu trabalho em empresas, a minha satisfação pessoal está na escola pública. Assim, já trabalhei muito em projeto do Fundo de Amparo ao Trabalhador, dando treinamento, formação de eletricistas aí na Baixada. Belford Roxo, Imbariê, Caxias. É muito legal você poder participar da mudança de vida das pessoas. Contribuir com a mudança de vida da pessoa. Você citou há pouco a sua passagem pela Antiga Marte Engenharia, hoje ENGEPRO. Tem um menino que entrou ali com 15 anos que hoje é uma das pessoas mais referenciadas na área de projetos de linha de transmissão. Foi aluno do JK, entrou ali como estagiário. Hoje é engenheiro, um cara que é altamente recomendado no mercado quando se fala em projetos de linha de transmissão, que é o Tarcísio. Não sei se você lembra dele.
[00:15:38]	P1	Trabalhei com ele. Na época que eu estava lá, ele estava fazendo engenharia, cursando engenharia. Eu acho que na UVA. Ele fazia na UVA. E ele era técnico. Eu não sei qual era muito a função dele lá. Mas ele trabalhava bastante. Sempre foi um cara muito profissional, muito focado. Gente finíssima.
[00:16:10]	Pesquisador	O Tarcísio hoje é engenheiro na Marte. Ele é professor de transmissão na Estácio. E ele também é doutorando no CEFET. Na área de engenharia.
[00:16:20]	P1	Cara, que legal.
[00:16:22]	Pesquisador	Na época eu estava trabalhando na Estácio, indiquei ele para essas cadeiras mais específicas de potência. Foi contratado. Eu saí, ele ficou.

		Compartilhamos. Embora sejam cursos diferentes, a gente de vez em quando se encontra no CEFET. Você vê o garoto com 15 anos, que foi meu aluno, hoje é doutorando junto comigo no CEFET. Muito legal, muito legal. E tem outros lá. Hoje nós temos basicamente uns seis ex alunos do JK que hoje são técnicos ou engenheiros. Hoje se chama ENGEPRO. A Marte foi vendida. Uma pessoa saiu e criou a ENGEPRO e trouxe todo esse pessoal para trabalhar.
[00:17:05]	P1	Cara, que legal. Eu não sabia como tinha... o que tinha acontecido com a empresa, depois da venda.
[00:17:12]	Pesquisador	A Marte virou a SNC Lavalin e o Carlos Alberto, eu acho que era um dos donos, saiu e criou uma empresa também na mesma linha de projeto. E hoje está bombando aí no mercado também.
[00:17:27]	P1	Cara, que legal. Ele ainda é vivo, o Carlos Alberto?
[00:17:30]	Pesquisador	É. Quanto eu saiba, é.
[00:17:33]	P1	Ele já estava bem velhinho quando eu trabalhava lá. Ele é muito... Ele foi meu chefe, né? Cara, sensacional. Nossa. A minha experiência lá na Marte foi uma experiência muito positiva. Muito positiva. Trabalhei com pessoas extremamente competentes, sérias, com relação ao trabalho. Trabalhavam com excelência. E não só isso, né? Pessoas excelentes. Pessoas com coração bom. Então, foi um tempo muito legal que eu passei lá na Marte. Então, crescer um pouco com eles fez muita diferença na minha trajetória profissional também. De ver que o ambiente profissional não precisa ser uma coisa triste ou até mesmo distante. E tinha uma relação de amizade mesmo ali, de respeito muito grande. Então, foi muito legal mesmo. Foi uma experiência sensacional.
[00:18:37]	Pesquisador	Em todos esses anos, trazendo lá do Tarcísio e do Emanuel, que foram os primeiros que foram para a Marte até hoje, pô, vamos botar aí, mais de 20 anos de orientação de estágio, né? Eu nunca vi ninguém reclamar. E praticamente só saiu dali quem quis. Você almejou outra carreira. A menina Liziane que também estagiou lá foi também fazer Física. Praticamente todos os que entraram ali e quiseram seguir na engenharia estão ali até hoje. Já alguns engenheiros, outros técnicos, né? Então, é uma empresa que valoriza essa questão. Então, W, descreve para mim como foram os seus primeiros anos como professor. Relata para mim, principalmente, as dificuldades que você encontrou, os apoios com os quais você pôde contar, o que você fez para superar essas dificuldades, que estratégia você utilizou para vencer possíveis obstáculos que você encontrou naquilo que Huberman, autor aí da educação, chama de choque inicial. Aquele primeiro contato em turma que no seu caso foi naquela turma de pré-vestibular, né? Quais foram as dificuldades que você encontrou, os apoios com os quais você contou, o que você fez para superar essas dificuldades, se você teve, né?
[00:19:57]	P1	Sim. Eu esqueci de comentar, agora que o senhor falou das dificuldades, eu lembrei. Eu trabalhei também no sistema Daltro de ensino, né? Foi inclusive o primeiro colégio particular que eu trabalhei, né? Foi no Daltro, lá na Taquara. Eu passei, eu acho que um ou dois anos lá, também não lembro mais. Acho que professor fica... Eu estou engraçado nessa questão profissional meio maluca, né? De professor tem que dar aula em um monte de lugar. Enfim, aí eu lembro que esse impacto, né? Esse impacto da sala de aula, ele surgiu nesse trabalho ali do Daltro. Eu já estava já concluindo o curso, já tinha bastante tempo de estrada ali, né? Como eu tinha falado para o senhor, no pré-vestibular comunitário, a experiência foi uma experiência sensacional. Os alunos sempre muito interessados e tal. Eu nem precisei de... Como é que eu posso dizer? De procurar qualquer tipo de auxílio no sentido de ah, estou passando por tal situação desconfortável que eu faço, né? Não passei por isso. Era só, foi só alegria. Era o céu do professor, entendeu? Você estava ali, eu dava a minha aula com aquele gás, aquele entusiasmo. E a galera ali e tal, interessada e queria sempre perguntar. Ah professor ali me ajuda a entender ali e tal. Então foi sensacional, sensacional mesmo. Não tem o que botar defeito. No sistema Daltro, que foi o meu primeiro... Eu tive contato ali... Sempre que eu trabalhei em escola particular, eu trabalhei com turmas de ensino médio e, no caso, fechando ali o... o Ensino Fundamental 2, que fala, né? Que é o nono ano.
[00:21:54]	Pesquisador	Ensino Fundamental 2, isso.

[00:21:55]	P1	Isso. Então, eu sempre peguei turma de nono ano e turma de ensino médio. Nesse colégio Daltro, eu trabalhei como professor de Matemática. Não foi nem como professor de Física. Então, foi um choque muito grande para mim a questão do desinteresse generalizado, né? E você começar a ver poucos alunos realmente interessados no que você está ensinando, mesmo com todo entusiasmo, com todo recurso audiovisual que você leva, toda a iniciativa. Então, eu sou o tipo de professor que eu gosto de ter um feedback positivo da turma. Então, se eu levei um recurso e eu vi que não funcionou, na outra aula eu vou levar outro recurso. Até eu ver o que funciona, o que me dá o melhor feedback da turma possível, né? Então... E aí, cada turma é uma turma. Então, tem, por exemplo, turmas que preferem aquela coisa mais tradicional, né? Você escrever no quadro e fazer a aula ali. Tem turmas que já querem ver um vídeo, né? Então, enfim... E aí, era onde eu ia buscar auxílio, né? Quando eu... Poxa, chegava para um professor, um colega... Normalmente, os meus contatos principais eram com os colegas de profissão ali, da escola, da faculdade, né? Colegas de turma da UFRJ, ou até mesmo professores orientadores, mas não os da faculdade, mas os professores que estavam atuando também no ensino médio. Por exemplo, tinha um professor, o A. P. F., que, além de ser professor nosso na UFRJ, ele também era professor no CAP da UFRJ. Então, o cara tinha aquela vivência na sala de aula que era parecido com o contexto nosso, né? Então, eram esses caras que eu trocava ideia. Exatamente procurando o quê? Professor, pô, isso aqui não está dando certo. O que eu faço? Pô, eu tentei fazer isso, não está colando. A galera está desinteressada e tal, tal, tal. Então, eu tentava ali pegar as dicas, né? Exatamente para tentar sanar essa questão do desinteresse, que é o que me incomoda. A questão de aprovação e tal, essa é uma questão, para mim, secundária. Eu me importo mais com o desenvolvimento do aprendizado do aluno, da aprendizagem. Então, assim, se eu estou vendo que a galera não está nem aí, eu acho que a coisa está indo para um mau caminho, entendeu? Então, eu sempre procurei sanar essas questões, né? Espera lá, como é que está o engajamento da turma? A turma está engajada? O pessoal está interessado? Beleza, então está caminhando bem. Ah, não está havendo esse engajamento? Tá, o que eu posso fazer para atingir, né? E aí era onde eu ia conversar, né? Às vezes eu trocava ideia com também coordenadores, né? Sempre tive um contato muito próximo com os coordenadores das escolas. Trocando ideia, perguntando e falando dos alunos, vendo as dificuldades dos alunos. Esse aluno tal, assim, como é que eu faço para... Então, no caso com os coordenadores, a questão era mais pessoal, né? Por exemplo, tive um problema com um aluno X. Ou o aluno me desrespeitou, ou o aluno está meio rebelde e tal. Então, a gente sempre tentava contornar. E para essas conversas, assim, eu ia mais... Eu ia diretamente aos coordenadores, né? Então, não ficava muito conversando com os outros colegas, até por uma questão de ética, né? Eu não achava ético. De repente, o cara tinha um problema comigo, mas não tinha problema com o colega. Aí eu chego e falo mal do cara, e de repente o aluno vai começar a ter problema com aquele professor também, né? Então, eu preferia chegar direto na coordenação e já tentar procurar tratar e tal. Tive poucos problemas com aluno. Até hoje, eu só precisei expulsar dois alunos de sala. Então, que foram situações, assim, que não tinham o que fazer. Foram alunos do nono ano, até mesmo no Daltro ali. Então, sempre procurei nutrir um bom relacionamento com as turmas para poder desenvolver o trabalho da melhor forma possível, né? E sempre... Aliás, sempre me senti muito bem amparado, tá? Tanto pela coordenação, tanto pelos colegas, né? O trabalho não é fácil. Como o senhor estava falando ali, hoje a gente tem problemas de... De repente, a pessoa se sentir ofendida com o que você fala. Então, às vezes, o teu posicionamento político, mesmo que você não defenda esse posicionamento na sala de aula ou o teu posicionamento religioso, mesmo que você não defenda na sala de aula, só o fato de você já ter um posicionamento, isso está ali explícito na rede social ou numa blusa que você usa ou numa conversa ali que você tem de maneira esporádica, ali num intervalo, alguma coisa assim, só isso, às vezes, já ofende o cara. E o professor, ele é liberal de direita. Então, isso já causa um problema. E o professor, ele é cristão. Então, assim, eu já tive questões, por exemplo, de

		um aluno que era homossexual. E eu trocava bastante ideia com ele e ele ficou surpreso pelo fato de eu ser cristão e tratá-lo bem. Ele falou, pô, professor, obrigado. Tinha uma ideia diferente do senhor. Pensei que o senhor ia ter preconceito comigo e tal. Pô, obrigado, porque o senhor sempre me respeitou. Então, legal isso, né? Isso numa outra escola. Já numa outra escola, tinha um outro aluno que o cara começou meu amigo, mas depois, por causa das minhas posições políticas e religiosas, o cara começou a criar um ranço de mim. E, pô, eu nunca fiz nada pro cara. O cara me odiava, assim. Tive problemas, assim, embates, mas nada muito prejudicial ao trabalho do magistério, né? Só mesmo o relacionamento interpessoal, né? Que é chato. Aí você entra na sala de aula, tem aquele problema ali. Mas, no geral, acho que deu para...
[00:28:23]	Pesquisador	Isso é comum, né? Nem Jesus agradou a todas, hein?
[00:28:28]	P1	É comum.
[00:28:29]	Pesquisador	Essa semana agora, dia 15 de março, eu vou fazer 27 anos em sala de aula. E o que você relata é o que é natural, né? A gente, por mais popular que seja, melhor que seja, sempre vai ter aquele que não vai se adequar contigo, vai ter algum problema pessoal. Você trabalha mais ou menos da mesma maneira, né? Você sabe disso, né?
[00:28:55]	P1	Sim.
[00:28:57]	Pesquisador	Então, William, você... Passar dessa fase, né? Do choque inicial.
[00:29:04]	P1	Você...
[00:29:04]	Pesquisador	Passada essa fase de choque inicial, que eu falei que é descrita pelo Huberman, mas ele vai falando de outras fases da vida de um professor. Você poderia me descrever como foram os anos seguintes? Assim, se possível, em etapas. Você ficou seis anos aí, pelo menos, depois desse choque inicial, dessa tentativa de adequação, né? Da busca por estratégias com seus professores, coordenadores. Você poderia descrever outras fases durante esse tempo que você passou na docência?
[00:29:37]	P1	Eu acho que eu consigo sistematizar da seguinte forma. Quando você começa, digamos que você... O professor, ele está muito motivado a fazer o melhor. O melhor que ele pode. O melhor que ele consegue. Os melhores recursos, o melhor tudo. Tudo que ele puder fazer, ele vai fazer. Ainda mais se ele for apaixonado pela profissão, né? E aí, esse primeiro impacto, ele já é um balde de água fria, que você percebe. Cara, esses caras não querem o que eu estou oferecendo. Por mais que eu esteja oferecendo o melhor, por mais que seja o melhor para eles, eles não querem. Não é isso que funciona para eles. Numa conjectura, assim, para você ver o que funciona para manter a galera engajada, para manter o pessoal interessado. E aí, você começa a jogar esse balanço. Então, dentro da minha sistematização, eu diria que depois dessa primeira fase de empolgação e engajamento, chega uma hora que você cansa de dar murro em ponta de faca. E aí, você começa a ser mais objetivo. Então, aí vem a fase da objetividade. Então, espera lá. O que eu tenho que fazer? Aí, você tem as demandas que a escola e a coordenação vão te passar. Olha, você tem esse conteúdo programático, tal, tal, tal. Você tem esse plano curricular aqui e tal. E aí, beleza. Dentro disso aqui, o que eu posso fazer de maneira objetiva que faça, de fato, a coisa fluir? Então, você passa a ser mais simples. Eu, pelo menos, senti isso. Eu passei a ser mais simples. Então, no início, eu, poxa, eu levava troço para aula e tal. Pô, eu ficava carregando um monte de bugiganga na mochila. Depois, eu comecei a ficar mais focado no conteúdo, né? Mais focado nos exercícios, na resolução dos exercícios e tal. E comecei a fazer a utilização. Foi aí a época que surgiu, inclusive, a questão da minha monografia. A época de você usar simulações em vez de experimentos, né? Porque a simulação tem uma vantagem. Você não precisa ficar levando um monte de cacareco para os lugares. Você mostra ali uma simulação. E hoje, inclusive, a minha monografia foi em cima de um software que faz simulações. Então, você pode criar ali simulações. Então, comecei a fazer a utilização disso, simulações e tudo. E essa, digamos assim, foi uma segunda fase que eu passei, né? De objetividade. E tem uma terceira fase que, na verdade, eu lutei para começar a sair dessa fase, né? Que é a fase do mínimo esforço. Você começa a perceber o seguinte. Cara, não preciso me desgastar tanto. Vou fazer o quê? Vou fazer o mínimo possível para atingir os

		objetivos que são necessários. Então, você começa a não se desgastar mais pensando, caramba, a turma não quer nada.
[00:33:04]	P1	Os caras não querem nada, fazer o quê? Então, beleza. Vou fazer aqui o meu e tal. Vou tentar aqui ajudar os mais interessados a alavancar. E os que não querem nada, vou tentar conquistar ali, mas também não vou ficar dando murro em ponta de faca, não. Vou chegar, vou fazer o que tem que fazer e tal. E ajudar quem quer ser ajudado, né? Você começa a ficar mais, digamos assim, mais frio, né? E isso é que é o ruim. Isso é que eu acho ruim, né? Então, até esse tempo fora do magistério está sendo legal por causa disso. Porque eu já estava chegando num ponto que eu já estava assim, cara, eu estou me tornando aquele professor que eu criticava, né? Aquele professor que chega, dá lá a sua aula, não fica assim, não está preocupado com, digamos, com criar ali uma conexão com a turma e tal, né? Então, eu acho que chega um momento que você começa a ficar mais desleixado, essa é a palavra, né? E isso é horrível, né, cara? Porque quando você gosta da sua profissão, você começa a olhar para você uma autoanálise crítica, né? E aí você vê, pô, cara, virei um professor ruim. Virei o professor que... É, virei o professor que antes eu apontava e falava, pô, que professor lixo e tal. Aí você começa a entrar em crise, né? Então, era a crise que eu já estava passando, estava começando a me questionar, cara, não está legal. Então, eu estava tentando, inclusive, quando eu estava já, digamos assim, nos últimos meses de trabalho, eu estava procurando resgatar aquele professor que começou, antes daquele primeiro choque, né? Estava procurando resgatar práticas que eu tinha de levar coisas para os alunos, para os alunos verem, não ficar só no fácil, no que é mais prático, no que é mais viável, né? Então, eu percebi que eu já estava já incomodado com essa forma de viver o magistério, né? E aí eu comecei a querer realmente trazer de volta, tipo assim, aquela paixão inicial, trazer de volta aquilo. E não ser tão, como eu posso dizer, por que qual que é o problema? O problema é o ambiente hostil. O ambiente hostil ao aprendizado, eu não sei como você pode colocar isso em palavras, né? Mas é muito desmotivador, cara, quando você tenta fazer coisas, você se engaja, se dedica em fazer coisas e você vê que, tipo, o pessoal não está na mesma vibe, né? O pessoal não quer.
[00:36:09]	Pesquisador	Se você, vou te dar uma dica, vou te aconselhar a ler Vida de Professores, do Antônio Nova, um autor português.
[00:36:19]	Pesquisador	Você descreveu assim exatamente as etapas que Huberman, que é um autor que está lá dentro do livro do Nova, descreve. Você passou pelo choque, todo mundo passa, aí você fala de uma fase que ele chama de estabilização, você contornou aquelas dificuldades, começou a trabalhar, aí você descreveu para mim também muito claramente o que ele chama de diversificação, aquelas experiências que você começa a implementar, né? Suas experiências, suas expertises para tentar mudar, aí você cai lá no que ele chama do pôr-se em questão, é a rotina, né? Você cansa e acaba por cair na rotina. E está batendo exatamente na questão temporal. Ele fala da estabilização, diversificação de quatro ou seis anos, quando você já vai do sexto, sétimo ano em diante, a tendência é você pôr-se em questão e cair na rotina, né? Você começa a entender que nada vai mudar. Isso é perigoso, né? O tio aqui já está na fase que ele chama de serenidade. Depois de 25 anos, na serenidade, você já prevê tudo, já sabe o que vai acontecer, prevê tudo em sala de aula. Eu já estou indo para o conservantismo, que é quando o cara começa a se lamentar. Eu espero não entrar nessa fase das lamentações e pular direto para o desinvestimento sereno. Desinvestimento sereno. Já entrando nos 30 e poucos anos de trabalho, mais uns cinco anos de perspectiva para me aposentar, entrar num desinvestimento sereno. Sereno é quando o cara tem consciência do que ele fez, foi legal, eu gosto do que eu faço. Aí tem aquele cara que vai embora se lamentando. Se eu tivesse dedicado minha vida a outra carreira e tal, eu não penso assim. Eu penso que Deus me colocou no lugar certo, na hora certa, e sou feliz por, sendo engenheiro, ter sido colocado como professor, que é um caminho um pouco diferente, mas fiquei muito feliz com o que Deus proporcionou na minha vida e poder trabalhar como professor. Mas muito, muito legal a sua descrição. Eu acho que se eu deixasse você falar sozinho, direto, você responderia todas as

		perguntas que eu tinha programado para você. Muito claro, muito claro, muito bom.
[00:38:55]	P1	Tem uma coisa interessante, professor, que dentro disso que o senhor falou, de que nada vai mudar, eu percebi uma coisa, que é o seguinte, o professor, eu como professor, eu percebi que quanto mais eu olhava para o macro, mais desestimulante é. Quando você olha para o micro, e aí você consegue ver os indivíduos, por exemplo, aí você vê o aluno tal. Pô, esse aluno aqui, cara, ele só precisa do empurrãozinho. Você está entendendo? Aí você começa a ver as coisas legais, que aí eu acho que aí é que a profissão vale a pena. Igual, por exemplo, eu lembro lá no pré-vestibular, teve um que ele fez questão de voltar lá no outro ano para me agradecer. Ele falou, pô, professor, passei para a engenharia. O cara passou para a engenharia, o cara fez o pré ali com a gente, conseguiu passar na pública para a engenharia. E veio me agradecer pessoalmente. Cara, eu fiquei muito feliz com aquilo, né? Então, outros, por exemplo, alunos que eu tive um contato maior, e eu vi que assim, os que deram mais ouvido a gente, os que tiveram maior contato, você vê o cara crescendo na vida, né? E sempre aquela postura de respeito, gratidão. É muito legal isso. É isso que motiva, né? Então, eu percebi, estava percebendo isso, que eu precisava olhar menos para o macro e mais para o micro, para os indivíduos.
[00:40:34]	Pesquisador	O macro te convida a não fazer, entendeu? O macro, falando mais especificamente dentro do serviço público, da educação pública, o macro te convida a não fazer, a ser mais um, trabalhar como você descreveu aí, aquele cara que vai chegar lá, vai dar aula, aquela aula padrão e acabou. E quando dá aula, né? Porque muitos hoje optam até por nem dar aula, enganam os outros. O macro te convida a ser, poderia até usar uma palavra de baixo calão, mas tudo bem. E o micro, quando você olha a história de vida daquele garoto, daquele aluno, quando você chega num ponto, igual estou hoje, de olhar, igual relatei para você, um menor aprendiz, foi meu aluno no SENAI, hoje professor, doutor de engenharia elétrica na UERJ, me convida para bancas de TCC, publicou um livro agora, mandou o livro, isso aí é que te dá um up, né? Te dá gás para você manter um padrão de trabalho. Mas o macro, concordo plenamente com você, ele te convida ao desestímulo. Convida ao desestímulo. Isso é muito perigoso, né? É muito perigoso. Desde que eu ingressei, mais especificamente no ensino público, eu sempre olhava alguns professores mais antigos e falava, poxa, será que eu vou ficar assim? Lá no JK tinha umas múmias egípcias lá que me preocupavam, sabe? Você deve ter sido aluno dele. Não era em eletro, mas eu olhava, será que eu vou ficar assim, gente? A pessoa sempre se questiona, derrotada na profissão e na vida, sabe? Poxa, se lamentando o tempo todo, eu ficava muito preocupado, né? Poxa, será que eu vou ficar assim? Eu tive muito, durante muito tempo, tive medo de abandonar a minha carreira técnica e me dedicar exclusivamente ao magistério. Eu só fiz isso alguns anos depois porque eu fiquei com medo de largar o meu emprego como eletricista, como técnico. Tive medo de ficar... de dedicar exclusivamente a minha vida ao magistério por conta de contra exemplos, né? Eu via e vejo até hoje. Mas, graças a Deus, eu acho que eu não me tornei até agora e não vou me tornar um deles, não.
[00:43:08]	P1	Uma coisa que eu acho muito bacana, eu acho que na época que eu estava lá no JK, o senhor ainda trabalhava como engenheiro. Eu acho, eu não tenho certeza.
[00:43:20]	Pesquisador	Se foi antes de 2003 que você passou pelo JK, em 2003 é que eu fiz a opção por ficar 60 horas na FAETEC e mais 20 horas no SENAI. Abandonei lá para... Outro emprego público que eu tinha na UERJ e fiquei exclusivo como professor, 2003 em diante.
[00:43:43]	P1	Não, eu acho que não. Eu estava... Então era um pouquinho mais, porque eu tinha 15 anos, né? Agora eu estou...
[00:43:56]	Pesquisador	Em 2003, mais ou menos, você pegou essa fase de mudança.
[00:44:00]	P1	De transição sua, é. Eu lembro que o senhor falava bastante com a gente disso, por isso que eu pensei, então. O senhor falava, né? Dessa parte técnica e tudo. Eu lembro de o senhor compartilhar alguma coisa do trabalho do senhor como engenheiro, alguma coisa assim, por isso que eu pensei.

[00:44:20]	Pesquisador	Eu trabalho como engenheiro até hoje, né? Eu tenho os trabalhos por fora. Hoje eu tenho uma expertise em atmosfera explosiva, instalações e ambientes de gás. Ainda faço trabalho por fora, mas a minha atividade principal é como docente.
[00:44:34]	P1	Sim. No caso, é mais uma coisa... Como é que eu posso dizer? Tipo um... Um trabalho mais informal, né? Seria isso?
[00:44:45]	Pesquisador	Isso. Você vê até pela sala da Teams, eu tenho uma empresa com um colega, SIGACONFORM. E a gente faz alguns trabalhos aí de inspeções, indústrias químicas, treinamento nessa área de instalações para áreas com gás e tal. Mas, muito pouca coisa, né? Principalmente agora, nessa fase de doutorado, eu estou deixando mais por conta dele. Então, me retirei um pouco da empresa.
[00:45:16]	P1	Está focado, né, mestre? Está focado, mas... Eu achei muito legal isso. Eu não imaginava, né? Eu fiquei surpreso quando o senhor falou comigo, né? Que estava fazendo doutorado e tal. Eu achei muito legal. Achei até, assim, um... Algo que serve como inspiração, né?
[00:45:36]	Pesquisador	Um doutorado aos 52 anos não é brincadeira, não. Com duas matrículas no FAETEC, trabalhando também no SENAI. E eu estou numa fase de vida, William, que você vai chegar também, com certeza, em que as minhas filhas estão já universitárias. Uma fazendo Matemática na UERJ, de graça, mas a outra fazendo medicina numa universidade privada.
[00:46:02]	P1	Eita!
[00:46:03]	Pesquisador	Então, ao mesmo tempo que eu tenho que me dedicar ao doutorado, eu tenho que buscar recurso para pagar uma faculdade de medicina na Unigranrio. Então, é uma fase de vida bem interessante. Mas, nessa idade... Não reclame de pagar o ensino fundamental das suas filhas aí. Aceita com gosto, porque vem coisa mais pesada daqui para frente.
[00:46:25]	P1	É, pois é. Eu estava... Eu achei muito legal. Vai lá.
[00:46:32]	Pesquisador	Como é o professor, William? Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:46:39]	P1	Características? Como é que é? Pode repetir?
[00:46:43]	Pesquisador	Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:46:47]	P1	Minha identidade profissional? Caramba! Como é que eu poderia definir isso, né?
[00:46:55]	Pesquisador	Você, de certa maneira, já falou nas outras perguntas. Eu estou só formalizando. Essa questão de como trabalhar com as turmas, que você comentou.
[00:47:07]	P1	Bom, eu sou um professor que... apaixonado pela disciplina que eu ensino. Então, eu realmente vibro com o que eu estou ensinando, né? E o meu perfil de trabalho, ele é muito voltado na questão de... realmente passar o conhecimento ali para o aluno, compartilhar o conhecimento com o aluno, né? Da forma mais atrativa possível. Então, eu sempre tento trabalhar dessa forma, né? Com uma boa oratória, procurando fazer uso de recursos audiovisuais, quando possível, né? Sempre procuro fazer isso, né? Eu tenho um perfil de exposição. Eu prefiro mais dar uma aula que eu estou ali em pé, e com alunos ali e tal, gesticulando, e com a mão no quadro, fazendo um negócio. Eu sou bastante agitado nesse sentido. Eu não gosto de ficar sentado ali, ou passando alguma coisa e comentando, ou até mesmo debatendo com os alunos, né? Eu gosto de uma aula bem dinâmica. Então, o meu perfil é bem dinâmico. Eu também, uma coisa... Isso agora mais dentro do contexto de ensino de Física, né? A minha abordagem da Física, ela é muito mais fenomenológica do que, de fato, a prática no sentido de preparar o aluno para um vestibular, por exemplo. Eu estou mais preocupado em fazer o aluno entender o fenômeno físico, entender o que está acontecendo, o que é aquele fenômeno e tal, e descrever aquilo. E até mesmo os exercícios que eu escolho para fazer são exercícios mais focados no aprendizado do que, de fato, naquela coisa cognitiva de saber a resposta certa, né? Então, eu gosto de desenvolver toda a minha... Como é que eu posso dizer? A minha cátedra, digamos assim. Eu gosto de desenvolver ela nesse sentido, né? E desenvolver para realmente... Em vez de treinar o aluno para uma prova, realmente fazer o aluno entender a fenomenologia, os fenômenos físicos e tal, e até, se possível, aprender como trabalhar com eles. Então, tem questões que facilitam nesse sentido. Tem questões que instigam o aluno a, de repente, saber como utilizar aquele fenômeno de alguma forma.

		Então, eu acho muito legal. Inclusive, o software que eu fiz a minha monografia, ele tem essa pegada de criar. Você criar coisa a partir dos fenômenos. Isso é muito bacana, né? Então, eu tenho uma coisa que eu queria muito ter feito e eu não tive tempo hábil de fazer ainda, até hoje, é desenvolver com os alunos algo nesse sentido, né? Que eles tenham a oportunidade de criar coisa a partir dos fenômenos que eles aprendem. Mas ainda não consegui tocar nada nesse sentido, né? De repente, algo para se pensar num mestrado, doutorado, e tocar isso para frente, né? Mas é uma área que me interessa bastante, né? O engajamento nesse sentido.
[00:50:47]	Pesquisador	A tua formação inicial lá no curso de licenciatura em Física na UFRJ, ela contribuiu para a construção dessa identidade profissional?
[00:50:56]	P1	Sim. Sim, demais. Eu tive matérias que foram sensacionais, assim. Um contato com professores muito bons, né? Ali na UFRJ, você tem professores que são muito engajados nisso, né? Por exemplo, pessoal que trabalha com experimentos de baixo custo ou pessoal que trabalha mais com a parte de eletrônica. Então, por exemplo, tem lá a professora Deise. Eu acho que é Deise Viana, acho que é o sobrenome dela, né? Ela é muito engajada nessa parte de experimentos de baixo custo. Tem, por exemplo, o professor Hélio Salim, que ele foi, inclusive, um dos que esteve na minha banca de monografia. Ele é muito engajado nessa parte de eletrônica. Então, digamos assim, eles conseguiram, de alguma forma, gerar essa paixãozinha, né? De querer ali fazer algo que pudesse ajudar os alunos a se formarem, por exemplo, inventores, algo assim do tipo, né? Então, são coisas que eu tenho o desejo de fazer. Mas qual é a dificuldade? A dificuldade é, há um conteúdo programático. Eu não tenho tempo hábil para ficar tanto tempo em determinado assunto, para poder o aluno ter tempo para desenvolver algo. Então, a não ser que a escola tenha feira de ciências, eu ainda não tive a oportunidade de trabalhar com isso. Feira científica em escola. Eu não tive ainda a oportunidade de orientar alunos em fazer projetos. Então, são coisas que eu tenho vontade de fazer. Ainda não trabalhei numa escola que eu tivesse essa oportunidade ainda. Então, eu acho muito bacana isso, né? Então, a formação do UFRJ foi muito substancial nesse sentido também. Não só na questão teórica, mas também esses aspectos práticos da docência, né?
[00:53:05]	Pesquisador	Certo. Considerando que, segundo Tardif, um autor também da área de educação, ele diz que a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida. Em que momento da sua trajetória você identifica etapas de construção das características que formam sua identidade profissional?
[00:53:27]	P1	Eu acho que desde muito cedo, principalmente na igreja. Na igreja, ela ofereceu um contexto muito favorável. Então, a minha primeira aula que eu dei na igreja como professor de uma classe, eu já tinha ali por volta de meus, sei lá, 15, 14 anos, né? Como adolescente. Em casa também, sempre eu tive essa coisa de... Meus pais me botavam, por exemplo, para eu ler para a minha irmã. Então, eu sempre ficava ensinando para ela as coisas, né? Então, desde muito cedo, essas coisas, a gente olhando para trás, a gente começa a perceber. Pô, eu sempre tive esse jeitinho, né? Sempre tive esse interesse. Mas, de fato, a questão profissional mesmo e até a questão de recursos e esse desenvolvimento, ele surgiu principalmente nessa fase de graduação. A fase da graduação foi a fase em que a coisa tomou corpo, digamos assim, né? Tomou... Fui apresentado às metodologias, né? Então, aí a coisa começou a andar, de fato. Então, eu acho que dificilmente... Difícil... Eu acho que não tem como separar. Eu acho que a graduação, ela teve um papel fundamental nesse processo de formação, né? Então, não que eu já não tivesse algumas coisas antes, né? Se não fosse a graduação, possivelmente eu estaria dando aula, né? Eu estaria pregando, né? Coisas que também fazem parte dessa área teológica que eu sigo também. Mas esse tempo que eu passei ali estudando na UFRJ, ele foi assim... é inegociável. Não tem como separar o que eu me tornei hoje daquilo que... desse tempo de aprendizado que eu tive lá.
[00:55:32]	Pesquisador	Você foi lapidado, na verdade. Esse mesmo autor, ele fala que essa identidade, ela se constrói desde quando você é aluno, né? Porque muitas

		das práticas que a gente adota, elas são práticas que você traz de outros professores que você julgou terem um trabalho interessante, né? Muitas das coisas que... das maneiras como a gente trabalha, a gente copia de outros professores. E você traz a história de vida, já lá dando aula na escola dominical, né?
[00:56:05]	P1	Sim. Quando eu estava no ensino fundamental, me botaram para ser monitor. Eu fui um dos três alunos que teve o melhor desempenho. E aí, pegaram esses três alunos e deram desconto na mensalidade e botaram a gente para fazer monitoria, né? Então, monitoria de Matemática. Então, já comecei ali também, já bem novinho, né? Até mesmo antes, né? É interessante também, no pré-vestibular, eu meio que ajudava alguns alunos. Cheguei até a ganhar um dinheirinho com aula particular de Física. Então, já começou, né? Então, é engraçado. Eu acho que o professor, o cara quando ele é professor mesmo, ele tem essa vocação, né? É até difícil você saber quando que começa, né? Quando que começou, né? Porque são tantas experiências. É tão natural quanto você... Quanto é para o cara que joga bola, entendeu? Quanto é para o cara que tem essa aptidão, né? Enfim.
[00:57:12]	Pesquisador	Você procede da mesma... Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que você leciona?
[00:57:25]	P1	Bom, eu posso dizer que, assim, pelo menos a tentativa é sempre essa, né? A tentativa é sempre essa. A intenção é sempre essa. Mas como eu falei para o senhor, há um feedback da turma, né? E esse feedback, ele norteia muito a minha forma de trabalhar. Eu procuro sempre fazer a coisa do jeito que a turma me dá um feedback melhor. Então, quando a turma é mais engajada, se torna mais natural para mim, mais fácil o trabalho. Quando a turma já não é tão engajada e eu preciso buscar uma metodologia que atenda à expectativa deles, e às vezes isso é você fazer menos. Engraçado, né? Aí você faz menos para os caras poderem acompanhar. E aí, então, acaba tendo diferença. Então, eu posso dizer para o senhor que, com certeza, cada turma é uma turma e cada... Eu posso dizer no sentido do exercício, né? O exercício ali da cátedra, né? Varia, vai variar. Principalmente se você for pegar, sei lá, no meio do ano ou já mais para o final do ano, aí você percebe gritante a diferença. Gritante. Porque você já estabeleceu uma metodologia de trabalho, né? Que dá um melhor resultado para aquela turma.
[00:59:07]	Pesquisador	A próxima pergunta você já me respondeu também, mas só para oficializar, né? As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:59:23]	P1	Sim. Eu tive uma matéria chamada Psicologia da Educação. Foi uma matéria muito marcante nesse sentido, né? Que a gente aprendeu lá, os camaradas, né? Piaget, Vygotsky, esses camaradas aí...
[00:59:54]	Pesquisador	Interessante.
[00:59:56]	P1	A gente estudou bastante essas coisas, né? E eu lembro que foi muito interessante compreender um pouquinho esse processo desses teóricos, né? Que eles trouxeram metodologias, né? De ensino e aprendizado e tudo. O behaviorismo também, né? Mas honestamente, eu posso dizer para o senhor esses teóricos e tudo... Eu mais dialogava com as ideias não no sentido de replicar, mas no sentido de lapidar a minha própria forma. Eu sempre fui um cara que assim, eu quero ter o meu jeito de fazer. Eu não vou copiar ninguém. Então eu pegava ali, o que eu achava interessante? Ah, isso aqui é legal. Ah, isso aqui não. Ah, isso aqui é legal. Então eu ficava, digamos que, fazendo uma espécie de mistura daquilo que eu concordava e achava viável e interessante de diversas formas de pensar. Então eu posso dizer para o senhor que eu não sigo uma linha padronizada, né? Eu tenho uma metodologia muito particular que ela, de certa maneira, é inspirada numa salada mista, né? De vários pensadores, é aquilo que eu achei interessante. Eu não sei nem explicar para o senhor o que eu peguei de quem. Porque foi uma coisa muito... muito orgânica, né? Então na época em que eu já vivia, já estava fazendo estágios e tudo, né? Então, ah, legal. Bacana isso aqui que o cara fala. Vou tentar fazer isso aqui, né? Então... Então mais ou menos por aí, por essa linha. Mas foi significativo? Com certeza, porque me deram ferramentas, né?
[01:01:49]	Pesquisador	Correto.

[01:01:49]	P1	Mas eu não posso dizer para o senhor que eu sigo uma metodologia padronizada porque eu não sigo. Eu tenho uma forma...
[01:01:57]	Pesquisador	Mas te deram uma luz, né? Foi importante no teu... Sob o teu ponto de vista, foi importante. A próxima pergunta é só para oficializar. Você realizou algum curso de pós, mestrado, doutorado? E se esse curso também auxiliou nas suas práticas? Você já me respondeu que não realizou curso de pós, mestrado, doutorado. Está nos seus projetos aí, com certeza, né?
[01:02:22]	P1	Eu tenho muita vontade de voltar na UFRJ para fazer o mestrado... Como é que chama? Mestrado em Ensino de Física, que eles têm lá. Que é um programa muito bacana. Todo mundo fala bem desse programa lá. Vários colegas que já fizeram. Estão muito bem hoje. Eu penso em fazer... Se eu voltar mesmo para o Rio, é um objetivo que eu tenho. Fazer um mestrado mais realmente voltado no Ensino de Física.
[01:02:56]	Pesquisador	A minha dissertação de mestrado foi nessa linha que você está querendo trabalhar. Foi Experimentos de Baixo Custo para Ensino do Eletromagnetismo. A realização de experimentos de baixo custo para a melhoria do processo de aprendizagem do eletromagnetismo. Você falou aí alguma coisa de experimento, baixo custo, né? O meu não foi na parte de simulação. Eu criei um kit onde eu consigo realizar oito experimentos de eletromagnetismo, né? Trabalhado lá no conceito do... Trabalhado lá no conteúdo do terceiro ano do ensino médio, né? Eu o apliquei nas turmas de administração do JK em apoio... Apoiando o professor de Física, o Anderson, lá do JK. Apliquei e testei esse kit. Oito experimentos de eletromagnetismo. Assim, montado com material de refugo, sabe? Madeira, fui catando madeira. Praticamente a única coisa que eu comprei foram os ímãs. O resto eu mesmo produzi. Cabe dentro de uma maletinha. Você carrega facilmente para uma sala ou outra. Só depende de uma tomada lá de 127 volts para ser ligado. Você o realiza em qualquer lugar. Minha dissertação de mestrado foi em cima disso.
[01:04:14]	P1	Poxa, muito legal, mestre. O Anderson era um cara diferenciado nesse sentido, né? Ele sempre gostava de levar uma coisinha ou outra, né? Para mostrar para os alunos. Eu via muito também nas aulas que ele dava de eletricidade para... No caso, para patologia, né? Para os outros cursos. Eu lembro que ele tinha um kit, né? Era muito legal. Gostava bastante das aulas do Anderson.
[01:04:41]	Pesquisador	O Anderson hoje é o diretor do JK.
[01:04:44]	P1	É mesmo?
[01:04:45]	Pesquisador	É, é o diretor geral do JK.
[01:04:48]	P1	Nunca imaginava que ele era meio malucão, né?
[01:04:56]	Pesquisador	Agora é um homem sério. Durante sua estada na universidade, no decorrer do curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica? Já me respondeu também, mas só oficializa aí para mim o PIBID, né?
[01:05:15]	P1	Eu participei no PIBID, mas eu também participei de iniciação científica. Eu cheguei, inclusive, eu esqueci de comentar isso, é que é tanta coisa, mestre, me perdoa.
[01:05:27]	Pesquisador	Não, você...
[01:05:28]	P1	Eu também participei de iniciação científica e eu trabalhei num laboratório de meteorologia, na verdade, micro meteorologia e modelagem da UFRJ. E eu, inclusive, cheguei a ser técnico. Depois, inicialmente, eu comecei com a bolsa de iniciação científica. E depois eu passei a ser técnico do laboratório, inclusive, através do curso de eletrotécnica que eu tinha. E eu fui bolsista da FAPERJ. E isso ajudou bastante, inclusive, meu tempo de graduação, porque era uma bolsa legal, né? Então, eu trabalhava de dia e estudava à noite. E era muito bacana o trabalho. Eu cheguei até... Teve um artigo internacional que o meu professor publicou que o meu nome está lá também, como terceiro autor. Porque eu fazia toda a parte de... Eu montava os instrumentos, eu fazia a programação dos instrumentos. Eu também cuidava... Quando, por exemplo, o laboratório precisou de recursos de autonomia de energia elétrica, a gente montou um sistema com bateria de caminhão e a gente tinha 48 horas de autonomia, né? Porque, às vezes, tinha problema com queda de luz e tudo. Então, eu fazia... Eu fiz isso aí tudo, participei disso aí. Então, foi muito bacana também. Então, foi uma parte mais ligada à Física experimental, né? E eu

		já falei um pouquinho do PIBID, que foi o Programa de Iniciação à Docência, ligado à CAPES. E esse projeto, ele já foi mais... Realmente, a gente tinha... Como é que funcionava esse projeto? Ele tinha um tripé, que era... Perdão. Que era o professor da universidade, que era o orientador. Você tinha os professores que atuavam nas escolas e tinha os alunos da graduação. Então, a gente se... A gente trabalhava nessa conexão, né? Os professores da faculdade orientavam a gente, mas, ao mesmo tempo, os professores das escolas, eles também trabalhavam... A gente trabalhava em conjunto. Então, a gente atuava nas escolas, também tivemos publicações e etc. Então, foi muito bacana. Eu já falei bastante do PIBID. Então, em geral, a gente criava... Por exemplo, criava experimentos. E aí, esses experimentos eram utilizados na sala de aula e a gente levava esse resultado dessa aplicação... A gente levava para os relatórios, para os artigos e tudo. Então, era bem interessante. A gente chamava de... A gente fazia uma espécie de... Como é o nome daquilo? Quando você tem... Portfólio. Tipo um portfólio de experimentos. Deve ter até hoje o blog do PIBID. Eles devem trabalhar assim ainda. Não sei se mudaram, mas é bem provável que não.
[01:08:45]	Pesquisador	Você criava o experimento, criava o roteiro do experimento e você aplicava junto com o professor. Isso aí é o que a gente chama hoje de pesquisa com o professor. Existe a pesquisa sobre o professor, onde você só fala dele, mas ele não tem lugar de fala. E existe a pesquisa com o professor. Você vai pesquisar, mas junto com o professor que é o regente, como você já citou aí. É o cara que está lá na linha de frente, na sala de aula. E ainda existe a possibilidade da pesquisa do professor, quando ele mesmo pesquisa as suas práticas. Então hoje a gente... Os principais estudiosos aí da educação dizem que a gente tem que incentivar mais essa pesquisa com o professor e do professor. E não ficar falando só da prática do docente sem vivenciar a realidade da sala de aula. Você teve a oportunidade ao pesquisar junto com ele, a academia sendo representada pelo seu orientador. Você, enquanto participante da pesquisa, e o cara que está na linha de frente, o próprio professor também, não simplesmente recebendo pronto, e sim participando da elaboração e aplicação desse conteúdo. Não é isso, mais ou menos?
[01:10:05]	P1	Exatamente. Exatamente isso. É o PIBID. E particularmente esse programa do PIBID, ele foi, assim, eu acho que o principal, digamos, fator da minha formação, fator substancial na minha formação. Então foi participar daquilo ali, cara, eu acho que foi mais importante até do que as aulas que eu tinha. É claro que as aulas, não é colocando, mas se eu tivesse feito as aulas e não tivesse essa vivência que eu tive no PIBID, eu ia chegar muito despreparado, muito despreparado. O choque que eu tive seria muito, muito mais devastador. Então, mal ou bem, esse programa, ele já me preparou bastante para a realidade do magistério.
[01:11:09]	Pesquisador	A próxima pergunta, já respondida também por você, se você julga que essa participação na pesquisa foi importante. Você já me disse que foi até muito importante, não é? Então, você julga que essa participação do licenciando é indispensável?
[01:11:28]	P1	É indispensável. Eu acho que o cara que não participa de um projeto desse, o cara está mal das pernas, assim. Uma universidade que não tem um programa como esse, parecido com esse, eu acho que ela está proporcionando uma formação deficitária. Certamente, o cara que termina uma licenciatura numa universidade e não participa de um programa como esse, eu acho que a faculdade está devendo na formação. Por quê? Tudo bem, o cara já pode até trabalhar em sala de aula, mas uma coisa é você estar desempenhando ali o papel docente. Outra coisa é você estar desempenhando esse papel num contexto de você está sendo auxiliado, você está trabalhando em equipe, você está estudando o que você está fazendo, avaliando o que está sendo feito, trazendo resultados. Então, você traz a metodologia científica para a profissão docente. Isso é muito legal, eu acho que isso é uma coisa sensacional. Então, se eu estou só dando aula, fica uma coisa assim, eu acho que não supre, não supre essa avaliação toda, e essa vivência, ela é muito relevante, muito relevante, indispensável.
[01:13:10]	Pesquisador	A minha filha que faz Matemática, ela está nesse projeto PIBID, fazendo um trabalho entre os índios.

[01:13:18]	P1	Cara, que legal!
[01:13:19]	Pesquisador	Sim, da Matemática entre os índios, muito legal, muito legal. A professora tem uma vivência, em pesquisa com o ensino de Matemática entre os índios, usando lá a cultura deles e tal. A UERJ, de vez em quando, os leva lá para a aldeia para interagir com as crianças. Muito legal, muito legal. Nas escolas que você trabalhou, William, você participou de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo, para trocas de experiência docente? Caso você não tenha participado, julga importante a implementação desses grupos. Saberia me informar por que não realizam, caso não tivesse realizado. Caso você tenha participado, faça um breve relato, descrevendo as contribuições para a melhoria da sua prática. Você lembra se participou de comunidade, reunião de professores, troca de experiência?
[01:14:17]	P1	Ah, nas escolas que eu trabalhei, né?
[01:14:19]	Pesquisador	Isso.
[01:14:21]	P1	Então, tinha reuniões, sim, de professores. Os professores, eles falavam um pouco, a coordenação. Mas, honestamente, eu acho que... eu acho que a coisa era muito mais da direção da escola ou da escola para os professores em si, do que, de fato, dos professores para professores. Entende? Então, uma questão... Eu acho que seria muito válido se houvesse, por exemplo, uma iniciativa da escola, não só da escola, mas seria muito... Acho que em qualquer contexto, pensando aqui em todos os contextos que eu passei, acho que seria muito válido se houvesse uma iniciativa mesmo de ter um... um tempo ali para que os professores pudessem pensar em como lidar com certos desafios da docência e tudo. E eu acho que seria muito legal. Eu nunca vi isso. Nunca vi isso. De forma, assim, formal, nunca vi. Claro que informalmente tem ali na mesinha do café, né? Você tá ali... Sim,
[01:15:42]	Pesquisador	Sim, Sim, sim.
[01:15:43]	P1	Aí fala um negócio, aí o professor fala, não sei o quê, dá uma dica e tal. Ó, nessa turma eu faço assim, eu faço assado. É, mas é aquela coisa muito... muito informal, né? Eu acho que se fosse... Inclusive algo que deveria contar como hora para o professor ali, né? Então, beleza, isso faz parte ali do... É porque já é meio zoado, né? Você ganha por hora aula, né? A aula que você dá, que você ganha. Enfim.
[01:16:16]	Pesquisador	Uma aprovação num concurso público aí para a FAETEC, por exemplo, W. vai te possibilitar essas horas, né? Para dedicar a essas questões do estudo, da preparação da aula, né? A experiência na escola privada, eu já tive essa experiência, tenho essa experiência no SENAI. Eles só julgam que você está trabalhando enquanto você tá de frente para a turma na sala de aula, né? Todo o trabalho que você faz acaba ficando no 0800.
[01:16:49]	P1	Exatamente.
[01:16:51]	Pesquisador	Mas oficializar isso seria importante, realmente. Eu participei de pouquíssimas atividades como essa. Implementam um programa, mas eu julgo que por conta dessa diversidade de horários, né? Você nunca consegue reunir todos, mesmo que sejam todos de uma mesma equipe. Então, isso aí dificulta essa realização, no meu ponto de vista. Mas seria importante.
[01:17:19]	P1	É difícil mesmo.
[01:17:21]	Pesquisador	Você atua... Próxima pergunta. Você atua de forma reflexiva, crítica, sobre suas práticas enquanto professor? Estabelecendo um processo de melhoria contínua? Considera que a formação inicial te forneceu o subsídio para trabalhar dessa forma?
[01:17:37]	P1	Sim.
[01:17:40]	Pesquisador	Ou seja, você já me respondeu lá em cima, lá no começo da entrevista, né?
[01:17:44]	P1	Falei, falei.
[01:17:45]	Pesquisador	Deu certo, não deu certo. Vamos mudar isso, vamos mudar aquilo, né? Pesquisas mais recentes também apontam nesse sentido de você refletir sobre suas práticas. Lá no começo você já havia respondido. Eu só estou oficializando a pergunta aqui. Já estamos acabando. Já está na hora de você trocar a fralda da criança.
[01:18:10]	P1	É, tem uma outra questão também, só rapidinho aqui, que é a... A minha formação, ela foi muito importante nesse sentido porque a gente sempre foi incentivado a refletir, né? A refletir sobre a docência e principalmente

		sobre o nosso exercício docente, né? Então, eu posso dizer que a gente, por exemplo, teve muitos momentos em que a gente teve aulas, por exemplo, teve aula de didática, de prática de didática, né? Coisas do tipo, né? E a gente dava aula para os colegas e avaliava um ou outro e tal. Então, a gente sempre teve essa... Foi sempre um assunto que sempre estava em voga ali. Sempre ali, a gente sempre estava ali trazendo isso, né? Conversando sobre isso, avaliando o que a gente faz, como está fazendo, trocando ideias. Então, é muito... É muito vivo isso dentro da formação. Pelo menos a formação que eu tive, né? Algumas coisas sempre vão mudando, então...
[01:19:22]	Pesquisador	Viva a universidade pública, hein? Viva a universidade pública, porque... Eu estou entrevistando várias pessoas. De formações e instituições diversas, públicas e privadas. Eu acabei de citar o exemplo da UERJ. Trabalha mais ou menos no mesmo sentido que você foi formado na UFRJ. Mas, infelizmente, isso não está ocorrendo nas universidades privadas.
[01:19:50]	P1	É, né?
[01:19:53]	Pesquisador	Pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre a academia e a escola, entre o pesquisador e o professor, como um caminho possível para a melhoria dos processos formativos. Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[01:20:09]	P1	Pode repetir a pergunta, mestre?
[01:20:11]	Pesquisador	As pesquisas atuais apontam para a necessidade de você aproximar a universidade da escola, né? As pesquisas da prática docente, né? Ou seja, o pesquisador universitário do professor que está na linha de frente. E essas pesquisas dizem esse ser um possível caminho para a melhoria dos processos formativos. Formativos do professor, né? Formar o professor de forma mais efetiva, né? Você enxerga isso como uma possibilidade eficaz?
[01:20:45]	P1	Com certeza. Com certeza. É como eu estava falando para o senhor, né? Foi o que eu vivenciei ali no PIBID, né? Um outro aspecto da situação é o aspecto da academia. Às vezes a academia se distancia demais do chão de fábrica, né? Do que está acontecendo nas escolas. Eu mesmo tinha algumas aulas com alguns professores que tipo assim parecia que o cara estava em Narnia, entendeu? Tipo, professor, isso aí não funciona, cara. Isso aí... Então assim, eu acho que esse tipo de prática, ela auxilia exatamente para trazer a academia também para a realidade. Para a realidade do que acontece. Porque assim, às vezes os caras querem que a gente ensine e tal, tem uma crítica forte. Pô, vocês têm que ensinar isso aqui. Como é que o cara não ensina isso no ensino médio e tal? Aí você chega lá, o cara não sabe nem somar. O cara sabe, pô. Somar. E aí você... Você está entendendo? Aí você vai ensinar... Enfim. É complicado. Então eu acho que esse tipo de iniciativa ela é... Ela é muito, muito proveitosa, porque ela também ajuda a academia a focar em questões que são importantes para o momento que a gente está vivendo a educação. Então, legal. A academia tem um papel fundamental na mudança de realidade. Porque os caras vão escrever sobre isso. Vão sair artigos. Enfim. E aí, quando você traz os problemas que estão realmente acontecendo e a academia está escrevendo sobre isso, sobre o que está, digamos assim, atrapalhando a realidade de ensino no Brasil, de fato. Você começa a trazer os problemas do sistema e o que está com... Aquela coisa do macro que a gente já conversou aqui. Então, imagina esses problemas que a gente vê no macro e isso saindo em artigo de universidade. Pô. É isso que a gente tem que ver acontecer. Então, eu acho que o caminho é esse. Não há outro caminho. Eu acho que honestamente eu acho que se a coisa não for por aí, a gente vai ter um distanciamento ainda maior da academia com a realidade e a coisa vai se tornar cada vez mais irreversível. É a minha forma de conceber.
[01:23:27]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação de seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[01:23:40]	P1	Bom, no caso da Física, eu entendo que a Física, o propósito da Física é você compreender o mundo o mundo que te cerca. Você ter uma mínima noção daquilo que... da sua realidade. Então, como eu já falei, a minha abordagem é muito fenomenológica. Então eu procuro fazer os alunos compreenderem os fenômenos, compreenderem, por exemplo, por que

		equipamentos que fazem parte do cotidiano deles, por que funcionam de tal forma, como isso está relacionado. Às vezes eu dou exemplo utilizando até coisas na própria sala de aula, como a gente tem lá luz LED, por que o LED, por que ar-condicionado. Então a gente traz um pouco dessa vivência, de procurar compreender os fenômenos e a importância que eles têm no dia a dia. Então essa é sempre a minha diretriz. Eu sempre trabalho nesse sentido.
[01:24:53]	Pesquisador	É um método de abordagem. Trabalha mais ou menos no contexto, trazendo a Física para dentro do contexto, para dentro da realidade, na aplicação prática.
[01:25:04]	P1	Exatamente. E procurando ajudar eles a compreender a parte fenomenológica. Fenômeno. Qual é o fenômeno físico? Legal! Compreendendo o fenômeno, o que é que o ser humano desenvolveu que afeta a minha vida. Então eu sempre procuro trazer essas conexões. Para o cara saber, isso aqui que você está aprendendo, viabiliza o que está na tua mão agora. Então, mais ou menos isso. Tipo um celular, por exemplo. E aí a gente vai procurando criar sempre conexões. E, na verdade, os materiais didáticos, eles ajudam demais nisso. Porque você tem... Na escola que eu trabalhava, o material era excelente nesse sentido. Sempre tinha aplicações tecnológicas. Todo capítulo tinha lá. Onde era usado. Então era muito legal. Às vezes eu passava até trabalho para eles. Para eles fazerem ali a partir do... a partir desse... desses conteúdos que vinham nas apostilas.
[01:26:08]	Pesquisador	Ok. Considerando o seu curso de licenciatura, você considera que esta formação inicial te forneceu o subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente? Faz aí algum elogio ou crítica que você tem a sua formação inicial, a licenciatura?
[01:26:29]	P1	Eu não tenho que botar defeito não, cara. Eu gostei demais da minha formação. E eu acho que eu fui muito bem preparado para... para a profissão docente. Ok. Eu acho que algumas coisas... Só para também não ficar no... Talvez se eu pudesse fazer alguma crítica, eu acho que a academia podia ser mais aberta para alguns recursos que a gente vê, por exemplo, às vezes as escolas, elas estão na frente. Por exemplo, eu fiz muitos experimentos ali que são equipamentos que estão lá há milênios, sei lá, ou até de repente novos, mas experimentos também feitos de forma antiga, aquele jeitinho antigo que o tataravô do meu professor fez o mesmo experimento, né? Só mudaram o equipamento, mas a experiência é a mesma. Então, por exemplo, eu acho que tem um mercado muito bacana de simulações que poderia ser mais aproveitado nas universidades. Então, por exemplo, eu tive aulas em que você não tem nenhuma utilização de recurso audiovisual. Então fica aquela coisa abstrata demais e você pode utilizar. A faculdade tem dinheiro para isso, tem recurso. Tem lá o datashow, é só usar. Então, às vezes é mais aquilo que você falou da etapa da vida do professor. Teve uma etapa que você falou que foi a... Como é que você disse? Tradicionalismo. Qual foi o termo?
[01:28:29]	Pesquisador	Quando ele já está em questão, serenidade. Eu falei mais da serenidade, né?
[01:28:36]	P1	Uma que entra na rotina.
[01:28:39]	Pesquisador	Tem uma que entra na rotina e que se chama de pôr-se em questão.
[01:28:43]	P1	Então?
[01:28:44]	Pesquisador	Você tem um choque, você estabiliza, você diversifica, você está diversificando ainda. Depois você se põe em questão e entra numa rotina. Acha que não vai conseguir mudar nada e fica naquela.
[01:28:57]	P1	Você já tem aquela forma de fazer as coisas, então você já está fechado. A gente
[01:29:02]	Pesquisador	A gente chama lá no SENAI, W. de zona de conforto. Você entrou numa zona de conforto...
[01:29:09]	P1	Eu acho que existem coisas muito boas que podiam estar sendo aproveitadas na academia. Então, eu... Até mesmo eu tive aula de... Caramba, agora eu esqueci o nome da matéria. Era uma aula que você tinha... Aula de recursos audiovisuais para você ensinar Física. E teve muitas coisas legais que eu vi lá, mas tipo assim... Que eu nem uso porque eu sozinho descobri coisas muito melhores. Então, eu acho que, assim, podia ser feito um update, sabe? Um update ali dos recursos e tal. Até mesmo dos experimentos de procurar coisas mais novas. Ah, o que que

		gente mais nova está falando sobre isso? Ah, lá na Alemanha, sei lá, os caras estão desenvolvendo essa metodologia. Eu acho que falta isso, sabe? Eu acho que tem uma coisa muito engessada. Muito tradicionalista, sabe? Então, essa é uma crítica que eu tenho. Apesar de todo o elogio e toda a... Toda essa... Como eu posso dizer? Tudo isso que eu já falei de positivo, eu acho que tem esse... Sabe? Poderiam ser... Algumas metodologias poderiam ser revistas. Principalmente de laboratório. A coisa é muito arcaica ainda. Pelo menos na minha época era. Muito arcaica. Não sei se já mudou, se eles já estão fazendo diferente, mas...
[01:30:42]	Pesquisador	Acredito que não.
[01:30:44]	P1	Então, você...
[01:30:46]	Pesquisador	Existe a necessidade de você formar o formador, atualizar o formador. No mundo... em constante processo de transformação que a gente vive, as pessoas que estão formando precisam também ser atualizadas para formar com mais qualidade. Você imagina se eu estivesse preso lá na eletrotécnica aos comandos de motores eletromecânicos e não tivesse avançado hoje para o inversor de frequência, para o CLP, né? Eu estou sempre preocupado.
[01:31:23]	Pesquisador	Em dar um upgrade nos nossos laboratórios. Recentemente participei de um projeto FAPERJ de construir um laboratório novo. A gente tem que estar antenado com a realidade da indústria, no caso de um curso de eletrotécnica, que é o local de inserção do meu aluno, do futuro profissional. Assim como a universidade deveria estar preocupada com as transformações que estão acontecendo nas escolas e no mundo para formar o professor de forma mais efetiva.
[01:31:52]	P1	Eu acho que isso é um problema mais fragmentado, não é uma coisa generalizada. Por exemplo, a galera da engenharia dá um banho nesse sentido. Igual o senhor falou aí. O senhor está sempre antenado. Ah, o que há de novo? O pessoal da engenharia lá é outros 500, entendeu? É outros 500. Então eu acho que... Pô, mas espera lá, o cara para chegar na engenharia ele vai ter que estudar Física. E aí o cara... Qual vai ser a Física que ele vai ver no ensino médio? Entendeu? Então eu acho que... Honestamente, eu acho que algumas coisas precisavam ser revistas, questão de prioridade. Tudo bem, a gente sabe que essa coisa do dinheiro é complicada. Para onde vai o dinheiro? E tal... É política, é muita política que está ali. Mas é uma crítica que eu tenho, cara. Seria muito bom, muito bom mesmo se a gente tivesse acesso a coisas mais atuais, metodologias mais atuais, principalmente relacionadas a laboratórios.
[01:33:03]	Pesquisador	Certo. Essa formação inicial te forneceu subsídio para exercer a tua docência no atual contexto social. Ou seja, observando questões de etnia, de gênero, de raça, de diversidade. Você teve uma formação que te preparou para essa realidade encontrada na sala de aula em relação a raça, gênero, etnia, né? Ou seja, uma realidade complexa hoje para a atividade docente?
[01:33:37]	P1	Sim. Mas pelo aspecto prático dos projetos que eu participei. Agora, não com relação a digamos, a aula sobre isso. Eu acho que nesse sentido eu não tive não tive muito debate, né? Também, isso está muito mais vivo hoje, né? Eu acredito que hoje já deve ter. Hoje já deve ter esse tipo de assunto lá e tal. Mas na minha época ainda não era uma coisa que estava tão, tão efervescente, né? Mas ainda assim, como a gente estava nessa vivência no projeto, na escola e tal. Então, realmente a gente vivenciou isso. Então, a gente aprendeu na prática. Então, era ali mesmo ali na troca de ideias mesmo ali com os professores ali que eram da escola. E a pessoa, como é que lida com essa situação? Então, assim, mais nos bastidores, mais na informalidade, né? Então, mas realmente, por causa desses projetos, a gente acabou tendo. Então, a importância, né? Olha que interessante. Mais
[01:34:57]	Pesquisador	Mais uma afirmação da importância desses projetos, dessas pesquisas. Aquilo que de certa maneira a universidade carece lá de te ensinar acaba sendo contemplado na vivência prática dos projetos.
[01:35:14]	P1	Sim.
[01:35:14]	Pesquisador	Você imagina, William, você tem 33 anos, eu tenho 52. Imagina o quão difícil é para mim também hoje me deparar com determinadas situações e aprender a conviver e a lidar com elas, né? Uma formação dura de engenharia sem essa questão mais focada no humano, né? Eu fui me

		especializando, fui buscando complementação pedagógica, fui atrás de mestrado, hoje eu estou atrás de um doutorado e isso, de certa maneira, vem me lapidando nessas questões também, né? Mas é complicado, complicado. Última pergunta, William. Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudanças nos cursos de licenciatura, com vistas a oportunizar melhores condições na formação aos licenciados, tornando essa formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos novatos em sala de aula. Você concorda com essa afirmação? Caso concorde, quais propostas de mudança apontaria como necessárias aos cursos de licenciatura, a fim de tornar a formação inicial dos professores mais próxima da realidade encontrada pelos novatos em sala de aula? Então, muito comprida a pergunta, né? Você concorda com essas necessidades de mudança? Se concorda, quais sugestões você faria para diminuir aquele choque inicial?
[01:36:45]	P1	Sim, eu acho que de certa forma eu já respondi um pouco dela, mas vamos... Eu acho que, pelo menos ali na UFRJ, que foi onde eu estudei, eu vou falar do que eu conheço. O que eu acho que deveria acontecer, talvez, é um fortalecimento desses programas para que todos os alunos pudessem ter essa oportunidade. Eu sei que não é todo mundo que tem. Em geral, o que acontece? A Física é igual um funil, né? Entram 50 e formam 2. Então, é... E aí, na formatura, para você juntar um grupo, para você juntar 10 alunos para formar, você tem que juntar turmas de 3, 4 anos. E aí, acaba que essa realidade facilita que os alunos que se formam, realmente, todos eles participam. Mas a questão é que há uma evasão grande. Mas se esses caras não evadissem da faculdade, continuassem na faculdade, eu acho que esse também é um problema que a gente pode, de repente, tratar aqui nessa pergunta. Realmente, não teria como todos participarem de projetos como esse. Porque não há vagas suficientes. Então, eu acho que um fortalecimento desses programas, realmente, a injeção de dinheiro público, nesse sentido, porque, enfim, depende de recursos públicos. O PIBID é da CAPES. Então, outras instituições de fomento chegarem junto nesse sentido. Enfim, eu acho que é importantíssimo o fortalecimento desses programas, de maneira a estar acessível a todos os alunos que estão. Como se fosse uma coisa obrigatória, né? Olha, você para se formar tem que fazer um período, tem que participar um período do PIBID. Entende? Uma coisa que fosse obrigatória, então todos os alunos tivessem acesso. O primeiro ponto é esse. Eu acho que, hoje, eu não sei como está isso, né? Porque houve bastante corte do governo passado, houve bastante corte disso, né? Então, eu não sei como que está nesse momento, né? Mas...
[01:39:16]	Pesquisador	Estão melhorando, estão melhorando. Estão liberando algumas bolsas, melhorando até o valor.
[01:39:23]	P1	Então, isso é bom, isso é muito bom. Eu acho que é até um ponto positivo, né? E isso precisa melhorar mais, precisa haver um engajamento maior nesse sentido. Um outro aspecto é a questão da aproximação da academia com a realidade, que eu também falei sobre isso. Então, é importante que os professores, todos os professores que estão ligados ali, eles estejam engajados em algum projeto como esse. Ali, orientando e tal, seria uma coisa, assim, talvez idealista, né? Mas seria muito positivo. Porque os caras estão escrevendo, estão botando para frente aí as coisas, né? Então, eu acho que seria muito válido tratar daquilo que realmente é desafio e é demanda. Um outro aspecto que também eu poderia trazer é a questão da atualização de metodologias, principalmente relacionadas, que eu já falei também, e isso pode estar relacionado a essa pergunta, porque, por exemplo, você não vai ter numa escola um experimento que custa um catatal de dólares. Um experimento ali, aquele experimento antigo, que é um troço gigante, você vai pagar dois mil dólares num... Cara, nenhuma escola vai comprar isso. Então, assim, o que você tem que usar? Eu acho que você tem que aprender a usar, na universidade, aquilo que você vai utilizar na sala de aula, que vai ser viável para você usar na sala de aula. Então, essa questão da atualização de metodologias, simplificação de metodologias, eu acho muito válido isso. Então, você, por exemplo, quer ver um exemplo simples? Em vez de eu fazer um... experimento, pegar lá e fazer um experimento na sala de aula, utilizar um

		equipamento ali que custou milhares de dólares, a gente, o professor ensinou a gente a montar um equipamento de baixo custo, que com aquele equipamento, a gente mesmo fazer o experimento e ver, olha, funciona. Então, nesse sentido, atualização e aproximar do que é viável. Um outro aspecto que eu queria tratar aqui, agora mais relacionado à evasão, tá? Por que ocorre a evasão? Simples! Eu acredito que a evasão ela ocorre por causa das lacunas de aprendizado que existem. O cara chega com uma formação deficiente na universidade. Aí ele chega na universidade, ele se depara com o ensino com praticamente zero empatia. Ou seja, tu chegas lá e só apanha, cara. Então você aprende apanhando, tem que se virar e correr atrás e tal. Enfim, tem gente que não consegue. De repente o cara tem ali lacunas muito grandes e o cara não consegue, cara, não consegue chegar. Não consegue chegar no ponto que precisa, sabe? Então, eu creio que o ensino, a metodologia de ensino na universidade, ela precisa ser repaginada também. Eu acho que utilização de recursos, sabe aquela coisa? Uma preocupação maior com a didática e menor com a com a pressão que eu coloco sobre o aluno. Então, eu acho que a ideia é de olhar mais para aluno mesmo. Cara, eu não posso eu não posso achar viável 80% de evasão. Eu não posso achar... Cara, não dá, entendeu? Não dá. Tem uma coisa errada com a metodologia, entendeu? E apesar de ser muito bom, o que é feito é muito bom, eu, pô, eu reconheço isso, eu passei por lá. Então, cara, foi muito boa a minha formação. Cara, eu gosto demais da minha formação. A questão é, quando eu olho para colegas que abandonaram a caminhada, eu vejo, poxa, aquele cara, talvez se a abordagem fosse um pouquinho diferente, o cara tinha chegado lá. Entendeu? Então, menos seleção natural, sabe? Tipo, ah, você não está evoluído pra suportar o processo, legal, morre, tá cortado. Entendeu? Em vez disso, fazer uma coisa mais, pô, vamos olhar, vamos ter empatia de pensar, cara, o que esses caras precisam pra chegar até o final? E aí, realmente tentar trazer uma abordagem mais atrativa, fazer aquilo que eles esperam da gente quando a gente estiver exercendo a profissão. Aí, às vezes você vê a coisa de um jeito, você está aprendendo com exemplo, e aí na hora que você vai exercer a profissão, você tem que exercer completamente diferente? Você está entendendo o que eu tô dizendo?
[01:44:49]	Pesquisador	Estou. Essas porcentagens gritam que tem alguma coisa errada, né? As porcentagens gritam, 50% de evasão, 80%. Na Física chega a 80%, né?
[01:45:00]	P1	Ah, chega.
[01:45:01]	Pesquisador	Na engenharia, na UERJ, também não é diferente. Você termina uma turma, eu cheguei a fazer matérias de último período, eu e mais dois alunos, entram duas turmas de 30, 60, para afunilar e saírem 3, 4 alunos, tem alguma coisa errada, né? Alguma coisa tem que ser mudada. E a desistência ocorre muitas vezes já lá no ciclo básico, onde o cara basicamente está trabalhando Matemática e Física, né? É onde o corte já de 50% é feito, logo ali. Então, esse cálculo, essa Física, eu não sei, tem alguma coisa errada ali. Se você vai lá para dentro da licenciatura, não deve ser diferente. Ou seja, o erro tem que ser corrigido.
[01:45:54]	P1	É, você quer ver uma coisa que eu penso, mestre? É o seguinte, eu tô formando professores, certo? Se eu tô formando professores, os professores desses caras precisam ser o suprassumo do exemplo. Entende? Por que como que eu espero formar bons professores se esses caras estudam com maus professores? Maus professores em que sentido? Não tô dizendo, mas a universidade tem que estar atenta a isso, eu acho. Pô, como é que é a didática desse cara? Uai, esse cara tá ensinando ali, será que não tem alguém avaliando, né? Porque eu tive bons professores, eu tive bons professores, mas eu tive professores ruins também, né? Então, sabe? Eu acho que a universidade ela tinha que se preocupar com isso, né? Tinha que se preocupar com esse aspecto da coisa. Porque senão é um efeito bola de neve, né?
[01:46:55]	Pesquisador	Sim. Porque há uma tendência de você replicar, como já comentei com você, isso é pesquisa, você replicar práticas dos seus professores. Aí você acaba por replicar sem reflexão, até por isso se aponta também a reflexão como algo positivo hoje, você replicar, sem reflexão, práticas erradas. Então, o que você fala vira uma bola de neve. Você foi mal formado, você deu lá uma formação com práticas erradas, didaticamente falando, com

		certeza insucessos, e você acaba até intuitivamente por replicar essas práticas erradas quando você vai para a sala de aula.
[01:47:41]	P1	Sim.
[01:47:41]	Pesquisador	E isso tem várias pesquisas apontando isso. Não sou eu que estou falando, né? As leituras que eu tenho feito, eu tenho até por exigência do próprio doutorado lendo muita coisa, as pesquisas estão apontando isso. Só que o movimentar para a mudança, ele, se está acontecendo, é muito lento, né? Essas pesquisas são da década de 90. Já estamos em 2023 e a gente ainda não vê o reflexo dessas pesquisas em cima de uma formação atual.
[01:48:18]	P1	Sim. É isso mesmo, mestre. É um caminho, por isso que eu fico até feliz de ver o senhor engajado nesse tipo de pesquisa, porque, assim, dá um pouco de esperança para a gente, né? E até inspira a gente também a olhar para a coisa de uma forma, assim, legal. Não vou ser apenas mais um na multidão, né? É que tem aquele ditado que uma andorinha não faz verão, né? Mas é...
[01:48:52]	Pesquisador	Eu estou tendo contato com muitos professores e com os pesquisadores da UERJ, principalmente, que estão trabalhando nesse sentido, né? Do ensino de uma... de Física de uma maneira diferenciada, fugindo da racionalidade técnica, considerando a questão histórico cultural, né? Aproveitar a cultura da pessoa para poder trabalhar a Física, a Matemática, como eu já falei, que existe lá o programa da UERJ também, levar em conta os atores sociais invisíveis da ciência, porque, se você pega um livro de Física, você vai ver o relato de vários físicos, homens brancos, né? Europeus, Ohm, Volt... Vamos falar especificamente da eletricidade. Ohm, Volt, Ampére... Você não tem um relato de um negro, você não tem um relato de uma mulher, né? E tem muitas pesquisas hoje que apontam que as mulheres de algum desses personagens é que desenvolveram a teoria e os experimentos, né? Você tem aí a...
[01:50:00]	P1	Pro cara, né? Tem.
[01:50:02]	Pesquisador	Marie Curie, a esposa do Lavoisier também hoje fazendo pesquisas nos relatos, nos desenhos, quem faziam eram as mulheres. Sim. E a Física é altamente excludente e machista, né? Num livro didático. É. Você tem como trabalhar. Eu escrevi um artigo agora e vou apresentá-lo lá no ENPEC, que fala de um laboratorista negro, semi analfabeto do Instituto Oswaldo Cruz, que era o braço direito de dois grandes pesquisadores lá do Instituto Oswaldo Cruz, fugiu o nome... Era um pai e filha, Adolfo Lutz e Bertha Lutz, dois pesquisadores. Na verdade, muita coisa foi feita pelo braço direito, que era um laboratorista negro. Por que surge essa ideia de escrever esse artigo? Porque meu pai foi funcionário do Instituto Oswaldo Cruz e sempre falou muito bem desse cara. Pô, ele semi analfabeto, descobriu o teste de gravidez usando a urina no sapo. Aí agora, meu pai já falecido, mas agora estudando a história cultural da ciência, me veio à luz esse cara, Joaquim Venâncio. Inclusive o nome da escola técnica do Fiocruz é Joaquim Venâncio. Aí fui pesquisar e realmente tem todo esse relato, né? Da história desse camarada, o que ele realmente descobriu. Meu pai falava, eu nunca pesquisei. Ele realmente lá na curiosidade descobriu por acaso que jogando a urina da mulher grávida nos sapos, o sapo produz uma quantidade de espermatozoide maior e você identifica que a mulher está grávida. Até hoje isso é utilizado, né? Então hoje você ensinar Física, Biologia que seja, Química, usando essa realidade, chegando mais próximo da realidade do aluno, é muito mais eficaz do que você ficar preso lá, como você falou, naquele experimento arcaico, falando daquele cientista lá, barbudo, barba branca, cabelo branco, branco, olhos azuis. Aí você vê uma mulher, uma menina, que estímulo ela tem para estudar ciência? Um negro, um índio, que estímulo tem? E pelo que eu estou tendo contato agora, professores da UERJ, da Física e tal, estão ensinando Física com esse olhar, entendeu? Eu acho interessante, acho produtivo.
[01:52:48]	P1	Sim, é uma questão de conexão, né? Conectar também outras etnias, né? É bacana, muito, muito válida. Até é uma questão de conexão também. Você vai, igual você falou da sua filha, né? Que está com esse projeto lá com os índios. Inclusive quando sair alguma coisa dela, sair artigo, qualquer coisa, manda para mim, que me interessa por esse assunto também. Porque, por exemplo, você vai ensinar lá para o índio, né? Você

		tem que usar elementos da cultura dele, né? Interessante, né? Então, é praticamente reinventar, reinventar a forma de ensinar, né? Conectar.
[01:53:38]	Pesquisador	Ok, W. Excelente a sua entrevista aí, suas respostas. Agradeço a sua participação. Com certeza tenho material para trabalhar aí na minha tese. Ficou muito legal, sensacional. Tá bom? Te agradeço.
[01:53:58]	P1	Valeu, mestre.
[01:53:59]	Pesquisador	Quer acrescentar mais alguma coisa?
[01:54:02]	P1	Não, senhor. Estou satisfeito.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P2

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:46]	Pesquisador	Deve ter aparecido aí um link para você autorizar a gravação aí, correto?
[00:00:53]	Pesquisador	Então, qual o seu nome e idade?
[00:00:56]	P2	V. J. S. de A., tenho 37 anos.
[00:01:01]	Pesquisador	Qual curso de graduação você realizou, V.?
[00:01:04]	Pesquisador	Em qual instituição e o ano de conclusão?
[00:01:07]	P2	Eu estudei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cursei licenciatura em Matemática e concluí o curso em 2010.
[00:01:19]	Pesquisador	Há quantos anos você atua como professor ou atuou como professor?
[00:01:25]	P2	Assim que eu terminei, eu já comecei a atuar como professor e aí eu parei tem uns quatro anos.
[00:01:33]	P2	Então, já fazia quatro anos, então foram seis anos mais ou menos.
[00:01:39]	Pesquisador	Seis anos que você se atuou como professor.
[00:01:41]	Pesquisador	Você tinha me dito que saiu mais ou menos na pandemia, né?
[00:01:44]	P2	É, foi em 2013, está em 2019, né?
[00:01:50]	P2	Vai fazer quatro anos.
[00:01:56]	Pesquisador	E caso você não esteja mais atuando como professor, qual a razão da sua saída do magistério?
[00:02:02]	P2	Então, foi justamente por conta da pandemia e esse foi o principal motivo e também por questão salarial.
[00:02:14]	P2	A carga horária era muito alta.
[00:02:17]	P2	Eu hoje voltei a trabalhar como eletrotécnico, eu ganho a mesma coisa trabalhando bem menos e com menos responsabilidade do que como professor.
[00:02:29]	Pesquisador	Entendi.
[00:02:32]	Pesquisador	Você realizou, V., algum curso de pós-graduação?
[00:02:35]	Pesquisador	Depois que terminou lá a graduação, alguma pós, lato sensu, fez mestrado, doutorado?
[00:02:40]	P2	Não.
[00:02:41]	Pesquisador	Então, nunca realizou.
[00:02:45]	Pesquisador	Considerando que você realizou um curso técnico em eletrotécnica, por que optou pela licenciatura?
[00:02:53]	P2	Eu optei porque eu descobri justamente durante o curso que eu gostava muito de Física e Matemática.
[00:03:00]	P2	Eu até cheguei a passar para Física, comecei a cursar Física na UFF, que eu passei no primeiro período do ano, na primeira parte, só que a UFF Física era integral e eu tinha que trabalhar.
[00:03:19]	P2	E aí eu passei também em Matemática na UERJ, depois passei até no cadastro de reserva para engenharia na UFRJ, mas caiu também na questão do horário, da integridade da engenharia.
[00:03:33]	P2	E aí eu acabei cursando Matemática.
[00:03:36]	Pesquisador	Entendi.
[00:03:36]	Pesquisador	A Matemática na UERJ você consegue conciliar com o trabalho?
[00:03:41]	P2	É, tive que conseguir porque lá eu cursei à noite.
[00:03:46]	P2	E aí eu trabalhava durante o dia e estudava à noite.
[00:03:49]	Pesquisador	Entendi.
[00:03:50]	Pesquisador	Isso foi meu desafio também, cursar engenharia na UERJ, trabalhando durante o dia todo.
[00:03:55]	Pesquisador	É complicado, né?
[00:03:57]	P2	Eu até deixei de novo.
[00:03:58]	P2	Eu estive lá de novo.

[00:04:01]	P2	Mais tarde, passei até para a engenharia na UFRJ de novo.
[00:04:04]	P2	Aí fiz durante uns quatro períodos, mas eu trabalhava na barra nessa época.
[00:04:10]	P2	E aí eu pegava, em média, dez conduções por dia.
[00:04:13]	P2	Ficou muito insano e eu tive que largar de novo.
[00:04:16]	Pesquisador	Complicado.
[00:04:18]	Pesquisador	Isso aí prolonga nossa estada na universidade, né?
[00:04:23]	P2	Com certeza.
[00:04:25]	Pesquisador	Mais especificamente, por que a Matemática?
[00:04:28]	Pesquisador	Licenciatura e por que a Matemática?
[00:04:31]	P2	Então, como eu disse, eu não sabia que eu gostava de Matemática até para a gente lidar efetivamente com isso no ensino médio, né?
[00:04:42]	P2	Porque no curso da FAETEC a gente vê muita Matemática.
[00:04:47]	P2	E aí eu vi que eu tinha uma certa facilidade e aptidão para lidar e comecei a gostar.
[00:04:53]	P2	Porque o curso, de certa forma, me garantiu uma coisa que eu tinha muita dificuldade na Matemática que era ter alguma aplicabilidade.
[00:05:03]	P2	Então, o curso de eletricidade me permitiu ter essa aplicação e aí foi mais fácil para mim de gostar. Foi
[00:05:09]	P2	Foi uma coisa que eu já estava aprendendo a gostar e eu vi alguma aplicação prática para aquilo.
[00:05:15]	Pesquisador	Entendi.
[00:05:16]	Pesquisador	Eu costumo trabalhar muito isso com os alunos, né?
[00:05:19]	Pesquisador	Que ele estuda Matemática, estuda trigonometria sem saber no que vai usar.
[00:05:23]	Pesquisador	Estuda número complexo sem saber no que vai usar.
[00:05:26]	Pesquisador	Muitas vezes tem alguns professores de Matemática que, por desconhecimento, ainda falam para ele, você não vai usar isso para nada.
[00:05:33]	Pesquisador	Número complexo, por exemplo.
[00:05:34]	Pesquisador	E quando a gente tem a oportunidade de falar de um triângulo de potência, de trabalhar um circuito, analisar um circuito em corrente alternada, você aplica tudo aquilo que você aprendeu em Matemática e muitas vezes não sabia, né?
[00:05:48]	Pesquisador	Para quê ou por quê, né?
[00:05:50]	P2	É interessante.
[00:05:51]	P2	Um dos grandes problemas no ensino da Matemática é esse.
[00:05:55]	P2	É que a impressão que se dá é que parece que a Matemática surgiu do nada.
[00:06:01]	P2	É igual você falar sobre números complexos.
[00:06:03]	P2	Alguém resolveu sentar-se, estava de férias e falou assim, ah, vou inventar isso daqui para chatear os alunos.
[00:06:09]	P2	E aí é muito difícil você manter o interesse de uma coisa que parece que é uma abstração sem sentido nenhum, né?
[00:06:17]	P2	Então é uma das, para mim, as principais dificuldades.
[00:06:21]	P2	É essa.
[00:06:22]	P2	E aí quando você encontra, de certa forma, que aquilo tem uma utilidade, aí a Matemática deixa de ser uma coisa abstrata e passa a ser uma poesia, né?
[00:06:32]	P2	Passa a ser como se fosse uma obra de arte, né?
[00:06:35]	P2	Porque ela tem, além de ter a utilidade dela, ela passa a ter beleza, né?
[00:06:43]	Pesquisador	Entendi.
[00:06:44]	Pesquisador	V., descreve suas experiências profissionais, vividas até hoje, considerando também as que você exerceu antes e agora depois do magistério.
[00:06:56]	Pesquisador	Você saiu lá do JK, foi para o mercado de trabalho, como é que foram as suas experiências profissionais?
[00:07:02]	P2	Isso, eu saí do JK, aí eu fiz um pré-vestibular, passei na universidade nos cursos que eu falei e comecei a estudar.
[00:07:15]	P2	Passei e comecei a estudar.
[00:07:17]	P2	Eu já, durante o final de semana, atuei como professor voluntário em pré-vestibular comunitário, até porque o pré-vestibular que eu fiz foi comunitário e eu queria, de certa forma, retribuir o que eu tinha recebido.
[00:07:37]	P2	E aí, depois, assim que eu me formei, eu fui atuar.
[00:07:42]	P2	Eu trabalhava na faculdade como eletrotécnico, né?

[00:07:46]	P2	Enquanto fazia faculdade.
[00:07:48]	P2	E aí, no trabalho assim que eu me formei, eu falei, não, eu quero atuar na área.
[00:07:55]	P2	E aí, eu fui para trabalhar atuando na área.
[00:07:59]	P2	Aí, comecei a atuação no CIEE, não diretamente com o ensino regular de Matemática, do curricular de Matemática regular, mas com Matemática como disciplina interdisciplinar, como a matéria interdisciplinar.
[00:08:21]	P2	Existiam módulos dentro do CIEE, que é o Centro de Integração Empresa Escola, que aplica treinamento também para jovem aprendiz.
[00:08:33]	P2	Existiam módulos de Língua Portuguesa e Matemática.
[00:08:36]	P2	E aí, eu comecei atuando com Matemática, mas também fui treinado para desenvolver outras competências, né?
[00:08:46]	P2	Ligado ao mundo do trabalho.
[00:08:48]	P2	E aí, eu fiquei lá por um período de quatro anos, um pouco mais, um pouco menos, não me lembro ao certo agora.
[00:08:58]	P2	E aí, resolvi de novo fazer o vestibular, né?
[00:09:03]	P2	Para fazer assim, eu quero voltar a estudar.
[00:09:06]	P2	Fiz de novo, que foi daí que eu passei para a engenharia na UFF, e resolvi tentar cursar.
[00:09:13]	P2	Só que o CIEE, ele era um horário muito inflexível, né?
[00:09:20]	P2	Você pegava, tendo turmas ou não, porque a gente tinha muito trabalho administrativo, você pegava de segunda a sexta, de sete e meia às cinco.
[00:09:31]	P2	E aí, como o ensino era integral, eu resolvi e falei assim, ah, vou ir efetivamente para a sala de aula, trabalhar com um horário mais flexível para tentar estudar.
[00:09:43]	P2	E aí, eu fui trabalhar em duas escolas, uma na Barra da Tijuca e outra no recreio.
[00:09:48]	P2	E aí, eu tentei cometer essa loucura de trabalhar na Barra e no recreio, e estudar em Niterói.
[00:09:55]	P2	E foi uma loucura até que eu tive que largar a faculdade, porque, inclusive, eu vi, por exemplo, que eu cheguei atrasado numa prova, assim, cinco minutos, e o professor falou assim, ah, você não pode fazer a prova, mesmo eu tendo, assim, informando que eu estava trabalhando, ele falou assim, ah, você tem que escolher o que você quer fazer, se você quer estudar, você não pode trabalhar.
[00:10:18]	P2	Ah, enfim, né?
[00:10:19]	Pesquisador	Eu escutei, escutei muito isso.
[00:10:22]	P2	Como se você tivesse que, ao invés de ir para o professor falar.
[00:10:26]	Pesquisador	Eu escutei, eu cheguei a escutar assim, ó, aqui o curso, aqui não existem dois cursos, para quem trabalha e para quem não trabalha.
[00:10:34]	Pesquisador	Aqui o curso é para quem não trabalha, professor de engenharia.
[00:10:39]	P2	Como eu tinha a conta para pagar, eu tive que realmente escolher.
[00:10:46]	Pesquisador	Eu acredito que a UERJ hoje, ela está muito mais antenada com essas questões, né?
[00:10:53]	Pesquisador	Está procurando atender mais a classe trabalhadora, a UERJ tem toda uma preocupação com essa questão da inclusão, e tentar manter o aluno com bolsa, com auxílio permanência.
[00:11:07]	Pesquisador	Eu tenho uma filha hoje fazendo Matemática na UERJ, aqui na UERJ de Caxias, eu vejo assim um tratamento todo diferente com o aluno em relação ao que eu recebi na década de 90, de 91 a 95, eu fui aluno na UERJ.
[00:11:23]	Pesquisador	Linha dura, professores mais antigos, hoje o pessoal já tem uma outra cabeça.
[00:11:29]	Pesquisador	Acredito que tenha melhorado um pouco essa questão.
[00:11:33]	Pesquisador	Então, você ganha duas escolas particulares, Recreio e Barra, né?
[00:11:39]	Pesquisador	Foi daí que você partiu para voltar para a eletrotécnica?
[00:11:43]	P2	Foi daí que eu parti para voltar para a eletrotécnica, porque aí vem a pandemia, essa questão, e aí um amigo meu, que eu trabalhei com ele, perguntou se eu não conhecia alguém, ah, você tem uma vaga, você tem algum para indicar?
[00:12:00]	P2	E aí eu falei, ah, quanto é que é o salário?
[00:12:04]	P2	E aí eu vi as condições, eu fiz as contas, falei, ah, vou, porque é óbvio que não é pelo salário, que assim, ganhava um pouco menos do que eu

		ganhava como professor, mas é o que eu estou falando, é toda essa questão de...
[00:12:23]	P2	Eu amo a licenciatura, eu acho que a licenciatura é fundamental para um país ou para uma sociedade que quer ser uma sociedade séria, só que as condições de trabalho de um professor, você melhor que ninguém deve saber, tem ficado cada vez mais difícil, porque a sensação que eu tinha na época é de estar numa briga constante com vários setores, de não ser valorizado pelos alunos, e isso a gente compreende que isso é fruto da sociedade atual que a gente vive, com outras expectativas e perspectivas, eu acho que a gente não pode ficar alheio a isso, mas a gente esperaria, por exemplo, uma compreensão e uma atitude diferente dos pais, da escola, e assim, a sensação que eu tinha quanto professor é de não ter apoio de nada nem de ninguém, de você se dedicar...
[00:13:25]	P2	Porque justamente por ter sofrido com professores que não tinham essa capacidade ou interesse inicial, porque talvez até tivesse, mas na época eu não conseguia perceber esse interesse de querer mostrar a aplicação das coisas, de fazer uma coisa, um conteúdo diferencial, aí você perdia...
[00:13:44]	P2	Opa, estou aí?
[00:13:46]	Pesquisador	Não, saiu uma imagem só.
[00:13:48]	P2	Ah, porque minha bateria está acabando.
[00:13:50]	P2	Voltou?
[00:13:51]	Pesquisador	Voltou.
[00:13:53]	P2	Então, não apenas...
[00:13:57]	P2	Aí você fazia uma aula, sei lá, programava tudo, separava material, fazia tudo, na expectativa de que aquilo fosse uma coisa legal, e às vezes era muito frustrante de não ter nenhum apoio, entendeu?
[00:14:11]	P2	Então, isso começou a desmotivar também, e aí foi, na verdade, o motivo principal além do trabalho.
[00:14:21]	P2	Outra coisa também é que eu falo assim hoje, como eletrotécnico, eu tenho a minha responsabilidade por que eu sou chefe de equipe, eu trabalho...
[00:14:33]	P2	Tudo no trabalho é a minha responsabilidade, sei lá.
[00:14:37]	P2	Se alguém fez qualquer coisa, eu que vou ser cobrado, ninguém vai ser cobrado senão eu, porque eu sou chefe de uma equipe, então a culpa sempre é minha de qualquer coisa.
[00:14:44]	P2	Mas eu vou embora, acabou.
[00:14:48]	P2	Desligo, eu estou livre, entendeu?
[00:14:50]	P2	Eu posso pensar em outras coisas.
[00:14:52]	P2	Você, enquanto professor, você nunca deixa de ser professor integralmente, porque você está sempre pensando assim, ah, eu tenho que planejar aquilo para fazer aquilo no outro amanhã, eu tenho que separar material, no final de semana eu corrijo prova.
[00:15:03]	P2	Então, você se dedica muito...
[00:15:05]	P2	Se eu estiver falando muito, me corta, que eu sei que eu falo bastante.
[00:15:08]	Pesquisador	Não, não.
[00:15:09]	Pesquisador	Quanto mais você falar, melhor para mim.
[00:15:13]	Pesquisador	E eu entendo exatamente, eu tive uma passagem recente por uma universidade privada e também pedi para sair por conta de motivos parecidos com o que você está relatando, uma exploração em termos de salário e uma desmotivação por estar dando aula no décimo período de engenharia e constatando um fracasso da educação superior, entendeu?
[00:15:39]	Pesquisador	Um aluno no décimo período de engenharia que...
[00:15:42]	Pesquisador	Eu acho que um aluno lá no ensino médio técnico de eletrotécnica está com maior conhecimento de elétrica do que ele.
[00:15:48]	Pesquisador	Um menino lá de 15, 16 anos está com mais base em eletrotécnica do que um adulto no décimo período de engenharia nessa universidade.
[00:15:57]	Pesquisador	Então, também por conta da pandemia, também por conta de liberar o horário para participar desse doutorado, eu resolvi também pedir demissão.
[00:16:07]	Pesquisador	Às vezes a gente acha que o ensino público é muito ruim, a gente faz algumas queixas, mas quando você vive uma realidade dessa numa universidade ou numa escola privada, você chega à conclusão que é melhor você ficar mesmo lá na FAETEC, entendeu?

[00:16:24]	Pesquisador	Porque, pelo menos assim, enquanto salário, você tem um plano de carreira, você é respeitado.
[00:16:32]	Pesquisador	Acontecem uns acidentes no meio do percurso de governo e tal, mas nem se compara, sinceramente, nem se compara.
[00:16:39]	Pesquisador	Então, eu tive essa oportunidade recente de experimentar a docência na universidade privada ou, no caso, na escola privada.
[00:16:49]	Pesquisador	É bem traumático.
[00:16:50]	Pesquisador	Eu entendo o que você fala.
[00:16:52]	Pesquisador	E amanhã, dia 15 do 3, faz 27 anos que eu estou em sala de aula.
[00:16:58]	Pesquisador	Comecei no SENAI em 96, então já estou com uma bagagem bem considerável para poder entender diversas situações.
[00:17:09]	P2	Bem robusta.
[00:17:11]	Pesquisador	V., descreve para mim os seus primeiros anos como professor, normalmente de 3 a 5 anos.
[00:17:18]	Pesquisador	Quais foram as dificuldades que você encontrou naquele primeiro trabalho no CIEE?
[00:17:22]	Pesquisador	Você teve apoio ou não? Com quais apoios você pôde contar par superar? Que estratégias você utilizou para vencer possíveis obstáculos?
[00:17:31]	Pesquisador	Porque existe sempre um choque.
[00:17:33]	Pesquisador	Depois que você sai da universidade, você entrar nessa sala de aula é considerado...
[00:17:40]	Pesquisador	Inclusive, tem um autor que chama de choque inicial, aquele impacto quando você se depara para a sua primeira turma.
[00:17:48]	Pesquisador	Então, quais foram as dificuldades?
[00:17:50]	Pesquisador	Teve apoio ou não teve?
[00:17:51]	Pesquisador	O que você fez para superar essas dificuldades?
[00:17:54]	P2	É bem como você disse.
[00:17:56]	P2	Porque eu peguei na UERJ, eu peguei a última turma de grade curricular antiga, que era bem próximo do bacharelado em Matemática.
[00:18:08]	P2	Dava umas seis disciplinas eletivas que você fazia.
[00:18:13]	P2	Tanto é que você cursaria umas três ou quatro, sei lá, no máximo um período de disciplina a mais com algumas disciplinas para você conseguir o bacharelado.
[00:18:24]	P2	E a gente fazia pouquíssimas disciplinas na faculdade de educação.
[00:18:31]	P2	E aí, de repente, você está em uma sala de aula, que de certa forma eu aprendi, como eu te disse, lá no pré-vestibular comunitário.
[00:18:42]	P2	Foi meu primeiro...
[00:18:44]	P2	Assim, vai lá, meu filho.
[00:18:45]	P2	Me vi diante de uma turma.
[00:18:48]	P2	Mas aí, quando eu realmente fui atuar na área, o CIEE realmente foi um dos melhores lugares que eu já trabalhei.
[00:18:55]	P2	Eu até me arrependo de ter saído para buscar coisas novas, porque lá, ainda hoje, tem uma equipe muito boa de direção, de infraestrutura.
[00:19:08]	P2	E na época você é jovem, você ficava reclamando assim, ah, tudo é horrível, não sei o quê.
[00:19:12]	P2	Mas quando você começa em alguma coisa muito boa, você vê que tudo é horrível.
[00:19:16]	P2	E aí, quando você começa a conhecer as coisas realmente horríveis, você sabe o que...
[00:19:19]	Pesquisador	O que acabou de acontecer comigo.
[00:19:22]	P2	Exatamente.
[00:19:23]	P2	O que você tem de bom.
[00:19:25]	P2	Então, lá a gente tinha apoio de tudo.
[00:19:27]	P2	Como eu falei, era integral, mas você não ficava em sala o tempo todo.
[00:19:32]	P2	Você tinha a parte administrativa, mas você tinha tempo de planejamento, que era obrigado a cumprir lá.
[00:19:38]	P2	Então, as aulas eram estimuladas a serem criativas.
[00:19:42]	P2	Tinha outras pessoas que também aplicavam o mesmo conteúdo comigo, e a gente tinha ambiente colaborativo.
[00:19:50]	P2	Era assim, terminava, às vezes, meio-dia, uma hora.
[00:19:54]	P2	A gente se sentava, ficava até às cinco, debatendo, montando planos de aula, pegando, compartilhando material.
[00:20:01]	P2	Falava assim, a gente fez isso, foi bem legal, compartilhou.
[00:20:04]	P2	Então, nesses primeiros três anos, foram anos bem fáceis nesse quesito.

[00:20:11]	P2	É óbvio que a dificuldade principal foi sempre essa questão, assim, de lidar com adolescente.
[00:20:18]	P2	Eu, praticamente, porque agora estou com a cara mais acabada, mas, na época, todo mundo tinha...
[00:20:23]	P2	Eu tinha a cara dos alunos que eu estava dando aula.
[00:20:26]	P2	Então, assim, tinha toda essa questão de você, novo, trabalhando com adolescentes, pessoas, praticamente, da sua idade, da responsabilidade, da cobrança, para você ter que parecer mais maduro, né?
[00:20:42]	P2	Mas essas dificuldades não foram tão grandes, justamente porque, nessa época, eu realmente tive apoio da instituição.
[00:20:50]	P2	Tinha, realmente, tempo de planejamento, eu tinha material, a gente ganhava computador, a gente ganhava local para trabalhar.
[00:21:01]	P2	Então, realmente, foi bem tranquilo com relação a isso.
[00:21:05]	Pesquisador	Entendi.
[00:21:08]	Pesquisador	Depois de passar dessa fase inicial no magistério, que é descrita pelos autores como choque inicial, você consegue descrever como foram os anos seguintes?
[00:21:18]	Pesquisador	Assim, se possível, em etapas?
[00:21:21]	Pesquisador	Você, já disse, superou essas dificuldades iniciais com o apoio da equipe, reuniões que são importantes.
[00:21:29]	Pesquisador	Isso vai ser até perguntado de novo a você, mas, de certa maneira, você já me respondeu uma das perguntas seguintes.
[00:21:35]	Pesquisador	Você conseguiria descrever, depois de passar desse choque inicial, outras etapas que você identificaria no seu percurso?
[00:21:45]	P2	Sim, eu acho que é mais ligado a, como eu disse, essas outras etapas, que esses primeiros anos, três, quatro anos, quando eu fiquei no CIEE, ele era mais essa fase do recém ingresso no mercado de trabalho, você estava ainda com muitas crenças e felicidades sobre a educação transformadora.
[00:22:12]	P2	Não que, como eu falei, que eu não acredite que ela seja, eu só não acho que ela é do jeito em que ela está se estruturando, em que ela foi estruturada.
[00:22:22]	P2	Eu acho que ela deveria passar por uma reforma, por um pacto social, mas, enfim, esse é o motivo da pergunta.
[00:22:28]	P2	E aí, depois, você começa a perder esse amor inicial e parece sentir uma questão mais de mudança minha.
[00:22:41]	P2	Você começa a endurecer devido às dificuldades, como eu te falei, a pensar, às vezes, duas vezes em fazer uma atividade mais elaborada, que você fala assim, cara, é igual como eu te falei, você fica lá, perde seu final de semana para preparar o negócio, porque, como eu falei, meus primeiros anos lá no CIEE, você tinha que montar aulas assim, você tinha que ter vídeo, tinha que ter dinâmica, tinha que ter slides, eram aulas bem criativas.
[00:23:13]	P2	Isso demanda tempo, e lá a gente tinha tempo de planejamento.
[00:23:17]	P2	E aí, quando você vai realmente para uma escola de grade curricular comum, você vê que...
[00:23:24]	P2	E você não tem o seu planejamento, seu tempo de planejamento, porque você recebe quando você está na sala de aula.
[00:23:30]	P2	Aí você é obrigado a fazer esse conteúdo que você quer fazer uma aula melhor dentro do seu horário de lazer.
[00:23:39]	P2	E aí eu acho que essas etapas vão bem com relação a isso.
[00:23:44]	P2	Não que naquela época as pessoas, os alunos, eram mais dedicados ou menos dedicados, mas a instituição que te garantia um menor tempo de preparar, aí você fala assim, pô, gastei meu final de semana para uma coisa que ia ser legal, e aí o aluno, que eu acho que é normal pela idade, às vezes, apresentar um certo desinteresse, só que você está gastando de um tempo que é seu.
[00:24:10]	P2	E aí acaba que às vezes você pensa assim, será que vale a pena realmente eu gastar meu tempo de lazer, meu descanso fazendo uma atividade que é legal para o resultado ser bem próximo ou praticamente idêntico a se eu não estivesse fazendo nada nesse sentido.
[00:24:26]	P2	Então eu acho que eu passei por essas etapas.
[00:24:29]	Pesquisador	Entendi.
[00:24:31]	Pesquisador	Bate certinho com o que o Huberman fala.

[00:24:35]	Pesquisador	Fala que depois que você passa pelo choque, você se estabiliza, começa a tentar implementar coisas novas.
[00:24:42]	Pesquisador	Depois você tenta mudar alguma coisa e cai depois no que se chama de rotina, no pôr-se em questão.
[00:24:50]	Pesquisador	Poxa, será que vale a pena?
[00:24:53]	Pesquisador	Aí é mais ou menos, bate com o que você descreveu como tempo de magistério, sete anos.
[00:24:59]	P2	Sim.
[00:25:00]	Pesquisador	Quando o cara está nessa faixa de sete anos, ele entra na rotina, no pôr-se em questão.
[00:25:05]	Pesquisador	Quando ele já está tipo eu, de 25 a 35, ele já está na serenidade.
[00:25:17]	Pesquisador	Foi, voltou.
[00:25:20]	P2	Desculpa.
[00:25:22]	P2	Fui ligar para tentar finalizar a ligação e acabei finalizando essa, desculpa.
[00:25:26]	Pesquisador	Então, quando você...
[00:25:29]	P2	Está travando.
[00:25:31]	Pesquisador	Quando você está nessa faixa de sete anos, está exatamente como você descreveu.
[00:25:35]	Pesquisador	Está começando a se colocar em questão.
[00:25:37]	Pesquisador	Pô, será que vale a pena isso?
[00:25:39]	Pesquisador	Depois você entra numa fase, que eu acredito que é a que eu estou, da serenidade.
[00:25:44]	Pesquisador	Você já sabe que não vai mudar mesmo, você já prevê aquilo que vai acontecer, já sabe como é que é o esquema.
[00:25:51]	Pesquisador	Aí eu já estou partindo para a fase do desinvestimento.
[00:25:56]	Pesquisador	É quando você já está entrando na aposentadoria.
[00:25:59]	Pesquisador	Pode ser um desinvestimento sereno, então...
[00:26:03]	Pesquisador	Severo, então sereno.
[00:26:06]	Pesquisador	Eu acho que o meu vai ser sereno.
[00:26:08]	Pesquisador	Eu já tenho consciência de que eu cumpri meu papel como professor.
[00:26:13]	Pesquisador	Então, eu fico impactado.
[00:26:15]	Pesquisador	Você é a terceira pessoa que eu estou entrevistando.
[00:26:17]	Pesquisador	Conforme as pessoas descrevem certinho e bate o tempo certinho.
[00:26:21]	Pesquisador	No livro chamado Vida de Professores, eu li sobre as etapas da vida de um professor. Eu
[00:26:29]	Pesquisador	Eu li, entendeu?
[00:26:30]	Pesquisador	Só que eu já me encaixei nelas.
[00:26:32]	Pesquisador	E agora cada um que descreve as etapas, bate certinho com o que o cara escreveu.
[00:26:37]	Pesquisador	É um livro do Antônio Nóvoa, em português.
[00:26:41]	P2	Legal.
[00:26:42]	Pesquisador	Próxima pergunta.
[00:26:43]	Pesquisador	Como é o professor V.? Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:26:52]	Pesquisador	Lá na época que você estava lecionando.
[00:26:55]	P2	Eu acho que é isso.
[00:26:56]	P2	Justamente, uma das principais características é que eu não me cansava de tentar fazer o aluno compreender.
[00:27:08]	P2	Enquanto eu não achasse que efetivamente...
[00:27:13]	P2	Porque eles sempre vão falar assim, eu entendi para que você pare de falar.
[00:27:17]	P2	Mas eu queria que ele me demonstrasse algum exemplo, que me desse algo...
[00:27:21]	P2	Estou te explicando sobre este conteúdo, é assim que eu te apresentei.
[00:27:26]	P2	Mas como você consegue botar isso na sua vida?
[00:27:30]	P2	Em que momento você acha que este conteúdo pode ser aplicado para você?
[00:27:36]	P2	E aí, se o cara realmente compreendeu alguma coisa, mesmo que ele não saiba, porque nem se você vai saber ter uma aplicação para aquilo, você compreende se o cara realmente consegue raciocinar sobre o conteúdo.
[00:27:52]	P2	Então eu acho que a minha característica seria justamente essa, de ser persistente com o aluno e querer justamente essa Matemática mais prática e próxima da realidade.

[00:28:04]	P2	O que eu sempre falei, a abstração é uma segunda etapa do processo.
[00:28:09]	P2	A abstração, ao meu ver, não pode ser a primeira etapa porque a gente não é ensinado, desde sempre, a abstrair.
[00:28:22]	P2	Então, não sei se essa é uma das perguntas que você vai fazer, mas um dos principais problemas no ensino na Matemática é que a gente aprende Matemática no ensino fundamental com pessoas que são os professores, as tias da escola que só fizeram magistério, ou técnico em licenciatura, e essas pessoas possivelmente não gostam de Matemática e não foram preparadas para serem Matemáticas.
[00:28:51]	P2	Então você não é ensinado a ter a abstração, a ter um pensamento crítico, a nada.
[00:28:56]	P2	Você está sendo apresentado a uma disciplina que é uma disciplina mais complicada por alguém que não gosta e que não tem preparo para aquilo.
[00:29:04]	P2	E aí fica complicado.
[00:29:05]	P2	Então quando a criança sai lá, acaba lá com o sexto ano, vai pegar um professor de Matemática, o cara que já está cascudo nesse tipo de pensamento, nesse tipo de atividade, o cara quiser abstrair 100%, eu acho que é muito mais fácil ele falhar do que ele realmente conseguir.
[00:29:25]	P2	Então eu acho que é isso.
[00:29:27]	Pesquisador	Entendi.
[00:29:30]	Pesquisador	Sua formação inicial, curso de licenciatura, contribuiu para a construção dessa identidade profissional?
[00:29:36]	P2	Não.
[00:29:37]	P2	Como eu te disse, meu curso foi bem matemático.
[00:29:43]	Pesquisador	Você sabe o ano que aconteceu essa mudança de matriz?
[00:29:49]	P2	Foi logo depois.
[00:29:54]	P2	Porque eu sou péssimo com datas.
[00:29:57]	Pesquisador	Você terminou em 2000 e...?
[00:30:00]	P2	2010 2011.
[00:30:02]	Pesquisador	2011, ainda na matriz antiga.
[00:30:05]	P2	Isso, na matriz antiga.
[00:30:06]	P2	Então possivelmente foi em 2006, 2005, 2002, algo assim por aí.
[00:30:12]	P2	Porque aí a matriz vai realmente...
[00:30:15]	P2	Era tipo...
[00:30:16]	P2	Se não me engano, eu posso estar cometendo algum erro.
[00:30:22]	P2	Então não é uma afirmação que eu possa dar 100% de certeza.
[00:30:27]	P2	Mas era como se fosse a grade curricular antiga.
[00:30:30]	P2	Era como se fosse 80% de Matemática pura e 20% de licenciatura, mas assim, da parte não obrigatória, obrigatória, vamos botar aí uns 10%.
[00:30:43]	P2	O resto eu fazia de extracurriculares.
[00:30:47]	P2	E depois passou a ser 60% Matemática e 40% educação.
[00:30:51]	Pesquisador	Entendi.
[00:30:52]	P2	Tanto é que, na época, você é jovem, você fala assim, isso é horroroso, porque você está tirando a Matemática.
[00:30:59]	P2	Só que você vai se formar um professor, você tem que ter isso.
[00:31:01]	P2	Depois você vê o quanto isso faz falta.
[00:31:04]	Pesquisador	O pessoal que eu tenho entrevistado com formação mais recente, 2019, 2020, já relata uma outra realidade.
[00:31:12]	Pesquisador	Tem um conhecimento muito maior dessa parte pedagógica.
[00:31:16]	P2	Vou botar aqui que minha bateria está acabando, estou com 1%.
[00:31:19]	P2	Aqui ainda está bom a imagem?
[00:31:21]	Pesquisador	Está, está bom.
[00:31:23]	Pesquisador	V., considerando que, segundo Tardif, a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida, em que momentos da sua trajetória você identifica etapas de construção das características que formam essa identidade profissional? Vale em momentos antes da sua entrada oficial no magistério.
[00:31:45]	Pesquisador	Você já descreveu lá no pré-vestibular comunitário.
[00:31:50]	Pesquisador	Até antes, vale você descrever ali em momentos que você julga que contribuíram para a formação dessa identidade, dessa maneira de trabalhar como professor?
[00:32:00]	P2	É, assim, antes porque meu pai sempre ligou, porque eu vim de, morei a vida, acho que enquanto jovem, a vida toda dentro de comunidade.
[00:32:15]	P2	Eu nasci e fui criado dentro da Nova Holanda, lá no Complexo da Maré.

[00:32:24]	P2	E meu pai sempre apostou na educação, sempre teve o discurso de educação de que a educação era transformadora.
[00:32:31]	P2	E meu pai, na época, ele era, ele participava da, na época em que o PT tinha aqueles movimentos mais próximos das comunidades, das dioceses, das paróquias, né?
[00:32:45]	P2	E aí muito daquele movimento de esquerda comunitário, principalmente do PT, eu falo porque ele era afiliado, não é por questão de viés político, não.
[00:32:55]	P2	Mas era feito por professores, por professores e professoras, né, em sua maioria.
[00:33:01]	P2	E aí ele sempre fez essa questão, assim, de, de, da educação como um movimento de libertação e emancipação social e de transformação social.
[00:33:15]	P2	E essa foi, desde pequeno, então, um espelho, assim.
[00:33:20]	P2	Os professores lá em casa eram muito idolatrados e respeitados.
[00:33:24]	P2	E aí eu tive professores muito bons também, que demonstraram que que a educação, sim, fazia diferença, porque a gente, enquanto professor, a gente passa a olhar como professor e esquece às vezes que a gente foi aluno.
[00:33:43]	P2	A segunda parte, assim, que marcou essa minha vida de professor foram justamente outros professores que de certa forma passavam um encanto daquilo que lecionavam, daquilo que modificavam diferente da maioria dos professores, que eram esses professores mais embrutecidos e menos compromissados com a educação.
[00:34:14]	P2	Sempre existiram aqueles que traziam um certo brilho e você fala assim, ah, eu quero assim, como como ele, como ela, inclusive o senhor é uma dessas inspirações, por isso que eu quis aceitar fazer essa entrevista justamente como uma forma de gratidão por ser uma dessas inspirações de transformação na crença na educação, na minha formação como professor.
[00:34:46]	P2	Foi basicamente...
[00:34:47]	Pesquisador	Eu estava tentando lembrar de você enquanto aluno, a fisionomia mudou bastante de 15 anos para 37, mas estava na minha cabeça o Bonsucesso.
[00:34:57]	Pesquisador	Será que aquele...
[00:34:58]	Pesquisador	Você tinha uma irmã, não tinha? A Gabriele?
[00:35:00]	P2	Exatamente, minha irmã.
[00:35:02]	Pesquisador	Eu fiquei aqui, será que é o irmão da Gabriele que morava em Bonsucesso?
[00:35:06]	Pesquisador	Estou fazendo um exercício aqui, a mente já não está mais a mesma coisa.
[00:35:11]	P2	Era bem magrinho, agora ficou...
[00:35:14]	Pesquisador	Mas estava vindo à minha mente essa realidade da comunidade em Bonsucesso e da sua irmã, a Gabriele.
[00:35:22]	Pesquisador	Estava vindo...
[00:35:23]	P2	Professora também, mas de geografia tanto no município quanto no estado.
[00:35:31]	P2	Está nesse processo de...
[00:35:34]	P2	Eu te falei da loucura da educação que é hoje, já ficou de licença por conta da... Dos processos da própria educação
[00:35:48]	P2	Ela pegou umas escolas bem difíceis principalmente no estado, em São João.
[00:35:56]	Pesquisador	Hoje e ontem um menino fez contato comigo pelo LinkedIn, ex-aluno do JK também, me oferecendo para ir lá dar umas palestras, está trabalhando em Curitiba, uma empresa que trabalha com a questão de segurança nessa parte de poeira combustível.
[00:36:17]	Pesquisador	Eu também fiquei lembrando, ele também era morador lá do Complexo do Alemão, e sempre tinha aquela dificuldade de sair para ir à aula, era rechaçado pela comunidade, ficavam debochando porque ele estudava.
[00:36:29]	Pesquisador	Ele ficava às vezes o dia inteiro no JK porque era uma alternativa para ele não voltar para aquela realidade.
[00:36:35]	Pesquisador	Ele ficava ali, acabava a aula, você via ele ficar às vezes a tarde toda, ou então chegar de manhã e dizer que ia ter aula à tarde.
[00:36:41]	Pesquisador	Hoje em dia é engenheiro numa empresa e está bem situado no mercado. Hoje eu estava refletindo sobre isso. Achei interessante.
[00:36:49]	Pesquisador	E agora você traz a realidade, ter morado também na comunidade e ter visto na educação.

[00:36:55]	Pesquisador	Eu também vim de certa maneira, eu morava em Ramos, meus pais eram muito pobres.
[00:37:02]	Pesquisador	Eu não chegava a morar dentro da comunidade, mas ali é cercado.
[00:37:06]	Pesquisador	E também sempre me apresentaram a educação como uma possibilidade de mudança tanto para mim quanto para meu irmão.
[00:37:13]	Pesquisador	E a gente também mudou de vida por conta da educação.
[00:37:18]	Pesquisador	Você procedia, V., com essa mesma identidade profissional em todas as turmas que lecionava?
[00:37:26]	Pesquisador	Você acha que era necessária alguma mudança?
[00:37:30]	P2	No geral, sim, mas pontualmente são necessárias algumas mudanças.
[00:37:34]	P2	Tanto pela faixa etária quanto pelo local em que a gente estava, por exemplo, a realidade era muito diversa porque como tinha a intuição de formar para o mercado de trabalho, você tinha gente que você tinha o jovem que era muito descolado e desenvolvido intelectualmente, uma pessoa mais inteligente, mais capacidade de argumentar, e você tinha aquelas pessoas que eram realmente tipo que às vezes era uma anomalia que você se perguntava assim, meu Deus, isso não é tão óbvio.
[00:38:22]	P2	Por exemplo, eu tive um aluno acho que eu estava no oitavo ano, o aluno, nono ano já, eu não me lembro, e ele com uma dificuldade enorme de fazer a prova, era uma questão de e eu era uma questão sobre trigonometria, sobre triângulo, eu estava tentando ajudar sem dar a resposta, eu falava assim, vamos ler o enunciado, o que que está dizendo aqui?
[00:38:46]	P2	Aí você fala assim, sobre que figura é essa?
[00:38:49]	P2	Ah, é um triângulo, ok.
[00:38:50]	P2	O triângulo tem quantos lados?
[00:38:52]	P2	Ah, três, ok.
[00:38:54]	P2	Se o exercício está te dando esse lado e esse lado, qual lado que está faltando?
[00:38:59]	P2	Eu não sei.
[00:39:02]	P2	Ah, meu filho, vamos lá, tem três, eu te dei dois.
[00:39:05]	P2	Aponta pra mim o que eu te dei.
[00:39:07]	P2	Aí ele apontava esse e esse, qual que está faltando?
[00:39:10]	P2	Eu não estou entendendo.
[00:39:13]	P2	Aí você fica assim, meu Deus, será que eu perdi a capacidade de dizer o obvio?
[00:39:19]	P2	Ou realmente?
[00:39:20]	P2	Então você tinha esses extremos, eu acho que a adaptação era mais com relação a isso, você teria que manter um nível de aula, né, não tão baixo, pra você não desestimular o cara que é mais esperto, mas também não tão alto que alguém não pudesse acompanhar.
[00:39:39]	P2	Então eu acho que a gente tentava ser o mesmo profissional em todos os lugares e situações, mas a realidade é diferente, te exigia que você não fosse, né?
[00:39:50]	Pesquisador	Você imagina, V., o que está acontecendo pós pandemia, né?
[00:39:55]	Pesquisador	Um aluno hoje que ele chegou o ano passado, no primeiro ano, no ensino médio técnico em eletrotécnico, ele teve o oitavo e o nono ano de forma remota.
[00:40:07]	Pesquisador	Ele estava afastado da escola há dois anos, né?
[00:40:10]	Pesquisador	2020 e 2021.
[00:40:11]	Pesquisador	Aí vem para ensino médio técnico em eletrotécnico, 19 matérias, uma parte do médio, uma parte do técnico, presencial, você imagina o que aconteceu, e acredito que vai acontecer de novo este ano.
[00:40:25]	Pesquisador	Eles simplesmente se recusavam a estudar.
[00:40:29]	Pesquisador	Por mais que você usasse estratégia e tentasse mudar, falasse, desse outra chance, outra prova, usasse várias estratégias de abordagem, simplesmente eles desconheceram, esqueceram o que é estudar.
[00:40:46]	Pesquisador	Estavam acostumados a receber tudo de mão beijada, online, mastigado, faz a prova em grupo, vai no Google, entendeu?
[00:40:54]	Pesquisador	Quando você volta em 2022, com ensino presencial, médio, técnico, integrado, 19 matérias, prova, trabalho prático, em laboratório, cara, um caos, entendeu?
[00:41:07]	P2	Um caos, um caos.
[00:41:12]	Pesquisador	Legal.

[00:41:13]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:41:29]	P2	Assim, teve, é óbvio que teve uma matéria, que era uma professora que era totalmente lá na educação, que foi psicologia da educação, que me fez ter outra visão na época da faculdade com relação à educação, porque, como eu te falei, como você já também, outro problema, você começava a ter as matérias de licenciatura lá para o sétimo ou oitavo período, já para o final.
[00:41:58]	P2	Então, você já está querendo se livrar daquilo logo.
[00:42:01]	P2	Então, ia lá para o décimo segundo andar lá na UERJ, na parte da educação, já assim, ai meu Deus, o que eu estou fazendo aqui, perdendo meu tempo?
[00:42:11]	P2	Porque, da mesma forma que você encontrava os professores muito brutos na Matemática, tipo assim, ah, problema é seu, se vira.
[00:42:18]	P2	Não entendi.
[00:42:19]	P2	Ele fala assim, ah, lê a referência.
[00:42:21]	P2	Procura, pesquisa, vai na monitoria.
[00:42:24]	P2	Se vira.
[00:42:25]	P2	É.
[00:42:26]	P2	Aí você vai na faculdade de educação e é cheio de cartaz.
[00:42:31]	P2	Aí você fala assim, poxa, eu estou no...
[00:42:33]	P2	Voltei para o ensino médio, os professores meios tipo assim, ah, vamos fazer colagem e não sei o quê.
[00:42:40]	P2	E você pensa assim, ah, que porcaria.
[00:42:42]	P2	Só que hoje é óbvio que a minha visão é totalmente diferente daqui.
[00:42:46]	P2	Estou falando na época enquanto...
[00:42:47]	Pesquisador	Na época você tinha criado uma casca, né?
[00:42:49]	P2	Exatamente.
[00:42:50]	Pesquisador	Estava com escudo.
[00:42:52]	Pesquisador	Só estava acostumado a receber porrada.
[00:42:55]	P2	É, até porque eu, aquela história, eu consegui tomando porrada o cara também tem que conseguir se ele realmente quiser.
[00:43:03]	P2	Só que uma matéria chamada Psicologia da Educação, ela começou a mudar muito as minhas perspectivas sobre o que é educação e como é a educação, né?
[00:43:15]	P2	Sobre educação afetiva. Ela vai falando sobre...
[00:43:18]	P2	Aí eu comecei a realmente me mudar, mas no geral a graduação não me preparou.
[00:43:26]	Pesquisador	Nessa matriz antiga, não ajudou muito.
[00:43:30]	Pesquisador	A décima sexta questão fala dos cursos de pós, mestrado ou doutorado, se te ajudaram.
[00:43:36]	Pesquisador	Você já me relatou que não chegou a fazer pós.
[00:43:38]	P2	Isso.
[00:43:39]	Pesquisador	Se tivesse feito, eu te perguntaria se teria ajudado alguma coisa aí nas práticas docentes.
[00:43:46]	Pesquisador	Durante a sua estada na universidade, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:43:52]	P2	Participei em projetos de iniciação científica, mas não voltado para a área de educação.
[00:44:04]	P2	E também não por muito tempo, porque depois eu tive que sair, como eu falei, eu estava trabalhando.
[00:44:09]	P2	E depois na UFF também, eu também cheguei a entrar na...
[00:44:14]	P2	Mas aí era já para engenharia, né?
[00:44:17]	P2	Na escola júnior de negócios da UFF.
[00:44:23]	P2	E também foi a mesma questão.
[00:44:25]	P2	Eu às vezes tento fazer muita coisa...
[00:44:29]	Pesquisador	Mas lá na UERJ, na licenciatura, você não chegou a participar de nenhum projeto que te aproximasse da escola?
[00:44:36]	Pesquisador	Uma monitoria?
[00:44:38]	P2	Sim, monitoria, mas aí como matéria é obrigatória.
[00:44:42]	P2	Você tem as práticas lá.
[00:44:45]	Pesquisador	Da própria disciplina, mas nenhum projeto que você recebesse uma bolsa da CAPES?

[00:44:50]	Pesquisador	De repente montar um laboratório de Matemática?
[00:44:56]	Pesquisador	Ou ficasse junto com o professor, pesquisando com o professor?
[00:45:00]	Pesquisador	Nada disso.
[00:45:00]	P2	Nada disso.
[00:45:02]	P2	Até porque também, como eu falei, o fato de trabalhar e estudar e fazer o curso à noite dificultava muito essa questão.
[00:45:11]	Pesquisador	Mas era ofertado para os outros alunos ou nessa matriz antiga que você relatou isso não fazia parte?
[00:45:19]	P2	A minha visão é que não era ofertado, mas é como eu falei, a minha vida na universidade era tão corrida, porque eu saía do trabalho e corria, voltava para casa e de manhã tinha que acordar cedo para ir para o trabalho e não sei o que, que eu não sei se garantia se não era ofertado ou se a minha falta de tempo de procurar não...
[00:45:44]	P2	Mas eu acredito que não era.
[00:45:45]	P2	Parece que apostar não era.
[00:45:47]	Pesquisador	Agora já é outra pergunta.
[00:45:49]	Pesquisador	Você acha que seria importante essa participação dos licenciandos em programas de pesquisa?
[00:45:55]	P2	Ah, com certeza.
[00:45:58]	P2	Com absoluta certeza.
[00:46:00]	P2	Eu não apenas acho, eu acho que deveria ser amplamente oferecido.
[00:46:10]	P2	Porque, por exemplo, mesmo nessa formação que são as práticas obrigatórias, ela é feita meio que você vai no CAP da UERJ e aí você tem a prática lá zero, que aí você faz um estágio em alguma escola, mas que geralmente a diretora não te quer lá.
[00:46:30]	P2	Ela faz de tudo para você não ir, porque os alunos falam que atrapalha, não sei o que.
[00:46:35]	P2	Você vai para o CAP da UERJ e aí geralmente a turma do CAP lá na UERJ você tem cinco, seis universitários numa sala já cheia, então é meio caótico e você dá aula lá junto com o professor umas duas a três vezes durante os seis meses, que é pouco.
[00:46:54]	P2	E, por exemplo, eu acho que deveria ser algo muito mais voltado como na medicina, que você faz um internato lá no hospital e você realmente atua lá sob supervisão, eu acho que deveria ser algo mais assim.
[00:47:09]	Pesquisador	Exatamente o que se chama mesmo, internato.
[00:47:12]	Pesquisador	Falei da minha filha mais nova na Matemática, mais velha está na medicina e está no internato.
[00:47:17]	Pesquisador	Entrou agora nesse período no internato.
[00:47:19]	Pesquisador	Chegou agora aqui, apareceu lá na porta, de oito da manhã às dezessete horas dentro de uma clínica aqui em Irajá, atendendo clínica de família, vai rodar na pediatria na psiquiatria na obstetrícia
[00:47:35]	P2	E aí a profissão na prática supervisionada.
[00:47:41]	P2	Isso.
[00:47:41]	Pesquisador	A aula mesmo só segunda-feira assim e tal a aprendizagem direto na prática muito interessante o que eles chamam de internato.
[00:47:56]	Pesquisador	Você também já falou alguma coisa sobre, mas tem que oficializar a pergunta, em sua escola, em uma das escolas, ou em algumas das escolas, você participou de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo troca de experiência docente caso não participou julga interessante, julga importante a implementação desses grupos de estudo?
[00:48:16]	P2	Como eu disse isso é extremamente importante para que a gente possa ter redes de apoio tanto didático quanto pedagógico. É extremamente importante pra qualidade do professor, porque por exemplo diferente nas escolas de grade regular por mais que você seja amigo do outro professor de Matemática ou dos coordenadores você só encontra no cafezinho, oi beleza, e aí como é que está a família, ou na hora de você dar uma carona pra alguém não há uma troca quando muito é a sua vez de fazer a prova e essa é a troca você parou aonde na matéria pra gente poder fazer a prova até que capítulo que é muito diferente dessa participação comunitária mesmo, dessa construção de estar todo mundo junto, de ter a rede de apoio de material, de você compartilhar material, de você compartilhar vivência, isso era muito estimulante de compartilhar a prática de você convidar o outro e quando eu te falei, a gente tinha esses horários vagos entre as turmas e tinha que estar lá aí você convidava o cara vamos

		lá assistir comigo, participar comigo, ajudar, dar sua opinião então é outra vivência a prática de trabalhar é uma outra eu não tenho dúvida de que é necessário e importante quando se foca só na questão do horário em sala de aula é difícil encontrar todo mundo fica impossível você estabelecer um grupo de trabalho uma responsa de horários é porque a vida do professor é essa, você saiu de uma turma já tinha que pegar ir pra outra escola e correr.
[00:50:08]	Pesquisador	O que acontece comigo.
[00:50:13]	Pesquisador	Próxima pergunta, você atua de forma reflexiva crítica sobre suas práticas enquanto professor estabelecendo um programa de melhoria contínua, considera que a sua formação inicial te forneceu subsídios pra trabalhar dessa forma, reflexiva crítica?
[00:50:29]	P2	Eu acho que a minha formação não ofereceu, como eu falei era uma Matemática bem pura mas apesar de não assim academicamente não fazer outras especializações eu acho que foi justamente essa crítica que me levou a sair da sala de aula que é aquela história assim, eu quero poder dar o melhor uma coisa que eu falo eu quero ter efetivamente a crença do que aquilo que eu estou ensinando ele tem que ter não é o utilitarismo da educação, que a gente pode ir pro outro extremo tudo tem que ter utilidade igual está acontecendo agora com a reforma do ensino médio a ensina a fazer bolo de pote, que a criança vai vender bolo de pote, não é chegar a esse utilitarismo, mas a gente também não pode ser preciosista a ponto de falar assim pra que eu vou usar a equação do segundo grau o problema é seu se você não tiver um leque de oportunidade pro cara se você não vislumbrar outras situações a gente sonha com aquilo que a gente conhece é muito difícil, são poucos os visionários na humanidade que conseguem sonhar com algo inovador a gente sonha em aperfeiçoar coisas que a gente conhece que não são apresentadas então, por exemplo uma das motivos da educação ser importante pra mim é justamente porque como eu te falei, lá desde as pastorais, tinha professor lá na presença mas meu pai e minha mãe com pouca educação minha mãe veio pro Rio de Janeiro pra trabalhar de empregada doméstica com nove anos de idade e aí ainda hoje trabalha como empregada doméstica, porque ela fala que não quer parar de trabalhar, porque ela não sabe que é uma crítica que a gente faz com ela falar pra ela assim minha mãe, final de semana descansar dela é sentar dez minutos, aí daqui a pouco ela fala assim esse chão tá muito sujo, vai lá e vai limpar então a educação ela teve esse papel de me trazer essa mudança, mas a gente tem que entender que eu só pude ter essa mudança por uma questão de sorte, porque pessoas apresentaram pra mim, que por exemplo quando eu fui fazer o ensino técnico que eu fiz a prova eu fiz porque o pessoal falou assim tem que se inscrever mas nunca teve aquele negócio alguns pais falam assim vou te botar num curso preparatório porque você vai fazer isso, vai programar a sua vida na academia então eu tive sorte dessas pessoas que assim, de certa forma foram me orientando, me encaminhando e aí eu fui vendo essas possibilidades porque se não tivesse essas pessoas pra me apresentar tipo assim, você pode ser um professor você pode fazer uma faculdade, você pode fazer um ensino técnico eu acho que eu não, não teria isso, então é esse aí que falo desculpa.
[00:53:37]	Pesquisador	E me parece que essas pessoas estão cada vez mais escassas, porque hoje você tem uma escola técnica vazia não consigo entender hoje tem sobra de vagas na FAETEC, faz a prova e não preenche a quantidade de vagas em eletrotécnica 30 vagas, 17 pessoas se inscrevem pro JK, aí faz sorteio de vagas excedentes e nem assim consegue preencher aí me parece que as pessoas perderam sei lá, a noção da importância de um curso técnico como uma ferramenta pra inserção no mercado de trabalho mais rapidamente mais facilmente do que com ensino médio convencional. Eu vejo aqui em frente à minha casa uma escola do Estado cheia, ensino médio e vejo o JK vazio, uma escola que ela é mais cara, tem uma estrutura um pouco melhor, diferenciada ensino médio técnico, vazia sei lá, parece que as pessoas estão desorientadas em relação ao que é o ensino médio técnico e estão optando por um ensino médio, não estou criticando a escola, o ensino médio em si eu acho, até como atuante no ensino técnico como uma inserção no mercado de trabalho com mais

		facilidade com a visão, como você tem falado, das coisas de um outro viés um viés mais prático colocar a mão na massa, poder ir no laboratório fazer uma emenda, mexer no motor sei lá mais atrativo até pra um adolescente do que um ensino médio tradicional com certeza isso está caindo, sei lá, estou até com medo daqui a pouco entrar um governo e falar que a FAETEC é muito cara para a quantidade de pessoas que ela está formando e não está de certa maneira errado, uma turma à noite subsequente, 11 alunos inscritos e iniciando agora em um subsequente, 11 alunos uma turma que podia ter 30 pessoas na época a gente começou com uma turma 47 50, uma coisa assim na sua época eram duas turmas ou três de primeiro ano eram três duas ou três turmas entrando à noite hoje entra uma turma no diurno de primeiro ano com 30 alunos abre-se 30 vagas e não preenche e uma turma entrando à noite no subsequente só o técnico também tentando 30 e colocando 11 agora em 2023 se você entra com 11 vai terminar com 5. V., próxima pergunta pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre academia e a escola, ou seja, entre os professores e os pesquisadores como um caminho possível para a melhoria dos processos formativos você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[00:56:35]	Pesquisador	Na verdade, é o que eu estou tentando fazer como acadêmico, agora no doutorado me aproximar da realidade do professor você acha essa alternativa uma possibilidade eficaz?
[00:56:49]	P2	Com certeza era uma das grandes críticas que eu fazia, ainda continuo fazendo, em parte ela faz muito sentido, principalmente para quem está na ponta da formação, que é o professor de base é que a gente escuta muito isso, a gente fala sobre a educação afetiva de educação inclusiva a gente fala de construtivismo só que na prática você vê, por exemplo o doutor, aquela Andréia Ramalda, eu esqueci o nome dela, que vai lá dar entrevista às vezes na RJ e fala assim, ah mas o professor ele tem que ter afeto na época você fala, você está cansado, você fala assim, gente como que eu tenho afeto?
[00:57:41]	P2	Como que eu dou afeto se eu não recebo afeto?
[00:57:44]	P2	Entende?
[00:57:45]	P2	Então parece que o pesquisador ele pinta uma realidade que seria muito fácil, é mais ou menos como o patrão pinta para um empregado, mas é só você se esforçar um pouco mais que você consegue porque, e não é isso, né?
[00:58:01]	P2	Então você fala para o cara assim, você já esteve na sala de aula para você estar falando isso?
[00:58:07]	P2	Porque quando a gente se afasta muito da realidade da sala de aula tudo fica muito bonito, né?
[00:58:14]	P2	Tudo fica muito tranquilo, que a gente começa a pegar as exceções olhar aquele cara assim, ah esse daqui era um aluno muito problemático, mas aí a professora se dedicou, o professor quis fazer uma educação afetiva, e aí o aluno se transformou, é óbvio que isso funciona, mas assim, a que custo para o professor?
[00:58:36]	P2	Você está na realidade de saber, por exemplo, quantas turmas esse professor tem?
[00:58:40]	P2	Será que ele tem capacidade emocional de absorver essas emoções dessas, sei lá, 100, 200, 300 alunos que estão em cima dele?
[00:58:49]	P2	Será que ele tem apoio?
[00:58:51]	P2	Então parece que às vezes os acadêmicos pintam uma realidade que você faria em uma turma com 10 alunos, se você tivesse muito tempo de, aí sim, é maravilhoso e realmente, não estou falando que a educação não tenha que ser afetiva, que não tenha que ser inclusiva, que ela não tenha que ser construtivista, mas a realidade prática do professor na sala de aula é bem diferente, então se o quem está lá pesquisando não tiver efetivamente entendendo a realidade, não foi efetivamente professor igual, por exemplo, se é professor atuante, você está lá na ponta sabendo as dificuldades, o cara, como você está falando, o aluno que não quer estudar, que você faz tudo e o cara não quer, então se você desenvolver uma teoria, um estudo com relação a isso, você tem a prática ali, você tem como porque está nessa realidade, diferente do cara que se tornou professor universitário, só faz aquilo, aí tem lá uma turma acompanhando lá, tem uns 5 alunos lá de doutorado que ele bota para fazer todo o

		trabalho para ele, você sabe bem como é que é isso, e aí para ele é tudo bonito, é tudo fácil, é fácil lidar com, e não é essa a realidade, né?
[01:00:11]	Pesquisador	Eu também tenho tido essa experiência de participar de algumas aulas que, sinceramente, eu, com essa bagagem que tenho de sala de aula, só fico olhando e pensando, né, será que esse camarada já teve numa turma de adolescente com 35 alunos?
[01:00:27]	P2	Exatamente!
[01:00:29]	Pesquisador	Não é possível, né, porque você tem plena noção, enquanto professor regente, que aquilo ali não tem a mínima condição de ser viabilizado numa prática em sala de aula, é simplesmente uma viagem na maionese, né?
[01:00:43]	Pesquisador	Só que meu rosto condena, muitas vezes meu rosto condena, eu cheguei até a ser questionado, e aí, professor, você não está gostando?
[01:00:51]	Pesquisador	Eu não gosto muito de entrar em atrito, né? Eu
[01:00:53]	Pesquisador	Eu só balançava a cabeça.
[01:00:54]	Pesquisador	Estou gostando.
[01:00:56]	P2	Dá vontade de passear.
[01:00:59]	P2	Agora vamos lá, na minha turma ali, vamos botar isso em prática.
[01:01:02]	Pesquisador	Vamos lá botar isso em prática com 30 adolescentes lá, 15, 16, 17 anos, lá no Jardim América, no Cinturão das Favelas da FUC, DIC, FICAP, pessoal que vem de Caxias, daqui, de lá e tal.
[01:01:20]	Pesquisador	E olha que a gente recebe um público diferenciado, o nosso público no JK não é o pior público, não.
[01:01:28]	P2	Pelo contrário, a coisa que eu falo é que, por exemplo, da minha turma, muitos têm curso superior, alguns com doutorado, trabalham, fizeram faculdade, todas faculdades públicas de qualidade.
[01:01:50]	Pesquisador	Tem um aluno da sua turma que ele voltou, chegou a voltar como professor, contratado de eletrônica, era Rafael.
[01:02:00]	Pesquisador	Fez engenharia na UERJ, voltou como professor contratado, depois ele pediu demissão do contrato para ir para um mestrado na época, para fazer um mestrado com bolsa, pediu demissão do contrato.
[01:02:12]	Pesquisador	Tenho agora, recentemente, descobri um ex-aluno do JK, inclusive foi até meu menor aprendiz no SENAI em 96, ele hoje é professor doutor na UERJ, escreveu um livro aí de instalações elétricas e tal, até compartilhou comigo aí, foi interessante.
[01:02:31]	Pesquisador	Foi meu aluno com 16 anos, hoje tem na faixa de 40 e já é professor doutor, já tem livro publicado de instalação elétrica.
[01:02:40]	P2	Que legal.
[01:02:41]	P2	Quem também tem doutorado e que trabalha na escola técnica, mas no CEFET de Maria da Graça, era, não sei se você lembra, o Pedro Henrique, que agora ele virou uma mulher trans, é minha amiga responde como P.
[01:03:03]	Pesquisador	Ela vai participar aqui também.
[01:04:29]	Pesquisador	A P. vai participar aqui também.
[01:04:33]	P2	É, que eu ia até indicar, porque ela é doutora, e a esposa dela também, mas ela é moradora de Jardim América, mas não estudou no técnico, mas também terminou um doutorado agora, e ela é professora de instituição federal.
[01:04:53]	Pesquisador	Enquanto Pedro ainda, foi palestrar como doutor lá no fórum do JK.
[01:04:58]	P2	Sim.
[01:04:58]	Pesquisador	Foi lá palestrar, porque eu fiz um fórum com o tema mestres e doutores, pesquisadores, mestres e doutores do JK.
[01:05:48]	Pesquisador	Próxima pergunta, V.
[01:05:50]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação de seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[01:05:58]	P2	Como eu disse, eu acho que é o conhecimento em que o aluno consiga vislumbrar uma aplicação, mesmo que não seja uma aplicação pra ele de forma direta, que ele consiga visualizar que aquele problema matemático, ele tem alguma tangência física, que, de novo, não saiu do nada, não foi alguém que falou assim vou inventar isso aqui, que ele parte de um problema.
[01:06:28]	P2	Algumas estratégias que a gente usava no CIEE era isso.
[01:06:32]	P2	A gente apresentava um problema, falava assim não sei, como é que eu faço para medir àquela altura desse prédio? Eu
[01:06:38]	P2	Eu não tenho uma trena do tamanho desse prédio.
[01:06:44]	P2	E aí você deixa e fala assim, eu não tenho resposta certa.

[01:06:48]	P2	Eu não estou nem preocupado com Matemática.
[01:06:51]	P2	Se você me der a Matemática como uma solução ótimo, beleza, mas eu quero que você me dê ideia, como que a gente faz?
[01:06:58]	P2	Alguém fala assim, ah os caras vão fazer de tudo.
[01:07:02]	P2	Ah, a gente pode pegar um prédio que a gente sabe o tamanho e comparar.
[01:07:06]	P2	Isso é um modelo Matemático feito.
[01:07:09]	P2	Isso é Matemática.
[01:07:09]	P2	Eu sei que aquele prédio dali que é mais alto, sei lá, tem 200 metros, eu sei que esse é um pouco mais baixo, tem 100 metros, então ele tá entre 100 e 200 metros é uma aproximação bem válida.
[01:07:22]	P2	É um pensamento matemático.
[01:07:24]	P2	Então você deixar o aluno livre para aquilo dali e aí a partir desse problema desses métodos, nós começarmos a explorar matematicamente.
[01:07:32]	P2	Então eu acho que é isso.
[01:07:33]	P2	Você ter uma tangência do mundo da abstração Matemática no mundo físico.
[01:07:42]	Pesquisador	Isso é trabalhar com contexto, né?
[01:07:44]	P2	Isso. É
[01:07:45]	Pesquisador	É Freire, né?
[01:07:45]	Pesquisador	É Freire.
[01:07:47]	Pesquisador	Também estou olhando o Freire.
[01:07:49]	P2	É muito bom.
[01:07:50]	P2	Pena que para o povo no Brasil ele não é reconhecido.
[01:07:55]	Pesquisador	Ele recebeu paulada à toa agora nos quatro últimos anos de governo.
[01:08:01]	Pesquisador	As pessoas são de uma ignorância tamanha que sequer sabem que o método de Freire não foi implementado no Brasil.
[01:08:08]	Pesquisador	Ele é pesquisado fora direto, um dos caras mais citados.
[01:08:12]	Pesquisador	Acho que é o mais citado.
[01:08:13]	Pesquisador	Tem uma disciplina em Harvard sobre o método de Freire e tal.
[01:08:18]	Pesquisador	Mas o Freire ficou grande parte do tempo exilado e quando voltou ao Brasil só assumiu um cargo de gestão e educação.
[01:08:26]	Pesquisador	Se não me engano na Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo ou no governo de São Paulo.
[01:08:32]	Pesquisador	Não teve chance de mudar nada no Brasil, de implementar nada no Brasil.
[01:08:35]	P2	Fala que a educação no Brasil é um desastre.
[01:08:37]	P2	Primeira coisa que eu falo, que a gente tem esse debate, se você já leu...
[01:08:43]	P2	Ah não, mas ouve...
[01:08:45]	P2	Então leia primeiro antes de mais nada, pra você entender.
[01:08:49]	Pesquisador	E vai estudar pra saber o que aconteceu com o Freire.
[01:08:54]	P2	Sim, sim.
[01:08:54]	Pesquisador	Tá valendo o Fake News, né?
[01:08:57]	Pesquisador	O cara espalha uma notícia, simplesmente as pessoas compram e espalham.
[01:09:03]	Pesquisador	Eu recentemente entrei em um debate com um colega, até professor do JK.
[01:09:09]	Pesquisador	Eu falei, você já estudou o Freire?
[01:09:11]	Pesquisador	Tu leste o Freire?
[01:09:11]	Pesquisador	Eu vou trazer a Pedagogia do Oprimido pra você ler.
[01:09:14]	Pesquisador	Você está lendo? Ele perguntou.
[01:09:15]	Pesquisador	Eu falei, já li e tal, vou trazer pra você ler.
[01:09:18]	Pesquisador	E vou te dar aí uma reportagem pra mostrar onde o método de Freire foi empregado no Brasil, em lugar nenhum.
[01:09:27]	Pesquisador	Então, V., continuando aqui.
[01:09:29]	Pesquisador	Você também já me respondeu essa pergunta, mas eu vou oficializar ela.
[01:09:33]	Pesquisador	Considerando o seu curso de licenciatura, você considera que essa formação inicial te forneceu o subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente?
[01:09:45]	Pesquisador	Descreva aí elogios ou críticas a essa sua a sua formação.
[01:09:51]	P2	É isso.
[01:09:52]	P2	Falei como eu tinha dito, né?
[01:09:53]	P2	Não, efetivamente não.

[01:09:56]	P2	E aí a crítica é justamente essa, que ela, como no outro post do que eu falei, né?
[01:10:06]	P2	Que eram as tias lá do Fundamental 1, que são pessoas despreparadas justamente por não gostarem e não terem uma formação especializada naquilo e vão ensinar aquilo de forma ruim.
[01:10:19]	P2	Você tem o outro posto, que é também o cara que é hiper preparado, né?
[01:10:27]	P2	Que é um cara que fez doutorado, pós-doutorado, que possui um saber absolutamente inegável, porque ele passou por banca, né?
[01:10:34]	P2	Você sabe que realmente o cara é testado, é verificado, principalmente em escola pública, então ele é de conhecimento de saber inegável, só que ele também, ele acha que a realidade é aquilo que ele vivência.
[01:10:51]	P2	E aí ele é na universidade existe essa questão de se todo mundo passa, né?
[01:11:00]	P2	Você já deve ter ouvido isso, né?
[01:11:01]	P2	O cara não é um professor bom o suficiente, você tem que reprovar, você tem que exigir muito, enfim, você tem que e aí... esse outro extremo acaba que você, como na formação, tem que lidar com ele, né?
[01:11:14]	P2	E aí o cara não tá preocupado com didática, por exemplo.
[01:11:19]	P2	Ele não quer saber, você que acha, porque quando você vem com questões assim, você está estudando cálculo, você fala assim, mas o que é um vetor gradiente?
[01:11:30]	P2	Talvez o cara realmente não saiba, mas ele fala assim, eu não preciso saber disso, eu não sou engenheiro, quem tem que saber isso é um engenheiro, eu já ouvi isso.
[01:11:37]	P2	É óbvio que o cara sabe calcular, ele sabe que ele vive daquilo, não é negando que ele não tenha conhecimento, mas ele não quer te dar nenhuma aplicabilidade daquilo, ele não quer ser prático com aquilo, ele fala, ah, eu aprendi sem isso, por que você tá fazendo uma pergunta dessa?
[01:11:52]	P2	Então é no outro extremo que a gente vive, então minha crítica é essa.
[01:11:57]	P2	A minha visão na Matemática enquanto o mundo acadêmico é que a Matemática, ela se torna.
[01:12:01]	P2	Eu acho que as pessoas ainda estão muito na época de Pitágoras, da Grécia Antiga, que a Matemática era meio que seita.
[01:12:11]	P2	Então parece que se você não for um iniciado nessa seita, se você não passar por esse sofrimento, você não é digno do conhecimento.
[01:12:25]	P2	Vamos falar que a própria notação Matemática, eu cheguei a fazer um pré-projeto de mestrado na PUC, que falava justamente que eu queria abordar justamente isso, que é essa visão de seita de Matemática, da linguagem Matemática, que parece que é óbvio que a maioria pode ser ateu, não sei o que lá, mas é uma visão meio mística, a gente bota simbologia difícil, a gente fala com palavra difícil, porque a gente não quer que todo mundo saiba, acesse esse conhecimento.
[01:13:01]	P2	Então você, por exemplo, você pega os livros de cálculo, os livros de álgebra, depois que você entende, você fala assim, ah, é isso que o cara quis dizer, e você pode dizer aquilo de uma forma muito mais simples, sem perder, a gente não pode perder o rigor matemático, mas o iniciado não precisa ter aquela dificuldade, aquilo, para você afetar, não, você pode ter o rigor matemático de uma forma mais simples, mas parece que não, ninguém quer te dar o simples, você tem que pegar o difícil, senão você não é digno da Matemática.
[01:13:38]	P2	Então, basicamente, essa é a minha crítica.
[01:13:40]	Pesquisador	Certa vez eu li algo falando sobre fazer uma comparação, na verdade, com o ensino e uma linha de produção na indústria.
[01:13:48]	Pesquisador	Você já pensou se na indústria você ficar contente com o número de peças que você vai perder, vai jogar fora?
[01:13:54]	Pesquisador	Aqui, perdi essa peça, joga fora, joga fora, joga fora, você vai ficar contente porque você jogou a maior parte das peças fora, então você dando aula, você vai ficar contente com o número de reprovação, uma coisa totalmente fora de nexo, esse ano eu reprovei 90% da turma, só passaram duas pessoas, o cara se regozija daquilo, ele está se reprovando, ele tem que ter noção de que ele está se reprovando.
[01:14:22]	P2	Exato.
[01:14:24]	P2	De novo, aquela questão da educação com afeto.

[01:14:30]	P2	Falta ele entender que ele não está lidando com o número, ele está lidando com a vida e que aquela negativa dele, é óbvio que reprovações em alguns casos são necessárias, eu não estou dizendo que não sou a favor de que o aluno tenha que passar de qualquer jeito, não é isso.
[01:14:47]	P2	Mas, ele tem que ter plena noção de que ele está agindo diretamente na vida de alguém, ele pode estar bloqueando para sempre o conhecimento, porque o cara vai ter a comprovação no documento físico dizendo pra ele assim ó, você não é capaz de aprender Matemática, você foi reprovado.
[01:15:06]	P2	Isso tem um peso muito grande na vida de uma pessoa.
[01:15:09]	P2	Então para pessoa realmente reprovar alguém, ela tem que pensar exatamente, sem contar que uma das questões que também me fez ficar descontente com a educação de modo geral, não com relação a educação Matemática é o fato de você por exemplo, querer que todos sejam Matemáticos.
[01:15:28]	P2	Você exigir um nível, um rigor de falar assim, ah, você só vai passar na minha matéria se você souber resolver sei lá, essa questão que os caras demoraram milhares de anos pra resolver, você acha que o cara tem que ser não, não é bem assim a gente tem que repensar isso é óbvio que eu não estou querendo formar analfabetos mas a gente também nem todo mundo vai ter aptidão pra Matemática nem todo mundo então a gente tem que achar um meio termo em que o cara ele consiga viver e não seja um analfabeto matemático, que ele tenha consiga entender as possibilidades, mas também eu não posso querer que o cara que não tem, às vezes tem até problemas cognitivos você deve ver isso na sala de aula muito, e é exigido o cara que, sei lá, tem descalculia, que é disléxico, você exige ele da mesma forma que exige uma pessoa que tem toda a própria aptidão então é isso
[01:16:24]	Pesquisador	Outra característica pós pandemia um grande número de autistas, TDAH transtorno de déficit de atenção, assim é surpreendente, eu tinha relatos anteriores, tinha vivências anteriores com alunos com necessidades especiais assim, pontualmente um aluno surdo mudo, teve um aluno com paralisia cerebral, Ronald, acho que até deve ter convivido da mesma época que você assim, coisas muito pontuais ao longo desses 20 anos, 20 e poucos anos e agora pós pandemia assim, tipo, quatro alunos numa turma quatro alunos numa mesma turma com necessidades especiais já três anos seguidos, eu tenho lido, tenho pesquisado e lido que estão fazendo uma associação dessas dificuldades de aprendizagem com o uso excessivo de videogame e celular e tal, talvez seja uma das causas desses problemas que estão surgindo aí e identificado agora no caso, já na fase de adolescência.
[01:17:45]	Pesquisador	Sua formação inicial te forneceu o subsídio para exercer a docência no atual contexto, a gente acabou de falar isso contexto social, você observa as questões de etnia, de gênero de raça, de diversidade.
[01:18:00]	P2	Não sei se a minha imagem está aparecendo estou me ligando aqui tá bom já, pode deixar assim mesmo só o som. Eu até tive alguns professores na faculdade até tinham essa intenção, já foram apresentados a etno-matemática, enfim só que apesar disso não era nada aprofundado então assim nem voltado para o ensino em si, era mais como uma curiosidade Matemática do que uma aplicação prática, então não a educação minha formação não me contemplou essa, não me preparou para essas questões raciais, essas questões de gênero nem de deficiência física, intelectual, nada
[01:19:00]	Pesquisador	A gente está aprendendo a trabalhar no meu caso na marra, sem nenhum tipo de preparo oficial que é horrível, que você aprende justamente falando de botar um aluno especial na turma, tudo bem eu concordo em certa parte, mas eu não fui preparado para lidar com isso eu não fiz curso de libras até que colocam o intérprete mas tem termos técnicos que o intérprete não tem símbolo para passar para o menino tem que ser criado e isso aí tem que ser muito bem trabalhado, muito bem pensado essa etno-matemática que você citou tem um aluno que vai participar aqui também na pesquisa, formando agora na UFRJ, que o TCC dele é sobre essa etno-matemática trabalhando aí na realidade de favelas também, cursos preparatórios aqui da comunidade do Vigário Geral.
[01:19:59]	Pesquisador	Última pergunta, V., a cereja do bolo, diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudanças nos cursos de licenciatura com vistas a

		oportunizar melhores condições de formação aos licenciandos, tornando essa formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos professores novatos em sala de aula você concorda com essa afirmação?
[01:20:24]	Pesquisador	Há necessidade de mudança?
[01:20:26]	Pesquisador	Caso concorde, quais propostas de mudança apontaria como necessárias aos cursos de licenciatura a fim de tornar a formação inicial de professores mais próxima da realidade encontrada pelos novatos em sala de aula então.
[01:20:41]	P2	Eu acho que foi parte do que também já debatemos acho que deveria ter uma residência eu olhei em alguns lugares e já estão tentando fazer isso, professor residente, residência pedagógica, isso está acontecendo em algumas universidades porque aí ele vai ter justamente aquilo que a gente falou, vai ter essa rede de apoio ele vai ter um professor mais experiente, ele vai entender pelo que ele vai passar e vai ter com quem debater e discutir eu acho que isso é extremamente importante eu acho que também passa por um pacto nacional que vai além da universidade, vai além da pesquisa acadêmica eu acho que deveria ser ter um pacto social, nacional de repensar a educação porque educação a gente não pode esquecer que essa parte que a gente está fazendo enquanto professor ou que você está fazendo enquanto pesquisador ela é apenas parte do problema porque a educação ela não é paralela à sociedade e se a gente não pensar o problema de educação enquanto também um problema social não adianta a gente ter as melhores intenções, as melhores teorias e se a gente não tiver uma sociedade comprometida com a educação então a gente precisa de um pacto social a gente precisa realmente de governos e da sociedade entender porque a gente está vivendo justamente o contrário, a gente está vivendo um pacto de deseducação e o quanto isso dá certo quando a sociedade não quer a educação vê a educação como um inimigo da sua formação, a gente está vendo isso as consequências disso agora quando a gente vê que o professor é vagabundo que a gente vê que a educação só serve pra doutrinar as pessoas e não sei o que quando você vê um youtuber que que não tem informação nenhuma, tem mais credibilidade do que uma pessoa que está dentro uma sala de aula há anos falando então a gente vê a sociedade que a gente está formando com relação a isso, então se a gente não tiver um pacto social, não adianta a gente desenvolver as melhores teorias porque elas não vão deixar de ser isso, teorias então a gente precisa ter um pacto nacional de governos e de um plano de governo de estado mesmo que valorize a educação como prioridade, que a educação se torne uma aposta dessa sociedade porque sem isso eu acho que nada é capaz, agora voltando daquilo que efetivamente a gente pode fazer, seria isso, a questão da residência essa questão de criar talvez até ambiciosamente falando, de facilitar a linguagem Matemática para o jovem adolescente fazer uma reforma ortográfica da Matemática de se pensar em simbologia mais apropriada e mais atual porque, de novo, a gente não pode achar que, a tradição ela tem que ser respeitada, mas ela não pode nos atrasar, ela não pode nos impedir de avançar então de melhorar a linguagem Matemática e usar a tecnologia que a gente está na era tecnológica entender que esses periféricos celulares, laptops, essas coisas eles podem e devem ser utilizados na educação eu descobri há pouco essa inteligência artificial e é bem bacana conversar com ela justamente porque você consegue trazer questões que são bem legais o que não dá para fazer com essa tecnologia realmente aplicada de forma correta, então também que a gente consiga trazer essa tecnologia para o ensino da Matemática é isso
[01:25:02]	Pesquisador	Entendi, V., eu agradeço a sua ajuda, seu pronto atendimento à minha convocação fico sempre muito grato e feliz por ver aqueles garotos que passaram lá como meus alunos, chegar no ponto que vocês chegaram, conseguir debater com vocês nesse nível de debate e de proposta, até agora só tive surpresas positivas sinceramente eu não esperava de conseguir respaldar aquilo que eu propus como pesquisa, com tanta facilidade como eu estou encontrando aqui, respaldo nas falas de vocês agradeço a sua participação, você quer acrescentar mais alguma coisa?
[01:25:51]	P2	Eu também, só agradecer pelo professor que você foi graças a pessoas como você que possibilitaram essa transformação da minha vida que passou pelo viés que a gente está falando pelo viés social que poderia ter

		me impedido não que hoje a minha vida é maravilhosa e que eu sou um exemplo de nada mas é uma vida que eu considero digna e que só foi possível graças a pessoas que se dedicaram à educação e que iluminaram o caminho, apontaram caminhos e direções por onde eu devia seguir eu que agradeço é uma forma de agradecer o que eu recebi e contribuir porque a sua pesquisa com certeza vai apoiar futuros professores aqui pra frente
[01:26:49]	Pesquisador	É minha intenção, deixa eu parar a gravação aqui.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P3

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:58]	Pesquisador	Fala para mim, qual o seu nome e idade?
[00:01:02]	P3	R. C. R., 40, graduado em Matemática.
[00:01:15]	Pesquisador	Em qual instituição você se graduou e qual foi o seu ano de conclusão?
[00:01:20]	P3	Eu comecei na UERJ, né, Carlos?
[00:01:23]	P3	Então, fui para a UERJ em 2004, 2003, 2004.
[00:01:28]	P3	Mas aí eu acabei trancando a faculdade, outro trabalho e aí eu concluí na Unigranrio, cara.
[00:01:38]	P3	Concluí na Unigranrio.
[00:01:41]	P3	Então, foi mais ou menos em 2010.
[00:01:47]	P3	2010, mais ou menos.
[00:01:54]	P3	Há quantos anos você atua como professor, R.?
[00:01:58]	P3	Desde então, cara.
[00:01:59]	P3	Eu estou, na verdade, desde antes de formado, né?
[00:02:03]	P3	Desde a UERJ, eu já dava aula, né?
[00:02:09]	P3	Particular.
[00:02:10]	P3	Então, há quase 20 anos, então.
[00:02:15]	P3	É, e peguei colégios também, colégios menores.
[00:02:18]	P3	Peguei colégios grandes, como assumindo sala mais por anos e anos, lá em Madureira, lá no Percepção, que você conhece.
[00:02:28]	P3	Fiquei algum tempo lá no colégio e eu tive só um gap, eu tive só uma pausa, porque eu me mudei para São Paulo, para uma outra proposta, que não era a licenciatura, mas acabei retornando.
[00:02:41]	P3	Mas foi um curto período, foi de 2015, foi um ano e meio, mais ou menos.
[00:02:47]	P3	2015, 2016.
[00:02:48]	P3	Em 2016, eu retornei à sala de aula e estou nessa escola que eu estou até hoje.
[00:02:53]	Pesquisador	Depois da graduação, você fez alguma pós, lato sensu, fez mestrado, fez doutorado?
[00:02:59]	P3	Não, mestrado eu ainda não fiz, porque eu não consigo horários, não consigo encaixar nada, porque é todo mestrado que eu preciso, que eu gosto de ver, é na área que eu gosto.
[00:03:13]	P3	Nunca tem horário, nunca tem nada, mas eu fiz duas pós graduações.
[00:03:19]	Pesquisador	Qual a instituição que você fez essa pós, mais ou menos, ano de conclusão?
[00:03:24]	P3	Eu fiz, cara, eu fiz uma na própria Unigranrio, que foi uma pós em educação, que era licenciatura, era uma pós de educação em ciência, de licenciatura Física para a universidade, e eu fiz uma outra pós em macro e microeconomia.
[00:03:49]	Pesquisador	Eu fiz o meu mestrado lá na Unigranrio, cara, tem um programa de mestrado lá para professores, muito bom.
[00:03:56]	P3	Muito bom, eu conheço o coordenador de lá.
[00:03:58]	P3	Eu, inclusive, dei aula lá também, cara, eu, na faculdade, eu dei aula de Física 1 e Física 3 lá, não como professor, óbvio, né, mas eu era, eu conseguia um substituto, então, eu trabalhei com o professor lá, o...
[00:04:22]	P3	Eu esqueci o nome do professor, o Ângelo era o coordenador, né, do curso de Matemática, e ele falou, ah, poxa, você está...
[00:04:32]	P3	Eu fiz até o quinto período de Física, na verdade.

[00:04:35]	P3	Então, ele estava com problema lá com o professor da Engenharia, e ele me convidou para, se ele queria fazer um congresso, ele ficou um mês fora.
[00:04:45]	P3	Aí, ele precisava de alguém assim.
[00:04:47]	P3	Falei, pô, você consegue pegar lá?
[00:04:48]	P3	Aí eu peguei Física 1 e Física 3 lá, pô, foi uma experiência...
[00:04:52]	Pesquisador	Esse quinto período de Física foi onde?
[00:04:54]	P3	Na UERJ.
[00:04:55]	Pesquisador	Então, você entrou na UERJ na Física e terminou Matemática no...
[00:04:59]	P3	Isso, eu comecei em Física, eu comecei, eu comecei em 2003, 2, se não me engano, na UERJ, 2003, 1.
[00:05:06]	P3	Eu perdi um...
[00:05:07]	P3	Logo assim que eu entrei, eu peguei uma greve imensa, assim.
[00:05:11]	P3	Então, a UERJ ficou seis meses parada.
[00:05:13]	P3	Então, foi um dos motivos que me desmotivou a UERJ também.
[00:05:17]	P3	Eu peguei algumas greves grandes lá.
[00:05:21]	P3	Aí, eu fui até o quinto período da UERJ, eu fiz o quarto período, completei o quarto período.
[00:05:26]	P3	No quinto período, eu estava fazendo, aí eu precisei trancar a faculdade.
[00:05:32]	P3	Porque eu tive que...
[00:05:34]	P3	Eu tive outras propostas, eu estava trabalhando muito.
[00:05:37]	P3	Então, eu já estava dando bastante aula, fazendo outras coisas, porque eu não estava conseguindo encaixar o horário.
[00:05:42]	P3	E aí, eu falei, ah, vou trancar, aí fica naquela, né?
[00:05:45]	P3	A gente puxa uma matéria, puxa duas e vai levando com a barriga, daquele jeito.
[00:05:51]	P3	Até que eu falei, não, espera aí, eu preciso terminar logo isso.
[00:05:54]	P3	Aí, eu recebi a proposta para...
[00:05:57]	P3	Eu conversei na coordenação da Unigranrio.
[00:05:59]	P3	Eles eliminaram praticamente o curso quase inteiro para mim lá.
[00:06:03]	P3	E eu fiz poucas matérias, fiz cinco, seis matérias lá, mais para o final e mais algumas matérias da educação.
[00:06:11]	P3	Eu consegui concluir lá.
[00:06:13]	Pesquisador	Entendi.
[00:06:14]	Pesquisador	Considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica, por que optou pela licenciatura?
[00:06:20]	P3	É, então, isso algumas pessoas me perguntam isso, né?
[00:06:25]	P3	Porque, na verdade, a eletrotécnica, quando a gente entra, a gente entra muito novo, né?
[00:06:30]	P3	Tipo garoto.
[00:06:32]	P3	Eu entrei na eletrotécnica com 14 anos.
[00:06:34]	P3	Então, quando eu fiz a prova, na verdade, eu tinha 14 anos.
[00:06:38]	P3	Então, eu entrei com 15, em 98.
[00:06:41]	P3	Em 98, eu fiz 15 em janeiro.
[00:06:44]	P3	Então, a gente acaba, sabe, não tendo muita noção do que é a eletrotécnica.
[00:06:50]	P3	Mas eu já gostava de Matemática, já gostava dessa área de Ciência.
[00:06:56]	P3	Então, a gente não sabe o que é Matemática, a gente não sabe o que é educação.
[00:07:03]	P3	Mas eu tinha alguma facilidade.
[00:07:06]	P3	Eu gostava bastante.
[00:07:08]	P3	E o fato também de ser uma instituição pública foi o que me impulsionou também.
[00:07:14]	P3	Porque, na época, eu não tinha como...
[00:07:17]	P3	Eu não tinha muito como pagar uma instituição privada, um colégio particular.
[00:07:23]	P3	E uma das opções era ou a gente fazer FAETEC.
[00:07:26]	P3	Aí, na época, tinha o SENAC também, que era um curso.
[00:07:32]	P3	E, se não me engano, eu fiz para a Federal de Química.
[00:07:34]	P3	Mas aí, na Federal de Química, eu não consegui entrar.
[00:07:37]	P3	E aí, eu passei na FAETEC bem, na época.
[00:07:39]	P3	E, cara, foi...

[00:07:41]	P3	Eu posso dizer que foram os três melhores anos da minha vida dentro daquele colégio.
[00:07:45]	Pesquisador	Mais especificamente, por que a Matemática?
[00:07:49]	P3	Porque era o que eu tinha mais facilidade.
[00:07:51]	P3	Eu sempre tive bastante facilidade com a Matemática, com a Física.
[00:07:55]	P3	A eletrotécnica, inclusive, me abriu a cabeça de uma maneira.
[00:08:01]	P3	Eu acho que o fato da gente ter um estudo integral...
[00:08:07]	P3	Eu chegava às sete e meia da manhã na escola e saía cinco horas da tarde.
[00:08:12]	P3	Sem internet, sem telefone celular, sem nada disso, a gente era meio que obrigado a sentar a nossa bundinha na biblioteca, abrir um livro e ler, estudar, fazer os trabalhos.
[00:08:27]	P3	Então, isso me abriu muito a cabeça.
[00:08:29]	P3	A eletrotécnica me agradava por conta disso.
[00:08:32]	P3	Eu não tinha muita facilidade com coisas manuais, vou ser bem honesto.
[00:08:38]	P3	Eu nunca tive facilidade em botar a mão para fazer, para mexer.
[00:08:45]	P3	Mas a parte Matemática, por exemplo, transformadores, era uma matéria altamente teórica.
[00:08:52]	P3	A gente não ia meter a mão no transformador.
[00:08:55]	P3	Mas era uma matéria que me agradava, era uma matéria que eu gostava.
[00:08:58]	P3	A eletricidade, quando eu fiz lá com o Júlio, me encantou.
[00:09:02]	Pesquisador	Entendi.
[00:09:04]	P3	Então, abriu portas, vamos dizer assim.
[00:09:07]	P3	Ela abriu a porta para mim para Física e Matemática.
[00:09:11]	Pesquisador	De certa maneira, já falou, mas descreve para mim as experiências profissionais vividas por você até hoje.
[00:09:17]	Pesquisador	Considerado também aquelas fora do magistério.
[00:09:19]	Pesquisador	Saiu lá do Ensino Médio Técnico.
[00:09:22]	Pesquisador	Faz aí um resumo para mim de onde você passou.
[00:09:26]	P3	No resumão, eu acabei o Ensino Médio Técnico bem novo.
[00:09:32]	P3	Acabei com 17 anos.
[00:09:35]	P3	Logo em seguida, fui estudar para vestibular.
[00:09:39]	P3	Aí fui para a UERJ, fiquei alguns anos na UERJ.
[00:09:44]	P3	Dentro da UERJ, participei de três programas muito legais que eram programas do governo na época.
[00:09:56]	P3	Era um programa de jovem, que era uma parceria do governo do Estado com a universidade.
[00:10:05]	P3	A UERJ era uma delas.
[00:10:07]	P3	Onde eu dava aula para acelerar mesmo, para acelerar alunos do estado que não tinham nem a quinta série.
[00:10:15]	P3	Então, a gente acelerava ali com a aula de Matemática e Ciências.
[00:10:18]	P3	E um projeto que era o INVESTUERJ.
[00:10:22]	P3	O INVESTUERJ era um programa dentro da UERJ em que a gente dava aulas para funcionários da UERJ.
[00:10:34]	P3	Era o pessoal da limpeza, era o pessoal do hospital, era o pessoal do elevador, era o pessoal da segurança.
[00:10:40]	P3	Porque, quando eles entraram na UERJ, assim, bem rápido, quando eles entraram na UERJ, não era concurso.
[00:10:46]	P3	Eles eram carteira assinada.
[00:10:48]	P3	Depois, eles viraram estatutários, depois, eles foram efetivados.
[00:10:51]	P3	Então, muitos entraram ali, praticamente, semianalfabetos.
[00:10:58]	P3	E aí, foram adquirindo alguma escolaridade.
[00:11:02]	P3	Então, eu peguei a parte de ensino fundamental e médio com eles.
[00:11:07]	P3	Então, foram dois anos também que eu peguei com eles Matemática.
[00:11:16]	P3	Na época, eu estava com alguns alunos de primeiro a terceiro ano do ensino médio.
[00:11:25]	P3	Mas aí eles davam diploma.
[00:11:27]	P3	Esse programa era um programa sério.
[00:11:29]	P3	Eles davam diploma para os alunos.
[00:11:31]	P3	Tinha formatura.
[00:11:33]	Pesquisador	Eu lembro desse projeto.
[00:11:35]	Pesquisador	Grande parte dos meus colegas, eu era funcionário da manutenção...
[00:11:38]	Pesquisador	Aliás, você falou bem, a maioria entrava sem concurso.

[00:11:41]	Pesquisador	Eu fui o primeiro eletricista concursado da UERJ.
[00:11:44]	Pesquisador	Eu e mais três.
[00:11:46]	Pesquisador	Eles vinham do tempo da obra do prédio.
[00:11:49]	Pesquisador	A favela do esqueleto.
[00:11:51]	Pesquisador	Pessoas que mal sabiam ler.
[00:11:53]	Pesquisador	Alguns sequer sabiam assinar o nome.
[00:11:56]	Pesquisador	Era um projeto legal.
[00:11:57]	Pesquisador	Eu lembro dele.
[00:11:59]	Pesquisador	A UERJ deixava estudar dentro do horário do expediente.
[00:12:04]	Pesquisador	Assim, mais ou menos, no finalzinho da tarde.
[00:12:07]	P3	Era isso mesmo.
[00:12:08]	Pesquisador	Cheguei até ir na festa de formatura deles.
[00:12:12]	Pesquisador	Bem lembrado, assim, o INVESTUERJ.
[00:12:15]	P3	Projeto legal.
[00:12:16]	P3	Era um projeto muito bonito.
[00:12:19]	P3	Eu lembro até o nome da coordenadora.
[00:12:20]	P3	Cristina.
[00:12:21]	P3	Lembro dela perfeitamente.
[00:12:25]	P3	Ela era muito dedicada.
[00:12:26]	P3	Era muito ligada com a parte pedagógica.
[00:12:30]	P3	E, para mim, eu recebia.
[00:12:34]	P3	Porque eu recebia bolsa FAPERJ.
[00:12:38]	P3	Acho que foi um dos meus primeiros contatos com uma sala de aula, com uma turma, com livros.
[00:12:48]	P3	Porque tinha isso tudo.
[00:12:49]	P3	Tinha livro, tinha uma sala de aula, tinha uma sala estruturada.
[00:12:53]	P3	Era um projeto bem bonito.
[00:12:56]	P3	Fora da UERJ, fora da universidade, eu comecei a buscar.
[00:13:04]	P3	Então, ainda aluno também, já ia no quarto período, eu já conseguia pegar escola.
[00:13:09]	P3	Então, eu peguei uma escola, o Percepção.
[00:13:12]	P3	Eu já estou falando lá para 2006, 2007.
[00:13:16]	P3	Consegui pegar o Percepção, que era um colégio grande.
[00:13:22]	P3	Na época, eu era bem novinho, cara.
[00:13:27]	P3	Eu tinha, sei lá, 22 anos, 23 anos.
[00:13:34]	P3	Foi a primeira experiência com uma sala com 40 alunos.
[00:13:40]	P3	Então, eu pegava do nono ano ao terceiro ano Física.
[00:13:46]	P3	Eu pegava aula de Física.
[00:13:48]	P3	Então, foi também uma experiência muito legal.
[00:13:53]	P3	Fui lá uns quase três anos, talvez.
[00:13:56]	P3	Paralelo a isso, eu tinha umas duas escolas.
[00:14:00]	P3	Uma estava em Nova Iguaçu, que era um colégio atual, que era um colégio supletivo.
[00:14:07]	P3	Eu pegava lá à noite.
[00:14:10]	P3	Então, eu ia para lá à noite.
[00:14:11]	P3	Inclusive, um amigo lá do Percepção que me levou.
[00:14:15]	P3	Então, foi mais ou menos isso aí.
[00:14:19]	P3	Já estou falando para 2014, 2015.
[00:14:22]	P3	Foi quando tranquei a faculdade, se não me engano.
[00:14:26]	P3	Foi em...
[00:14:27]	P3	Não, 2014, 2015, não.
[00:14:32]	P3	2009.
[00:14:32]	P3	Foi em 2009.
[00:14:34]	P3	Foi quando tranquei a faculdade.
[00:14:38]	P3	E aí, eu fui fazer outra coisa.
[00:14:39]	P3	Eu fui trabalhar.
[00:14:41]	P3	Na época, eu já tinha...
[00:14:43]	P3	Eu já namorava minha esposa.
[00:14:45]	P3	E aí, eu trabalhei com meu sogro por um ano, mais ou menos.
[00:14:49]	P3	Meu sogro era meu representante comercial.
[00:14:51]	P3	Então, eu trabalhei com ele, nas vendas com ele e tal.
[00:14:54]	P3	Foi aí que eu falei, não, espera aí.
[00:14:56]	P3	Não é para mim.

[00:14:58]	P3	Não é o que eu sei fazer.
[00:15:01]	P3	O que eu sei fazer é dar aulas. Porque
[00:15:03]	P3	Porque é...
[00:15:06]	P3	Sabe, é...
[00:15:08]	P3	Sala de aula.
[00:15:09]	P3	E aí, eu...
[00:15:11]	P3	Foi quando eu tomei essa decisão, tomei esse estado.
[00:15:14]	P3	2010, mais ou menos, eu fiz um ano de universidade, mais ou menos.
[00:15:20]	P3	E aí, eu consegui me graduar lá.
[00:15:23]	P3	Eu me graduei em 2010.
[00:15:24]	P3	É, 2010 para 2011.
[00:15:26]	P3	É final de 2010.
[00:15:27]	P3	E aí, eu consegui me graduar lá.
[00:15:31]	P3	E...
[00:15:33]	P3	Aí, de lá para cá, eu não parei mais.
[00:15:35]	P3	Aulas particulares, escolas.
[00:15:38]	P3	Eu peguei algumas escolas pequenas.
[00:15:40]	P3	Eu peguei algumas escolas médias.
[00:15:43]	P3	E eu...
[00:15:44]	P3	Aí, eu me mudei para São Paulo.
[00:15:46]	P3	Eu entrei numa outra de...
[00:15:48]	P3	Ah, eu recebi uma proposta de...
[00:15:51]	P3	Também, de novo, sair da licenciatura.
[00:15:53]	P3	Porque a licenciatura, ela é assim, né, Carlos?
[00:15:55]	P3	Você tem altos e baixos.
[00:15:58]	P3	Você tem momentos em que você fala assim, porra, vou mudar o mundo.
[00:16:02]	P3	E tem momentos em que você fala assim, porra, eu desisto disso aqui.
[00:16:07]	P3	Ou...
[00:16:09]	P3	Porque o dinheiro não entra.
[00:16:11]	P3	Ou porque você trabalha muito e você...
[00:16:13]	P3	Não é valorizado.
[00:16:15]	P3	Ou por aí n motivos.
[00:16:16]	P3	Daí, eu recebi uma proposta de São Paulo.
[00:16:18]	P3	Onde eu fui gerente regional de uma grande empresa lá.
[00:16:24]	P3	Mas...
[00:16:24]	P3	Não deu certo.
[00:16:26]	P3	Voltei em 2016.
[00:16:28]	P3	Quando eu voltei em 2016, eu tô...
[00:16:31]	P3	Rapidamente, consegui uma colocação dentro do magistério.
[00:16:36]	P3	Que é a escola que eu trabalho até hoje.
[00:16:38]	P3	Então, em 2016, eu consegui uma...
[00:16:42]	P3	Indicação daqui uma outra indicação dali.
[00:16:45]	P3	Então, eu tô desde 2016 nessa escola, lá na Barra.
[00:16:49]	P3	Então...
[00:16:50]	P3	Eu tenho aí algum tempinho
[00:16:53]	P3	Sala de aula.
[00:16:54]	P3	Mas, assim...
[00:16:55]	P3	Algumas escolas.
[00:16:56]	P3	Dei uma pausa, eu voltei.
[00:16:58]	P3	Dei outra pausa, eu voltei.
[00:17:00]	P3	E agora é para a aposentadoria.
[00:17:02]	P3	É bom aposentar.
[00:17:04]	Pesquisador	Bom, você falou aí dos primeiros contatos.
[00:17:10]	Pesquisador	Descreve para mim como foram os primeiros anos como professor.
[00:17:13]	Pesquisador	Mais ou menos de três a cinco anos.
[00:17:15]	Pesquisador	Relatando as dificuldades que você encontrou.
[00:17:18]	Pesquisador	Possíveis apoios ou não.
[00:17:20]	Pesquisador	Com os quais pôde contar para superá-las.
[00:17:22]	Pesquisador	Que estratégia você utilizou para vencer.
[00:17:25]	Pesquisador	Deixa eu te explicar, R.
[00:17:26]	Pesquisador	A literatura fala muito do choque inicial.
[00:17:30]	Pesquisador	Terminou a licenciatura, ainda está na licenciatura.

[00:17:33]	Pesquisador	Aquele primeiro contato com as turmas é chamado, por alguns autores, como choque inicial.
[00:17:39]	Pesquisador	Você teve esse choque?
[00:17:40]	Pesquisador	Pôde contar com ajuda?
[00:17:43]	Pesquisador	Como é que você fez para superar isso?
[00:17:44]	P3	Eu tive...
[00:17:46]	P3	O que aconteceu?
[00:17:48]	P3	Quando eu tive no INVESTUERJ, era um pouco diferente, porque ali eram alunos bem mais velhos.
[00:17:58]	P3	Estamos falando de alunos de 40, nem 40, 50, 60 anos de idade.
[00:18:03]	P3	Então, a pegada era uma pegada muito mais carinhosa, era uma pegada muito mais afetiva do que propriamente educacional.
[00:18:17]	P3	A pegada ali era entender a cabeça do cara, entender a cabeça daquela comunidade escolar e trazer para a sala de aula.
[00:18:28]	P3	Então, eu tinha esse carinho com isso.
[00:18:30]	P3	Eu conseguia entender.
[00:18:32]	P3	Quando tive a minha primeira aula, do Percepção, porque o Percepção foi o colégio que mais me deu aquele choque inicial, porque eu tinha turmas de quase 50 alunos.
[00:18:49]	P3	Eu posso te dizer que foi alguma coisa bem...
[00:18:56]	P3	Vamos lá, as primeiras semanas, o primeiro mês foi bem assustador, porque, caramba, agora sou eu, agora eu tenho que fazer isso aqui, minha profissão, e eu era muito novo.
[00:19:09]	P3	E o fato de eu ser muito novo trazia uma certa desconfiança, essa é a verdade, de alguns alunos.
[00:19:20]	P3	E outros alunos traziam uma certa liberdade que eles não tinham, de certos linguajados, certas brincadeiras que eles não tinham.
[00:19:31]	P3	Então, isso a gente ficava...
[00:19:33]	P3	Como é que eu faço essa...
[00:19:35]	P3	Como é que eu consigo fazer essa separação?
[00:19:37]	P3	Então, o meu primeiro grande desafio foi esse primeiro contato com essa turma gigantesca.
[00:19:46]	P3	Você está de cara com eles e você congela um pouco.
[00:19:52]	P3	E saber fazer uma separação muito grande, porque eu tinha alunos da mesma idade.
[00:19:59]	P3	Eu peguei EJA também, então eu tinha alunos de 18 anos, eu tinha alunos de 17 anos, eu tinha 22 anos, praticamente.
[00:20:08]	P3	Então, eles achavam que podiam falar comigo, como eles queriam.
[00:20:14]	P3	Até eu aceitar, até eu estabelecer os limites.
[00:20:20]	P3	Você fala, não, aqui vai, aqui não vai, aqui vai, aqui não vai.
[00:20:25]	P3	Então, isso foi um grande choque.
[00:20:27]	P3	Primeiro, os limites que a gente tem que estabelecer em relação ao professor e aluno.
[00:20:35]	P3	E esse choque hoje, uma grande realidade nossa, que é principalmente nas escolas privadas, menos turmas, mais alunos, menos professor.
[00:20:49]	P3	É uma fórmula mais ou menos assim.
[00:20:52]	P3	A escola XPTO tem 700 alunos, mas tem 10 turmas, com 70 alunos dentro de cada sala.
[00:21:03]	P3	Isso, além de dificultar muito o trabalho de um professor, porque, às vezes, você não sabe lidar com isso.
[00:21:09]	Pesquisador	Então, você teve apoio de alguém em pedagogia, supervisão?
[00:21:17]	Pesquisador	Como é que você fez para superar isso daí?
[00:21:21]	Pesquisador	Foi iniciativa própria?
[00:21:23]	P3	Eu tive muita força e muita vontade.
[00:21:29]	P3	A minha mãe foi diretora de escola, sei lá, há 40 anos.
[00:21:35]	P3	Então, ela me dava sempre muitas dicas.
[00:21:38]	P3	Olha, faz isso, faz aquilo.
[00:21:40]	P3	Fala assim, não fala assado.
[00:21:42]	P3	Não conversa com as meninas, não deixa transparecer que você está conversando com uma menina, porque isso pode te trazer um problema muito sério.
[00:21:56]	P3	A coordenação em si, Carlos, vamos ser bem honestos, eles não estão muito preocupados em chegar e te abraçar, e te botar e falar, meu filho,

		eles querem saber o seguinte, eles querem pegar você, tacar dentro da sala e se vira.
[00:22:15]	Pesquisador	Eu costumo chamar de passar a batata quente.
[00:22:26]	P3	Eu tive um coordenador que me falou assim para mim, falou assim, quanto mais problemas vocês me trouxerem, menos credibilidade vocês terão.
[00:22:36]	P3	Então, se eu levasse o problema de um aluno que fez bagunça dentro de uma sala para ele, ele achava que a responsabilidade era minha.
[00:22:45]	P3	Por que você trouxe e não resolveu isso na hora da sala?
[00:22:48]	P3	Então, a gente começou a falar, isso está certo, a gente se questiona.
[00:22:54]	P3	Então, é bem complicado.
[00:22:58]	Pesquisador	Entendi.
[00:22:59]	Pesquisador	Então, passando dessa fase inicial, que você já descreveu, Huberman, um autor, descreve que você tem uma série de etapas ao longo da carreira.
[00:23:13]	Pesquisador	Você consegue descrever, passando essa fase inicial, outras fases que você vivenciou na sua carreira docente?
[00:23:21]	Pesquisador	Assim, mais ou menos em etapas.
[00:23:24]	Pesquisador	Passei do choque...
[00:23:27]	P3	Eu posso descrever para você, por exemplo, uma experiência que eu estou...
[00:23:35]	P3	Nessa escola que eu trabalho agora, porque é a escola em que eu estou há mais tempo dentro de uma mesma instituição.
[00:23:43]	P3	Eu estou lá desde 2016, ou estou falando de sete anos.
[00:23:48]	P3	Essa escola que eu trabalho é uma escola internacional.
[00:23:53]	P3	Fui convidado a fazer entrevista, cheguei lá e o choque foi assim.
[00:24:05]	P3	A entrevista é amanhã, nove horas da manhã.
[00:24:09]	P3	Quando cheguei lá, a diretora era...
[00:24:13]	P3	Da África do Sul.
[00:24:15]	P3	A diretora não falava uma palavra em português.
[00:24:19]	P3	Então, olha a cabeça da gente.
[00:24:21]	P3	Eu tinha que chegar e...
[00:24:24]	P3	Opa!
[00:24:24]	P3	Espera aí!
[00:24:25]	P3	A chave tinha que virar.
[00:24:28]	P3	A gente estudou, a gente achou que sabia.
[00:24:32]	P3	E aí você vai conquistando.
[00:24:33]	P3	Então, o começo nessa escola foi um começo de muito, muito, muita dificuldade.
[00:24:42]	P3	Comecei aprendendo, comecei amadurecendo e fui levando isso de uma maneira gradativa.
[00:24:55]	P3	O começo foi um choque legal, onde eu tive...
[00:25:00]	P3	Poxa, tem que dar aula em inglês, tem que falar em inglês, tem que fazer tudo em inglês, não sei o quê.
[00:25:06]	P3	E aí, depois, isso começou a ser normal.
[00:25:08]	P3	Falei, bom, isso é o normal daqui.
[00:25:10]	P3	Então, foi se acostumar com o currículo diferente, com uma forma diferente de lidar com algumas coisas, até que hoje eu já consigo ter uma...
[00:25:23]	P3	Hoje eu já tenho uma linearidade.
[00:25:26]	P3	Hoje eu já tenho algo mais desenhado na minha cabeça, hoje eu tenho algo mais apontado para uma direção.
[00:25:36]	P3	Então, eu consigo entender melhor as propostas dessa educação, desse currículo.
[00:25:44]	P3	Começa-se com aquele susto, depois a gente aprende com aquele susto, a gente aprende com aquela dificuldade inicial que a gente teve e aí a gente consegue transformar isso numa experiência e fazer com que isso melhore cada dia.
[00:26:01]	P3	É óbvio que a sua aula de hoje, por exemplo, não é a mesma do que há de sete anos atrás, assim como não é a mesma da de ontem, como a de ontem não é a mesma da de hoje.
[00:26:13]	P3	A gente consegue sempre buscar aqui uma das melhores formas de se aprender ensinando.
[00:26:20]	P3	Então, hoje eu consigo entender melhor a cabeça de um aluno.
[00:26:27]	P3	Hoje eu consigo entender melhor a cabeça de uma escola privada e pública.
[00:26:33]	P3	Consigo entender alguns pais, vamos dizer assim.

[00:26:38]	P3	Então, a gente passa por essa aprendizagem inicial até conseguir...
[00:26:44]	P3	É uma curva, não é?
[00:26:46]	P3	É uma curva... É
[00:26:50]	P3	É crescente.
[00:26:51]	P3	Você começa numa crescente, aí depois você consegue voltar a estabilizar.
[00:26:58]	Pesquisador	Correto.
[00:27:02]	Pesquisador	Bate com o que o Huberman prevê, o professor estabiliza, depois ele diversifica um pouco, coloca algo de si, implementa alguma coisa nova.
[00:27:12]	P3	É quando a gente já tem mais confiança.
[00:27:13]	Pesquisador	Depois ele põe-se em questão.
[00:27:16]	Pesquisador	Você falou que tem hora que dá aquela desanimada.
[00:27:19]	Pesquisador	Na pergunta passada, você falou que tem altos e baixos.
[00:27:23]	Pesquisador	Às vezes a gente se questiona, está previsto também.
[00:27:26]	Pesquisador	Em seguida vai chegar a fase da serenidade, quando você tiver uns 20 e poucos anos de magistério e tal, você começa a já prever tudo o que vai acontecer.
[00:27:36]	Pesquisador	Pelo que eu entendi da sua fala, você está caminhando para isso.
[00:27:42]	Pesquisador	Como é o professor R.?
[00:27:43]	Pesquisador	Quais características você atribui à sua identidade profissional?
[00:27:47]	P3	Ah, legal, cara.
[00:27:49]	P3	Bem legal, porque...
[00:27:51]	P3	Hoje, na minha escola, acho que em todos os lugares que eu passei, eu consegui...
[00:28:01]	P3	Eu sou muito adepto a Paulo Freire.
[00:28:05]	P3	Acho que todos nós temos...
[00:28:08]	P3	Acho que todas as áreas têm um pouco de Paulo Freire.
[00:28:12]	P3	Acho que quem não tem, acho que quem não enxerga isso...
[00:28:19]	P3	Tanto numa área comercial, quanto numa área hospitalar.
[00:28:26]	P3	Se você não entender a cabeça do indivíduo, enquanto você não entender a cabeça das pessoas...
[00:28:36]	P3	Claro que a gente não conhece 100%, mas a gente tenta sempre se colocar no lugar do próximo.
[00:28:41]	P3	É o que eu faço sempre.
[00:28:43]	P3	Independentemente da idade, independente do gênero, independente da classe social.
[00:28:54]	P3	Porque tem muita gente que fala assim...
[00:28:55]	P3	Ah, esse cara é rico, ele não tem problemas.
[00:28:57]	P3	Não, não tem.
[00:28:58]	P3	Tem, sim.
[00:29:00]	P3	Tem problemas, sim.
[00:29:02]	P3	Só que, às vezes, os problemas deles são diferentes de outras pessoas.
[00:29:06]	P3	Então, eu tento me colocar sempre no lugar do próximo, no lugar do aluno.
[00:29:14]	P3	E isso faz com que o aluno perceba isso.
[00:29:18]	P3	O aluno vê isso, o aluno enxerga isso.
[00:29:21]	P3	Então, como ele enxerga isso, como ele enxerga?
[00:29:24]	P3	Eu hoje posso dizer, sem a menor demagogia, sem a menor ambição, ou qualquer tipo de...
[00:29:37]	P3	Eu posso dizer que hoje eu consegui conquistar para meus alunos uma posição de...
[00:29:45]	P3	Tanto que, há sete anos, eu sou paraninfo dos graduandos.
[00:29:50]	P3	Entendeu?
[00:29:51]	P3	Então, desde que eu entrei na escola, eu sou paraninfo das turmas de terceiro ano que saem.
[00:29:58]	P3	Porque eu consigo trazer esses caras para perto de mim.
[00:30:04]	P3	Claro, eu cobro, eu dou nota, eu reprovo, assim como já reprovei bastante gente em uma escola particular.
[00:30:15]	P3	E nem sempre a gente consegue vencer.
[00:30:19]	P3	A gente sempre tem alguns espinhos ali no meio daquele pessoal.
[00:30:26]	P3	Mas hoje eu consegui atingir uma posição dentro de onde eu trabalho, que é uma posição de...
[00:30:34]	P3	Poxa, esse cara gosta do que faz.

[00:30:39]	P3	As pessoas veem no R., que eu chamo de Campos, as pessoas veem no Campos o cara que gosta do que está fazendo.
[00:30:49]	P3	O cara ensina e ensina com coração também, com sabedoria.
[00:30:57]	P3	E eles percebem isso.
[00:31:00]	P3	Com preocupação com o aluno, porque ele tem que se preocupar com eles também.
[00:31:03]	P3	Então, eu consigo passar isso para eles, eu consigo traduzir isso em forma de educação, de ensino.
[00:31:11]	P3	Claro, eu tenho um benefício todo, eu consigo ensinar tudo para todo mundo.
[00:31:15]	P3	Mas aqueles que querem atingir algum lugar, conseguem ter isso.
[00:31:22]	P3	Eu não sei se respondeu a sua pergunta.
[00:31:24]	Pesquisador	Respondeu.
[00:31:26]	Pesquisador	Tua formação lá na licenciatura em Matemática contribuiu para a construção dessa identidade profissional?
[00:31:33]	P3	Absurdamente, absurdamente.
[00:31:36]	P3	Claro que eu já tenho um background, eu já tenho uma vocação, vocação, não sei se a palavra mais correta é vocação, mas eu já tenho um conhecimento prévio, porque eu cresci dentro de escola, eu cresci no ambiente escolar.
[00:32:00]	P3	A minha mãe me levava, botava a lancheirinha e me levava para a escola onde ela era diretora para estar com ela trabalhando dentro da secretaria.
[00:32:10]	P3	Às vezes, os conselhos de classe, não tinha com quem me deixar e eu ia com ela para os conselhos de classe.
[00:32:17]	P3	Então, o conselho de classe, quando vem a palavra conselho de classe, já não era um susto.
[00:32:22]	P3	Eu já sabia do que se tratava, porque eu lá com 10, 12 anos já sabia o que era um conselho.
[00:32:28]	P3	Então, eu já tinha isso.
[00:32:29]	P3	Mas a graduação não é Matemática.
[00:32:32]	P3	Acho que a graduação, não especificamente Matemática, mas a graduação, ela te traz uma base, ela te traz uma confiança muito grande.
[00:32:48]	P3	É o que eu falo para os meus alunos.
[00:32:49]	P3	Eu vivi em dois lugares, na Universidade Pública e Particular.
[00:32:55]	P3	E é muito singular, cara.
[00:32:59]	P3	Não é porque você se formou na UERJ que você será o melhor profissional.
[00:33:06]	P3	Não é porque você se formou em uma particular A, B ou C que você será um profissional horrível.
[00:33:14]	P3	Não.
[00:33:15]	P3	Se você se formou na UERJ e não gosta do que faz, você vai se transformar um profissional patético, ridículo.
[00:33:29]	P3	Se você se formar em uma universidade privada, seja ela qual for, e colocar dentro daquele curso que você está fazendo, pelo menos a importância, o interesse, aquilo vai te trazer de retorno, não financeiro, mas de conhecimento, de conhecer pessoas, de conhecer gente.
[00:33:49]	P3	Dentro da Unigranrio, eu tive três indicações para a escola dadas pelos meus professores.
[00:33:55]	P3	Isso traz para a gente uma confiança muito maior.
[00:34:00]	P3	E faz com que a licenciatura ganhe de pessoas que são aventureiras.
[00:34:06]	P3	Existe muito aventureiro por aí.
[00:34:09]	P3	Vamos lá, posso estar sendo preconceituoso, mas você pega um cursinho pré-vestibular desse aí da vida qualquer, muitas vezes o cara não tem nenhuma informação nenhuma ou nem tem a pretensão de ter.
[00:34:21]	P3	Mas é porque passou num ITA, ou porque passou numa medicina, o cara não é professor, não é educador.
[00:34:30]	P3	Ele é um cara que simplesmente teve um conhecimento maior do que a média daquela idade e acha que consegue entrar numa sala de aula e ensinar.
[00:34:42]	P3	Não é assim que funciona.
[00:34:43]	P3	Estou dizendo que você pegar as pedagogias, as psicologias, mas te dá uma base, te dá uma sensação assim, eu sei o que estou falando.
[00:34:59]	P3	Se eu estou passando isso, é porque eu sei o que a gente vai encontrar lá na frente.

[00:35:07]	P3	Conseguiu entender?
[00:35:10]	Pesquisador	Sim, sim.
[00:35:11]	Pesquisador	De certa maneira, aqui em casa está acontecendo a mesma coisa.
[00:35:15]	Pesquisador	Eu influenciei minha filha mais nova, ela está fazendo Matemática.
[00:35:18]	Pesquisador	É exatamente o que você falou, cresceu corrigindo provas junto comigo, me acompanhando no JK, está fazendo Matemática na UERJ.
[00:35:28]	Pesquisador	E a minha filha mais velha faz Medicina na Unigranrio.
[00:35:32]	P3	Olha isso.
[00:35:34]	P3	Olha que coisa linda.
[00:35:35]	P3	Quando você olha isso, você pensa o seguinte, caramba, deu certo.
[00:35:43]	P3	Se vai ganhar dinheiro ou não, meu irmão, vai ganhar dinheiro.
[00:35:50]	Pesquisador	Professor também é muito chorão.
[00:35:53]	Pesquisador	Vamos combinar que nós somos muito chorões.
[00:35:57]	Pesquisador	As pessoas não olham a realidade fora da escola.
[00:36:00]	Pesquisador	Olha a realidade fora da escola, que você também vai ver que não está muito diferente.
[00:36:05]	Pesquisador	Você teve umas saídas do magistério, você também deve ter se deparado com situações que também profissionalmente, salarialmente, não são lá grandes coisas, como a gente acha que é.
[00:36:17]	P3	Eu falo isso para alguns lá, que vêm e dizem, ah, mas isso é um absurdo.
[00:36:21]	P3	Ah, mas isso não pode ser.
[00:36:23]	P3	Eu falo, gente, vocês só viveram isso.
[00:36:27]	P3	A vida inteira.
[00:36:28]	P3	Ou começaram a viver agora e acham que já sabem de tudo.
[00:36:33]	P3	Cara, eu podia dizer algumas coisas que posso te dizer.
[00:36:37]	P3	Isso aqui é uma maravilha.
[00:36:39]	P3	Eu trabalhei com uma professora que ela teve uma realidade um pouco parecida com a minha e ela, durante a licenciatura dela, ela trabalhava no Ponto Frio.
[00:36:50]	P3	Ela ficava, não é brincadeira, e ela se formou, nem lembro se ela se formou ou não.
[00:36:57]	P3	Se formou na SUAM, não me lembro, foi em Biologia, e passou para o Estado.
[00:37:08]	P3	Ela falou assim, cara, isso é uma maravilha, isso é um sonho.
[00:37:15]	P3	A pessoa não tem noção do que é trabalhar no Ponto Frio.
[00:37:17]	P3	Eu falei, é exatamente isso.
[00:37:20]	P3	Ela ficava em pé 10 horas por dia, ia para casa sem ganhar dinheiro, ficava apontando o dinheirinho da passagem quando vinha para casa.
[00:37:27]	P3	E quando você entra numa realidade que não é a melhor dos mundos, mas ainda é a melhor realidade do que muitas pessoas acham, é porque, cara, tem uma coisa que eu te falo assim, eu não deixo ninguém ter pena de mim.
[00:37:44]	P3	Eu nunca permiti que alguém, um aluno, tivesse pena.
[00:37:48]	P3	Pô, coitado do Campos, coitado do R., eu posso não ter um real na minha carteira, mas ninguém precisa saber disso.
[00:37:57]	P3	Meu carrinho está limpinho.
[00:37:58]	Pesquisador	Eu também trabalho assim.
[00:38:00]	P3	Meu carrinho está limpinho, meu sapatinho está limpinho, minha roupinha está passada, minha caixinha está aqui, meu computador, vou para a minha escola, feliz da vida, dou minha aula, rio, brinco, vou para a minha casa.
[00:38:11]	P3	Não falo para ninguém que meu salário é X ou Y, eu não preciso dizer para ninguém que eu ganho muito ou ganho pouco.
[00:38:18]	P3	E a gente sabe que existem pessoas que ganham muito, ganham salários muito bons.
[00:38:27]	P3	Você acabou de me dizer que sua filha faz Medicina na universidade.
[00:38:31]	P3	Cara, isso é uma conquista para poucos.
[00:38:35]	P3	Isso é uma conquista para poucos.
[00:38:37]	P3	Então, assim, você é professor aqui.
[00:38:40]	P3	Está entendendo?
[00:38:42]	P3	Então, assim, só para a gente...
[00:38:45]	Pesquisador	E muitos não conseguem acreditar nisso não, tá?
[00:38:48]	P3	É eu imagino.

[00:38:50]	Pesquisador	Muitos falaram para mim que você é louco, você vai deixar a garota estudar aí, como é que você vai fazer para pagar isso?
[00:38:59]	Pesquisador	E, graças a Deus, já está no nono período, até agora não tive problema algum.
[00:39:18]	Pesquisador	Bom, a próxima pergunta, você, de certa forma, já me respondeu falando lá desde a sua infância, junto com a sua mãe, mas vou oficializar a pergunta aqui para ficar registrado.
[00:39:30]	Pesquisador	Tardif, ele fala que a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida, em momentos da sua trajetória.
[00:39:40]	Pesquisador	Desde criança, desde aluno.
[00:39:43]	Pesquisador	Então, em que momentos da sua trajetória você identificou as construções dessas características que formam sua identidade profissional?
[00:39:52]	P3	Se eu posso ser bem honesto, assim, a minha mãe, ela tem grande influência nisso.
[00:39:58]	P3	Óbvio, grande influência.
[00:40:00]	P3	Ela sustentou três filhos sozinha, separada, como professora do estado e do município.
[00:40:11]	P3	Então, eu vi a correria dela, eu vi a batalha dela, diária.
[00:40:17]	P3	Ela saía de um CIEP, ela trabalhava de oito da manhã às cinco da tarde, e às sete da noite ela só entrava em casa, tomava um café, trocava de roupa e ia para a escola do estado à noite para ser diretora da escola.
[00:40:34]	P3	Ela não faltava, ela não chegava atrasada, ela fazia prestação de contas, ela fazia compras.
[00:40:41]	P3	Então, eu vi isso tudo.
[00:40:42]	P3	Então, ela foi um grande estímulo na minha vida.
[00:40:47]	P3	Mas, quando eu entrei no JK, as pessoas pensam, caramba, escola pública, tudo escola pública, mas eu falo tudo.
[00:41:00]	P3	Todas as sílabas, todas as vogais, foi a melhor experiência que eu já tive.
[00:41:08]	P3	O JK foi, para mim, foi, sei lá, se eu puder dizer que foi, se eu disser que foi meio a meio com a minha mãe, eu acho que ela vai ficar meio triste.
[00:41:22]	P3	Mas que o JK teve uma influência gigantesca, gigantesca na minha escolha.
[00:41:30]	P3	É...
[00:41:31]	P3	Preciso que você acredite nisso cegamente, porque eu tive professores ali que me marcaram demais.
[00:41:39]	P3	Tive professores ali que me marcaram demais.
[00:41:41]	P3	Cara, você foi meu professor em 99 e 2000.
[00:41:45]	P3	Eu fiz, falando 23 anos depois.
[00:41:49]	P3	Como é que isso não marca a nossa vida?
[00:41:53]	P3	Cara, eu tive um ano, eu acabei de ver o falecimento do Eudes, que foi professor de Matemática.
[00:42:02]	P3	Foi meu professor de Matemática por três anos.
[00:42:06]	P3	Batei uma mensagem.
[00:42:08]	P3	Regina, Deise, Ana Paula, Anderson, todos esses professores, Abadia, nem sei o que aconteceu com a Abadia, não sei se ela se aposentou, se ela faleceu, o que tinha acontecido.
[00:42:20]	Pesquisador	A Abadia faleceu de Covid, acho.
[00:42:23]	P3	Ai, está vendo?
[00:42:24]	P3	Ela já era bem velhinha na minha época.
[00:42:26]	P3	Ela já estava com uns 80 anos agora.
[00:42:30]	P3	Cara, professora de português.
[00:42:33]	P3	Então, assim, o JK para mim, porque, o que aconteceu?
[00:42:38]	P3	No JK, quando eu estudava, me deu um negócio assim, que eu vi o Anderson, por exemplo.
[00:42:46]	P3	Pô, cara, amor, cara.
[00:42:48]	P3	Eu uso exemplos até hoje em algumas, em algumas, não palestras, mas em algumas, na escola, de vez em quando, a gente compartilha com alunos e tal, falam e tal.
[00:42:58]	P3	E uso exemplos até hoje, porque é um exemplo de quem venceu.
[00:43:03]	P3	Então, assim, o fato de ele ter feito Física, e o jeito que ele ensinava pra gente Física, e eu, não é que ele trazia os seus exercícios mais difíceis.
[00:43:13]	P3	Não é que ele resolvia as questões mais complicadas.
[00:43:16]	P3	Mas a história de vida dele, a história de vida de um professor que...
[00:43:21]	P3	Caraca!

[00:43:22]	P3	Pô, esse cara aí é...
[00:43:26]	P3	Pô, é isso aí que eu quero.
[00:43:27]	P3	Eu consigo chegar nisso aí.
[00:43:30]	P3	E ele foi um grande...
[00:43:31]	P3	Não sei nem se ele sabe disso, mas ele foi um grande influenciador nesse respeito.
[00:43:36]	P3	Então, eu olhava e falava...
[00:43:37]	P3	Caramba!
[00:43:38]	P3	Eu olhava os professores, porque na parte técnica nós tínhamos poucos professores.
[00:43:42]	P3	Tínhamos você, tínhamos a Raed, tínhamos o PC, tinha mais quem...
[00:43:47]	P3	O Ailton já não estava mais...
[00:43:49]	P3	Então, é assim...
[00:43:50]	P3	Cara, a gente olhava essa galera dando...
[00:43:52]	P3	O Júlio, a gente olhava esse pessoal dando aula, falava assim...
[00:43:56]	P3	Caraca!
[00:43:57]	P3	Esses caras sabem pra cacete.
[00:44:01]	P3	Bom, esses caras sabem o que estão falando.
[00:44:03]	P3	Esses caras sabem muito.
[00:44:05]	P3	Pô, é isso aí que eu quero.
[00:44:07]	P3	Então, quando eu estudava no JK, quando eu estudava alguma coisa, eu juro pelas minhas filhas, quando eu estudava, eu já estudava pensando em como eu ia ensinar aquilo para alguém.
[00:44:22]	P3	Entendeu?
[00:44:23]	P3	Então, assim, eu ia aprender...
[00:44:27]	P3	Não sei, eu ia aprender...
[00:44:28]	P3	Claro, eu falo história, geografia, Biologia, falo essas porras separadas.
[00:44:33]	P3	Esquece isso, caga com isso.
[00:44:34]	P3	Isso aqui é coisa de Física, Química, Matemática...
[00:44:37]	P3	Sacaneio ele.
[00:44:38]	P3	Então, quando eu aprendia Física, quando eu aprendia Química, quando eu aprendia transformadores, quando eu aprendia eletricidade, eu falava assim, meu irmão, eu quero estudar para passar.
[00:44:52]	P3	Quero estudar para tirar 10, porque eu quero ficar bom.
[00:44:57]	P3	Porque um dia eu vou ensinar isso tudo.
[00:45:01]	P3	Um dia eu vou me sentar e vou estar num lugar trocado.
[00:45:04]	P3	Então, isso eu estou falando...
[00:45:05]	P3	Eu tinha 15 anos de idade, 16 anos de idade.
[00:45:09]	P3	Então, essa fase do Juscelino para mim, você pode imaginar em coisa, mas eu estou te falando do jeito mais aberto possível.
[00:45:20]	P3	Essa fase do Juscelino para mim foi uma fase muito, assim, de muita descoberta.
[00:45:31]	P3	Eu percebi que ali o mundo era daquele jeito, era aquilo que eu queria.
[00:45:37]	P3	Eu tinha os exemplos na minha frente e eu falava muito menos.
[00:45:41]	P3	Coisa que eu não tive na UERJ, por exemplo, Carlos.
[00:45:45]	P3	Eu não tive na UERJ.
[00:45:47]	P3	Eu tive muito...
[00:45:48]	P3	Desculpa, muito professor filho da puta.
[00:45:51]	P3	Eu tive muito cara que olhava pra você e queria te ferrar sem saber a tua história.
[00:45:59]	P3	Queria te ferrar sem saber quem é você.
[00:46:03]	P3	Só por simplesmente não estar nem ai.
[00:46:07]	P3	E isso eu não vi no Ensino Médio.
[00:46:10]	P3	Então eu falei, bom, eu quero ser esse professor do Ensino Médio.
[00:46:13]	P3	Quero ser esse cara que eu tinha no Ensino Médio.
[00:46:16]	P3	Sabe esse grupo de professores que eu tinha?
[00:46:18]	P3	Eu quero ser um desses caras aí.
[00:46:19]	P3	De um quadro assim e falar, porra, é esse, esse, esse.
[00:46:24]	P3	Se algum dia eu der aula numa universidade, eu serei a mesma coisa que eu seria no Ensino Médio.
[00:46:32]	P3	Eu daria aula da mesma forma como se eu estivesse dando no Ensino Médio.
[00:46:37]	P3	Eu quero que eles tenham isso.

[00:46:41]	P3	Eu quero que eles olhem e falem, porra, é esse cara aí.
[00:46:44]	P3	Então a influência pra mim foi a minha mãe e a minha escola.
[00:46:51]	P3	O JK pra mim foi uma das melhores experiências que eu tive na minha vida em relação a estudo.
[00:47:01]	Pesquisador	Correto.
[00:47:04]	Pesquisador	Você procede com essa mesma identidade profissional em todas as turmas que você leciona?
[00:47:09]	P3	Todas, todas.
[00:47:11]	P3	Eu não faço diferenciação nenhuma.
[00:47:14]	P3	Eu dou aula da 6ª série até o 3º ano do Ensino Médio.
[00:47:19]	P3	Eu dou aula de Matemática e Física.
[00:47:21]	P3	Eu sou o mesmo cara.
[00:47:25]	P3	Eu dou aula da mesma forma.
[00:47:28]	P3	Claro, eu não faço uma brincadeira com um aluno da 6ª série igual eu faço uma brincadeira com um aluno do 3º ano.
[00:47:35]	P3	O entendimento é outro, mas a prática, mas o professor, a forma, a pedagogia é a mesma.
[00:47:46]	P3	Aproximação com o aluno, eu agradeço um aluno da 6ª série da mesma forma que eu agradeço a direção da minha escola.
[00:47:56]	P3	Entendeu?
[00:47:57]	P3	Então eu uso a mesma prática.
[00:48:00]	Pesquisador	Entendo perfeitamente.
[00:48:02]	Pesquisador	Eu dou aula da mesma maneira, uso a mesma minha mesma identidade.
[00:48:07]	Pesquisador	Para um menor lá na FAETEC ou para um profissional lá no SENAI que já trabalha na área.
[00:48:13]	Pesquisador	Hoje eu trabalho no SENAI numa área que atende basicamente profissionais das empresas que exploram petróleo.
[00:48:19]	Pesquisador	Engenheiros, técnicos.
[00:48:21]	Pesquisador	Eu dou aula da mesma maneira, com o mesmo respeito, tentando levar, lógico dentro das proporções, o melhor conteúdo.
[00:48:29]	Pesquisador	Descontraindo também com a turma.
[00:48:32]	Pesquisador	Muita gente não entende muito bem isso, mas é possível, sim.
[00:48:35]	P3	Não, é possível.
[00:48:39]	P3	É possível e além de ser possível, eu acho que é algo que tem que ser valorizado.
[00:48:50]	P3	Eu acho que tem que ser algo que a gente tem que valorizar isso.
[00:48:55]	P3	A gente tem que pensar e acho que a gente tem que pensar não sei, cara, eu já falei, eu não sou pensador, não sou filósofo, não sou escritor, não sou nada, sou só mais um idiota dando mais uma opinião.
[00:49:15]	P3	Mas eu acho que se a gente tiver, acho que se nós tivermos profissionais que trabalhem em todas as áreas, que trabalhem e não tenham essa distinção, eu acho um absurdo.
[00:49:30]	P3	Eu acho um absurdo o professor ser mais dedicado com o Joãozinho que ser, sabe, nada com a Mariazinha.
[00:49:42]	P3	Me mata, porque eu tenho tios que também são professores e professor do estado, do município e escola particular.
[00:49:52]	P3	O cara tem cem tempos, setenta tempos por semana de carga horária.
[00:49:58]	P3	E ele fala para mim, quando estou cansado, falto no estado, falto no município e depois eu vejo o que é que eu faço.
[00:50:05]	P3	Falo, cara, o que é isso?
[00:50:07]	P3	Por quê?
[00:50:09]	P3	Você falta do estado, no município e o filho daquele cara que tem mais dinheirinho lá, você trata de uma maneira diferente.
[00:50:18]	P3	Está certo isso?
[00:50:19]	P3	Eu não acho que isso seja o caminho.
[00:50:24]	P3	Eu acho que você não está aguentando, diminui a sua carga, ganha um pouquinho menos, tira um tempo mais para você.
[00:50:33]	P3	Ou então, te põe um tempo maior de trabalho.
[00:50:36]	P3	Ah, vou fazer isso seis meses.
[00:50:38]	P3	Passa por seis meses e depois você para.
[00:50:40]	P3	Ano passado, eu tinha uma carga de trabalho de, sei lá, sessenta horas por semana nas escolas particulares.
[00:50:50]	P3	Cara, eu saía da escola, dava uma aula particular, saía de uma aula particular, dava na outra.

[00:50:54]	P3	E a aula particular dá grana, cara.
[00:50:56]	P3	Na aula particular, você em muito menos tempo de aula, você dobra seu salário.
[00:51:02]	P3	E aí eu falei, por seis meses eu vou fazer isso.
[00:51:05]	P3	De agosto a dezembro.
[00:51:07]	P3	E agora, vou descansar um pouco.
[00:51:10]	P3	Agora eu volto de novo, começo e assim vai.
[00:51:15]	P3	Então, eu trabalho da mesma forma.
[00:51:16]	P3	Trabalho do mesmo jeito.
[00:51:19]	Pesquisador	Você está fazendo essas aulas particulares remotamente?
[00:51:23]	P3	Algumas, sim.
[00:51:26]	P3	Na verdade, depois da pandemia, essa questão do remoto, ficou bem em evidência.
[00:51:37]	P3	Então, hoje, por exemplo, tem um aluno dos Estados Unidos.
[00:51:40]	P3	Olha só que loucura.
[00:51:42]	P3	Toda quarta, segunda e quarta, eu tenho um aluno da Flórida.
[00:51:47]	P3	Então, ele estudou na escola que eu trabalho, se mudou para a Flórida e estava tendo dificuldade na aula particular.
[00:51:56]	P3	Então, a gente vai online.
[00:51:59]	P3	Mas, hoje, a maioria é presencial.
[00:52:02]	P3	90% são presenciais.
[00:52:05]	P3	Eles preferem o presencial ao online.
[00:52:10]	Pesquisador	Entendi.
[00:52:11]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:52:22]	P3	Você diz como matéria, disciplina.
[00:52:25]	Pesquisador	Isso, aquelas disciplinas pedagógicas.
[00:52:27]	P3	Pedagogia, ensino.
[00:52:29]	P3	Prática, ensino.
[00:52:30]	P3	Um, dois, três, quatro, cinco.
[00:52:32]	P3	Eu gostava bastante por conta dos debates que nós tínhamos em sala.
[00:52:39]	P3	Mas, não foi uma matéria que foi importante.
[00:52:43]	P3	Eu tive conjuntos de matérias que foram importantes.
[00:52:47]	P3	Eu lembro uma matéria da UERJ que foi...
[00:52:52]	P3	O nome da disciplina era Confrontos.
[00:52:58]	P3	Confrontos não sei o quê.
[00:53:01]	P3	Era algo do tipo...
[00:53:04]	P3	O professor era um professor muito...
[00:53:09]	P3	Muito autêntico.
[00:53:14]	P3	Ele era um cara que chegava a falar...
[00:53:16]	P3	Ele parecia um ator.
[00:53:17]	P3	Um ator de teatro.
[00:53:19]	P3	O jeito que ele dava aula era assim.
[00:53:21]	P3	A linguagem que ele utilizava era essa.
[00:53:24]	P3	Se você se deparar com uma situação assim, o que você faz?
[00:53:29]	P3	Se se deparar com uma situação assada, o que você faz?
[00:53:32]	P3	Essas aulas são legais, são importantes.
[00:53:36]	P3	Existem aquelas aulas que, às vezes, não ajudam, não agregam em nada.
[00:53:42]	P3	Por exemplo, aula de estágio.
[00:53:46]	P3	Estágio não se tem aula.
[00:53:49]	P3	A aula era como se preencher um formulário.
[00:53:55]	P3	Era como se preencher um diário de classe.
[00:54:04]	P3	Era como se preencher um planejamento semanal, um plano de aula.
[00:54:11]	P3	A prática para isso é importante.
[00:54:16]	P3	Mas, se você faz o estágio, dentro do estágio, você automaticamente já pega isso.
[00:54:24]	P3	Mas, se você fosse me perguntar hoje, você prefere tê-las ou não tê-las?
[00:54:32]	P3	É óbvio que eu respondo que eu prefiro tê-las.
[00:54:36]	P3	Porque ajuda na formação de um indivíduo, ajuda na formação, talvez, de um profissional.
[00:54:44]	P3	Porque a licenciatura depende muito do tato.
[00:54:47]	P3	É muito mais tato do que técnico.

[00:54:51]	P3	Então, essas disciplinas são importantes para que você aguce esse técnico, aguce essa parte mais de tato.
[00:55:01]	P3	E, através de algumas frases, de algumas leituras, você consiga entender um pouco melhor o mundo.
[00:55:08]	P3	Eu falo.
[00:55:09]	P3	Eu sou Freire.
[00:55:11]	P3	Eu sou Paulo Freire.
[00:55:12]	P3	Então, se eu não tivesse lido Paulo Freire, se eu não tivesse conhecido Paulo Freire, eu poderia até ser um profissional diferente.
[00:55:20]	P3	Mas, não são todas que são 100% e não são todas que são descartáveis.
[00:55:36]	Pesquisador	Eu estou lendo bastante Paulo Freire agora, para fazer um embasamento, uma fundamentação teórica desse trabalho.
[00:55:47]	Pesquisador	Estou lendo Freire.
[00:55:48]	Pesquisador	Na verdade, estou lendo todos esses pesquisadores de educação.
[00:55:55]	Pesquisador	Agora, falando do curso de pós-graduação, você falou que fez dois cursos de pós-graduação.
[00:55:59]	Pesquisador	Esses cursos contribuíram para a melhoria da sua prática docente?
[00:56:03]	Pesquisador	Faz um relato para mim do que impactou, se foi bom, se foi ruim.
[00:56:07]	P3	Eu fiz, porque eu fui muito específico para a escola que eu trabalho.
[00:56:14]	P3	Porque, assim, eu estudei Física e fiz Física até o 5º período.
[00:56:19]	P3	O curso da Unigranrio, a Matemática da Unigranrio, ela te dá habilitação em Física, porque você tem Física 1, 2, 3 e 4.
[00:56:29]	P3	Mas, como eu já tinha feito Mecânica 1, Mecânica 2, Mecânica Geral, eu tinha feito Eletricidade 1, Eletricidade 2, Eletromagnetismo, eu tinha feito isso tudo, então, eu acabei cortando essa disciplina, mas ela te dá.
[00:56:44]	P3	Então, eu fiz algo para me dar um chão e um peso assim.
[00:56:51]	P3	Toma, eu tenho isso aqui, então, eu fiz em ensino de Física.
[00:56:58]	P3	Então, isso me trouxe.
[00:57:01]	P3	Para ser sincero, como eu já tinha uma bagagem em Física, então, eu fiz assim mesmo.
[00:57:10]	P3	Então, a pós em si, eu fiz bem tranquilo.
[00:57:13]	P3	Eu não me cobrei, eu não me apertei, não fiz nada disso, mas eu acabei.
[00:57:22]	P3	Fui fazendo, fui lendo, fui fazendo algumas questões, fui fazer algumas considerações, mas ela não foi definitiva para definir.
[00:57:31]	P3	Ela não foi definitiva especificamente na minha sala de aula.
[00:57:39]	P3	Eu não trouxe coisas da pós-graduação de Física para a minha sala de aula.
[00:57:44]	P3	Não na pós de Física, mas na Micro e Macroeconomia, eu fiz Estatística Básica, Estatística Básica e Economia em Macro e Microeconomia.
[00:57:54]	P3	Por quê?
[00:57:55]	P3	Porque na escola, no meu trabalho, nós temos uma disciplina e é uma disciplina que fala sobre economia, que se chama Economics and Personal Finance, que é traduzindo a economia e finanças pessoais.
[00:58:14]	P3	Então, quando a gente falar de economia, eu preciso ter que linkar essa matéria à Matemática.
[00:58:24]	P3	Então, R., dá essa matéria aí.
[00:58:27]	P3	Então, cara, eu tive que estudar a parte de Macro e Micro economia para poder passar para os alunos.
[00:58:34]	P3	A primeira forma de estudar isso é dentro de uma pós.
[00:58:40]	P3	Então, eu busquei uma pós dentro da Cândido Mendes e foi importante na Macro e Micro para que eu tivesse uma base, para que eu tivesse noções e até nomenclaturas.
[00:58:58]	P3	A curva de demanda e gráficos disso, gráficos daquilo.
[00:59:03]	P3	Então, a gente tem uma linguagem mais dentro do...
[00:59:10]	P3	Mais dentro da disciplina.
[00:59:21]	P3	Correto.
[00:59:24]	Pesquisador	Você, lá dentro da sua graduação, participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:59:31]	P3	Acadêmica, não.
[00:59:32]	P3	Mas eu fiz o projeto de iniciação à licenciatura, iniciação à docência.
[00:59:38]	P3	Quando eu fiz iniciação...
[00:59:39]	P3	Não fiz iniciação científica.
[00:59:42]	P3	Eu fiz iniciação à docência.

[00:59:44]	P3	Entendi.
[00:59:45]	Pesquisador	Você falou do INVESTUERJ, estava com Bolsa da FAPERJ.
[00:59:49]	P3	Eu tinha Bolsa da FAPERJ.
[00:59:54]	Pesquisador	Então, a próxima pergunta.
[00:59:55]	Pesquisador	Essa participação contribuiu para a sua formação?
[01:00:02]	Pesquisador	Se essa participação nesse projeto contribuiu para a sua formação.
[01:00:09]	Pesquisador	Comente se ela foi junto com outro professor.
[01:00:13]	Pesquisador	Como é que foi esse projeto?
[01:00:15]	P3	Foi.
[01:00:16]	P3	Eram professores de tudo.
[01:00:17]	P3	Não.
[01:00:17]	P3	Matemática era eu.
[01:00:19]	P3	Matemática é porque a gente pegava a parte de...
[01:00:24]	P3	Como é que você fala?
[01:00:25]	P3	A gente pegava a parte de...
[01:00:33]	P3	Ensino fundamental.
[01:00:34]	P3	Então, Matemática era só eu, mas tínhamos professores de todas as disciplinas.
[01:00:37]	P3	Então, nós tínhamos reuniões pedagógicas.
[01:00:40]	P3	Nós tínhamos conselhos de classe.
[01:00:43]	P3	Nós tínhamos reuniões com a coordenação.
[01:00:46]	P3	Nós tínhamos que apresentar plano de aula.
[01:00:50]	P3	Nós tínhamos que apresentar plano de...
[01:00:52]	P3	Plano de disciplina.
[01:00:55]	P3	Nós tínhamos emendas.
[01:00:57]	P3	Isso tudo.
[01:00:58]	P3	Então, era algo muito interessante.
[01:01:01]	P3	Então, isso deu um norte violento.
[01:01:07]	Pesquisador	Então, era um projeto em que você participava junto com os professores.
[01:01:11]	Pesquisador	Você tinha os professores e participava junto com eles.
[01:01:15]	Pesquisador	Porque a gente divide hoje a pesquisa em três categorias.
[01:01:21]	Pesquisador	Pesquisa do professor, com o professor e sobre o professor.
[01:01:25]	Pesquisador	Então, pelo que eu entendo, você estava fazendo pesquisas com os professores.
[01:01:29]	Pesquisador	Inserindo na sala de aula.
[01:01:31]	Pesquisador	Isso provavelmente estava dando um feedback lá para os professores, que eram os pesquisadores FAPERJ.
[01:01:36]	Pesquisador	Você tinha a bolsa da FAPERJ.
[01:01:38]	P3	Porque a gente tinha uma coordenadora.
[01:01:40]	P3	E essa coordenadora era...
[01:01:43]	P3	Essa coordenadora era...
[01:01:47]	P3	Não sei se ela era funcionária da UERJ...
[01:01:51]	P3	Ela era funcionária da UERJ.
[01:01:54]	P3	Mas eu não sei se ela era funcionária da secretaria ou coisa do tipo.
[01:02:06]	P3	Ou se ela era professora doutora em alguma disciplina.
[01:02:11]	P3	Eu acho que ela era de alguma disciplina.
[01:02:14]	P3	Agora não vou especificar porque não tenho certeza.
[01:02:17]	P3	Mas para ela me dar uma bolsa, ela tinha direito a isso.
[01:02:21]	Pesquisador	Ela devia ser doutoranda.
[01:02:24]	P3	É, alguma doutoranda.
[01:02:26]	Pesquisador	Ela teve uma sacada legal.
[01:02:28]	Pesquisador	Aproveitou, trabalhou com o pessoal da própria UERJ e desenvolveu algum projeto de alfabetização.
[01:02:34]	P3	Ela tinha uma sala na UERJ.
[01:02:36]	P3	Uma sala dela.
[01:02:38]	P3	Uma sala do INVESTUERJ.
[01:02:41]	Pesquisador	Nessa escola que você trabalha, você participa de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo, você faz troca de experiência docente?
[01:02:50]	P3	Semanalmente.
[01:02:52]	P3	Semanalmente a gente participa de...
[01:02:56]	P3	Inclusive, eu estava até fazendo um hoje.
[01:02:59]	P3	A gente faz toda quarta-feira de manhã.

[01:03:02]	P3	A gente tem uma professional development, que é o desenvolvimento profissional.
[01:03:11]	P3	Então, nós juntamos...
[01:03:14]	P3	No meu caso, eu junto eu e mais uma outra professora de Matemática.
[01:03:18]	P3	É o meu par.
[01:03:20]	P3	E as duas professoras de ciências, de Biologia e de Química.
[01:03:25]	P3	Eu pego Física.
01:03:27]	P3	Então, eu pego Matemática e Física e tem uma outra professora que pega Química.
[01:03:33]	P3	E tem uma outra professora que pega Biologia e tem uma outra que pega Química.
[01:03:38]	P3	Então, a gente toda quarta-feira se senta, se junta, conversa e faz cursos oferecidos pela instituição.
[01:03:47]	P3	Porque a gente tem uma acreditação.
[01:03:50]	P3	Essa escola tem uma instituição internacional que tem uma acreditação.
[01:03:55]	P3	Então, eles meio que...
[01:03:58]	P3	Ah, e os professores estão se desenvolvendo profissionalmente?
[01:04:01]	P3	Como é que estão?
[01:04:02]	P3	Então, eles têm que cumprir umas agendas.
[01:04:17]	Pesquisador	Entendi.
[01:04:30]	Pesquisador	Agora, você é a primeira pessoa, o primeiro professor entrevistado que participa dessa comunidade de aprendizagem.
[01:04:38]	Pesquisador	A maioria relata porque não tem dedicação exclusiva, não tem essa preocupação da escola.
[01:04:45]	Pesquisador	A maioria relata como impossibilidade é você coincidir horários de professores.
[01:04:51]	Pesquisador	Vocês praticamente trabalham em horário integral, né?
[01:04:53]	P3	Isso é uma outra coisa que me agrada demais nessa escola que eu trabalho.
[01:05:00]	P3	As minhas duas filhas estudam lá.
[01:05:02]	P3	Então, além da facilidade social, porque elas vão comigo, eu fico praticamente com dedicação exclusiva, né?
[01:05:13]	P3	Eu não tenho obrigação de...
[01:05:16]	P3	Eles têm horistas também.
[01:05:18]	P3	Mas eles me pediram, me solicitaram que eu fosse 40 horas.
[01:05:21]	P3	Essas 40 horas são pra eles.
[01:05:26]	P3	Mas eu tenho 35 tempos por semana lá.
[01:05:28]	P3	Então, assim...
[01:05:30]	P3	Eu dou aula 35 tempos.
[01:05:33]	P3	Então, essa dedicação exclusiva, ela é dedicação exclusiva mesmo.
[01:05:39]	P3	Então, eu fico lá, eu dou aula, eu trabalho.
[01:05:42]	P3	Então, ela é bem...
[01:05:43]	P3	É uma situação bem...
[01:05:45]	P3	Bem cômoda pra mim pelo fato de eu ficar lá o dia inteiro.
[01:05:49]	P3	Então, eles conseguem...
[01:05:50]	P3	Eles conseguem se desenvolver, criar um vínculo maior, né?
[01:05:58]	Pesquisador	Entendi.
[01:05:59]	Pesquisador	R., você atua de forma reflexiva, crítica sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo melhoria contínua. Considera que sua formação inicial te forneceu o subsídio pra trabalhar dessa forma?
[01:06:13]	P3	A formação em si, não.
[01:06:15]	P3	A formação, ela te dá o...
[01:06:21]	P3	A casca, né?
[01:06:24]	P3	Aquele escudo que você precisa.
[01:06:27]	P3	Mas a forma com que você se defende, meu amigo, é...
[01:06:32]	P3	Depois é só com você.
[01:06:34]	P3	Então, mas...
[01:06:35]	Pesquisador	Analogia interessante, hein?
[01:06:37]	P3	É.
[01:06:38]	P3	Então, assim, ela te dá aquilo, ela te dá, né?
[01:06:43]	P3	Ela te dá isso assim, ó.
[01:06:44]	P3	Aquilo.
[01:06:46]	P3	Como você...

[01:06:47]	P3	Porque vão vir tiros de tudo quanto é lado, você sabe disso. Vai vir porrada de tudo quanto é canto.
[01:06:52]	P3	Agora, como você vai usar pra se defender, meu camarada?
[01:06:55]	P3	Eu ia contigo.
[01:06:56]	P3	Então, eu me cobro muito.
[01:06:59]	P3	Eu me cobro muito.
[01:07:00]	P3	E tem dias que eu falo porra, a aula de hoje ficou uma merda.
[01:07:04]	P3	Tem dias que eu falo, porra, essa aula de hoje ficou uma merda.
[01:07:07]	P3	Não rendeu.
[01:07:08]	P3	A turma não ajudou, a turma não colaborou, eu não estava legal, mas eu não deixei passar, né?
[01:07:14]	P3	Então eu falo, hoje estava uma porcaria.
[01:07:17]	P3	Então...
[01:07:18]	P3	Aí eu falo, caramba, não, o que eu vou fazer pra amanhã melhorar?
[01:07:22]	P3	Já sei, amanhã eu vou trazer uma situação assim, sabe?
[01:07:26]	P3	Então, eu tento usar a tecnologia de aula, eu tento usar...
[01:07:31]	P3	A gente tem esse recurso de projetor, internet, computador que a escola fornece.
[01:07:37]	P3	Então, eu consigo trazer isso.
[01:07:40]	P3	Então, eu tenho ferramentas.
[01:07:44]	P3	Eu consigo me autoavaliar.
[01:07:48]	Pesquisador	Entendi.
[01:07:50]	Pesquisador	Pesquisas apontam para a necessidade de aproximação entre academia e escola. O professor e pesquisador como um caminho possível para melhoria do processo formativo. Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[01:08:03]	P3	Eu enxergo.
[01:08:04]	P3	Enxergo porque muitos alunos não têm noção do que é uma academia.
[01:08:12]	P3	Muitos alunos não têm ideia de quando a gente fala, ah, a literatura tal fala isso.
[01:08:19]	P3	A literatura tal fala aquilo.
[01:08:21]	P3	Ah, a academia defende essa ideia.
[01:08:24]	P3	Eles não têm...
[01:08:29]	P3	A academia...
[01:08:30]	P3	A academia, ela...
[01:08:36]	P3	Então, assim, eles não têm muita...
[01:08:38]	P3	O aluno não tem essa ideia, essa noção do que é a academia.
[01:08:43]	P3	Então, a gente só ganha essa noção quando a gente entra na universidade.
[01:08:46]	P3	Quando a gente se depara com o doutor, quando a gente se depara...
[01:08:49]	P3	Eu acho que se ter...
[01:08:52]	P3	Se ter contatos, eu acho importante.
[01:08:58]	P3	Tanto que eu estou agora...
[01:08:59]	P3	Eu estava com muita vontade...
[01:09:04]	P3	Tem uma professora lá, porque ela é indiana, e o marido dela é um físico muito famoso.
[01:09:13]	P3	Ele é um indiano, é um físico extremamente...
[01:09:18]	P3	Conceituado na parte de...
[01:09:20]	P3	Na parte de altas energias, na parte de buraco negro.
[01:09:27]	P3	Então, ele é muito conceituado.
[01:09:28]	P3	Ele veio convidado por alguns professores da UERJ para trabalhar na UNIRIO.
[01:09:35]	P3	E aí eu estou com ele.
[01:09:36]	P3	Eu falei...
[01:09:37]	P3	O nome dele é Satish Kumar.
[01:09:39]	P3	Satish, pelo amor de Deus, vamos arrumar uma visita dos alunos à universidade.
[01:09:48]	P3	Vamos arrumar uma visita dos alunos aos laboratórios.
[01:09:51]	P3	Vamos arrumar uma visita dos alunos a conversar com o professor doutor.
[01:09:57]	P3	Porque eles acham que professor é superficial e não é.
[01:10:04]	P3	Então, eu acho que a academia, se puder, eu acho que tem muita arrogância também dentro da academia, como eu te falei, eu tive questões

		pessoais com professores da UERJ que não me fizeram feliz, onde até me desmotivaram algumas vezes.
[01:10:25]	P3	Bastante, bastante.
[01:10:26]	P3	Muitas vezes, na verdade.
[01:10:29]	P3	E, talvez, por uma falta de interação.
[01:10:34]	P3	Talvez não por culpa do professor.
[01:10:36]	P3	Às vezes é porque ele não tem esse tato.
[01:10:39]	P3	Às vezes o cara não tem esse tato com o adolescente, com essa fase.
[01:10:45]	P3	Então, para eles, adolescente não vale nada e é o cliente do futuro.
[01:10:50]	P3	É o cliente dele.
[01:10:52]	P3	Eu acho super importante.
[01:10:55]	Pesquisador	Correto.
[01:10:56]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação dos seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[01:11:04]	P3	Eu faço muito, eu faço um...
[01:11:09]	P3	Eu balanceio de uma forma muito natural.
[01:11:13]	P3	É claro que eu me preocupo muito com o aspecto...
[01:11:18]	P3	Claro que eu me preocupo muito com o aspecto social do cara, como ele está se desenvolvendo como pessoa, como ele está se desenvolvendo como profissional.
[01:11:29]	P3	Mas, também, Carlos, eu aperto um pouquinho na parte técnica.
[01:11:34]	P3	Eu cobro bastante nas aulas, eu cobro bastante nas provas.
[01:11:38]	P3	O mundo ideal é um mundo sem provas.
[01:11:41]	P3	Esse é o meu ponto de vista.
[01:11:43]	P3	Mas a gente ainda não está preparado para isso.
[01:11:46]	P3	A sociedade, a comunidade ainda não estão prontas para isso.
[01:11:49]	P3	Nós não estamos prontos para isso.
[01:11:50]	P3	Muito ENEM.
[01:11:52]	P3	Saiu o ENEM os cursos pré-vestibulares centenários fecharam porque não se prepararam para isso. Então,
[01:12:03]	P3	Então, me cobro bastante nisso.
[01:12:05]	P3	Eu acho que tem que haver um equilíbrio entre a parte técnica e a parte social com técnica.
[01:12:16]	P3	Não tanto e nem tão pouco.
[01:12:18]	P3	Não posso só...
[01:12:19]	P3	Matéria, matéria, matéria, matéria, matéria, matéria, matéria, dane-se você.
[01:12:23]	P3	E também não posso ser meu queridinho, meu queridinho.
[01:12:26]	P3	Não, não faz nada, não.
[01:12:29]	P3	Não precisa fazer seu trabalho que eu vou te dar 10, não.
[01:12:32]	P3	Tem que haver um equilíbrio muito bem dosado nesse assunto.
[01:12:39]	P3	É um assunto que se tem a discutir, mas acho que o equilíbrio é a palavra correta.
[01:12:45]	Pesquisador	Correto.
[01:12:48]	Pesquisador	Durante teu curso de licenciatura, você considera que essa formação inicial te forneceu o subsídio suficiente para o pleno exercício da sua atividade docente? Faz aí elogios e críticas à sua formação.
[01:13:01]	P3	Claro, eu...
[01:13:02]	P3	Sem ela, eu não estaria aqui.
[01:13:05]	P3	Bom, é impossível, é impossível eu me tornar o professor sem um curso universitário.
[01:13:12]	P3	Muita gente acha que não.
[01:13:16]	P3	Ah, eu já sei.
[01:13:17]	P3	Ah, eu sei Matemática.
[01:13:19]	P3	Ah, eu sei Matemática, eu vou dar aula de Matemática.
[01:13:22]	P3	Não.
[01:13:22]	P3	Não é assim.
[01:13:24]	P3	Então, a questão do...
[01:13:28]	P3	A questão do curso, a questão do curso em si, foi 100%.
[01:13:36]	P3	Sem isso, seria praticamente impossível eu chegar em qualquer lugar.
[01:13:42]	P3	E eu acho que tem que ser.
[01:13:44]	P3	Eu sou defensor incondicional do curso universitário.
[01:13:49]	P3	Defensor incondicional.

[01:13:51]	P3	Eu acho que 100% da população brasileira tem que ter curso universitário.
[01:13:57]	Pesquisador	Correto.
[01:14:00]	Pesquisador	Sua formação inicial te forneceu o subsídio para exercer tua docência no atual contexto social, observando questões de etnia, gênero, raça, diversidade?
[01:14:11]	P3	Pô, caramba, essa aí...
[01:14:15]	Pesquisador	Então, estou me deparando com essa realidade atualmente.
[01:14:20]	Pesquisador	Alunos trans, especiais.
[01:14:25]	P3	Eu acho que sim, Carlos.
[01:14:27]	P3	Vamos lá.
[01:14:29]	P3	A gente, hoje, tem que tomar muito cuidado.
[01:14:33]	P3	A gente tem que ter uma...
[01:14:36]	P3	Um cuidado muito grande porque o que se falava 20 anos atrás não se fala agora.
[01:14:45]	P3	O PC seria preso hoje se tivesse brincadeiras que fazia há 20 anos atrás.
[01:14:50]	P3	Você concorda comigo?
[01:14:52]	Pesquisador	Lembro disso.
[01:14:53]	P3	Você lembra?
[01:14:54]	Pesquisador	Ele subia na mesa.
[01:14:57]	P3	Sobe na mesa e rebola.
[01:15:00]	P3	E falava, você é viado!
[01:15:01]	Pesquisador	Imitava macaco.
[01:15:03]	P3	Exato, imitava macaco.
[01:15:06]	P3	E chamava o cara de macaco.
[01:15:09]	P3	Ah, seu viado!
[01:15:10]	P3	Viado!
[01:15:11]	P3	Porque era uma turma majoritariamente de homem, masculina.
[01:15:16]	P3	E isso, cara, caiu por terra.
[01:15:21]	P3	Isso lá, 20 anos atrás, 23 anos atrás, a gente ria, gargalhava.
[01:15:26]	P3	Nossa!
[01:15:28]	P3	Ele é engraçado!
[01:15:30]	P3	Não, não é engraçado.
[01:15:32]	P3	Hoje a gente já sabe que não é engraçado.
[01:15:35]	P3	Porque esses comportamentos, eu não vou dizer que evoluem, mas os comportamentos mudam.
[01:15:47]	P3	Esses comportamentos mudam.
[01:15:48]	P3	E tem que mudar.
[01:15:49]	P3	Eu tenho que saber como viver com essa realidade.
[01:15:52]	P3	Hoje se discute se você vai ter um banheiro único dentro da escola ou não.
[01:15:57]	P3	Cara, tem aluno que não tem banheiro em casa.
[01:16:02]	P3	E aí discutem se tem que ter banheiro único ou não.
[01:16:06]	P3	Ah, mas a minha filha é isso, a minha filha é aquilo.
[01:16:10]	P3	Tudo tem que ser discutido, tudo tem que ser muito bem debatido.
[01:16:14]	P3	Tem que haver um debate sério sobre muitas situações, mas eu acho que se você me perguntar uma palavra, eu acho que tem que ser bom senso.
[01:16:23]	P3	Eu acho que o bom senso no meio desse furacão tem que prevalecer.
[01:16:33]	P3	Eu acho que eu tive alunos, por exemplo, que ele estava no processo de virar...
[01:16:41]	P3	Era um aluno que estava no processo de virar uma aluna.
[01:16:46]	P3	O nome dele era Vitor, querendo que chamassem ele de Vick, a Vick.
[01:16:55]	P3	E a escola não aceitava.
[01:16:59]	P3	A escola falava não, é Vitor, é Vitor.
[01:17:03]	P3	E aí, como é que a gente se depara com isso, por ter um pregador dizendo que tem que ser assim e ter um aluno dizendo que tem que ser de outra forma?
[01:17:15]	P3	Eu acho que tem que ter um bom senso de ambas as partes.
[01:17:19]	P3	Tem que ter um bom senso dentro de entender que o momento ainda é um momento para a sociedade de transição e a sociedade tem que entender que também é um momento de transição para ele.
[01:17:30]	P3	Eu acho que tem que haver um bom senso.
[01:17:33]	P3	E é uma discussão super...
[01:17:36]	Pesquisador	Essa tua escola é confessional?
[01:17:39]	Pesquisador	É uma escola católica, evangélica?

[01:17:41]	P3	É cristã, cristã!
[01:17:43]	Pesquisador	Entendi.
[01:17:45]	Pesquisador	Aí é mais complicado ainda.
[01:17:47]	P3	Muito mais.
[01:17:48]	P3	Porque aí eleva...
[01:17:50]	P3	Porque aí eleva um...
[01:17:52]	P3	Como é que se fala?
[01:17:54]	P3	Eleva um crescente, né?
[01:17:58]	P3	Uma crescente de discussão que não cabe...
[01:18:01]	P3	Não cabe a mim, não cabe a gente julgar, mas existem situações em que a gente se depara com perguntas que a gente não sabe responder.
[01:18:12]	P3	Eu respondo pela ciência, eu respondo pela Bíblia, eu respondo como?
[01:18:21]	P3	Mas é bacana porque eles aceitam todo tipo de religião.
[01:18:25]	P3	Eu tenho um muçulmano estudando lá.
[01:18:30]	P3	Eu tenho pessoas da...
[01:18:36]	P3	Espírita.
[01:18:41]	P3	Então, a Bíblia diz isso aqui.
[01:18:44]	P3	Então, é o que é a escola faz.
[01:18:48]	P3	Então, essas mudanças do comportamento social, são constantes.
[01:18:53]	P3	Então, a gente tem que estar ligado nisso.
[01:18:55]	P3	Tem que estar atento.
[01:18:56]	Pesquisador	Entendi.
[01:18:57]	Pesquisador	Vamos lá, para fechar.
[01:18:57]	Pesquisador	A última pergunta aí é mais uma...
[01:19:02]	Pesquisador	Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudança nos cursos de licenciatura, com vistas a oportunizar melhores condições da formação dos licenciados, tornando essa formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos professores novatos em sala de aula.
[01:19:19]	Pesquisador	Você concorda com essa afirmação? Caso concorde, quais propostas de mudança apontariam como necessárias aos cursos de licenciatura, a fim de tornar a formação inicial de professores mais próxima da realidade encontrada pelos novatos em sala de aula?
[01:20:04]	Pesquisador	Queria saber se você concorda com isso e se concorda o que você proporia como mudança.
[01:20:09]	P3	Vamos lá.
[01:20:11]	P3	Sim, eu concordo em bastante coisa, mas vamos...
[01:20:19]	P3	Deixa-me...
[01:20:20]	P3	Deixa eu ver se consigo, mas eu também não...
[01:20:24]	P3	Eu também não sinto isso.
[01:20:28]	P3	Quando a gente fala de propostas, entendeu?
[01:20:32]	P3	Quando a gente fala de propostas de mudança, tem que ter muito cuidado, porque isso pode ofender muitas pessoas.
[01:20:43]	P3	Muitas pessoas se sentem ofendidas assim.
[01:20:45]	P3	Ah, você quer que mude, isso quer dizer que você não tem capacidade de se formar nesse curso.
[01:20:53]	P3	Foi o que eu ouvi, inclusive, na Física.
[01:20:56]	P3	Um aluno da Física virou para mim e falou assim você acha que os físicos estão acima de todos os outros cursos?
[01:21:03]	P3	Aí eu falei assim, claro que não.
[01:21:07]	P3	Olha, olha a neurose, olha a cabeça do cara.
[01:21:13]	P3	Um aluno, hoje ele é até doutor em Física, tá?
[01:21:17]	P3	Ok?
[01:21:19]	P3	Mas ele fez essa pergunta diretamente para mim.
[01:21:21]	P3	Ele falou assim, você acha que os físicos, eles, estão acima de todos os outros?
[01:21:29]	P3	Eles estudam muito mais do que todos os outros cursos?
[01:21:32]	P3	Cara, eu acho que não.
[01:21:33]	P3	Eu acho que cada curso tem a sua dificuldade.
[01:21:37]	P3	Então, você não vai se formar.
[01:21:39]	P3	Eu falei, caraca, o que você está falando?
[01:21:46]	P3	Tá maluco?
[01:21:48]	P3	E, essa dificuldade que eu encarei em algumas...

[01:21:54]	P3	O que tem que ser mudado no curso universitário, principalmente na universidade pública, porque como eu vivi os dois, eu não via isso tanto numa universidade particular.
[01:22:07]	P3	Eu via a seriedade, eu vi.
[01:22:08]	P3	A Unigranrio me surpreendeu muito com relação à seriedade, com relação à honestidade com o aluno, à preparação para o mercado de trabalho.
[01:22:20]	P3	O coordenador foi muito sincero para mim, ele falou assim, R., você vai se formar em Matemática aqui, para que você saia daqui, faça um concurso público, como o ensino, para que você faça um curso público no estado, para que você dê uma aula boa de Matemática.
[01:22:35]	P3	Se você quiser seguir a carreira acadêmica, você tem que voltar e fazer o mestrado.
[01:22:40]	P3	É isso que você tem que fazer.
[01:22:42]	P3	Aqui é outro lugar, você tem que pegar e fazer o mestrado.
[01:22:45]	P3	Dentro do curso de graduação, os professores têm muito isso na cabeça.
[01:22:50]	P3	Eles acham que o aluno de 22, 21 anos, ele está ali e é gênio, então o cara dane-se o resto do mundo.
[01:22:59]	P3	Só para você ter uma ideia de um problema que eu tive com o professor, eu tive aula de eletricidade no terceiro período, calcule o campo elétrico, sabendo que ...., e o professor usava uma literatura dele lá, um livro que ele seguia.
[01:23:21]	P3	Você sabe que os professores de universidade pública não seguem livros, eles vão lá com a cabeça deles, botam lá no quadro o que eles querem e eles são os deuses maiorais.
[01:23:31]	P3	Isso tem que ser mudado.
[01:23:33]	P3	Acho que essa cabeça do professor universitário tem que ser mudada, essa cabeça, não o conteúdo em si, não a parte específica do conteúdo, não a parte que tem que ser ensinada, mas eu acho que pode sim ser ensinada de uma maneira um pouco mais leve, um pouco diferente.
[01:23:57]	P3	Eu acho que os professores podem se aproximar mais dos alunos.
[01:24:00]	P3	Mas eu tenho 500 alunos na web.
[01:24:03]	P3	Não interessa.
[01:24:04]	P3	Você tem 500 alunos hoje, eu tenho certeza que você sabe do nome que 70% é 80% deles.
[01:24:12]	P3	Né?
[01:24:12]	P3	Você lembra de todos eles.
[01:24:14]	P3	Então, qual é a necessidade que o cara tem de querer simplesmente atrapalhar a tua vida profissional?
[01:24:21]	P3	Ie não está te ajudando em nada.
[01:24:23]	P3	Eu tive um professor que ele falou pra mim assim, ele falou, dessa maneira, quatro questões de uma prova, eu acabei a prova e falei, poxa, beleza, tirei sete e meio.
[01:24:34]	P3	Estou na média é legal.
[01:24:37]	P3	Tirei nota quatro.
[01:24:38]	P3	Aí eu fui reclamar, falei, professor, esta minha questão está correta, porque está igual à do meu amigo aqui.
[01:24:47]	P3	O campo é tal, o campo é tal.
[01:24:50]	P3	Ele pegou a minha prova, olhou e falou assim, mas você não fez do jeito que eu quero.
[01:24:59]	P3	Aí eu olhei para ele e falei assim, então, professor, foi um erro de digitação sua.
[01:25:06]	P3	Você deveria ter colocado no enunciado da prova, faça somente do jeito que eu quero.
[01:25:12]	P3	Porque, como você pode me dar errado, porque é uma questão que o meu raciocínio está completamente certo, mas não é igual o seu.
[01:25:19]	P3	E eu tinha certeza do que eu estava falando.
[01:25:22]	P3	Eu falei, eu uso o livro tal, eu usava o Siri na época, eu falei, eu uso o livro tal, está aqui, começa a se calcular o campo, assim, assim, assim, você calcula de uma maneira diferente ou...
[01:25:33]	P3	Mas a gente chega no mesmo resultado tomando um caminho diferente.
[01:25:36]	P3	A Matemática é isso, professor.
[01:25:38]	P3	O plano está no final, é o caminho que você toma.
[01:25:43]	P3	Aí, cara, reclama na coordenação e o coordenador era ele.
[01:25:47]	P3	Então, só para você entender, qual era o motivo dele fazer isso?

[01:25:52]	P3	Ele não me conhecia, ele não sabia quantos ônibus eu pegava para chegar até ali, ele não sabia se eu tinha comida no dia, não sabia se eu tinha o dinheiro da passagem para voltar, nada, nada.
[01:26:05]	P3	Ele só, simplesmente, olhou para a minha cara e falou assim, está errado.
[01:26:09]	P3	Aí eu falei, é, professor, e aí, agora, o que a gente faz dali?
[01:26:12]	P3	A gente se vê no período que vem.
[01:26:13]	P3	Ou seja, ele já me reprovou na primeira prova sem saber de nada.
[01:26:18]	P3	Aquilo me deu um negócio de, gente, como é que eu corro atrás disso?
[01:26:25]	P3	Ir à universidade pública, você não corre atrás disso.
[01:26:28]	P3	Você sabe?
[01:26:29]	P3	Você não corre atrás disso.
[01:26:31]	P3	O cara reprovou, reprovou e acabou.
[01:26:34]	P3	Não tem...
[01:26:35]	P3	Ele bota a marca que ele acha que ele bota e pronto.
[01:26:38]	P3	Então, esse sentimento tem que mudar.
[01:26:41]	P3	É o sentimento dessa...
[01:26:43]	P3	Por isso que eu falei lá atrás na pergunta sobre a academia, por isso que a academia tem que estar mais próxima do adolescente, do jovem.
[01:26:50]	P3	A academia tem que voltar um pouquinho, tem que recuar um pouquinho para entender a cabeça do cara.
[01:26:55]	P3	Ele não sabe onde eu morei, não sabe se eu tinha condições de estar ali, se eu não tinha, se eu trabalhava, se eu não trabalhava.
[01:27:01]	P3	Ele não tinha noção do que era a minha vida.
[01:27:05]	P3	Por quê?
[01:27:06]	P3	Por que ele fez isso?
[01:27:07]	P3	Então, essa...
[01:27:09]	P3	Claro, tem pessoas que se adaptam perfeitamente a isso.
[01:27:13]	P3	Tem pessoas que não se adaptam a 100% a isso e, sei lá, seguem a vida, passam por 10.
[01:27:18]	P3	Aí tem lá CR 10.
[01:27:20]	P3	Legal.
[01:27:22]	P3	Mas tem a maioria que não se adapta.
[01:27:23]	P3	Por isso a evasão.
[01:27:25]	P3	Por isso a evasão dos universitários.
[01:27:28]	P3	Por isso a evasão dos cursos de licenciatura.
[01:27:31]	P3	Porque não se tem uma aproximação...
[01:27:35]	P3	As práticas que a gente tem dentro da universidade, os professores da universidade não colocam em prática.
[01:27:42]	P3	Você está entendendo?
[01:27:44]	P3	Aquelas práticas de...
[01:27:47]	P3	Aquelas experiências de se relacionar com aluno, de ter um entendimento maior.
[01:27:54]	P3	Os professores da universidade não colocam isso em prática.
[01:27:59]	P3	Não estou dizendo que cálculo 3 tem que ser ensinado produtos notáveis.
[01:28:07]	P3	Você está entendendo?
[01:28:08]	P3	Não estou dizendo que o cara tem que fazer qualquer coisinha lá e que se dane e se corte.
[01:28:12]	P3	Não.
[01:28:13]	P3	Não é isso.
[01:28:15]	P3	Estou dizendo que é possível seguir um curso forte com uma cabeça, com um sentimento, com a alma um pouco mais leve.
[01:28:28]	P3	O professor olha para mim, olha para a minha prova.
[01:28:33]	P3	Ele vê que eu tirei 4.9, é média 5, ele me reprova.
[01:28:38]	P3	Está entendendo?
[01:28:39]	P3	E aí ele me trava lá atrás e ele impede que talvez eu seja um grande físico lá na frente.
[01:28:46]	P3	Então, ele impede que eu ganhe um diploma de universidade pública e que eu me torne um grande professor lá na frente.
[01:28:55]	P3	Porque ele teve uma...
[01:28:59]	P3	Como é que eu vou te falar?
[01:29:00]	P3	Ele teve uma...
[01:29:02]	P3	Uma falta de humildade muito grande de entender.
[01:29:09]	P3	O cara se esforçou, o cara brigou, o cara batalhou.

[01:29:13]	P3	O cara fez...
[01:29:15]	P3	Entendeu? Ele
[01:29:20]	P3	Ele não teve essa preocupação.
[01:29:22]	P3	Então, é isso que a gente tem que mudar.
[01:29:23]	P3	De novo, não tem que mudar a ementa.
[01:29:27]	P3	Não tem que mudar a ementa de curso, não tem que mudar a roupa da pessoa.
[01:29:30]	P3	Tem que mudar o sentimento dos professores.
[01:29:33]	P3	O professor da universidade tem que ser mais próximo do aluno.
[01:29:38]	P3	Tem que entender melhor o aluno.
[01:29:40]	P3	Colocar tudo aquilo que a gente estudou a vida inteira em prática.
[01:29:44]	P3	Eu acho que não fico muito prolixo, não.
[01:29:46]	P3	Não, não.
[01:29:47]	P3	Eu sou professor, cara.
[01:29:49]	Pesquisador	Você está corroborando com outras falas.
[01:29:52]	Pesquisador	Eu também passei por isso na UERJ.
[01:29:53]	Pesquisador	Minha formação é UERJ.
[01:29:55]	Pesquisador	Eu também passei por isso.
[01:29:56]	Pesquisador	Eles trabalham na lógica do ser bom a partir da quantidade de reprovações que eles têm.
[01:30:07]	Pesquisador	Eu faço uma analogia com a indústria.
[01:30:10]	Pesquisador	Você já pensou se o cara da indústria ficar contente pelo número de peças que ele perde e joga fora?
[01:30:16]	Pesquisador	Ah, perdi.
[01:30:17]	Pesquisador	Joga fora.
[01:30:18]	Pesquisador	Perdi.
[01:30:19]	Pesquisador	Joga fora.
[01:30:19]	P3	Eu sou médico.
[01:30:21]	P3	Morreu.
[01:30:23]	Pesquisador	Morreu, morreu, morreu.
[01:30:24]	Pesquisador	Ele acha que ele é bom.
[01:30:27]	Pesquisador	Tinha um cara na UERJ, dando cálculo, que ele reprovava 100% da turma.
[01:30:31]	Pesquisador	Como é que pode?
[01:30:33]	Pesquisador	Você não conseguiu salvar um.
[01:30:35]	P3	Eu não sei como é que esse cara não entende o seguinte.
[01:30:38]	P3	Caraca, onde que eu errei?
[01:30:41]	P3	Porque se você reprova um aluno, tem uns que você fala meu irmão, fiz de tudo, não sei o que fazer.
[01:30:47]	P3	Mas tem pessoas que você fala assim.
[01:30:48]	P3	Caraca, onde que eu errei?
[01:30:51]	P3	Onde que eu errei?
[01:30:54]	P3	Aí você pensa.
[01:30:56]	P3	Eu poderia ter sido melhor aqui como professor.
[01:30:59]	P3	Mas esses caras não pensam nisso.
[01:31:01]	P3	Esses caras não estão... Não estão
[01:31:07]	P3	Não estão interessados em formar cidadãos.
[01:31:10]	P3	Estão puramente interessados em, desculpa, mas ganhar dinheiro, fazer o dele e ir embora para casa.
[01:31:17]	P3	Porque muitos deles têm 500 estagiários, tem 200 projetos, e a sala de aula é um complemento da pesquisa dele.
[01:31:34]	P3	Entendeu?
[01:31:35]	P3	Era um complemento de horário, porque ele é pesquisador, então ele tem que ficar 40 horas na UERJ, na faculdade, então ele tem que estar 12 horas em sala.
[01:31:47]	P3	Então a sala de aula se torna sei lá, algo altamente secundário, terciário.
[01:31:56]	P3	Não é o interessante.
[01:31:58]	P3	E olha que loucura.
[01:32:00]	P3	O cara está formando um profissional que vai ser colega dele amanhã.
[01:32:08]	P3	É uma soberba muito grande.
[01:32:13]	P3	Isso que me deixa chateado.
[01:32:15]	Pesquisador	Ok, R.
[01:32:16]	Pesquisador	Agradeço sua participação. Vou parar a gravação aqui.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P4

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:02]	Pesquisador	Olá, D. Bom dia. Vamos iniciar aqui nossa entrevista, que já comentei com você, ela serve como subsídio para a elaboração da minha tese de doutorado
[00:00:13]	P4	Tá bom.
[00:00:14]	Pesquisador	Fala para mim, o seu nome completo e idade.
[00:00:18]	P4	D. C. L. Minha idade, estou com 38.
[00:00:22]	Pesquisador	Qual curso de graduação que você realizou? A instituição que você concluiu e o ano de conclusão?
[00:00:30]	P4	Foi licenciatura em Física na UFRJ em 2008.
[00:00:37]	Pesquisador	Há quantos anos você atua como professor?
[00:00:40]	P4	Eu ingressei logo em seguida, em 2009, então já tem, quer dizer, faz agora 15 anos, quer dizer, 14, né?
[00:00:50]	Pesquisador	Às vezes me assusta ver a idade de vocês agora, cara, sinceramente
[00:00:56]	Pesquisador	Você, seu primo, R. e mais um monte aqui que eu estou entrevistando foram meus alunos com 15 anos aí. Relatam agora, 38, 40
[00:01:06]	P4	Verdade, o tempo está passando rapidinho. Eu também estou tendo essa visão agora dos meus alunos. Quando eles voltam e já estão graduados, eu falo, nossa.
[00:01:15]	Pesquisador	A minha sorte é que eu dei aula para vocês muito novo, né? Vinte e poucos anos aí, não estou tão ruim assim, não. Estou com 52.
[00:01:24]	P4	É, está bem.
[00:01:25]	Pesquisador	Você foi de uma das minhas primeiras turmas no JK, eu tinha 28 anos.
[00:01:30]	P4	É, estava novo.
[00:01:33]	Pesquisador	Você realizou algum curso de pós-graduação, D.? Lato- sensu, mestrado ou doutorado?
[00:01:39]	P4	Não, no momento ainda não.
[00:01:44]	Pesquisador	Considerando que você realizou ensino médio, técnico em eletrotécnica, por que você optou pela licenciatura?
[00:01:52]	P4	É, está uma história, vamos dizer assim, engraçada, porque na época, quando eu entrei na faculdade, eu não tinha muito essa noção aí do que era licenciatura e o que era bacharel, essa diferença, né?
[00:02:05]	P4	Eu entrei na faculdade, no curso de Física mesmo, porque eu gostava, porém, só que durante a faculdade que eu fui saber diferenciar isso, né? O que era bacharel e o que era licenciatura. E aí, durante o curso, que eu optei para fazer licenciatura, porque eu pensei assim, bom, se eu for fazer bacharel, né, terei que fazer outras coisas, né? Mestrado, seguir em frente, doutorado.
[00:02:28]	P4	E como eu precisava trabalhar, eu falei, não, vou fazer licenciatura, tentar ser professor e ver se eu consigo, né, se eu tenho uma boa visão, né, dessa parte dessa área. Mas ainda tinha dúvidas, porque eu nunca tinha tentado lecionar na minha vida, né? Mas o bom é que depois que eu comecei a dar aula, eu gostei. Hoje em dia, eu não me vejo fazendo outra coisa.
[00:02:53]	Pesquisador	Porque alguns optam por seguir na própria área, né, para Engenharia, por exemplo. Acho que teu irmão foi para Engenharia, né?
[00:03:02]	P4	Isso, ele fez Engenharia Elétrica.
[00:03:04]	Pesquisador	É, teu irmão e teu primo também, agora é o Leandro, né?
[00:03:08]	P4	É, meu irmão, ele fez Engenharia Elétrica, o R. que fez Matemática.
[00:03:12]	Pesquisador	Isso. Então, assim, grande parte opta por seguir como engenheiro.
[00:03:16]	Pesquisador	E, assim, são algumas exceções, como você e o R. optam por ser professores.
[00:03:28]	Pesquisador	Assim, o que que te motivou a ser físico, professor de Física e não continuar como eletrotécnico?
[00:03:36]	P4	Bom... Foi o gosto mesmo pela disciplina. É, a própria formação, né, de eletrotécnica já dá uma boa base, né? Dentro da Física mesmo, né?
[00:03:45]	P4	Porque quando a gente entra no curso de elétrica, a gente já tem a parte de as matérias de eletricidade 1, eletricidade 2, então a gente já vê circuito elétrico desde o começo, né, do ensino médio. Então, a nossa base Física, ela é muito mais ampla, né? Do que o próprio ensino médico normal. E, fora isso, acho que também os professores, né?

[00:04:06]	P4	Os professores da parte técnica e da área de Física, que lá no JK eu tive os três professores de Física, né? Foi o Anderson, o Maicon e o Jair, na época. Então, cada ano eu estudei com um deles, né?
[00:04:21]	P4	Então, eu consegui ver Física, assim, de maneira diferente, né? Com professores diferentes. E todos, né, foram para mim excelentes professores.
[00:04:32]	P4	Então, eu tive uma visão de Física bem ampla e sempre gostei dessa matéria, sempre tive afinidade também com Matemática, né? Então, isso me levou a gostar do curso.
[00:04:43]	P4	E aí, no finalzinho do ensino médio, eu fiquei naquela dúvida. Poxa, e agora? O que eu vou ser, né? Será que eu tento seguir para a Engenharia Elétrica?
[00:04:53]	P4	Mas aí, como eu gostava mesmo de Física, né? Aí eu falei assim, não, eu vou estudar aquilo que eu estou vendo que eu tenho gosto, então vou tentar pela Física e ver no que é que vai dar.
[00:05:04]	Pesquisador	Entendi.
[00:05:05]	Pesquisador	A próxima pergunta você já respondeu, né?
[00:05:07]	Pesquisador	Mais especificamente, porque optou pela Física.
[00:05:12]	P4	É, é por gosto mesmo.
[00:05:16]	Pesquisador	Você sabe que quando eu terminei o ensino médio, eu tive essa mesma dúvida, porque eu já era do SENAI. Fazia cursos no SENAI de aprendizagem. Aí, eu fiquei nessa mesma dúvida, se faria Física ou Matemática.
[00:05:31]	Pesquisador	Se faria Física ou Engenharia. Aí, na época, eu pensei, pô, mas eu sou muito tímido e tal, eu não vou conseguir dar aula, né? Aí, fui para a Engenharia. E acabou que o destino me jogou na docência, né?
[00:05:43]	Pesquisador	E você usou uma frase aí que eu costumo usar também. Hoje, eu não me vejo com outra coisa, senão professor. Embora eu faça alguns trabalhos como engenheiro, a minha atividade principal, que me dá mais prazer, é ser professor.
[00:05:57]	Pesquisador	E mais especificamente, ser professor no JK, na escola pública. Eu tenho a experiência de trabalhar na iniciativa privada, no SENAI, que é uma iniciativa privada. Trabalhando hoje, basicamente, atendendo alunos de empresa, pessoas que já estão trabalhando. Mas a minha grande satisfação pessoal é continuar dando aula no JK. Continuar contribuindo, assim, com uma formação tipo a sua.
[00:06:23]	Pesquisador	E seus colegas aí que estão passando por aqui na minha entrevista, é que eu fico até boquiaberto com as pessoas que vocês se tornaram, os profissionais que vocês se tornaram.
[00:06:34]	P4	É verdade, é muito gratificante mesmo isso pra gente. A gente fica sem palavras, né? Quando a gente vê os alunos que se formaram.
[00:06:42]	Pesquisador	E tem muitos colegas engenheiros que não acreditam, né?
[00:06:45]	Pesquisador	Falam assim, poxa, que bom que você se adaptou a dar aula, gostou, não ficou frustrado.
[00:06:51]	Pesquisador	Tem cara que acha que o fato de o engenheiro estar dando aula é que ele se torna um profissional frustrado.
[00:06:56]	Pesquisador	De maneira nenhuma, de maneira nenhuma.
[00:06:58]	Pesquisador	Mesmo que eu não estivesse atuando também na Engenharia, jamais estaria nessa condição.
[00:07:03]	P4	Gosto muito do que eu faço.
[00:07:06]	Pesquisador	D., descreve pra mim suas experiências profissionais, vividas até hoje, considerando também alguma coisa que você tenha exercido fora do magistério.
[00:07:15]	Pesquisador	Não lembro se você chegou a estagiar na elétrica.
[00:07:18]	P4	Não, pior é que não.
[00:07:21]	P4	Fiquei não.
[00:07:22]	P4	Eu só segui mesmo, na época até da elétrica, o estágio, como eu ingressei logo na faculdade, deixei um pouco de lado o estágio.
[00:07:30]	P4	Não cheguei a concluir o estágio.
[00:07:34]	P4	E no caso do magistério, realmente, eu fiz a faculdade de Física.
[00:07:39]	P4	Durante a faculdade, eu não trabalhei, né, meu pai sempre falava assim, não, enquanto você estiver fazendo a faculdade, eu vou tentar dar o suporte pra você concluir o curso.
[00:07:49]	P4	E aí, eu só fui trabalhar mesmo direto no magistério.

[00:07:53]	P4	Vamos dizer assim, eu caí paraquedas direto na sala de aula do estado.
[00:07:59]	Pesquisador	Entendi.
[00:08:00]	Pesquisador	Mas direto onde você estava, teve outras experiências no estado fora da...
[00:08:06]	Pesquisador	Você hoje tem uma matrícula, né?
[00:08:08]	P4	Não, eu tenho duas.
[00:08:09]	P4	Tem duas de 18, é.
[00:08:12]	P4	Porém...
[00:08:12]	Pesquisador	Tá concursado.
[00:08:13]	P4	Isso, em 2009 foi quando eu ingressei.
[00:08:15]	P4	Ingressei em abril de 2009.
[00:08:18]	P4	E aí, de lá pra cá, realmente, foi direto no estado.
[00:08:22]	P4	Nunca trabalhei em nenhuma outra instituição.
[00:08:24]	P4	Só no estado mesmo.
[00:08:26]	Pesquisador	Entendi.
[00:08:26]	Pesquisador	Mas sempre nessa mesma escola?
[00:08:28]	P4	Não, eu comecei numa escola noturna, né, que era compartilhada, né, era município de manhã e estado à noite.
[00:08:37]	P4	Então, acho que uns seis anos ou mais, eu trabalhei direto assim nessa escola noturna, que é na Olímpia do Couto.
[00:08:45]	P4	E aí, depois que eu me transferi pra essa Mario Tamborindeguy, que é um CIEP, que ele é de manhã, tarde e noite.
[00:08:52]	P4	E eu pego qualquer tipo de turno, ou manhã, tarde, noite, o que tiver disponibilidade, eu estou pegando as turmas pra trabalhar.
[00:09:00]	Pesquisador	Essa escola que você trabalha é aquela rua ali do lado do Mundial de Irajá?
[00:09:04]	P4	Isso, é ali pra trás.
[00:09:06]	P4	Atrás do Guanabara.
[00:09:08]	Pesquisador	E ali você está há quanto tempo, mais ou menos?
[00:09:11]	Pesquisador	Foram 15 anos, 6 anos na primeira escola?
[00:09:14]	P4	Então, a primeira matrícula, eu fiquei uns 6 anos na primeira escola.
[00:09:17]	P4	A segunda matrícula, eu tô direto nesse CIEP desde 2011.
[00:09:22]	P4	Então, já faz 12 anos.
[00:09:26]	Pesquisador	Isso ali recebe um público meio complicado, né?
[00:09:29]	P4	Então, de um tempo pra cá, que vem mudando um pouco.
[00:09:35]	P4	Mas no início, em 2011, no comecinho assim, né, bem antigamente, o público que a gente recebia ali, era um público bem tranquilo até, sabe?
[00:09:46]	P4	Tinham pessoas, às vezes, de longe, sabe?
[00:09:49]	P4	Da Penha, de Ramos, que pegavam e demoravam pra chegar lá na escola, mas aquela escola era muito bem-vista, né?
[00:09:56]	P4	Ela tinha uma certa reputação.
[00:09:59]	P4	Só que de um tempo pra cá, que isso vem caindo um pouquinho.
[00:10:03]	P4	Até mesmo por causa da redondeza, né?
[00:10:05]	P4	O aspecto ali na comunidade mudou um pouco.
[00:10:11]	Pesquisador	Isso no geral, né?
[00:10:12]	Pesquisador	Se você analisar também o JK, eu fiz agora, dia 11 de maio, 24 anos de JK.
[00:10:19]	Pesquisador	Se você analisar o público, né, também vem caindo.
[00:10:23]	Pesquisador	Não tem nenhum problema ainda, mas você vê a queda da qualidade de aluno.
[00:10:27]	Pesquisador	Comparado lá com época que você, teu primo, teu irmão estudaram, né?
[00:10:32]	Pesquisador	JK era a referência aqui na Leopoldina.
[00:10:34]	P4	Exato.
[00:10:35]	Pesquisador	Estava entre as 30 melhores escolas no rank do Enem.
[00:10:41]	Pesquisador	Hoje isso não é mais verdade.
[00:10:42]	Pesquisador	Primeira escola da Leopoldina.
[00:10:45]	P4	Pois é.
[00:10:45]	Pesquisador	Isso aí caiu bastante, né?
[00:10:47]	Pesquisador	Por conta desses problemas do Estado, greve, ocupação, pandemia.
[00:10:52]	P4	Sim, tudo isso agravou.
[00:10:54]	Pesquisador	Com esperança agora de melhorar.
[00:10:56]	Pesquisador	Está melhorando um pouquinho agora.
[00:10:59]	Pesquisador	D., descreve pra mim como foram seus primeiros anos como professor.

[00:11:04]	Pesquisador	Assim, na faixa de 3 a 5 anos.
[00:11:06]	Pesquisador	Relatando quais foram as dificuldades.
[00:11:09]	Pesquisador	Com quais apoios você pode contar ou não.
[00:11:12]	Pesquisador	O que você fez para superar essas dificuldades.
[00:11:15]	Pesquisador	Estratégia que você utilizou para vencer obstáculos.
[00:11:20]	Pesquisador	O impacto da entrada na sala de aula.
[00:11:23]	P4	Então, eu acho que assim, como eu falei, até pela minha experiência, né?
[00:11:28]	P4	Porque, na verdade, antes de entrar para o Estado, eu não tive nenhuma experiência como professor, né?
[00:11:33]	P4	Então, foi direto para o ensino público.
[00:11:37]	P4	E pensei, vamos ver no que vai dar, né?
[00:11:41]	P4	Mas, realmente, assim, no início foi bem complicado.
[00:11:45]	P4	Porque aí durante esses primeiros anos de experiência.
[00:11:49]	P4	Que a gente começa a sentir dentro da sala de aula.
[00:11:53]	P4	Que a faculdade não prepara tão bem, né?
[00:11:56]	P4	Para a gente ingressar para a sala de aula, né?
[00:12:00]	P4	É muita teoria, só que a parte prática a gente não tem quase, né?
[00:12:04]	P4	Mesmo fazendo os estágios e tudo, né?
[00:12:07]	P4	É bem complicado.
[00:12:10]	P4	O estágio, até dei preferência a fazer o estágio da faculdade lá no JK mesmo, né?
[00:12:15]	P4	Eu fiz lá com o Anderson.
[00:12:16]	P4	Aí, quer dizer, isso sim, me ajudou bastante, né?
[00:12:23]	P4	Eu estava lá sempre junto com ele, assistindo às aulas, fazendo anotações.
[00:12:29]	P4	Vendo o jeito que ele aplicava a matéria.
[00:12:32]	P4	Então, isso tudo me ajudou, sim, a parte do estágio.
[00:12:35]	P4	Mas, tirando o estágio, as disciplinas da faculdade, foi um pouco complicado ingressar direto na sala de aula.
[00:12:44]	Pesquisador	Você teve apoio, assim, de pedagogas lá na escola?
[00:12:50]	Pesquisador	Supervisão pedagógica?
[00:12:53]	Pesquisador	Contou com a ajuda de outros colegas?
[00:12:56]	P4	Então, o chato que, como era uma escola pequena quando eu comecei, né?
[00:13:00]	P4	Escola noturna.
[00:13:01]	P4	Então, por exemplo, só tinha eu de professor de Física, né?
[00:13:04]	P4	Que eram poucas turmas.
[00:13:05]	P4	Só tinha, tipo, um professor de Física, um professor de Química, né?
[00:13:09]	P4	Que eram pouquíssimas turmas na escola.
[00:13:10]	P4	Então, não tinha, assim, colegas, né?
[00:13:12]	P4	Da mesma disciplina para trocar informações.
[00:13:17]	P4	Mas, e questão pedagógica, também não tinha, assim, coordenador pedagógico.
[00:13:22]	P4	Isso, de um tempo para cá, que vem melhorando um pouco no estado, né?
[00:13:26]	P4	Mas ainda não é uma totalidade, né?
[00:13:30]	P4	Naquela época, era só diretor.
[00:13:33]	P4	Não tinha nem diretor adjunto, porque é uma escola pequena, né?
[00:13:37]	P4	Então, era uma coisa bem pouquinha mesmo.
[00:13:40]	P4	Então, assim, de ajuda não tinha muita coisa, não.
[00:13:45]	Pesquisador	Então, para você superar essas dificuldades, você contou consigo mesmo?
[00:13:51]	P4	Eu tive que me virar mesmo, tipo, né?
[00:13:54]	P4	Eu chegava, sentava, preparava minhas aulas.
[00:13:57]	P4	E, como era tudo novo, né?
[00:13:59]	P4	Preparava tudo certinho, bonitinho.
[00:14:02]	P4	E, apesar de preparar aquilo tudo certinho, bonitinho, na prática, né?
[00:14:06]	P4	A gente pensa uma coisa, às vezes, na teoria.
[00:14:08]	P4	Mas, na prática, quando você vai aplicar, principalmente quando está começando, né?
[00:14:13]	P4	Aí, você tem que ver que é tudo diferente.
[00:14:17]	P4	Porque, principalmente quando é escola noturna, né?

[00:14:20]	P4	Os alunos têm uma...
[00:14:23]	P4	Ele já vem, normalmente, cansado do trabalho, né?
[00:14:25]	P4	Então, você tem uma outra pegada, né?
[00:14:28]	P4	Para conseguir dialogar, para passar disciplina.
[00:14:32]	P4	E, no começo, para mim, isso foi difícil, né?
[00:14:34]	P4	Isso eu não nego, porque eu tinha aquela visão, né?
[00:14:37]	P4	Poxa, eu quero dar uma boa aula, quero passar o conteúdo.
[00:14:40]	P4	Mas, você vê que, tentando passar o conteúdo no teu ritmo, os alunos não pegavam, né?
[00:14:47]	P4	A gente tinha que tentar andar no ritmo do aluno, né?
[00:14:51]	Pesquisador	O tempo para a noite é totalmente diferente, né?
[00:14:54]	P4	É.
[00:14:55]	Pesquisador	Muito diferente.
[00:14:56]	P4	Obrigado.
[00:14:56]	Pesquisador	No ensino técnico, é a mesma coisa.
[00:14:59]	Pesquisador	Eu, hoje, tenho turmas, também, de dia, lá do integrado, né?
[00:15:03]	Pesquisador	Médio e técnico, os menores.
[00:15:05]	Pesquisador	E, tenho, à noite, só o técnico.
[00:15:08]	Pesquisador	Pessoal que já tem o ensino médio.
[00:15:09]	Pesquisador	Aí, você tem uma outra realidade, totalmente diferente.
[00:15:13]	Pesquisador	De dia, o menino estuda, lá, com Matemática, Física, dentro do próprio JK.
[00:15:19]	Pesquisador	Assim, mais ou menos, um viés naquilo que a gente precisa no curso de eletrotécnica.
[00:15:24]	Pesquisador	Aí, chega um camarada, à noite, que terminou o ensino médio há 25 anos.
[00:15:29]	Pesquisador	Pouco terminou o ensino médio.
[00:15:32]	Pesquisador	O EJA, que ele diz que não teve aula de Matemática.
[00:15:37]	Pesquisador	Estudou por módulo.
[00:15:40]	Pesquisador	Aí, como é que se ensina?
[00:15:41]	Pesquisador	Fala aí, para mim.
[00:15:42]	Pesquisador	Como é que se ensina circuito em corrente alternada, que usa número complexo, para um camarada que terminou há 25 anos de ensino médio?
[00:15:53]	P4	Pois é.
[00:15:53]	Pesquisador	Falar de trigonometria.
[00:15:55]	Pesquisador	Eu estou trabalhando agora, atualmente, em laboratório 2, que é a parte de corrente alternada.
[00:16:01]	Pesquisador	Como é que você fala de um circuito RLC para o cara.
[00:16:05]	Pesquisador	Falar de seno e cosseno, triângulo de impedância, é complicado.
[00:16:10]	P4	Muito.
[00:16:11]	Pesquisador	É um desafio.
[00:16:12]	P4	O básico, vejo pelo básico.
[00:16:15]	P4	Você pegar uma associação de resistores, série paralelo, às vezes, a pessoa fica com nó na cabeça, falando, o que é isso?
[00:16:22]	P4	Não consigo entender, não consegue visualizar o circuito.
[00:16:25]	Pesquisador	Olha, vou falar para você, o paralelo com mais de dois resistores, eu já desisti de resolver.
[00:16:34]	Pesquisador	Eu só faço dois a dois, entendeu?
[00:16:37]	P4	Caramba.
[00:16:38]	Pesquisador	Produto pela soma, que aí fica mais fácil para o cara entender.
[00:16:42]	Pesquisador	Faz esses dois aqui.
[00:16:44]	Pesquisador	Ah, isso aí é fácil.
[00:16:45]	Pesquisador	Então, agora pega o resultado, faz com isso aqui, porque o MMC está difícil.
[00:16:51]	P4	É, é verdade.
[00:16:52]	P4	Falar o MMC, o negócio fica feio.
[00:16:55]	Pesquisador	O MMC está complicado.
[00:16:58]	Pesquisador	Mas, então, após essa fase inicial, tem um autor, Huberman, que fala, chama essa fase inicial de choque.
[00:17:05]	Pesquisador	Choque inicial.
[00:17:06]	Pesquisador	Você saiu da faculdade, da licenciatura, e tem aquele choque.
[00:17:10]	Pesquisador	Você se depara com a tua turma.

[00:17:12]	Pesquisador	E tem aquela, o que você relatou aí, né?
[00:17:14]	Pesquisador	Nada daquilo que você aprendeu, muitas vezes, mas isso te ajuda no traquejo com o aluno, com a própria prática docente.
[00:17:22]	Pesquisador	Então, ele chama de choque inicial.
[00:17:24]	Pesquisador	Então, após esse choque inicial que você viveu, você poderia descrever, assim, as fases seguintes?
[00:17:30]	Pesquisador	Assim, algumas etapas, se possível, em etapas.
[00:17:33]	Pesquisador	Depois desse choque, depois que você passou por essa etapa inicial, como é que você descreveria as próximas etapas?
[00:17:43]	P4	É, então, nos primeiros anos, né?
[00:17:46]	P4	Quando eu fui preparando as aulas e tudo, aí eu mantive, né?
[00:17:51]	P4	Por algum tempo, essa base, né?
[00:17:53]	P4	Dessas minhas aulas já preparadas.
[00:17:56]	P4	Só que aí, realmente, depois desse choque, eu fui sempre fazendo adaptações, né?
[00:18:01]	P4	Porque eu percebi, né?
[00:18:04]	P4	Principalmente, como eu comecei nessa escola noturna, que essa base não dava para ser seguida, assim, firmemente, né?
[00:18:12]	P4	Eu tinha que fazer algumas considerações para conseguir o público, né?
[00:18:16]	P4	Conseguir, é o que eu falo, pelo menos aprender a base, né?
[00:18:19]	P4	O mínimo, né?
[00:18:21]	P4	Não que ele vá conseguir aprender Lei Newton e vai chegar a falar sobre força de atrito, saber a diferença de atrito estático e atrito dinâmico.
[00:18:31]	P4	Então, quer dizer, aprofundar muito em certos conteúdos era meio que impossível.
[00:18:38]	P4	Porém, por exemplo, eu ingressei em 2009.
[00:18:41]	P4	Em 2011, quando eu ingressei nessa outra escola, com outra matrícula, era no ensino diurno.
[00:18:47]	P4	Normalmente, eu trabalhava pela manhã.
[00:18:50]	P4	E aí eu percebia que dava para puxar mais para os alunos, sabe?
[00:18:54]	P4	Eu conseguia passar o conteúdo de uma forma mais rigorosa, né?
[00:18:58]	P4	Vamos dizer assim.
[00:19:00]	P4	E como era uma escola também mais rigorosa, né?
[00:19:03]	P4	Os alunos realmente pareceram que iam para estudar, tinham aquele incentivo, né?
[00:19:08]	P4	Tanto da família quanto da escola.
[00:19:11]	P4	Então, eu conseguia puxar bem mais os conteúdos para eles.
[00:19:15]	P4	Então, esse choque, né?
[00:19:16]	P4	Depois do primeiro ano e segundo, quando eu ingressei nessa escola no terceiro ano, ela deu uma, vamos dizer assim, aliviada, né?
[00:19:24]	P4	Para mim, na minha cabeça, né?
[00:19:26]	P4	Porque eu vi assim, poxa, então não é só o problema da Física, né?
[00:19:30]	P4	Porque eu sei que, no geral, Física, né?
[00:19:33]	P4	É um conteúdo complicado, né?
[00:19:35]	P4	O pessoal não gosta muito, tem aquele medo, né?
[00:19:39]	P4	De encarar, porque tem o uso da matemática e tudo.
[00:19:44]	P4	Então, eu achava que, no início, era mais por isso.
[00:19:46]	P4	Mas, quando eu ingressei nessa escola em 2011, eu vi que não era tanto isso, né?
[00:19:52]	P4	Mas sim por causa do ensino, a questão da diferença do noturno para o diurno, né?
[00:19:57]	P4	E aí, quando eu passei dessa fase, eu falei assim, bom, aqui eu estou conseguindo trabalhar bem, estou conseguindo dar o meu conteúdo, né?
[00:20:07]	P4	Então, era muito mais abrangente, eu conseguia abordar mais rapidamente, né?
[00:20:13]	P4	Não ficava o tempo inteiro repetindo, repetindo várias e várias aulas do mesmo conteúdo, né?
[00:20:20]	P4	Conseguia passar dele e seguir em frente.
[00:20:24]	P4	Então, assim, esse choque inicial, né?
[00:20:26]	P4	Não sei se foi devido à questão do ensino noturno, né?
[00:20:30]	P4	Que eu ingressei direto nele.
[00:20:33]	P4	Mas, quando eu ingressei na sua outra escola, deu uma ajuda, sim.

[00:20:38]	Pesquisador	Entendi.
[00:20:39]	Pesquisador	Isso aí, esse mesmo autor descreve, que se chama diversificação.
[00:20:44]	Pesquisador	Você começou a mudar a partir das suas experiências pessoais, experiência com o ensino noturno, a experiência no ensino médio, você passa a ter, né?
[00:20:54]	Pesquisador	A mensurar até onde você pode ir, como é que você pode trabalhar.
[00:20:59]	Pesquisador	Então, essa segunda fase, ele chama de diversificação.
[00:21:02]	Pesquisador	Aí, você depois entra numa outra fase, que é pôr-se em questão.
[00:21:06]	Pesquisador	Você já está mais ou menos na fase de pôr-se em questão, né?
[00:21:10]	Pesquisador	Já está numa rotina.
[00:21:11]	Pesquisador	Já, de repente, já estabeleceu como é que você pode trabalhar e tal, né?
[00:21:16]	P4	Sim, já estou nessa fase.
[00:21:18]	P4	Porque, pelos anos de experiência, a questão do planejamento, né?
[00:21:25]	P4	Meio que já fica na cabeça, né?
[00:21:26]	P4	Você já vai para a turma de primeiro ano, você já sabe qual o conteúdo daquele bimestre, então, meio que já vai direto.
[00:21:34]	P4	E eu vou ajustando de acordo com as turmas, né?
[00:21:37]	P4	De acordo com como você sente os alunos, né?
[00:21:39]	P4	Qual o nível deles, sabe?
[00:21:40]	P4	Se dá para puxar mais ou não.
[00:21:43]	P4	Então, a gente vai se adequando de acordo com a turma mesmo.
[00:21:46]	Pesquisador	Eu já estou na fase seguinte, D.
[00:21:49]	Pesquisador	Estou na serenidade.
[00:21:51]	Pesquisador	Serenidade é entre 25 e 35 anos de magistério.
[00:21:56]	Pesquisador	Tomando 24 anos de JK, mas eu já estou no Senai desde 96.
[00:22:02]	Pesquisador	São 27 anos.
[00:22:03]	Pesquisador	Na serenidade, você já prevê tudo o que vai acontecer.
[00:22:07]	Pesquisador	Já está na cabeça, já tem as mudanças, né?
[00:22:10]	Pesquisador	Eu acho interessante você ler.
[00:22:12]	Pesquisador	E quando eu começo a entrevistar vocês, todo mundo que passa por aqui relata certinho o que esse autor fala.
[00:22:21]	Pesquisador	Muito interessante.
[00:22:22]	P4	É, isso é bom.
[00:22:23]	P4	Legal.
[00:22:24]	Pesquisador	Como é o professor, D.?
[00:22:26]	Pesquisador	Quais as características que você atribui à sua identidade profissional?
[00:22:31]	Pesquisador	Como é que você é em sala de aula?
[00:22:33]	Pesquisador	Como é que é a sua prática?
[00:22:36]	P4	É assim, eu sou tranquilo na sala de aula.
[00:22:40]	P4	Tento sempre dialogar com os alunos, né?
[00:22:43]	P4	Ter uma troca com eles.
[00:22:46]	P4	Eu falo até assim, poxa, pessoal.
[00:22:49]	P4	Porque tem que tentar controlar a turma, né?
[00:22:51]	P4	A questão da conversa, as coisas, né?
[00:22:53]	P4	E às vezes eu falo com ele, pô, gente, deixa eu explicar a matéria aqui só cinco minutinhos.
[00:22:58]	P4	Depois eu deixo vocês aí à vontade, conversando e tudo, né?
[00:23:01]	P4	Então, tento sempre trocar com eles, porque tentar ser rigoroso, eu já tentei também no início, né?
[00:23:11]	P4	Tipo assim, tentar ser mais rígido, né?
[00:23:14]	P4	Manter a ordem na sala, mas eu vi que isso, principalmente, isso muda de escola para escola, né?
[00:23:21]	P4	A gente sente isso.
[00:23:23]	P4	Teve uma época que eu peguei uma GLP numa outra escola noturna, no Itália, e quando eu cheguei, tentei já me impor assim, né?
[00:23:33]	P4	Para o pessoal ver que eu não estava ali de brincadeira, né?
[00:23:36]	P4	Mas eu vi que não dava.
[00:23:39]	P4	Eu não tinha como.
[00:23:40]	P4	Mesmo tentando me impor, vendo que, né?
[00:23:43]	P4	Uma pessoa, vamos dizer assim, séria, não dava para me impor.
[00:23:46]	P4	Então, eu tinha que andar junto com os alunos.
[00:23:49]	P4	Então, eu vou assim.
[00:23:50]	P4	Hoje em dia, eu vou tentando me adequar, né?

[00:23:53]	P4	A cada escola, a cada turma que eu passo.
[00:23:56]	P4	Mas, no geral, eu sou uma pessoa tranquila dentro de sala de aula.
[00:24:01]	P4	Só que, infelizmente.
[00:24:02]	P4	Tem alguns alunos que, mesmo você tentando ser legal, tentando conversar, tem alguns alunos que são, a gente fala, dá pá virada, né?
[00:24:11]	P4	Que, às vezes, são desrespeitosos.
[00:24:15]	P4	E aí, esses, realmente, tratam de uma maneira mais rígida, né?
[00:24:19]	P4	Que aí eu tenho que ir dependendo da escola.
[00:24:21]	P4	Se a escola andar junto com o professor, né?
[00:24:23]	P4	Colocar o aluno para fora de sala, para levar para a coordenação pedagógica, né?
[00:24:28]	P4	Para tratar com ele de outras maneiras.
[00:24:30]	P4	Mas, no geral, eu tento tratar sempre, sempre dentro da sala de aula mesmo.
[00:24:35]	P4	Sempre na conversa.
[00:24:39]	Pesquisador	É, acho que o segredo está aí, né?
[00:24:41]	Pesquisador	Nessa boa relação que você, que a gente tenta estabelecer com o aluno.
[00:24:46]	Pesquisador	Na ponta da faca, realmente, a gente não tem conseguido resolver nada.
[00:24:50]	Pesquisador	Esse aluno da pá virada.
[00:24:52]	Pesquisador	E, se você for ver o contexto social dele, de família, local onde mora.
[00:24:57]	Pesquisador	Às vezes, você passa até, com a análise mais detalhada, você passa até a entender por que o cara é assim.
[00:25:03]	P4	Exatamente, isso acontece muito.
[00:25:06]	Pesquisador	Hoje, a gente vive algumas experiências, lá no JK, por exemplo, que quando você chama a família, chama o pai ou a mãe para relatar que o aluno está te dando problema, está dando problema em sala de aula.
[00:25:18]	Pesquisador	Quando chega a família, você entende claramente por que o menor é assim.
[00:25:23]	Pesquisador	E fica até com pena, entendeu?
[00:25:25]	Pesquisador	Chega um pai, às vezes, bêbado.
[00:25:28]	Pesquisador	Chega uma mãe sem noção de nada, entendeu?
[00:25:33]	P4	Verdade.
[00:25:35]	P4	Isso acontece bastante lá na escola também.
[00:25:38]	P4	Que aí, quando você vai conversar com o aluno, entender a realidade dele, você fala, caramba, como é que esse aluno está passando por tudo isso, né?
[00:25:48]	Pesquisador	Eu tenho umas histórias interessantes em relação a isso.
[00:25:51]	Pesquisador	Falar com o aluno e chamar a atenção e quando ele te conta a história dele, você vê que ele é o melhor da turma, na verdade.
[00:25:59]	Pesquisador	Porque o que ele vive, ele vive, né?
[00:26:02]	P4	O que ele vive, os outros não vivem.
[00:26:04]	Pesquisador	Os outros têm tudo.
[00:26:05]	Pesquisador	Às vezes, o cara não tem nada.
[00:26:07]	Pesquisador	Mãe morreu, pai não quer nem saber.
[00:26:10]	Pesquisador	Já aconteceu comigo.
[00:26:13]	Pesquisador	Aliás, isso aí foi um choque que eu vivi, tem mais de 15 anos, isso, ou 20.
[00:26:18]	Pesquisador	Uns 20 anos já.
[00:26:20]	Pesquisador	Foi um choque que me fez mudar muito a minha maneira de trabalhar numa situação dessa.
[00:26:26]	Pesquisador	A tua formação inicial, D., lá no curso de licenciatura, contribuiu para a construção dessa identidade profissional?
[00:26:37]	P4	Eu acho que não.
[00:26:40]	Pesquisador	É o que você falou lá no começo, não, né?
[00:26:43]	P4	É, porque o curso realmente me deu toda a base que eu precisava de aprendizado, teoria.
[00:26:52]	P4	Mas eu acho que isso foi desenvolvendo mesmo ao longo da experiência, né?
[00:26:58]	P4	Da interação mesmo com o público.
[00:27:01]	P4	E eu sempre comento isso com os alunos que eu falo assim, quando eu conto a minha história de curso e tudo, que eu falo assim, gente, eu dei sorte, porque eu não fazia ideia se eu ia me dar bem no curso para ser professor de licenciatura ou não, né?

[00:27:20]	P4	Porque eu já tive casos de colegas meus que estudaram no JK, teve um colega que fez Matemática, tentou dar aula e não conseguiu, entendeu?
[00:27:29]	P4	Viu que não era a praia dele, né?
[00:27:32]	P4	Mas eu, no caso, vou dizer assim, eu falo para eles, eu dei sorte, né?
[00:27:37]	P4	Eu comecei a dar aula e gostei do que eu vi, né?
[00:27:41]	P4	E hoje em dia eu não me vejo fazendo outra coisa.
[00:27:46]	Pesquisador	Tem alguns colegas da sua época que fizeram licenciaturas e que realmente estão fora do mercado.
[00:27:54]	Pesquisador	Um colega, não sei nem se é esse que você está falando, V., que ele voltou a trabalhar como eletrotécnico.
[00:28:00]	Pesquisador	Deu aula, saiu e agora voltou a trabalhar como eletrotécnico.
[00:28:04]	P4	Eu falei pensando no Bruno.
[00:28:06]	P4	O Bruno, ele fez Matemática e aí depois ele tenta o concurso público e ele está na PRF hoje em dia.
[00:28:18]	Pesquisador	Próxima pergunta, D.
[00:28:20]	Pesquisador	Considerando que, segundo Tardif, um dos autores aí de educação, a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida.
[00:28:29]	Pesquisador	Em que momento da sua trajetória você identifica etapas de construção das características que formam sua identidade profissional?
[00:28:39]	Pesquisador	Ao longo da vida, segundo Tardif, você constrói essa identidade até enquanto era aluno.
[00:28:46]	Pesquisador	Desde que você começou como aluno, você constrói a sua identidade profissional.
[00:28:51]	Pesquisador	Você identifica etapas dessa construção?
[00:28:57]	P4	Eu acredito que sim, até mesmo no ensino médio, né?
[00:29:00]	P4	Passando por tantos professores do curso técnico e do ensino médio mesmo em Física, né?
[00:29:05]	P4	Eu tive uns três anos de professores diferentes.
[00:29:09]	P4	Eu lembro, né, bastante, assim, de cada um deles.
[00:29:12]	P4	Então, acho que as características, né, de cada um, né, acabam moldando também, né, quem eu sou hoje, né?
[00:29:21]	P4	Então, o comportamento deles em sala de aula, a maneira de abordar as matérias, né, a maneira de transmitir, né, a informação vai moldando sim.
[00:29:32]	P4	Já na faculdade, né, por ser um outro ritmo, uma outra pegada, a transmissão, né, de conteúdo, acho que nem tanto, né?
[00:29:43]	P4	Mas, em questão de moldar, de repente, pode sim também, né?
[00:29:48]	P4	Porque a gente pode pensar no lado que de repente aquele professor que você não gostou muito, né, não se deu muito bem, você falar assim, ah, não, esse eu não quero seguir desse jeito, não, quero ser de um jeito melhor.
[00:30:00]	Pesquisador	Como contraexemplo, né?
[00:30:02]	P4	É, exatamente.
[00:30:04]	Pesquisador	Também uso isso.
[00:30:06]	Pesquisador	Contraexemplo.
[00:30:07]	Pesquisador	Assim eu não posso, não devo ser, né?
[00:30:10]	P4	Aham, exato.
[00:30:12]	Pesquisador	Você, você considera que você é um mix de das práticas do Anderson, Maicon e Jair?
[00:30:20]	Pesquisador	Pegou o melhor de cada?
[00:30:22]	P4	É, acho que sim.
[00:30:24]	P4	Jair foi uma pegada mais, é, não vou dizer rígida, né, mas ele era bem mais centrado, né, dentro de sala de aula, né?
[00:30:36]	P4	Mas, e o conteúdo, a forma como ele abordava os conteúdos era bem, vamos dizer assim, não vou dizer pesado, né, mas era bem rigoroso, né, a forma de passar o conteúdo.
[00:30:46]	P4	Então ele passava bastante conteúdo de uma forma, né, bem abrangente.
[00:30:51]	P4	O Anderson também, né, passava muito conteúdo, eu já gostava assim mais da explicação dele, né, eu achava que ele na hora de explicar conseguia fazer uma abordagem que era mais fácil de entender.
[00:31:04]	P4	Então acho que um pouquinho de cada a gente vai pegando, né, um pouquinho dali um pouquinho daqui, e isso, né, acaba ficando dentro da gente mesmo, né, acaba moldando, né, como você está falando.

[00:31:16]	Pesquisador	Muitos relatam, muitos que passam por aqui, por essa entrevista, relatam isso, falam do Anderson, né, mais especificamente do Anderson, que foi professor, às vezes, durante os três anos de alguns, né, o Anderson.
[00:31:31]	Pesquisador	Legal.
[00:31:34]	Pesquisador	Você já respondeu essa pergunta, mas vou formalizar ela aqui novamente.
[00:31:37]	Pesquisador	Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que leciona?
[00:31:45]	P4	Não, não tem como ser igualzinho não, mesma identidade não, porque tudo varia de acordo com os alunos, por exemplo, às vezes eu tenho turmas também com trinta alunos, quarenta alunos, e às vezes tem turmas que tem oito, dez alunos.
[00:32:04]	P4	Então, né, quando tem uma quantitativa também diferente dentro da sala de aula, aí a pegada, né, o jeito que a gente vai abordar os assuntos também já começa a ser diferente, né.
[00:32:19]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, lá no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:32:34]	Pesquisador	Você teve algumas disciplinas, né, de pedagogia?
[00:32:37]	P4	Sim, sim.
[00:32:42]	P4	Olha, vou te falar a verdade, eu não consigo enxergar muito, assim, dessa maneira que realmente contribuiu, sabe, porque acho que foi tudo muito teórico, né.
[00:32:55]	P4	Eles puxam muito para a parte da teoria, né, e aí a parte prática você vê que é outra realidade.
[00:33:04]	Pesquisador	Entendi.
[00:33:04]	Pesquisador	Você não precisa ficar com receio de falar, não, porque onde eu quero chegar é nisso aí, né.
[00:33:10]	P4	Eu sei, eu sei.
[00:33:11]	Pesquisador	Onde eu quero chegar é nisso aí, é propor alguma coisa que melhore essa questão, porque a gente sabe que na Física, na Matemática, na Engenharia, a gente tem uma formação muito dura, né, muito...
[00:33:23]	P4	É, a gente pega o pesado, né. Foco
[00:33:26]	Pesquisador	Focam muito na questão de conteúdo, aquela rigidez de conteúdo...
[00:33:33]	Pesquisador	Aquela fixação, né, aquela tara por reprovação, né.
[00:33:38]	Pesquisador	Tem professor comentando, reprovei a turma inteira, olha só que contrassenso, né.
[00:33:43]	Pesquisador	O cara fica feliz porque reprovou a turma inteira.
[00:33:46]	Pesquisador	Eu me lembro que lá no cálculo na UERJ tinha um professor, um professor específico que ele reprovava 100% da turma, né.
[00:33:54]	P4	Caramba.
[00:33:55]	Pesquisador	Se ele trabalhasse numa indústria, ele ia reprovar 100% das peças que ele produzisse, né?
[00:34:01]	Pesquisador	Ele ia ser demitido.
[00:34:04]	P4	Na indústria ia ser demitido, antiprodutivo.
[00:34:06]	Pesquisador	Às vezes a gente vê uma formação que se pauta nessa questão de ah, reprovei muito, meu conteúdo ninguém alcança, justamente aonde eu quero chegar, né.
[00:34:19]	Pesquisador	Fazer algumas propostas alinhadas com o que se tem de pesquisa hoje.
[00:34:23]	P4	É, isso é muito bom.
[00:34:24]	Pesquisador	Tentar aproximar a formação da escola, né.
[00:34:28]	P4	Sim, é uma exceção.
[00:34:32]	Pesquisador	A próxima pergunta eu falaria sobre curso de pós-graduação, se eles te ajudaram, mas você falou que não fez ainda pós, nem mestrado, nem doutorado, né.
[00:34:40]	P4	Ainda não.
[00:34:44]	Pesquisador	Durante a tua passagem lá pela UFRJ, no curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:34:53]	P4	Não, fiz não.
[00:34:56]	Pesquisador	Pesquisou nada, não fez nenhuma pesquisa com ensino, escola, não desenvolveu nada em laboratório, nada?
[00:35:06]	P4	Na época não peguei iniciação científica, nem nada não.

[00:35:14]	Pesquisador	A próxima pergunta eu falaria, caso tenha participado de algum projeto de pesquisa, se contribuiu com a sua formação, caso você não tenha participado, no seu caso, de projeto de pesquisa, julga importante a oferta de participação de um licenciando em programa de pesquisa?
[00:35:32]	Pesquisador	Você acha que seria importante você ter participado de pesquisas?
[00:35:36]	P4	Sim, isso, com certeza.
[00:35:38]	P4	Com certeza, porque acho que quanto mais, né, experiência, melhor, porque acho que as vezes que falta também, né, em certos cursos é isso, né.
[00:35:51]	P4	Por exemplo, pelo menos, eu não sei como é que está hoje em dia, mas na época, na UFRJ, o curso de licenciatura era apenas noturno, né, então não tinha na parte da manhã nem da tarde, então era só noturno mesmo, e aí é como a gente fala, né, o esquema do noturno já é uma outra pegada, né, é um outro jeito de abordar, já, é, o tempo, né, útil, né, para as aulas já fica menor, né, porque não pode liberar muito tarde, tem que acabar cedo as aulas por causa da violência e tudo, né, então, complicado.
[00:36:29]	Pesquisador	Eu não sabia que o curso da UFRJ em Física era noturno, não?
[00:36:33]	P4	Era, era só noturno.
[00:36:35]	Pesquisador	Lá no fundão mesmo?
[00:36:36]	Pesquisador	Na ilha?
[00:36:37]	P4	É, lá no fundão.
[00:36:39]	Pesquisador	Aí deve ser extremamente complicado o transporte, né, para você sair dali.
[00:36:43]	P4	Pois é, então, o chato era isso, que às vezes, por exemplo, vamos supor que a aula iria até 10 horas, mas nunca ia até 10 horas, né, sei lá, 9h40, 9h30, o professor já estava liberando, por causa que às vezes também acabam os ônibus, né, também tinha isso.
[00:36:59]	P4	Ah, senão o último ônibus vai passar, eu não posso perder, às vezes tinha que sair mais cedo da aula, então tinha todo esse problema, né.
[00:37:06]	P4	E começava que horas?
[00:37:07]	Pesquisador	18h?
[00:37:09]	P4	É, começava 18h.
[00:37:11]	Pesquisador	Pouco tempo, né?
[00:37:12]	P4	É.
[00:37:14]	Pesquisador	O mesmo problema que a gente tem no ensino técnico à noite, a gente consegue levar, seria teoricamente até 10h40, 10h30, a gente consegue levar no máximo até 10 horas.
[00:37:27]	P4	É.
[00:37:28]	Pesquisador	Cheguei a dar aula também um tempo na Estácio, mesma coisa, o horário é 10h30, mas ninguém fica depois de 10 horas.
[00:37:34]	P4	Ninguém fica.
[00:37:35]	Pesquisador	Essa questão de pesquisa, D., está sendo apontada por muitos estudiosos aí da área da educação como uma possível melhora também na formação dos licenciados, né.
[00:37:49]	Pesquisador	Pesquisa assim, na própria escola, né, os licenciados já começavam a fazer pesquisas nas escolas, se inserir na escola, junto com o professor, né, porque acontece muita pesquisa em que o pesquisador da universidade, ele fala do professor, mas não trabalha junto com o professor.
[00:38:09]	P4	Exato.
[00:38:10]	Pesquisador	Essa pesquisa do licenciado junto com o professor, ela seria produtiva nessa parte.
[00:38:18]	Pesquisador	E sua escola, onde você trabalha hoje, você participa de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo, grupos de troca de experiência docente, fazem grupos para trocar de experiência, tentar um aprender com o outro?
[00:38:38]	P4	É, de uns tempos para cá, né, tem hoje em dia a questão do WhatsApp, né, me inseriram em alguns grupos de Física, né, que tem professores e até professores, assim, de todo o Brasil, né, é um grupo de Física grande, o pessoal vai inserindo os professores quando encontram, assim, e isso me ajudou bastante também, de uns tempos para cá, porque é muito boa essa troca de formações, né, é só professores da área de Física mesmo, que eu não tinha tanto contato, porque as escolas

		que eu trabalhei, né, a escola noturna só tinha eu de professor, quando eu fui para essa outra escola, que é diurna, também não tinham muitos professores de Física, só tinham três, na verdade, comigo quatro, então, quer dizer, realmente, o público, né, os professores de Física, né, tá meio escasso, né, tanto que hoje em dia a gente vê muitos professores no estado de, da área de Matemática, de Química, que pegam, né, as disciplinas de Física, porque essa formação realmente tá escassa, né, quase não tem pessoas que fazem licenciatura de Física para dar aula, né, acaba, às vezes, a pessoa se forma em licenciatura em Física, mas depois faz algum outro curso e não vai para o magistério, né, acaba fazendo outro tipo de trabalho.
[00:39:52]	Pesquisador	Mas na própria escola não tem nada, assim, oficial que tente juntar vocês, né, não necessariamente só professores de Física, né, até todos os professores para troca de ideia, troca de experiência, ó, fiz assim com a turma, deu certo, não deu certo, não tem nada oficial, rola só naquela hora do café.
[00:40:15]	P4	Isso, é isso que eu ia falar, rola mais nessas horas mesmo, porque é só um, só quando a gente tem essa troca, assim, de formação, de conversa, né, informal mesmo, com os outros professores que têm esse tipo de troca, mas agora tipo, algum tipo de reunião, alguma coisinha voltada para isso, não, infelizmente no Estado não teve, não.
[00:40:36]	Pesquisador	Entendi.
[00:40:37]	Pesquisador	Você acha que seria interessante, assim, alguns momentos oficiais de troca, que você pudesse se reunir com professores mais experientes e você também, com tua experiência já de 15 anos, poder contribuir para quem está chegando?
[00:40:52]	P4	Sim, porque pelo menos na minha experiência do Estado, eu vejo que de vez em quando rola um pouco dessa troca nos conselhos de classe, que aí quando vai ter, né, essa reunião dos professores no conselho, que aí começa algum comentário de um professor, o outro professor começa a comentar como que foi a turma, e aí relata algum tipo de experiência.
[00:41:16]	P4	Então, assim, é um momento bom, mas eu acho que o que falta realmente no Estado é um pouquinho de tempo, né, pegar um tipo de tempo para isso.
[00:41:27]	Pesquisador	Essas 16 horas no Estado equivalem a quantos tempos de aula?
[00:41:32]	P4	É, então, eles trocaram há pouco tempo de 16 para 18, né, para complementar a questão do um terço, né, fora de sala de aula.
[00:41:40]	P4	Então, em sala de aula a gente cumpre 12 tempos.
[00:41:45]	Pesquisador	12 tempos.
[00:41:46]	Pesquisador	É a mesma coisa que o 20 horas da Faetec, 12 tempos de aula.
[00:41:50]	Pesquisador	Você só fica com Física ou também pega Matemática?
[00:41:54]	P4	Eu tenho a habilitação de Matemática, mas eu só pego Física mesmo, que é o que eu gosto mesmo.
[00:42:00]	Pesquisador	Você falou, né, da falta de professores de Física.
[00:42:04]	Pesquisador	Sabe o que eu tenho observado aí nessa pesquisa?
[00:42:06]	Pesquisador	Que antes do cara se formar, ele já está dando aula.
[00:42:11]	P4	É, muitas vezes.
[00:42:12]	Pesquisador	Tem colegas de quarto, quinto período, já estão contratados por escolas particulares, né, e às vezes isso acaba por dificultar a formação do cara, porque ele começa a ser atraído por ganhar dinheiro em tempos de aula, né, muito tempo de aula e tal, ganhando um salário considerável, razoável e tal, ele acaba deixando a formação dele de lado, porque está ganhando dinheiro, está pegando mais tempo de aula.
[00:42:41]	Pesquisador	Isso tem sido recorrente, tá?
[00:42:43]	Pesquisador	Bastante pessoas que passam aqui pela pesquisa estão falando a mesma coisa.
[00:42:48]	Pesquisador	Fico impressionado, cara.
[00:42:50]	Pesquisador	Entra na faculdade de Física e do terceiro a quarto período já está sendo contratado pelo mercado para dar aula.
[00:42:56]	P4	Sim, é, porque está com falta, né, então quando surge, né, os alunos dessa área, assim, o pessoal, principalmente da área privada, tenta pegar, né?
[00:43:09]	Pesquisador	Próxima pergunta, D.

[00:43:10]	Pesquisador	Você atua de forma reflexiva, crítica sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua?
[00:43:18]	Pesquisador	Considera que sua formação inicial te forneceu subsídio para trabalhar dessa forma?
[00:43:25]	P4	Sim, eu tento sempre melhorar, né?
[00:43:28]	P4	Até mesmo o bom, ter uma boa relação com os alunos, né?
[00:43:32]	P4	Que às vezes eles apontam, né?
[00:43:34]	P4	Ah, professor, vai mais devagar na matéria, ou, ah, professor, tá tranquilo, dá pra passar mais conteúdo, então essa troca realmente vai fazendo a gente, né, se moldar, né, com os alunos, mas agora a minha formação, né, ter trazido subsídio é só mesmo pelo conteúdo, né, que eu passo para os alunos, né?
[00:44:02]	P4	Pela questão da Física mesmo, agora encarar isso como é, ela deu um up, né, nas salas de aula, a formação não trouxe muita coisa, não.
[00:44:20]	P4	Ok?
[00:44:27]	Pesquisador	Próxima pergunta, pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre academia e escola, ou seja, entre o professor e os pesquisadores da academia, um caminho possível para a melhoria dos processos formativos.
[00:44:43]	Pesquisador	Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[00:44:51]	Pesquisador	Por exemplo, o que eu estou fazendo, né, enquanto pesquisador, com doutorado, é isso, eu estou me aproximando do professor, né, me aproximando de vocês professores, escolhi esse perfil porque acreditei que facilitaria a nossa conversa e, pelo que eu tenho observado, facilita, né, porque se eu pegar um professor que nunca tive contato com ele, de repente ele vai ter receio de conversar comigo, de falar dessas coisas, e pela nossa convivência aí, embora tenha sido há bastante tempo, isso facilita a nossa troca, nosso diálogo, né?
[00:45:32]	P4	Sim, com certeza.
[00:45:34]	Pesquisador	Já se conhece, então, o que eu estou fazendo, na verdade, é isso, uma aproximação, né, também respaldada por conta de pesquisas, que apontam isso como uma melhoria possível para os processos formativos.
[00:45:48]	Pesquisador	Aí, eu estou querendo levantar a sua opinião, você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[00:45:55]	P4	Sim, com certeza, porque, até mesmo pensando na minha sala de aula, né, quando eu tenho algum tipo de troca, porque até está difícil, né, vamos dizer assim, esse tipo de troca, porque basicamente eu estou lá na frente, passando os conteúdos, e poucos alunos interagem, né, e quando tem essa troca, né, quando alguns interagem, e às vezes eu fico em cima, né, tentando estigar eles para interagirem, para ter uma troca, mesmo aqueles que não gostam, não querem aprender a disciplina, então, realmente, eu vejo que quando tem essa troca, né, entre, no caso, como você está falando, pesquisador, né, o professor, realmente isso há uma melhoria, tanto para o pesquisador, né, e, no caso, para o professor também, né, então acho que essa troca tem que ter sim.
[00:46:47]	Pesquisador	Interessante.
[00:46:49]	Pesquisador	A gente tenta, eu estou tentando fazer isso, né, chegar na realidade da ponta da sala de aula, que a gente já está nessa sala há muito tempo, vocês já sabem que tem muita coisa que você tem a contribuir, né, por essa experiência, para tentar melhorar os processos formativos, para não ocorrer aquele impacto inicial, ou pelo menos que ele não seja tão drástico, né, como acontece.
[00:47:14]	Pesquisador	Muitos, você falou, muita gente chegou lá, fez a licenciatura e não conseguiu trabalhar como professor.
[00:47:22]	Pesquisador	Muitas vezes ele foi limado logo naquele impacto inicial.
[00:47:26]	P4	Sim, com certeza.
[00:47:27]	P4	Dependendo da situação que ele encontrou, falta de recurso, falta de apoio.
[00:47:32]	P4	Existe às vezes naquele impacto inicial.
[00:47:36]	Pesquisador	Também tive esse impacto inicial, e talvez até maior do que o de vocês, porque eu não vim de uma licenciatura, eu vim de uma Engenharia.
[00:47:44]	P4	É, verdade.
[00:47:46]	Pesquisador	Engenharia e, ó, vai lá, vai dar aula lá e tal.

[00:47:49]	Pesquisador	Não tive nenhum tipo de formação pedagógica.
[00:47:53]	Pesquisador	Eu fui fazer a complementação pedagógica depois que eu já estava concursado e trabalhando na FAETEC, como exigência do Conselho Estadual de Educação.
[00:48:03]	Pesquisador	Julgo que foi mais um curso proforma, e pouco contribuiu também.
[00:48:08]	Pesquisador	Aprendi mais na prática.
[00:48:10]	P4	É verdade.
[00:48:18]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação dos seus alunos?
[00:48:22]	Pesquisador	O que você mais valoriza em sala de aula?
[00:48:28]	P4	Olha, hoje em dia, a gente pega uma abordagem até geral, né, que eu falo assim, eu tento preparar eles, que eu falo pra eles, né, pra vida, né, o que que eles vão encarar.
[00:48:40]	P4	Eu falo assim, aqui dentro da sala de aula, as coisas são tranquilas.
[00:48:45]	P4	O problema é quando você vai terminar o ensino médio.
[00:48:48]	P4	Né, que vai encarar a vida real lá fora, né.
[00:48:51]	P4	Então, assim, eu tento dar algum tipo de base pra eles, né, não só dentro da disciplina, né, mas, às vezes, algum tipo de comentário, de experiência, né, que eu tive, de vida, coisas que eles podem vivenciar.
[00:49:06]	P4	Então, eu acho que isso é muito importante pra eles pensarem nessa forma, né, tipo, eles tentarem abrir a cabeça, vendo que o mundo não é só aprender Física, Química, Biologia, Matemática, né.
[00:49:20]	P4	Então, é muito mais coisa do que isso.
[00:49:25]	P4	Entendi.
[00:49:27]	Pesquisador	E isso é uma formação ampla, né, não fica só preso a conteúdo físico, né.
[00:49:33]	P4	Sim.
[00:49:34]	P4	Eu tento sempre puxar, falar com as coisas do dia a dia.
[00:49:38]	P4	Por exemplo, eu já tive certos embates dentro da sala de aula, por exemplo, que às vezes o aluno, eu vou repreender um aluno, aí o aluno vira e fala, ah, tá bom, professor, vai lá, vai lá, dá tua aula de Física aí, não sei o quê.
[00:49:52]	P4	Tipo, mas eles não querem ouvir um sermão, né, não querem ouvir alguma coisa que você tem pra falar com eles, eles acham que a gente tá ali só pra dar disciplina e pronto, né, que você não é um ser humano como ele, né.
[00:50:06]	P4	Aí eu viro pra eles e falo, não, eu não tô aqui só pra dar aula de Física, né, eu tô aqui pra tentar fazer você uma pessoa melhor, o que eu puder passar de experiência pra vocês, eu vou passar, né, como pessoa, então a gente tá aqui porque eu, pelo menos eu, quero o melhor pra vocês.
[00:50:30]	Pesquisador	Considerando seu curso de licenciatura, você considera que esta formação inicial te forneceu subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente?
[00:50:41]	Pesquisador	Descreva sobre elogios e críticas à sua formação.
[00:50:48]	P4	É, como a gente estava comentando agora há pouco que os professores, principalmente dessa nossa área de Física, eu lembro que tinha professores que falavam assim, lá na universidade, falavam assim, ué, mas você trabalha, você faz outra coisa além de estudar?
[00:51:05]	P4	Não, então você não vai passar na minha matéria.
[00:51:09]	P4	Entendeu?
[00:51:09]	P4	Então, infelizmente, né, tem certos professores acadêmicos que têm essa visão, né, dos alunos, e, realmente, esse tipo de professor você já olha assim e fala, que esse cara não vai me complementar, né, olhando assim, né, diretamente?
[00:51:27]	P4	Realmente, o que ele vai complementar é só com conteúdo, só a parte teórica, porque de incentivo, falando sobre a sala de aula, não.
[00:51:36]	P4	Isso, infelizmente, está faltando bastante dentro da licenciatura.
[00:51:42]	Pesquisador	Eu escutei muito isso, D., porque eu fiz toda a Engenharia trabalhando, estudando na UERJ e trabalhando.
[00:51:53]	Pesquisador	Eu escutava assim, ó, aqui não existem dois cursos, para quem não trabalha e para quem trabalha.
[00:51:59]	Pesquisador	Aqui o curso é para quem não trabalha.
[00:52:02]	P4	Muita sacanagem, né?
[00:52:04]	Pesquisador	Estimulante, né?

[00:52:06]	Pesquisador	Situações assim, humilhantes até humilhantes.
[00:52:10]	Pesquisador	Quando chegava numa aula, o cara ir lá numa aula prática, ele chegava assim, ah, você chegou agora, o pessoal já montou a experiência, aí puxar os plugues todos assim da bancada e jogar tudo no chão.
[00:52:23]	Pesquisador	Aí ele falava, você vai montar sozinho.
[00:52:27]	Pesquisador	Aí eu, calma, fui lá no chão, catei os plugues, era uma aula de máquinas elétricas, coisa que eu dominava, comando elétrico.
[00:52:35]	Pesquisador	Aí eu fui lá com a maior paciência, catei tudo no chão, fui lá, remontei tudo, coloquei para funcionar e tal, aí chamei ele e tal, aí ele, ah, porque não pode pegar montado, eu falei, não, tudo bem, você tem todo o direito de me pedir para montar de novo, você não tem necessidade de jogar o cabo no chão.
[00:52:54]	Pesquisador	Até da maneira como você desmontou danifica o material.
[00:52:59]	Pesquisador	Você fala assim, dá licença, chega ali fora um instantinho que eu vou desmontar para você montar de novo.
[00:53:04]	Pesquisador	Aí eu dei uma lição de moral nele.
[00:53:06]	Pesquisador	Você fala assim, olha, chega ali fora, lá no Senai, o meu instrutor fazia isso comigo, vai lá fora que eu vou desmontar para você montar de novo, ou vai lá fora que eu vou plantar um defeito para você achar.
[00:53:19]	Pesquisador	Aí eu dei uma lição de moral nele, só pede para me retirar, só desmonta, bota o cabo aqui em cima da bancada, não tem necessidade de jogar no chão para eu pegar.
[00:53:27]	P4	Exato.
[00:53:29]	Pesquisador	Mas passei por isso aí algumas vezes.
[00:53:32]	P4	Infelizmente, esses comportamentos que acabam às vezes até fazendo a pessoa mudar o curso.
[00:53:39]	P4	Aí se fala assim hoje, na universidade pública principalmente, a evasão de, sei lá, na Física deve ser 70%, 80%, na Engenharia 50% ou mais, pública.
[00:53:57]	Pesquisador	Aí se fala de evasão.
[00:54:00]	Pesquisador	Sinceramente, são baldes de água fria que nem todo mundo tem estrutura psicológica para suportar.
[00:54:08]	P4	Não é todo mundo que aguenta, não.
[00:54:13]	Pesquisador	Considerando tua formação inicial, ela te forneceu o subsídio para você exercer a docência no atual contexto social?
[00:54:21]	Pesquisador	Ou seja, observando as questões de etnia, gênero, raça e diversidade?
[00:54:28]	P4	Não.
[00:54:29]	P4	Com certeza não.
[00:54:32]	Pesquisador	Você está vivendo essa realidade?
[00:54:35]	P4	Já, direto.
[00:54:37]	P4	Está tudo, totalmente já, essa realidade.
[00:54:40]	P4	Então, normalmente já tem algum aluno com algum nome social, já chega na sala de aula, já fala assim, ah, professor, não me chama na chamada pelo nome, não, tá?
[00:54:51]	P4	Meu nome vai ser esse aqui, já me dá o nome para eu anotar no diário, né?
[00:54:56]	P4	Então, essa realidade já está incorporada praticamente em todas as turmas, né?
[00:55:03]	P4	De algum tempo para cá.
[00:55:05]	Pesquisador	JK já chegou a isso, mas não em eletrotécnica ainda.
[00:55:09]	Pesquisador	Que eu tenho vivenciado muito hoje, são alunos com necessidades especiais, né?
[00:55:17]	P4	É, aumentou muito também no estado.
[00:55:19]	Pesquisador	Em torno do aspecto autista, TDAH, etc.
[00:55:24]	P4	Sim.
[00:55:24]	Pesquisador	E eu estou fazendo, assim, uma pesquisa, aumentou muito depois da pandemia, você constata isso também?
[00:55:32]	Pesquisador	Pós pandemia...
[00:55:34]	P4	É, aumentou bastante, sim.
[00:55:36]	Pesquisador	Eu tinha alguns alunos, assim, antes da pandemia, um aluno em eletro, dois, no máximo.
[00:55:42]	Pesquisador	Hoje eu tenho um, dois por turma.
[00:55:45]	Pesquisador	Déficit de atenção, autista...
[00:55:51]	P4	Às vezes não tem laudo, né?

[00:55:54]	P4	Mas aí quando chega o conselho de classe, essas coisas assim, os professores comentam, né, sobre os alunos, a gente fala, poxa, mas tem um aluno tal que tem um diferencial, será que não tem algum laudo, né?
[00:56:08]	P4	Aí quando a gente vai pegar na coordenação, não tem nada da família, né?
[00:56:11]	P4	Nenhum...
[00:56:12]	P4	A família não trouxe nenhum histórico dele.
[00:56:15]	P4	Mas a gente nota, né, pela nossa experiência na sala de aula, que fala assim, poxa, mas esse aluno tem que ser visto de uma maneira diferente, tem que ver as formas de abordar...
[00:56:27]	P4	Realmente, de alguns anos pra cá, principalmente depois da pandemia, aumentou demais.
[00:56:33]	Pesquisador	Eu questiono essa questão de não ter laudo, porque às vezes a família fala lá, numa reunião de pais, no começo do primeiro ano, mas não traz laudo, aí se apega a falas, né?
[00:56:44]	Pesquisador	Ou então a gente identifica, como você falou, a gente fica assim, meio sem saber o que fazer, eu me sinto sem saber o que fazer, sem saber como trabalhar.
[00:56:53]	Pesquisador	Ontem chegou aqui no grupo do ZAP, lá dos professores do JK, na verdade, uma apresentação em PowerPoint lá da FAETEC, criando a UNIFAETEC, que vai ministrar cursos para os professores.
[00:57:08]	Pesquisador	Eu estava olhando lá, um dos cursos que eles estão programando, como lidar com esses alunos com transtorno de aspecto autista, TDAH, e tal.
[00:57:19]	Pesquisador	Achei interessante, porque eles passam a bola para você, mas você não sabe como é que eu vou lidar com um aluno assim.
[00:57:26]	P4	Exato.
[00:57:27]	Pesquisador	Num curso de eletrotécnica, onde eu atuo muito na parte de laboratório, prática, como lidar com um aluno lá, fazendo uma montagem, onde ele pode, né, levar um choque?
[00:57:39]	Pesquisador	Eu tenho receio de trabalhar.
[00:57:42]	P4	Com certeza, essa parte prática, né, você trabalha principalmente, porque, por exemplo, ano passado, eu tive a experiência de um aluno autista, que estava lá, dando a minha aula, e, às vezes, ele se levantava e começava a correr pela sala, né, e aí, como é que você vai abordar?
[00:58:00]	P4	Às vezes, ele levava um notebook, mas aí a direção da escola já falava assim, não, se ele pegar o notebook, pode deixar, deixa ele usar.
[00:58:09]	P4	Quer dizer, ele ficava lá mexendo nas coisas dele, no mundinho dele, né, mas aí eu tento ver por outro lado, né, de repente, ele não está ali só com a questão de aprender aquela matéria, mas a questão de socializar, né, ver o lado social dele.
[00:58:30]	Pesquisador	Então, na faculdade, você não teve, nem se tocou no assunto, né, há 15 anos atrás?
[00:58:36]	P4	É, principalmente naquela época, então, mas não sei como é que estaria hoje em dia, né, em relação a isso, mas a faculdade, realmente, a nossa formação, né, pensando no ensino, na parte prática do professor na sala de aula, está um pouco precária, sim.
[00:58:58]	P4	Apesar de ter as matérias pedagógicas, ainda, pelo menos na minha época, era focado muito na teoria, né, e menos na prática.
[00:59:08]	Pesquisador	Entendi.
[00:59:09]	Pesquisador	A última pergunta, D., é a cereja do bolo, na verdade, né, diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudança nos cursos de licenciatura, com vistas a oportunizar melhores condições de formação em licenciando, tornando essa formação mais próxima da realidade assim encontrada pelos professores novatos em sala de aula.
[00:59:32]	Pesquisador	Você concorda com essa afirmação?
[00:59:35]	Pesquisador	Caso concorde, quais propostas de mudança você apontaria como necessárias aos cursos de licenciatura, a fim de tornar essa formação inicial dos professores mais próxima da realidade encontrada pelos novatos em sala de aula?
[00:59:51]	Pesquisador	Muito grande a pergunta, né?
[00:59:52]	P4	Deixa-me resumir para você.
[00:59:54]	Pesquisador	Você concorda que tem que ter mudança?
[00:59:58]	P4	Sim.
[00:59:58]	Pesquisador	Desculpa, você concorda que tem que ter mudança?

[01:00:02]	P4	Sim, concordo, porque, né, de acordo com tudo que a gente falou aqui hoje, a gente consegue ver que os cursos, né, pelo menos o curso que eu fiz de licenciatura, como eu falei, é muito mais teórico do que voltado para a prática, né?
[01:00:17]	P4	Mesmo sendo, tendo essa diferenciação de bacharel e licenciatura, né, a gente sente que os professores que dão curso de licenciatura, né, sejam de área de cálculo, da área de Física mesmo, eles realmente estão ali só para a parte teórica, para te passar o conteúdo, né, no geral, né, não generalizando realmente todos, mas a grande maioria é assim, né, pelo que eu vivi.
[01:00:46]	P4	E, quando a gente entra na sala de aula, que a gente encara outra realidade, né, seja sala de aula de município, estado ou graduação, eu acredito que a gente tem que ter uma visão diferente, né, pelo menos eu, com meus alunos no ensino médio, eu tento ter essa visão que eu estou tentando preparar eles, né, para o mundo, né, para ser, né, a gente ter um mercado de trabalho, né, porque, senão, o que eles vão ser do futuro, o que a gente vai ter do nosso futuro, né, e acho que o pessoal da graduação que fazem os cursos de bacharel e licenciatura também, né, os nossos professores deveriam pensar um pouco mais nisso do que pensar no, somente no conteúdo, né, porque conteúdo por conteúdo, né, nós que agora temos nosso tempo de magistério, a gente percebe que o conteúdo, dependendo, não vai fazer muita diferença, de repente vai passar um ano o cara vai esquecer aquele conteúdo, né, a gente entende que se o cara realmente não quiser, ele não vai manter aquele conteúdo na cabeça, ele vai, que a gente fala, só estudar para passar, né, estudou, passou, acabou, mas agora visando a formação de professores, eu creio que sim, deva ter que ter uma mudança nesses cursos, principalmente acho que da área pedagógica, pelo menos a área pedagógica que eu tive era muito focada também em teoria, sabe, não se focava tanto em prática na sala de aula.
[01:02:21]	Pesquisador	Você teria, assim, alguma coisa de mais concreto para propor, assim, o que que você, se você tivesse autonomia para mudar lá na licenciatura da UFRJ, o que que você proporia, assim, essa parte mais prática das disciplinas pedagógicas, assim, na tua cabeça seria fazer o quê?
[01:02:48]	P4	É, por exemplo, eu lembro que tinha a disciplina de estágio, né, a gente cumpriu o estágio na escola, porém, na sala de aula, a gente só tinha que apresentar relatórios, né, para ganhar nota.
[01:03:04]	P4	Então, assim, essa disciplina, de repente, se em vez de apresentar relatórios, a gente tivesse que dar tipo uma prova de aula, né, uma coisa assim, tipo um treinamento, né, como se fosse passar um conteúdo para os próprios alunos da graduação, né, mas como se fossem alunos do, seja do ensino fundamental, ensino médio, não importa, né, preparar uma aula, né, para dar, né, mas nem isso tive, sabe, na parte de estágio, eu lembro que era aula na sexta-feira, aí, quer dizer, eu cumpri o estágio, tinha que fazer o relatório, aí chegava lá, fazia um, uma coisinha em grupo lá, um trabalho em grupo, e só isso, tipo, aí, o que que isso estaria me ajudando, né, na minha formação como professor?
[01:03:51]	P4	Para mim, nada, só a parte prática, mas agora, se tivesse alguma coisa realmente, né, algumas disciplinas na graduação, focada para isso, né, que preparasse, que incentivasse, né, e dependendo se o estágio, né, fosse, porque, assim, pelo menos o estágio que eu tive, eu não precisei dar aula, eu só precisava chegar lá e assistir a aula.
[01:04:16]	Pesquisador	Só observar, né?
[01:04:18]	P4	Só observar, é.
[01:04:19]	P4	O estágio de observação.
[01:04:21]	P4	Exato.
[01:04:21]	Pesquisador	E o momento que você foi colocada à prova para ver se você realmente tinha o que se chama de conhecimento pedagógico do conteúdo, né?
[01:04:29]	Pesquisador	Uma coisa é você conhecer o conteúdo.
[01:04:32]	Pesquisador	Eu até digo que o conteúdo você hoje, vai lá no livro, hoje é mais fácil ainda na internet.
[01:04:38]	Pesquisador	Exatamente. Você
[01:04:39]	Pesquisador	Você relembra, você estuda, né, sozinho e consegue dominar o conteúdo sozinho.

[01:04:46]	Pesquisador	Agora, a prática docente, o domínio de turma, né, saber passar aquele conteúdo de uma forma, né, pedagógica, né, que é mais complicado, né?
[01:04:58]	P4	É.
[01:04:59]	P4	E poderiam dar alguns tipos de estímulo, né, até fingindo como se fosse uma sala de aula, né, de verdade, né, tipo assim, conversar, falar assim, ah, você hoje vai fazer zona, você hoje vai ficar conversando, né, até tentar tirar o professor do sério, então, tentar práticas que acontecem, né, no nosso cotidiano, só que a gente tem que encarar isso direto na prática, né?
[01:05:26]	Pesquisador	Isso é interessante, né, na era que nós estamos da simulação, né, hoje tem simulador pra tudo, simulador de sala, né, o cara tocando o rebú lá e você tendo que manter a concentração, que é difícil, né, você se apegar lá ao conteúdo que você está passando, a maneira como você está passando, o rebú ali pra você não errar no cálculo e tal, e ao mesmo tempo está a garotada lá conversando, brincando e tal.
[01:05:57]	P4	É, porque às vezes você está tentando passar o conteúdo e você vê que a maioria da turma não está nem aí pra você, como se você nem existisse ali na frente.
[01:06:08]	Pesquisador	Às vezes eu estou aplicando prova e eu começo a falar alguma coisa e o outro fala assim, pô, pera aí, professor, não fala agora não, que o senhor está atrapalhando aqui.
[01:06:15]	Pesquisador	Falei, ah, pô, que engraçado, né, eu trabalho o ano todinho e tenho que me concentrar e vocês me atrapalham, agora está atrapalhando vocês?
[01:06:27]	Pesquisador	Aí para vocês verem como é que o barulho atrapalha na hora que você precisa parar para pensar e tal, responder uma pergunta, às vezes é um cálculo que você está fazendo que não está dando certo, o cara está fazendo barulho, está chamando atenção, isso tem que ser total flex.
[01:06:44]	P4	É, hoje em dia, é aquele se vira nos 30, né?
[01:06:48]	Pesquisador	Se vira nos 30, eu também costumo usar essa expressão.
[01:06:53]	Pesquisador	Então, D., você quer acrescentar mais alguma coisa aí, falar mais alguma coisa fora dessas perguntas que eu te fiz aí, nessa entrevista semiestruturada?
[01:07:06]	Pesquisador	Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?
[01:07:09]	P4	Ah, acho que no geral é mais esse ponto mesmo, essa pegada do seu estudo, né, que isso é muito importante, né, não ficar realmente, né, só na teoria, mas a gente tentar conseguir levar isso à frente, né, pra que principalmente a graduação, os professores da graduação, tentem, claro, eles têm que seguir com rigor, sim, né, é uma coisa, tá formando ali, né, as pessoas pra trabalharem, porém, como a gente encarou, né, na nossa vida, a gente passou por certas situações que eles têm que saber lidar com o lado do ser humano, né, também, né, e hoje em dia, principalmente, a gente vê cada vez mais essa fase, né, então, o curso de licenciatura no geral, né, independente da disciplina, eu creio que precisa, sim, de uma mudança, né, porque a formação tem ficado muito na teoria, né, então, se buscar essa mudança pra prática, né, claro que mudar, eu falo às vezes com os alunos, né, quando eles têm que, às vezes, estudar algumas coisas assim, eu falo, tenta mudar o horário que você estuda, né, tenta mudar a maneira como você estuda, estuda pela internet, então tenta mudar, faz um, chama os amigos, estuda, né, em grupo, ou estuda sozinho, bota música pra ouvir, então, assim, a gente tem que mudar às vezes pra ver se dá certo, né, então, e às vezes a gente não quer essa mudança, né, porque às vezes mudar é difícil, né, fica com receio, mas é atrativo, né.
[01:08:46]	Pesquisador	A característica do ser humano é não querer sair da zona de conforto, né.
[01:08:50]	P4	Exato.
[01:08:52]	Pesquisador	Isso também é apontado na... isso também é apontado em pesquisa, o cara tem receio de sair da zona de conforto dele, domina aquele conteúdo, ele acha que aquilo é o top do top, né, cada um acha a sua disciplina, o seu mundinho, o mais importante, né, dentro do curso técnico eu tinha professores assim, né, minha matéria é a mais importante, e tal, no curso integrado existe até um conflito entre médio e técnico.

[01:09:27]	Pesquisador	Técnico se acha mais importante, médio se acha mais importante, e eu até assumo que entrei no magistério técnico com essa ideia, né.
[01:09:37]	Pesquisador	Hoje tenho uma concepção totalmente diferente, né, alinhando aí com o que você falou da formação holística do cara, né.
[01:09:46]	P4	Exato.
[01:09:47]	P4	Formar como ser humano ele precisa ter aula de português, de Matemática, de História, de Geografia, de Filosofia, né.
[01:09:55]	Pesquisador	Quanto mais matéria ele tiver ali, quanto mais conteúdo for passado para ele, melhor.
[01:10:00]	P4	E é engraçado você falar dessas disciplinas que a gente ouve muito, né, você com certeza ouve também isso, que às vezes o aluno chega para você e pergunta assim, ah, professor, para que que eu tenho que estudar isso, né?
[01:10:12]	P4	Por que que eu tenho que estudar essa matéria?
[01:10:14]	P4	Aí eu falo, cara, não precisa você realmente seguir a fundo, né, prender à risca isso daqui, porém, a gente tem uma abrangência, né, um pouquinho de cada matéria para a sua vivência, né.
[01:10:27]	P4	Então, é para te passar algum conhecimento que vai te levar a você ver um pouquinho de cada coisa na sua vida e aí depois você escolher o que você quer seguir.
[01:10:37]	P4	Né?
[01:10:38]	P4	Às vezes eles perguntam, ah, para que que eu tenho que estudar Física?
[01:10:41]	P4	Para que que eu tenho que estudar Química?
[01:10:43]	P4	Então, que às vezes o cara já fala assim, ah, mas eu não vou seguir isso, não vou ser nada disso na minha vida.
[01:10:49]	P4	Eu falo, mesmo que não vá seguir, mas ter algum conhecimento, né, para a vida.
[01:10:54]	Pesquisador	Eu fiz um fórum recentemente, você não é da época do fórum ainda, você terminou no JK em que ano?
[01:11:02]	P4	2001.
[01:11:03]	Pesquisador	2001, você não é da época do fórum, mas de 2004 para cá, a gente, uma vez por ano, pega um dia inteiro, uma quarta-feira de setembro, normalmente, aí traz palestrantes externos, né.
[01:11:17]	Pesquisador	E, no começo, eu trazia palestrantes de temas diferentes, dentro de eletrotécnica, mas de assuntos diferentes, palestrantes quaisquer.
[01:11:25]	Pesquisador	Hoje em dia, eu já consigo trazer, eu já consigo focar num tema e trazer só ex-aluno de eletro para palestrar.
[01:11:35]	Pesquisador	É mais interessante.
[01:11:37]	Pesquisador	Aí, um dos temas que eu que eu realizei, que eu propus lá e realizamos, foi eletro não deu certo, eletro JK, e aí, não deu certo.
[01:11:49]	Pesquisador	Aí, o que eu fiz?
[01:11:49]	Pesquisador	Trouxe quatro palestrantes que fizeram eletrotécnica e seguiram em carreiras, nada a ver.
[01:11:55]	Pesquisador	Trouxe médico, trouxe um oficial da PM, um advogado, um arquiteto.
[01:12:00]	Pesquisador	Aí, eles falando que, embora não tivessem se alinhado muito com o curso, que o curso foi importante para a vida deles.
[01:12:08]	Pesquisador	Aí, dei essa visão para os meninos de que, do que você falou, não gostam e tal, tudo bem, mas serve como base para você galgar outras coisas.
[01:12:18]	Pesquisador	Às vezes, eu falo para eles assim, o curso de eletrotécnica serve para você ir trabalhar e pagar um curso que você queira.
[01:12:25]	Pesquisador	Outra faculdade, um curso, algo que não tem nada a ver com eletro, mas ele vai servir de base para você.
[01:12:32]	Pesquisador	Um dos anos aí, foi eletro, não gostei.
[01:12:36]	Pesquisador	E aí, o que eu faço?
[01:12:38]	Pesquisador	Não gostou, ou chupo o limão ou faço uma limonada.
[01:12:41]	Pesquisador	Aí, já levei só mulheres JK, eletro JK, só meninas para palestrar, para mostrar para as meninas que estão no curso, que tem área para elas.
[01:12:53]	Pesquisador	Já fiz de microempreendedores, de mestres e doutores, ex-alunos lá do JK, de eletro, que hoje já são mestres e doutores, professor, doutor da UERJ, de instalações elétricas.
[01:13:08]	Pesquisador	Interessante.
[01:13:09]	Pesquisador	Aí, foco no ano, eu falo de transmissão, outra distribuição, energia solar.

[01:13:17]	Pesquisador	No ano passado, vou lembrar qual foi do ano passado, ano passado foi da Light, eletro JK na Light, o ano retrasado.
[01:13:26]	Pesquisador	Esse ano, eles querem fazer de novo assim, misturado, trazer várias opções de carreira.
[01:13:33]	Pesquisador	Aí, já convidei um militar, um cara que trabalha com energia solar, dois garotos que trabalham com projetos de linha de transmissão, e uma menina que trabalha com manutenção de elevadores.
[01:13:43]	Pesquisador	Tem quatro pessoas convidadas aí, para palestrar.
[01:13:47]	P4	Legal.
[01:13:49]	Pesquisador	Aí, foi a turma que saiu em 2004, que fez o primeiro fórum.
[01:13:54]	Pesquisador	De lá para cá, tirando os dois anos de pandemia, 2021, que não teve, nós já vamos para o 18º ou 19º fórum.
[01:14:02]	P4	Nossa, que maneiro.
[01:14:04]	P4	Muito bom isso.
[01:14:07]	Pesquisador	Então, D., agradeço aí a tua participação, muito interessante, muito bom ver vocês assim, depois de tantos anos, 2001 para 2020, depois de tantos anos, depois de 22 anos.
[01:14:24]	Pesquisador	Agradeço aí a tua participação, muito importante aqui para a minha pesquisa, espero conseguir concluir isso, porque é um desafio para mim, muito trabalho.
[01:14:35]	P4	É, muita coisa.
[01:14:36]	Pesquisador	Eu já terminei as disciplinas obrigatórias, e no momento eu estou colhendo essas informações para poder escrever a tese.
[01:14:45]	P4	Ah, show.
[01:14:46]	Pesquisador	Estou fazendo agora, estou fazendo dois anos agora em setembro, ainda tenho mais dois anos aí pela frente de prazo.
[01:14:53]	Pesquisador	Acho que vai dar para fechar.
[01:14:55]	P4	Ah, dá sim, dá sim.
[01:14:56]	P4	Vai dar tudo certo, professor.
[01:14:58]	Pesquisador	Então, vou parar a gravação aqui, tá?
[01:15:00]	Pesquisador	Valeu, obrigado.
[01:15:02]	Pesquisador	A gente pode até continuar a conversar, deixa eu só encerrar a gravação.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P5

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:02]	Pesquisador	Então, esse material vai servir como fonte da minha pesquisa de doutorado.
[00:00:10]	Pesquisador	Então, G., para a gente iniciar, qual o seu nome e sua idade?
[00:00:15]	P5	Bom, meu nome é G. Z., eu tenho 33 anos, sou formado em eletrotécnica, no curso subsequente, que seria um curso, só o curso técnico, ele não é integrado ao ensino médio, seria destinado às pessoas que já finalizaram o ensino médio, em busca de entrar no mercado de trabalho, tenham essa opção do curso técnico apenas.
[00:00:47]	Pesquisador	Qual curso de graduação você realizou, em qual instituição esse curso foi realizado e o ano que você concluiu?
[00:00:57]	P5	Então, eu fiz licenciatura em Matemática na Universidade Unigranrio, em Duque de Caxias.
[00:01:08]	P5	Ah, eu finalizei...
[00:01:10]	P5	Ai caramba...
[00:01:13]	Pesquisador	Mais ou menos, não precisa ser preciso.
[00:01:20]	P5	Em 2015, final de 2015.
[00:01:23]	P5	Legal.
[00:01:25]	Pesquisador	E há quantos anos você atua como professor?
[00:01:29]	P5	Há mais de cinco anos.
[00:01:33]	P5	Porque a entrada, a minha mudança, assim, eu trabalhava na área como técnico e quando eu comecei a faculdade de Matemática, eu trabalhava como técnico de manhã, e à tarde e à noite eu estudava.
[00:01:56]	P5	Então era uma rotina bem exaustiva, assim, do brasileiro, né, que quer correr atrás de um sonho e tem que estudar à noite, trabalhar e conjugar essa vida, né, que é uma rotina bem puxado.
[00:02:14]	Pesquisador	Muito puxado.

[00:02:15]	Pesquisador	Eu tenho essa experiência também, de ter trabalhado manhã e tarde, estudado Engenharia à noite, e ter dificuldade de trabalhar.
[00:02:23]	P5	Eu me recordo de ter vezes que eu ia para a faculdade literalmente de botina, sabe, com o uniforme da empresa. E
[00:02:37]	P5	E assim, por mais que seja uma universidade particular que convenhamos para um curso de licenciatura, não é lá um curso procurado por pessoas com poderes aquisitivos, mas tu chegavas na sala de aula, as pessoas arrumadinhas, limpinhas, com banho tomado e tal, e você sente lá, pô, saindo da empresa como técnico, tudo bem e tal, mas, poxa, com cheiro, assim, a rotina pesada do trabalho de um dia.
[00:03:17]	P5	Era bem cansativo, difícil.
[00:03:19]	Pesquisador	Você imagina passar por isso na UERJ, onde o público é mais seleto ainda?
[00:03:25]	P5	Aham!
[00:03:26]	P5	É difícil.
[00:03:27]	Pesquisador	O curso é integral, você sai assim no meio do horário de trabalho, na mesma condição que você falou, muitas vezes uniforme, bolsa de ferramenta nas costas.
[00:03:39]	Pesquisador	Mas tudo que é mais difícil é melhor pra gente alcançar.
[00:03:44]	P5	Eu lembro de um episódio de voltando pra casa, acho que da zona sul, com uma mala, literalmente aquela mala de ferramentas, aquela de ferro, com as ferramentas, nossa, era complicado.
[00:04:02]	P5	Era um período difícil, assim.
[00:04:05]	P5	Mas eu fui feliz, assim, como técnico, assim, tinha muitas coisas que eu gostava.
[00:04:14]	P5	Lembro que esse processo, assim, na prática, trabalhando, eu desenvolvi bem.
[00:04:20]	P5	Era um bom profissional.
[00:04:24]	Pesquisador	Depois dessa...
[00:04:25]	Pesquisador	Pode falar.
[00:04:27]	P5	Não, por favor.
[00:04:29]	Pesquisador	Depois dessa graduação, você já realizou algum curso de pós-graduação, lato sensu, fez mestrado, doutorado?
[00:04:39]	P5	Eu já ingressei em cursos de pós-graduação, mestrado, sendo que eu acabei não finalizando.
[00:04:49]	P5	Cheguei a começar o PROFMAT, que é um mestrado da UERJ, pós-graduação no Pedro II, eu fiz uma pós-graduação online, mas é só para critério de título mesmo.
[00:05:07]	Pesquisador	Foi onde você fez essa pós online?
[00:05:11]	P5	Ah, eu não me recordo, mas se você vier me perguntar depois, eu lhe formo.
[00:05:21]	Pesquisador	Depois você coloca pra mim lá no zap e o ano de conclusão dela.
[00:05:25]	Pesquisador	A instituição e o ano de conclusão.
[00:05:28]	P5	Tá bom.
[00:05:30]	Pesquisador	Considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica, como você já citou aí com a gente, por que você optou pela licenciatura?
[00:05:39]	P5	Então, engraçado que eu tinha um objetivo, né?
[00:05:45]	P5	Como era um...
[00:05:48]	P5	Trabalhava como técnico, eu pensava, olha, eu vou fazer licenciatura em Matemática, eu vou eliminar as disciplinas de Matemática do curso de Engenharia.
[00:06:04]	P5	Eu estava mirando entre engenharia elétrica e engenharia de automação industrial, que era assim, era a minha predileção.
[00:06:16]	P5	Então, calhou que eu gostei do curso de licenciatura, sim.
[00:06:24]	P5	Ao mesmo tempo, eu olhava o cenário do Brasil, acho que na época, em 2015, a gente tinha passado pelo governo Dilma, Temer, não, governo Dilma.
[00:06:37]	P5	E eu olhava o cenário assim, que depois das Olimpíadas, eu acho que a tendência era de queda, era o mercado de trabalho esfriar.
[00:06:49]	Pesquisador	Em 2015 acontece esse escândalo da Petrobras e a indústria brasileira vai pro ralo.

[00:06:56]	P5	Isso, assim, infelizmente, quando a gente tem uma perspectiva boa, o mercado de trabalho aquecido, a gente tinha um sonho, como eu tinha um sonho de ser técnico da Petrobras como uma galera tinha, querendo ou não, estabilidade, um bom salário.
[00:07:28]	P5	Eu via esse cenário definhando com o tempo.
[00:07:33]	P5	Mas, graças a Deus, eu calhei de gostar da licenciatura.
[00:07:39]	P5	É claro que eu tenho minhas críticas, mas...
[00:07:47]	Pesquisador	Essas críticas vão ser importantes você falar mais à frente aqui um pouquinho.
[00:07:52]	Pesquisador	E por que mais especificamente a Matemática?
[00:07:58]	P5	Então, eu lembro que tinha um professor Júlio, ele falou, assim, é gente boa, né?
[00:08:09]	P5	Ele falou muitas coisas assim, mas eu lembro que, sofrido a questão do acidente, eu era um adolescente que gostava muito de farrear e tal, e aquilo ali me deu uma pausa, assim.
[00:08:25]	P5	Aí ele comentou de livros de Matemática.
[00:08:30]	P5	Ele falou, pô, tem essa coleção aqui que é Fundamentos da Matemática Elementar.
[00:08:36]	P5	Pô, e tinha um PDF desses livros.
[00:08:39]	P5	Aí eu lembro que eu comecei a estudar esses livros, cara.
[00:08:45]	P5	Assim.
[00:08:46]	P5	Aí eu lembro que eu fiquei um período sem sair de casa, eu tipo, eu me vi cada vez mais apaixonado naquilo.
[00:08:56]	P5	E casava, porque no currículo do curso de eletrotécnica, tinha matérias bem legais, assim, números complexos que hoje tá fora da grade do ensino médio, né?
[00:09:12]	P5	Criei gosto.
[00:09:14]	P5	Calhou.
[00:09:15]	P5	Eu acho que o que casou bem, acho que também foi no estágio, porque às vezes você estava explicando algo para o aluno, e o aluno fala e vira tipo, pô, era isso?
[00:09:28]	P5	Ah, entendi.
[00:09:29]	P5	Então, aquilo ali me fez criar um certo tipo de conexão, sabe?
[00:09:35]	P5	Mas, assim.
[00:09:39]	Pesquisador	G., pode falar.
[00:09:43]	Pesquisador	Por favor, continue.
[00:09:44]	Pesquisador	Pode continuar.
[00:09:46]	P5	Também essa transição do técnico para a licenciatura também foi difícil.
[00:09:58]	P5	Não foi uma transição fácil.
[00:10:00]	P5	Não foi uma transição fácil porque o mercado de trabalho, eu lembro aqui, que a mudança da Dilma pro Temer, o mercado de trabalho estava ruim, o cenário de arrumar um emprego tá difícil, assim, ficou difícil, né?
[00:10:26]	P5	E a licenciatura é um mercado...
[00:10:31]	P5	O mercado de trabalho da licenciatura é bem complicado, assim.
[00:10:37]	P5	Muitas escolas privadas e tal, geralmente pagam abaixo do piso, não esse piso após a reforma, abaixo do piso, quando senão não assinam carteira de trabalho.
[00:10:51]	P5	Era um cenário bem difícil, então eu vi que eu só tinha uma escolha ali dentro da licenciatura, que era o concurso público.
[00:11:03]	P5	Eu sei da realidade das escolas públicas e tal, mas eu percebi que, bom, já que eu quero isso mesmo para fazer diferença, eu resolvi focar em concurso público.
[00:11:19]	P5	Também não é fácil passar para concurso público, mesmo sendo para licenciatura, é bem concorrido.
[00:11:27]	P5	Se o camarada não for bom, não importa.
[00:11:33]	P5	Se não cumprir o objetivo da seleção, está fora.
[00:11:40]	Pesquisador	Eu tenho uma filha mais nova que ela faz licenciatura em Matemática na UERJ, UERJ de Caxias, e eu tento conduzir ela justamente nessa linha que você falou, de se preparar para o concurso público.
[00:11:54]	P5	Isso.
[00:11:55]	Pesquisador	Eu falo com ela mais especificamente, buscar assim, as escolas melhores, tentar um Pedro II, uma FAETEC.
[00:12:03]	Pesquisador	É porque eu tive experiência recente de trabalhar na escola privada, né cara?

[00:12:08]	Pesquisador	Pô, é terrível, entendeu?
[00:12:10]	P5	É terrível, é terrível é complicado.
[00:12:12]	Pesquisador	Escravidão disfarçada, uma venda de diploma, se você falar hoje em termos de nível superior, venda de diploma, entendeu?
[00:12:22]	Pesquisador	E ser obrigado a ficar aguentando cada situação, que é vexatória.
[00:12:26]	Pesquisador	Com toda a mazela que você falou, eu concordo que tem na escola pública, né?
[00:12:31]	Pesquisador	Eu sou funcionário público há 31 anos, mesmo assim a gente ainda está em melhor condição.
[00:12:38]	P5	Mesmo assim? Pelo
[00:12:38]	P5	Pelo menos...
[00:12:39]	P5	Mesmo assim, é...
[00:12:41]	P5	Assim, o que eu tenho a dizer para ela, que é da licenciatura, é...
[00:12:47]	P5	Não sei, a dica é estudar questões e ficar de olho em questões de pedagogia e português, porque quem é das exatas deixa muito a desejar sobre isso.
[00:13:01]	P5	É papirar, realmente.
[00:13:05]	Pesquisador	Descreve para mim suas experiências profissionais, vividas até hoje, até aquelas antes do magistério.
[00:13:14]	Pesquisador	Você já até começou a falar aí do estágio, você já havia trabalhado antes do estágio em eletrotécnica?
[00:13:21]	P5	Sim, sim.
[00:13:22]	P5	Sim, era ajudante, o pai tem uma empresa de refrigeração, era ajudante que ajudava ele.
[00:13:28]	P5	Eu comecei, eu peguei um estágio no período da FAETEC como instalador de câmeras.
[00:13:44]	P5	Eu instalei e foi bem interessante.
[00:13:49]	P5	CFTV, né?
[00:13:54]	P5	Assim, o estágio...
[00:13:58]	P5	Sobre o estágio, essa experiência, porque tive pouca instrução.
[00:14:04]	P5	Era já colocando mão na massa para instalar as câmeras, assim com pouco, pouca explicação sobre, era bem superficial, já tinha um coordenador já falando aonde que iria as câmeras e tal e bom, tive que aprender na marra também.
[00:14:24]	P5	Aí eu peguei um estágio numa empresa de ventiladores, uma indústria que tem Bonsucesso e nesse estágio eu fazia planilhas e tudo mais, mas também nesse estágio eu vi que não era ali que eu iria me identificar mais.
[00:14:45]	P5	E calhou que eu fui buscando alguns cursos.
[00:14:49]	P5	Eu lembro que eu fazia um curso em Caxias do Ronald, tu lembras do Ronald?
[00:14:56]	Pesquisador	O Mega Controle?
[00:15:27]	P5	O Mega Controle tinha uns cursos bem...
[00:15:31]	P5	Não sei ainda se ele tem esse curso.
[00:15:33]	P5	Eu acho que ele tem ainda.
[00:15:36]	P5	É bem arrumado esse curso, né?
[00:15:39]	P5	Na época ele tinha assim...
[00:15:43]	P5	Eu lembro que ele pagava pra colocar num jornal bem grande e tal os anúncios dele.
[00:15:50]	P5	Ele tinha uns cursos bem legais.
[00:15:53]	P5	Nesse curso eu fiz eletricista industrial, fiz comandos elétricos, acionamento de motores, soft starter, inversor de frequência. Nos comandos elétricos eu me encontrei, gostei muito, é o que me deixava apaixonado ali pela eletrotécnica, comandos elétricos. E calhou que ali eles me indicaram para uma empresa, Acelétrica, a empresa estava abrindo um setor de montagem de quadros elétricos.
[00:16:16]	P5	O setor era pequeno e eu comecei como ajudante, montava quadros de todos os tipos.
[00:16:24]	P5	E o que eu adorava montar eram quadros que tinham comandos elétricos.
[00:16:29]	P5	Era demais.
[00:16:30]	P5	Eu, assim, período de desenvolvimento, de aprendizado, de autorrealização muito forte.

[00:16:39]	P5	Assim, eu lembro assim vivo, mas era muito trabalho, ralava muito, muito, muito, cansativo e eu decidi fazer assim, continuar os estudos, eu cheguei a entrar no curso Técnico em Eletrônica, mas eu não prosseguia e eu entrei pra universidade, né, e assim, a licenciatura, né.
[00:17:10]	Pesquisador	Nessa empresa de montagem de painéis, você ficou até se formar ou trocou de empresa?
[00:17:15]	P5	Ah tá, tá, deixa eu ver aqui.
[00:17:18]	P5	Eu trabalhei na Acelétrica durante dois anos, deixa eu ver.
[00:17:23]	P5	Aí eu fui para uma empresa em Duque de Caxias, era uma autorizada da WEG, eu não lembro o nome da empresa agora.
[00:17:35]	P5	E nessa empresa eu era auxiliado, supervisor, olhava, supervisionava os motores elétricos desde manutenção e tudo mais até realizar alguns testes.
[00:17:54]	P5	Nessa empresa também eu consegui montar uma equipe de montagem de quadros elétricos também pois já fornecia serviço casado.
[00:18:09]	P5	Então eu retornei para outra empresa de montagem de quadros elétricos, ou seja, eu trabalhei aqui em Jardim América.
[00:18:19]	P5	Fui para Duque de Caxias, trabalhei quase dois anos.
[00:18:24]	P5	Trabalhei para uma empresa também de montagem de quadros elétricos em Vigário Geral.
[00:18:31]	P5	Período bacana, mas sofrido, sofrido.
[00:18:36]	P5	Certo.
[00:18:36]	Pesquisador	Aí, você entrando no magistério, quais foram as suas experiências?
[00:18:42]	P5	No magistério, então, no magistério eu, assim, eu entrei, eu saí dessa empresa, eu peguei o auxílio de desemprego e tal.
[00:18:57]	P5	Assim, eu vou cair de cabeça no mercado de trabalho aí do magistério.
[00:19:02]	P5	É isso, mudança de...
[00:19:08]	P5	Mudança profissional, né?
[00:19:12]	P5	Pô, vou ter que começar do zero.
[00:19:13]	P5	Então, eu peguei alguns estágios.
[00:19:16]	P5	Esses estágios da Prefeitura do Rio, estágio do Estado.
[00:19:21]	P5	Buscava aqueles estágios remunerados porque, assim, eu não morava mais na casa dos meus pais.
[00:19:30]	P5	Eu, assim, apesar de ter o auxílio desemprego, necessitava do dinheiro.
[00:19:36]	P5	Eu peguei esses estágios.
[00:19:37]	P5	Eu procurava já dar aula em cursinhos, porque nos cursinhos preparatórios ali, onde me animava mais, porque era onde eu poderia calhar de encontrar um aluno que vinha com uma questão X e fosse difícil de resolver.
[00:19:57]	P5	Dali, o melhor aprendizado para mim, enfim, Aí, basicamente, estágios, estágios remunerados e trabalhando em cursinhos preparatório.
[00:20:15]	P5	Basicamente isso.
[00:20:17]	P5	E após formado, eu fiquei um bom período desempregado, Carlos.
[00:20:26]	P5	Fiquei quase dois anos.
[00:20:29]	P5	Foi da época do Temer, quase dois anos desempregado.
[00:20:35]	P5	Aí nesse período assim, foi bem complicado porque só tinha uma coisa pra fazer, Carlos Henrique.
[00:20:44]	P5	Era estudar.
[00:20:45]	P5	Eu só estudava.
[00:20:47]	P5	Não tinha dinheiro, não tinha condições de sair, enfim...
[00:20:52]	Pesquisador	Aí foi quando você fez os concursos da prefeitura do Rio, Teresópolis, Mesquita?
[00:20:58]	P5	Pô, é, não, do Rio foi mais ou menos nessa época, assim, pra tu ver quanto tempo levou.
[00:21:05]	P5	E assim, Mesquita também, e assim, aí o concurso de Mesquita teve problema, aí demorou a ser chamado.
[00:21:14]	P5	E assim, Carlos Henrique, eu comi o pão que diabo amaçou.
[00:21:20]	P5	Eu trabalhava em cursinhos preparatórios que pagavam pouquíssimos, assim, o único cursinho preparatório que, assim, assinou a minha carteira.
[00:21:31]	P5	Da hora a aula era 20 reais, mas ali já estava agregado o valor do descanso e tal, mas o valor real era 16 e pouco, quase 17.
[00:21:45]	P5	E nem era um valor cheio.

[00:21:49]	P5	Eu como técnico tinha uma receita legal, um dinheiro legal, e começando em uma área nada a ver, depois de um período desempregado, ganhando menos da metade.
[00:22:02]	P5	Foi difícil.
[00:22:04]	P5	Difícil.
[00:22:05]	P5	Aí eu fiquei entrando nesses cursinhos preparatórios e encarei que eu recebi uma notícia de um colega, da minha convocação de mesquita.
[00:22:19]	P5	Ali eu tive um respiro, assim, a felicidade nem foi a felicidade de ter, assim, passeio num concurso público, não.
[00:22:28]	P5	A necessidade é de ter um respiro, assim, de ter um emprego que não fosse a sobrevivência, assim, pudesse pelo menos viver, assim, dignidade.
[00:22:44]	P5	É complicado, hein?
[00:22:46]	P5	É complicado esse período.
[00:22:48]	P5	Aí eu passei pra Mesquita em 2018.
[00:22:53]	P5	Isso.
[00:22:59]	Pesquisador	Depois de Mesquita, vem a experiência de Teresópolis?
[00:23:04]	P5	Teresópolis, foi a experiência de Teresópolis.
[00:23:09]	P5	Depois de um tempo, estudando para concurso, a gente acaba ficando mais afinado.
[00:23:15]	P5	Eu já não estudava para adquirir conhecimento, eu já estudava para resolver questões para concurso, que é diferente.
[00:23:30]	P5	Se você já tem uma bagagem, você estuda para...
[00:23:33]	P5	É um treino, é diferente você treinar o que você já sabe.
[00:23:41]	P5	Então, nesse concurso de Teresópolis eu fui muito bem, tirei uma colocação muito boa, fui terceiro sem título, sem nada.
[00:23:50]	P5	Aí, assim, passei essa experiência lá e já era um outro momento da minha vida, porque assim, não que a gente fique rico ou algo do tipo, né, não vamos iludir com isso, mas que eu pudesse ter um dinheirinho pra fazer as coisas, né, Carlos?
[00:24:10]	Pesquisador	E depois de Teresópolis, essa experiência que você tá tendo agora com...
[00:24:16]	P5	Do Rio, é.
[00:24:17]	Pesquisador	A Prefeitura do Rio.
[00:24:19]	P5	Do Rio, do Rio.
[00:24:21]	P5	Agora, é só, assim, organizar a minha vida, não ter muitos gastos, e assim, porque...
[00:24:30]	P5	Funcionário público é isso, a gente leva a bomba.
[00:24:34]	Pesquisador	De vez em quando a gente toma uma bomba e tem que estar preparado para a surpresa que acontece de vez em quando em troca governo, quebra de caixa.
[00:24:47]	Pesquisador	A Prefeitura do Rio recentemente passou por uma situação dessa também.
[00:24:53]	P5	É complicado.
[00:24:55]	P5	Então, eu estou visualizando hoje, eu vejo um objetivo lá na frente que, assim, eu tenho um pensamento otimista assim, a médio prazo.
[00:25:10]	P5	Acho que é mais ou menos uma sensação que eu tive quando eu estava trabalhando como técnico.
[00:25:16]	P5	É porque esses jovens de hoje, eles não têm um contato, a precarização do trabalho, né?
[00:25:25]	P5	CLT, INSS, essas preocupações, pelo que eu vejo, se em conversa, não se passam na cabeça deles.
[00:25:34]	P5	Então, talvez é porque eu esteja ficando velho, talvez mais precavido, eu tô olhando a aposentadoria.
[00:25:42]	P5	Na minha visão, eu vejo países da Europa com esse problema, Japão.
[00:25:49]	P5	Acho que o Brasil, se não se preparar, vai tomar bomba, Carlos Henrique.
[00:25:59]	P5	Isso é o que eu acho.
[00:26:00]	P5	Mas, enfim, essa é outra história.
[00:26:02]	Pesquisador	O Brasil é um país difícil de você prever o que vai acontecer.
[00:26:07]	Pesquisador	É, tem que ter sempre várias cartas na mão para poder sobreviver.
[00:26:15]	Pesquisador	Eu, falar em termos de aposentadoria, por exemplo, todas as minhas programações de aposentadoria foram sendo quebradas com as mudanças sucessivas do regime de previdência e tal.

[00:26:28]	Pesquisador	Hoje assim, estou esperando os 60 anos agora, que é a idade mínima de aposentadoria no Estado.
[00:26:35]	Pesquisador	30 anos de serviço, 50 anos de idade, ainda tenho que trabalhar mais uns 7, 8 anos.
[00:26:41]	P5	Caraca, é muito tempo, pô.
[00:26:44]	P5	50 e poucos anos é muito tempo.
[00:26:49]	Pesquisador	Muito tempo.
[00:26:50]	Pesquisador	Vai dar 39 anos de trabalho para me aposentar.
[00:26:57]	Pesquisador	Quando eu entrei eu me aposentaria, na verdade quando eu comecei a trabalhar em regime de perigosidade, eu me aposentaria com 25 anos de trabalho.
[00:27:05]	Pesquisador	Isso aí foi esticando para 54, agora no regime de previdência do Estado no Rio de Janeiro 60.
[00:27:11]	Pesquisador	Tem umas regras de transição aí que eu tenho que aplicar para ver.
[00:27:15]	P5	Então, eu já tô entrando, Carlos Henrique, aqui. Não
[00:27:20]	P5	Não sei se tem a ver com o tempo ou não, mas eu tô entrando com esse pessimismo com o futuro, porque assim, conforme o tempo vai passando, as coisas vão piorando.
[00:27:34]	P5	Espero que, assim, o Brasil melhore, seja com qualquer é outro tipo de governo aí, mas eu tenho observado que as coisas estão dificultando, então assim, já nem penso em contar mais com a aposentadoria, assim, eu quero...
[00:27:55]	P5	É oportunidade...
[00:27:57]	Pesquisador	Eu também busco alternativas, eu tenho planos de previdência privada, eu invisto um pouco em imóveis, entendeu?
[00:28:04]	P5	Aham, aham, tá certo.
[00:28:07]	Pesquisador	Também faço isso.
[00:28:09]	Pesquisador	Também tenho medo de contar só com uma coisa.
[00:28:13]	P5	Não, eu já nem conto.
[00:28:15]	P5	Eu já nem conto.
[00:28:18]	P5	É, eu tô nessa...
[00:28:21]	P5	Não que eu tenha um pessimismo com o meu futuro, assim.
[00:28:26]	P5	Porque, pô, eu tô sendo precavido com certas coisas.
[00:28:30]	P5	Mas, eu já nem tô contando mais com isso.
[00:28:33]	P5	Se vier, graças a Deus, se não vier, ok.
[00:28:39]	Pesquisador	Correto.
[00:28:40]	Pesquisador	A próxima pergunta, G., na verdade não é uma pergunta, eu quero que você descreva como foram os primeiros anos como professor, relatando as dificuldades encontradas, possíveis apoios ou não, com os quais você pôde contar para superar, ou que você fale das estratégias que utilizou para vencer esses possíveis obstáculos.
[00:29:03]	Pesquisador	Porque muitos autores apontam essa primeira inserção em sala de aula como uma situação chamada de choque inicial.
[00:29:15]	Pesquisador	É difícil, você vem do conteúdo teórico e quando você se depara lá com o gol, quando você tem que voltar para o gol, está de frente com uma turma.
[00:29:25]	Pesquisador	Como é que foi essa sua primeira experiência de frente com uma turma de alunos?
[00:29:30]	Pesquisador	Você teve ajuda, não teve?
[00:29:33]	Pesquisador	Que estratégia você utilizou para poder vencer esse obstáculo?
[00:29:38]	P5	Então, eu tenho que falar agora, agora acho que vai um pouquinho da crítica sim, porque não que eu discorde desses teóricos aí, é muito...
[00:29:59]	P5	Questão idealizada, eu concordo com tudo.
[00:30:03]	P5	Mas o sistema...
[00:30:07]	P5	A universidade prega isso.
[00:30:10]	P5	Mas a universidade nos ensina de uma maneira tradicional.
[00:30:17]	P5	Não de um modo teórico e tal, eles cobram de uma maneira tradicional, prova, exames, testes, quando não, múltipla escolha.
[00:30:31]	P5	E assim, quando a gente vai para a prática, para a sala de aula, a gente não vai carregando o que os teóricos dizem, a gente carrega o que a universidade nos ensina.
[00:30:46]	P5	Então, a gente acaba replicando a maneira de ensinar da universidade, não tanto quanto à universidade, porque a universidade pode cobrar da

		gente e se a gente passa, a gente não passa ok, a gente vai com a maneira como a gente aprendeu.
[00:31:06]	P5	Ensino tradicional, o quadro e assim, e o sistema, a realidade da sala de aula e outros problemas sociais nos conduzem a esse sistema falido da educação.
[00:31:21]	P5	A gente acaba gerindo esse sistema falido.
[00:31:25]	P5	Agora, eu entendo essa realidade.
[00:31:28]	P5	O que me conforta de vez em quando sobre licenciatura é assim, volta e meia a gente consegue captar alguns alunos, ver mudanças neles.
[00:31:44]	P5	Agora, respondendo à pergunta inicial, sim, eu fui conduzido de uma maneira tradicional.
[00:31:54]	P5	Como eu basicamente estive mais em contato com reforço, como estagiário, em cursinhos preparatórios, questões e tal, eu trabalhava em cima das dificuldades do aluno e, com isso, Isso trazia bastante aluno para a Matemática.
[00:32:19]	Pesquisador	Mas você teve apoio de uma supervisão pedagógica?
[00:32:26]	Pesquisador	Alguém te ajudou?
[00:32:27]	Pesquisador	Você contou com o apoio de outros colegas?
[00:32:32]	P5	Nada, nada, nada.
[00:32:34]	P5	Zero, zero.
[00:32:36]	P5	Claro que a gente pergunta se a gente tem dificuldade de uma questão ou outra, mas sobre como ensinar, a gente acaba replicando o Carlos Henrique, a gente replica outros professores, outros mestres e a gente acaba levando isso para a sala de aula.
[00:32:57]	P5	Não que isso seja ruim, mas que todo o sistema, a maneira como é formada a escola, a maneira como são construídas as salas, o quadro, a estrutura da escola é o sistema tradicional e a gente acaba replicando uma coisa que é...
[00:33:22]	Pesquisador	Isso é pesquisa, G.
[00:33:25]	Pesquisador	Tem pesquisa sobre isso.
[00:33:26]	Pesquisador	A gente acaba replicando práticas de outros professores e que...
[00:33:30]	P5	Exatamente.
[00:33:31]	Pesquisador	Aí você acaba por ir replicando o ensino tradicional, né?
[00:33:36]	Pesquisador	É o que é criticado.
[00:33:38]	Pesquisador	A educação bancária falada por Paulo Freire, depósito de conteúdo.
[00:33:45]	Pesquisador	E essa imitação acrítica, o problema é a imitação acrítica.
[00:33:50]	Pesquisador	O camarada não faz uma reflexão e acaba por replicar práticas que estão fadadas ao fracasso, principalmente atualmente.
[00:33:58]	Pesquisador	O nível de aluno você deve estar acostumado a lidar.
[00:34:02]	Pesquisador	Há 24 anos no JK, noto uma mudança total no perfil do aluno.
[00:34:09]	Pesquisador	Você tem que refletir sobre as práticas.
[00:34:13]	P5	Com certeza, com certeza.
[00:34:16]	P5	É bem complicado.
[00:34:18]	P5	A gente acaba adotando essas mesmas posturas, porque tem muita coisa a ser mudada.
[00:34:30]	P5	Então, inclusive a escola, a maneira que desejamos a escola, entende?
[00:34:36]	P5	Então, a valorização do professor é uma coisa que conta muito, porque assim...
[00:34:46]	P5	Ah, eu sou funcionário público, tenho duas matrículas.
[00:34:51]	P5	Assim, comparado a muitos professores, muitos dizem que é muito.
[00:35:00]	P5	Mas assim, eu olho a realidade, eu acho que é pouco.
[00:35:04]	P5	E os outros dizem que ganham mal, sabe? Então,
[00:35:12]	P5	Então, pessoas querem ser professores.
[00:35:16]	P5	Se você conversa com uma pessoa, você é o quê?
[00:35:20]	P5	Você é professor.
[00:35:22]	P5	Já logo acha.
[00:35:23]	P5	Nossa, você é professor e tal.
[00:35:25]	P5	Já pensa.
[00:35:28]	Pesquisador	Essas suas duas matrículas são o quê?
[00:35:30]	Pesquisador	Uma de 40 na prefeitura e...
[00:35:32]	Pesquisador	E uma de...
[00:35:34]	P5	Não, 16.
[00:35:36]	Pesquisador	16 e 40.

[00:35:38]	P5	16 e 40.
[00:35:40]	P5	Aí dentro de sala de aula são 26 tempos no Rio e 12 tempos em Mesquita.
[00:35:49]	Pesquisador	Eu tenho 40 e 20, duas matrículas na FAETEC, 40 e 20, são 24 tempos, 12 tempos, 36 tempos.
[00:36:01]	Pesquisador	E eu tenho 20 horas no Senai, só que no Senai é hora relógio, não é tempo.
[00:36:07]	Pesquisador	As 20 horas, são 20 horas.
[00:36:10]	P5	Muita coisa, pô.
[00:36:11]	P5	Isso é muita coisa, Carlos Henrique.
[00:36:13]	P5	Isso aí é muita coisa.
[00:36:15]	P5	Assim, no Senai é diferente também o público, né?
[00:36:22]	P5	Eu acredito, assim, no Senai você tem mais conforto de trabalhar e tal.
[00:36:30]	Pesquisador	Sim, o ambiente é bem mais agradável.
[00:36:34]	Pesquisador	Pelo tempo, eu hoje trabalho exclusivamente com um curso só, que é de atmosfera explosiva, que atende profissionais que trabalham embarcados.
[00:36:46]	Pesquisador	Desembarcam para fazer um curso de uma semana, onde eu dou aula metade da semana e um colega dá aula da outra metade.
[00:36:54]	Pesquisador	Mas mesmo aquele instrutor que dá aula para o menor, pro curso de aprendizagem, é uma situação às vezes estão mais confortáveis do que em uma escola pública, municipal, estadual.
[00:37:05]	Pesquisador	Nessa questão de estrutura agente tem o suporte.
[00:37:09]	Pesquisador	O que não tem é essa questão da carga horária pra você preparar uma aula, para você fazer o papel do planejamento.
[00:37:19]	Pesquisador	Relógio, relógio, aula e sala, entende como sala.
[00:37:24]	Pesquisador	Regência, você tem que preencher um relatório de não regência.
[00:37:30]	Pesquisador	É você não está na sala, entendeu?...
[00:37:32]	Pesquisador	Então é uma cobrança assim, que não é muito agradável, entendeu?
[00:37:35]	Pesquisador	Por isso que falei agora a pouco pra você, embora a gente fale algumas coisas, em relação à escola pública, a crítica é verdadeira, quando você se depara com outras situações como essa, que eu acabei de relatar, você vê que a situação...
[00:37:54]	Pesquisador	Eu por exemplo, sei que a situação da FAETEC, não é tão ruim, Entendeu?
[00:37:58]	P5	Pô, não...
[00:37:59]	P5	É, assim, nessa escola que eu tô em Mesquita, é um eixo, tem suas complicações, escola é dentro de comunidade, mas é tranquilo.
[00:38:12]	P5	Aqui da Prefeitura do Rio, a região onde a escola se encontra conta muito.
[00:38:20]	P5	Na FAETEC, aqui de Jardim da América, é um local bem localizado.
[00:38:27]	P5	Esse José do Patrocínio ali é uma boa região.
[00:38:32]	P5	Os alunos têm celulares, smartphones, quer dizer.
[00:38:37]	P5	Eles têm acesso à informação, tem os pais ali próximos.
[00:38:48]	P5	Claro que tem os casos problemáticos, mas não é uma escola muito problemática.
[00:38:55]	P5	Isso para a sanidade mental conta muito, porque há prefeituras que o salário é ruim, o público é ruim, fica difícil.
[00:39:09]	P5	Muitas coisas são difíceis, muitos problemas.
[00:39:14]	Pesquisador	Depois dessa fase inicial, que a gente chamou de choque inicial.
[00:39:19]	Pesquisador	Ela é até descrita por um autor chamado Huberman.
[00:39:22]	Pesquisador	Ele que deu esse nome, choque inicial, que você falou que viveu aí também.
[00:39:27]	Pesquisador	Você poderia me descrever como foram os anos seguintes, se possível descrevendo em etapas até os dias atuais.
[00:39:35]	Pesquisador	Passou aquele choque, como é que foi assim, como é que foram os anos seguintes?
[00:39:42]	P5	Então, assim, eu entendo que hoje é claro que nós professores bebemos várias fontes teóricas, mas que independente de qual teoria você esteja aplicando, eu na maior parte do tempo tomo como recurso o ensino tradicional.
[00:40:07]	P5	Tem um pouco da tecnicista, tem um pouco do construtivismo, mas, assim, independente do que for, você pode ter uma boa aula ali, você pode dar uma boa aplicabilidade, sabe?

[00:40:25]	P5	É trabalhar com o que tem, o importante é isso.
[00:40:28]	P5	E você não vai conseguir resgatar, salvar o mundo, mas de maneira possível, alguns alunos ali vão ser eternamente gratos.
[00:40:40]	P5	E tem alunos que a gente acha que faz diferença.
[00:40:45]	P5	Coisas como a FAETEC fez muita diferença para mim.
[00:40:51]	P5	Se eu não soubesse aí da coleção da Matemática elementar.
[00:40:57]	P5	Bom, enfim, acho que é isso.
[00:41:02]	Pesquisador	Como é o professor G.?
[00:41:04]	Pesquisador	Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:41:11]	Pesquisador	Quais são suas características enquanto professor?
[00:41:14]	Pesquisador	Você até já falou de certa forma, só para a gente formalizar aqui na pergunta.
[00:41:19]	P5	Minhas características em sala de aula ou...
[00:41:23]	P5	Em sala de aula.... teórica como?
[00:41:25]	Pesquisador	Sala de aula, qual a tua ação como professor?
[00:41:29]	Pesquisador	É aquele cara mais linha dura?
[00:41:31]	Pesquisador	Tem um diálogo mais aberto com a turma?
[00:41:35]	Pesquisador	Você é aquele professor mais linha dura?
[00:41:38]	P5	Não, não.
[00:41:40]	P5	Eu tenho um diálogo com a turma.
[00:41:45]	P5	Por exemplo, na Prefeitura do Rio eu trabalho com o círculo de leitura.
[00:41:50]	P5	Então, tem uma autora feminista.
[00:41:52]	P5	E assim, por mais que esteja dentro, inserido de um ensino tradicional, a gente sempre busca assim beber outras fontes quando possível.
[00:42:07]	P5	Converso, falo sobre realidade, sobre precarização do mercado de trabalho.
[00:42:14]	P5	Eu sei que a vida não é só apenas o mercado de trabalho, mas como a nossa LDB garante a formação de um cidadão crítico com a sociedade e também voltado para o mercado de trabalho, a gente tenta sempre englobar tudo.
[00:42:34]	P5	Às vezes nem sempre inserido no conteúdo da sala de aula, mas às vezes num papo, numa conversa assim que esteja rolando dentro de sala de aula, a gente tenta transmitir essa ideia.
[00:42:51]	Pesquisador	E a tua formação inicial, lá o teu curso de licenciatura, contribuiu para a construção dessa identidade profissional? Poxa,
[00:43:07]	P5	Poxa, contribuiu, porque assim, não digo dentro da...
[00:43:13]	P5	Dentro da universidade a gente capta muitas coisas, né?
[00:43:18]	P5	A gente olha mais o mundo, a gente tem acesso a, por exemplo, Paulo Freire, A gente tem acesso a tudo isso.
[00:43:29]	P5	A gente às vezes até entra na universidade com aquela cabeça de que vai mudar o mundo, porque a gente olha muita coisa e tal, se anima, é isso aí e tal.
[00:43:39]	P5	Mas quando a gente encara no mercado de trabalho, vê o sistema como é engessado, a gente acaba sendo desestimulado. Mas
[00:43:49]	P5	Mas a universidade contribuiu.
[00:43:56]	Pesquisador	É, considerando que segundo Tardif, outro autor aí dessa área de educação, a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida, em que momentos de sua trajetória você identifica etapas de construção das características que formam sua identidade profissional? essas
[00:44:19]	Pesquisador	E essas podem ser até fora do magistério.
[00:44:23]	Pesquisador	Você construiu essa identidade profissional.
[00:44:27]	Pesquisador	Que etapas você construiu?
[00:44:29]	Pesquisador	Você pode considerar até antes da tua formação acadêmica, antes da licenciatura?
[00:44:35]	Pesquisador	Você identifica etapas de construção dessa sua maneira de trabalhar?
[00:44:41]	P5	Sim, sim.
[00:44:42]	P5	Eu lembro que quando eu entrei para a licenciatura, a minha cabeça, o que eu queria transmitir para os alunos era uma ideia de...
[00:44:54]	P5	Mais voltada para o mercado de trabalho e oportunidade profissional.
[00:44:59]	P5	Isso aqui não está errado, mas ao longo do tempo a gente vai construindo uma identidade como cidadão e a gente entende que tem outros problemas envolvidos e tal e a gente tenta trabalhar com outras questões também.

[00:45:17]	P5	Isso foi me moldando, a gente entende melhor a sociedade, a gente transmite isso.
[00:45:25]	P5	Não tem como te desassociar, né, da minha percepção da realidade como professor.
[00:45:32]	P5	Então, eu sempre mudo de uma maneira contínua.
[00:45:37]	P5	Claro.
[00:45:39]	Pesquisador	Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que você leciona?
[00:45:50]	P5	Assim, com a mesma identidade, sim.
[00:45:55]	P5	Mas de uma maneira igual, não.
[00:46:01]	P5	Porque se cada aluno é diferente, então imagine com as turmas.
[00:46:07]	P5	Tem turmas que têm comportamentos diferentes e a gente acaba adotando certas posturas diferentes.
[00:46:15]	P5	Não tem como ser igual para todos, mas a minha identidade continua.
[00:46:21]	Pesquisador	Entendi.
[00:46:22]	Pesquisador	Essa mesma, essa diversidade até que você citou, de um EJA a noite, EJA à noite na prefeitura, não é a mesma coisa que o ensino fundamental aqui no Irajá, né?
[00:46:36]	P5	Não, não, não.
[00:46:37]	Pesquisador	É um perfil diferente.
[00:46:39]	P5	Até porque no andar da carruagem a oportunidade de vida que eles possuem é mais limitada.
[00:46:54]	P5	Infelizmente é mais limitada.
[00:46:56]	P5	Porque além da defasagem, problema de alfabetização, eles têm outras questões sociais mais agravantes.
[00:47:08]	P5	Mas a gente conversa.
[00:47:12]	P5	Eu quero que seja um cidadão de bem, um cidadão funcional para a sociedade, crítico, que tem o seu emprego ali, tem a sua condição de se inserir no mercado de trabalho, mas para os mais jovens, onde a oportunidade é mais abrangente, a gente tenta convencê-lo sobre o mercado de trabalho, não deixando de lado aquela ideia de crítica social, enfim.
[00:47:44]	P5	São realidades diferentes. Só.
[00:47:46]	Pesquisador	Só uma curiosidade minha mesmo.
[00:47:48]	Pesquisador	Esse EJA, assim, a faixa etária dos teus alunos, se são alunos que estão fazendo o EJA porque perderam aquele momento em que deveriam ter sido alfabetizados e tal, são jovens ainda ou já são pessoas mais maduras que estão buscando agora o sistema de educação?
[00:48:12]	P5	Tem jovens que, infelizmente, se atrasaram em relação aos estudos e tem pessoas de mais idade querendo voltar para tentar se inserir no mercado de trabalho, tem sonhos E tem senhores e senhores que buscam o mérito pessoal de saber ler, de escrever, fazer contas.
[00:48:47]	P5	Tem uma questão bem heterogênea, o público.
[00:48:54]	P5	É bem diverso.
[00:48:58]	Pesquisador	Próxima pergunta, as teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, lá no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:49:12]	P5	Então, as teorias, sim, mas fica aqui a minha crítica da realidade, porque por mais que eu tenha acesso aos teóricos diferentes tipos, a gente confronta essa questão da realidade da escola como ela é hoje.
[00:49:46]	P5	Ela é o ensino tradicional.
[00:49:48]	P5	Por mais que eu tente, eu não consigo sair disso.
[00:49:52]	P5	Não que isso seja um problema, mas...
[00:49:55]	P5	Caiu a minha crítica, né?
[00:49:58]	P5	Mas que me moldaram, mudou a minha percepção com certeza, certamente.
[00:50:05]	Pesquisador	Aquele curso de pós-graduação que você disse que realizou, ele contribuiu para a melhoria da tua prática docente?
[00:50:14]	Pesquisador	Foi na área de docência?
[00:50:16]	P5	Foi na área de Matemática financeira, mas não contribuiu.
[00:50:20]	P5	Carlos Henrique, eu fiz esse curso, é um curso desse online, para tu ver como é.
[00:50:29]	P5	Comecei a estudar o curso, eu vi que o conteúdo estava sendo fácil, eu fui direto para as provas, Carlos Henrique.

[00:50:39]	P5	Eu terminei o curso em menos de duas semanas, sem ter estudado nada.
[00:50:45]	P5	É uma venda de...
[00:50:47]	Pesquisador	É, esse online tá complicado, né?
[00:50:50]	Pesquisador	Você sabe que a graduação que você fez, onde você fez, atualmente ela só é online, né?
[00:50:57]	P5	É, infelizmente.
[00:51:00]	Pesquisador	A universidade foi vendida para um grupo financeiro e o interesse desse grupo financeiro é só na área médica.
[00:51:09]	Pesquisador	E os cursos de licenciatura praticamente foram todos extintos.
[00:51:13]	Pesquisador	Os que ficaram.
[00:51:14]	Pesquisador	Ficaram exclusivamente online.
[00:51:18]	P5	É, infelizmente não.
[00:51:20]	Pesquisador	A minha outra filha mais velha estuda lá na Unigranrio.
[00:51:24]	Pesquisador	Faz medicina na Unigranrio.
[00:51:27]	Pesquisador	Então, estou por dentro que foi vendido e tal e só estou vendo acabando com os cursos, acabando o curso, extinguindo curso.
[00:51:35]	P5	O curso de Matemática lá, Carlos Henrique, era um bom curso.
[00:51:42]	Pesquisador	Tive outros alunos entrevistados aqui que passaram aqui pela minha entrevista que falaram a mesma coisa.
[00:51:50]	Pesquisador	Essas tuas aprovações em concurso estão mostrando que é um curso legal.
[00:51:55]	Pesquisador	Esse cara está dando aula numa escola internacional.
[00:51:58]	Pesquisador	O outro cara que estudou lá na mesma universidade que você.
[00:52:02]	Pesquisador	Então, pelos relatos, pelas falas e tal, a gente nota que era um curso legal, era um curso em condições, embora fosse uma universidade particular.
[00:52:12]	Pesquisador	Então, você acha que isso não impactou na tua ação docente, né?
[00:52:19]	P5	Não.
[00:52:19]	P5	Ah, esse curso que eu fiz de pós não impactou nada, impactou nada, nada, zero.
[00:52:29]	Pesquisador	Durante a tua passagem lá pela universidade, na licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:52:39]	P5	Não, eu tinha uma vida, Carlos Henrique, naquela época bem corrida.
[00:52:47]	Pesquisador	Mas você acha que não participou por causa das suas atividades de trabalho ou porque realmente não era oferecido para nenhum aluno?
[00:52:58]	P5	Não, tinha opções, mas você teria que correr atrás, é claro, assim, tem isso, mas eu não tinha tempo, era bem difícil, muito difícil.
[00:53:17]	Pesquisador	E você julga importante essa oferta de participação dos estudantes de licenciatura em programas de pesquisa?
[00:53:26]	P5	Muito importante.
[00:53:29]	P5	Muito importante.
[00:53:32]	Pesquisador	Você acha que facilitaria, que aquele impacto inicial não seria tão grande?
[00:53:40]	Pesquisador	Se, por exemplo, você já tivesse inserido em pesquisa junto a turma, junto a outros professores?
[00:53:46]	P5	Pô, é bem importante, quanto mais próximo da realidade da sala de aula, melhor, mais importante.
[00:53:57]	Pesquisador	Essa minha filha que eu comentei contigo que faz licenciatura em Matemática, a UERJ, oportunizou um projeto de pesquisa onde eles estavam dando aula para os índios de uma tribo lá em Maricá, eles estão dando aula de Matemática para umas crianças indígenas em Maricá, uma pesquisa?
[00:54:17]	P5	Tem tribo indígena em Maricá?
[00:54:20]	Pesquisador	Tem tribos indígenas em Maricá.
[00:54:22]	Pesquisador	Tem duas.
[00:54:24]	P5	Caraca, eu estava...
[00:54:26]	P5	Foi semana...
[00:54:29]	P5	Domingo retrasado.
[00:54:31]	P5	Eu fui pra Maricá, pra Ponta Negra.
[00:54:35]	Pesquisador	Tem duas tribos e ainda falam Tupi Guarani. As crianças não falam português não, estão dando aula lá, ensinando Matemática lá, não sei como, mas em Tupi Guarani, usando a linguagem deles.
[00:54:54]	Pesquisador	Então, projeto interessante.

[00:54:56]	Pesquisador	Aí falam, projetos também envolvendo hoje a questão de Libras.
[00:55:02]	Pesquisador	Eu vejo que a Universidade Pública hoje fomenta muito essa questão da pesquisa durante a formação do licenciado.
[00:55:10]	P5	Se você quiser, olha só, fala pra sua filha se ela quer estudar pra um concurso que ela estude pro concurso de Maricá.
[00:55:20]	P5	É bom?
[00:55:21]	P5	Maricá é bom, eu acho.
[00:55:23]	Pesquisador	Antigamente o bom era Caxias, mas agora tá ruim, né?
[00:55:28]	Pesquisador	Agora a prefeitura é melhor, agora é Maricá.
[00:55:32]	P5	Não, assim...
[00:55:34]	P5	Não sei, difícil dizer o que é melhor, né?
[00:55:37]	P5	Mas...
[00:55:38]	Pesquisador	Melhor em termos de salário, né?
[00:55:40]	Pesquisador	Caxias tinha o melhor salário para a profissão, inclusive muito melhor que o Estado e tal, na época batendo com o salário da FAETEC.
[00:55:48]	Pesquisador	Hoje em dia não é mais assim, o salário atrasa.
[00:55:54]	P5	Assim, dos funcionários antigos da FAETEC, eu não sei o que dizer.
[00:55:59]	P5	Mas enfim, da FAETEC já não é mais atrativo faz muito tempo.
[00:56:06]	P5	Eu li o concurso da FAETEC e nem mexeu comigo.
[00:56:10]	P5	Não, não mexeu nem de carreira.
[00:56:14]	P5	É, mas como...
[00:56:17]	P5	Agora esse de Maricá, acho que de 16 horas, tá 4 mil e pouco.
[00:56:26]	P5	Assim, começando.
[00:56:28]	P5	Quem tem mestrado então, nossa...
[00:56:34]	Pesquisador	Lá na FAETEC começando, não chega a dois mil reais.
[00:56:38]	P5	Pô, muito pouco.
[00:56:40]	P5	O de mesquita tá pegando mais que o FAETEC.
[00:56:43]	P5	O FAETEC foi definhando assim, o que mantém é o plano de carreira.
[00:56:48]	Pesquisador	Plano de cargos e salários com 7% a cada 2 anos, em nível, com triênio, 5% a cada 3 anos, a titulação e tal.
[00:56:59]	Pesquisador	Com 24 anos de FAETEC, 31 de Estado, não tenho do que reclamar não.
[00:57:05]	Pesquisador	Mas pra quem entra realmente é pouco atrativo.
[00:57:08]	P5	A pessoa quando começa já não é atrativa não, a FAETEC.
[00:57:13]	P5	Nem o Estado.
[00:57:14]	P5	O Estado tem um plano de carreira bom, mas você vê, passa uma briga aí.
[00:57:20]	P5	Espero que os novos consigam o piso, porque o governador está querendo criar uma divisão entre os funcionários, entre os novos com os antigos, porque como os antigos já ganham acima do piso, os novos não ganham.
[00:57:42]	Pesquisador	Isso só vai dar aumento para os novos ele quer dar o piso no primeiro nível e manter o que tem depois o pessoal está revoltado, está desvalorizando quem está há muito tempo o pessoal achou que ele ia sair replicando o aumento nos níveis, mas a proposta dele não é isso o pessoal da FAETEC postou uma tabela, já fizeram as contas também jogar o piso no primeiro nível e replicar pelos outros e tal.
[00:58:13]	Pesquisador	É muito difícil acontecer isso, mas se acontecesse, seria o top.
[00:58:17]	Pesquisador	Muito bom, né?
[00:58:22]	Pesquisador	Então, a minha titulação aí terminando doutorado com esses níveis aí seria uma aposentadoria boa pra caramba.
[00:58:29]	P5	Pois, isso aí, eu espero que consiga, porque a gente acaba não tendo essa percepção, da...
[00:58:37]	P5	Assim, a gente vê que perdeu o poder de compra, né, mas a gente não sente essa percepção com o tempo, né.
[00:58:47]	P5	Então salário e tal, mas a pessoa olha o número, mas não tem nem ideia que esse número já não vale tanto, né.
[00:58:57]	P5	É complicado, né, Carlos Henrique.
[00:59:00]	P5	FAETEC, agora Prefeitura de Maricá.
[00:59:04]	Pesquisador	Vou falar isso para ela.
[00:59:07]	P5	Muito, muito.
[00:59:08]	P5	Já que ela tá por lá.
[00:59:10]	Pesquisador	Eu sou o coach dela, eu que vou dando as orientações.

[00:59:14]	Pesquisador	Eu não tinha falado isso aí não.
[00:59:16]	Pesquisador	Falei para ela focar no CEFET, IFRJ, Pedro II.
[00:59:21]	P5	Pra FAETEC
[00:59:22]	P5	Acho que deveria focar em tudo.
[00:59:25]	P5	O que vem é tudo.
[00:59:29]	P5	Tudo que tiver do magistério.
[00:59:32]	P5	Tudo.
[00:59:34]	P5	Concurso São João.
[00:59:35]	P5	Não vai entrar, não tá afim, faz.
[00:59:39]	P5	Concurso pra, sei lá, Cachoeira de Macacú.
[00:59:43]	P5	Vai trabalhar lá?
[00:59:45]	P5	Não, mas faz.
[00:59:47]	P5	Sei lá, tá entendendo?
[00:59:49]	P5	É isso.
[00:59:50]	P5	Tanto que tem concurso que, pô...
[00:59:53]	P5	Rio das Ostras.
[00:59:55]	P5	Pô, tirei uma colocação péssima, Carlos, péssima, péssima.
[00:59:59]	P5	90 e pouco, acredita?
[01:00:02]	P5	Pô, faltam três aí pra eu ser chamado.
[01:00:06]	P5	Bom, vou entrar?
[01:00:08]	P5	Vou, vou.
[01:00:09]	P5	Vamos, assim, a gente vai evoluindo, né, com o tempo, né?
[01:00:14]	P5	Assim, é...
[01:00:17]	P5	Aí faça todos os concursos, porque não sabe o dia de amanhã.
[01:00:22]	P5	Sabe?
[01:00:24]	P5	Por exemplo, esse meu concurso da Prefeitura do Rio, eu fiz antes da entrada do Crivella, certo?
[01:00:36]	P5	E só veio, só, essa convocação só veio recente agora.
[01:00:42]	P5	Crivella não chamou ninguém, a gente não sabe o dia de amanhã, né?
[01:00:46]	P5	E tem prefeitura que está pagando relativamente bem.
[01:00:52]	P5	E se você for parar para pensar, a realidade é que, no bem ou no ruim, é que essas prefeituras comecem a pagar o piso.
[01:01:03]	P5	E a tendência é o Estado seguir apenas o piso, as prefeituras seguirem apenas o piso.
[01:01:08]	P5	Então, que faça qualquer concurso aí.
[01:01:12]	P5	Segunda, terceira matrícula, ela vem, pô.
[01:01:15]	P5	Na hora vem.
[01:01:18]	Pesquisador	Correto.
[01:01:20]	Pesquisador	Nas suas escolas você participa de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo, troca de experiência docente, caso participe, julga ser importante essa implementação de grupo de estudo?
[01:01:33]	Pesquisador	Se não participa, sabe me informar por que não faz esses grupos de estudo?
[01:01:39]	P5	Geralmente, pela Prefeitura do Rio, eu participo desses cursos de formação e tal, da Prefeitura de Mesquita também, mas esses cursos de formação não atendem à demanda, não atendem à realidade.
[01:02:00]	Pesquisador	Mas são cursos, não são momentos de reunião, de você conversar com os teus colegas, de trocar experiências?
[01:02:09]	P5	Ah, isso a gente conversa nas salas dos professores, mas no geral, assim...
[01:02:14]	Pesquisador	Só na hora do café?
[01:02:16]	P5	É, no cafezinho, né?
[01:02:18]	P5	Acho que não é informalidade contra.
[01:02:22]	Pesquisador	Mas você acha que seria importante um momento de juntar, por exemplo, todos os professores de Matemática da escola José do Patrocínio, para vocês trocarem experiência?
[01:02:34]	Pesquisador	Daquele tipo, eu fiz e deu certo, assim, dá certo, assim, não deu certo, vamos ajudar o outro.
[01:02:40]	P5	Assim, é aquilo, né?
[01:02:43]	P5	Se a gente tivesse condições e meios de adotar uma outra postura e a gente tivesse condições valeria a pena, mas poxa, nesse atual cenário onde a gente gere um sistema falido, não vale a pena não.

[01:03:15]	P5	A gente conversa, a gente troca ideia, conversa sobre alunos, mas assim, no geral, no geral, de uma maneira informal, conta.
[01:03:25]	P5	Agora, calha que isso acaba virando uma coisa burocrática e sem sentido.
[01:03:36]	P5	Que muita coisa da educação acaba virando.
[01:03:40]	Pesquisador	Você atua de forma reflexiva, sobre...
[01:03:44]	Pesquisador	Reflexiva crítica sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua?
[01:03:51]	P5	Sim.
[01:03:52]	Pesquisador	Considera que sua formação inicial te forneceu o subsídio para trabalhar dessa forma?
[01:03:57]	P5	Assim, tive até acesso a teorias, mas acabei replicando, ainda replico muito a questão tradicional, mas assim, dentro do possível, eu consigo lecionar de uma maneira construtiva, seguindo outras teorias, mas embasado pelo ensino tradicional.
[01:04:24]	Pesquisador	Sim, mas você busca refletir criticamente sobre as práticas?
[01:04:29]	P5	Sempre, sempre.
[01:04:29]	Pesquisador	Ó, isso aqui não tá dando certo, vou mudar, e esse aqui deu certo
[01:04:33]	P5	Sim, sim sempre as vezes são pequenas coisas assim.
[01:04:42]	P5	É usar uma caneta aqui de quadro de outra cor, ou seja, o que for sempre, sempre tento mudar as vezes dá certo numa turma uma coisa, as vezes não dá certo em outra, a gente sempre vai adaptando Interessante isso, até a mudança de cor impacta.
[01:05:04]	P5	É, pois é.
[01:05:07]	Pesquisador	Não sei se você lembra, mas quando se faz uma planta de instalações, que você sai representando fase, neutro, terra, naqueles tracinhos, diagramas e tal, pela experiência dando aula de instalações há muito tempo, se você bota aquilo tudo colorido assim no quadro, parece que o cara...
[01:05:26]	P5	Pô, muito.
[01:05:27]	Pesquisador	A atenção do cara muda, né?
[01:05:30]	P5	Muda.
[01:05:30]	Pesquisador	Quando coloca a própria cor da planta em si, eu noto que não tem uma atenção tão grande quanto se eu troco as cores da caneta.
[01:05:37]	Pesquisador	Até botando a fase vermelha como é no sistema, né?
[01:05:42]	Pesquisador	Fase vermelha, neutro, preto, aí boto terra verde, retorno azul, neutro azul, retorno preto.
[01:05:49]	Pesquisador	É interessante.
[01:05:50]	Pesquisador	O cara parece que começa a fazer um link melhor do que quando você trabalha com uma cor só.
[01:05:58]	Pesquisador	G., pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre a universidade e a escola, ou seja, entre os pesquisadores da universidade e os professores que estão lá na ponta, na sala de aula do Ensino Fundamental e Médio.
[01:06:14]	Pesquisador	Essas pesquisas apontam isso como um caminho possível para melhoria dos processos formativos.
[01:06:19]	Pesquisador	Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[01:06:24]	P5	Muito.
[01:06:25]	P5	O problema é saber com quem a universidade está dialogando.
[01:06:33]	P5	A universidade não está dialogando com a sociedade, por mais que esteja, eu já tenho contato com algumas escolas, alguns projetos, mas a universidade nesse meio novo digital, acho que os divulgadores científicos, seja lá o que for, tem que se comunicar melhor com a sociedade.
[01:07:00]	P5	A aproximação com a escola é muito importante.
[01:07:04]	P5	Mas, apesar dos teóricos, seja o que for, está distante da realidade da escola.
[01:07:14]	P5	Tem que mudar a maneira de comunicação.
[01:07:19]	Pesquisador	Entendi.
[01:07:22]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação dos seus alunos?
[01:07:26]	Pesquisador	O que você mais valoriza em sala de aula?
[01:07:33]	P5	Bom, o que eu mais valorizo...

[01:07:38]	P5	Não, é uma sala de aula mais heterogênea, opiniões diferentes sobre a reidade.
[01:07:51]	P5	Eu ia, assim, não sei, no geral, em busca de algum propósito, não sei.
[01:08:04]	Pesquisador	Você dá mais ênfase à Matemática em si, aquela Matemática mais dura?
[01:08:10]	Pesquisador	Ou você visa, assim, uma formação mais holística do aluno?
[01:08:14]	Pesquisador	Você, de certa maneira, já veio falando que você também tem essa preocupação social, de preparar ele politicamente, preparar ele para o mercado de trabalho.
[01:08:24]	Pesquisador	Não só ser um professor, puramente o cara que vai chegar lá vai passar um conteúdo exclusivo da disciplina Matemática.
[01:08:34]	Pesquisador	Eu venho aqui pra ensinar Matemática.
[01:08:35]	Pesquisador	Você valoriza a aprendizagem, uma preparação do aluno mais no sentido amplo pra vida, pro mercado de trabalho, pra ser um instrumento de mudança na sociedade.
[01:08:48]	P5	Pô, certamente.
[01:08:50]	P5	Assim, eu acredito muito, eu acho muito bonita no sentido de que ela visa a construção de um cidadão, cidadão crítico e o cidadão voltado para o mercado de trabalho.
[01:09:06]	P5	Não acho, tem gente que vê esse problema da educação voltada para o mercado de trabalho eu não vejo, mas também tem que olhar para o lado crítico também.
[01:09:19]	P5	A gente não pode deixar passar esse partido.
[01:09:22]	P5	Não é apenas uma formação de um cidadão que apenas trabalha e não reflete sobre a sociedade.
[01:09:32]	P5	O aluno precisa, mas o currículo de Matemática, por mais que a BNCC venha aí trazendo muitas coisas têm muito daquela Matemática dura.
[01:09:44]	P5	Então, assim, tem certos assuntos que a gente acaba apresentando para os alunos de uma maneira até informal.
[01:09:52]	P5	Talvez, bater um papo, mostrando caminhos e possibilidades diferentes.
[01:09:59]	P5	Ou até aprendendo, porque às vezes a gente aprende com eles também.
[01:10:05]	P5	Enfim.
[01:10:06]	Pesquisador	Quase sempre.
[01:10:07]	Pesquisador	Eu acho que eu aprendo mais do que ensino.
[01:10:10]	Pesquisador	Pelo menos a ser uma melhor pessoa, com certeza, eu aprendi com os alunos.
[01:10:15]	P5	Muito.
[01:10:16]	P5	No EJA, então, no EJA eu mudei muito, pegando turma de EJA.
[01:10:23]	Pesquisador	Considerando o teu curso de licenciatura, você considera que a formação inicial de forneceu subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente?
[01:10:33]	P5	Não.
[01:10:34]	Pesquisador	Descreva sobre elogios e críticas à sua formação.
[01:10:37]	P5	Na minha formação, faltou bastante coisa.
[01:10:46]	P5	A prática na sala de aula é uma e o que nos é ensinado na universidade é outra.
[01:11:00]	P5	A gente calha que a gente tem que aprender mesmo no mercado de trabalho, batendo cabeça, aprendendo, redescobrindo, assim é no dia a dia.
[01:11:15]	Pesquisador	Sua formação inicial te forneceu o subsídio para você exercer a docência no atual contexto social, ou seja, observando as questões de etnia, gênero, raça, diversidade?
[01:11:32]	P5	Esses assuntos estão mais aflorados atualmente.
[01:11:37]	P5	Na época em que eu estava fazendo universidade, era basicamente o começo dessas discussões.
[01:11:46]	P5	Então, pouca coisa.
[01:11:48]	P5	Mas eu fui acompanhando a evolução da sociedade e entendendo melhor todo esse contexto.
[01:11:59]	Pesquisador	Já está se deparando com essas questões de sala de aula, de gênero?
[01:12:04]	Pesquisador	Já vivenciou?
[01:12:06]	P5	Ah, sim.
[01:12:07]	Pesquisador	Alunos especiais?
[01:12:08]	P5	Não.
[01:12:09]	Pesquisador	Autistas, TDAH?
[01:12:11]	P5	Alunos especiais.

[01:12:14]	P5	Então, na universidade, por mais que a gente olhasse ali, é diferente na prática.
[01:12:21]	P5	A escola não está preparada para isso, que dirá a formação da universidade.
[01:12:30]	P5	Pouca coisa.
[01:12:32]	P5	Pouca coisa.
[01:12:33]	Pesquisador	Não sei se você observa, né?
[01:12:37]	Pesquisador	Eu tenho observado que no pós pandemia, o número de alunos assim, nessa situação de autismo, de TDAH, de dislexia, aumentou bastante, muita coisa.
[01:12:54]	Pesquisador	No JK eu tive um aluno, dois, em vinte e tantos anos, e agora no retorno da pandemia você tem dois, três alunos por turma e a gente não recebeu nenhum tipo de treinamento para poder trabalhar com esse aluno.
[01:13:09]	Pesquisador	A gente não sabe, na verdade.
[01:13:11]	Pesquisador	Você vai por método, tentativa, acerto erro, né?
[01:13:16]	P5	Exatamente...
[01:13:18]	P5	É, temos quase 40 alunos na sala.
[01:13:22]	P5	Assim, tem um aluno especial.
[01:13:27]	P5	É difícil, pô.
[01:13:29]	P5	É difícil.
[01:13:30]	Pesquisador	Então, eu costumo dizer o seguinte, se você der uma atenção diferenciada, você acaba que discrimina e exclui os outros 38, 39.
[01:13:42]	P5	É, o que diz a LDB sobre isso é que o aluno tem que, na medida do possível, estar numa sala regular, então é bem complicado, muito complicado isso.
[01:14:00]	P5	Agora, o que você falou sobre a pandemia, assim, antes, é que...
[01:14:09]	P5	É muita coisa, né?
[01:14:11]	P5	Muitos problemas, assim, a gente não sabia diagnosticar antes, assim.
[01:14:17]	P5	Tinha pouco acesso à informação, então a gente pode ver adultos com...
[01:14:30]	P5	Déficit de atenção, coisas que não eram diagnosticadas.
[01:14:34]	P5	Ou ansiedade, depressão e tal.
[01:14:38]	P5	Então, ao mesmo tempo que essa coisa está sendo mais perceptível aos nossos olhos, porque agora a gente está com mais informação, a gente vive uma realidade depressiva.
[01:14:54]	P5	A gente, com jovens com excesso de informações, nem sempre de informações construtivas, mas ligados a telas de celulares o tempo todo, isso gera uma sociedade mais depressiva.
[01:15:14]	P5	Uma sociedade mais doente.
[01:15:18]	Pesquisador	Então, você colocou uma bola até para a minha fala, por que na pandemia o que aconteceu com esses jovens?
[01:15:25]	Pesquisador	Ficaram mais focados ainda na questão da tela e do celular, enquanto ficaram presos, ficaram lá no isolamento.
[01:15:35]	Pesquisador	Eu acho que essa questão se agravou mais ainda.
[01:15:37]	Pesquisador	Uma observação, caberia uma pesquisa.
[01:15:40]	Pesquisador	Com certeza vai ser feita.
[01:15:42]	Pesquisador	Com certeza vão ser feitas muitas pesquisas do rendimento dos alunos pós pandemia.
[01:15:48]	Pesquisador	Porque uma outra observação que eu faço, eu recebi no ano passado, o aluno no primeiro ano do ensino médio, técnico em eletrotécnica, que fez o oitavo e nono ano online.
[01:16:02]	Pesquisador	E a questão de estudo para eles, de sentar-se para estudar, ficar numa sala de aula.
[01:16:10]	Pesquisador	Então, foi muito difícil, o cara passou para o ensino médio, só que dois anos anteriores, 20, 21, ele ficou em casa.
[01:16:17]	Pesquisador	Ele estudou online, ele pegava a prova, ele usava um grupo no Zap, com colega, e resolvia a prova, entendeu?
[01:16:24]	Pesquisador	Então essa geração que está no JK agora, primeiro, segundo ano, primeiro de 2023, o segundo que era o primeiro em 2022, eles simplesmente se recusam a estudar.
[01:16:37]	P5	Pô.
[01:16:37]	P5	Entendeu?
[01:16:38]	Pesquisador	Porque vão na sala, legal, são educados, não são de tocar rebú.
[01:16:44]	Pesquisador	Mas, cara, tu falou pra eles, aí vamos fazer uma avaliação aí, aí tem um trabalho aí, uma planta pra você fazer em casa, cara.

[01:16:52]	Pesquisador	Simplesmente, né, nem aí, nem aí.
[01:16:58]	P5	É a falta de...
[01:17:01]	P5	Não, sei se esse problema tá no...
[01:17:04]	P5	Imagina o sexto ano, assim, quanto mais jovem, pior as coisas.
[01:17:15]	Pesquisador	Menos maturidade.
[01:17:18]	P5	Imagina o sexto ano.
[01:17:22]	P5	Sétimo.
[01:17:25]	Pesquisador	Para a gente fechar, última pergunta.
[01:17:29]	Pesquisador	Na verdade, não é uma pergunta, é para você fazer uma sugestão.
[01:17:33]	Pesquisador	Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudança nos cursos de licenciatura com vistas ao oportunizar a melhora de condição de formação dos licenciando, tornando essa formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos professores novatos em sala de aula.
[01:17:50]	Pesquisador	Você concorda com essa afirmação?
[01:17:52]	Pesquisador	Se concorda, quais propostas você apontaria como necessárias aos cursos de licenciatura ao fim de tornar essa prática, a fim de tornar essa formação inicial mais próxima da realidade que vai ser encontrada em sala de aula?
[01:18:08]	Pesquisador	Grande a pergunta, então deixa eu resumir pra você.
[01:18:11]	Pesquisador	Primeiro eu estou perguntando se você concorda que mudanças têm que ser feitas no curso de licenciatura?
[01:18:16]	P5	Concordo
[01:18:16]	Pesquisador	E o que você apontaria como proposta, lembrando da sua licenciatura, o que você sugeriria como mudanças que viriam a facilitar o ingresso do professor na atividade docente, diminuindo aquele choque inicial que a gente conversou lá no início da entrevista.
[01:18:39]	P5	Eu acho que a universidade dialogasse mais com as escolas, assim, que as universidades estivessem mais presentes ali nas escolas, não com cursos e tal, e que o professor universitário estivesse mais próximo, assim, com...
[01:19:07]	P5	Dialogasse mais com as escolas, sabe?
[01:19:11]	P5	Está muito distante uma coisa.
[01:19:14]	P5	A universidade das escolas, isso aí tá bem complicado.
[01:19:21]	P5	Se eu pudesse dialogar, entender mais o lado dos professores da rede básica, assim, né, pra poder formar esses novos professores, porque, assim, tá uma coisa muito distante.
[01:19:37]	P5	Mas tem esses projetos, mas geralmente são projetos que não agregam muita coisa, tem que ser um projeto mais nacional, talvez, de maior alcance.
[01:19:50]	P5	Enfim, é o que eu acho.
[01:19:55]	Pesquisador	Às vezes esses projetos, principalmente cursos que essas secretarias procuram implementar, Muitas vezes o cara que vai dar o treinamento, vai fornecer o treinamento, ele não tem nem a experiência de turma que você tem.
[01:20:10]	Pesquisador	Não sei se você já se deparou com essa situação.
[01:20:14]	P5	Eu vou dar um exemplo.
[01:20:17]	P5	A escola tem um projeto na prefeitura de Mesquita, que é da UERJ, no caso.
[01:20:24]	P5	É uma espécie de residente, professor residente, que ajuda os alunos com maiores dificuldades.
[01:20:32]	P5	Professor universitário nem dá as caras, assim.
[01:20:37]	P5	Não chegou nem a conversar comigo, sabe?
[01:20:42]	P5	Ou com outro professor.
[01:20:44]	P5	É esse tipo de coisa, essa distância.
[01:20:49]	Pesquisador	Mas o residente vai lá, o residente vai.
[01:20:52]	P5	O residente vai, sim.
[01:20:55]	P5	E no caso, o que o residente faz?
[01:20:57]	P5	Ele pega algumas atividades prontas assim da internet, ou pesquisa alguma coisa, ou monta o material tradicional.
[01:21:11]	Pesquisador	Eu falei pra você do projeto da minha filha com os índios lá em Maricá, e ela participa da residência também pedagógica, no caso dela, no colégio Pedro II, lá na Tijuca.
[01:21:24]	Pesquisador	Aconteceu a mesma coisa.

[01:21:26]	Pesquisador	Ontem, nós estamos em maio, ontem que o professor fez a primeira reunião com eles, que até então também estavam a pé.
[01:21:37]	Pesquisador	Então, você aponta essa necessidade de aproximação entre academia e escola.
[01:21:48]	P5	E assim, eu acho que a universidade, eu ponho um peso, porque a universidade tem um peso, e não só com a escola, mas olhando de um parâmetro geral, a universidade tem que dialogar mais com a sociedade.
[01:22:10]	P5	Eu não tô botando toda a culpa na universidade, a universidade deveria saber se comunicar melhor com a sociedade.
[01:22:21]	P5	Se comunica pouco, na minha opinião, claro.
[01:22:25]	P5	Tá bem distante, tá bem distante.
[01:22:31]	P5	Eu dou aula na Prefeitura de Mesquita, é o caso.
[01:22:34]	P5	O professor universitário jamais iria lá.
[01:22:37]	P5	Eu acredito.
[01:22:40]	Pesquisador	A tua escola é dentro de comunidade?
[01:22:43]	P5	É...
[01:22:44]	P5	Dentro de comunidade.
[01:22:46]	Pesquisador	E como é essa questão de acesso?
[01:22:48]	Pesquisador	Você tem trânsito livre?
[01:22:50]	P5	Não...
[01:22:50]	P5	Não...tranquila...
[01:22:51]	P5	Tranquilo...
[01:22:52]	P5	Tranquila...
[01:22:53]	P5	De boa...
[01:22:57]	P5	Tranquilo...
[01:22:57]	P5	Não tenho...
[01:22:58]	P5	Não tenho problema com nada.
[01:23:03]	Pesquisador	Bom, G., encerramos por aqui.
[01:23:07]	Pesquisador	Queria te agradecer por essa ajuda.
[01:23:10]	Pesquisador	Nós estamos há quase duas horas.
[01:23:12]	Pesquisador	Você me destinou quase duas horas do teu dia para poder me ajudar nessa pesquisa.
[01:23:16]	Pesquisador	Eu tenho ficado surpreso e contente com a qualidade das entrevistas que eu estou realizando.
[01:23:23]	Pesquisador	Grande parte daquilo que você falou aí corrobora com a minha pesquisa.
[01:23:29]	Pesquisador	Muito legal.
[01:23:30]	Pesquisador	Tem dois pontos aí principais que eu vou destacar.
[01:23:34]	Pesquisador	É que você falou lá de replicar a prática de ex-professores, é um item que eu estou pesquisando.
[01:23:40]	Pesquisador	Você falou agora aí também dessa aproximação, outro item que está sendo extremamente pesquisado aqui.
[01:23:57]	Pesquisador	Quer falar mais alguma coisa aí?
[01:23:59]	Pesquisador	Apresentar mais alguma coisa?
[01:24:01]	P5	Não, não, tô de boa.
[01:24:04]	P5	Tô de boa, acho que...
[01:24:05]	P5	Acho que tá ok.
[01:24:08]	Pesquisador	Eu vou enviar pro teu zap um termo lá, que se chama Registro de Consentimento Esclarecido, Só pra você assinar, me autorizando a fazer essa entrevista com você.
[01:24:23]	P5	Ok

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P6

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:22]	Pesquisador	Bom dia.
[00:00:23]	Pesquisador	Então, fala para mim o seu nome completo e a sua idade.
[00:00:26]	P6	L. G. B., eu tenho 27 anos.
[00:00:30]	Pesquisador	Qual curso de graduação você realizou, L.?
[00:00:33]	Pesquisador	Em qual instituição foi esse curso e o ano de conclusão?
[00:00:38]	P6	Foi licenciatura em Matemática.
[00:00:40]	P6	Eu comecei na CEDERJ, passei para o Unigranrio e terminei na Unopar.
[00:00:47]	P6	Terminei no ano de 2022.

[00:00:59]	Pesquisador	Repete aí o ano de conclusão.
[00:01:01]	Pesquisador	Deu uma picotada aqui no áudio.
[00:01:07]	Pesquisador	2022.
[00:01:09]	Pesquisador	Há quantos anos você atua como professor?
[00:01:12]	P6	Eu atuo como professor desde o meu quinto período.
[00:01:17]	P6	Três anos e meio.
[00:01:19]	Pesquisador	Então, você já começou a trabalhar antes da conclusão do curso de licenciatura, né?
[00:01:24]	P6	Sim, sim, sim.
[00:01:25]	P6	Antes da conclusão mesmo, eu já dava aula para oitavo e nono ano.
[00:01:30]	Pesquisador	Situação que eu tenho reparado que é comum.
[00:01:32]	Pesquisador	Muitos alunos aí de licenciatura já dando aula, alguns já identifiquei que é a partir do terceiro período, Física, principalmente.
[00:01:43]	P6	É comum porque tem pouco profissional na área, né?
[00:01:47]	P6	E não é querendo dizer que os profissionais que têm estão ultrapassados, mas são pessoas mais antigas, mais rígidas.
[00:01:55]	P6	E os jovens, como são mais flexíveis, estão entrando agora no mercado de trabalho, eles aceitam melhor o que é proposto pela coordenação ou até pelos próprios alunos, pais, pela comunidade.
[00:02:10]	Pesquisador	Entendi.
[00:02:11]	Pesquisador	Você vai ter oportunidade para falar mais sobre isso aí.
[00:02:13]	Pesquisador	Interessante isso aí, essa tua fala.
[00:02:16]	Pesquisador	A flexibilização, de repente, assim, uma afinidade maior com a linguagem do adolescente, né?
[00:02:24]	P6	Isso aí, isso aí.
[00:02:26]	Pesquisador	Assim, você está mais antenado com, quando eu digo você, a tua geração está mais antenada com a questão aí da internet, do celular.
[00:02:36]	Pesquisador	Coisa que para nós, geração de transição, né?
[00:02:40]	Pesquisador	Já é mais difícil de se adequar.
[00:02:44]	Pesquisador	Você realizou algum curso de pós-graduação?
[00:02:49]	Pesquisador	Está realizando alguma pós-graduação, mestrado ou doutorado?
[00:02:52]	P6	Ainda não, eu começo a minha em julho, em estatística.
[00:02:56]	Pesquisador	Estatística?
[00:02:58]	Pesquisador	Já sabe onde vai fazer?
[00:03:00]	P6	Ainda também não, mas eu estou pesquisando.
[00:03:06]	Pesquisador	Considerando que você realizou o ensino médio técnico em eletrotécnica, por que optou por fazer licenciatura?
[00:03:13]	P6	Então, a licenciatura em Matemática, sendo bem sincero, foi uma área que eu me identifiquei porque eu sempre tive muita facilidade com números.
[00:03:23]	P6	Meu problema sempre foi mais estar interessado na matéria do que pegar a matéria.
[00:03:32]	P6	E como eu sempre tive muita facilidade com números, decidi ingressar na faculdade buscando, e pela minha habilidade, eu acho que eu me comunico bem, que eu consigo chegar a abordar bem as pessoas.
[00:03:46]	P6	Eu decidi fazer uma licenciatura e me tornar professor.
[00:03:52]	Pesquisador	A próxima pergunta você, de certa forma, já respondeu.
[00:03:54]	Pesquisador	Por que especificamente a Matemática?
[00:03:57]	Pesquisador	Por que não foi para uma Física?
[00:03:59]	P6	Aí já tem a ver com campo de trabalho.
[00:04:03]	P6	A Física é mais fechada, a gente só dá aula para ensino médio.
[00:04:07]	P6	A Matemática a gente pega, pelo menos eu, nunca dei aula para sexta e sétima.
[00:04:12]	P6	De oitavo para cima, todas as turmas eu já trabalhei.
[00:04:15]	P6	E é melhor que você ganha três, quatro turmas a mais do que com Física.
[00:04:21]	Pesquisador	Quando você fez a sua opção, você já pensou exatamente isso?
[00:04:25]	P6	Pensei.
[00:04:25]	Pesquisador	Aumentar a tua gama de possibilidade de inserção no mercado?
[00:04:29]	P6	Pensei sim, pensei sim.
[00:04:30]	P6	Pensei, inclusive, em fazer uma segunda licenciatura em Física.
[00:04:35]	Pesquisador	Entendi.

[00:04:39]	Pesquisador	Descreva suas experiências pessoais, L., vividas até hoje, inclusive aquelas que você teve fora do magistério.
[00:04:47]	Pesquisador	Você chegou a trabalhar como eletrotécnico?
[00:04:50]	P6	Trabalhei, trabalhei.
[00:04:54]	P6	Não diretamente com eletrotécnica, eu trabalhei em elétrica automotiva.
[00:05:00]	P6	Eu fui mecânico eletricista da empresa Três Amigos.
[00:05:04]	P6	Fiquei lá por volta de um ano e cinco meses, até encontrar minha primeira escola e de lá sair.
[00:05:12]	P6	Mas trabalhei, foi uma experiência legal.
[00:05:16]	P6	Fiz bons colegas e aprendi bastante, cara.
[00:05:19]	P6	Aprendi bastante.
[00:05:20]	P6	Eu vi que o curso é bem útil também para mecânica automotiva.
[00:05:27]	Pesquisador	Antes disso, você não tinha tido nenhuma experiência profissional?
[00:05:31]	P6	Nenhuma experiência profissional.
[00:05:32]	Pesquisador	Você fez aquele curso do SENAT, né?
[00:05:36]	P6	Sim, sim, sim.
[00:05:38]	Pesquisador	Chegou a trabalhar na empresa?
[00:05:40]	P6	Trabalhei.
[00:05:42]	Pesquisador	Saindo dessa empresa, você foi já para a escola trabalhar como professor?
[00:05:45]	P6	Já fui para a escola.
[00:05:51]	P6	Desde então, eu estou na escola.
[00:05:55]	Pesquisador	Descreve aí, quantas escolas?
[00:05:58]	P6	Eu trabalho...
[00:06:00]	P6	Primeiramente, eu peguei um tempo, dois tempos no oitavo ano.
[00:06:05]	P6	Em 2019, isso.
[00:06:07]	P6	Em julho de 2019, eu peguei dois tempos no oitavo ano no colégio aqui em Belford Roxo.
[00:06:14]	P6	Fui ficando, fui ficando.
[00:06:15]	P6	A diretora foi gostando do trabalho.
[00:06:19]	P6	Eu terminei o ano pegando todas as turmas do ensino médio.
[00:06:22]	P6	Também pela falta de professor.
[00:06:26]	P6	E aí, no ano seguinte, eu já encontrei outra escola por indicação.
[00:06:32]	P6	E hoje eu trabalho em três escolas.
[00:06:34]	P6	Três escolas, não.
[00:06:35]	P6	Duas escolas e um curso.
[00:06:39]	Pesquisador	Trabalha nessa que você me mandou autorização, que é lá no Lote XV, não é?
[00:06:43]	P6	Isso aí.
[00:06:43]	P6	Trabalho nessa, no Almeida Barros.
[00:06:47]	P6	Uma Souza e Silva, que também é em Belford Roxo.
[00:06:51]	P6	Trabalho no curso Tauto. Ensino Individualizado no centro de Caxias.
[00:06:56]	P6	Um curso que é voltado mais para...
[00:07:00]	P6	É tipo uma monitoria, entendeu?
[00:07:02]	P6	O aluno chega, diz que tem dúvida, a gente se senta ao lado dele e busca lá do começo a dúvida dele.
[00:07:08]	Pesquisador	Você tem um horário fixo lá para atender?
[00:07:11]	P6	Segunda-feira, das duas às seis.
[00:07:19]	Pesquisador	Legal.
[00:07:21]	Pesquisador	Ainda está com três empregos.
[00:07:22]	Pesquisador	Está bem para caramba.
[00:07:24]	Pesquisador	Vai se casar, tem que juntar dinheiro.
[00:07:27]	P6	Não tem jeito.
[00:07:28]	P6	Pobre só ganha dinheiro trabalhando igual doido.
[00:07:31]	P6	Ainda mais pobre professor.
[00:07:34]	Pesquisador	L., descreve como foram os seus primeiros anos como professor ali, mais ou menos.
[00:07:39]	Pesquisador	Mais ou menos na época que você está vivendo ainda, de três a cinco anos.
[00:07:43]	P6	Correto.
[00:07:44]	Pesquisador	Relatando as dificuldades que você encontrou, os apoios com os quais você contou.
[00:07:51]	Pesquisador	O que você fez para superar essas dificuldades?

[00:07:53]	Pesquisador	Que estratégia você utilizou para vencer possíveis obstáculos?
[00:07:57]	P6	Então, primeira coisa, a dificuldade.
[00:08:01]	P6	Prender a atenção dos alunos.
[00:08:03]	P6	Geração complicadíssima, cara.
[00:08:06]	P6	Geração complicadíssima.
[00:08:07]	P6	É o tempo todo no celular.
[00:08:10]	P6	E não só celular.
[00:08:11]	P6	Quando eles não estão no celular, eles estão dançando.
[00:08:13]	P6	Nunca vi isso na minha vida.
[00:08:15]	P6	Eles se levantam e ficam dançando.
[00:08:18]	P6	E foi isso que eu encontrei no meu começo.
[00:08:21]	P6	Falta de...
[00:08:22]	P6	Como eu era novo, comecei com 23, 24 anos.
[00:08:26]	P6	Muitos não me viam como professor.
[00:08:29]	P6	Então, eu tive que vencer essa resistência deles também.
[00:08:33]	P6	E a estratégia que eu usei foi tentar passar a minha vivência para eles.
[00:08:38]	P6	Como eu fui como aluno, que eu não era um aluno exemplar.
[00:08:42]	P6	Eu era um aluno bem mediano.
[00:08:45]	P6	E tentar tocar neles, sendo esse aluno mediano, para que eles entendessem que, mesmo sendo um aluno mediano, você pode buscar algo melhor no futuro.
[00:08:54]	P6	E aí, tentando falar a linguagem deles, buscando, dando conselho.
[00:09:00]	P6	Tentando ser mais participativo com cada um deles.
[00:09:04]	P6	Tentando ajudar.
[00:09:05]	P6	De uma forma, eu fui vencendo essa resistência de todos eles.
[00:09:10]	Pesquisador	Essa foi a maior dificuldade que você encontrou?
[00:09:12]	Pesquisador	A atenção do aluno?
[00:09:13]	P6	Pô, cara, essa foi a maior dificuldade.
[00:09:15]	P6	Resistência.
[00:09:16]	P6	A resistência pela minha idade.
[00:09:19]	P6	Acho que foi a maior dificuldade.
[00:09:20]	Pesquisador	Entendi.
[00:09:21]	Pesquisador	Mas você teve algum apoio de pedagogas da escola?
[00:09:25]	P6	Tive, tive.
[00:09:27]	Pesquisador	Apoio de colegas?
[00:09:28]	P6	A diretora sempre esteve do meu lado.
[00:09:31]	P6	Sempre ajudou bastante nessa parte.
[00:09:34]	P6	Me dizendo o que eu devo fazer.
[00:09:37]	P6	Me ajudando em montar estratégias.
[00:09:40]	P6	Ah, pô, você está pegando muito pesado.
[00:09:43]	P6	Vê se hoje você faz uma dinâmica com eles.
[00:09:46]	P6	Fazer uma dinâmicazinha.
[00:09:47]	P6	Aí, acabava ganhando um ou outro da turma.
[00:09:51]	P6	E os colegas sempre, graças a Deus, aonde eu fui...
[00:09:56]	P6	Como eu não sou um cara que busca muito...
[00:09:59]	P6	Passar por cima dos outros.
[00:10:01]	P6	Então, eu sempre tive porta aberta aonde eu fui.
[00:10:03]	P6	Eu já trabalhei em outra escola também.
[00:10:05]	P6	Tive outra escola que eu trabalhei e saí porque eu quis.
[00:10:09]	P6	Pelo comportamento que a diretora tinha, eu...
[00:10:13]	P6	Eu dava aula para a diretora ficar vendo na câmera o aluno em pé.
[00:10:16]	P6	Entrava na minha sala, falava para ele se sentar.
[00:10:20]	P6	Entre outras coisas.
[00:10:22]	P6	Mas eu tive apoio praticamente dos profissionais de Matemática na escola onde eu trabalho.
[00:10:27]	P6	Eu tenho dois que são colegas amigos.
[00:10:31]	P6	A gente, inclusive, ajuda muito os alunos do terceiro ano que buscam fazer concursos.
[00:10:38]	Pesquisador	Então, após essa fase inicial do magistério, tem um autor, o Huberman, que chama essa fase inicial de choque inicial.
[00:10:48]	Pesquisador	O cara vem da faculdade, cheio de teoria, e no final ele se depara com essa situação que você falou, de domínio de turma, como é que vai dominar, como é que vai atrair a atenção do aluno e tal.

[00:11:00]	Pesquisador	Então, passado esse choque inicial, você poderia descrever os anos seguintes, como é que foram?
[00:11:06]	Pesquisador	Se possível, em etapas?
[00:11:08]	P6	Então, o ano de 2020 foi o ano mais complicado, porque foi o ano da pandemia, não é?
[00:11:19]	P6	Então, a gente teve aula aqui na escola.
[00:11:22]	P6	Nesse ano eu estava em duas escolas.
[00:11:24]	P6	Tivemos aula até junho.
[00:11:30]	P6	De modo híbrido, uns iam, outros não iam.
[00:11:34]	P6	E aí o contato com o aluno foi totalmente perdido.
[00:11:37]	P6	Eu cansei de encontrar aluno buscando ir ao banheiro, chorando com crise de ansiedade.
[00:11:46]	P6	Encontrando carta de aluno, falando sobre suicídio, entre outras coisas.
[00:11:52]	P6	Então, o ano de 2020 foi um ano muito pesado, pela falta de contato.
[00:11:55]	P6	E quando tinha contato, eram contatos traumáticos.
[00:12:00]	P6	Em 2021, já volta um pouco ao normal, só que nós temos volta no híbrido, não é?
[00:12:11]	P6	Lá na escola voltou no híbrido.
[00:12:12]	P6	Então, a gente tinha que gravar aula.
[00:12:15]	P6	As aulas eram gravadas ao vivo.
[00:12:17]	P6	Então, a gente tinha muita dificuldade, porque não é culpa da escola, ninguém está preparado para isso.
[00:12:24]	P6	Então, eles não tinham um suporte adequado, não tinham uma câmera.
[00:12:27]	P6	Então, era tudo pelo meu celular.
[00:12:30]	P6	E aí a gente tinha que pedir para comprar tripé.
[00:12:36]	P6	E ficava complicado, porque a gente falava para a turma, o pessoal que estava em casa não entendia, a internet picotava.
[00:12:42]	P6	Foi uma fase complicada.
[00:12:44]	P6	2022, o ano passado, foi um ano tranquilo, um ano em que eu já estava totalmente adaptado ao trabalho.
[00:12:52]	P6	Um ano em que a gente conseguiu trabalhar com tranquilidade, porque passado o trauma de 2020 e 2021 da pandemia, eles voltaram mais sociáveis.
[00:13:04]	P6	Só que eles voltaram sociáveis demais.
[00:13:06]	P6	Então, eles falavam muito, mas nada que a gente não conseguisse controlar.
[00:13:11]	P6	Tirando isso, acho que foi tranquilo.
[00:13:14]	P6	Inclusive, foi um ano importante em que a escola conseguiu botar vários alunos do terceiro ano em faculdades públicas, e eu participei desse processo.
[00:13:23]	P6	E cursos militares e tal, a gente conseguiu aprovar o pessoal para algumas coisas.
[00:13:29]	P6	Foi legal, foi legal.
[00:13:29]	P6	Foi um ano legal.
[00:13:30]	P6	23 está começando agora, mas tem sido interessante também.
[00:13:35]	Pesquisador	Em relação à tua prática, você nota que já implementa alguma coisa para mudar?
[00:13:42]	Pesquisador	Ou você continua trabalhando daquela mesma forma do teu primeiro contato com a turma?
[00:13:48]	P6	Ah, cara, mudei muito.
[00:13:50]	P6	Eu chegava em sala, eu tentava...
[00:13:54]	P6	Primeiro, eu escrevia o que tinha que escrever no quadro para ganhar tempo, para fazer chamada, para fazer tudo o que tinha que ser feito, os processos tinham que ser feitos em sala de aula.
[00:14:08]	P6	Hoje, eu já não penso assim.
[00:14:10]	P6	Hoje, eu entro, tento entender como está o astral da turma, busco, vou, aí eu mando abrir o livro, eles procuram no livro como tudo já está na apostila.
[00:14:22]	P6	Eu copio menos no quadro, tento mostrar na prática, tento dar exemplos práticos para eles.
[00:14:28]	P6	Por exemplo, eu passei função quadrática essa semana para o primeiro ano do ensino médio.

[00:14:35]	P6	Falei com eles, cara, vocês que ficam vendo a MBA até tarde, o arco que a bola faz é um gráfico de uma função quadrática, aí o pessoal já começa a se interessar.
[00:14:44]	P6	Eu acho que essas estratégias a gente vai pegando com o tempo.
[00:14:49]	Pesquisador	Entendi.
[00:14:50]	Pesquisador	Dentro do teu tempo de magistério, você está na fase que o Huberman chama de diversificação, está começando a implementar experiências pessoais para mudar.
[00:14:59]	Pesquisador	Ele vai descrevendo assim, do início até o final da carreira de um professor, várias coisas, terminando lá com desinvestimento, serenidade, pôr-se em questão.
[00:15:12]	Pesquisador	Interessante.
[00:15:15]	Pesquisador	Como é que é o professor L.?
[00:15:16]	Pesquisador	Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:15:22]	P6	Então, uma característica muito forte em mim é seriedade.
[00:15:27]	P6	Por incrível que pareça, eu sou muito sério em sala de aula.
[00:15:31]	P6	Primeiro por ser jovem, né, cara?
[00:15:34]	P6	Então, eu tento...
[00:15:35]	P6	Eu brinco com todos eles, mas no momento que eu estou falando sério, eu falo sério.
[00:15:40]	P6	Eu sou duro em relação ao horário, falta.
[00:15:48]	P6	Nessa parte, eu sou bem duro.
[00:15:50]	P6	Até tento flexibilizar.
[00:15:53]	P6	Eu acho que é uma coisa que eu cobro demais.
[00:15:56]	P6	O pessoal não chegar atrasado, não ficar levantando toda hora, prestar atenção enquanto eu falo.
[00:16:03]	P6	Quando eu não falo, eu os deixo à vontade.
[00:16:06]	P6	Eu tento fazer uma troca com eles, mas essa seriedade é uma característica forte em mim.
[00:16:15]	P6	Até a rigidez.
[00:16:18]	P6	É muito rigor demais. Eu
[00:16:20]	P6	Eu acho que é até um erro meu.
[00:16:23]	Pesquisador	Tem jeito.
[00:16:24]	Pesquisador	Então, a tua formação inicial, o teu curso de licenciatura, contribuiu para a construção dessa identidade profissional?
[00:16:32]	P6	Sim.
[00:16:33]	P6	Sim e não.
[00:16:36]	P6	Porque o que é falado no curso de licenciatura, o que a gente vê, são vários métodos que são úteis, mas dependendo do contexto, de onde você está.
[00:16:49]	P6	Eles são úteis em contextos diferentes.
[00:16:52]	P6	Então, quando a gente se depara com um aluno que tem muita dificuldade na matéria, e lá eles falam que a turma precisa acompanhar por completo, mas não tem como a turma acompanhar por completo, porque um aluno sempre vai ficar para trás.
[00:17:13]	P6	Então, a gente tenta ter esse jogo de cintura para fazer com que as coisas que a gente aprendeu não fiquem guardadas numa gaveta.
[00:17:23]	P6	Entendeu?
[00:17:24]	P6	Tentar mesclar a vivência, a realidade que a gente vive, com o que é passado no curso.
[00:17:32]	Pesquisador	Entendi.
[00:17:33]	Pesquisador	Considerando que, segundo Tardif, um autor da área de educação, considerando que a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida, em que momento da sua trajetória você identifica etapas de construção das características que formam a sua identidade profissional?
[00:17:52]	Pesquisador	E essas etapas, L., podem ser até antes de você começar a trabalhar como professor.
[00:17:59]	Pesquisador	De repente, até quando você era aluno, você nota que vem construindo dessa maneira, essa identidade de trabalhar?
[00:18:07]	P6	Sim, acredito que até como aluno.
[00:18:12]	P6	Uma característica que gosto muito é que nunca fui abusado ou confrontar qualquer pessoa mais velha ou com mais experiência que eu.

[00:18:29]	P6	Então, quando isso acontece comigo, fui trabalhando na minha mente para fazer com que meus alunos pensem da mesma forma que eu, que eles nunca sejam desrespeitosos com o professor, do porteiro ao professor, não importa, que eles nunca sejam desrespeitosos com nenhum dos profissionais que trabalham dentro da escola.
[00:18:50]	P6	E essa identidade foi formada desde a escola até quartel, em casa, igreja, tudo isso aí.
[00:18:59]	P6	A garagem, onde a gente sempre...
[00:19:05]	Pesquisador	Você serviu exército?
[00:19:07]	P6	Não, não, não.
[00:19:09]	P6	Eu tive uma etapazinha no Fuzileiro Naval.
[00:19:14]	Pesquisador	Ah, sim.
[00:19:17]	Pesquisador	Não lembro disso!
[00:19:19]	P6	Que eu acabei não ficando.
[00:19:20]	Pesquisador	Eu lembro do curso que você fez lá da elétrica de ônibus.
[00:19:25]	Pesquisador	Acho que foi até com esse curso que você arrumou seu estágio, não foi?
[00:19:29]	P6	Isso, isso aí.
[00:19:30]	Pesquisador	Com esse trabalho, você entrou como aluno trabalhador, não é?
[00:19:34]	P6	Exatamente, perfeito.
[00:19:38]	Pesquisador	Então, você identifica a construção dessa tua identidade profissional desde quando você era aluno, maneira de se comportar?
[00:19:47]	P6	Sim, sim, sim.
[00:19:48]	Pesquisador	Você falou aí, não é?
[00:19:49]	Pesquisador	Respeito aos professores e tal.
[00:19:51]	Pesquisador	E você procede dessa...
[00:19:53]	Pesquisador	Pode falar.
[00:19:55]	P6	Eu acho que a identidade da gente é formada de verdade desde o ensino fundamental dois, não é?
[00:20:04]	P6	Eu acho que é quando você começa a conviver com mais pessoas, com mais professores, então essa identidade começa a ser formada.
[00:20:16]	Pesquisador	Você procede com essa mesma identidade profissional em todas as turmas que você seleciona?
[00:20:21]	P6	Não.
[00:20:23]	P6	Tem turmas...
[00:20:24]	P6	As turmas de oitava e nono, que são as turmas com comportamento...
[00:20:30]	P6	Que ainda são turmas de transição para o ensino médio.
[00:20:33]	P6	Oitava, nono e primeiro ano.
[00:20:35]	P6	São turmas de transição de ensino médio, são turmas que têm mais dificuldade de comportamento.
[00:20:40]	P6	Então, a gente tem que ser mais rígido.
[00:20:42]	P6	Segundo e terceiro ano, a gente já é mais solto, já tenta ser mais parceiro do aluno, já tenta ajudar o aluno em alguma coisa, identificar alguma coisa que ele possa melhorar para ele e jogar junto com ele, não é?
[00:20:56]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:21:08]	P6	Sim.
[00:21:10]	Pesquisador	O histórico lá do teu curso?
[00:21:13]	P6	Sim, sim, sim.
[00:21:14]	P6	E eu tive bastante.
[00:21:15]	P6	Não, contribuíram sim, contribuíram sim.
[00:21:18]	P6	Os teóricos da educação...
[00:21:23]	P6	É como eu falei no começo, não é, cara?
[00:21:26]	P6	Muitas coisas que eles falam, os teóricos da educação, muitas coisas que eles falam, a gente não pode levar ao pé da letra, porque tudo depende do contexto em que você está introduzido.
[00:21:39]	P6	Se você está introduzido num contexto de uma escola...
[00:21:44]	P6	Não que a escola que eu trabalho não seja top, mas uma escola top de linha em questão de...
[00:21:49]	P6	O aluno vai para lá querer estudar, só está ali quem quer.
[00:21:53]	P6	Aí você consegue aplicar o que cada um fala de uma forma melhor.
[00:21:59]	P6	Agora, quando você está em um contexto diferente, onde é mais difícil, você tem que propor uma ideia e o aluno comparar a sua ideia.

[00:22:08]	P6	Eu acho que isso aí os teóricos mais recentes dizem, não é?
[00:22:14]	P6	Cortella, esse pessoal já trabalha mais com essa troca de interesse aluno-professor.
[00:22:21]	P6	Paulo Freire também.
[00:22:25]	Pesquisador	Você falou que vai começar um curso de pós-graduação.
[00:22:28]	Pesquisador	Você acha que esse curso vai melhorar a sua prática docente?
[00:22:32]	P6	Acredito que sim.
[00:22:35]	Pesquisador	Está fazendo ele com esse objetivo?
[00:22:37]	P6	Sim, também eu busco esse objetivo, porque é uma área que eu tenho dificuldade ainda, apesar de...
[00:22:46]	P6	A estatística é uma área que vai mudando toda hora, e eu tenho dificuldade.
[00:22:49]	P6	Como eu tenho dificuldade, eu busco aprender fazendo uma pós na própria.
[00:22:58]	Pesquisador	Durante a sua passagem pelas universidades, o grande curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:23:09]	P6	Não, não participei, porque todas eram à distância.
[00:23:12]	Pesquisador	Projeto de pesquisa...
[00:23:15]	Pesquisador	Não rolava pesquisa acadêmica, não é?
[00:23:19]	Pesquisador	E também todas...
[00:23:20]	Pesquisador	O CEDERJ não, mas as outras duas eram universidades privadas, mais difícil.
[00:23:27]	P6	Bem difícil.
[00:23:28]	Pesquisador	Mas você acha, L., você...
[00:23:30]	Pesquisador	Fale aí.
[00:23:31]	P6	E o CEDERJ também não tem muito essa parte de pesquisa acadêmica, não.
[00:23:37]	P6	É bem...
[00:23:40]	P6	Ela é uma faculdade, ela é federal, mas ela tem um viés bem privado.
[00:23:48]	P6	O professor está sempre disponível, as aulas são gravadas, mas...
[00:23:58]	P6	Cara, eu não sei como te explicar, mas ela tem um viés de faculdade bem privada, uma faculdade bem acessível.
[00:24:07]	Pesquisador	As aulas já são gravadas e ficam lá numa plataforma e você...
[00:24:12]	P6	Isso aí.
[00:24:13]	Pesquisador	A aula é online ou ao vivo?
[00:24:16]	P6	Não, não, gravada.
[00:24:17]	P6	Tem aulas online e tem aulas gravadas.
[00:24:20]	P6	As maiores são gravadas.
[00:24:21]	P6	E as online também ficam gravadas.
[00:24:25]	Pesquisador	Você migrou do CEDERJ para a Unigranrio por quê?
[00:24:28]	Pesquisador	Não gostou desse modelo?
[00:24:30]	P6	Não. Mas
[00:24:30]	Pesquisador	Mas para a Unigranrio você foi presencial, não é?
[00:24:33]	P6	Isso, isso, isso.
[00:24:34]	P6	Mas eu fiquei pouco tempo lá, por causa da questão financeira.
[00:24:38]	P6	Porque eu tinha que me deslocar todo sábado.
[00:24:41]	P6	Niterói...
[00:24:43]	P6	Niterói, não.
[00:24:44]	P6	Petrópolis.
[00:24:48]	Pesquisador	Petrópolis, onde?
[00:24:49]	P6	Petrópolis.
[00:24:50]	P6	Isso.
[00:24:51]	Pesquisador	Mas você acha que essas pesquisas seriam importantes para contribuir para a tua formação?
[00:25:00]	P6	Sim, são importantes, sim.
[00:25:03]	P6	Porque elas embasam teorias, não é, cara?
[00:25:07]	P6	Essas pesquisas embasam teorias.
[00:25:09]	P6	Eu acho que é importante.
[00:25:12]	Pesquisador	Tem pesquisas que o aluno faz junto com o professor lá da ponta, lá da escola.
[00:25:17]	Pesquisador	Tem pesquisa do próprio professor sozinho e algumas pesquisas sobre o professor.

[00:25:26]	Pesquisador	O cara pesquisa só sobre o professor, fala da vida dele, mas o professor mesmo não participou, não contribuiu com quase nada.
[00:25:35]	Pesquisador	Existe a pesquisa do próprio professor produzindo conhecimento sobre a sua prática.
[00:25:39]	Pesquisador	E a pesquisa que o pesquisador se junta com o professor para elaborar uma pesquisa e tal, para tentar contribuir com a melhoria do processo formativo, por exemplo, para a ciência de aprendizagem.
[00:25:50]	P6	Correto, correto.
[00:25:52]	Pesquisador	Na escola que você trabalha, nas escolas que você trabalha, você participa de comunidades de aprendizagem, grupo de estudo, para troca de experiência?
[00:26:01]	P6	Sim, sim.
[00:26:02]	P6	Então, os professores de Matemática, como eu te falei, os professores de Matemática lá da escola, a gente tem uma troca muito grande de informação.
[00:26:12]	P6	Normalmente, na quinta-feira, nós pegamos provas de concursos aleatórios a nível de professor.
[00:26:21]	P6	Nós resolvemos, aí um que não consegue resolver, o outro vai e resolve, mostra uma parte teórica lá que um esqueceu, ou que o outro lembra, e a gente assim vai levando.
[00:26:32]	P6	É uma troca de informação bem legal.
[00:26:34]	Pesquisador	Mas isso é uma coisa formal, num horário específico, ou é aquela conversa de horário do café na sala dos professores?
[00:26:43]	P6	Não é formal, mas também não é informal, porque é após o horário.
[00:26:48]	P6	Ah, após o horário.
[00:26:49]	P6	Seis horas.
[00:26:50]	P6	A gente se senta lá na sala dos professores, aí uma pega...
[00:26:54]	P6	Normalmente, a gente leva três questões na quinta.
[00:26:56]	P6	Cada um resolve uma questão.
[00:26:58]	P6	E aí, o que não conseguiu, todo mundo se senta junto e tenta resolver.
[00:27:03]	Pesquisador	Esses dois são professores de Matemática também?
[00:27:07]	P6	Matemática também.
[00:27:08]	Pesquisador	A escola é grande, então, em três professores de Matemática?
[00:27:12]	P6	São mais.
[00:27:13]	P6	Nós temos...
[00:27:15]	P6	Quatro ou cinco professores de Matemática.
[00:27:20]	Pesquisador	A escola é grande.
[00:27:22]	P6	Sim, sim.
[00:27:23]	Pesquisador	Essa escola é bem ali em frente ao parque de Lote XV?
[00:27:28]	P6	Isso aí, ao lado do parque.
[00:27:32]	Pesquisador	E você acha importante essa participação em comunidades de aprendizagem, grupo?
[00:27:37]	Pesquisador	Você acha importante?
[00:27:40]	P6	Sim.
[00:27:41]	Pesquisador	Para a formação docente?
[00:27:43]	Pesquisador	Para você melhorar suas práticas?
[00:27:46]	P6	É importante para o conhecimento.
[00:27:50]	P6	As práticas, normalmente... Eu
[00:27:52]	P6	Eu estive aí no Juscelino, conversando até com o Borré, e eu falei com ele, para eu tentar melhorar, eu assisto a aula de outros professores no YouTube.
[00:28:06]	P6	Eu, eu boto uma aula de, por exemplo, vou dar um exemplo aqui do Curió, aí assisto uma aula do Curió, e entre outros profissionais, do Rodrigo também, do Santana, que é excelente, e eu tento pescar o que eles têm de melhor.
[00:28:23]	P6	A comunicação, ou uma parte mais dinâmica, eu tento pescar o que eles têm de melhor para somar na minha formação.
[00:28:30]	Pesquisador	Perfeito.
[00:28:35]	Pesquisador	Você atua de forma reflexiva crítica, sobre suas práticas, enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua?
[00:28:44]	Pesquisador	Considera que sua formação inicial te ofereceu subsídio para trabalhar dessa forma?
[00:28:50]	P6	Então, eu sou...
[00:28:52]	P6	Nessa parte de...

[00:28:54]	P6	Eu sou bem flexível a...
[00:28:57]	P6	Críticas construtivas, não é?
[00:29:00]	P6	Como eu te falei, a minha diretora muitas vezes me auxilia falando assim, pô, L., que tal você fazer um projetinho assim?
[00:29:07]	P6	Lá na escola, a gente teve um projeto com o professor de Educação Física, as Olimpíadas de Matemática, junto com as Olimpíadas de Educação Física, essas Olimpíadas normais.
[00:29:18]	P6	A gente usou a quadra para achar perímetro de figura, a bola para achar esfera, entre outras coisas.
[00:29:28]	P6	E a gente usou essas táticas para tentar trazer os alunos para a gente e melhorar também a nossa parte didática.
[00:29:38]	Pesquisador	Essa diretora, qual é a formação dela?
[00:29:40]	Pesquisador	É pedagoga?
[00:29:41]	P6	Ela é profissional de...
[00:29:43]	P6	Profissional de Português e pedagoga.
[00:29:48]	Pesquisador	Então, você atua de forma reflexiva crítica, não é?
[00:29:51]	Pesquisador	O que quer dizer?
[00:29:52]	Pesquisador	Você reflete se está dando certo, se não está dando certo.
[00:29:56]	Pesquisador	E, se não está dando certo, o que você pode fazer para melhorar?
[00:30:00]	P6	Exatamente.
[00:30:00]	P6	Estou bem aberto ao diálogo.
[00:30:03]	Pesquisador	É um viés das pesquisas atualmente que o professor trabalhe dessa maneira.
[00:30:08]		Você falou agora há pouco sobre o professor mais antigo, mas, às vezes, o cara fica preso a uma prática que está ultrapassada.
[00:30:15]	P6	Exatamente.
[00:30:16]	Pesquisador	Ele não reflete que aquilo não está dando certo, ele não busca uma melhoria, já está acostumado, está no seu nível de conforto.
[00:30:23]	Pesquisador	É um cara que não aceita muito...
[00:30:26]	P6	Ele está há tanto tempo na sala de aula, ele está há tanto tempo na sala de aula que ele acaba achando que é o dono da razão.
[00:30:34]	P6	E aí, ele não aceita uma ideia de um mais jovem ou de outra pessoa, outro profissional, buscando melhoria.
[00:30:46]	Pesquisador	Próxima pergunta, L.
[00:30:48]	Pesquisador	Pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre a universidade e a escola, ou seja, entre o professor e o pesquisador universitário.
[00:31:00]	Pesquisador	Essas pesquisas apontam esse caminho possível para a melhoria dos processos formativos.
[00:31:06]	Pesquisador	Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[00:31:10]	Pesquisador	Assim, resumindo, aproximar mais a universidade da escola, lá da ponta, lá onde você está agora, lá onde eu estou, no JK, na ponta, que a universidade se aproxime mais da nossa realidade.
[00:31:23]	Pesquisador	Você acha isso interessante?
[00:31:24]	P6	Interessante, sim, é.
[00:31:26]	P6	É muito interessante.
[00:31:27]	P6	Porque é como você estava falando sobre as pesquisas normativas.
[00:31:33]	P6	Com essa aproximação, nós conseguimos buscar passos diferentes para informar mais pessoas sobre os processos da educação, informar como é uma faculdade, entre N coisas.
[00:31:54]	P6	Só que, é como eu falo, tudo tem um contexto.
[00:31:57]	P6	Tudo depende de onde está introduzido.
[00:32:02]	Pesquisador	Você chega a receber estagiários na escola?
[00:32:07]	P6	Recebo.
[00:32:09]	P6	Recebo, recebo.
[00:32:12]	Pesquisador	E como é que é?
[00:32:12]	Pesquisador	Simplesmente chega lá, você acompanha, eles vêm acompanhados de um professor, um orientador?
[00:32:20]	Pesquisador	Como é que é isso?
[00:32:21]	P6	Não, não, eles só chegam, eu acompanho.
[00:32:23]	P6	Normalmente, eu os coloco para dar uma aula, mas todos eles têm muita dificuldade de se expressar, tendem a ser muito inseguros.
[00:32:32]	P6	Acho que, no começo, normalmente, todo mundo é muito inseguro.
[00:32:36]	Pesquisador	Esse estágio é voluntário ou a escola paga pelo trabalho do estagiário?

[00:32:41]	P6	É voluntário, é voluntário.
[00:32:43]	Pesquisador	É só para complementar aquela carga horária?
[00:32:47]	P6	Isso, isso aí, só para finalizar.
[00:32:50]	Pesquisador	Você bota efetivamente para dar aula ou é só um estágio de observação?
[00:32:54]	P6	Não, então, normalmente, quando o estagiário chega, ele conversa comigo.
[00:32:59]	P6	Aí, eu pergunto, você quer estagiar mesmo ou você só quer acompanhar?
[00:33:05]	P6	Aí, você tem que falar, não, eu quero entender como funciona na prática.
[00:33:09]	P6	Aí, tem uma vez no mês, eu o coloco para fazer chamada, passar exercício e dar uma aula.
[00:33:18]	P6	Tudo na mesma aula, entendeu?
[00:33:20]	Pesquisador	O pessoal vem de onde?
[00:33:22]	Pesquisador	Da UERJ de Caxias?
[00:33:24]	P6	Vem da UERJ, vem muitos da Unigranrio, da Estácio, da Estácio tem um monte.
[00:33:32]	Pesquisador	Na Estácio, em Caxias, tem licenciatura em Matemática?
[00:33:37]	P6	Aí, você me pegou, mas eu sei que vem muita gente da Estácio.
[00:33:45]	Pesquisador	L., quais conhecimentos você julga mais importantes na formação de seus alunos?
[00:33:51]	Pesquisador	O que você mais valoriza em sala de aula?
[00:33:55]	P6	Como assim?
[00:33:56]	P6	Em questão de conteúdo?
[00:33:59]	Pesquisador	Conteúdo.
[00:34:00]	Pesquisador	Se você julga o conteúdo algo mais importante, tem que cumprir esse conteúdo e vai naquela linha mais dura da Matemática.
[00:34:08]	Pesquisador	Ou você prioriza uma formação...
[00:34:10]	P6	Geral, não é?
[00:34:11]	Pesquisador	Holística, geral
[00:34:13]	P6	Isso, não, não.
[00:34:13]	Pesquisador	Para a vida, para o mercado de trabalho?
[00:34:16]	P6	É o que eu penso.
[00:34:18]	P6	Eu penso assim, eu prefiro um aluno que é bom em...
[00:34:24]	P6	Eu tenho uma aluna lá que é assim, ela é muito boa em tudo, mas em Matemática ela é comum, bem mediana, ela tira 5, 4, 6, só que ela é tão boa em tudo que eu não sinto a necessidade de cobrar ela ser a melhor em Matemática.
[00:34:40]	P6	Ela tem dificuldade, e ela sempre teve essa dificuldade, de outros carnavais, outros professores passaram por ela e falaram dessa dificuldade, só que ela é muito boa em tudo.
[00:34:49]	P6	Então, eu não me sinto confortável e não acho correto com ela. Ela é uma
[00:34:54]	P6	Ela é uma garota tão boa, tão dedicada, e eu não acho certo eu forçar ela a ser a melhor em Matemática se ela não tem o prazer em estudar isso, entendeu?
[00:35:06]	Pesquisador	Ela tira nota para passar?
[00:35:08]	P6	Não, sim, ela tira nota para passar.
[00:35:12]	P6	Tira 6, 5, 6, 5.
[00:35:18]	Pesquisador	Considerando o curso de licenciatura que você realizou, você considera que essa formação te forneceu subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente?
[00:35:30]	Pesquisador	Descreva sobre elogios ou críticas à sua formação.
[00:35:35]	P6	Então, eu acredito que sim.
[00:35:39]	P6	A única crítica que eu tenho à formação de qualquer faculdade no Brasil é trabalhar com alunos laudados.
[00:35:47]	P6	Professor tem muita...
[00:35:49]	P6	Os professores formados agora, os antigos também, têm muita dificuldade de trabalhar com alunos laudados.
[00:35:54]	P6	Ainda mais que 90% das escolas não têm um agente de apoio com o laudado.
[00:36:02]	P6	Então, o laudado, em vez de ser inclusão, se torna exclusão de aluno, entendeu?
[00:36:09]	P6	Porque ele não consegue acompanhar.

[00:36:11]	P6	E você fica de mãos atadas.
[00:36:13]	P6	Porque se você der muita atenção para ele, o resto da turma, os 30 alunos, não tem essa informação.
[00:36:22]	P6	Eu acho que é uma crítica geral a todas as faculdades.
[00:36:25]	P6	Não só a que eu fiz.
[00:36:29]	Pesquisador	deu uma travada aí.
[00:36:34]	Pesquisador	Julga, então, o que faltou na tua licenciatura, na tua formação, foi essa questão de trabalhar mais a questão da inclusão.
[00:36:45]	Pesquisador	Preparar o professor para trabalhar para atual inclusão.
[00:36:48]	P6	Isso aí.
[00:36:48]	P6	Eu acho que isso falta.
[00:36:51]	Pesquisador	Eu uso exatamente essa expressão que você falou aí.
[00:36:56]	Pesquisador	Quando destina uma atenção especial para um aluno especial, você acaba que outros 30 de uma turma dispersam.
[00:37:07]	Pesquisador	E você perde o controle da turma.
[00:37:12]	Pesquisador	E eu só lembro de ter tido apoio dentro de sala de aulas, de um monitor, quando eu estive lá no JK, com um aluno surdo-mudo, o Diego.
[00:37:24]	Pesquisador	Ele com um intérprete.
[00:37:26]	Pesquisador	Mesmo assim, com um intérprete é difícil de você trabalhar.
[00:37:30]	Pesquisador	Porque o intérprete, por exemplo, não tem símbolo para alguns itens, algumas palavras que são próprias do jargão técnico, do jargão da eletrotécnica.
[00:37:40]	Pesquisador	E a intérprete ficava com dificuldade de falar com ele, de passar para ele através da linguagem de sinais aquilo que eu estava falando.
[00:37:49]	Pesquisador	Aí você vai ficando naquela situação angustiante.
[00:37:51]	Pesquisador	O que eu vou fazer?
[00:37:53]	Pesquisador	Tem uma turma inteira, com 30 alunos, mas eu tenho esse menino aqui que requer uma atenção especial.
[00:37:59]	Pesquisador	Eu também não fui preparado para essa questão.
[00:38:02]	P6	Eu tenho um aluno no oitavo ano que é assim.
[00:38:05]	P6	Só que ele tem...
[00:38:07]	P6	Ele tem uma dificuldade de intelecto.
[00:38:10]	P6	Ele tem um atraso intelectual.
[00:38:11]	P6	Então, ele é muito esperto para tudo.
[00:38:15]	P6	Só que ele tem muita dificuldade de escrever.
[00:38:18]	P6	Aí eu fiz um teste com ele.
[00:38:19]	P6	Ele chegou tem três semanas, quatro semanas, vindo de um colégio público.
[00:38:23]	P6	Chegou no oitavo ano.
[00:38:24]	P6	Eu falei, vou passar umas atividades de quinto ano para ele.
[00:38:28]	P6	Dezenas, centenas, ele não conseguiu fazer.
[00:38:31]	P6	Eu falei, caramba!
[00:38:33]	P6	Não deu isso.
[00:38:34]	P6	Eu fui lá para a tabuada.
[00:38:36]	P6	Pedi para ele escrever a tabuada toda.
[00:38:38]	P6	E eu acho que não é perder tempo.
[00:38:43]	P6	Só que a gente tem que ter um jeito de não atrasar esse aluno e não fazer ele perder tempo, porque o aluno vai para lá para copiar a tabuada, para fazer uma coisa que provavelmente ele pode fazer em casa.
[00:38:58]	Pesquisador	Esse menino chegou...
[00:38:59]	Pesquisador	Chegou em qual ano esse menino?
[00:39:01]	P6	Ele chegou tem um mês.
[00:39:04]	Pesquisador	Mas ele chegou no oitavo ano?
[00:39:05]	P6	Está no oitavo ano.
[00:39:09]	P6	Laudado.
[00:39:12]	Pesquisador	Lá você exige o laudo da família?
[00:39:14]	P6	Exigimos o laudo.
[00:39:16]	P6	Sem laudo, a gente reprova.
[00:39:22]	Pesquisador	A tua formação inicial, ela te deu subsídio para você exercer a docência no atual contexto social?
[00:39:30]	Pesquisador	Ou seja, observando as questões de gênero, etnia, raça e diversidade?
[00:39:36]	P6	Sim, sim, sim.
[00:39:36]	P6	Isso aí, as três faculdades que eu fiz.

[00:39:41]	P6	Tive muitas aulas sobre isso, ensinando a se portar, a entender a dificuldade que é se comunicar com o aluno de hoje.
[00:39:53]	P6	Você deve estar passando um sufoco no JK.
[00:39:57]	P6	Com esses alunos de lá.
[00:40:00]	Pesquisador	O meu maior sufoco é a questão de terem desabituado de estudar.
[00:40:07]	P6	É isso aí.
[00:40:08]	Pesquisador	Esse é o meu maior sufoco, porque um aluno que entrou o ano passado no ensino médio, técnico em eletrotécnica, ele fez o oitavo e o nono ano online.
[00:40:19]	Pesquisador	2020 e 2021 ele fez online, de casa, sem nenhum compromisso com estudar, colando na hora da prova, mandando a prova copiada.
[00:40:29]	Pesquisador	Aí, quando entra 2022, esse cara passa para o ensino médio, dois anos sem frequentar, ele passa para o ensino técnico em 2022.
[00:40:39]	Pesquisador	E agora passa para o segundo ano em 2023.
[00:40:42]	Pesquisador	Só que agora já foi dado àquele corte natural.
[00:40:46]	Pesquisador	Passaram 16 alunos só para o segundo ano.
[00:40:54]	P6	E aí, você pega um cara desse com dificuldade em propriedade de potência, você passa e não trouxe uma prova, não trabalha.
[00:41:01]	Pesquisador	É isso.
[00:41:03]	Pesquisador	Eu nem entro nesses detalhes.
[00:41:05]	Pesquisador	Tem questões que você é obrigado a contornar, dar o teu jeito.
[00:41:09]	Pesquisador	Por exemplo, associação de resistores.
[00:41:11]	Pesquisador	Vou dar aula à noite, tem cara lá que não estuda, já tem 25 anos.
[00:41:16]	Pesquisador	Aí, associação de resistores, você cai lá numa expressão, um sobre dois, mais um sobre quatro, mais um sobre dez.
[00:41:23]	Pesquisador	Aí, você fala para o cara fazer MMC, já era, cara.
[00:41:26]	P6	Ele não sabe, é.
[00:41:27]	Pesquisador	Já era.
[00:41:28]	Pesquisador	Somar, fração, já era.
[00:41:30]	Pesquisador	Aí, sabe o que eu sou obrigado a fazer?
[00:41:33]	Pesquisador	Obrigado a ensinar para fazer dois a dois.
[00:41:36]	Pesquisador	Para fazer R1 e R2, produto pela soma.
[00:41:39]	Pesquisador	Agora, eu pego esse resultado aqui, produto pela soma.
[00:41:43]	Pesquisador	Você vai vendo que a dificuldade é muito grande.
[00:41:46]	P6	É verdade.
[00:41:47]	P6	A gente tem que contornar de alguma forma.
[00:41:50]	Pesquisador	Ontem, eu dei uma prova e uma questão eu tinha feito.
[00:41:59]	P6	Travou.
[00:42:09]	Pesquisador	Quase não mudava a mão.
[00:42:10]	Pesquisador	Só troquei o fio 2,5, agora são 4 milímetros.
[00:42:14]	Pesquisador	Travou.
[00:42:14]	Pesquisador	Nem aí para nada.
[00:42:17]	P6	Não, é o que eu te falei no começo.
[00:42:19]	P6	A falta de interesse também ajuda muito nisso.
[00:42:23]	P6	Eles também não correm atrás para recuperar o tempo perdido.
[00:42:33]	P6	Travou, hein?
[00:42:34]	Pesquisador	Então, cereja do bolo.
[00:42:36]	Pesquisador	L., para finalizar.
[00:42:38]	Pesquisador	Diversas pesquisas apontam...
[00:42:41]	Pesquisador	Travou?
[00:42:42]	P6	Voltou, voltou.
[00:42:44]	Pesquisador	Voltou.
[00:42:45]	Pesquisador	Então, agora aqui a nossa última questão.
[00:42:48]	Pesquisador	Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudanças nos cursos de licenciatura, com vistas a oportunizar melhores condições de formação, tornando a formação dos licenciados mais próxima da realidade a ser encontrada pelos novatos em sala de aula.
[00:43:06]	Pesquisador	Você concorda com essa afirmação de que mudanças precisam ser implementadas?
[00:43:11]	Pesquisador	E, se você concorda, o que você proporia como mudança a fim de tornar a formação mais próxima da realidade encontrada na sala de aula?
[00:43:21]	P6	Então, concordo com essa afirmação.

[00:43:24]	P6	A primeira coisa que eu iria propor é um olhar mais crítico para essa parte dos laudados.
[00:43:32]	P6	Além disso, um olhar crítico para os alunos que, como eu posso dizer, de baixa renda.
[00:43:43]	P6	Normalmente, o professor, ele é uma minoria, é uma grande minoria que dá aula para alunos que têm uma classe um pouquinho superior.
[00:43:55]	P6	Normalmente, a gente dá aula para alunos de baixa renda.
[00:43:58]	P6	E esses alunos, muitas vezes, estão interessados em ir para a escola para comer.
[00:44:03]	P6	Então, eu iria propor para que possamos arranjar soluções para fazer com que a escola se torne interessante para esses alunos.
[00:44:15]	P6	Buscar soluções.
[00:44:16]	P6	A faculdade nos preparar para ter essas soluções.
[00:44:20]	P6	Nem que seja um torneio de xadrez envolvendo um torneio de dama, variando alguma coisa, não sei.
[00:44:30]	P6	O aluno precisa sentir interesse de estar na escola.
[00:44:33]	P6	Se ele não tem interesse de estar na escola...
[00:44:37]	P6	Conseguiu ouvir?
[00:44:42]	Pesquisador	Deu uma travada quando você falou que tem que buscar soluções para a situação dos alunos lá, que vão para a escola, não tem o que comer e tal.
[00:44:51]	Pesquisador	Daí para frente, travou.
[00:44:52]	Pesquisador	Congelou a tua imagem.
[00:44:55]	P6	Sim, sim.
[00:44:56]	P6	Estou dizendo que a gente tem que...
[00:44:59]	P6	Esses alunos que só vão para a escola para comer, para se alimentar, a gente tem que trazer eles para nós.
[00:45:05]	P6	A faculdade tem que preparar a gente para esse cenário.
[00:45:08]	P6	Para esses alunos.
[00:45:09]	P6	Para mostrar assim...
[00:45:10]	P6	Vocês têm que mostrar para esses alunos que estudar vale a pena.
[00:45:15]	P6	Vocês têm que desenvolver projetos trimestrais fazendo com que os alunos se interessem.
[00:45:22]	P6	Cada trimestre você desenvolve um jogo.
[00:45:25]	P6	O cara mais velho não gosta disso.
[00:45:26]	P6	Então, cada trimestre você desenvolve alguma coisa para trazer a atenção desse cara mais velho.
[00:45:32]	P6	Entendeu?
[00:45:32]	P6	A faculdade tem que ser responsável por fazer o aluno, o docente, pensar mais em soluções para trazer os alunos e fazer com que os alunos fiquem na escola, evitando a evasão escolar.
[00:45:51]	Pesquisador	Você acha que devia implementar mudanças para formar um professor que trabalhasse aquilo que a gente falou lá em cima, a reflexão crítica.
[00:46:01]	P6	Isso aí, isso aí.
[00:46:02]	Pesquisador	Estou vendo que não está dando certo, tem que mudar, tem que refletir, tem que plantar uma dinâmica aqui, fazer isso, fazer um projeto igual você falou, professor de educação Física, bola, trajetória da bola e tal.
[00:46:18]	P6	É isso aí, é isso aí.
[00:46:23]	Pesquisador	Legal, L.
[00:46:25]	Pesquisador	Interessante aí tua entrevista.
[00:46:27]	Pesquisador	Você gostaria de acrescentar alguma coisa aí, caso não tenha te perguntado, alguma coisa que você acha importante dessa sua carreira, recente carreira de professor.
[00:46:38]	P6	Cara, eu acho que é importante, uma coisa que é importante, que a faculdade deveria, pelo menos a maioria das faculdades de licenciatura deveriam ter alguma parte voltada para psicologia, entendeu?
[00:46:57]	P6	Porque muitas vezes o professor, ele se torna, ele é alvo de muita informação, os alunos jogam informações o tempo todo, então o professor às vezes se torna psicólogo dos alunos, entendeu?
[00:47:11]	P6	Então, se a gente voltasse para pelo menos uma área básica dessa parte de psicologia, para a gente guiar o aluno para uma área, você tem que fazer isso, isso e isso.
[00:47:20]	P6	Eu acho que seria interessante também.
[00:47:24]	Pesquisador	Até para a tua própria saúde mental, não é?

[00:47:27]	P6	Exatamente.
[00:47:28]	Pesquisador	Como você interage com milhares de pessoas, milhares, milhares é exagero, centenas de alunos ali, falam com você o tempo todo, reclamações, lamúrias, choros, conselhos e tal.
[00:47:43]	Pesquisador	Também seria interessante preparar essa parte psicológica.
[00:47:46]	P6	Eu acho importante também.
[00:47:48]	P6	De resto, tudo ok.
[00:47:52]	Pesquisador	Ok então, L.
[00:47:53]	Pesquisador	Eu agradeço esse horário que você destinou para me ajudar.
[00:47:58]	Pesquisador	Mandei para você lá no WhatsApp um termo de consentimento, você vai assinar lá para mim, aceitando participar da pesquisa.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P7

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:24]	Pesquisador	Primeiro, só para contextualizar, queria que você falasse seu nome e sua idade.
[00:00:28]	P7	Ah, V. O. A.
[00:00:30]	P7	Eu tenho 36 anos.
[00:00:33]	Pesquisador	Você fez qual curso de graduação, em que instituição que você realizou e o ano de conclusão?
[00:00:39]	P7	Eu fiz licenciatura em Química na UFRJ.
[00:00:44]	P7	Agora você me pegou.
[00:00:45]	P7	Ano de conclusão?
[00:00:47]	P7	Posso dar uma olhadinha aqui no diploma para poder...
[00:00:50]	Pesquisador	Depois você me passa no WhatsApp (2013).
[00:00:51]	P7	Está bom, eu passo sim, não tem problema.
[00:00:54]	Pesquisador	V., há quantos anos você atua como professor?
[00:00:59]	P7	Então, eu comecei nesse curso técnico.
[00:01:02]	P7	Já tem uns 4 anos, mais ou menos, nesse curso técnico.
[00:01:11]	P7	E teve um período que eu dava esse curso técnico juntamente na graduação de Nanotecnologia.
[00:01:18]	P7	Na UFRJ, como professor substituto, que eu lecionei por dois anos lá.
[00:01:22]	P7	E hoje eu só continuo no curso técnico lá do IMA, da UFRJ.
[00:01:29]	Pesquisador	Eu nem sabia que existia esse curso técnico.
[00:01:31]	Pesquisador	É lá no campo mesmo, no fundão?
[00:01:34]	P7	Sim, sim.
[00:01:35]	P7	Antigamente era presencial, antes da pandemia.
[00:01:39]	P7	Aí, com a pandemia, ele passou a ser remoto.
[00:01:43]	P7	E na pandemia, a diretora de lá viu que atendeu um público maior.
[00:01:49]	P7	Fora até do Rio de Janeiro, até fora do Brasil.
[00:01:53]	P7	Porque esse curso atinge tanto pessoas de empresas, ensino médio, técnico.
[00:02:00]	P7	São formados em outras áreas técnicas.
[00:02:04]	P7	E alunos de graduação.
[00:02:06]	P7	E até professores também, às vezes, fazem esse curso.
[00:02:08]	P7	Já aconteceu de aparecer professores de outras áreas fazendo.
[00:02:13]	P7	Porque essa área de polímeros, ela está em tudo hoje em dia.
[00:02:17]	P7	Na área da saúde, na área da Química.
[00:02:21]	P7	Na parte têxtil, odontologia.
[00:02:24]	P7	Então, vários profissionais que procuram se especializar nessa área.
[00:02:29]	P7	Que está crescendo.
[00:02:30]	P7	Então, a gente recebe pessoas de empresas, alunos de graduação.
[00:02:33]	P7	Às vezes, de ensino técnico, até de ensino médio.
[00:02:36]	Pesquisador	Você realizou algum curso de pós-graduação lato sensu?
[00:02:42]	Pesquisador	Fez mestrado, doutorado?
[00:02:44]	P7	Fiz o mestrado e doutorado.
[00:02:46]	P7	Lá no IMA também, na UFRJ.
[00:02:49]	P7	Nessa mesma área que eu dou o curso técnico.
[00:02:51]	P7	Na parte de polímeros, de ciência e tecnologia de polímeros.
[00:02:55]	P7	Que esse é o foco do curso.
[00:02:57]	P7	E estou começando a fazer agora.

[00:02:59]	P7	Porque lá tem um curso também de especialização.
[00:03:02]	P7	Ele era aos sábados, o dia inteiro.
[00:03:06]	P7	Só que hoje em dia ele também passou a ser remoto.
[00:03:09]	P7	Então, facilitou a minha...
[00:03:11]	P7	Começar a fazer esse curso.
[00:03:13]	P7	Como ele é remoto, agora passou a ser terça e quinta durante a noite.
[00:03:17]	P7	E sábado, num período da tarde, remotamente.
[00:03:20]	P7	Aí eu consegui...
[00:03:22]	P7	Estou conseguindo fazer esse curso.
[00:03:25]	P7	Que é na mesma área.
[00:03:28]	Pesquisador	Esse mestrado, você lembra o ano de conclusão?
[00:03:31]	P7	Olha...
[00:03:32]	Pesquisador	Também não.
[00:03:33]	P7	Também não, mas eu te passo direitinho.
[00:03:35]	P7	O do mestrado e o do doutorado também.
[00:03:40]	Pesquisador	Dá graduação e do mestrado. 2013/2015/2019
[00:03:42]	P7	Isso, faço assim.
[00:03:43]	Pesquisador	Esse curso que você está fazendo é uma especialização.
[00:03:47]	P7	Isso, na área de processamento de polímeros.
[00:03:50]	Pesquisador	Esse remoto ajudou bastante.
[00:03:52]	Pesquisador	Por conta desse remoto também que eu consegui entrar no doutorado.
[00:03:56]	Pesquisador	Porque eu consegui fazer a maioria das disciplinas obrigatórias.
[00:04:01]	Pesquisador	Eu ainda consegui fazer durante aquele período de pandemia.
[00:04:04]	Pesquisador	Também remotamente.
[00:04:06]	Pesquisador	Se fosse presencialmente, acho que eu não teria conseguido conciliar horário.
[00:04:10]	Pesquisador	Além de trabalhar no JK, ainda tenho um trabalho também no SENAI.
[00:04:15]	Pesquisador	E complica a questão de horário para caramba.
[00:04:17]	P7	Com certeza, imagino.
[00:04:21]	Pesquisador	V., considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica. Por que você optou pela licenciatura?
[00:04:29]	P7	Então...
[00:04:30]	P7	Lá no JK, acabou que eu comecei a gostar muito de Química.
[00:04:36]	P7	Teve uma professora, não lembro mais o nome.
[00:04:39]	P7	Durante esse período, para quem quisesse, para os alunos que quisessem.
[00:04:44]	P7	Ela disponibilizava um dia da semana, na parte da manhã.
[00:04:49]	P7	Para a parte experimental de Química no laboratório.
[00:04:52]	P7	Como eu gostava muito da aula dela, eu comecei a fazer.
[00:04:57]	P7	Essas aulas experimentais de Química no laboratório.
[00:05:01]	P7	Com outros alunos que queriam.
[00:05:03]	P7	Eu comecei a gostar bastante.
[00:05:06]	P7	E quando eu acabei o curso do JK...
[00:05:12]	P7	Sim...
[00:05:14]	P7	A parte de eletrotécnica não me agradou muito.
[00:05:18]	P7	Durante quando eu fiz o curso, eu terminei, tudo mais a questão das disciplinas.
[00:05:24]	P7	Só que na época, eu senti até falta da questão da parte prática.
[00:05:29]	P7	Quando eu saí de lá, começou a estar finalizando um laboratório para a parte prática.
[00:05:37]	P7	Que antes não tinha esse laboratório.
[00:05:40]	P7	Ele estava em construção no período.
[00:05:42]	P7	Então, assim, não tive muita parte prática.
[00:05:44]	P7	Talvez isso acabou me deixando inseguro na questão até de exercer a profissão.
[00:05:50]	P7	Mas assim, da parte teórica, não tenho nem o que reclamar.
[00:05:54]	P7	Que o curso era até bem puxado, era bem pesado.
[00:05:57]	P7	chegava de manhã e só saía à noite.
[00:06:02]	Pesquisador	Essa professora, por acaso, era a Deise?
[00:06:06]	P7	Eu acho que sim.
[00:06:10]	Pesquisador	Geralmente é a Deise que faz um trabalho diferenciado.
[00:06:13]	P7	Isso, é.

[00:06:15]	Pesquisador	E exatamente quando você sai, mais ou menos no ano de 2000, o curso passa por uma reestruturação em termos de laboratório.
[00:06:24]	P7	Isso, estava começando.
[00:06:26]	Pesquisador	A gente tem até hoje como bancadas didáticas da WEG, que foram compradas exatamente em 2000.
[00:06:32]	Pesquisador	Aí entram as bancadas através do projeto FAPERJ, mas a gente não tinha espaço físico adequado, instalações elétricas adequadas.
[00:06:43]	Pesquisador	Aí a gente começa a trabalhar essa questão.
[00:06:47]	Pesquisador	E eu, a partir de 2002, assumo a coordenação do curso.
[00:06:52]	Pesquisador	E consigo colocar essas bancadas para operar, mais ou menos em 2001, 2002.
[00:06:58]	Pesquisador	E de lá para cá, mais dois projetos FAPERJ, em 2010 e agora em 2020.
[00:07:06]	Pesquisador	Tem quatro laboratórios atualmente, com uma estrutura mínima, para treinar o aluno, para trabalhar com o aluno nessa parte prática.
[00:07:19]	Pesquisador	Realmente o contexto em que você estudou, o contexto em que eu cheguei no JK, e me colocaram para trabalhar nessa parte prática, era bastante desolador, porque você não tinha material praticamente nenhum, que tinha uma sucata, um laboratório abandonado, largado, acho que até servindo para um depósito de cadeiras velhas.
[00:07:42]	Pesquisador	Mas seria interessante uma visita ao JK, para você ver como esse contexto mudou.
[00:07:47]	P7	Imagino.
[00:07:49]	P7	Realmente a parte teórica era muito boa.
[00:07:52]	P7	Tinha até aulas aos sábados.
[00:07:54]	P7	algumas disciplinas que eram aos sábados, na parte da manhã.
[00:07:56]	P7	Então, a parte teórica do curso em si, sempre foi muito boa.
[00:08:01]	P7	Mas faltou a parte prática.
[00:08:03]	P7	Acabou que eu não me adaptei muito.
[00:08:08]	P7	A questão de querer continuar, seguir uma Engenharia elétrica.
[00:08:13]	P7	Como poucos alunos, na minha época, que seguiram essa área.
[00:08:16]	P7	Se foram uns dois, foram muitos que seguiram essa área de Engenharia Elétrica ou Eletrônica, que seguiram esse caminho.
[00:08:25]	P7	Aí, quando eu saí de lá, eu comecei a fazer cursinho pré- militar, pré-vestibular, e sempre gostei muito de Química, sempre tive muita facilidade.
[00:08:36]	P7	Eu percebi isso com o tempo.
[00:08:38]	P7	Aí eu me inscrevi, na época até, em Engenharia Química, e eu não consegui passar.
[00:08:44]	P7	Aí, depois eu falei assim, vamos inscrever em licenciatura em Química, porque até nesse curso técnico, quando eu comecei a fazer na Federal de Química, eu não tinha passado ainda na faculdade.
[00:08:58]	P7	Eu continuei estudando, e minha mãe é professora de Matemática.
[00:09:01]	P7	Hoje em dia ela não dá aula.
[00:09:03]	P7	Ela deu aula por um tempo, licenciatura de Matemática.
[00:09:06]	P7	Então, eu tive facilidade de ensinar.
[00:09:10]	P7	E nesse curso técnico, comecei a gostar mais ainda de Química, e comecei até a ajudar alguns alunos que tinham dificuldade, que pediam ajuda de fazer algum tipo de estudo, ajudava nas disciplinas, como tinha mais facilidade.
[00:09:23]	P7	Aí, nessa época, eu passei para a licenciatura em Química e comecei a fazer a graduação juntamente com o curso técnico.
[00:09:30]	P7	E mais o estágio, eu ficava entre Caxias e lá no Fundão, próximo a ilha.
[00:09:40]	P7	Aí comecei a tomar gosto da licenciatura em Química, só que acabou que, como eu fazia muita parte de estágio, e comecei a fazer iniciação científica em pesquisa, em laboratório, aí acabou que eu também tomei gosto da parte experimental e da parte da aula, tanto de pesquisa quanto da aula.
[00:10:00]	P7	E acabou que, lá, a minha professora, lá no caso da UFRJ, que ela tinha vários alunos de mestrado e doutorado, que esse estágio era junto com os alunos de mestrado e doutorado, fazendo pesquisa e aprendendo com eles, ela começou a gostar muito de mim, que eu tinha muita facilidade nessa parte, tanto de experimental, em laboratório, e a parte teórica.

[00:10:23]	P7	Aí ela me falou assim, ah, vê se você quer fazer um mestrado aqui comigo, aí eu fiz o processo seletivo, o mestrado, aí me engajei no doutorado, aí a diretora lá, que também me conheceu lá, com as coisas que eu fazia, trabalho, ajudava as pessoas, ela me convidou para começar a dar aula no curso técnico de lá.
[00:10:43]	P7	Aí eu falei, não, tudo bem, eu gosto também de dar aula.
[00:10:46]	P7	Então, assim, aí juntou a parte da aula, do curso técnico, eu gostava, e eu continuei fazendo também pesquisa em laboratório, nessa parte prática.
[00:10:57]	Pesquisador	Vou falar uma parte, isso é minha pesquisa.
[00:11:00]	Pesquisador	A minha próxima pergunta, você já respondeu, seria, mais especificamente, por que optou pela Química?
[00:11:07]	Pesquisador	Licenciatura e por que especificamente pela Química?
[00:11:10]	Pesquisador	Você já respondeu aí, foi uma questão de afinidade para a matéria, gostava da Química.
[00:11:15]	Pesquisador	A próxima pergunta é, descreva as suas experiências profissionais, vividas até hoje, e pode considerar também aquelas que foram exercidas fora do magistério.
[00:11:26]	Pesquisador	A primeira experiência profissional daí para frente, até hoje.
[00:11:30]	P7	Então, a minha primeira experiência profissional foi no estágio, lá na UFRJ, trabalhando juntamente com uma aluna, uma aluna de mestrado, que na época ela estava fazendo uma pesquisa na área de tratamentos químicos de fibras de coco.
[00:11:53]	P7	Ela pegava cada casca de coco, fazia um tratamento químico para extrair uma certa composição do coco, que é a celulose.
[00:12:04]	P7	E para incorporar isso em materiais poliméricos para aplicação na área automobilística, como um processo meio que de reciclagem.
[00:12:12]	P7	Esse foi o meu primeiro contato com essa parte profissional.
[00:12:16]	P7	Aí comecei a gostar bastante, me envolvi junto no projeto e eu comecei a participar de outros projetos nesse estágio, com outros alunos de mestrado, com outras áreas da Química.
[00:12:28]	P7	Tanto a parte de síntese, de reações Químicas, comecei a me envolver bastante.
[00:12:35]	P7	Até na época quando eu comecei a procurar estágio, outras empresas me ofereceram.
[00:12:41]	P7	Uma foi no polo lá da REDUC, na época, não sei se o nome mais é, era Braskem, hoje acho que é outro nome, se não me engano.
[00:12:51]	P7	A empresa Braskem teve mais umas outras duas empresas, uma era Vetec, que acho que hoje não existe mais, que produzia reagentes químicos.
[00:13:01]	P7	Só que já tinham me chamado lá no IMA, na UFRJ.
[00:13:05]	P7	E pela questão de horário e de distância, e lá o estágio ficava dentro da UFRJ, dentro do polo da UFRJ, e ainda fazia o curso técnico.
[00:13:17]	P7	Então, assim, eu acabei ficando por lá mesmo, por questão da distância e de tempo.
[00:13:23]	P7	Aí eu até recusei, essas outras propostas de estágio, no caso, em indústria, e continuei.
[00:13:31]	P7	Aí, quando eu acabei o período de estágio, a professora, ela estava na graduação também, a professora me convidou para fazer projetos de iniciação científica juntamente com ela.
[00:13:41]	P7	Quando ela pega o aluno de graduação, aí eles ganhavam uma bolsa, e trabalhava juntamente fazendo pesquisa nos laboratórios.
[00:13:50]	P7	Aí ela me convidou também a participar em projetos juntamente com empresas automobilísticas, que era até Style, desenvolvimento de, era um projeto para desenvolver formulação de peças de automóveis.
[00:14:04]	P7	E aí comecei a engajar em outras pesquisas, pesquisas tanto na parte automobilística, parte de síntese de Química, que lá era um laboratório de catálise, só que tinha várias linhas de pesquisas.
[00:14:18]	P7	E ela começou a me colocar em várias linhas de pesquisa, como eu gostava bastante, tinha facilidade, o tempo que eu já tinha lá, tanto de estágio, iniciação.
[00:14:26]	P7	Aí eu comecei, aí até que quando eu estava acabando a graduação, eu engajei no mestrado.

[00:14:35]	P7	Aí, nesse mestrado que eu fiz, foi na área a pesquisa, foi utilizando várias fibras de juta e de curauá, que são fibras aqui de plantas brasileiras, juntamente com polímeros biodegradáveis.
[00:14:54]	P7	Aí fiz o mestrado, aí automaticamente, quando eu estava finalizando o mestrado, eu já engajei no doutorado.
[00:15:02]	P7	Aí já foi numa outra linha de pesquisa, já foi para produzir produto para a área balística, tanto que eu tive parceria lá na época com o IME, Instituto Militar de Engenharia, e com o INMETRO, que o meu produto também seria para aplicação para prótese.
[00:15:20]	P7	Então, eu estudei essa parte da área da saúde um pouco, para a aplicação de prótese e para a parte militar.
[00:15:28]	P7	Tanto que acabou que durante a pandemia, um amigo meu, ele trabalhava lá no IME, até dava algumas disciplinas lá no IME.
[00:15:38]	P7	Antes de começar a pandemia, aquele lockdown, ele me chamou para até dar uma disciplina lá com ele no IME, que era uma disciplina que, tipo, para inserir os alunos de lá do IME, de graduação, para a parte experimental de pesquisa.
[00:15:59]	P7	Aí, quando a gente começou lá, aí entrou na pandemia, aí eu vi que ficou remoto, só que foi num período lá de mais ou menos de um ano, essa disciplina que ele me convidou para dar juntamente com ele.
[00:16:11]	P7	E nesse período, eu também estava lecionando já na...
[00:16:16]	P7	Tinha passado, quando acabou o doutorado, aí mais ou menos uns três a quatro meses, eu dava o curso técnico lá, e aí apareceu essa vaga para professor substituto, só que era para a graduação de nanotecnologia, porque começou a crescer essa área de nano, que também acaba envolvendo com o que eu fiz durante o mestrado, no caso mais doutorado, porque eu trabalhei com nanopartículas.
[00:16:40]	P7	Aí eu fiz esse concurso, aí eu passei, aí eu comecei também a lecionar lá na graduação de nano, que é um curso até novo, comparado aos cursos que tem lá.
[00:16:51]	P7	E aí finalizei lá o período de professor substituto, e aí só continuei hoje em dia com o curso técnico e como aluno de pós-doc, como pesquisador, como a diretora gostava muito do meu trabalho, na questão tanto de dar aula, quanto na questão de pesquisa e parte de laboratório, ela me convidou para...
[00:17:13]	P7	Tinha uma bolsa que eu fiz um processo seletivo na época da pandemia para aluno de pós-doutorado de lá, só que durante a pandemia, teve algum problema no sistema da FAPERJ, que eles tiveram que fechar o sistema, alguma coisa, então acabou que essa bolsa se perdeu.
[00:17:29]	P7	Aí eu passei no processo seletivo, peguei toda a documentação, só que o coordenador do curso não conseguia colocar no sistema.
[00:17:37]	P7	Aí surgiu uma outra bolsa lá, aí ela me convidou para essa bolsa de pós-doc, aí hoje em dia eu fico lá como aluno de pós-doc, pesquisador, e dando aula no curso técnico, só que essa minha bolsa vai acabar agora em 2024, entre janeiro e fevereiro, se não me engano, e essa que é a única questão da pesquisa que eu acho ruim aqui no Brasil, que não é algo que você tem que estar sempre em busca de bolsa, não tem prazo, tanto que essa semana eu tive uma entrevista de trabalho, só que fora do Brasil, no caso, em Portugal, numa empresa lá que chamamos PNEP, é uma empresa que ela faz pesquisa, mas lá no caso ela tem uma ligação entre as universidades e as empresas, no caso lá para trabalhar como nessa empresa aí desenvolvendo produtos, e o que eles gostaram muito da minha questão, como eu dou aula nessa área, que lá também eles também dão aula para pessoas aqui de empresa.
[00:18:53]	Pesquisador	Essa tua atividade como professor também não é um concurso, é questão de bolsa?
[00:18:59]	P7	É isso que acontece, na época, esse curso técnico quando foi desenvolvido lá, normalmente quem dava esse curso técnico era aluno de doutorado, principalmente aluno de doutorado.
[00:19:11]	P7	Então, assim, era mais para a pessoa, quem quisesse, ter uma experiência dando aula lá no curso técnico.
[00:19:20]	P7	Só que como eu já tinha uma grande bagagem e tudo mais, no mestrado essa professora, a diretora lá me convidou para dar aula no curso técnico.

[00:19:29]	P7	Então, assim, a gente não recebia isso, eu já recebia a bolsa para quem quisesse dar aula.
[00:19:34]	P7	Aí quando acabou o doutorado, não tinha bolsa, aí ela começou a me dar uma ajuda de custo para continuar, como ela gostava do trabalho, para dar o curso técnico.
[00:19:43]	P7	Aí depois que eu passei como professor substituto na questão de bolsa pós-doc, aí ela não precisou me dar essa ajuda de custo, então, assim, eu dou essa aula de forma assim, não recebo para dar esse curso.
[00:19:57]	P7	Eu recebo a minha bolsa lá de, no caso, de pesquisador, e dou esse curso realmente porque eu gosto, eu gosto dessa parte da aula, de lidar com tanto com a parte de aluno de graduação, essa questão de aluno de empresa, dessa troca de conhecimento, que eu acabo aprendendo muito, porque como tem alunos de empresa, eles passam muito das coisas que eles fazem lá, que eles desenvolvem, dos problemas que acontecem, que acaba casando-se com a questão da disciplina.
[00:20:26]	P7	Aí eu explico, às vezes, o motivo que pode estar acontecendo, então eu acabo aprendendo sempre durante esse curso com os alunos, que eles acabam trazendo um pouco das experiências deles de chão de fábrica e tudo mais.
[00:20:38]	P7	Aí, porque eu gosto mesmo, aí até hoje eu continuo dando esse curso.
[00:20:44]	P7	E hoje em dia eu dou o curso inteiro.
[00:20:46]	P7	Antigamente, são três módulos.
[00:20:48]	P7	Módulo 1, que é a parte de síntese e propriedade de polímeros.
[00:20:55]	P7	O módulo 2, que é a parte de caracterização de polímeros.
[00:20:59]	P7	E a parte 3, que é a parte de processamento, que é voltada mais para a parte da indústria.
[00:21:04]	P7	E, antigamente, eu dava, logo no iniciozinho, eu dava normalmente um a dois módulos.
[00:21:09]	P7	Hoje em dia eu dou o curso inteiro.
[00:21:12]	P7	Tanto que a professora gostou tanto, hoje em dia tem muitos alunos nesse curso, e eles gostam muito que tenha a questão de eles passarem o feedback para a parte da secretaria desse curso.
[00:21:24]	P7	E, aí ela me deixou responsável pelos três módulos, e hoje em dia sou eu que dou os três módulos.
[00:21:33]	Pesquisador	Você falou da questão da FAPERJ, eu estou enrolado lá também com uma prestação de conta.
[00:21:39]	Pesquisador	Desde que entrou a pandemia, eles bloquearam lá, disse que não tinha gente para fazer um trabalho e tal, e já estão vencendo os prazos, e eles agora mandaram e-mail avisando que a partir de setembro, eu acho que eles vão começar a agendar para a prestação de conta do projeto.
[00:21:58]	Pesquisador	O projeto que já está desde 2020.
[00:22:03]	P7	Não, a FAPERJ é muito enrolada.
[00:22:06]	P7	Até essa questão da FAPERJ, por exemplo, tem um amigo meu lá que ele também é pesquisador, é pós-doc, a FAPERJ fez um rolo com ele que ele ficou quase três meses sem receber.
[00:22:19]	P7	Por questão deles mesmo, de erro deles lá do sistema.
[00:22:23]	P7	Então, assim, eles são enrolados.
[00:22:26]	P7	Infelizmente, eles cometem muitos erros que eu já vi.
[00:22:31]	P7	Às vezes troca de bolsa, aí não coloca no sistema, e a pessoa fica sem receber um mês.
[00:22:37]	P7	Nesse caso, ele teve a troca de bolsa, ficou um mês sem receber, aí trocou, só que eles fizeram um rolo lá no prazo da bolsa, que esse prazo foi estendido por causa da pandemia, eles não colocaram no sistema, aí ele ficou mais um mês sem receber.
[00:22:52]	P7	Sim, a FAPERJ infelizmente, comete uns erros assim.
[00:22:56]	Pesquisador	Você envia um projeto, cota preço de bancada, de computador e tal, aí com dólar, um preço.
[00:23:03]	P7	Aí aumenta.
[00:23:06]	Pesquisador	Aprova o teu projeto, aí sempre dão uma reduzida no valor, já dão uma reduzida no valor normalmente, aí aprova teu projeto.
[00:23:14]	Pesquisador	O dinheiro vai sair um ano depois, aí o dólar que era R$3,60 quando eu cotei, ele foi para R$5,50.
[00:23:20]	Pesquisador	E você tem que fazer o projeto, tem que dar o teu jeito, tem que enxugar daqui enxugar dali pedir doação, peço doação de material para a

		empresa, é bem problemático, mas a gente faz porque tem amor pelo que faz, porque se fosse pela questão governamental mesmo, é maior prejuízo para você mesmo.
[00:23:41]	P7	Uma outra coisa que falta comentar aqui, também eu cheguei numa época também a dar aula particular de Química também, quando eu estava na graduação também, cheguei a dar um pouquinho de aula particular de Química também.
[00:23:55]	Pesquisador	Descreve para mim como foram teus primeiros anos como professor, quando você foi efetivamente para dentro de uma sala de aula lá no curso técnico, qual foi a dificuldade que você encontrou, se teve apoio, teve apoio ou não, com quem você pode contar, as estratégias que você utilizou para vencer possíveis obstáculos, falando mais daquela questão pedagógica, aquele contato com a turma, você conseguir ter domínio de turma, passar um conteúdo?
[00:24:27]	P7	Assim, por incrível que pareça, é engraçado, porque quando você seleciona, diferentemente de amigos meus que eu tive contato, como meu primeiro contato foi ali dentro de uma instituição federal, então foi engraçado, porque não tive dificuldade quase praticamente nenhuma, porque os alunos queriam, estavam lá porque queriam, porque antigamente eram aos sábados, então quem estava lá queria aprender, e também assim, lá tinha muitos laboratórios, então eles me deixavam pegar coisas do laboratório e levar para a sala de aula, gostava muito de fazer isso, tipo, levar materiais, quando falava de alguma coisa, de alguma peça, alguma coisa que tinha lá, como lá é um centro de pesquisa, então lá tem muita coisa, muitos equipamentos e tudo mais, materiais, então podia levar isso para a sala de aula, e eu levava isso para ajudar os alunos a visualizar o que eu estava falando, e também lá como tem laboratórios, a diretora deixava eu levar os alunos para dentro do laboratório lá, para mostrar o que eu falava na sala de aula, os equipamentos, de caracterização, de processamento, e isso me ajudava muito, a questão dos alunos entenderem, associar o que eu estava falando, e visualizando ali o equipamento, mostrava como funcionava, e como eu tive essa experiência em laboratório, isso me ajudou muito a passar esse conhecimento, uma linguagem, que na época quando eu comecei a aprender isso, eu era aluno de iniciação, fazia graduação, então eu sabia um pouco da dificuldade, que era às vezes entender os termos, quando eu trabalhava juntamente com alunos de mestrado e doutorado, e assim, conseguia passar para eles esse conhecimento, então sempre fazia associações quando podia, quando dava, levar materiais, algum experimento para a sala de aula, para mostrar como funcionava ali para os alunos, então ali eu tinha muita liberdade, a diretora confiava muito em mim, tudo mais, e ela deixava à vontade, ela levava materiais para a sala de aula, para demonstrar para os alunos, e na graduação, que eu lecionei durante dois anos, na graduação de nanotecnologia, como eu falei, realmente lá os alunos que estavam, eram super interessados, queriam aprender, e ali que eu tive um pouco de dificuldade, porque tinham disciplinas recentes, que foram implementadas na época com o MEC, novas, que ninguém tinha dado ainda, e eu tive que dar a disciplina, então tive que montar toda a minha aula, e ainda foi remota, uma parte foi presencial, e a maior parte foi remota, aí eu tive que pesquisar, montar material, e remotamente que eu tive um pouco de dificuldade, porque a questão da interação ficava um pouco prejudicada, porque você estava ali, falando, falando, e as vezes a maioria dos alunos com a câmera desligada, você não sabe se a pessoa estava te ouvindo, se estava lá, aí a interação se perdia um pouco, a participação do aluno, então eu tinha que as vezes, eu, quando eu criei material de aula, peguei alguns vídeos, coloquei alguns GIFs, algo para poder ajudar na visualização, para ter aquela troca, participação do aluno, para não ficar algo maçante, na sala de aula é muito mais fácil de você ter artifícios para ter a atenção do aluno.
[00:28:17]	Pesquisador	A estratégia que você utilizava, ela foi quebrada com a questão do remoto, pelo que você relata, a estratégia é levar material, levar no laboratório, que é o mais correto, o mais atrativo.
[00:28:33]	Pesquisador	A entrada da pandemia, especificamente das aulas remotas, a gente se vê numa situação nova.

[00:28:39]	Pesquisador	Eu também tive essa mesma dificuldade de trabalhar com aluno do ensino médio, para trabalhar com aluno, que eu também trabalho no SENAI com um público parecido com o que você relatou, o SENAI é da aula para profissionais que trabalham embarcados.
[00:28:56]	P7	Sim, sim.
[00:28:57]	Pesquisador	Tem muita essa interação do problema que ele tem lá na plataforma, ele traz, a gente busca uma solução conjunta e tal.
[00:29:04]	Pesquisador	E uma aula, quando era presencial, mostra de equipamentos o tempo todo, um laboratório muito bem montado, de atmosfera explosiva e tal, e quando entra no remoto, isso se quebra.
[00:29:18]	P7	Sim.
[00:29:19]	Pesquisador	Muitas vezes, você se vê falando com a impressão de que está falando sozinho.
[00:29:26]	Pesquisador	Ninguém interage, você tem que chamar, chama o homem e ele não está na sala, ele está disperso.
[00:29:32]	Pesquisador	Quando ele abre o som, você vê que, em paralelo, ele está assistindo televisão.
[00:29:36]	Pesquisador	Não sei se você já se deu para uma realidade dessa.
[00:29:40]	P7	Sim, sim.
[00:29:42]	P7	Realmente, o remoto, ele facilitou a questão de a pessoa não precisar de se deslocar da sua casa até o local de ensino.
[00:29:54]	P7	Às vezes, a pessoa precisa ir do trabalho para ter que chegar cansado na sala de aula.
[00:30:00]	P7	Facilitou essa questão.
[00:30:01]	P7	E a questão de atender um público maior que, às vezes, não poderia fazer um curso, assistir uma aula, devido à questão de horário.
[00:30:09]	P7	Mas essa questão de você conseguir prender a atenção do aluno, ficou bem mais difícil.
[00:30:18]	P7	Aí eu comecei a usar artifícios de vídeos, de GIFs, de programas, por exemplo, de simulação de reação.
[00:30:27]	P7	Aí eu comecei a usar algumas coisas da tecnologia.
[00:30:31]	P7	Estava até começando também, hoje em dia, a pesquisar um pouco sobre a questão da realidade aumentada, a questão da realidade virtual, para ver se eu conseguia trazer alguma coisa diferente, por exemplo, para programas de realidade aumentada, mostrar a molécula em 3D, algo para, realmente, a tecnologia tentar chamar mais a atenção do aluno.
[00:30:57]	P7	Porque hoje em dia, no remoto, nem adianta você estar ali, mesmo com slide, com texto, mas realmente algo, vídeo, GIF, animações, trazer muito, comecei a fazer muito paralelo com a parte, associações com o que ele estava acostumado no dia a dia.
[00:31:19]	P7	Porque, como eu falei, com essa parte polímeros, como ela está em tudo, tem alimentos, eu comecei a trazer coisas, casos de alimentos, por exemplo, gelatina, que é um material polimérico, comecei a fazer associações com o que via ali no dia a dia, que dava para fazer.
[00:31:37]	P7	E aí isso começou a ajudar, mais o aluno a querer participar, começar a associar coisas que ele via no dia a dia, aí ele começava a interagir mais, a participar mais, quando tinha algo mais do seu cotidiano, nessa parte remota.
[00:31:53]	Pesquisador	Como é o professor V.?
[00:31:56]	Pesquisador	Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:32:02]	P7	Tenho muita paciência e realmente tem que ter, porque você lidar com alunos de várias idades, com dificuldades de aprendizagem, cada um tem o seu tempo de aprendizagem, forma de aprender.
[00:32:18]	P7	Então, tenho muita paciência, sempre procuro manter a paciência, para poder com calma, para poder ensinar, passar, tentar fazer essa troca do conhecimento.
[00:32:30]	P7	Sempre estou estudando, pesquisando como essa minha área, da Química, da parte polímero, sempre está surgindo coisas novas em diversas áreas, saúde, parte de alimentos, parte da farmácia, a Química também está com tudo praticamente.
[00:32:50]	P7	Então, estou sempre estudando, como sou também um pesquisador, um cientista, então, tem essa questão de estar sempre procurando, estudando coisas novas, pesquisando coisas novas, coisas novas,

		questão da curiosidade, estar sempre querendo aprender, porque essa área a gente nunca vai saber tudo.
[00:33:12]	P7	Está sempre surgindo coisas novas, então estou sempre procurando também, estando aberto a aprender junto com o aluno, quando o aluno traz, tipo assim, o que ele vivenciou, ele traz para a sala de aula, às vezes traz coisas novas, no curso de nano, no curso de nano, às vezes o aluno, como é algo muito novo, trazia uma situação assim que, na faculdade, eu fazia iniciação no laboratório de saúde, e lá eles estavam pesquisando algum material, nano fármaco, para combater um tipo de doença.
[00:33:43]	P7	Aí eu começava a instigar, a perguntar, mas o que seria isso?
[00:33:47]	P7	Como é que é esse trabalho?
[00:33:48]	P7	Aí eu começava a trazer e essa troca eu acabava também aprendendo junto com o aluno.
[00:33:54]	P7	Então, eu busco sempre ter essa troca de conhecimento juntamente com os alunos, para tanto ele estar aprendendo, ganhando informações, conhecimento, e eu também, que eu acho que isso é superimportante, não só aquela pessoa ali, ah, eu sou detentor do conhecimento, tenho que ficar passando, passando, não, eu gosto muito dessa questão dessa troca de informações, de conhecimento, e eu acho que seria isso.
[00:34:21]	Pesquisador	Esse aluno que você fala desse curso técnico, ele tem que ter algum pré-requisito para ingresso?
[00:34:27]	Pesquisador	Tipo, já trabalhar na área?
[00:34:30]	Pesquisador	Ou uma pessoa com ensino médio?
[00:34:32]	Pesquisador	Ele é um curso técnico subsequente, não é?
[00:34:35]	Pesquisador	Já tem ensino médio e faz na modalidade subsequente.
[00:34:38]	P7	Não, não, esse curso não, esse curso ele pode também, aluno de ensino médio, já teve aluno de ensino médio, mais de uma vez, aluno do curso, aluno de ensino médio, que começou a fazer e começou até a despertar o interesse para seguir alguma área dessa, da Química, de nanotecnologia, ou de polímeros, assim, não são muitos alunos de ensino médio, mas sim, teve até caso na época, quando era presencial, a mãe fazendo, que a mãe trabalhava alguma coisa em relação a uma área, de uma empresa, e o filho dela também fazia, ele é também do ensino médio.
[00:35:13]	P7	Então, iam os dois para a sala de aula, e até uma ajudava a outra, que o aluno de ensino médio já estava acostumado com sala de aula, e ela fazia muito tempo que não tinha esse contato com sala de aula.
[00:35:27]	Pesquisador	Isso tem acontecido bastante no curso subsequente, à noite, no JK, de vir pai e filho, e agora, recentemente, eu tive uma experiência diferente de vir esposo e esposa, dois casais, inclusive na mesma turma, a esposa dando força para o homem voltar a estudar.
[00:35:49]	P7	Pô, legal, legal.
[00:35:50]	Pesquisador	Aconteceu esse ano, o terceiro caso de casal, mas a esposa saiu, deixou o aluno no curso, e ela saiu porque disse que não estava conseguindo acompanhar.
[00:36:03]	Pesquisador	Eu até brinco com ele, falo poxa, tua esposa te deu um golpe.
[00:36:06]	Pesquisador	Ela disse que ia te estimular, veio e tal, te botou na furada e foi embora.
[00:36:12]	Pesquisador	Três casais, e agora pai e filho, eu tenho na turma à noite agora, pai e filho.
[00:36:17]	Pesquisador	Interessante, interessante.
[00:36:19]	P7	Sim, sim, já tem também mãe e filha também fazendo.
[00:36:23]	P7	Engraçado que essa, a mãe tinha uma empresa junto com com o pai, na parte de reciclagem, e a filha tomava conta da parte administrativa.
[00:36:37]	P7	E aí a mãe e a filha procuraram fazer esse curso para resolver os problemas que tinham na empresa, que tinha um sócio deles que não tinha mente aberta para soluções novas para resolver os problemas que estavam acontecendo.
[00:36:51]	P7	Então, ela procurou esse curso para buscar, porque ele achava que ela não tinha conhecimento.
[00:36:55]	P7	Então, para provar, ela foi lá, se inscreveu no curso junto com a filha, para buscar conhecimento, para mostrar para ele que ele tinha que abrir a mente esse sócio para possíveis coisas de poder resolver os

		problemas que estavam acontecendo na parte de reciclagem na empresa que eles tinham, com a sociedade.
[00:37:13]	P7	Tanto ela quanto a filha fez o curso para ter esse conhecimento para aplicar no próprio negócio que eles tinham lá de família.
[00:37:24]	Pesquisador	Esse curso é grátis ou é pago?
[00:37:26]	P7	Ele é pago.
[00:37:28]	P7	Para alunos de graduação é um preço.
[00:37:31]	P7	Agora, não sei por que tem essa parte aí, a parte da secretaria.
[00:37:35]	P7	Aí tem um preço para aluno de graduação, ensino médio, e tem um preço específico para, se não me engano, para pessoas de empresas.
[00:37:44]	P7	Mas, se você quiser, eu até passo o contato.
[00:37:47]	P7	Eu tenho o contato do WhatsApp da pessoa responsável que faz essa parte de geração de boleto, de pagamentos, tudo direitinho, certificação.
[00:37:55]	P7	Até se você quiser mais informações sobre.
[00:37:57]	Pesquisador	Eu gosto de ter o conhecimento, porque a gente como orienta muito jovem, adolescente e tal, às vezes o menino está em eletro, mas não tem o perfil.
[00:38:08]	Pesquisador	Entendeu?
[00:38:09]	Pesquisador	E a gente tem sempre que ter aí uma opção de orientação, de um curso dessa qualidade que não é muito divulgado na mídia.
[00:38:16]	P7	Hoje em dia é que está começando mais.
[00:38:20]	P7	Tem mais na página do Instagram, que foi criada há pouco tempo.
[00:38:25]	P7	Hoje em dia lá começou a ter um...
[00:38:28]	P7	Até a professora lá, a diretora, no caso, começou a montar um centro lá com jornalista, para ter uma divulgação maior dos cursos.
[00:38:39]	P7	Tem até lá um curso que é aberto só para o ensino médio, que é chamado Semana de Polímeros, que é gratuita, onde eles abrem lá para os alunos conhecerem.
[00:38:51]	P7	Até alguns laboratórios podem ter acesso, e é aberto.
[00:38:56]	P7	Vai voltar agora a ser presencial.
[00:38:59]	P7	Antigamente era presencial, auditório lá ficava cheio de alunos de ensino médio.
[00:39:05]	P7	Eu também tive participação nessa semana, em diversas semanas dessas de Polímeros, onde eu dei alguns cursos que eram só voltados para alunos de ensino médio.
[00:39:15]	P7	Então tinha que adequar a linguagem da ciência, que fazia lá nos laboratórios da ciência, para uma linguagem bem didática para o aluno.
[00:39:26]	P7	E agora ela vai voltar a ser presencial.
[00:39:30]	P7	Esse ano vai ter, novamente, acho que deve ser em outubro, eu não lembro, acho que é outubro, e novamente vai ter essa Semana de Polímeros que sempre foi voltada para somente, praticamente, para o ensino médio.
[00:39:41]	P7	Claro.
[00:39:42]	Pesquisador	A tua formação inicial, curso de licenciatura em Química, contribuiu para a construção dessa identidade profissional, essa maneira que você descreveu aí, que você trabalha buscando aí adequar as especificidades dos alunos, as necessidades particulares de cada aluno?
[00:40:02]	Pesquisador	Então, o curso de licenciatura, ele contribuiu para você?
[00:40:06]	P7	O de licenciatura, sim, contribuiu muito.
[00:40:09]	P7	Licenciatura, sim, me deu um conhecimento mais aprofundado da parte Química e a parte experimental.
[00:40:17]	P7	A parte experimental foi bem interessante, porque lá tem muitos laboratórios, então nessa parte experimental foi bem legal.
[00:40:25]	P7	Só que a questão, infelizmente, muitos professores da universidade, eu até falo muito, quando a gente, a faculdade particular, a faculdade pública, às vezes a faculdade pública, a faculdade federal, às vezes não é tão boa assim na questão de professores passarem o conhecimento.
[00:40:45]	P7	Na universidade, eu tive que muito correr atrás, estudar, eu mesmo estudar, correr atrás, porque às vezes o professor não passava, nem dava aula direito.
[00:40:55]	P7	Muito mais na parte, infelizmente, de exatas.
[00:40:59]	P7	A parte de física 1, física 2, física 3, a parte cálculo 1, cálculo 2, cálculo 3, infelizmente, essa parte a universidade é muito assim.

[00:41:13]	P7	Só tive um professor que foi bom, que foi de cálculo 2, que era um professor substituto.
[00:41:18]	P7	Era um professor novo, substituto, então ele queria, nessa questão de, realmente queria passar o conhecimento, de ter a paciência com o aluno.
[00:41:26]	P7	Infelizmente, também tem essa questão que o cálculo, a turma é muito cheia, e tem um alto índice de reprovação.
[00:41:34]	P7	Então, às vezes, na turma de cálculo tem 60 alunos.
[00:41:38]	P7	Então, aí, realmente, é um empecilho para um professor conseguir dar uma boa aula para 60 alunos numa sala.
[00:41:47]	P7	E a questão da física, eu só tive uma professora, que já era uma senhorinha, podia ter quase uns 80 anos.
[00:41:55]	P7	O nome dele é até Marta, lá da física, que já deu física 1, que foi a única disciplina de física que foi excelente, não tenho que reclamar.
[00:42:07]	P7	A questão dela de passar o conhecimento, a paciência, de querer ensinar.
[00:42:11]	P7	Agora, as minhas outras físicas foram muito, assim, jogadas, o professor não queria muito dar aula, até as físicas que teve prática também.
[00:42:20]	P7	Tinha as aulas práticas de física em laboratório.
[00:42:22]	P7	O professor também não se preocupava muito.
[00:42:24]	P7	Então, a parte de exatas, infelizmente, na universidade, pelo menos lá, eu achei que na questão de ensinar, foi muito fraca.
[00:42:35]	P7	A gente que tinha muito correr atrás de estudar, pegar livro na biblioteca, fazer grupo de estudos para poder conseguir aprender para fazer a disciplina.
[00:42:46]	P7	O que mais me deu essa característica, a meu ver, foi o curso técnico.
[00:42:52]	P7	Por incrível que pareça, no curso técnico, lá, sim, os professores tinham essa preocupação, às vezes, de passar o conhecimento, de trocar informações, lá tinha, tem a parte de laboratório, de levar o aluno para o laboratório, ter aquela paciência, de mostrar aos alunos a parte prática com a parte teórica.
[00:43:17]	P7	Então, no curso técnico, mesmo na Federal de Química, mesmo sendo um curso novo, quando eu entrei lá, em Caxias, a minha foi a segunda turma.
[00:43:26]	P7	Logo quando inaugurou, a minha foi a segunda turma.
[00:43:29]	P7	Então, assim, lá tinham muitos professores contratados, nem eram concursados.
[00:43:33]	P7	Como abriu pouco tempo, depois que começou esses professores a serem efetivados nos concursos, começaram a fazer os concursos.
[00:43:40]	P7	E o legal é que lá, muitos desses professores faziam mestrado ou doutorado na UFRJ.
[00:43:48]	P7	Então, assim, esses professores que eu acho que tinham mais essa preocupação no curso técnico de essa forma de querer ensinar, essa forma nova de ensinar, se preocupar com o aluno, a forma que ele ia passar o conhecimento, de fazer o aluno entender.
[00:44:06]	P7	Já na própria universidade, eu achei que faltou muita coisa nessa questão.
[00:44:13]	P7	Mesmo tendo as questões das disciplinas pedagógicas, que eles prezavam muita questão, falando de vários filósofos, a forma que tinha que dar aula e tal, mas eles lá, eu acho que na própria universidade tinha essa questão totalmente errada na parte de Física, Matemática, teve até a parte Química também, de Química Quântica, que o professor também não se preocupava, só pegava o livro, abria o livro e começava a copiar o que estava no livro no quadro e ler o livro e isso, tipo, que aula é essa?
[00:44:50]	P7	Então, é engraçado, você está fazendo uma faculdade de licenciatura e metade dela, a parte de exatas, não tinha essa preocupação que era dada nas disciplinas de psicologia, sociologia, pedagogia, só um pouquinho do que foi, que mudou um pouquinho, que foi uma disciplina que tinha que era Química na escola, que começou a ser implementada, estava começando, acabando a graduação, essa disciplina entrou na grade, que foi um coordenador que resolveu colocar essa disciplina e ali começou um pouquinho a trabalhar isso, dessa questão de como ensinar nas escolas.
[00:45:35]	Pesquisador	Entendi.
[00:45:38]	Pesquisador	Isso aí está sendo uma queixa recorrente aqui, cara.

[00:45:42]	Pesquisador	Aquele que prepara o futuro professor, ele não prepara, ele não atua como um futuro professor deveria chegar na escola.
[00:45:53]	Pesquisador	Não tem didática, esses métodos aí, sei lá, não sei nem como classificar isso aí, todo mundo está falando a mesma coisa.
[00:46:02]	P7	Sim, infelizmente a universidade, como eu falo, eu vejo muitas assim, nessa questão da graduação, os professores estão mais preocupados na questão de fazer a pesquisa deles do que dar aula, pelo menos nas universidades federais.
[00:46:17]	P7	Agora, o que eu tive também muito disso, dessa questão de aprender a dar aula, foi no mestrado, que lá foi uma diferença total.
[00:46:28]	P7	Lá, sim, a maioria dos professores, tirando um só lá, mas a maioria estavam preocupados em ensinar.
[00:46:36]	P7	É até engraçado, quando teve um amigo meu que ele faltou a aula, ele não era de faltar, o professor ligou para ele para saber, pô, você faltou a minha aula, como é que você está, o que houve?
[00:46:47]	P7	Então, assim, ali no mestrado doutorado, foi um lugar que, assim, também tiveram muitos professores que tinham essa preocupação de ensinar, tirando um ou outro, mas bem menos do que na licenciatura.
[00:47:04]	P7	Na licenciatura, a maioria, na parte de exatas, não tinha o perfil de professor, de querer ensinar, realmente querer ajudar.
[00:47:13]	P7	Queria era reprovar.
[00:47:15]	P7	Estava preocupado em ter o máximo de reprovações possível.
[00:47:18]	P7	O professor de física, ah reprovei tanto, o de quântica, eu lembro até hoje, ele chegou na sala, eu achei estranho, só tinham cinco alunos inscritos.
[00:47:27]	P7	Achei estranho, aí um aluno falou, um repetente falou assim, pô, você se inscreveu aqui, você está doido?
[00:47:34]	P7	Eu falei, mas por quê?
[00:47:36]	P7	Ele reprova praticamente 100% da turma, quase todo ano.
[00:47:40]	P7	É um ou outro que passa, mas eu falei, só tem ele nesse horário, não tinha como puxar em outro horário, então eu tive que puxar.
[00:47:46]	P7	E ele era, tipo, eu não estava nem aí, tinha professores que tinham até questão de judicial, de reclamações, por formas que...
[00:47:56]	P7	Isso eu vi, em sala de aula, o professor de física, chamando o aluno de burro.
[00:48:03]	P7	Assim, o pessoal ficou espantado e ele falou, pode ir lá no departamento, pode ir lá, dá mais um processo nas costas, não tem problema nenhum.
[00:48:10]	P7	Aí eu fiquei assim, caramba!
[00:48:12]	Pesquisador	Agora, você imagina, V., você que tem esse viés também com a indústria, com a peça, com o produto, buscar solução, buscar um produto novo e tal, você imagina você levar essa lógica da reprovação de 100% das peças que você produz?
[00:48:32]	Pesquisador	Você pensou?
[00:48:33]	Pesquisador	Camarada, eles se vão gloriar porque ele perdeu 100%, o trabalho dele foi 100% jogado fora, se fazendo uma...
[00:48:45]	Pesquisador	Mal comparando, uma linha de produção, não é uma comparação muito adequada, mas você mal comparando, imagina, se vão gloriar porque você perdeu em uma linha industrial 90% daquilo que você estava trabalhando e produzindo.
[00:49:03]	Pesquisador	O que aconteceria com você em uma indústria?
[00:49:05]	P7	Seria mandado embora.
[00:49:08]	Pesquisador	Na UERJ, tínhamos professores de cálculo também com essa mesma lógica.
[00:49:12]	Pesquisador	Reprovei 100% da turma.
[00:49:15]	Pesquisador	Será que 100% da turma não estudou, não estavam preparados?
[00:49:21]	Pesquisador	Será que ele não se toca que é uma reprovação dele, do trabalho dele?
[00:49:28]	Pesquisador	Isso é muito triste.
[00:49:30]	P7	Sim, realmente, infelizmente, era uma das coisas da licenciatura que eu ficava assim caramba, estou numa licenciatura e, tipo, a maior parte dos professores não estão aqui para ensinar, não querem ensinar o aluno.
[00:49:48]	P7	Eu ficava assim, caramba, é realmente triste e complicado.
[00:49:53]	Pesquisador	Considerando que, segundo o Tardif, um estudioso da educação, ele diz que a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida. Em que momentos da sua trajetória você identifica etapas de

		construção das características que formam a tua identidade profissional?
[00:50:12]	Pesquisador	Você também, de certa forma, já falou, não é?
[00:50:14]	Pesquisador	Só para oficializar a pergunta.
[00:50:16]	Pesquisador	Você falou que vem do técnico...
[00:50:19]	P7	Sim, do curso técnico, lá no curso técnico.
[00:50:23]	P7	Muitos professores lá acabaram assim...
[00:50:28]	P7	Fiquei meio espelhando na forma que eles tinham paciência para dar aula, tinha preocupação.
[00:50:35]	P7	E a questão do curso técnico, a questão que eu tinha facilidade e fazer minha graduação na área de Química, tinha facilidade com Química, eu comecei também a ajudar muitos alunos que tinham dificuldade.
[00:50:49]	P7	Então, lá eu comecei a ter meus primeiros contatos a dar aula para um grupo de alunos.
[00:50:55]	P7	E eles falavam, você tem maior paciência, tem maior calma.
[00:50:58]	P7	Eu comecei também a gostar daquilo de passar e ver a pessoa depois tirando uma boa nota na prova, conseguindo passar na disciplina.
[00:51:07]	P7	E lá, realmente, muitos professores, até hoje, uma professora de Físico-Química, caramba, ela tinha uma paciência incrível para me ensinar, até falava assim, me instigava, falava nas provas, quando eu ia bem nas provas, ela até falava comigo parabéns, você foi muito bem na prova, você tem muita facilidade, ela incentivava o aluno.
[00:51:34]	P7	E lá também tinha muita questão de visita técnica.
[00:51:37]	P7	Então, isso mostrava aquela visão que o conhecimento dá para ser associado com coisas que a gente nem imaginava na época.
[00:51:50]	P7	Ah, tem Química aqui na uma fábrica da Coca-Cola, que a gente chegou a visitar, essas fábricas assim, então tinha essa relação, mostrando aqui o que a gente aprendia em sala de aula, a gente tinha aquilo no dia a dia, só não sabia ir lá, os professores faziam essa ponte, levando a gente em visitas técnicas, mostrando, olha, eu falei em sala de aula, está acontecendo aqui.
[00:52:20]	P7	Por exemplo, na fábrica da Coca-Cola, como é que era feito lá, refrigerante, eles mostravam muito essa questão de trazer muito do conhecimento em sala de aula para a parte prática, para a parte do dia a dia.
[00:52:37]	P7	Então, e lá também tinha feira de ciência, onde os professores orientavam os alunos a fazerem projetos, aí os professores se sentavam com os alunos, certos professores, a gente formava um grupo, cada professor ficava responsável por um grupo de alunos, onde os alunos tinham que desenvolver alguma coisa, algum projeto, para a feira de ciência, que era aberta até à comunidade.
[00:53:00]	P7	Então, a gente tinha que lidar com a comunidade, com mãe, com avó, com pai, com crianças, de explicar um pouquinho do que ali, hoje é uma universidade lá também, a Federal de Química, mas antes só tinha um curso técnico, mostrar o que é aquele instituto lá, ele tinha lá dentro, o que se fazia lá, então isso me ajudou bastante a ter esse perfil.
[00:53:29]	P7	E também lá no mestrado, na iniciação científica, como eu tive contato com muitos alunos de mestrado, doutorados, que davam aula em colégio do Estado, dava aula de Química, aula de Matemática, aula de Física, então eles acabavam conversando, como é que era a sala de aula, o que eles faziam para poder prender a atenção do aluno, lidar com o aluno rebelde, tinha uns lá que dava aula em ensino noturno, PROEJA, na época, e eles falavam da dificuldade que era, que às vezes, teve até um amigo meu que na época, quando ele fazia estágio de aula, fazia o mestrado, ele falou pô, uma vez chegou uma aluna bêbada lá, e pô, tive que fazer isso para poder lidar com a situação, tudo mais, era uma pessoa mais velha, de idade, então tanto ali é o mestrado, a minha iniciação científica, o curso técnico, que me ajudaram.
[00:54:20]	Pesquisador	Você falou que tua mãe é professora de Matemática, foi?
[00:54:24]	P7	Sim, sim.
[00:54:26]	Pesquisador	Não teve nenhuma influência, não, da sua mãe na sua carreira como professor?
[00:54:29]	P7	Sim, né, assim, ela, muito engraçado, né, ela brincava comigo, quando eu falava pô, você quer ser professor, quer fazer licenciatura, ela não faz isso não, né, assim, ela tem essa, porque ela teve essa vivência mesmo

		com ensino médio, ensino noturno, é isso que você quer, mas ela, né, como eu, ela gostava de Química, assim, ela sempre me apoiou, né, e o legal é que ela sempre me ajudou, tanto na, mais, né, no ensino médio, na questão Matemática, Física, ela tinha muita paciência para me ensinar, me ajudava com as minhas dificuldades que eu tinha, e, já na universidade, ela, pouca coisa ela pôde me ajudar, ela me lembrava muito a questão do cálculo e tal, mas, assim, ela sempre me apoiou, é, mas a minha mãe, né, foi, né, e é uma excelente professora, né, tanto que teve um período que eu até lembro que ela, aqui onde eu moro, naquela rua tem dois colégios, na época, ela, ela já aposentada, né, mas ela trabalhava como concursada ali em Marechal Hermes no Hospital Militar, né, na parte administrativa, e aí apareceu, teve, ela recebeu uma carta para voltar a lecionar o convite, que faltava a profissão de Matemática na época, aí ela aceitou, né, começou a dar aula à noite, e é muito engraçado, porque aqui na rua eu via, e como era, tipo assim, alunos de, já era mãe, pai, avó, tipo, né, gente mais idade, e ela morava aqui na rua do colégio, os alunos passavam aqui na rua, cumprimentavam, tipo, vinham falar com ela, tipo, com gosto, né, como ela era uma, tipo assim, ela era uma boa professora e tinha uma boa relação com os alunos, né, foi mais nesse sentido, tá?
[00:56:23]	Pesquisador	Entendi.
[00:56:24]	Pesquisador	Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que lecionam?
[00:56:29]	P7	Sim, da mesma forma, está, é, sem distinção nenhuma, tá?
[00:56:36]	Pesquisador	Você tem um público mais ou menos uniforme, né?
[00:56:39]	Pesquisador	Não tem, assim, muitas variações, né, entre uma turma e outra, que eu digo, não dentro da própria turma, né?
[00:56:46]	Pesquisador	Sim, sim.
[00:56:47]	Pesquisador	O perfil das suas turmas, normalmente, é o mesmo perfil.
[00:56:50]	P7	Sim, sim, não muda, não muda muito, não.
[00:56:54]	P7	Porque, tipo, você acabou de falar da tua mãe, ela tem aula de ensino noturno, você tem um perfil de aluno que você acabou de descrever, o pessoal mais velho, né, e tal, aí se você for dar aula no diurno, você já pega o adolescente, então, tem essa de, quando a gente trabalha, muitas vezes a gente muda, né, procede, é obrigado a proceder de maneira diferente, até pra ter sucesso, por conta dessa variação do perfil das turmas.
[00:57:22]	Pesquisador	Aí, acredito que no seu caso não aconteça, né?
[00:57:24]	Pesquisador	Se tem aquele público... Sim,
[00:57:26]	Pesquisador	Sim, sim.
[00:57:26]	Pesquisador	Que é um público mais seleto, mais interessado.
[00:57:30]	Pesquisador	É isso, é isso, né?
[00:57:31]	Pesquisador	De empresas, quem não é de empresa, de alguma maneira tem um link, ele foi ali por alguma razão mais específica, porque foi orientado por alguém, né?
[00:57:41]	Pesquisador	Sim, sim.
[00:57:44]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, lá no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:57:54]	Pesquisador	Você falou daquela matéria lá das ciências exatas, agora falando daquelas matérias pedagógicas, você acha que elas contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:58:07]	P7	Assim, infelizmente não.
[00:58:10]	P7	Eles ficavam muito na teoria e o que eles pregavam na disciplina era algo muito bonito, interessante, mas até muitos amigos meus que se formaram e foram dar aula também que ou faziam estágio em colégio, ou já davam aula também em cursinho ou em colégio particular, que era totalmente diferente do que era pregado ali nas disciplinas, era uma realidade totalmente diferente.
[00:58:44]	P7	Assim, falta de material, desinteresse de aluno, assim, eles falavam das teorias, mas as que faltavam ali, falavam muito mais da realidade, como lidar com esse tipo de situações.
[00:58:57]	P7	Falta de material, desinteresse de aluno, de aluno que, às vezes, tinha problema em casa, que teve até um período que é obrigatório você fazer um estágio em colégio.

[00:59:10]	P7	E eu fiz um estágio em um colégio próximo da minha casa, na parte da manhã e tarde, no Ensino Médio, e lá eu vi o choque de realidade, que às vezes o aluno não estava nem aí para a aula, tinha um que faltava, tinha um que tinha problema em casa, que era totalmente diferente.
[00:59:33]	P7	E eu vi os professores, quando eu falava, quando eu cheguei no estágio, esse estágio que era obrigatório, eu chegava para o professor, ah, eu vim aqui na universidade, trouxe aqui o documento para poder fazer o estágio aqui no colégio, faço a licenciatura em Química, e ele falava é isso mesmo que você quer?
[00:59:49]	P7	Tem certeza de que é isso?
[00:59:51]	P7	É isso mesmo?
[00:59:53]	P7	Pensa bem, você vai ver que durante as aulas que eu tenho certeza, olha só como é que é, mas era o que eu gostava também, gostava muito, e engraçado que no início eu tinha que assistir a aula do professor, então ficava no meio dos alunos, a maioria era adolescente, e eu acabei ali conversando com os alunos, ajudando os alunos, que eles viam que eles tinham muita dificuldade, ainda mais na Química, a dificuldade, assim, como tem na Física, na Matemática, era muito grande.
[01:00:21]	P7	Aí eu me sentava depois da aula com o aluno, ficava explicando, ensinando, aí o aluno falava, pô, isso aqui, pô, é só isso?
[01:00:28]	P7	É só isso aqui mesmo?
[01:00:29]	P7	Eu falei, é, isso aqui e tal, então, assim, na sala de aula era uma realidade totalmente diferente do que era pregado nas disciplinas pedagógicas, infelizmente.
[01:00:40]	Pesquisador	Você mora nessa região de Marechal, que você falou?
[01:00:43]	P7	Não, não, a maior parte eu morei aqui entre Irajá, hoje eu moro em Irajá, Vista Alegre, e até nessa região, só no tempo da pandemia e tudo mais, fiquei ali uns dois anos morando no Recreio, aí eu voltei agora para Irajá novamente.
[01:01:04]	Pesquisador	Você mora aqui em Vista Alegre também?
[01:01:06]	Pesquisador	Você mora mais para Vista Alegre ou Irajá mesmo?
[01:01:08]	P7	Não, eu moro aqui em Irajá, aqui na Rua Gustavo de Andrade, onde tem um colégio aqui, Patrocínio, mas cheguei a morar em Vista Alegre, perto da Lona Cultural de Vista Alegre.
[01:01:19]	Pesquisador	Eu moro aqui perto, na Braz de Pina, perto de um colégio que tem agora aqui, onde era o Futuro VIP e hoje é o Mato Grosso.
[01:01:28]	P7	Ah, sim, o Futuro VIP eu lembro, lembro sim de que é.
[01:01:30]	Pesquisador	A Pizzaria Oba Oba que tem agora aqui.
[01:01:33]	P7	Ah, sim, sim, sim.
[01:01:34]	P7	Eu moro perto, se eu descer minha rua é Vista Alegre, do outro lado é Irajá.
[01:01:39]	P7	Aí é a rua que tem aquela fábrica de salgado, o Matibel.
[01:01:43]	P7	Isso, isso mesmo.
[01:01:49]	Pesquisador	A minha filha mais nova, ela está fazendo licenciatura em Matemática.
[01:01:53]	P7	Ah, é?
[01:01:54]	Pesquisador	Eu nunca desestimulei ela não, eu acho isso chato pra caramba, o homem ficar desestimulando outra pessoa que está fazendo licenciatura, o próprio professor, desestimular.
[01:02:06]	Pesquisador	Que isso?
[01:02:08]	Pesquisador	Lá no JK, quando eu falei que minha filha ia fazer licenciatura em Matemática, uma professora de Matemática, que isso?
[01:02:16]	Pesquisador	Como é que você vai deixar?
[01:02:20]	Pesquisador	Eu acho isso patético.
[01:02:22]	P7	Essa pessoa gosta, é o que ela quer, entendeu?
[01:02:25]	P7	A gente realmente estimular a pessoa a seguir o que ela quer, porque você fazer uma coisa que você não gosta, que você não tem aquela afinidade, é ruim, você não se empenha, você não tem aquela vontade de querer aprender mais sobre aquilo, né?
[01:02:44]	P7	Foi até uma concentração no curso técnico, eu fiz o curso todinho, porque na época, quando eu cheguei para fazer a matrícula, quando eu passei no JK, era administração, patologia clínica e eletrotécnica.
[01:02:58]	P7	Eu nem sabia o que eu ia escolher, porque também não tinha acesso à informação como tem hoje, a internet e tudo mais.

[01:03:07]	P7	Aí, na hora de escolher, aí eu fui, eu falei, aqui uma pessoa falou, explicou por lá como é que era e tal, aí eu acabei escolhendo eletrotécnica, mas ao longo do curso, assim, me deu uma boa base Matemática e Física, e Química, não tenho que negar, mas, infelizmente, a questão de História, Geografia, Português, ficou muito deficiente, porque como era um ensino médio e técnico, era engraçado, quando você escolhesse administração, você teria uma boa base, não, desculpa, turismo, também tinha, você teria uma boa base, Geografia, História, Português, agora, se você escolhesse algum curso pra parte exata, você teria uma boa base na parte exata e uma deficiência na parte de humanas, o que eu senti muito na época depois que eu fui fazer o vestibular, a deficiência que eu tinha na parte de humanas e a facilidade que eu tinha e o conhecimento que eu tinha na parte de exatas.
[01:04:05]	Pesquisador	Isso hoje em dia não acontece mais, hoje, você tem a base comum, tem ensino médio, aquelas disciplinas de ensino médio, elas são comuns para todos os cursos técnicos, assim, com as vezes uma pequena adaptação em conteúdo, mexendo, não retirando ou acrescentando conteúdo, mas colocando em anos diferentes para facilitar e alinhar com o curso técnico, por exemplo, você traz número complexo para começo do segundo ano, porque o cara, quando for analisar circuito em corrente alternada, precisa conhecer o número complexo e tal, mas a base hoje, ela é única, não tem mais esse lance que você falou.
[01:04:51]	P7	Ah, legal.
[01:04:52]	Pesquisador	Você começou a comentar, você comentou, na verdade, que a tua assim, teu viés para uma licenciatura começa lá no ensino médio, você ajudando teus colegas, a mesma coisa aconteceu aqui, a minha filha começando a ajudar os colegas no ensino médio, fazia médio técnico também, no SENAI, em automação, eu pensei que ela ia pela Engenharia, mas aí, assim, nesse mesmo lance de ajudar colegas e tal, o professor de Matemática falando para ela que ela tinha facilidade e ela resolveu fazer licenciatura pela mesma razão que você descreveu, e eu acho legal, eu estou satisfeito.
[01:05:31]	P7	Sim, sim, é interessante que eu ainda consegui mexer um pouquinho, porque eu gosto também da questão de pesquisa, que é uma forma que você está sempre aprendendo, está sempre estudando coisas novas, e eu tenho essa curiosidade, estar sempre aprendendo coisas novas, e na parte de pesquisa surge, assim, coisa assim que fala, caramba, pô, isso aqui existe, eu não sabia, então eu estou sempre aprendendo coisas novas e algo mais multidisciplinar.
[01:06:02]	P7	Hoje em dia também, no caso, eu oriento alunos de mestrado, doutorado, por convite lá de certos professores, e acaba com eles e me trazem coisas novas, até o rapaz do SENAI, que ele dá aula quando ele está na parte de Engenharia têxtil, ele está fazendo lá o mestrado dele, eu estou orientando-o, aí a pesquisa dele é voltada para a parte têxtil.
[01:06:24]	P7	Então, assim, muita coisa que eu acabei aprendendo com ele da parte têxtil, que eu não conhecia, e coisas que eu comecei a passar para ele, orientando-o, coisas mais da parte Química, de como é que faz algumas coisas, e ele me passa na parte do conhecimento dele têxtil.
[01:06:39]	P7	Então, isso também, assim, essa parte de pesquisa também eu gosto muito, e sim, por sorte, eu consigo ainda associar essa parte da pesquisa e a parte de ensinar, que eu gosto também bastante.
[01:06:55]	Pesquisador	Então, o curso de mestrado e doutorado, ele contribuiu para a melhoria da tua prática docente?
[01:07:00]	Pesquisador	Faça um breve relato sobre esse impacto, positivo ou negativamente na sua prática docente.
[01:07:07]	P7	Me ajudou bastante, porque durante o mestrado e doutorado, normalmente a gente orienta alunos de iniciação científicas, que são alunos ou de graduação ou de colégio técnico, e eu cheguei a receber aluno até de ensino médio.
[01:07:24]	P7	Teve uma parceria na época na universidade que poderia receber aluno de ensino médio, mas eles não poderiam fazer muitas coisas, mas ali aprender algumas coisas, mas para saber se era isso mesmo que eles queriam.

[01:07:41]	P7	Então, isso me ajudou bastante, porque eu tive vários alunos de iniciação científica, orientei alunos de graduação ou de ensino técnico, e isso me ajudou bastante também a lidar com esses alunos.
[01:07:55]	P7	Engraçado que eles viam falar das dificuldades que eles tinham no colégio, falavam, ah, o professor não tem tanta disciplina, não dava disciplina direito.
[01:08:08]	P7	Então, tinha um pouco dessa troca.
[01:08:11]	P7	A questão também dos meus professores, do mestrado e doutorado, tive muitos professores que davam boas aulas, tinha essa preocupação de ensinar, de trocar conhecimento, era aberto a você chegar, conversar com ele depois, tirar dúvidas, ir à sala de aula, na sala de aula, desculpa, na sala dele lá tirar as dúvidas depois da aula.
[01:08:39]	P7	Então, assim, me ajudou bastante e me ajudou na questão de aprender coisas novas, de ver como essa parte de mestrado e graduação sempre é questão de dar pesquisa, sempre coisas novas de várias áreas da saúde, odonto, área militar, parte de Engenharia.
[01:09:03]	P7	Então, assim, eu comecei a ter um pouco de conhecimento de cada área e isso me ajudou a conseguir ter melhor essa visão de associar algumas coisas do cotidiano do aluno com a teoria.
[01:09:21]	P7	Então, associar a parte prática com a teoria, com a vivência do aluno que ele tinha durante, às vezes, o dia a dia.
[01:09:29]	Pesquisador	Correto.
[01:09:31]	Pesquisador	Uma pergunta que você já começou a falar também sobre ela, mas só para a gente falar um pouquinho melhor sobre durante sua estada na universidade, você, lá no curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[01:09:46]	P7	Sim, sim.
[01:09:49]	P7	No caso, na minha iniciação científica, eu participei de vários projetos.
[01:09:55]	P7	Como até comentei, que foi com uma empresa automobilística, Style, para a gente desenvolver formulações, quer dizer, trocar partes dessas formulações para parte da peça do carro.
[01:10:08]	P7	Participei de projetos com alunos, de mestrados e doutorados, pesquisa envolvendo reciclagem, trabalhando com casca do camarão, que eu achei superinteressante na época.
[01:10:22]	P7	Foi uma aluna da área de farmácia e o projeto dela era pegar o camarão, a parte da casca do camarão e fazer um tratamento químico e depois você extrair uma substância que você conseguiria incorporar no polímero, no material plástico, que aumentaria as propriedades mecânicas.
[01:10:46]	P7	Então, sim, me envolvi com vários projetos distintos, de áreas distintas, da Farmácia, Engenharia Têxtil, que tinha um aluno também que era da parte têxtil, que trabalhava com...
[01:11:01]	P7	A pesquisa dele foi com pedaços de calça jeans, de tecido de calça jeans, que eram descartados para fazer um tratamento e fazer novos materiais incorporando essa parte de tecido.
[01:11:19]	P7	Então, assim, foram vários projetos, até projetos mesmo de feiras.
[01:11:26]	P7	Na universidade tinha uma feira de ciência aberta para alunos também de ensino médio.
[01:11:38]	P7	Então, assim, era uma semana que os alunos de ensino médio iam nessa feira e a gente tinha que apresentar o que era feito ali naquele laboratório da universidade, naquele polo, porque a universidade é muito extensa, vários laboratórios, várias áreas distintas.
[01:11:56]	P7	Então, eu fui convidado para apresentar até nessa feira que era aberta para alunos de ensino médio.
[01:12:07]	P7	Então, assim, eu me envolvi em vários projetos, até projetos que não eram meio que fora...
[01:12:13]	P7	Como eu falo, a universidade tem muito a oferecer se você quiser, se você tiver tempo.
[01:12:18]	P7	Infelizmente, muitas pessoas não têm tempo.
[01:12:20]	P7	Tem até um projeto que eu acabei me envolvendo fazendo aula, que é chamado de Comuni Dança, que era um projeto lá da universidade que dava aula de dança de forma gratuita tanto para alunos da graduação e para a comunidade, para quem quiser se inscrever.
[01:12:36]	P7	E lá eu também escrevi nesse projeto, fiz aula de dança na universidade.

[01:12:40]	P7	Também foi uma coisa interessante porque lá eu aprendi como o professor lidar com a pessoa, a forma de lidar com a pessoa me ajudou bastante.
[01:12:50]	P7	Até a forma também de lidar com o público de forma mais, como posso dizer, espontânea, de perder a vergonha de qualquer coisa porque a dança faz e estimula certas áreas de você perder a vergonha.
[01:13:08]	P7	Se você tiver vergonha, você vai perder na dança.
[01:13:10]	P7	E lidar com várias pessoas de áreas diferentes.
[01:13:14]	P7	Porque, como era um projeto aberto, lá eu conheci alunos da Biologia, da Farmácia, da parte Medicina, Biomedicina, Letras, História, Geografia, da parte de Português e Inglês, Português e Espanhol.
[01:13:29]	P7	Conheci áreas de design, áreas de interior, até graduações que eu não conhecia.
[01:13:36]	P7	Eu passei a conhecer nesse projeto.
[01:13:39]	P7	Eram alunos de várias idades.
[01:13:42]	P7	Tinha até professores que faziam de outras áreas.
[01:13:46]	P7	Então, também me ajudou bastante a conhecer a universidade e a lidar com pessoas diferentes, de áreas diferentes, ver como o professor de dança conseguia lidar com algo bem misto.
[01:13:58]	Pesquisador	Isso aí rola onde?
[01:14:00]	Pesquisador	Na UFRJ?
[01:14:02]	P7	Normalmente é no Prédio de Educação Física, as aulas.
[01:14:08]	P7	Ou algumas aulas é no CCS, que é no Centro de Saúde.
[01:14:11]	P7	Mas a maioria das aulas é na Educação Física.
[01:14:13]	P7	Normalmente é no horário do almoço, de meio dia a uma.
[01:14:17]	P7	Ou algumas aulas são de 5 às 6.
[01:14:22]	P7	E são de forma gratuita.
[01:14:24]	Pesquisador	Não sabia também.
[01:14:26]	Pesquisador	Está vendo como é bom conversar?
[01:14:28]	P7	Tem muita coisa.
[01:14:30]	P7	Lá também tem projeto que você pode...
[01:14:34]	P7	É um preço bem em conta para os alunos, que é natação.
[01:14:40]	P7	Tem judô, capoeira.
[01:14:44]	P7	Assim, tem muita coisa na universidade que tem os cursos de línguas, que para alunos da graduação são preços bem baratos.
[01:14:55]	P7	Você paga uma vez e tem 6 meses de curso.
[01:15:00]	P7	Tem muita coisa que a universidade oferece que as vezes os alunos não sabem por que não tem tempo.
[01:15:07]	P7	Ainda mais na área de exatas.
[01:15:09]	P7	Você fica ali focado, tem prova, correria.
[01:15:13]	P7	Mas a universidade em si tem muita coisa que ela oferece que eu, por sorte, acabei conhecendo.
[01:15:19]	Pesquisador	Eu estudei e trabalhei muito tempo na UERJ, fui funcionário da UERJ durante 11 anos na parte de manutenção.
[01:15:28]	Pesquisador	E a UERJ também tem muito, tem esse programa de idiomas, tem a Universidade Aberta da Terceira Idade para ginástica do pessoal da Terceira Idade, idiomas.
[01:15:39]	P7	Lá também tem isso também.
[01:15:41]	P7	Educação Física também tem.
[01:15:43]	Pesquisador	Então, tem muita coisa que a comunidade que está no entorno nem sabe por falta de divulgação.
[01:15:48]	Pesquisador	Acho que são coisas interessantes para a universidade trabalhar com a comunidade.
[01:15:53]	Pesquisador	Principalmente a UFRJ tem um trabalho muito intenso porque o entorno ali é complicado.
[01:15:58]	Pesquisador	É bom ter uma boa relação com a comunidade do entorno porquê...
[01:16:03]	P7	Sim, eu conheci gente que, desse projeto de dança lá eu comecei a conhecer gente ali da Maré que fazia ali a faculdade de uma amiga minha que é amiga minha até hoje que é da dança.
[01:16:16]	P7	Ela se formou em dança na UFRJ e ela morou na Maré.
[01:16:21]	P7	Se formou em dança, dava aula de balé.
[01:16:24]	P7	Tem um projeto da Maré que ela dá aula de balé na Maré. E
[01:16:28]	P7	E o legal é que tinha coisas que eu não sabia.

[01:16:31]	P7	Hoje em dia ela dá cursos de maquiagem, porque ela se formou em maquiagem também.
[01:16:38]	P7	Então, comecei também a ter esse contato com pessoas de locais diferentes, inclusive ali da Maré.
[01:16:46]	Pesquisador	Essas pesquisas, esses projetos de pesquisa que você realizou, foi focado na prática docente? De te colocar numa escola para você ter contato com professores e alunos.
[01:17:03]	Pesquisador	Você chegou a fazer algum projeto desse tipo?
[01:17:06]	P7	Não.
[01:17:07]	P7	O máximo foi o TCC que a gente tinha que fazer focado para a área de educação só, mas o restante nenhum desses.
[01:17:19]	Pesquisador	Você, falando em termos de licenciatura, você acha que seria interessante fomentar pesquisa nesse viés de você analisar a prática lá na ponta do professor, assim, focando na formação do professor de Química, aquele cara que teoricamente iria dar aula lá no Ensino Médio, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio.
[01:17:42]	Pesquisador	Você julga que seria interessante ter pesquisas desse viés?
[01:17:47]	Pesquisador	Ele ir para a sala de aula, ver as práticas, implementar mudanças.
[01:17:52]	P7	Sim, o que eu acho interessante, que até tem lá na UFRJ, que é o CAP da UFRJ, eu acho que poderia ter como se fosse um curso, não é nem ser um colégio, um cursinho na própria universidade aberta à comunidade, aonde poderia colocar o professor que entrou na faculdade, sei lá, a partir do quarto período, quinto período, aonde ele já tem uma certa bagagem e tudo mais, como é, tipo assim, aí ter uma disciplina onde ele dá aula nesse cursinho.
[01:18:27]	P7	Como seria aberta à comunidade, como você teria ali alunos de diversas classes, e onde ele poderia desenvolver um pouco, juntamente, claro, com um orientador, com um professor, orientando ou ajudando.
[01:18:44]	P7	Eu acho que sim, seria interessante ter esse contato na universidade, na metade, por exemplo, da graduação, ter esse contato com o colégio, com o aluno.
[01:18:58]	Pesquisador	Porque analisando a literatura existente aí, que fala sobre possíveis mudanças nos processos formativos dos licenciandos, ela fala da necessidade de envolver o aluno em projeto de pesquisa.
[01:19:14]	Pesquisador	Mas falando de licenciando, projeto de pesquisa que inserisse, começasse a inserir esse aluno na escola, para que ele tivesse contato.
[01:19:24]	Pesquisador	Você falou que os seus colegas traziam essa realidade do que encontrar, do aluno que está alcoolizado, o aluno que está fora da escola há 25 anos e vai estudar à noite.
[01:19:35]	Pesquisador	Então, essa pesquisa aponta que seria interessante que você, desde a etapa formativa, já estivesse pesquisando sobre isso, envolvido nisso, buscando soluções, propondo mudanças, trabalhando junto com o professor.
[01:19:52]	P7	Sim, com certeza.
[01:19:54]	P7	Sei lá, poderia até ter uma parte da disciplina durante a graduação do aluno ter que assistir algumas aulas em certos colégios que poderiam ser vinculados à universidade, tinha uma parceria do aluno ir ao colégio, assistir a aula e ser tipo um monitor, por exemplo.
[01:20:15]	P7	Não que seja um professor, um monitor para ele ver a realidade, a dificuldade do dia a dia.
[01:20:21]	P7	Escolar ensino noturno, ensino médio, graduação.
[01:20:26]	Pesquisador	Correto.
[01:20:28]	Pesquisador	Assim, você falou que atualmente você ministra o curso sozinho, não é?
[01:20:33]	P7	Isso, isso.
[01:20:34]	Pesquisador	Considerando a época em que você dividia os módulos que você falou, o curso com outros colegas, vocês faziam, assim, uma comunidade de aprendizagem, grupo de estudo para trocar ideias e tal, de melhor maneira de trabalhar?
[01:20:52]	P7	Não, porque não tinha muito isso na época pelo fato, assim, eu conhecia a pessoa, porque era um aluno de doutorado, então eu tinha contato, conhecia a pessoa, a gente só mais trocava realmente informação como é que era a turma, se a turma tinha dificuldade, era uma turma participativa, mas essa questão mesmo.
[01:21:15]	Pesquisador	Assim, como é que eu falaria?

[01:21:20]	Pesquisador	Mais informal, nada que existisse de forma formal.
[01:21:25]	Pesquisador	Tem um momento aqui que é destinado para o encontro dos professores que atuam nessa turma.
[01:21:33]	Pesquisador	Tipo, se você estivesse trabalhando numa turma de ensino médio, teria um momento oficializado na escola onde todos os professores ali daquela específica turma se reunissem para trocar ideias.
[01:21:45]	Pesquisador	Usei essa estratégia, isso aqui não deu certo, isso aí realmente não deu certo
[01:21:51]	Pesquisador	Você acha que isso seria interessante para o desenvolvimento do professor?
[01:21:56]	P7	Seria, seria sim, porque normalmente no colégio tem um professor que se sai bem, consegue lidar bem com os alunos, e às vezes por um motivo, alguma característica que ele tenha, que ele aprendeu ao longo da vida, a experiência que os alunos conseguem lidar bem com ele, né, e isso seria interessante, né, essa troca.
[01:22:20]	Pesquisador	Você atua de forma reflexiva crítica sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua?
[01:22:29]	Pesquisador	Considera que tua formação inicial te forneceu subsídio para trabalhar dessa forma?
[01:22:34]	P7	A formação inicial você fala da licenciatura?
[01:22:37]	Pesquisador	É, licenciatura.
[01:22:39]	P7	A licenciatura, não, não me deu essa base, né, que eu tenho hoje, tá?
[01:22:47]	P7	Infelizmente não foi a universidade, tá?
[01:22:51]	P7	Mas, hoje em dia, eu sempre procuro tá melhorando, sempre fazendo curso de, fazendo cursos para poder tá melhorando a forma, né, que eu, meu conhecimento da minha forma de ensinar, tá, sempre pesquisando, né, sempre reformulando material, tentando coisa tá?
[01:23:12]	Pesquisador	Essa aqui é uma pergunta bem interessante para você, você, de repente, é o meu sujeito da pesquisa que vai me responder isso com mais propriedade, porque você é pesquisador, né?
[01:23:27]	P7	Sim, sim.
[01:23:28]	Pesquisador	Você é um professor pesquisador.
[01:23:30]	Pesquisador	A maioria das pessoas que estão participando da pesquisa eles estão na sala de aula.
[01:23:35]	P7	Sim, sim.
[01:23:36]	Pesquisador	Você vai me responder isso aqui com muita propriedade.
[01:23:39]	Pesquisador	Pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre academia e escola.
[01:23:45]	Pesquisador	Ou seja, entre o professor e o pesquisador.
[01:23:48]	Pesquisador	O professor lá da ponta, lá do ensino médio.
[01:23:50]	Pesquisador	E o pesquisador universitário.
[01:23:53]	Pesquisador	Como um caminho possível para a melhoria do processo formativo.
[01:23:57]	Pesquisador	Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[01:24:01]	P7	Sim.
[01:24:02]	P7	Eu vejo que sim, pelo fato que acontece, né?
[01:24:07]	P7	Até mesmo, né?
[01:24:08]	P7	Quando o professor tiver esse link, né?
[01:24:11]	P7	Essa ponte com o pesquisador, ele poder abrir a mente, né?
[01:24:18]	P7	Tanto assim, daquilo do professor, ele vê que o que ele ensina em sala de aula, falando da Química, por exemplo, está no dia a dia do aluno.
[01:24:29]	P7	Ele consegue poder ter, tipo, uma ferramenta de conseguir associar até melhor no caso, o pesquisador tem esse contato maior do que ele aprendeu, por exemplo, na Química.
[01:24:40]	P7	Ele está sempre colocando em prática no dia a dia.
[01:24:44]	P7	Em várias questões.
[01:24:45]	P7	Na Química, então, na saúde, na parte industrial, na parte de alimentos, né?
[01:24:51]	P7	Química está em tudo.
[01:24:53]	P7	E esse link faria que o quê?
[01:24:56]	P7	O pesquisador conseguiria passar um pouco da experiência que ele tem desses experimentos que ele aprendeu lá na Química, quando ele se formou, que é possível colocar em prática, mostrar isso para o aluno, que no dia a dia dele tem várias reações químicas que acontecem, que, né, para não tornar aquele conteúdo chato, só teórico, né?

[01:25:20]	P7	Então, acho que ajudaria e faria que despertaria, às vezes, o interesse daquele professor de ensino médio fazer um mestrado, fazer um doutorado, e se aprofundar mais e acho que até despertar o interesse das vezes do professor só, que eu vejo que fica só em sala de aula, né?
[01:25:37]	P7	Não de todos, né?
[01:25:40]	P7	Mas acaba estimulado com a profissão em si, claro, por muitos motivos, né?
[01:25:45]	P7	Questão de salário, em outras questões, de ver que ele pode se aperfeiçoar, estudar, voltar a estudar, aprender, está sempre aprendendo, e a questão também às vezes do pesquisador, né, que queira, de repente, lecionar, ou já leciona, né, saber, aprender um pouquinho da realidade, né, do professor, do colégio, do estado, do município, de prefeitura, então, acho que seria uma ponte bem interessante, né?
[01:26:18]	P7	Uma troca de informação, de conhecimento, que eu acho que ajudaria muito, né?
[01:26:23]	P7	E, assim, é legal, né, a pessoa que é professor sempre está procurando estudar, né, a sempre melhorar, né, eu acho que essa ponte poderia despertar até o interesse, como eu falei do professor, de querer voltar a estudar, fazer um mestrado em Química, uma especialização em Química, voltar a tomar aquele gosto, né, pela Química, que às vezes pode se perder durante aí a vida como professor, né, somente como professor de colégio, município, prefeitura, do estado, que não é algo fácil, não é algo muito difícil, né, e desafiador.
[01:27:01]	Pesquisador	É porque existe um abismo, né, entre academia e escola, aí, quando você oportuniza esse contato, primeiro, falando especificamente da Química, olha quanta coisa nova você pode fornecer para um professor que já está na sala de aula há muito tempo, aqui, ó, hoje a gente está usando aqui o polímero para isso, isso, isso, isso, porque quem está afastado da universidade e não está muito antenado aí com novidades, muitas vezes desconhece.
[01:27:31]	Pesquisador	Isso vai servir para o cara enriquecer a aula dele.
[01:27:33]	Pesquisador	Da mesma forma, o pesquisador vai ter contato com a realidade do que é uma sala de aula de ensino, né, fundamental.
[01:27:40]	P7	Sim, concordo muito.
[01:27:42]	P7	É até engraçado, né, que quando eu comecei a dar aula na graduação de nano, como eu tinha muito conhecimento, a parte prática, quando eu dava aula e trazia os exemplos, eu lembro até hoje, eu estava dando aula e eu comecei a trazer questões da escova de dente, que hoje em dia acontece, muita gente deixa a escova de dente no banheiro.
[01:28:05]	P7	E o banheiro é uma fonte de muitas bactérias e microrganismos que acabam acumulando na escova.
[01:28:11]	P7	Eu estava dando uma aula de nano para os alunos e eu trouxe para eles uma pesquisa, um produto que já tem em mercado, que era uma escova que tinha nanopartículas de prata, e no caso a nanopartícula de prata, ela tem uma propriedade antibacteriana.
[01:28:29]	P7	Ela diminui ou reduz drasticamente, evita a proliferação de bactérias na escova de dente.
[01:28:36]	P7	Então, assim, eu tive contato, sim, com vários tipos de pesquisas na área de nano que me ajudaram a trazer vários exemplos para os alunos em sala de aula.
[01:28:46]	P7	Aí, quando eu trazia exemplos assim, os alunos começavam a querer participar, a querer saber mais.
[01:28:52]	P7	Às vezes, até que acontece, no curso de nano, é engraçado que o aluno tem que escolher uma vertente depois.
[01:29:01]	P7	Se é para a parte biológica, a parte Física, a parte Química, depois ele escolhe uma ênfase para seguir.
[01:29:09]	P7	E acaba que durante essa disciplina que eu dava, o aluno acabava seguindo uma ênfase devido a algum exemplo que eu dava em sala de aula, da parte de saúde, ou da parte odontológica, ou da parte Química mesmo.
[01:29:25]	P7	Então, acho que isso é até interessante, às vezes, essa ponte que, quando o professor trouxer para a sala de aula, isso vai até despertar o interesse do aluno a querer seguir uma área que ele nem passa pela cabeça dele que existisse.

[01:29:42]	Pesquisador	Correto.
[01:29:47]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação de seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[01:29:57]	P7	Então, essa questão, eu acho que é mais a questão realmente de você conseguir tratar o aluno como ser humano, como pessoa, como ser humano, porque eu vi muito isso, quando eu fiz o estágio no colégio, que, às vezes, o aluno tinha problema em casa, às vezes, por questões só tem o pai, ou só tem a mãe, então, assim, acho que saber lidar com o aluno como um ser humano, às vezes você conversar com o aluno, ver que ele não está bem, às vezes, sei lá, às vezes é um problema em casa, o tipo de saúde, acho que essa é a questão mais importante, não é questão de você ter um grande conhecimento para passar para o aluno, acho que você saber lidar com o ser humano, com a pessoa em si.
[01:30:58]	P7	E também o que isso mostrou muito, quando eu comecei a fazer aula de dança nesse projeto, que, às vezes, a pessoa chegava ali com um problema em casa, com depressão, e, quando eu chegava ali naquela aula, a pessoa saia bem, porque o professor ali era muito humano, dava muito contato próximo do aluno com o professor, se tornava mais um amigo do que um professor.
[01:31:25]	P7	Eu sei que isso é muito difícil, você ser amigo do aluno, mas, assim, eu acho que, pelo menos a parte de você tratar o aluno como um ser humano, que ele tem dificuldades e tudo mais, eu acho que isso é o mais importante para você tentar se tornar, ser um bom professor.
[01:31:44]	P7	Ter o conhecimento, saber muito, tudo mais, mas como ser humano, ser uma pessoa melhor.
[01:31:53]	P7	Você ali é um ser humano, é uma pessoa, aquela pessoa ali é igual você, é um ser humano.
[01:31:58]	P7	Tratar bem para poder conseguir ensinar bem.
[01:32:03]	Pesquisador	Quando a gente estava comentando do cara que reprova 100%, com certeza ele não tem esse viés.
[01:32:08]	P7	Não, ele está ali só para, para fazer o trabalho dele, a pesquisa dele, e é isso.
[01:32:16]	P7	Até o caso que eu falei, que eu estava, eu era aluno, o professor chamou o aluno, você é burro?
[01:32:23]	P7	Todo mundo ficou assim, espantado, tipo assim, então, claro, ele sabia muito, de repente, como profissional, muito, sabia muito, mas não sabia lidar com a pessoa, em si.
[01:32:39]	P7	Isso acho que é uma das coisas mais importantes.
[01:32:43]	Pesquisador	Hoje em dia, isso aí não passaria em branco não, isso aí já foi há alguns anos.
[01:32:48]	Pesquisador	Isso aí é coisa tipo de 10 anos, mais ou menos?
[01:32:51]	P7	Tem, então, não tem, chega a ser 10 anos, pode ser próximo de 10 anos já.
[01:32:58]	P7	Deve ter uns 10 anos, mas assim, não sei se hoje em dia ainda possa acontecer.
[01:33:06]	Pesquisador	Hoje vai dar um ruído.
[01:33:08]	P7	Que ele falava que ele tinha vários processos e mais um não faria diferença, e realmente, quando foram lá reclamar, ele já tinha vários processos em cima dele.
[01:33:18]	P7	Eu achei que era caramba, e...
[01:33:23]	Pesquisador	Tem umas situações ainda assim, analisando a licenciatura da minha filha, ainda tem umas coisas assim que são meio apavorantes para a época que nós estamos vivendo, entendeu?
[01:33:36]	Pesquisador	O cara xingar assim, falar um palavrão, e tal, mas, assim, especificamente, hoje você, por questões legais, você é obrigado a ter na sala de aula os alunos especiais, dificuldade de aprendizagem, né?
[01:33:55]	Pesquisador	Como é que você vai tratar um aluno dessa maneira?
[01:33:58]	Pesquisador	Não existe, não.
[01:33:59]	P7	Com certeza, né?
[01:34:01]	Pesquisador	Isso no JK hoje em dia daria processo, tá?
[01:34:05]	Pesquisador	Seria aberto um processo contra esse cara.
[01:34:08]	Pesquisador	Talvez não desse em nada, mas que ele é ser envolvido num processo administrativo seria.

[01:34:16]	Pesquisador	Considerando teu curso de licenciatura, você considera que essa formação inicial nos forneceu subsídios suficientes para o pleno exercício da atividade docente?
[01:34:26]	Pesquisador	Descreva sobre elogios e críticas à sua formação.
[01:34:30]	P7	Então, a questão de conhecimento da parte Química foi muito boa, tá?
[01:34:37]	P7	A questão, assim, teórica, a questão prática foi realmente um ponto bem positivo.
[01:34:47]	P7	Mas, para questão de ensinar, de lecionar, já não foi algo bom, né?
[01:34:56]	P7	Visto que eu tive muitos professores que mostravam um exemplo completamente negativo, no caso, a maioria.
[01:35:04]	P7	E não teve um preparo, assim, na universidade, alguma disciplina, alguma parceria que ensinasse, né, ou mostrasse como é que era a realidade em escola, em colégios, comunidade com aluno, essa parte, mesmo tendo as questões das disciplinas pedagógicas, pedagógicas, sociologia, psicologia, não, não, elas não abordavam a realidade que é vista, né, em sala de aula, tá?
[01:35:38]	Pesquisador	Correto.
[01:35:40]	Pesquisador	Penúltima pergunta, V.
[01:35:43]	Pesquisador	Sua formação inicial te forneceu subsídio para exercer a docência no atual contexto social, observando questões de etnia, gênero, raça e diversidade?
[01:35:56]	P7	Não, não.
[01:35:57]	P7	Isso aí, não.
[01:35:59]	Pesquisador	Você, nas suas turmas, já se deparou com alguma situação dessa questão de gênero?
[01:36:06]	Pesquisador	Hoje você tem que chamar o aluno pelo nome social?
[01:36:10]	P7	Não, não, nesse caso, não.
[01:36:12]	P7	Não, mas já, tipo assim, né, vê que a pessoa, né, é, no caso, tipo, é homossexual, é tudo mais, já teve deficiente, já é deficiente, no caso, ela conseguia, ela auditiva, né, ela conseguia fazer a leitura labial, né, já tive esse tipo de aluno, tá, só que a diversidade em si, né, no curso não me preparou pra isso, né, o que me ajudou bastante, né, eu tive muito esse tipo de contato, né, com esse tipo de caso, foi na dança, né, a dança, é, não tem essa distinção, entendeu, tanto que tinha, é, homens, né, que faziam, que dançavam só de dama, que chamavam por ela, pelo nome social, né, então, assim, na dança eu tive muito esse contato, né, e via como é que o professor lá, na dança, lidava com esse tipo, como se fosse uma pessoa normal, então, sem problema nenhum, então, na dança é que me ajudou bastante, né, a ter, né, a presenciar esse tipo de situação, né, como lidar, como saber lidar com a pessoa, né, pra não, né, ofender, né, às vezes você fala alguma coisa que você pode pensar, ah, isso não vai ofender, mas, né, pra pessoa isso pode gerar um tipo de, né, de ofensa até porque você não, né, como você nunca lidou com esse tipo, né, de situação, né, quando é algo novo, né, você não sabe, né, como lidar, então, acho que a dança me ajudou muito nessa questão, né, de essa diferença, né.
[01:37:50]	Pesquisador	Entendi.
[01:37:51]	Pesquisador	Esse professor de Educação Física, ele ajudou a construir tua identidade profissional, né, tua identidade enquanto professor.
[01:37:58]	P7	Sim, sim, a dança...
[01:38:00]	P7	Sim, sim...
[01:38:01]	Pesquisador	A dança... Foi uma experiência muito rica.
[01:38:04]	P7	Sim, sim, a dança em vários aspectos tem casos de perder completamente vergonha de qualquer coisa, de não ter essa questão de vergonha, de ter contato, de dançar com pessoas do mesmo sexo, tipo, a dança ela faz você ver a pessoa que é um ser humano, independente da etnia, do sexo, não tem isso, não tem essa discriminação na dança.
[01:38:36]	Pesquisador	Você tinha alguma questão de ser mais tímido e tal, lá no começo da tua profissão, por isso que você buscou a dança ou foi por...?
[01:38:44]	P7	Não, não, a dança, por incrível que pareça, foi uma amiga minha, que ela era do Pedro II, e lá ela fazia dança.
[01:38:53]	P7	Aí ela me convidou, ela nem conhecia, na época eu tinha o preconceito assim, a dança é para a terceira idade, né, não sabia, percebeu que era isso.

[01:39:03]	P7	Mas eu fui, né, ela me convidou, e lá eu vi que não, tinha vários tipos de ritmos, forró, zuki, samba de gafieira, e eu comecei a gostar, cada vez mais, acho que também a gente deve ter, o que, uns...
[01:39:19]	P7	Devo dançar já uns sete anos, eu acho, oito anos já de dança.
[01:39:24]	Pesquisador	Mas você ainda continua lá ou buscou outra escola?
[01:39:28]	P7	Então, quando eu comecei lá, eu comecei numa academia de dança, aqui na Vila da Penha, que fechou, que é a Alex de Carvalho, que era aqui na Vila da Penha, perto do Shopping Carioca.
[01:39:40]	P7	E, infelizmente, na época da pandemia, ela não conseguiu, e depois da pandemia ela acabou fechando.
[01:39:45]	P7	Só que eu também fazia aula de dança nesse projeto, que eu conheci na universidade também.
[01:39:51]	P7	Hoje em dia, eu ainda faço aula, como eu acabo como pesquisador do UFRJ, na hora do almoço eu ainda faço umas aulas de dança nesse projeto, como ele é aberto.
[01:40:01]	P7	E continuo ainda dançando, que é algo que eu gosto muito, e sempre tentando fazer, continuar fazendo aula de dança.
[01:40:12]	Pesquisador	Eu tenho muita vontade de fazer uma dança de salão.
[01:40:15]	Pesquisador	O negócio é que o tempo não permite.
[01:40:16]	Pesquisador	Quando eu me aposentar, eu vou fazer dança de salão.
[01:40:19]	P7	Ah, faz sim.
[01:40:20]	P7	Algo realmente é muito bom.
[01:40:23]	P7	O vínculo que você faz com as pessoas, a amizade, é um pessoal animado, que quer viver a vida.
[01:40:30]	P7	É bem legal.
[01:40:32]	P7	É um público que faz tanto bem para o corpo quanto para a mente.
[01:40:37]	P7	Eu vi vários casos de pessoas com depressão que buscaram a dança como uma forma de ajuda, e realmente ajudou.
[01:40:45]	P7	É bem legal isso.
[01:40:48]	Pesquisador	Daqui há uns cinco anos, eu vou te chamar para você me orientar onde eu vou entrar numa dança de salão.
[01:40:55]	Pesquisador	No momento, o tempo não permite.
[01:40:59]	Pesquisador	Eu te perguntei por que eu tive muita dificuldade, porque era meio tímido.
[01:41:04]	Pesquisador	Tive alguma dificuldade quando entrei no magistério por conta da timidez.
[01:41:10]	Pesquisador	Aliás, quando eu terminei o ensino médio, eu fiquei na dúvida se eu faria física ou se eu faria Engenharia Elétrica.
[01:41:17]	Pesquisador	E eu optei pela Engenharia Elétrica por conta de achar que eu não conseguiria dar aula.
[01:41:22]	Pesquisador	Ah, mas eu sou muito tímido.
[01:41:24]	Pesquisador	Como é que eu vou dar aula?
[01:41:25]	Pesquisador	Aí acabou que a vida...
[01:41:28]	Pesquisador	Eu fiz Engenharia Elétrica, terminei num momento muito ruim no Brasil.
[01:41:33]	Pesquisador	Aliás, como sempre, o Brasil está num momento de crise.
[01:41:36]	Pesquisador	Eu fui convidado a dar aula no SENAI.
[01:41:41]	Pesquisador	Uma situação atípica, e depois fiz o concurso para a FAETEC.
[01:41:45]	Pesquisador	Hoje eu não me vejo mais trabalhando exclusivamente como engenheiro.
[01:41:49]	Pesquisador	Embora eu ainda faça alguns trabalhos como engenheiro, nessa parte específica de atmosfera explosiva, mas não me vejo hoje trabalhando como engenheiro.
[01:41:59]	Pesquisador	Eu adoro o que eu faço e pretendo terminar minha vida profissional como professor.
[01:42:06]	P7	Isso é até engraçado, como você falou, um professor meu do curso técnico, ele era engenheiro da Shell.
[01:42:15]	P7	E aí ele teve filho, questão de família, na indústria, suga total.
[01:42:23]	P7	É algo bem pesado.
[01:42:25]	P7	E ele queria ter mais tempo para a família.
[01:42:28]	P7	Ele se inscreveu na época para dar aula nessa instituição que estava na Federal de Química e estava começando.
[01:42:37]	P7	Ele se inscreveu, era questão de currículo, uma prova, não era um concurso público ainda, era um contrato como substituto.
[01:42:46]	P7	Ele se inscreveu, tive muita amizade com ele depois.
[01:42:52]	P7	Muita amizade com ele, eu conversava muito com ele como professor.

[01:42:56]	P7	E ele contando que ele era da Shell e começou a dar aula.
[01:43:01]	P7	Para ter tempo para a família, começou a gostar, gostar de dar aula.
[01:43:05]	P7	Aí largou completamente a questão da indústria.
[01:43:10]	P7	Teve uma época que foi até coordenador do curso, não sei se ele ainda se mantém coordenador do curso.
[01:43:16]	P7	E se manteve, se efetivou, fez o concurso e tal, mas até hoje está como professor lá da Federal de Química.
[01:43:25]	Pesquisador	Você não tentou voltar para lá como professor?
[01:43:28]	Pesquisador	Fez algum concurso?
[01:43:29]	P7	Tentei, na época quando eu estava no mestrado, acho que foi mestrado, não.
[01:43:33]	P7	Estava iniciando doutorado, abriu prova para substituto para lá.
[01:43:38]	P7	Aí eu fiz o processo seletivo, foi entrevista, mais o currículo.
[01:43:46]	P7	Até uma das pessoas que estavam me entrevistando foi um professor meu, que estava na banca.
[01:43:52]	P7	Era para uma vaga como substituto, porque tinha uma professora que estava grávida, que eu até conhecia essa professora, tinha contato com ela, tinha amizade com ela.
[01:44:03]	P7	Aí eu fiz o processo seletivo, fui bem qualificado, mas tinha uma outra que eu conhecia também, as duas pessoas que estavam fazendo o concurso eu conhecia, como era de uma área bem similar, da parte de polímero, então eu conhecia.
[01:44:22]	P7	Ela que conseguiu passar em primeiro lugar, na época eu fiquei em terceiro, porque ela tinha a questão do currículo dela, já era formada como doutora, já tinha mais experiência em colégio e demais, então ela que passou em primeiro lugar.
[01:44:40]	P7	E uma outra menina ficou em segundo.
[01:44:43]	P7	Assim, eu falo até que foi algo bom, por quê?
[01:44:46]	P7	A pessoa que passou, que eu conhecia, que ficou em segundo, que a outra desistiu da vaga, por que ela desistiu da vaga?
[01:44:52]	P7	Porque era para ficar só três meses ou dois meses, que era o tempo de licença da professora que estava grávida.
[01:45:00]	P7	Aí ela não quis, porque a pessoa que passou em primeiro lugar, aí a segunda tomou posse, como substituta.
[01:45:06]	P7	E acabou que, sim, ela ficou pouquíssimo tempo, não pôde aproveitar essa experiência e acabou que se eu fizesse, provavelmente não poderia fazer como substituto para o curso, talvez, da UFRJ.
[01:45:18]	P7	Porque tem alguma coisa, se você fizer o substituto depois de ficar dois anos, se for a mesma área, vai poder fazer novamente como substituto.
[01:45:27]	P7	Tem alguma coisa assim na lei.
[01:45:29]	P7	E acabou que logo depois abriu para o curso de NANO.
[01:45:33]	P7	Acabou que eu não fiz esse, depois finalizei o doutorado, abriu e acabou que eu ingressei nesse...
[01:45:39]	P7	Mas eu tenho vontade de abrir para professor efetivo, fazer o concurso para a Federal de Química de Caxias mesmo.
[01:45:50]	Pesquisador	Esperamos que agora, nesse novo governo, os concursos voltem.
[01:45:55]	P7	Sim, sim.
[01:45:56]	Pesquisador	E as escolas sejam reestruturadas, as universidades de certa forma, na medida do possível, passem um processo de reestruturação de novos concursos, porque a situação foi bem problemática.
[01:46:10]	P7	Sim, até para professor efetivo, faz anos que não abre no setor que eu estou na UFRJ.
[01:46:17]	P7	E a diretora está correndo atrás para poder conseguir vagas para abrir o concurso para o professor efetivo, porque na pandemia se perdeu muitos professores, muitos se aposentaram durante a pandemia.
[01:46:29]	P7	Então, tem um déficit grande de professores na universidade, pelo fato da pandemia em si.
[01:46:40]	Pesquisador	A pandemia e a sequência de não contratações, não tem uma renovação.
[01:46:49]	Pesquisador	Você deve ter um quadro que deve estar todo mundo ou já na condição de aposentável, ou que está perto de aposentar.
[01:47:01]	P7	Sim, tem vários casos.
[01:47:04]	Pesquisador	É o que acontece hoje na eletrotécnica do JK.
[01:47:07]	Pesquisador	O último grande concurso que houve foi em 2002 para 2003.

[01:47:13]	Pesquisador	Em 2002, o pessoal ingressou em 2003.
[01:47:15]	Pesquisador	Foi quando eu ingressei com a matrícula de 40 horas.
[01:47:17]	Pesquisador	Eu tenho uma de 20 e uma de 40.
[01:47:19]	Pesquisador	Outro concurso por volta de 2010, e de lá para cá, mais nada.
[01:47:27]	Pesquisador	Então, o cara mais novo que tem na eletrotécnica, ele já tem 10 anos, 12 anos, de JK.
[01:47:37]	Pesquisador	É o mais novo.
[01:47:37]	Pesquisador	Eu tenho 24 e eu e o Júlio somos os mais antigos.
[01:47:42]	P7	O Júlio ainda está lá na...
[01:47:44]	Pesquisador	Ainda está, dá aula à noite ainda.
[01:47:47]	Pesquisador	E, assim, não tem meio termo.
[01:47:51]	P7	O Raed também está?
[01:47:52]	P7	O Raed saiu para o Ferreira Viana e, atualmente, eu acho que ele está cedido à Engenharia da FAETEC.
[01:48:01]	Pesquisador	Não dá mais aula.
[01:48:02]	Pesquisador	Ele estava trabalhando como engenheiro na questão de obras da FAETEC.
[01:48:07]	Pesquisador	Da sua época, só eu e o Júlio mesmo.
[01:48:11]	Pesquisador	Não sei se você chegou a ter aula com a Azzan.
[01:48:13]	P7	Não, não, não tive.
[01:48:15]	Pesquisador	A Azzam entrou em 2004, eu acho.
[01:48:20]	Pesquisador	Bom, vamos lá.
[01:48:21]	Pesquisador	Última pergunta aí para encerrar.
[01:48:22]	Pesquisador	Já peguei duas horas do seu dia.
[01:48:25]	Pesquisador	Extensa aqui a pergunta.
[01:48:27]	Pesquisador	Na verdade, não é uma pergunta, assim, muito fechada.
[01:48:32]	Pesquisador	Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudanças nos cursos de licenciatura vistas a oportunizar melhores condições da formação dos licenciados, tornando essa formação mais próxima da realidade assim encontrada pelos professores novatos em salas de aula.
[01:48:50]	Pesquisador	Então, primeiro, gostaria de saber se você concorda ou não com essa afirmação. E, caso concorde, quais propostas de mudança você apontaria como necessárias aos cursos de licenciatura a fim de tornar a formação inicial dos professores mais próxima da realidade encontrada em sala de aula?
[01:49:10]	P7	É, concordo, tá, com essa afirmação.
[01:49:14]	P7	Uma das propostas, né, eu até abordei um pouco aqui durante a entrevista, eu acho que ter uma disciplina aonde levasse o aluno, sei lá, como monitor de algumas escolas do estado, do município, da prefeitura, para ele poder acompanhar, por exemplo, as aulas, como é que é o ambiente sala de aula, como é que são os alunos, como é que aquele professor consegue lidar com os alunos, eu acho que isso seria interessante, porque na universidade, às vezes, tem disciplinas que são, ao meu ver, desnecessárias, que não agregam, não acrescentam nada, e poderia colocar algo que, né, levasse o aluno, né, ao colégio, mesmo como monitor, né, para poder ter essa, esse choque, né, de realidade, e ver realmente se é isso mesmo que ele vai querer para a vida dele, né, de repente, depois que ele conheça como é que é a realidade, né, ver se realmente, né, ele vai querer aquilo mesmo, né, se ele tem amor suficiente para conseguir, né, lidar, ou também saber lidar com aqueles tipos de situações que ele vai vivenciar em sala de aula com o monitor, próximo dos alunos, tá?
[01:50:35]	P7	Então, eu acho que isso seria, acho que o mais interessante, o melhor que eu vejo no momento, para tentar aproximar, né, o aluno de graduação dos alunos, né, ele vai ter um contato mais direto ainda com os alunos sendo monitor, né, porque ele vai ter que querer depois, no momento mais privado, conversar com o aluno, ajudar o aluno, é, vai saber um pouco da História do aluno, da vida dele um pouco, de repente, algo na vida dele que dificulte, né, o aprendizado, então, acho que isso é bem interessante, vai dar, assim, uma boa experiência, né, do aluno de graduação com o aluno de, do colégio, do ensino médio, por exemplo.
[01:51:16]	Pesquisador	Correto.
[01:51:19]	Pesquisador	Ok, V., eu te agradeço aí pela ajuda, excelente ajuda, para contribuir aqui na minha tese de doutorado, você como pesquisador sabe as

		dificuldades que a gente tem, para coletar dados, para conseguir pessoas que possam colaborar, né, aqui, o meu doutorado, ele é na parte de educação, né, são pesquisas mais qualitativas e a gente depende muito das pessoas, e é difícil aí você encontrar pessoas, colegas, com a disponibilidade aí de duas horas de uma entrevista, aliás, uma das razões que eu opto por entrevistar meus ex-alunos é porque por conta aí da nossa relação, de ter sido aluno, colega, e tal, eu tô tendo assim, a felicidade de meus ex-alunos, professores como você, que estão me ajudando aí, enriquecendo com duas, três horas de entrevista assim, que fluem, pelo menos na minha análise, assim, tranquilamente, num tom descontraído, agradável, né, nada mecânico.
[01:52:34]	Pesquisador	Então, agradeço aí a tua participação.
[01:52:38]	Pesquisador	Muito obrigado. Vou parar a gravação aqui, e a gente pode continuar.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P8

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:01:33]	Pesquisador	Então, para começar, T., qual o seu nome completo e sua idade?
[00:01:38]	P8	Meu nome é T. A. M., eu tenho 36 anos.
[00:01:44]	Pesquisador	A sua idade, quando aparece aqui, me apavora um pouco, porque a maioria de vocês foram meus alunos com 15, 16 anos.
[00:01:52]	P8	Exatamente.
[00:01:53]	P8	Você foi meu professor quando eu tinha 16 anos.
[00:01:57]	Pesquisador	Exatamente.
[00:01:57]	P8	E isso já se passaram 21 anos.
[00:02:02]	Pesquisador	A sorte é que eu era muito novo, né?
[00:02:04]	Pesquisador	Então eu não estou muito velho ainda.
[00:02:06]	Pesquisador	Eu tinha 20 e poucos anos.
[00:02:08]	Pesquisador	Quando eu entrei no JK, eu tinha 28 anos.
[00:02:11]	Pesquisador	Qual curso de graduação você realizou, a instituição e o ano de conclusão?
[00:02:17]	P8	Eu fiz licenciatura em Física, licenciatura plena em Física na UFRJ, no campus do Fundão, e me formei em 2012.
[00:02:32]	Pesquisador	Ok.
[00:02:33]	Pesquisador	Quantos anos você atuou como professor?
[00:02:37]	P8	Atuei como professor 14 anos.
[00:02:43]	Pesquisador	Qual a razão da sua saída do magistério?
[00:02:47]	P8	A saída do magistério se deu por uma mudança de projeto de vida.
[00:02:54]	P8	Eu entendi que o meu ciclo dentro do processo educativo tinha se encerrado no sentido de que tudo que eu poderia ter feito para contribuir com a educação, eu dei o meu melhor, eu busquei dar o meu melhor sempre e comecei a ter vontade de buscar novos estímulos profissionais, novas áreas de conhecimento e construí a minha saída do magistério justamente para que eu pudesse experimentar novas oportunidades.
[00:03:38]	P8	Então a minha saída do magistério tem a ver com isso, tem a ver com a vontade de ter outras experiências e tem a ver também um pouquinho com o fato de olhar a educação como um projeto que tende ao fracasso, um projeto político que tende ao fracasso e que é uma força muito difícil de combater.
[00:04:10]	P8	Então tanto o setor privado quanto o setor público, na minha opinião, oferecem uma educação muito pouco qualificada.
[00:04:26]	P8	Isso para todos os setores, para todos os cenários.
[00:04:31]	Pesquisador	Você hoje em Portugal não trabalha mais com educação, né?
[00:04:37]	Pesquisador	Está se dedicando a outra carreira.
[00:04:39]	P8	Isso.
[00:04:41]	Pesquisador	Você, depois da tua graduação, fez algum curso de pós-graduação?
[00:04:46]	Pesquisador	Chegou a fazer mestrado, doutorado?
[00:04:48]	P8	Fiz.
[00:04:48]	P8	Eu fiz o mestrado em Convivência e Desenvolvimento Humano, capitaneado pela UNICAMP, através de um grupo de pesquisa e estudo de desenvolvimento ético e moral.

[00:05:06]	P8	Foram três anos de estudo e de acompanhamento dentro da própria escola.
[00:05:12]	P8	E junto a esse movimento eu fiz outros workshops, que também envolviam desenvolvimento e educação moral e convivência, convivência ética e mais ou menos por aí.
[00:05:26]	Pesquisador	Isso aí você terminou mais ou menos em que ano?
[00:05:29]	P8	Eu terminei em 2021.
[00:05:35]	Pesquisador	Correto.
[00:05:37]	Pesquisador	Considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica, por que você optou pela licenciatura?
[00:05:44]	P8	Bom, vamos lá.
[00:05:45]	P8	Eu saí do ensino médio e tive uma experiência, a minha primeira experiência profissional na vida foi um estágio onde eu consertava e fazia manutenção de aparelhos de ar-condicionado, de refrigeração.
[00:06:02]	P8	Até então, o meu sonho profissional era seguir a licenciatura de Engenharia, fazer Engenharia e depois dar sequência na carreira de Engenheiro.
[00:06:15]	P8	Mas nessa minha experiência, quando eu tinha 17 anos, eu tive contato com alguns Engenheiros e esse contato ocorreu muito mal.
[00:06:23]	P8	Eu via algumas atitudes desses Engenheiros junto aos seus subordinados e a equipe técnica que eu fazia parte, né, e aquilo começou a servir como um exemplo negativo para mim e comecei a entender que talvez não fosse exatamente trabalhar com essa área que fosse, que tivesse mais a ver comigo como pessoa.
[00:06:52]	P8	E aí eu comecei a buscar as alternativas que tinham a ver comigo dentro dessa escolha.
[00:07:01]	P8	Então, eu estava trabalhando, fazia estágio, saí do Juscelino Kubitschek, a instituição que eu estudei no ensino médio, que pertence à FAETEC.
[00:07:13]	P8	E nesse estágio, era um estágio remunerado, era bem remunerado para a época.
[00:07:17]	P8	Eu lembro que era um dos estágios que melhor pagava, mas foi um ano de trabalho em que eu tive essa experiência, uma experiência negativa que me fez repensar essa alternativa de futuro. Só que eu precisava continuar trabalhando, então eu não tinha a possibilidade de fazer faculdade no horário integral, eu precisava fazer à noite porque tinha que trabalhar de manhã, que tem responsabilidades eu precisava enfim...
[00:07:48]	P8	Cumpri-las.
[00:07:50]	P8	Então, comecei a fazer uma pesquisa sobre os cursos disponíveis noturnos que nós tínhamos ali na altura, em 2004, 2005.
[00:08:02]	P8	E então, eu comecei a vislumbrar a possibilidade de ser professor.
[00:08:10]	P8	Eu comecei a ler livros sobre isso.
[00:08:13]	P8	Um dos primeiros livros que eu li A Pedagogia do Oprimido, do Paulo Freire.
[00:08:20]	P8	Esse livro foi muito inspiracional para mim, muito inspirador, em que eu comecei a entender, a enxergar, a real importância do professor no desenvolvimento da carreira, e no desenvolvimento das pessoas, para além da questão profissional, mas para outros setores e outros cenários da vida.
[00:08:46]	P8	E aí eu comecei a ler outros livros do Paulo Freire, ali outros livros de outros autores e foi ali então um processo de escolha.
[00:09:00]	P8	Eu fui conversando com professores de referência, pessoas de referência, um dos professores que conversando comigo me influenciaram, que foi um professor que eu tive de Física no JK, que foi o Anderson, ele foi um dos professores que, falando do magistério, naquela altura, depois eu perdi o contato totalmente com ele, hoje eu não consigo nem, nem sei se ele continua no magistério ou não, mas eu lembro dele falando, ele era muito jovem na época, apesar de não ter...
[00:09:31]	Pesquisador	O Anderson hoje é o diretor do JK.
[00:09:34]	P8	Ah, legal, não sabia.
[00:09:36]	Pesquisador	E o JK vem de duas gestões com professores de Física, o professor Maicon e agora o professor Anderson.
[00:09:46]	Pesquisador	Continua lá.
[00:09:49]	P8	E aí ele falou uma vez sobre magistério, sobre ser professor e eu falei, de repente isso pode servir para mim.

[00:10:00]	P8	E em 2005 eu fiz...
[00:10:04]	P8	Eu estava trabalhando em uma loja de roupa, no shopping, e fiz ao mesmo tempo um curso pré-vestibular à noite, Madureira, onde eu conheci outros professores que me apresentaram uma forma diferente da profissão.
[00:10:27]	P8	Eram aulas diferentes, com uma dinâmica diferente e hoje eu tenho uma consciência do porquê que era assim.
[00:10:33]	P8	Mas naquela altura eu achava assim, tá, incrível, eu nunca tinha tido contato com aulas desse tipo, desse formato, dessa maneira e aquilo me encantou naquela época.
[00:10:45]	P8	Imagino que aquilo tenha sido um dos fatores decisivos.
[00:10:49]	P8	Eu tinha um professor muito bom.
[00:10:54]	P8	Depois, depois que a gente se forma, depois que a gente entra no mercado, hoje, ele não é por mim considerado uma pessoa de referência, mas naquela altura nas aulas que ele o dava acabou sendo, acabou se tornando.
[00:11:09]	P8	E aí eu falei, vou ser professor.
[00:11:13]	P8	Bem, então minha primeira escolha foi ser professor, depois eu tinha que escolher a matéria.
[00:11:20]	Pesquisador	Essa é a minha próxima pergunta, por que especificamente a Física?
[00:11:25]	P8	E isso, então depois, eu tinha que escolher onde que eu me encaixaria dentro da escola.
[00:11:31]	P8	Eu seria professor.
[00:11:32]	P8	Mas, eu seria professor de quê?
[00:11:34]	P8	Eu seria professor de criança, eu seria professor de Matemática, eu seria professor de Física. E ali eu já tinha alguma consciência de que, na verdade, a matéria, a disciplina, ela seria só um fio condutor, ela seria só um fio condutor para que eu pudesse atingir os meus objetivos dentro do magistério, que era influenciar efetivamente a formação do cidadão.
[00:12:06]	P8	Então, eu estou falando isso do T. de 19 anos, de 20 anos de idade.
[00:12:14]	P8	Então eu entendi que eu tinha que estar na escola e que eu tinha que ser professor.
[00:12:19]	P8	Mas de quê?
[00:12:21]	P8	Aí você começa a recorrer naturalmente às matérias que você tem mais aptidão.
[00:12:26]	P8	E como eu tive o ensino médio, que teve um contato muito grande, eu tive um contato muito grande com Matemática e Física, por ter feito técnica em eletrotécnico.
[00:12:37]	P8	Então eu tinha uma carga horária alta de matérias técnicas que envolvam Matemática e Física.
[00:12:44]	P8	Então tive muito contato com Matemática e tive muito contato com Física.
[00:12:48]	P8	Eu nunca fui um aluno brilhante.
[00:12:50]	P8	Eu nunca fui um aluno de notas altíssimas.
[00:12:52]	P8	Eu sempre fui aluno mediano no ensino médio.
[00:12:56]	P8	Eu não tinha performances muito elevadas, mas também nunca tive problemas com nota, ou seja, sempre tive algum interesse, sempre estudei, sempre levei a sério o processo escolar.
[00:13:14]	P8	E dentro das minhas aptidões, a Matemática, eu era melhor em Matemática do que em Física.
[00:13:23]	P8	Só que aí vem uma questão que é uma questão in natura.
[00:13:27]	P8	É uma questão in natura.
[00:13:29]	P8	Foi o seguinte, eu não me imaginava dando aula para criança.
[00:13:36]	P8	Eu tinha consciência que se eu começasse a dar aula, eu tinha que dar aula para o que aparecesse.
[00:13:43]	P8	Porque a pessoa sem experiência, se surge a possibilidade de você dar uma aula, por exemplo, sexto ano do ensino fundamental, você tem que dar aula para o sexto ano do ensino fundamental você tem que se preparar para isso.
[00:14:53]	P8	E eu entendi para ti que eu tinha muita dificuldade de lidar com turmas de criança.
[00:14:57]	P8	Ou seja, apesar de adorar a criança, apesar de ter muita paciência, mas ser professor de criança, eu acho que exige outras habilidades exige outras preocupações.

[00:15:11]	P8	E hoje eu já enxergo que sim, que realmente existem outras habilidades que nós deveríamos ter.
[00:15:18]	P8	Por mais que eu tivesse inserido numa turma em Ensino Médio, em que a maior parte das pessoas tinham alguma aptidão para Física e Matemática, eu percebia que era sem dúvida alguma uma das maiores dificuldades da grande maioria das pessoas.
[00:15:34]	P8	Ou seja, a grande maioria das pessoas via a Física como um grande desafio, e isso me estimulou a escolher Física, que é algo para muitas pessoas, inatingíveis, impossível de aprender, algo possível de aprender.
[00:16:52]	P8	E esse foi o desafio que me motivou a escolher Física.
[00:16:56]	P8	Eu vou aprender Física, porque não sabia Física.
[00:17:01]	P8	Eu posso dizer que não sei se sei até hoje.
[00:17:04]	P8	Mas meu conhecimento de Física era pequeno, muito baixo.
[00:17:09]	P8	Entrei na universidade, consegui passar no vestibular e comecei a fazer o curso onde eu entendi que poderia fazer a diferença, além do desenvolvimento das pessoas que era o norte principal, na Física elas aprenderem uma coisa que achavam que nunca aprenderiam.
[00:17:54]	Pesquisador	Entendi.
[00:17:56]	Pesquisador	Seu curso foi noturno na UFRJ?
[00:18:09]	Pesquisador	Trabalhando o dia todo?
[00:18:19]	Pesquisador	Descreva suas experiências profissionais, inclusive aquelas vividas fora do magistério.
[00:19:28]	P8	Vamos lá. Meu primeiro emprego foi a Colortel, técnico de refrigeração, consertando ar-condicionado.
[00:19:34]	P8	Isso inclusive me estimulou a fazer um curso técnico no SENAI.
[00:19:38]	P8	Eu fiz um curso técnico no SENAI de refrigeração justamente por isso, por causa da Colortel, porque eu era muito dedicado assim.
[00:19:43]	P8	Só que, no final de um ano, eu vi que não funcionou para mim, e naquele momento entendi que não dava pra permanecer ali, e eu fui trabalhar numa loja de shopping no Carioca Shopping, eu fiz um ano trabalhando na Taco, e foi uma experiência boa pra mim.
[00:20:04]	P8	Eu gostei muito de trabalhar, era muito agradável.
[00:20:07]	P8	Eu trabalhava no ar-condicionado, não tinha calor, não tinha cheiro de gás, não cortava minha mão nas aletas do evaporador, ou seja, não ficava com...
[00:20:21]	P8	Era muito mais agradável, tinha contato com pessoas mais jovens, né, pessoas bonitas etc.
[00:20:29]	P8	Então para mim naquele momento ganhava melhor do que o estágio, tinha um bom desempenho de venda, então foram várias coisas acontecendo que deram pra mim uma satisfação pessoal.
[00:20:41]	P8	E fiquei um ano ali.
[00:20:43]	P8	E por influência do meu pai, eu retomei no foco, retomei o foco da universidade.
[00:20:52]	P8	Eu já estava até pensando em abandonar a universidade para poder me dedicar ao varejo.
[00:20:57]	P8	E aí meu pai conversou comigo e eu sempre, às vezes, mesmo não concordando muito com ele, eu costumava sempre seguir aquilo que o meu pai achava melhor E poucas...
[00:21:13]	P8	Acho que nenhuma vez eu me decepcionei totalmente porque tinha muito respeito e por isso naquela altura eu fiz isso.
[00:21:22]	P8	O que eu fiz?
[00:21:22]	P8	Eu parei de trabalhar, fui morar com o meu pai.
[00:21:25]	P8	Então, depois dessa minha segunda experiência profissional, eu fui morar com o meu pai em São Cristóvão onde eu fiquei dedicando-me só à faculdade e depois de seis meses mais ou menos eu consegui um estágio um colégio chamado MV1 onde eu fiquei três ou quatro meses nesse estágio, então eu passei na prova da monitoria do Colégio Curso PH, entrei no PH como monitor e fiquei lá por 14 anos, até a minha saída do magistério.
[00:21:55]	P8	E aí hoje eu mudei de país, eu saí do Brasil, vim a Portugal e aqui no Portugal eu estou exercendo o empreendedorismo, ou seja, eu abri uma empresa que eu nunca tinha feito e estou investindo no setor de comida, o setor de restaurante.

[00:22:13]	P8	Hoje eu tenho duas empresas, uma delas controla um restaurante árabe e uma outra controla o restaurante de comida japonesa.
[00:22:24]	Pesquisador	Falando do teu pai, o teu pai é um cara famoso não é T.?
[00:22:28]	Pesquisador	Aparece na reportagem de vez em quando...
[00:22:31]	Pesquisador	Ele é Engenheiro ou professor?
[00:22:34]	P8	Ele é Engenheiro.
[00:22:36]	P8	De formação ele é Engenheiro.
[00:22:39]	Pesquisador	E essa viagem dele com o ensino lá e tal, ajudar as pessoas, não te influenciou em nada não?
[00:22:46]	Pesquisador	Tem coisas que influenciaram?
[00:22:48]	P8	Ele começou com esse projeto, que se tornou popular, se tornou famoso no Rio de Janeiro.
[00:22:54]	P8	Aí né.
[00:22:56]	P8	Eu já era, eu já estava consolidado no PH, já era professor, reconhecido, já tinha até dentro da Física, por exemplo, eu já trabalhava na coordenação da disciplina de Física dentro do PH, mas o meu pai começou no magistério depois que se separou da minha mãe.
[00:23:17]	P8	Meu pai também, meu pai se formou em Engenharia Elétrica, não exerceu a profissão e foi também para o empreendedorismo.
[00:23:26]	P8	Comprou a oficina mecânica do meu avô, que é o pai da minha mãe, e tinha uma oficina mecânica em Irajá durante muitos anos.
[00:23:34]	P8	Aí correu mal a oficina, ele mudou de segmento, ele foi trabalhar também com fabricação de bolos artesanais, ficou mais uns 10 anos com isso e faliu.
[00:23:45]	P8	Aí nesse momento eles se separaram.
[00:23:48]	P8	Eu estava no terceiro ano do ensino médio do Juscelino.
[00:23:53]	P8	E aí meu pai morava em São Cristóvão, a gente morava em São Cristóvão.
[00:23:58]	P8	E aí nessa separação minha mãe voltou pra Irajá.
[00:24:01]	P8	E aí eu tinha...
[00:24:02]	P8	A Colortel que eu trabalhava era em São Cristóvão e fui morar com minha mãe e eu fazia esse trajeto em Irajá e São Cristóvão todos os dias.
[00:24:11]	P8	E aí meu pai nesse momento que ele estava sem emprego, que não tinha mais...
[00:24:17]	P8	Ele começou a dar aula.
[00:24:18]	P8	Por quê?
[00:24:19]	P8	Uma das grandes influências que meu pai deixou para mim, a maior herança que ele poderia deixar e eu não falo isso da boca pra fora é que dentro de toda essa trajetória que relatei rapidamente e brevemente da vida dele é, eu via meu pai todos os dias ou semanas, todos os dias posso falar que é um exagero, mas todas as semanas com o livro de Física ou de Matemática no colo e o que meu pai fazia?
[00:24:44]	P8	O pai ia para a oficina e aí normalmente, na hora do almoço, ele voltava para almoçar em casa, aí depois do almoço ele gostava de tirar um cochilo e voltar pra oficina depois.
[00:25:26]	P8	Depois que acabava o almoço, entre o almoço e o cochilo enquanto ele pegava no sono ele abria um livro de Física e ficava resolvendo exercícios. Aquilo para ele tinha uma importância grande e eu como criança não entendia bem. Meu pai já saiu da escola, já está trabalhando, para que ficar fazendo exercícios de Física e Matemática?
[00:25:43]	P8	Hoje eu entendo o porquê, lógico. Aquilo serviu para ele se manter atualizado. Ai um amigo dele, professor de uma escola particular do rio conseguiu um aluno particular para ele de Física. Perguntou para ele se gostaria de dar aula particular para esse menino e tal, dá para cobrar 25 reais a hora. Lógico que ele disse que poderia, não tinha nada.
[00:25:50]	P8	Pegou a matéria, estudou, se dedicou, foi lá, deu a aula particular, e se indicou para outro, que agora ele tinha dois alunos.
[00:25:57]	P8	E aí meu pai viveu de aula particular durante muitos anos.
[00:26:00]	P8	Muitos anos.
[00:26:02]	P8	É...
[00:26:04]	P8	Dos meus 19 anos, 18 anos, até os meus 30, até hoje.
[00:26:11]	P8	Até hoje, meu pai dá aula particular.

[00:26:14]	P8	Nunca teve o interesse de ter uma formação pedagógica, formal, mas meu pai é aquele que se dedica a fazer a transferência de conteúdo para aquelas pessoas que sabem menos.
[00:26:29]	P8	Então ele se dedicou muito a isso, muito a isso.
[00:26:35]	P8	E aí chegou um determinado momento que meu pai viu a sua quantidade de alunos, a sua clientela diminuir.
[00:26:46]	P8	E essa diminuição se dá por vários motivos que a gente pode pensar.
[00:26:53]	P8	O envelhecimento dele mesmo, uma fase de vida.
[00:26:57]	P8	Meu pai já está com quase 70 anos, a pessoa vai ficando mais velha, vai se tornando menos.
[00:27:06]	P8	A energia vai baixando, é natural.
[00:27:09]	P8	Meu pai já não se dispõe a fazer deslocamentos, ele não tinha carro.
[00:27:15]	P8	Ele morava em São Cristóvão, tinha que ir para o Recreio dos Bandeirantes, dar mais uma aula particular, e ele tinha que ir de transporte público, que o transporte público na cidade do Rio de Janeiro tem as suas dificuldades, que nós conhecemos, enfim.
[00:27:29]	P8	Então, meu pai começou a se limitar e por isso também foi diminuindo um pouco a sua clientela.
[00:27:34]	P8	Ele se casou novamente, foi morar em Botafogo e aí em Botafogo ninguém conhecia ele.
[00:27:41]	P8	E meu pai acredita muito na educação, como poder transformador, e ele falou que um dia assim, que ele viu que não tinha mais nenhum aluno, em Botafogo ninguém conhecia ele, e meu pai também não é aposentado.
[00:27:58]	P8	Ele pensou, ah, quer saber de uma coisa?
[00:28:00]	P8	A melhor forma das pessoas me conhecerem é eu indo para um lugar público e oferecendo ajuda para as pessoas.
[00:28:10]	P8	É assim que as pessoas vão me conhecer.
[00:28:12]	P8	Ele fez uma plaquinha à mão, aulas de Física e Matemática grátis.
[00:28:19]	P8	Colocou no banco da praça, aqueles bancos que os senhores normalmente jogam, né?
[00:28:23]	P8	Só dama, não sei.
[00:28:25]	P8	Uma praça ali na saída do metrô, de Botafogo.
[00:28:31]	P8	E próximo a essa praça tem uma escola pública.
[00:28:35]	P8	E aí um aluno viu, sentou-se.
[00:28:38]	P8	Uma pessoa que estava passando na rua achou interessante aquilo, tirou uma foto.
[00:28:42]	P8	Publicou no Facebook.
[00:28:45]	P8	E aí, depois de um dia, meu pai tinha mais de 400 mil repostagens daquele...
[00:43:47]	Pesquisador	Agora vamos falar então sobre os primeiros anos como professor.
[00:43:51]	Pesquisador	Descreva que foram os teus primeiros anos.
[00:43:53]	Pesquisador	Mais ou menos de três ou cinco anos, relatando as dificuldades encontradas, possíveis apoios ou não, com os quais você pôde contar.
[00:44:00]	Pesquisador	Que estratégia você utilizou para vencer possíveis obstáculos?
[00:44:04]	Pesquisador	Tem assim, a literatura fala desse, chama de choque, choque inicial, né?
[00:44:09]	Pesquisador	Quando você sai da licenciatura, embora você tenha feito uma transição ainda estudando, como é que foi o seu primeiro contato com as turmas?
[00:44:19]	P8	Então, a minha...
[00:44:22]	P8	A escola que eu trabalhei mais tempo, e ali eu considero que foi a minha grande experiência dentro do magistério, né, então eu vou me referir sempre à escola que eu fiquei mais tempo, foi ali que eu aprendi técnicas e mecanismos de sala de aula, vou chamar assim, uma sala de aula de verdade, assim do dia a dia.
[00:45:48]	P8	E eu não saía bem preparado da universidade para esse aspecto.
[00:45:51]	P8	Por exemplo, eu não sabia da universidade, eu não sabia montar um quadro.
[00:45:55]	P8	Eu não sabia escrever um quadro, eu não sabia usar cores, eu não sabia olhar o quadro de giz, por exemplo.
[00:46:03]	P8	Eu não sabia fazer desenhos e esquemas, eu não sabia fazer um mapa conceitual. Só que assim que eu entrei o coordenador do curso na época o coordenador de Física do colégio nós tivemos uma reunião com todos os monitores e ele ofereceu para quem quisesse uma formação de professores de Física para que a gente pudesse começar a ter contato

		com a sala de aula ou seja, que a gente pudesse estar preparado para caso um professor não consiga dar uma determinada aula a gente pudesse entrar e substituir este professor.
[00:47:44]	P8	Então na escola que eu trabalhei funcionava assim, que você começava como monitor, aí você passava pelo treinamento interno, que era o treinamento da disciplina que você fazia parte e esse treinamento ele era ministrado pelos próprios professores que se colocavam à disposição daquela disciplina.
[00:48:00]	P8	Antes de concluir a universidade, eu também assumi uma turma de ensino fundamental, de nono ano.
[00:48:09]	P8	Então foi exatamente na mesma época.
[00:48:12]	P8	Eu tinha uma turma de ensino de nono ano e uma turma de curso pré-vestibular.
[00:48:17]	P8	Bem, hoje, fazendo uma análise da minha carreira, naquele momento eu tinha muita pouca ferramenta pedagógica.
[00:48:25]	P8	Muito pouca.
[00:48:27]	P8	Sabia nada, mas eu tentava sempre me balizar nas relações humanas.
[00:48:38]	P8	Então assim, eu achava que se eu conseguisse construir uma relação saudável com os meus alunos.
[00:48:46]	P8	Se os meus alunos me admirassem de alguma forma, eles ao me conhecer me respeitariam.
[00:48:59]	P8	Ao me respeitar aceitariam aquilo que eu traria para ele como conteúdo e ao aceitarem o que eu trago como conteúdo, eles aprenderiam mais do que aprenderiam se eles estivessem se em contato com alguém que eles não gostassem.
[00:49:15]	P8	Eu sempre tive essa ideia.
[00:49:19]	P8	E hoje eu acredito nisso ainda.
[00:49:20]	P8	Eu acho que é muito melhor você aprender com quem você admira, com quem você gosta, com quem você respeita, do que uma pessoa que é simplesmente um babaca que sabe muito daquele conteúdo.
[00:49:29]	P8	Desculpe o termo....
[00:49:31]	P8	Bom...
[00:49:34]	P8	Então, o recurso que eu usei no meu início de carreira foi investir nas relações.
[00:49:43]	P8	Ser um professor simpático, ser um professor disponível, ser um professor...
[00:49:48]	P8	Eu tentei desenvolver o meu bom senso para entender os momentos em que eu tinha que diminuir, desacelerar o processo conteudístico.
[00:50:01]	P8	E nos momentos que eu tinha que acelerar o processo conteudístico, que eu tinha que trazer ferramentas diferentes para a sala de aula.
[00:50:09]	P8	Foi assim, e tentei fazer uma adaptação ao meu público.
[00:50:16]	P8	Por exemplo, no pré-vestibular eu tinha uma aula mais formal.
[00:50:20]	P8	Eu tinha uma aula mais...
[00:50:21]	P8	Apesar de ser uma aula engraçada, eu sempre fui considerado um professor engraçado, mas eu não fazia muitas palhaçadas.
[00:50:31]	P8	Eu tinha uma aula muito conteudista, muito profunda e muito produtiva.
[00:50:36]	P8	Sempre busquei isso.
[00:50:38]	P8	Mas ela se tornava mais leve porque eu conseguia trazer dentro da minha explicação elementos que eram elementos descontraídos.
[00:50:47]	P8	E isso no curso pré-vestibular fez muito sucesso.
[00:50:51]	P8	E no ensino fundamental já tinha uma aula muito diferente.
[00:50:54]	P8	Eu já tentava buscar uma aula, um pouco menos com menos elementos cômicos e com mais elementos afetivos.
[00:51:07]	P8	Então, eu era uma pessoa mais compreensiva, eu buscava ser compreensivo, eu buscava sempre o diálogo, sempre conversei muito com os meus alunos e mostrando pra ele os limites não é que precisam existir dentro dos comportamentos que eles apresentavam hoje eu entendo que isso tem um nome na literatura que é gestão de conflito é e quando você se especializa em gestão de conflito isso foi um dos temas que eu estudei muito depois do meu mestrado, você se sente muito mais confortável a assumir qualquer tipo de turma seja às turmas tantos, com melhor comportamento, sejam as turmas com comportamentos mais desafiadores.

[00:51:53]	P8	Naquela altura eu não sabia, então essa foi minha principal ferramenta, minha segunda ferramenta.
[00:51:59]	P8	Eu entendi que se eu conseguisse organizar melhor os meus pensamentos dentro do processo explicativo, os alunos conseguiriam absorver isso com mais facilidade.
[00:52:11]	P8	Então, eu investi muito no meu quadro.
[00:52:16]	P8	Ou seja, naquilo que eu ia expor aos alunos.
[00:52:20]	P8	Um quadro esse que depois se transformou em vídeo, depois se transformou em experiências, né?
[00:52:24]	P8	Ou seja, todas as atividades que eu buscava fazer com os alunos, eu tentava ser o mais organizado possível.
[00:52:32]	P8	E aí, foi uma das coisas que eu perdi muito tempo pra me desenvolver.
[00:52:39]	P8	Eu tinha uma letra muito feia do quadro.
[00:52:42]	P8	Eu tinha desenhos muito ruins, desenhos que não eram funcionais, que não faziam sentido com a situação problema que estava sendo proposta.
[00:52:51]	P8	E aí eu fui pegando inspirações de professores...
[00:52:57]	P8	Cara, eu acho que isso funciona pra mim.
[00:53:00]	P8	Eu fui trazendo desses professores elementos que foram agregando o T. professor. Assim, então eu consegui me desenvolver nesse aspecto.
[00:53:12]	P8	Eu não era brilhante...
[00:53:13]	P8	O meu quadro não era um quadro maravilhoso, lindo performático.
[00:53:17]	P8	Porque não era o meu objetivo também.
[00:53:19]	P8	Eu não tenho talento artístico para isso, mas eu tinha um quadro muito organizado, muito bem pensado.
[00:53:27]	P8	Cada elemento que estava no quadro tinha uma função.
[00:53:30]	P8	As cores que eu usava, os desenhos e esquemas que eu fazia.
[00:53:35]	P8	Tudo tinha uma linha de raciocínio que culminava num desfecho, num objetivo final.
[00:53:44]	P8	Então, eu acho que essas duas ferramentas, as minhas ferramentas de base inicial para que eu fosse começado a ser reconhecido como bom professor.
[00:53:52]	Pesquisador	Fora esse curso que você falou que fez, você teve apoio assim da parte pedagógica?
[00:53:59]	Pesquisador	Não sei como era o nome lá na tua escola, uma supervisão pedagógica, uma pedagoga te acompanhava?
[00:54:04]	P8	Não, então.
[00:54:06]	P8	Não existia essa estrutura na escola que eu trabalhei inicialmente.
[00:54:10]	P8	Essa estrutura foi sendo construída depois e eu participei da construção dessa nova estrutura a partir de 2018.
[00:54:22]	P8	Mas até então, isso nunca...
[00:54:23]	P8	Existia uma coordenadora pedagógica, mas que nunca era...
[00:54:31]	P8	Nós, pelo menos na estrutura da escola, eu imagino que isso não aconteça em muitas escolas ainda.
[00:54:39]	P8	Os professores, eles não sabiam, muitos não sabem qual era a função daquela pessoa dentro da escola.
[00:54:48]	P8	Eu arrisco a dizer, Carlos, que se você chegar hoje numa escola privada, chamar um professor e perguntar para ele qual é a função do diretor escolar, talvez ele não saiba responder.
[00:55:03]	P8	Não é uma resposta tão óbvia assim, tão simples, né?
[00:55:06]	P8	Porque a maior parte dos professores que trabalhavam comigo, eles entravam na escola, cumpriam a carga deles, faziam o que deveriam fazer, reportavam ao coordenador da disciplina, ou seja, tinha lá uma matéria que tinha que ser dada naquela semana.
[00:55:23]	P8	Ele ia lá, dava aquela matéria, fazia o conteúdo.
[00:55:26]	P8	Os professores conversavam entre si, ou seja, os professores de Física, que era minha realidade, nós conversávamos entre si.
[00:55:31]	P8	Pessoal do nono ano, como foi, entrava no grupo de WhatsApp e acabou.
[00:55:36]	P8	A relação era essa, eu entrava na escola, tinha ali o convívio com os professores, ia para a sala de aula, fazia seu trabalho, você não tinha acompanhamento pedagógico, não tinha conversas pedagógicas efetivas que me dessem outros caminhos que fossem interessantes.
[00:55:53]	P8	Gestão de conflito.
[00:55:55]	P8	Eu não era preparado para fazer.

[00:55:57]	P8	Eu tinha para mim uma ferramenta que eu achava que tinha que ser importante.
[00:56:01]	P8	Por exemplo, eu sempre tentei resolver as questões dentro de sala de aula, eu não colocava aluno para fora.
[00:56:07]	P8	Era uma questão que eu defendia.
[00:56:09]	P8	Eu nunca tirei um aluno de sala.
[00:56:10]	P8	Muitos colegas tinham outra opinião, aluno começou a fazer bagunça saia de sala, que aí a turma toda fica quietinha, ele vai lá dar aula dele e acha que isso é sucesso.
[00:56:21]	P8	Para mim não é.
[00:56:24]	P8	Então não existe uma formação e um acompanhamento nesse aspecto.
[00:56:31]	P8	Os trabalhos pedagógicos eram muito descolados dos professores.
[00:56:37]	P8	Então, por exemplo, tinha uma semana da feira literária.
[00:56:42]	P8	O quê?
[00:56:42]	P8	Os professores.
[00:56:44]	P8	Alguns professores de português precisavam se envolver, mas os professores de Física, Geografia, não se envolviam.
[00:56:51]	P8	Era uma coisa do português.
[00:56:54]	P8	Tudo isso foi mudando com o tempo hoje.
[00:56:57]	P8	Com certeza, a escola que eu trabalhei...
[00:56:58]	P8	Está numa posição bem diferente nesse aspecto, mas...
[00:57:04]	P8	O que a gente percebia, assim, que existia uma divisão muito grande entre as disciplinas.
[00:57:08]	P8	O problema do cara não é a Física, é a Matemática.
[00:57:11]	P8	Não, o problema do cara é a Física.
[00:57:13]	P8	E a Matemática faz parte da Física.
[00:57:15]	P8	E a responsabilidade de ensinar Matemática ao menino não é do professor de Matemática, é professor de Física.
[00:57:21]	P8	O professor de Física também tem que saber ensinar os recursos de Matemática necessários, porque isso é o que eu acredito.
[00:57:28]	P8	Professor de Física tem que saber...a escrever corretamente.
[00:57:33]	P8	O professor de Física tem que saber orientar o garoto a fazer um texto condizente com aquilo que precisa apresentar.
[00:57:41]	P8	Então, hoje eu entendo, de uma maneira mais ampla, que a construção do processo de conhecimento e de desenvolvimento é entrelaçada entre todas as áreas de conhecimento.
[00:57:53]	P8	Ou seja, a gente não pode se descolar totalmente, isso eu penso no ensino moderno, no século 21, as demandas atuais da sociedade.
[00:58:01]	P8	Mas naquela altura, naquele meu início eu não tinha.
[00:58:37]	Pesquisador	Eu também não tinha essa formação quando comecei a trabalhar, hoje eu concordo plenamente com você. O menino precisa no curso técnico, ter aula de Português, de literatura e todo mundo tem que trabalhar junto e construir a formação do aluno não tem como você, colocar um técnico eletrotécnico no mercado que não sabe escrever que não sabe fazer um relatório
[00:59:02]	Pesquisador	Após essa fase inicial do seu magistério, você poderia descrever as fases seguintes, se possível você descrever em etapas, como é que você foi avançando aí na sua carreira.
[00:59:09]	P8	Certo.
[00:59:11]	P8	Bom, vamos lá.
[00:59:12]	P8	Eu vou descrever a partir do meu pensamento, de como eu pensava, tá?
[00:59:16]	P8	E aí a gente vai conseguindo construir a minha trajetória.
[00:59:22]	P8	Bom, a partir do momento que eu tive a oportunidade, eu pensava, meu primeiro objetivo era ser reconhecido como um bom professor.
[00:59:29]	P8	Professor respeitado.
[00:59:30]	P8	Como as pessoas conseguissem reconhecer em mim um profissional de confiança, o professor de confiança e um professor de referência.
[00:59:37]	P8	Então com isso eu me dedicava muito e o meu objetivo com isso era aumentar a minha carga horária porque pagava-se muito bem na escola que eu trabalhava por hora dentro da minha realidade, eu acreditava que quanto mais aulas eu tivesse mais eu ganhava e esse era o meu pensamento naquele momento. Eu não estou dizendo aqui que isso é o pensamento correto ou não, tá?
[01:00:02]	P8	Mas era o meu pensamento.

[01:00:04]	P8	E aí um outro objetivo mesmo era dar aula para alunos mais velhos.
[01:00:09]	P8	Era pegar o terceiro ano do ensino médio e o curso para vestibular e trabalhar com a questão do vestibular.
[01:00:15]	P8	Porque quando eu tinha 20 anos de idade eu sabia que isso era que pagava melhor.
[01:00:20]	P8	E que tinha mais demanda, que tinha mais reconhecimento.
[01:00:23]	P8	As pessoas reconheceriam mais o meu trabalho justamente por estar dando aula nesse segmento.
[01:00:32]	P8	E uma coisa que aconteceu na escola que eu trabalhava é que ele pagava de forma diferente aos anos.
[01:00:37]	P8	Assim, o nono ano era um salário, primeiro ano era outro, o segundo ano de ensino médio era outro, terceiro ano era outro.
[01:00:44]	P8	E, quanto mais velho o aluno era, melhor você ganhava, ou na hora de aula da minha escola era o terceiro ano do ensino médio.
[01:00:54]	P8	O que hoje eu enxergo como um problema absoluto, mas na altura eu achava que era assim.
[01:01:00]	Pesquisador	Deveria ser o contrário, né?
[01:01:03]	P8	Hoje eu enxergo assim também.
[01:01:06]	P8	Um professor, por exemplo, de primário, de creche, nossa, enfim, mas para também não estender tanto, senão esse aqui é assunto para dois dias, ficar conversando aqui.
[01:02:50]	P8	Então, ali eu pensava, ali é onde estaria o meu maior desafio técnico né, dar aula para o terceiro ano, poder trazer a Física de uma maneira mais profunda, mais interessante, o reconhecimento que você passa na escola, todo mundo batendo porra, e aí professor, e aí não sei o que, e isso me estimulava.
[01:03:09]	P8	Tinha 20 anos, tinha 21, mas eu sempre tive essa consciência de que eu tinha que ser que eu deveria fazer.
[01:03:17]	P8	Então, eu fiquei ali, foi um aprendizado também, mas eu fiquei um ano e meio só na assistência técnica, quando eu fui ainda dando a minha carga totalmente preenchida pro terceiro ano de curso, até que eu comecei a me sentir um pouco mais cansado daquilo.
[01:03:39]	P8	Como se fosse uma corrida pelo dinheiro, sabe?
[01:03:42]	P8	Eu entrava, dava minhas aulas e as aulas começavam a se tornar repetitivas.
[01:03:47]	P8	Eu já não tinha mais 20 anos, eu já estava com meus 28, meus 29, já havia passado aí 7, 8 anos.
[01:03:57]	P8	Os alunos continuavam com, 18, 19 e 17
[01:04:02]	P8	Esse descolamento de idade começou a se tornar um desafio porque a facilidade de que eu tinha em me conectar com alguns alunos foi mudando...
[01:04:13]	P8	Já não é tão fácil de me conectar com alguns alunos, como era antes.
[01:04:18]	P8	Eu comecei a identificar essas dificuldades, era muito natural para mim chegar em uma sala de aula de adolescente e me conectar com eles e me tornar para eles uma referência mesmo isso foi se tornando um pouco mais difícil, porque coisas que eu fazia, linguagens que eu usava, para mim já não faziam mais sentido usar, e aí isso me afastava um pouco deles.
[01:04:40]	P8	Então, o processo de amadurecimento do ser humano e meu amadurecimento profissional.
[01:04:45]	P8	E foi quando nós tivemos uma mudança de filosofia da escola.
[01:04:55]	P8	O grupo...o PH, a Colégio PH foi vendido por um grupo.
[01:05:00]	P8	Esse grupo, depois de um ano, vendeu para um outro grupo.
[01:05:07]	P8	Esse segundo grupo que comprou era um grupo que estava mais envolvido com as questões de desenvolvimento realmente pedagógico, né?
[01:05:15]	P8	Escolas.
[01:05:16]	P8	E para mim escola era aquilo.
[01:05:18]	P8	Eu estava inserido.
[01:05:20]	P8	E hoje, assim, já tenho uma ideia bem diferente.
[01:05:26]	P8	Eu tive a oportunidade de fazer, de me inscrever nesse mestrado, né?
[01:05:33]	P8	Participei da formação, essa formação foi toda dada dentro da própria escola.

[01:05:43]	P8	Então, esse grupo formativo, chamado GPEM, Grupo de Educação, Desenvolvimento de Educação Moral, eles deram a formação durante os três anos, capitaneados por uma professora, doutora Adriana Ramos.
[01:06:06]	P8	E nós que estávamos ali durante esses três anos, nós tivemos aí então a certificação pela UNICAMP nessa pós.
[01:06:20]	P8	Esse grupo então, ele começou a mostrar que a educação, ela era muito mais ampla e muito mais profunda, e ela deveria ser, deve ser muito mais ampla e muito mais profunda.
[01:06:33]	P8	Naquela altura a gente já estava numa situação em que comecei a perceber a diferença geracional, eu comecei a entender que a maneira com que eu construí as minhas relações, na época de escola por exemplo, quando você me conheceu, é diferente da maneira como que, por exemplo, exemplo, hoje, os alunos constroem as suas próprias relações, a inserção da tecnologia dentro do meio de comunicação, os celulares, a internet, os smartphones, os aplicativos e as redes sociais, elas foram inseridas no meio desse caminho e elas foram ganhando proporções diferentes durante essa caminhada e isso muda totalmente a forma, a perspectiva de abordagem e de desenvolvimento.
[01:07:32]	P8	Novos elementos foram sendo debatidos cada vez mais na sociedade, como por exemplo, a defesa das minorias, uma educação, por exemplo, uma educação antirracista, ante homofóbica.
[01:07:50]	P8	Começa-se a debater, dentro das escolas, a possibilidade de pessoas com questões psiquiátricas, psicológicas, começa-se debater utilização de medicação dentro do processo escolar, começa se debater utilização de medicação não recomendada para aumento de performance escolar ou seja, elementos que não faziam parte do debate pedagógico, começam a ser inseridos dentro da nossa nova formação e que me apresentou um novo mundo, que foi muito disruptivo pra mim, onde eu consegui entender o real significado do professor, sabe?
[01:08:40]	P8	Então, depois de muitos anos, é que eu fui entender de fato a responsabilidade que é ser professor.
[01:08:48]	P8	Isso não é fácil, isso me pesou.
[01:08:51]	P8	E aí eu vi que eu era muito despreparado.
[01:08:57]	P8	Posteriormente você, como professor, famoso, vencendo dentro das escolas, pessoas querendo que você dê aula, que seja o professor deles, eu posso dizer que eu atingi esse nível de reconhecimento.
[01:09:12]	P8	Você olhar para você mesmo e dizer o seguinte, cara, você é muito fraco, falta muito pra você, muito.
[01:09:20]	P8	E isso não é um discurso de humildade, isso é uma constatação real, um exercício real que eu precisei fazer, de olhar para a minha profissão, que não é o ensino Física, que não é fazer os alunos passarem no vestibular, mas que é participar da real formação desses professores.
[01:09:40]	P8	Porque é muito mais importante para mim que um aluno.
[01:09:48]	P8	Bom.
[01:09:48]	P8	Onde eu quero chegar?
[01:09:51]	P8	Mais importante do que um aluno seja médico, é o aluno… que médico que esse aluno vai ser.
[01:09:59]	P8	Isso para mim é o mais importante.
[01:10:01]	P8	Ou seja, eu quero que meus alunos possam escolher...
[01:10:05]	P8	Eu gostaria, né?
[01:10:07]	P8	Eu gostava, né, que os meus alunos eles pudessem escolher a carreira que eles quisessem na vida deles.
[01:10:13]	P8	Então, o meu objetivo como escola era sempre proporcionar para eles as ferramentas necessárias para isso.
[01:10:19]	P8	Não importa, se ele quer fazer engenharia, se ele quer fazer pedagogia, se ele quer fazer educação Física, se ele quer fazer direito, se ele quer fazer engenharia, medicina.
[01:10:26]	P8	Enfim, não importa.
[01:10:29]	P8	Se ele quer construir uma carreira a nível superior, ou seja, a nível de graduação, eu preciso dar ferramentas para que ele consiga.
[01:10:39]	P8	Então se passar para a medicina é difícil, eu preciso ter, reunir condições de fazer com que os meus alunos se preparem para aquilo.
[01:10:47]	P8	Só que mais importante que isso é que tipo de profissional ele vai ser, que tipo de pessoa ele vai ser.

[01:10:54]	P8	E aí essa preocupação ela já não existia tanto.
[01:10:59]	P8	Por exemplo, os modelos, E aí eu vou desejar na minha opinião.
[01:11:03]	P8	Os modelos militares de ensino, os cursos, são uma prova de fracasso pedagógica, na minha opinião.
[01:11:16]	P8	E por que são uma prova de fracasso pedagógico?
[01:11:19]	P8	Porque a maior parte dos alunos conseguem alto desempenho acadêmico.
[01:11:25]	P8	Falo dos cursos que preparam para o IME e para o ITA.
[01:11:28]	P8	Mas se tornam pessoas extremamente despreparadas para os desafios do século XXI.
[01:11:34]	P8	Porque você coloca uma turma, isso dentro de um contexto dos anos 90 para cá, onde as pessoas acreditavam que, por exemplo, turma de militar só tinha que ter homem, que o palavrão era liberado, que o racismo era só uma questão de mimimi, que não existia pessoa com depressão, que isso era uma palhaçada.
[01:11:57]	P8	Eu tive a oportunidade de vivenciar isso durante dois anos.
[01:12:02]	P8	Fui professor também de preparatório militar.
[01:12:06]	P8	E as pessoas só se preocupavam em estudar, estudar e resolver exercícios difíceis e desafios de Olimpíada e eu comecei a ver que ali o desenvolvimento humano não era a importância, a importância era passar em uma escola, e as pessoas depois, e a gente consegue conhecer hoje pelas redes sociais, e infelizmente, me sinto envergonhado muitas vezes das pessoas que os meus alunos se tornaram.
[01:12:41]	P8	E isso é um insucesso absurdo para mim como professor.
[01:12:47]	P8	Me causa uma tristeza absurda.
[01:12:49]	Pesquisador	Nós passamos agora por um período obscuro em que isso foi altamente estimulado, né?
[01:12:55]	Pesquisador	Infelizmente isso foi altamente estimulado.
[01:12:58]	P8	Então, isso fez com que a gente retrocedesse algumas casas.
[01:13:04]	Pesquisador	E havia o projeto de militarização das escolas públicas, né?
[01:13:10]	Pesquisador	E nós caímos nessa mesma questão que você falou aí, do que é praticado nos pré-vestibulares, nos pré-militares.
[01:13:20]	Pesquisador	Você imagina isso sendo estendido a outras classes sociais, que desgraça que isso não ia trazer.
[01:13:28]	P8	Não, eu não consigo nem imaginar isso.
[01:13:29]	Pesquisador	Os efeitos começaram a aparecer agora, não sei se você está acompanhando o que está acontecendo.
[01:13:36]	P8	Acontece no mundo, mas agora mais especificamente no Brasil, pessoas invadindo escolas, agressões, bullying.
[01:13:45]	Pesquisador	Uma tragédia.
[01:13:48]	P8	É, e aí, a gente começou a lidar com questões reais, assim, por exemplo, um dos momentos mais difíceis da minha carreira foi quando eu passei...
[01:13:57]	P8	Eu tive que lidar com uma aluna minha que se suicidou, tirou a sua própria vida.
[01:14:02]	P8	É, depois disso eu tive duas outras pessoas da mesma turma que tentaram fazer a mesma coisa.
[01:14:10]	P8	E eu comecei a perceber, que na verdade, isso era uma questão muito profunda que precisava ser estudada.
[01:14:17]	P8	Eu precisava sair da minha zona de conforto e precisava entender como lidar com aquilo.
[01:14:23]	P8	Porque existem pessoas estudando e produzindo conteúdo acadêmico sobre isso.
[01:14:31]	P8	Existem psicólogos que são especialistas nisso.
[01:14:38]	P8	Psicopedagogos etc.
[01:14:40]	P8	Então, existe uma comunidade científica muito poderosa, muito importante, que é pouco divulgada e entendo e uma outra questão que, para mim, é importantíssima, que é divulgação científica no Brasil, que é um fracasso, é um fracasso total, a divulgação científica num país que produz ciência de uma maneira brilhante, ainda mesmo com o desmonte das universidades públicas que foram feitos nesses últimos anos de governo.

[01:15:06]	P8	Quando eu entrei na universidade pública, quando eu entrei na UFRJ, foi um momento bom da faculdade porque eu tinha bolsa de iniciação científica e depois eu tive bolsa de monitoria.
[01:15:24]	P8	Durante um período eu me sustentei nos meus seis ou um ano inicial junto com a minha experiência na escola privada, no MV1.
[01:15:34]	P8	Eu tinha uma bolsa que me ajudava a pagar as minhas passagens, que me ajudava a ter o dia a dia.
[01:15:40]	P8	Sem isso, de fato, eu não conseguiria.
[01:15:42]	P8	Eu via uma crescente das pesquisas científicas dos professores dentro da universidade.
[01:15:49]	P8	Professores sendo muito reconhecidos internacionalmente pelas suas pesquisas e pelos investimentos que eram feitos.
[01:15:56]	P8	Então, dentro da UFRJ, dentro do contexto físico, nós tínhamos professores que ganharam muitas premiações e que, a partir da crise econômica, depois de 2012, até o golpe que a Dilma sofreu, apesar de não querer entrar na questão política.
[01:16:19]	P8	Mas, a partir dali eu saí da universidade, continuei frequentando a universidade durante um período, para poder resolver, buscar diploma e fui lá na faculdade algumas vezes, depois passou 3, 4 meses e fui lá de novo, depois um ano eu tive que ir lá buscar alguma coisa, algum documento.
[01:16:42]	P8	Então você acaba visitando, conversando com as pessoas, conversando com os professores, e você já via ali nitidamente o maior número de paralisações, de greves, não tinha banheiro no papel, não tinha papel no banheiro, não tinha limpeza.
[01:17:00]	P8	Eu, durante o meu período de seis anos de faculdade, que eu fiquei, eu sofri apenas uma paralisação no início da faculdade, no setor administrativo, mas que eu nem perdi aulas assim, foi insignificante, mas depois eu nunca mais tive nenhum tipo de greve.
[01:17:18]	P8	E concurso, os nossos professores entrando, estímulo a mestrado, doutorado, sabe?
[01:17:24]	P8	Depois disso tudo, no último ano, por exemplo, eu fui, antes de vir para Portugal, eu fui ao UFRJ visitar para ver como estava, uma tristeza absurda, uma coisa assim, nossa, enfim, muito diferente, muito diferente do que eu vivi.
[01:17:43]	P8	E apesar dos mesmos professores estarem lá, a gente pode discutir depois os problemas da formação dos professores, que provavelmente são os temas que a gente vai tratar.
[01:17:53]	Pesquisador	Sim, essa questão da pesquisa também é importante.
[01:17:58]	Pesquisador	Você se segura aí, vou te perguntar mais à frente.
[01:18:03]	Pesquisador	Quais são as características do professor T.?
[01:18:07]	Pesquisador	Que características você atribui à sua identidade profissional?
[01:18:12]	P8	Bom, vamos lá.
[01:18:15]	P8	Algumas valências né.
[01:18:19]	P8	Diálogo franco e aberto.
[01:18:24]	P8	Com muita paciência.
[01:18:30]	P8	Investir muito tempo na gestão de conflitos.
[01:18:38]	P8	Conseguir dar valor ao conteúdo ensinado, trazer para a realidade dos alunos o valor real que existe no desenvolvimento cognitivo.
[01:18:52]	P8	Ou seja, por que estudar?
[01:18:53]	P8	Por que o ensino formal é importante, independentemente da área?
[01:18:58]	P8	E não tem a ver só com saída profissional.
[01:19:00]	P8	Estudar é mais importante...é o segundo elemento de depois de comer e respirar é estudar, para você possível se desenvolver como um ser humano.
[01:19:11]	P8	Porque é só estudando que a pessoa consegue desenvolver ferramentas.
[01:19:15]	P8	Talvez não é só estudando, mas estudando é a principal maneira de se conseguir desenvolver ferramentas para se tornar um ser humano melhor que tenha mais funcionalidade dentro da sociedade, para que você possa contornar absurdos que acontecem dentro da construção social elementos de combate, ou seja, você consiga combater elementos que são destrutivos para a sociedade a partir das ferramentas que você consegue desenvolver estudando.

[01:19:50]	P8	Então, estudar é fundamental.
[01:19:52]	P8	É muito importante.
[01:19:54]	P8	E aí, a questão não é o conteúdo, é aquela coisa do professor que fala que, por exemplo.
[01:20:07]	P8	Ah, vamos estudar números complexos, mas vamos passar aqui rápido porque isso não tem a nenhuma utilidade na realidade, no dia a dia.
[01:20:12]	P8	Bom, tem, lógico que tem.
[01:20:16]	P8	Estudar a Lei de Newton é então importante.
[01:20:18]	P8	Por quê?
[01:20:18]	P8	Se eu quero fazer direito.
[01:20:19]	P8	Verdade, é importante porque você vai desenvolver uma parte do seu cérebro que você não vai desenvolver estudando outra coisa.
[01:20:27]	P8	Então, o nosso cérebro, o nosso ser humano, ele tem que passar por todos os estímulos para que você possa tentar desenvolver o máximo possível cada áreas de conhecimento – e aí, como você vai usar isto depois para sua vida, as vezes você está usando e nem sabe.
[01:20:50]	P8	Você nem consegue ter consciência de que você é capaz de usar ferramentas que para você naquela altura não eram importantes, não eram relevantes, não eram fundamentais.
[01:21:02]	P8	Aí, eu...
[01:21:07]	P8	Então, isso tudo...
[01:21:09]	P8	Só um minutinho, rapidinho.
[01:25:17]	P8	É, então, eu acho que vamos lá.
[01:25:21]	P8	Eu também acho que já pensei um pouco sobre isso, já falei um pouco sobre isso.
[01:25:26]	P8	Mas, para poder estruturar a resposta a essa pergunta, eu acho que no primeiro momento profissional eu me desenvolvi no aspecto técnico, de conteúdo e de forma, de sala de aula, formato.
[01:25:48]	P8	E depois, no meio da minha carreira, depois de 6, 7 anos, eu comecei a me desenvolver de uma maneira mais ampla e comecei a entender os desafios que existem, os novos desafios que eles têm dentro do processo educativo.
[01:26:07]	P8	Então, vejo o seguinte, esse meu desenvolvimento foi muito pouco oferecido pela instituição que eu atuava.
[01:26:17]	P8	Então, eu acho que mesmo que na grandes professores e grandes pessoas, a formação pedagógica foi muito fraca, muito deficitária.
[01:26:35]	P8	É isso.
[01:26:36]	P8	Muito deficitária.
[01:26:37]	P8	Muito mesmo.
[01:26:41]	Pesquisador	Você já me respondeu também a minha próxima pergunta, mas formalizando.
[01:26:45]	Pesquisador	Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que atua?
[01:26:51]	P8	Não, não.
[01:26:53]	P8	É necessário que a gente consiga identificar as características necessárias para cada segmento, para cada área.
[01:26:59]	P8	Eu acho que a gente tem de se adequar aos desafios que estão postos a frente.
[01:27:07]	P8	E dar aula para o sexto ano, por exemplo, não tem nada a ver com dar aula para o nono.
[01:27:16]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na formação inicial, no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[01:27:29]	Pesquisador	Aquela parte mais pedagógica lá do curso de licenciatura, não sei se você teve, né?
[01:27:38]	P8	Não, mas contribuíram muito menos do que poderiam ter contribuído.
[01:27:45]	Pesquisador	É o que eu acho.
[01:27:46]	P8	Porque, na verdade, foi uma parcela muito pequena da minha formação.
[01:27:51]	P8	É o que eu acho hoje.
[01:27:53]	P8	Eu estudei muito mais Física, Matemática do que a parte pedagógica.
[01:28:02]	P8	Então, acho que contribuíram, mas contribuíram muito pouco.
[01:28:06]	Pesquisador	E pela tua fala lá no começo também, você estudou mais uma Física até que você não usou no ensino médio, menos ainda no fundamental.
[01:28:17]	Pesquisador	Aquela Física mais...

[01:28:18]	P8	É porque eu acho que dentro do curso de licenciatura, eu acho que tem que ter espaço para que você possa desenvolver cientificamente, ou seja, para que você possa ter contato com essa Física mais formal e com a Matemática mais elevada.
[01:28:36]	P8	Mas, ao mesmo tempo, você deveria ter um acompanhamento de aplicabilidade disso em sala de aula, ou seja, com uma Física adaptada ao ensino médio, que é justamente onde você vai atuar.
[01:28:50]	P8	E o que se percebe é que, veja bem, não é uma crítica aos professores, propriamente, mas talvez a forma de construção desses cursos.
[01:29:04]	P8	Muitos professores do ensino de Física, ou seja, o cara que vai dar aula de mecânica, ele fez um concurso para o UFRJ, ele passou no concurso, ele é professor exclusivo da UFRJ, mas o grande interesse dele é pesquisa, por exemplo.
[01:29:25]	P8	Então, ele é um pesquisador, ele é um produtor de conteúdo, mas que dentro da carga horária dele é necessário, é obrigatório que ele ministre aulas.
[01:29:37]	P8	E por muitas vezes, esses professores nem tiveram a formação pedagógica.
[01:29:44]	P8	Eles fizeram bacharelado, fizeram mestrado, doutorado, pós-doutorado e entraram na UFRJ para dar aula.
[01:29:51]	P8	Então, assim, é aquela história que a gente conversou há pouco.
[01:29:57]	P8	A responsabilidade formativa é de todos os professores.
[01:30:00]	P8	Então, se eu tenho um professor de psicologia de fundamentos da educação, esse professor ele vai ser o responsável por essa cadeira, por essa pauta, mas o professor da mecânica ele não pode estar totalmente descolado.
[01:30:46]	P8	A Psicologia da Educação, para esse professor de mecânica não pode ser um tipo...
[01:30:53]	P8	Um elemento que...
[01:30:55]	P8	É como se ele não acreditasse.
[01:30:59]	Pesquisador	Um total contrassenso.
[01:31:02]	Pesquisador	O cara está preparando um cidadão que vai ser professor e ele mesmo não domina.
[01:31:09]	Pesquisador	Não foi preparado para isso, não foi preparado para ser professor, como você falou, ele foi preparado para ser um pesquisador.
[01:31:16]	P8	Exatamente.
[01:32:51]	P8	Tinha que concursos diferentes, entendeu?
[01:32:56]	P8	Eu acho que tinha que ter concurso para professor e concurso para pesquisador.
[01:33:00]	P8	Eram pessoas ou professor ou pesquisador de educação.
[01:33:06]	P8	Não importa a cadeira que o cara ministre, pode ser Matemática, Física, mas ele tem que estar um problema que é gravíssimo e que existe em todas as escolas, sem exceção, e que precisa ser combatido com as ferramentas corretas.
[01:33:20]	P8	Essas ferramentas corretas, elas são as ferramentas que estão sendo desenvolvidas justamente onde?
[01:33:26]	P8	As pessoas que se estão buscando conhecimento e produzindo conhecimento sobre elas.
[01:33:31]	P8	Fazendo pesquisa, pesquisa e pesquisa que o conhecimento...
[01:33:36]	P8	Então é o que eu vejo.
[01:33:40]	P8	Tem professores que acham que o bullying é...
[01:33:44]	P8	Isso aí na minha época, foi até quando eu aprendi muita coisa com isso.
[01:33:49]	Pesquisador	É bobagem.
[01:33:50]	Pesquisador	O pessoal fala, é bobagem.
[01:33:51]	Pesquisador	Aí você vê caso até de suicídio, como você falou aí, muitas vezes por conta de bullying.
[01:33:58]	Pesquisador	Outra questão também que há tempo a gente não considerava e que as pesquisas avançaram e você tem alunos com um transtorno de déficit de atenção.
[01:34:08]	Pesquisador	No passado, é preguiçoso.
[01:34:11]	Pesquisador	Hoje a ciência avançou e você tem um diagnóstico para a situação do aluno.
[01:34:18]	P8	É muito comum, muitos têm.
[01:34:21]	Pesquisador	Hoje em dia, essa identificação mostra que muitos têm.

[01:34:25]	Pesquisador	Hoje eu tenho em média dois a três alunos por turma com algum laudo de alguma situação de autismo, de TDAH, de dislexia.
[01:34:40]	Pesquisador	Aquele curso de mestrado que você realizou, ele contribuiu para a melhoria da tua prática docente?
[01:34:48]	Pesquisador	Contribuiu de forma positiva?
[01:34:49]	P8	Ele foi muito importante.
[01:34:50]	P8	Muito importante.
[01:34:53]	Pesquisador	O mestrado é bem específico, muito interessante pelo que você falou.
[01:34:58]	P8	É um grupo de pesquisa, de estudo de educação moral.
[01:35:02]	P8	Eles fazem um trabalho muito bem-feito, muito bem-feito mesmo.
[01:35:06]	P8	É como se fosse uma assessoria pedagógica para as escolas.
[01:35:13]	P8	E aí, só que são professores pesquisadores.
[01:35:17]	P8	Depois pesquisa Thelma Vinha, Adriana Ramos, são professores que são da Unicamp e do Instituto São José, se não me engano.
[01:35:28]	P8	Eles conseguiram criar um grupo núcleo de formação que eles oferecem essa formação para várias escolas.
[01:35:36]	P8	E eles vão, tem escolas públicas, escolas privadas, eles acabam entrando.
[01:35:42]	P8	E eles atuam na escola, não só na formação dos professores, mas também na atuação junto à escola, para a escola se desenvolver nesses aspectos.
[01:35:50]	P8	Bem interessante.
[01:35:53]	Pesquisador	Durante a tua estada na universidade, você participou de algum projeto de pesquisa, pesquisa acadêmica?
[01:36:00]	Pesquisador	Você começou a falar lá atrás sobre.
[01:36:02]	P8	Sim, sim.
[01:36:03]	P8	Eu pesquisei sobre materiais supercondutores.
[01:36:08]	Pesquisador	Foi dentro da própria Universidade?
[01:36:10]	Pesquisador	Não foi na posição de professor, de ir para uma escola fazer pesquisa?
[01:36:14]	P8	Não, não, dentro da própria Universidade.
[01:36:18]	P8	Foi como eu falei, é Iniciação Científica.
[01:36:23]	P8	Foi a única pesquisa que eu fiz.
[01:36:26]	P8	Agora fora isso, a única experiência extra universidade que eu tive foi no meu estágio no Pedro II, que é um estágio obrigatório, a pessoa normalmente vai só para conseguir acumular horas.
[01:36:41]	P8	Mas que, também, foi interessante conhecer porque eu não tinha contato com o único momento na minha vida quando eu tive contato com ensino público é quando eu fui aluno.
[01:36:51]	P8	E aí depois disso...
[01:36:55]	Pesquisador	Você falou também de uma monitoria, não foi uma monitoria de disciplina?
[01:37:00]	P8	Foi monitoria de disciplina.
[01:37:01]	Pesquisador	Era nessa linha de projeto também?
[01:37:04]	Pesquisador	Como é que é?
[01:37:06]	P8	Foi mecânica, mecânica de newtoniana.
[01:37:09]	Pesquisador	É porque uma linha de pesquisa hoje, um estudo que se faz para melhoria dos processos de formação é começar a envolver o aluno com projetos de pesquisa, mas assim uma pesquisa mais voltada para a realidade que ele vai encontrar na sala de aula, entendeu?
[01:37:26]	Pesquisador	Para o professor universitário pesquisar junto com o professor lá da ponta sobre as práticas docentes
[01:37:57]	Pesquisador	Então, por isso a gente tenta levantar um pouco sobre a questão da pesquisa, mas a pesquisa voltada para o professor, entendeu?
[01:38:05]	Pesquisador	Licenciando com professor, o pesquisador, professor o licenciando com o professor.
[01:38:12]	Pesquisador	Então, a próxima pergunta é em relação a pergunta anterior, caso tenha participado de alguma pesquisa, esta participação contribuiu para sua formação? Julga importante esta participação?
[01:38:22]	P8	Se a pessoa quer ser professora ela precisa fazer pesquisa em escola. É legal ter bolsa de CNPq, é legal você fazer produção científica, científica que eu falo no sentido de, enfim, no contexto Matemática, Física, Geografia, mas existe também a parte científica, que é a ciência humana, que é a parte pedagógica, ou seja, eu acho que isso, por exemplo, é muito insuficiente na formação.

[01:39:16]	P8	Só que isso tem que ter procedimento.
[01:39:19]	P8	Eu acho que as pessoas têm que estar preparadas para que essa pesquisa, de fato, seja uma pesquisa que traga resultados factuais.
[01:39:29]	P8	E não só ocupar a escola, ocupar o professor, mas poder acompanhar e entender melhor os processos que vêm acontecendo.
[01:39:39]	P8	Eu acho que vai ser muito interessante se os professores da universidade tivessem ali um projeto de pesquisa pedagógica dentro das escolas, para poder identificar problemas e possíveis soluções na relação das turmas e para os alunos, seria muito importante.
[01:41:05]	P8	Eu acho isso muito valioso.
[01:41:11]	Pesquisador	Nas escolas que você trabalhou, você participava de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo, de troca de experiência docente.
[01:41:20]	Pesquisador	Julga importante esses grupos de estudo?
[01:41:22]	Pesquisador	Tinha esse grupo formal ou era só aquela conversa na hora do café na sala dos professores?
[01:41:29]	P8	Ah, está falando aí dos professores, né?
[01:41:31]	Pesquisador	Isso.
[01:41:32]	Pesquisador	Outra vertente que se aponta aí para melhorar.
[01:41:36]	P8	Isso só foi estabelecido ali naquele período em que entrou o GPEM, onde nós tínhamos aí os grupos de estudos formados para as pessoas que iam buscar essa pós-graduação, esse mestrado.
[01:41:52]	P8	Mas dentro da escola, não existia.
[01:41:56]	P8	Existia só o contrato na sala de professores, o café da sala de professores.
[01:42:02]	P8	Muitas vezes muito mais improdutivo do que produtivo.
[01:42:08]	P8	E muitas vezes fomentando a insatisfação da carreira, fomentando o problema de estar sempre nos alunos, da aprendizagem.
[01:42:25]	P8	Enfim, então, eu particularmente, depois de um determinado tempo de carreira, um dos lugares que eu tinha dificuldade de frequentar era a sala dos professores, meu amigo.
[01:42:39]	P8	Eu sempre tentava não estar na sala, eu preferia ir ao botequim, eu ia para o boteco, ia perto tomar um café, comer um pão na chapa e conversar com o seu Manuel, era bem mais legal, cara.
[01:42:53]	Pesquisador	Eu botei uma cafeteira dentro do laboratório de eletrotécnica, até uma TV 14 polegadas ainda antiga e prefiro ficar ali dentro também. Eu não vou na sala dos professores, eu entro no laboratório e saio do laboratório para ir embora para casa.
[01:43:24]	P8	Eu tive um colega que trabalhou comigo, eu acho que ele dava aula no Juscelino ainda.
[01:43:31]	P8	Pessoa de Biologia.
[01:43:35]	P8	Ele, enfim, tadinho.
[01:43:40]	P8	Ele era uma das pessoas que, quando eu entrava na sala de professores, eu já sabia que eu ia me estressar.
[01:43:50]	P8	É professor do Juscelino.
[01:43:54]	Pesquisador	Nem sei quem dá aula de Biologia.
[01:43:57]	P8	Leandro Tardi.
[01:43:58]	Pesquisador	Nem sei quem é.
[01:44:01]	Pesquisador	Eu conheço mais os professores do Técnico e os professores do médio mais antigos.
[01:44:06]	Pesquisador	Pessoal que veio mais novo, por conta de nem frequentar sala, eu nem conheço.
[01:44:55]	Pesquisador	Você atua de forma reflexiva, crítica, sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua?
[01:45:03]	Pesquisador	Considera que a tua formação inicial te ofereceu subsídio para trabalhar dessa forma?
[01:45:08]	P8	É, não, não considero que a minha formação inicial tenha me dado...
[01:45:13]	P8	Eu acho que isso é uma coisa que eu tinha já como propósito.
[01:45:17]	P8	Sim, sempre trabalhei de maneira reflexiva, mas sempre tive dificuldade em encontrar as ferramentas para que eu conseguisse realmente a sim desenvolver.
[01:45:26]	P8	Eu encontrava essas ferramentas sempre tentando observar em outros professores elementos que eu não tinha.
[01:45:33]	P8	Assim, uma das maneiras de você aprender muito é observar a prática, trocar prática.

[01:45:39]	P8	Professores tem muitas coisas, tem muitos professores fazendo coisas muito interessantes e que você conseguiria fazer, por exemplo.
[01:45:46]	P8	Ou imitar.
[01:45:47]	P8	Eu acho que existe uma diferença muito grande entre você ter inspiração e você simplesmente tentar copiar o que uma pessoa faz.
[01:45:54]	P8	Quando você tenta copiar, fica um ridículo.
[01:45:56]	P8	Na maior parte das vezes, mas quando existem coisas que são feitas e que você, por exemplo, acha que faz sentido, que você consiga reproduzir, eu acho que você tem que replicar, entendeu?
[01:46:07]	P8	Então, eu acho que um dos maiores… Nesse aspecto, eu acho que o que mais me acrescentou foi esse convívio, esse contato com outros professores que eu conseguia enxergar sentido em algumas coisas que eram feitas.
[01:46:26]	P8	Dentro de muita coisa ruim, por exemplo, você conseguia encontrar elementos positivos e eu tentava replicar esses elementos em mim, sempre observando o que eu podia melhorar, o que eu podia me desenvolver, às vezes estudando de forma individual, buscando isso de maneira individual.
[01:46:45]	Pesquisador	E um conterrâneo seu aí agora, eu não sei se você já ouviu falar dele, o Antônio Nova, o pesquisador.
[01:46:51]	Pesquisador	Antônio Nova que fala isso.
[01:46:52]	Pesquisador	Você não pode fazer uma imitação acrítica, mas você tem muita coisa boa que é feita por bons professores e que pode servir de exemplo, pode ser utilizado para você melhorar a tua prática.
[01:47:04]	Pesquisador	O Antônio Nova recentemente veio aqui no Departamento Nacional do SENAI dar uma palestra, cara, sensacional.
[01:47:09]	P8	Ele já foi na escola que eu trabalhei, pô?
[01:47:13]	Pesquisador	Ele ficou um tempo aqui no Brasil, trabalhando na Universidade de Brasília, pela fala dele.
[01:47:22]	P8	Ele foi uma das referências dos meus últimos anos.
[01:47:26]	P8	Olhei muita coisa sobre ele.
[01:47:28]	P8	Sobre ele não, sobre o que ele fazia, sobre o que ele produzia.
[01:47:32]	P8	Não só ele, mas a equipe toda.
[01:47:34]	P8	Que tem outros professores que trabalham com ele também, que continuam aqui em Lisboa, por exemplo, e que fazem muita produção de conteúdo interessante.
[01:47:44]	P8	Agora eu já estou um pouco mais afastado disso, mas...
[01:47:48]	Pesquisador	Correto.
[01:47:49]	Pesquisador	Eu gosto muito dele, o Antônio Nova.
[01:47:51]	Pesquisador	Eu estou usando-o como referência, como suporte teórico para a minha tese.
[01:47:58]	Pesquisador	Pesquisas apontam para a necessidade de aproximação entre academia e escola, entre o professor universitário e a escola, como um caminho possível para a melhoria do processo formativo.
[01:48:11]	Pesquisador	Você enxerga essa alternativa como possibilidade eficaz?
[01:48:14]	P8	Eu acho que é uma possibilidade fundamental.
[01:48:19]	P8	Acho que na verdade ela deve existir e deve existir com alguma urgência professor
[01:48:26]	P8	O professor muitas vezes, não faz a mínima ideia do processo escolar.
[01:48:33]	P8	Nenhuma ideia.
[01:48:35]	P8	E muitas vezes os professores têm essa dificuldade, o que é natural, o que eu não vejo como uma crítica, mas eu vejo que é uma dificuldade mesmo, assim, de nós, seres humanos.
[01:48:47]	P8	Eu imagino um professor, por exemplo, com seus 60 anos, pós doutor, que sempre atua na universidade pública, tentar compreender como é que funciona o processo de construção de conhecimento para um menino de 11 anos.
[01:49:01]	P8	É muito difícil.
[01:49:04]	P8	Então a única maneira dele conseguir tentar entender e trazer aquilo para os métodos e para as ferramentas que ele pode desenvolver na faculdade, na universidade, é estando na escola, não tem outro jeito.
[01:49:20]	Pesquisador	E essa aproximação é cada vez mais...
[01:49:23]	Pesquisador	Cada vez não, ela é muito difícil, muito difícil, por N motivos.

[01:49:29]	Pesquisador	Às vezes a pesquisa até existe em tese, mas ele ir lá na ponta verificar in loco é muito complicado, é muito difícil.
[01:49:38]	P8	Passar pela experiência de 6 meses dando aula?
[01:49:45]	Pesquisador	Eu passei por alguns cursos também de formação pedagógica enquanto instrutor no SENAI.
[01:49:51]	Pesquisador	Às vezes a gente até comentava com a pessoa que ministrava esses treinamentos.
[01:49:56]	Pesquisador	Você já foi lá na turma para ver se dá certo o que você fala, o que eu tenho que fazer e tal?
[01:50:03]	Pesquisador	Ah não!
[01:50:04]	Pesquisador	A teoria é bonita, mas a prática é muito diferente.
[01:50:08]	Pesquisador	E a prática, isso tem um problema também que é o seguinte, ela requer tempo.
[01:50:16]	Pesquisador	As coisas não são imediatas no processo educativo.
[01:50:19]	Pesquisador	Então às vezes você acredita numa ideia, você acredita numa ferramenta, você acredita num conceito.
[01:50:25]	Pesquisador	Você aplica.
[01:50:27]	Pesquisador	Só que duas coisas acontecem aí, na minha opinião.
[01:50:31]	Pesquisador	Uma é que você não consegue criar junto a esta teoria uma ferramenta de avaliação.
[01:50:36]	P8	Correto.
[01:50:37]	P8	E a outra é, às vezes, você não dar tempo o suficiente para que aquilo possa ter um laudo correto.
[01:50:45]	P8	Ou seja, se funciona ou se não funciona.
[01:50:48]	P8	Porque o tempo é do...
[01:50:52]	P8	Vou usar uma expressão, um tanto quanto...
[01:50:57]	P8	Mas o tempo é relativo, né?
[01:51:00]	P8	E aí, para a educação, por exemplo, não é imediato.
[01:51:04]	P8	Ela vai depender muito do contexto, por exemplo.
[01:51:07]	P8	Você trouxe uma experiência muito rica que a UERJ tem feito, que eu não conhecia, que é você, por exemplo, visitar um grupo de pessoas dentro do contexto indígena no ensino de Matemática.
[01:51:26]	P8	O que pode ser mais rico que talvez eu não consiga descrever.
[01:51:33]	P8	E com certeza...
[01:51:35]	P8	E por que isso é rico?
[01:51:37]	P8	É porque é algo muito afastado da sociedade, mais urbanizada, vamos dizer assim?
[01:51:48]	P8	Não, não é por isso.
[01:51:49]	P8	Não é porque eles estão ali fazendo parte de uma história muito antiga, porque eles são muito antigos.
[01:53:56]	P8	É porque ele simplesmente, a forma de construção é diferente pelo modelo social que está sendo feito.
[01:54:04]	Pesquisador	É diferente daquilo a gente está acostumado ou mais acostumado.
[01:54:08]	Pesquisador	E, na verdade, isso pode se estender para tudo.
[01:54:11]	Pesquisador	Se você der aula no interior do Estado, não precisa ser em uma aula indígena.
[01:54:16]	Pesquisador	Pode ser numa escola pública.
[01:54:18]	P8	Se você for dar aula no subúrbio do Rio ou na zona sul do Rio você vai entender que são coisas que tem suas particularidades, no Brasil isso é muito importante, muito evidente. Uma pessoa do interior do Maranhão utiliza o mesmo material didático que a pessoa de São Paulo.
[01:54:23]	Pesquisador	Você teve a felicidade de ler Freire no começo de sua formação profissional, teve uma base sólida para analisar e entender essas particularidades.
[01:54:23]	P8	Freire foi um dos livros que mais me causou ansiedade, como o cara realmente conseguia a sensibilidade de entender a evolução. Eu acho que vale mais para hoje, quando você lê esse livro e você tenta encaixar ele, por exemplo, a década de 80, você não consegue entender muito bem, mas hoje quando você olha para sociedade atual e lê esse livro, parece que ele escreveu para hoje eu vou escrever isso aqui, mas não vai ser pra agora, vai ser pra daqui a 30 anos ou 40 anos.
[01:54:57]	Pesquisador	Eu estava em aula numa turma lá no SENAI. No SENAI hoje eu trabalho com adultos, profissionais que já trabalham embarcados em plataformas

		de petróleo e que desembarcam e passam uma semana aqui no Rio no SENAI fazendo o treinamento de atmosfera explosiva.
[01:55:12]	Pesquisador	Então eu e mais um colega dividimos a carga horária desse curso.
[01:55:17]	Pesquisador	Então, estava dando aula uma semana dessas, no paralelo lá na hora da atividade prática, dois homens falando de Freire, né?
[01:55:26]	Pesquisador	É, Freire era o culpado do fracasso.
[01:55:27]	Pesquisador	Dois bolsomitas falando de Freire.
[01:55:30]	Pesquisador	O Freire é o culpado do fracasso na educação e tal.
[01:55:33]	Pesquisador	Eu não entrei em debate porque aquilo ia atrapalhar a aula prática e ia ficar desagradável.
[01:55:38]	Pesquisador	Escutei aquilo, resolvi fazer o ouvido de mercador, fiquei quieto.
[01:55:44]	Pesquisador	No final das aulas práticas, na sexta-feira, a gente aplica quatro provas teóricas, aquela prova padrão, arcaica, múltipla escolha, cada uma 10 questão, é o modelo desse treinamento.
[01:55:59]	Pesquisador	Ele vem copiado lá da Escócia, do ASET.
[01:56:02]	Pesquisador	Aí na hora da prova, um desses dois homens vem e fala para mim assim, poxa, olha só, eu acho desnecessário aplicar uma prova.
[01:56:10]	Pesquisador	O senhor acompanhou a gente aqui na prática e tal, nós somos profissionais, o senhor viu nossa qualificação e tal, eu falei, não, realmente, você está certo.
[01:56:19]	Pesquisador	Eu não necessitaria de aplicar uma prova a vocês, uma prova formal, né, múltipla escolha, questões, porque eu realmente observei vocês no contexto.
[01:56:30]	Pesquisador	Agora, você é a favor ou contra a pedagogia de Freire? Pedagogia da liberdade.
[01:56:35]	Pesquisador	Ele respondeu, eu sou contra!
[01:56:37]	Pesquisador	Aí eu falei, então se senta lá, a gente vai fazer a prova.
[01:56:39]	Pesquisador	Porque está contra a liberdade, analisar em contexto.
[01:56:45]	Pesquisador	Então, vamos sentar e fazer a prova!
[01:56:49]	Pesquisador	Perguntei, você está fazendo um comentário.
[01:56:53]	Pesquisador	Você já leu algum livro de Freire?
[01:56:56]	Pesquisador	Ele respondeu, não eu nunca li.
[01:56:58]	Pesquisador	Você está falando besteira.
[01:57:00]	Pesquisador	Entendeu?
[01:57:01]	Pesquisador	Vamos sentar e fazer a prova, porque você é a favor de uma educação que não foi pregada por Freire, então vamos fazer a prova, senta-se aí.
[01:57:09]	P8	Até na crítica, as pessoas dão o poder para um ser humano que é incrível, Paulo Freire, o homem fez a produção de conteúdo ali no ano 70.
[01:57:21]	P8	Paulo Freire é o responsável pelo fracasso pedagógico do Brasil.
[01:57:25]	Pesquisador	No Brasil.
[01:57:27]	Pesquisador	Quando o único cargo que ele assumiu de gestão pública da educação foi lá na década de 90.
[01:57:34]	Pesquisador	Na prefeitura de São Paulo ficou um ano e pouco na gestão da Luiza Erundina.
[01:57:39]	Pesquisador	E ele é culpado pelo fracasso da educação em um país inteiro.
[01:57:46]	Pesquisador	Mas aí sabe o que é você deixar dois babacas calados, sem ter o que falar?
[01:58:17]	P8	O cara não entende nada.
[01:58:19]	P8	Só que o que me deixa triste mesmo, Carlos, um dos motivos que me fez abandonar a educação foi que, cara, me assusta ver o número de professores que pensam assim, cara.
[01:58:30]	P8	Me assusta.
[01:58:32]	Pesquisador	Assusta ver professor defendendo as ideias que a gente passou aí do governo anterior
[01:58:40]	Pesquisador	Assusta.
[01:58:42]	P8	Pessoas, professores dizendo que a ditadura foi boa.
[01:58:48]	P8	Eu tive colegas dizendo que se o país fosse militarizado ia acabar essa bagunça, na sala dos professores.
[01:58:58]	P8	Aí, o que acontece?
[01:59:03]	P8	As pessoas costumam, a gente como diz hoje em dia, passar pano, é só um maluco falando, é só um doido falando.
[02:01:40]	Pesquisador	Foi nessa que o Bolsonaro foi eleito, cara.
[02:01:43]	Pesquisador	Não é só um doido, não, tem muito...

[02:01:44]	Pesquisador	É, então...
[02:01:45]	Pesquisador	Muito apenas...
[02:01:46]	Pesquisador	Desculpa...
[02:01:47]	Pesquisador	Olha o que esse homem tá falando, pô, deixa ele ali, tá caduco, tá velho, tá...
[02:01:52]	P8	As pessoas vão começando a dar menos credibilidade pra esse tipo de pensamento só que esse cara tá em sala de aula e esse cara tá sendo responsável porque pô, essa merda que o cara falou na frente dos professores, se o cara teve coragem de falar isso na frente de professores que são, pô.
[02:01:53]	P8	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação dos seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[02:01:55]	P8	É, eu acho que é a convivência ética, ou seja, ... criar, por exemplo, senso crítico e a capacidade de se relacionar de forma respeitosa com outras pessoas. Isso para mim era um dos maiores valores dentro do processo.
[02:02:10]	Pesquisador	Considerando o seu curso de licenciatura, você considera que essa formação inicial te forneceu subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente? Faça aí alguns elogios e críticas à sua formação.
[02:02:50]	P8	Não.
[02:03:20]	Pesquisador	Tua formação inicial te forneceu subsídios para você exercer a docência no atual contexto social observando as questões de etnia, gênero, raça, diversidade, você já até falou um pouco sobre isso.
[02:10:01]	P8	É, não.
[02:10:02]	Pesquisador	Também não.
[02:10:04]	Pesquisador	Isso aí entra mais na pauta mais recentemente, né?
[02:10:09]	P8	É, eu acho que isso é uma preocupação, ainda é, uma preocupação maior de pessoas que não estão ligadas às ciências exatas, entendeu?
[02:10:18]	P8	As pessoas acham ainda que o ensino da Matemática, o ensino da ciência da natureza, está descolado da formação humanística.
[02:10:29]	P8	E não existe essa diferença.
[02:10:32]	P8	Então, esse debate, por exemplo, é um debate que vem crescendo, vem ganhando força, mas que deveria estar inserido organicamente no contexto formativo e não está.
[02:10:47]	Pesquisador	Você chegou, enquanto ainda estava como professor, a receber alunos já nessa questão de gênero?
[02:10:56]	P8	Sim, sim, sim.
[02:10:57]	Pesquisador	Você chegou a pegar esse contexto?
[02:10:59]	P8	Sim, a vida toda.
[02:11:02]	P8	E a questão do gênero, a questão da orientação sexual, da escolha de gênero.
[02:11:17]	P8	Acho que gênero seria o melhor.
[02:11:20]	Pesquisador	Mas já chegou a pegar essa questão do nome social, do aluno ser chamado por outro nome?
[02:11:27]	P8	Sim, sim.
[02:11:28]	Pesquisador	Sim, nós estamos recebendo agora no JK a primeira experiência, ainda não dentro do curso de eletrotécnica, mas o JK está tendo a primeira experiência nesse ano agora.
[02:11:40]	Pesquisador	O aluno que quer ser tratado pelo nome social e tal.
[02:11:44]	P8	Tomara que, eu não sei se é ele ou ela, mas tomara que ele ou ela consiga ter forças para lidar com isso.
[02:11:55]	P8	Os professores não estão bem preparados para isso?
[02:11:58]	Pesquisador	Não estão.
[02:11:59]	Pesquisador	Já teve atrito, processos, ameaças de processo, um professor que se nega.
[02:12:12]	Pesquisador	Agora você imagina, um professor em pleno 2023 se negar a chamar pelo nome que a pessoa quer ser chamada.
[02:12:20]	Pesquisador	Entendeu?
[02:12:21]	Pesquisador	Se nega.
[02:12:24]	P8	Isso aconteceu num contexto em que eu ainda me sentia muito despreparado para isso.
[02:12:30]	P8	Eu tinha uma aluna chamada Catarina.
[02:12:34]	P8	A Catarina era uma aluna boa, aquele tipo de aluno que não aparece, sabe?

[02:12:43]	P8	Ela não tinha notas incríveis, mas também não tinha problema com nota, ela não conversava, não atrapalhava, não fazia comentário, mas era simpática, era respeitosa, era educada e tal.
[02:12:54]	P8	Ela namorava um menino e uma vez eu, corrigindo as provas da turma, eu peguei a prova de uma pessoa chamada Cláudio.
[02:13:06]	P8	E aí eu falei assim, cara, essa prova veio errada pra mim, de outra turma, não é minha.
[02:13:12]	P8	Isso aqui não é estranha.
[02:13:14]	P8	E assim, eu sempre tive uma boa, quando eu corrigia provas, uma das maneiras de decorar o nome dos alunos era corrigir as provas deles por causa da letra.
[02:13:26]	P8	Eu associava a pessoa a letra e eu lembrava do nome, da maneira que a pessoa escrevia o nome porque gravar o nome para mim sempre foi uma dificuldade.
[02:13:35]	P8	E quando eu corrigi as primeiras provas, mas eu sempre tentei decorar o nome de todos os meus alunos, né?
[02:13:42]	P8	Eu fazia um exercício, me esforçava para isso.
[02:13:45]	P8	Mas não era natural, não é natural para mim, não é difícil para mim.
[02:13:49]	P8	E aí o Cláudio, pô, enfim, a prova veio, existia um prazo muito curto de correção, eu corrigi a prova do Claudio e tentei procurar das outras turmas, só que todas as turmas da escola, daquela unidade escolar, eram minhas.
[02:14:08]	P8	Eu não tinha nenhum aluno Claudio.
[02:14:10]	P8	E aí eu perguntei para a diretora da escola, para ver como é que eu não sabia o papel do coordenador pedagógico.
[02:14:17]	P8	É uma falha da escola, óbvio, né?
[02:14:18]	P8	Também que talvez já tivesse identificado a questão, né?
[02:14:28]	P8	E na verdade era quem eu chamava de Catarina.
[02:14:33]	P8	Ela chegou como Cláudio e aí eu falei gente tem uma prova aqui, Cláudio tá lá, né?
[02:14:39]	P8	Aí ela tinha um cabelo grande, aí cortou o cabelo, aí ele começou a passar pelo processo de transição, começou a assumir isso.
[02:14:48]	P8	E aí o Cláudio se tornou uma referência dentro da escola, porque isso acaba acontecendo.
[02:14:54]	P8	Mas qual é a sorte do Cláudio?
[02:14:57]	P8	O Cláudio faz parte de uma estrutura familiar com dinheiro socialmente favorecida.
[02:15:09]	P8	Teve apoio da avó, da mãe, do pai nesse processo.
[02:15:14]	P8	Dentro da escola encontrou resistência de algumas pessoas que acharam absurdo.
[02:15:20]	P8	Que era uma menina tão bonita, como é que ela se transformou naquilo?
[02:15:24]	P8	Coisas que eu escutei na sala de professores quando eu falo que é um ambiente tóxico, as pessoas acham que eu estou exagerando.
[02:15:31]	P8	E que depois se tornou assim, para mim, uma referência nesse quesito, inclusive já foi dar uma palestra na unidade escolar que eu era responsável, Botafogo.
[02:15:42]	P8	Ele foi um aluno de Icaraí, de Niterói.
[02:15:47]	P8	E aí, depois da palestra do Botafogo, surgiram outros dois casos.
[02:15:54]	P8	E aí, o desafio é, esses dois casos que surgiram foram casos de ensino fundamental, sétimo ano.
[02:16:01]	Pesquisador	Aí é desafiador, porque você tem o contexto da formação biológica, ou seja, desenvolvimento biológico da criança ainda, a descoberta da sexualidade, que é o início da adolescência e do reconhecimento do gênero, ou seja, será que de fato a pessoa é e se identifica com outro gênero?
[02:17:55]	P8	Será que há uma questão que a preocupação tem que estar aí e não da pessoa realmente mudar.
[02:18:01]	P8	Se a pessoa de fato se enxerga como menino ou menina, ela tem que ter que ser tratada e que promove muitos debates, muitas coisas interessantes, reportagens, leituras e tal.
[02:18:12]	P8	Então eu imagino que hoje esteja diferente.
[02:18:14]	P8	Mas na minha época, a turma de eletrotécnica era terrível, cara.
[02:18:17]	P8	Terrível, terrível.
[02:18:18]	P8	Hoje, eu analisando o que as meninas sofreram, sabe?

[02:18:23]	P8	O que essas meninas sofreram durante a nossa...
[02:18:25]	P8	Uff!
[02:18:26]	P8	Me dá assim um...
[02:18:28]	P8	Enfim.
[02:18:30]	P8	Elas devem ter sofrido demais, cara.
[02:18:31]	P8	Mas devem ter relatos tristes e eu acho que a escola é papel da escola, sem dúvida alguma, lidar com essas questões.
[02:18:45]	Pesquisador	Correto.
[02:18:46]	Pesquisador	Para finalizar, T., uma última pergunta, é mais um levantamento da sua opinião, de uma sugestão.
[02:18:54]	Pesquisador	Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudança nos cursos de licenciatura, com vistas a oportunizar melhores condições de formação a licenciando, tornando sua formação mais próxima da realidade encontrada pelos professores novatos em sala de aula.
[02:19:11]	Pesquisador	A pergunta é.
[02:19:12]	Pesquisador	Você concorda com essa questão?
[02:19:14]	Pesquisador	Caso concorde, você tem alguma proposta de mudança, apontaria a proposta de mudança para o curso de licenciatura, a fim de tornar a formação dos professores mais próxima da realidade encontrada em sala de aula?
[02:19:30]	Pesquisador	Resumindo, concorda com a necessidade de mudança e qual proposta você teria para apresentar?
[02:19:39]	P8	Eu concordo totalmente.
[02:19:41]	P8	Eu acho que inclusive é urgente essa mudança.
[02:19:44]	P8	Essa mudança ela se reflete na própria mudança da sociedade, ou seja, a gente tem cursos de licenciatura engajados há muitos anos, a mesma grade há muitos anos, e quando a grade curricular dos cursos como licenciatura ela é atualizada, muitas vezes, são atualizadas à sua parte técnica.
[02:20:05]	P8	Quando eu quero me referir a parte técnica, eu quero me referir as áreas das ciências a qual elas estão inclusas, tá?
[02:20:12]	P8	Então, por exemplo, a licenciatura em Física, que é a minha experiência.
[02:20:17]	P8	Quando existiu uma reforma curricular da licenciatura em Física, que eu acho que foi em 2008 ou 2009, que foi a última reforma curricular a qual eu tive acesso, foram inseridas novas cadeiras.
[02:20:35]	P8	Por exemplo, uma das cadeiras que não existia era a educação para pessoas com deficiência visual, por exemplo.
[02:20:47]	P8	É uma questão que antes não era tratado dentro da grade e agora passa a ser tratado.
[02:20:53]	P8	Isso é um exemplo de inclusão de um espectro importante e que não existia debate sobre.
[02:21:02]	P8	Mas eu acho que de uma forma geral a estrutura da licenciatura precisa estar mais vinculada as práticas de sala de aula, a realidade da sala de aula e a realidade escolar.
[02:21:20]	P8	E eu tiro a sala de aula, um pouco disso, e penso em todos os outros setores escolares.
[02:21:25]	P8	Porque a escola tem que funcionar como um organismo, como um corpo tem o pulmão, tem a pele, tem os olhos, tem todas as suas funções.
[02:21:39]	P8	E elas precisam todas estar em conjunto, alinhadas aos objetivos finais, que são o desenvolvimento do indivíduo e o desenvolvimento coletivo.
[02:21:52]	P8	Porque a escola hoje tem que estar preparada para o desafio do desenvolvimento educacional individual, mas também tem que estar preparada para o impacto social que está relacionado ao desenvolvimento desse indivíduo.
[02:22:13]	P8	Ou seja, a escola tem que estar preparada para lidar com a família desses jovens, a escola tem que estar preparada para lidar com a vizinhança da escola.
[02:22:25]	P8	E a escola tem como função, na minha visão, para além da educação.
[02:22:36]	P8	Quando falo de escola, falo de todas as escolas, inclusive as privadas.
[02:22:40]	P8	Elas deveriam ser responsáveis pelo entorno.
[02:22:45]	P8	Ou seja, de identificar elementos do entorno que possam ser transformadas através da educação e da oportunidade.
[02:22:54]	P8	Pessoas carentes, pessoas com menos acesso à informação, pessoas que tenham...

[02:23:02]	P8	Então, acho que a escola vai ter que cuidar da comunidade e ela tem que ter ferramentas, claro, para que ela possa fazer isso.
[02:23:11]	P8	Bom, sobre o curso em si, de licenciatura.
[02:23:15]	P8	Então, eu acho que ele deve ser um curso onde os alunos, para além de aprender as cadeiras, das matérias na qual eles escolhem, eu acho que tem que ser algo que se dedique mais às práticas escolares e aos problemas e dificuldades que as escolas enfrentam dentro desse processo.
[02:23:37]	P8	Eu acho que a convivência, e aí eu falo isso justamente por ser a minha área de pesquisa, não de pesquisa especificamente, porque eu não cheguei a estender tanto de pesquisa, mas apesar de ter feito algumas das minhas turmas, fiz alguns acompanhamentos, mas na minha área de estudo e de interesse, acho que as escolas hoje, as universidades hoje têm poucos profissionais preparados para poder desenvolver nessa galera mais nova aquilo que é importante para que eles possam lidar com essas dificuldades atuais.
[02:24:25]	P8	Então, a educação digital, quais são as ferramentas digitais que nós podemos implementar dentro do processo educativo?
[02:24:36]	P8	Qual é a importância do livro físico?
[02:25:01]	P8	Bom, eu tô aqui falando algumas coisas que eu acho que são importantes, mas assim, existe uma coisa que norteou a minha vida profissional depois que eu consegui ter acesso a essa formação foi a seguinte.
[02:25:23]	P8	Todos nós queremos fazer com que os alunos aprendam.
[02:25:29]	P8	O mais importante que isso é como eles aprendem.
[02:25:33]	P8	Ou seja...
[02:25:34]	P8	Como faço essa menina aprender?
[02:25:38]	P8	E aí tem uma coisa que para mim que muda o jogo, que muda a perspectiva, que é, a minha função como professor não é ensinar, a minha função como professor é verificar se houve aprendizagem.
[02:25:58]	P8	Porque, às vezes, o professor chega, e eu sei que isso é muito comum, ele vai dar uma aula, vou dar outro exemplo, né?
[02:26:05]	P8	Ele vai dar uma aula de Eletromagnetismo.
[02:26:09]	P8	Ele vai ensinar a lei de Lenz e Faraday.
[02:26:12]	P8	Ele ensina a lei de Faraday...
[02:26:14]	P8	Faz um exercício da lei de Faraday...
[02:26:16]	P8	E ele cobra esse mesmo exercício na prova.
[02:26:21]	P8	O aluno erra...
[02:26:22]	P8	Aí o professor usa o seguinte argumento.
[02:26:27]	P8	Como é que pode o aluno errar um exercício que eu fiz nessa sala?
[02:26:31]	P8	Não sei se você já escutou isso alguma vez na vida.
[02:26:33]	P8	Mas já escutei isso inúmeras vezes...
[02:26:35]	P8	Eu fiz isso, eu falei para o aluno que ia cair na prova e o homem erra.
[02:26:41]	P8	O que eu posso fazer mais que isso?
[02:26:42]	P8	Você pode fazer muito mais que isso.
[02:26:44]	Pesquisador	Aí virou treino, não é aprendizagem, é treino.
[02:26:47]	Pesquisador	Porque mais do que você ensinar, ou seja, fica assim, não liga essa matéria.
[02:27:25]	P8	Tem um problema aí no teu som.
[02:27:50]	P8	Responsabilidade, na minha visão.
[02:27:52]	P8	E muitos se eximem dessas responsabilidades porque dá trabalho.
[02:27:56]	P8	Hoje, acho que as licenciaturas estão ultrapassando.
[02:28:04]	P8	Elas não trazem esses debates.
[02:28:05]	P8	Elas não trazem essa formação.
[02:28:07]	P8	Elas não trazem essas questões.
[02:28:10]	P8	Hoje o centro universal da aprendizagem, ela não pode estar no professor.
[02:28:19]	P8	O processo de produção de conhecimentos não tem que estar no professor, tem que estar no aluno.
[02:28:25]	P8	Eu acho que tem que existir uma mudança de foco.
[02:28:31]	P8	É o professor o grande mestre e o transmissor do conteúdo, mas na verdade esse aluno tem que desenvolver esse conteúdo da maneira que para ele faça sentido.

[02:28:41]	P8	E dentro de um processo de construção coletiva, já que a gente trabalha assim, nesse formato, são turmas de 20 alunos, 30 alunos, 40 alunos, 50 alunos, dependendo da escola, a gente precisa identificar o que funciona para cada um.
[02:28:55]	Pesquisador	Isso é muito difícil, porque é isso que torna a educação muito desafiadora, na minha visão.
[02:29:03]	P8	Porque o processo coletivo, ele é ainda mais importante do que o individual.
[02:29:12]	P8	Porque não adianta você querer...
[02:29:13]	P8	Imagina, as pessoas acham que aumentar a qualidade educacional é diminuir o número de alunos.
[02:29:22]	P8	Mas não é só isso.
[02:29:24]	P8	O convívio é muito rico e muito importante.
[02:29:27]	P8	Convivência.
[02:29:28]	P8	Isso, então, é...
[02:29:28]	P8	é... Você lidar com pessoas diferentes, com ideia diferente, as pessoas precisam estar preparadas para isso.
[02:29:35]	P8	Eu vejo assim...
[02:29:38]	P8	Eu vejo que o aprender ou como aprender o debate sobre o centro da aprendizagem está no aluno...
[02:29:48]	P8	Não é que o aluno faça o que quer, porque não é assim que funciona...
[02:29:52]	P8	Mas é buscar aquilo que faça sentido para, dentro do que faz sentido para ele.
[02:29:58]	Pesquisador	Ok. Agradeço sua participação neste trabalho.

Transcrição da Entrevista Realizada com o Professor P9

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:02]	Pesquisador	Vou começar com você, T. Você me dizendo aí qual o seu nome completo e a sua idade.
[00:00:09]	P9	Eu me chamo W. T. de B. e tenho hoje 36 anos.
[00:00:16]	Pesquisador	Qual curso de graduação você realizou, em qual instituição foi realizado e o ano de conclusão?
[00:00:23]	P9	Fiz licenciatura em Matemática, concluí em 2008 na Unigranrio, Universidade do Grande Rio, em Duque de Caxias.
[00:00:31]	Pesquisador	Há quantos anos você atua como professor?
[00:00:36]	P9	Olha, foi meio picotado. Eu comecei a atuar mesmo antes de me formar em escolas particulares. Depois fiz uma pausa por falta de pagamento do salário. Aí fui trabalhar com outras situações e voltei a lecionar em definitivo em 2012. Estou aí até hoje.
[00:00:58]	Pesquisador	De 2012 para cá, há 11 anos. Esse tempo que você ficou antes de dar uma pausa, mais ou menos quantos anos?
[00:01:05]	P9	Ah, deve ter dado aí uns dois anos.
[00:01:08]	Pesquisador	Estamos totalizando 13 anos. Passou também por esse desagradável momento de falta de pagamento em escola particular?
[00:01:19]	P9	Passei, no início passei. Até porque, como foi antes de me formar, não tinha assinatura de carteira, não tinha nada disso. Então, eles aproveitavam para judiar um pouquinho da gente.
[00:01:35]	Pesquisador	Eu vivi isso aí com carteira assinada, num colégio técnico particular. Só consegui receber meus direitos na justiça.
[00:01:43]	P9	Tem escola particular que, mesmo já de 2012 para cá, não me pagou quando eu pedi demissão. Não pagou meus direitos, não pagava nem FGTS, nada disso. Então, aquele tempo que eu fiquei lá, que foram uns dois anos nessa escola, eu nem para a aposentadoria vou poder contar nada. Não pagaram nada, INSS, nada, nada, nada.
[00:02:10]	Pesquisador	Você tinha carteira assinada?
[00:02:14]	P9	Tinha, tinha.
[00:02:15]	Pesquisador	Eu descobri agora, recentemente, que esse ano que eu trabalhei lá, eles também não recolheram meu INSS. E eu entrei no INSS com recurso para correr atrás desse tempo. Não vou deixar isso. Se não for resolvido administrativamente no INSS, vou botar na justiça de novo.

[00:02:38]	P9	Eu tenho que tentar isso para averbar na minha matrícula. Porque são dois anos menos.
[00:02:46]	Pesquisador	Isso, e dois anos como professor, que te dá direito a essa aposentadoria especial. Como é que está a regra no município? No estado, te daria uma aposentadoria com 30 anos ou 55 anos de idade.
[00:02:59]	P9	É isso aí, também lá está igual.
[00:03:02]	Pesquisador	Você realizou algum curso de pós-graduação? Lato sensu, mestrado, doutorado?
[00:03:07]	P9	Olha, concluído, não. Eu fiz pós-graduação na Unigranrio mesmo, em 2013, 2014. Mas não concluí. Fiz todas as disciplinas, mas não entreguei o trabalho final. E eu comecei agora o mestrado na UERJ, o PROFMAT. Mas, por questões de saúde, eu tive que abandonar. Não tive como, porque eu peguei uma doença um pouco mais séria durante o curso. Os professores não tiveram muito jogo de censura para entender. Acabei ficando reprovado. E a regra do PROFMAT diz que você só pode ter uma reprovação durante o curso. E aí, como eu tive duas, eu acabei perdendo a vaga. Até pretendo voltar para ver se eu consigo, de alguma maneira, retorno. Mas não tenho muita esperança, não.
[00:04:03]	Pesquisador	Essa pós na Unigranrio foi na área de ensino? Tem a ver com educação?
[00:04:08]	P9	Foi ensino da Matemática. Foi muito bom, me surpreendeu.
[00:04:18]	Pesquisador	A Matemática da Unigranrio e pós eram considerados bons cursos.
[00:04:24]	P9	Muito bom o curso. Eu fiz em 2013, 2014. E, pelo menos, o início do que eu fiz no PROFMAT. No PROFMAT, eu tive uma situação atípica que... Eu não comecei pelas duas disciplinas de início. Eu acho que lá teve a situação da morte de um professor. Aí, eu já comecei com a terceira e a quarta disciplina. E o da Unigranrio, mesmo sendo um lato sensu, não ficava nada a dizer, não. A base era bem firme. Tanto que eu estava, até o momento da minha doença, eu estava levando com alguma tranquilidade. Estudava muito, claro. A estrada exige. Já estava algumas noites estudando. Mas estava indo muito bem. Estava indo muito bem. Estava indo, sem dúvida, entre os cinco melhores da classe.
[00:05:29]	Pesquisador	Considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica, por que optou pela licenciatura?
[00:05:36]	P9	Desde menino, com uns 13 anos, eu já tinha meio que decidido trabalhar com sala de aula. Na eletrotécnica, eu fiz mais por uma pressão paterna. E como eu não consegui entrar no mercado numa empresa boa, até trabalhei um pouquinho na área também. Mas, empresas pequenas, que não remuneravam bem. Aí, eu decidi. Fiquei ali, depois que terminei o ensino médio, um ano e meio, dois anos, sem estudar. Eu falei, quer saber? Já tenho um sonho, já tenho uma vontade de trabalhar com Matemática, sala de aula, vou encarar. Aí, fui fazer a graduação nisso.
[00:06:33]	Pesquisador	Na próxima pergunta, você já respondeu de certa maneira. Mais especificamente, por que a Matemática?
[00:06:40]	P9	É porque eu sempre tive uma aptidão com a Matemática, até mais do que com a Física. Aí, acabei encarando. Não foi fácil, mas consegui. Estamos aí, trabalhando até hoje.
[00:07:00]	Pesquisador	Legal.
[00:07:03]	Pesquisador	Descreva suas experiências profissionais vividas até hoje, considerando também aquelas exercidas fora do magistério. Começando lá com aquele estágio, depois da eletrotécnica, para frente, quais foram suas experiências profissionais?
[00:07:17]	P9	Então, ainda com o ensino médio em fase final, eu comecei um estágio na Barra da Tijuca, em eletrotécnica. Na verdade, era uma empresa que vendia materiais elétricos para condomínios, ali na região, de parte técnica, não tinha muita coisa mesmo. O anúncio era de que nós tiraríamos dúvidas de clientes, seríamos como um suporte técnico. Só que lá a gente fazia um monte de outras funções. Fazíamos essa parte também, com questões de luminotécnica, enfim. E, por um breve período, muito curto, a gente chegou a trabalhar com algum projeto, muito, muito, pouca coisa. A empresa não conseguiu decolar quando tentou trabalhar com isso. Ela foi abrindo outros leques e foram aproveitando os funcionários que lá estavam, eu era um deles, mas deixou de ligar com a eletrotécnica. Quando saí de lá, trabalhei por um período muito breve em outra empresa, na Barra da Tijuca também, que também trabalhava com cadastro de materiais. Inclusive, tinha muitos

		colegas do Juscelino trabalhando lá, mas também era uma parte mais teórica, muito pouco prática. Então, acabava que seduzia pouco. Ficava muito no cadastro, você analisava as especificações de determinado material, até era material que tinha alguma coisa a ver, mas era chato, a verdade era essa. O trabalho era chato. E lá eu não trabalhei nem, eu nem cheguei a completar o período de experiência de 90 dias. Logo veio um curso que o CEFET oferecia, chamado PPROMIMP, e eles ofereciam bolsa. Tinha um concurso, você fazia esse curso através de um concurso. Eu fiz o concurso, passei muito bem classificado. E fui fazer esse curso, acho que durou seis meses, um ano, agora eu não me recordo bem, recebendo a bolsa e estudando através da bolsa, também voltado para a eletrotécnica. Eles tinham alguns cursos técnicos de exigência para fazer o curso, e a eletrotécnica era um deles, daí eu fiz e era muito legal, a formação era boa, os professores eram bons, eram professores do CEFET. Inclusive um deles foi meu professor, no próprio Juscelino, que era o J. L. R, foi meu professor lá também. Terminado o curso, eu lembro que ao início do curso havia meio que uma promessa, claro que não era nada escrito, mas havia uma promessa meio verbal de que você teria boas chances de conseguir emprego na área. E que eram empresas que trabalhavam diretamente com a Petrobras, mas não aconteceu nada disso. E depois disso tudo, eu fui cair de maneira, como posso dizer, de maneira oficial, passei a fazer alguns bicos e tal, mas, de maneira oficial, fui trabalhar em farmácia, e aí eu já estava no penúltimo período da graduação. Dentro da farmácia eu fui acendendo, fui subindo de cargo, consegui chegar à gerência da farmácia. A farmácia é uma rede grande, mas eles eram muito injustos com os funcionários. Numa tarde, onde eu troquei, inclusive, de horário com um amigo que era gerente de outro turno, porque minha esposa ia colar grau, e eu gostaria de ver. Aí, na hora de eu sair, a gerente regional chegou e, enfim, deu uma reunião absurda, falou que a gente tinha que comunicar coisas com os funcionários, rindo, e me prendeu lá mais de duas horas além do que eu tinha que ficar. Conclusão, cheguei na colação de grau da minha esposa, faltando poucos minutos para terminar, e eu já vinha me estressando muito, já estava ficando com o braço esquerdo dormente, de tanta cobrança, e deixei passar aquele primeiro momento para ver se eu não estava agindo por impulso, e comuniquei a minha esposa. Aí eu pedi demissão, porque eu não vou durar até os 30 anos aqui, não vou sobreviver aqui, estou me sentindo mal, e vou tentar trabalhar com o que eu me formei. A essa altura do campeonato, eu já estava formado. Quando eu entrei lá, eu entrei já para me formar, e trabalhei lá por quatro anos, então já estava formado. E aí fui de escola em escola, colocando o currículo e tal, até que eu consegui trabalhar numa escola no bairro de Vargem Grande. Foi através da indicação de uma amiga, de um primo meu. Ela era professora lá, mas ia sair para a licença maternidade. E nessa escola eu trabalhei por dois anos, gostei muito da clientela de lá. E nesse período de dois anos eu fui achando outras e várias outras escolas também, na Freguesia, em Brás de Pina, em Vila da Penha, e fui trabalhando. Consegui preencher horários, sobreviver através da educação, e sempre tentando um concurso público. Até passei por um município pequeno aqui do Rio de Janeiro, não vou me lembrar qual, passei muito bem colocado, só que o concurso foi anulado, o Ministério Público, não sei o que era, anulou o concurso com suspeita de fraude. Eu sei que eu mesmo não fraudei nada e acabei perdendo meu dinheiro. Mas passei na prefeitura do Rio de Janeiro logo em seguida e no Estado, mas não assumi o Estado porque não consegui conciliar o horário, porque minha carga horária na prefeitura é muito grande. Na época, como eu estava entrando na prefeitura do Rio de Janeiro, ainda não tinha aquele jogo cintura todo e tal para poder arrumar o meu horário direitinho, para poder pegar as duas matrículas, aí continuei só com a prefeitura do Rio de Janeiro e estou aí até hoje, já se vão oito anos, na prefeitura do Rio de Janeiro.
[00:14:19]	Pesquisador	Você trabalhou sempre na mesma escola? Desde que entrou?
[00:14:25]	P9	Sempre na mesma escola. Tem a vantagem de Matemática ter uma carga maior, aí isso acaba sendo facilitado.
[00:14:35]	Pesquisador	História longa, hein? Depois que saiu do JK, não sabia desses detalhes.

[00:14:41]	P9	Isso porque eu resumi muito.
[00:14:43]	Pesquisador	Só acompanhei até a CH, da CH para frente.
[00:14:47]	P9	Se eu contasse os bicos que eu fiz e os lugares que eu fiz, aí demorava mais uns 30 minutos.
[00:14:59]	Pesquisador	Descreva como foram seus primeiros anos de docência, relatando as dificuldades encontradas, possíveis apoios ou não, com os quais você pode contar para superar. Que estratégia você utilizou para vencer possíveis obstáculos? Porque esse primeiro contato com as turmas costuma ser chamado na literatura de choque inicial. O professor sai de uma realidade da faculdade e cai de frente lá com a turma, com aquele monte de adolescente.
[00:15:29]	P9	Então, eu comecei trabalhando com o ensino médio. Na verdade, eu estava muito, muito enferrujado porque eu me formei em 2008 na graduação e, apesar de já ter trabalhado um pouquinho antes mesmo de me formar, quando eu decidi largar a educação pela falta de pagamento e fui trabalhar na farmácia, eu fiquei muito tempo sem estudar Matemática de verdade. E, quando eu fui voltar em 2012, foi na cara e na coragem. E já fui com turma de ensino médio, com uma galerinha que tinha boas expectativas com relação a vestibular, então eles exigiam bastante. Eu lembro até hoje da minha primeira aluna, com quem eu tive contato, eu não sabia que seria minha primeira aluna, mas nós conversamos porque eu cheguei lá muito cedo, ela também chegava cedo, e a gente conversou ali, hoje tenho contato com ela através de rede social, mas foi através de muita lenha, queimando, estudando muito, estudando muito. Apoio que eu tive foi só mesmo na época da minha esposa. A coordenação de escola particular, pelo menos na minha experiência, praticamente não existe, é mais cobrança, de novo, com a minha experiência. Estou aqui colocando como verdade absoluta, imagino que tem escolas particulares que façam diferente, mas é sempre colocando o professor em cheque com relação ao aluno, tudo o que o aluno fala é acatado, o professor é meio questionado, enfim. E o trabalho também muito engessado, eles seguiam o modelo na época material do colégio GPI, umas apostilas, então você já recebia no início do ano a aula que tinha que dar no dia tal, não podia sair daquilo, tinha que resolver aqueles exercícios, enfim, eram exercícios muito puxados para alunos que nem sempre tinham base para acompanhar, e a escola ainda trabalhava com carga horária reduzida de Matemática, então o previsto pelo módulo do GPI, que era o material que eles utilizavam, eram de cinco aulas de Matemática por semana e a escola só fazia três, então ficava um negócio ainda mais corrido, mas a galerinha lá, os alunos eram tão maneiros que o trabalho fluía bem, fluía bem. Só que é aquilo, a cobrança era por resultados, a gente sabe como funciona a educação particular, no final do ano acaba tendo que aprovar aluno, porque se não fica com medo do pai tirar da escola, perder mensalidade e tudo mais, aí o aluno vai avançando de série, sem ter condição, também é muito diferente na escola pública, e você acaba sendo cobrado por um resultado ruim de um aluno que está aprovado que não foi você que aprovou, na verdade. Então, a minha experiência foi essa, basicamente, em todas as escolas particulares. Trabalhei também em uma escola na freguesia, e eles faziam muita questão de botar muita pompa, o professor lá tinha que ir muito bem vestido, tinha que usar sapato, camisa de botão, era um negócio assim, não pagava tudo isso para essa exigência toda, mas era de fato o meu melhor salário, os alunos também eram de um poder aquisitivo maior, mas já não era, eu já não trabalhava nessa escola com o mesmo prazer que eu trabalhava na escola de Vargem Grande, nem por parte da coordenação, direção ou professores amigos, porque também a maioria tinha o nariz muito em pé, e os alunos também, tinha uma galerinha boa, mas também tinha uma galerinha muito ruim em todos os aspectos, como aluno, como ser humano, enfim. Mas lá tinha uma vantagem, com relação à escola de Vargem Grande, tinha uma vantagem, lá pelo menos o planejamento era meu, eu fazia o planejamento, eu decidia o que eu ia trabalhar, a gente usava um livro didático, um livro bom, um livro de Matemática do professor Dante, considero um dos melhores, então, pelo menos nesse sentido, era melhor. E as demais instituições que eu trabalhei eram cursinhos, pré-

		vestibular, pré técnico, pré militar, então não tinha muito esse lado pedagógico, ali era mais um resolvedor de questão, maceteio, alguma coisa mais nesse sentido, que tem suas vantagens, tem, não vou falar aqui que é de todo ruim, eu gosto disso também, eu gosto de pegar uma questão difícil, ser desafiado e tal, mas aí já foge um pouquinho do que é a educação de fato. Enfim.
[00:21:03]	Pesquisador	Nessa parte pedagógica, então, pelo que eu entendi, você não teve apoio, alguém que sentasse contigo para falar sobre turma, estratégia?
[00:21:13]	P9	Em escola particular, nenhuma, nenhuma, só na pública, só na escola da prefeitura, e lá, apesar de toda a dificuldade que a gente enfrenta com falta de recurso, muitas vezes tendo que colocar recurso próprio, pelo menos a autonomia de trabalho e apoio pedagógico na escola pública é infinitamente superior.
[00:21:39]	Pesquisador	Concordo contigo. Após essa fase inicial, o magistério, o Huberman, que eu citei aí a frase do Huberman, choque inicial, você poderia descrever como foram os anos seguintes? Descrever, se possível, em etapas até os dias atuais, você passou por essa fase inicial, como é que foram os anos seguintes?
[00:22:00]	P9	Depois a gente vai meio que criando uma casca. E não só a casca do dia a dia, isso é importante também, a gente entra em sala, quando o aluno levanta a mão, eu, pelo menos, contando minha experiência, eu tinha muito medo de vir uma pergunta que eu não soubesse responder, isso me apavorava, mas com o passar do tempo, eu fui vendo que a maioria delas, pelo menos, eu conseguia atender a dúvida do aluno, aí vai te tranquilizando. Isso foi em 2012. Logo em 2013, eu comecei, a pós-graduação na Unigranrio, a trabalhar assuntos muito mais complexos, mesmo para tirar essa ferrugem desse meu período parado. E aí eu fui dominando outros assuntos que não trabalhavam em sala de aula, mas me davam muita confiança, porque eu pensava o seguinte, bom, se eu consigo dominar uma coisa dessa aqui, desse grau de dificuldade, com aquilo lá, não tem por que eu ficar com receio daquilo, numa prova do Enem, ou numa questão da UERJ, da UFRJ antiga, enfim. E aí eu fui criando uma confiança também, não só na casca. A casca é mais do dia a dia, em conjunto, porque o professor também é muito mediador de conflito, dentro do que acontece em sala de aula. Então, isso aí que eu falo, de criar a casca desses conflitos e tal, mas a confiança mesmo pela formação acadêmica, pelo estudo. Formação eu nem digo, porque eu não cheguei a concluir o curso, mas só o fato de estar estudando assuntos mais avançados, mais maduros, isso já foi me dando muita confiança. Até trabalhar com alguns cursinhos, que aí você se debruça de vez em questões desse tipo, de curso o tempo inteiro, resoluções de prova o tempo inteiro. Aí pronto, eu já estava muito mais seguro. E quando eu entrei no PROFMAT, então, aí que a confiança foi lá no alto. Mas aí também já não sei se era tão necessário, porque, por exemplo, na Prefeitura do Rio de Janeiro, a verdade é que a expectativa do público, dos nossos alunos, é tão baixa que eles vivem uma realidade tão difícil, que é até complicado da gente falar a respeito, porque é uma realidade que eu não vivi, eu não vivo, na minha vida, eu vejo lá eles passando e tal, a gente ajuda de várias maneiras, a gente que eu digo, eu e outros professores também, com recursos próprios, mas não se via aquilo diretamente, na minha vida, na minha infância, enfim, apesar de não ter tido uma infância rica, um pouco difícil até, mas eu vendo o que aqueles meninos vivem, eu não consigo nem comparar, não dá para comparar. Então, assim, com relação a se a gente for falar de formação acadêmica, não precisava de mais nada para construir confiança, mas sim para melhorar a didática, para melhorar a prática, isso daí com certeza. Isso é uma coisa que eu vejo melhorando até hoje. Situações, por exemplo, uma determinada aula que você descobre uma maneira de fazer um aluno entender, isso até hoje eu consigo perceber que eu vou melhorando. Mesmo já tendo 11 anos seguidos em sala de aula, mas dois ou três anteriores, é uma coisa que eu me vejo hoje assim, e sei que amanhã vai ser ainda melhor. Eu me vejo hoje como professor melhor do que ontem, eu sei que amanhã vai ser ainda melhor. Eu acho que é uma das poucas profissões que a gente tem a oportunidade de, com o passar do tempo, melhorar. Porque, na maioria delas, a gente vai

		ficando para trás, vai ficando obsoleto. Eu, pelo menos, até hoje só me vejo agregando, agregando coisas, maneiras diferentes de trabalhar determinados assuntos, de fazer o aluno alcançar. Porque, como eu falei, assim, como a gente trabalha com, hoje, eu trabalho com alunos com uma expectativa muito baixa, então eu tenho que, acabo tendo que me reinventar o tempo inteiro para poder alcançar aquele aluno. Então, eu acho que isso acaba me fazendo me mexer, me movimentar, para descobrir formas diferentes. Uma coisa que hoje tem acontecido muito lá na Prefeitura, a gente tinha alunos incluídos. Alunos que têm algumas necessidades autistas, surdos, cego, ainda não trabalhei com cego, deficiência intelectual e dá trabalho. Dá trabalho, porque a gente tem que buscar referência teórica, porque a minha formação acadêmica, pouco ou quase nada me ensinou a trabalhar com isso.
[00:27:25]	Pesquisador	Nós também estamos recebendo esse tipo de aluno no JK, e eu também não fui preparado para trabalhar com esse tipo de aluno.
[00:27:32]	P9	É muito complicado, e assim, se não me mexer, a gente, o aluno vai acabar ficando esquecido ali sozinho, no canto, jogado, e eu me sinto mal, eu me sinto mal com isso. Então, eu acabo lendo, vou atrás, preparo atividade específica para cada aluno, vejo de onde pode partir, o que ele pode melhorar, até onde ele consegue ir, e vou experimentando. E a gente vai fazendo... Lá na prefeitura, a gente ainda tem algum apoio, a prefeitura contrata um agente de educação especial, inclusive, agentes concursados, só não tem quantitativo suficiente, mas, pelo menos, tem algum apoio. E a gente vai trabalhando, vai tentando acertar. Teve aluno meu, já autista, e nessa época eu não tinha apoio em sala de aula nenhum, na escola tem uma sala de recurso com uma professora que é psicopedagoga, formada e tal, e ela me ajudou muito na época, foi o meu primeiro aluno autista, isso em 2015 ainda, 2016, se não me engano. E eu trabalhei com esse aluno no nono ano, e o menino desenvolvia muito bem sozinho, sozinho que eu digo, sem nenhum agente ao lado para fazer o acompanhamento próximo, numa turma de mais de 40 alunos, o menino se formou com propriedade, sem precisar mascarar a nota de ninguém, cursou ensino médio e hoje está fazendo graduação. Para mim é uma vitória saber disso, não que eu tenha mérito ou que o mérito principal seja meu, nada disso, mas saber que um tijolinho ali foi eu que coloquei me deixou muito contente.
[00:29:27]	Pesquisador	Uma observação que eu tenho feito é que depois da pandemia o número desses alunos incluídos aumentou, não sei se você observou isso lá na tua realidade.
[00:29:38]	P9	Eu não sei se o número de alunos incluídos aumentou por conta da pandemia, porque isso lá, pelo menos, onde eu trabalho, já vinha aumentando muito. Como eu falei, em 2015, acho que eu tinha um aluno. Hoje eu devo ter, sei lá, 12, 13, e 5 turmas. E era muito mais restrito. Eu lembro que, antigamente, o máximo era um aluno ocupava 5 vagas. Eles faziam essa conta lá. Então, por exemplo, se a turma pode ter no máximo 50 alunos, se tem um aluno incluído, a turma pode ter no máximo 45 alunos. A gente fazia essa conta. Agora, não. De um tempo depois, um aluno ocupava duas vagas, e agora eu acho que não tem mais nada. Eles colocam quantos alunos quiserem e acabou, entendeu? E a gente tem que dar conta de tudo. Fica meio complicado, mas eu, pelo menos, não gosto de fingir que aqueles alunos não estão ali. Estão ali, tem que fazer alguma coisa. O que eu percebi depois da pandemia é uma deficiência enorme, não só na parte Matemática, de alfabetização. Eu tenho vários alunos que estão no sexto ano que não sabem conhecer a letra A. É um negócio assustador. Tem aluno no oitavo ano que, se você ditar algum apoio teórico para ele anotar no caderno, ele não toma nota porque ele não consegue. Se tiver escrito na frente dele, ele lê com muita dificuldade, mas ele não consegue e já está no oitavo ano.
[00:31:24]	Pesquisador	Eu tenho essa mesma percepção. Você imagina um aluno que entrou agora no ano de 2021?
[00:31:32]	P9	É.
[00:31:33]	Pesquisador	2021, 2022, que entrou num curso técnico integrado de eletrotécnica. Ele teve oitavo e o nono ano remotamente. Ele entra num curso com 25 disciplinas, 20 disciplinas, 19 disciplinas, cobrado em eletricidade 1,

		puxado, Matemática e tal. Ele simplesmente se recusa a estudar. É muito complicado.
[00:31:59]	P9	É muito complicado. Eu acho que esses meninos acabam que não veem esperança no estudo. Eu não sei o que está acontecendo. É muito difícil.
[00:32:13]	Pesquisador	Eu acho que eles não conseguem enxergar como instrumento de mudança, não. É uma obrigação e você faz de tudo para tentar mudar a realidade. Faz, inventa, estratégia. Simplesmente, esse grupo que veio pós pandemia, eles se recusam a qualquer outro tipo de atividade que não seja o básico.
[00:32:35]	P9	Eu fico pensando assim, por exemplo. Eu sou professor de Matemática. Eu fico pensando que é por causa da Matemática. Mas eu tenho professores, colegas, professores de arte que acabam reclamando da mesma coisa. É um negócio absurdo. Absurdo. Então, assim, eu não sei sinceramente o que o que o que fazer. Porque a gente tenta aulas diferentes, a gente tenta situações diferentes e nada dá certo. Parece que nada dá certo. Entendeu? É muito complicado. Correto.
[00:33:21]	Pesquisador	Como é o professor W.? Quais características você atribuiria à sua identidade profissional?
[00:33:28]	Pessoa 1	Olha, em que sentido sua pergunta é essa?
[00:33:31]	Pesquisador	Você é um Raed da vida duro? Zero e um?
[00:33:39]	P9	Quando eu comecei a trabalhar, eu era mais linha dura. Entendeu? Mas eu costumo até falar com os meus alunos o seguinte, a vida amansa a gente, né? O senhor não liga aí de eu estar andando, não. O problema é que a neném está dando uma piscada aqui, tem que tirar ela. Estou até me esforçando para ela não aparecer no vídeo.
[00:34:08]	Pesquisador	Não tem problema de ela aparecer, não. Eu não vou usar a imagem, não.
[00:34:11]	P9	Mas, enfim, eu era um professor bem linha dura. Mas, assim, a vida vai fazendo a gente amolecer um pouquinho o coração. Eu acho que a paternidade também, né? Mas, mesmo antes da paternidade, eu já tinha um lado muito mais muito mais olhando para o humano do que do que para o lado acadêmico, entendeu? Acho que a Prefeitura trabalhar naquela realidade acabou me trazendo isso.
[00:34:51]	Pesquisador	Correto. A tua formação inicial lá no curso de licenciatura contribuiu para a construção dessa identidade profissional?
[00:35:00]	P9	Olha, se eu falar que não, é mentira, porque lá apesar de ter a parte muito pesada, voltada para a Matemática e tal, que tem que ter um curso de educação superior, tem que ter. Mas, também como era um curso de licenciatura, tinha essa parte pedagógica também muito, muito presente. nessas disciplinas que trabalhavam mais a área da educação, isso contribuiu sem dúvida. Não dá para falar que não.
[00:35:37]	Pesquisador	Correto. Considerando que segundo Tardif, a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida, em que momentos da tua trajetória você identifica a etapa de construção das características que formam tua identidade profissional?
[00:35:54]	P9	Perdão, o senhor pode repetir?
[00:35:56]	Pesquisador	Nós temos um autor, Tardif, ele diz que essa identidade profissional, a maneira de você trabalhar, ela é construída ao longo da vida. Muitas vezes, antes até do teu curso de graduação. Desde quando você era aluno, outros trabalhos que você realizou. Então, você identifica etapas em que você foi construindo essa maneira de você trabalhar ao longo da tua vida?
[00:36:20]	P9	Com certeza. Como eu falei assim, eu era um professor quando comecei a carreira e hoje com certeza outro. Isso é notado até pelos meus próprios alunos hoje. Não por eles em si, que hoje só conhecem o professor atual, mas eu já fui professor de muitos irmãos mais velhos. Então, eles mesmo, os alunos de hoje falam, o meu irmão falava que eu era muito linha dura, hoje não é isso que a gente vê aqui. A vida muda a gente. As experiências que a gente tem, com certeza, vão modificando a gente, mesmo antes da formação. São coisas que a gente traz da nossa vivência. Eu concordo completamente com isso. E mais do que concordar, acontece de verdade comigo. Correto.
[00:37:19]	Pesquisador	Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que você trabalha?

[00:37:25]	P9	Não. Eu não sei se alguém consegue fazer isso, porque cada turma tem uma identidade e você acaba reagindo de maneira diferente com cada turma. Até tem turma que te dá mais liberdade de você ser mais você mesmo, ser mais W. do que o professor W. E tem turma que não, tem turma que pede mais o professor do que a pessoa. Então, é impossível você ser o mesmo de todos. O que eu tento fazer é agir com a mesma justiça com relação a critérios de avaliação, com a nota, enfim. Mas, no dia a dia, é impossível.
[00:38:21]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professor?
[00:38:32]	P9	Com certeza. Com certeza contribuíram. Apesar de muita coisa, também, eu achar que é papo de quem nunca frequentou sala de aula, porque, às vezes, parece muito que esse tipo de coisa, eu escuto até hoje, parte do nível central, parece que nunca pisaram no chão da escola, nunca pisaram numa sala de aula, mas não dá para falar que foi tudo assim. Muita coisa, com certeza, contribuiu. Correto.
[00:39:03]	Pesquisador	Você falou que começou lá, chegou a fazer algumas cadeiras da pós, chegou a começar o mestrado, esses cursos contribuíram para a melhoria da tua prática docente?
[00:39:15]	P9	Sem dúvida.
[00:39:16]	Pesquisador	Impactou positivamente ou negativamente a tua prática docente?
[00:39:21]	P9	Olha, eu não consigo lembrar o que eu fiz pós-graduação, lembrar de nada é negativo. Toda dificuldade, tudo que eu tive estudado, tudo só serviu para me ajudar.
[00:39:38]	Pesquisador	Legal. Durante a tua estada na universidade, no curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:39:48]	P9	Na universidade não.
[00:39:55]	Pesquisador	Essa é a mais característica da universidade pública, começar a envolver um projeto de pesquisa, universidade privada já é mais difícil. Mas você acha que isso aí seria interessante? Você, enquanto ainda estudante lá de licenciatura, participasse de projetos que te aproximasse desde o curso de formação da escola, te levasse para dentro de uma escola, pesquisasse, maneiras diferentes de ensinar... Até esse link entre o próprio professor da licenciatura e o professor lá da ponta na escola também seria... Ele aconteceria se houvesse projetos de pesquisa entre universidade e escola. Você acha que isso aí seria interessante?
[00:40:36]	P9	Com certeza seria. Seria muito interessante. E já daria uma... Uma bagagem um pouco maior para o cara que vai chegar em sala de aula depois. Acho que ajudaria muito.
[00:40:57]	Pesquisador	Quase todos os alunos que estou ouvindo aqui, você é o nono, de dez pessoas que vou ouvir, quase todos apontaram a mesma coisa que você falou. E tem muitas disciplinas que você tem a nítida impressão de que o professor nunca teve a frente de uma turma como você citou aí, com 40 adolescentes. E entre esses 40 adolescentes, um com necessidades especiais e questão de disciplina, a realidade social que você citou aí, que também está sendo uma realidade da nossa vida. Eu achei até que pelo local que você falou que trabalha você não tivesse tanto esse problema. Pensei que teu público fosse um pouco mais seleto.
[00:41:39]	P9	A escola, ela fica no centro do bairro. E na parte, como eu posso dizer, não sei se o bairro tem uma parte rica, mas enfim, ele é cortado pela linha do trem. E onde a linha do trem passa, normalmente fica um lado um pouco mais próspero e outro, nem tanto. A escola fica desse lado mais próspero. Mas os alunos que ela recebe são quase todos de comunidade, quase todos. Tem algumas comunidades do bairro em si e outras em bairro vizinho, outras comunidades em bairro vizinho. E a maioria dos alunos que estuda ali, eu não posso afirmar o percentual, mas eu diria que é para mais de 90%. Não é do entorno da escola.
[00:42:28]	Pesquisador	Essa escola que você trabalha fica naquela rua em frente aquele colégio da FAETEC. Acho que é Oscar Tenório.
[00:42:36]	P9	É bem próximo.
[00:42:39]	Pesquisador	Tem um largo e tem a escola.
[00:42:42]	P9	Isso, exatamente. Tem duas escolas, na verdade. Você subindo a rua, saindo da linha do trem, subindo a rua, a que eu trabalho fica à direita,

		que é a escola que atende o segundo segmento, e a que fica à esquerda atende o primeiro segmento, a Educação Fundamental.
[00:43:02]	Pesquisador	Tem um colega que mora ali. Inclusive acho que a esposa dele já trabalhou nessa escola e é aposentada dessa escola, da parte do Ensino Fundamental. Era professora primária do Fundamental 1. Mas isso já tem muitos anos.
[00:43:18]	P9	Lá era. Lá onde eu trabalho hoje era também escola de Fundamental 1. Eu não sei quando, mas já faz muito tempo, com certeza, ela virou Fundamental 2. Aquela escola ali tem muito tempo.
[00:43:34]	Pesquisador	Na sua escola você participa de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo ou troca de experiência docente?
[00:43:42]	Pessoa 1	Olha, atualmente, não. Mas ao longo desses oito anos que eu estou ali, eu já participei algumas vezes. Algumas vezes. Promovidos pela Secretaria de Educação. Aí cada CRE fazia o seu trabalho na hora de organizar esses cursos, mas já participei sim.
[00:44:05]	Pesquisador	Você acha que isso é importante, esse momento de troca de experiência entre colegas, entre professores?
[00:44:10]	P9	Ah, com certeza.
[00:44:12]	Pesquisador	Acha que seria importante que fosse uma constante? Você ter um momento lá daquela tua carga horária complementar para que isso oportunizado?
[00:44:22]	P9	Olha, eu acredito que sim. Mas se fosse uma coisa que eles fizessem a partir da necessidade do professor. Porque muitos desses esforços que eu fiz, apesar de todos eles terem o seu ponto forte, a sua questão positiva e tal, todos eles pareciam ser pensados por essas pessoas que nunca estiveram em sala de aula. Era comum a gente começar a discussão a partir daí. A partir daí o curso funcionava, a gente começava a debater, a produzir material. Mas era sempre isso, eles trazendo uma realidade como se não fosse a nossa realidade. Inclusive, eu lembro de um processo seletivo que eu participei para fazer uma pós-graduação na Veiga de Almeida, que seria financiado pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Onde eles trariam um método que foi aplicado nos Estados Unidos, agora eu não consigo me lembrar o nome da cidade, ou se foi um estado por lá. Enfim, um método aplicado lá e eles estavam fazendo um curso de pós-graduação aqui, baseado... Tinha até um livro texto que era... Claro que a pós-graduação não adotaria só um, mas, enfim, esse era o... como se fosse o mentor do curso. Mas uma coisa totalmente distante da nossa realidade. Eu fui até de coração aberto fazer essa pós-graduação, só que acabou que não... Fiz algumas dessas reuniões que o senhor falou, de troca, de formação, baseadas nesse livro, que agora infelizmente eu não me recordo. Cheguei a comprar o livro. Devo ter ele aqui em algum lugar, mas por falta de pagamento a pós-graduação acabou não saindo. Fiz todo o processo seletivo, vários professores se candidataram, selecionaram dez, eu estava entre os dez, mas não pagaram a Veiga de Almeida e o curso acabou não vingando.
[00:46:50]	Pesquisador	Está na moda o curso tentando adotar o modelo de educação da Finlândia. Toda hora você ouve falar que é o modelo de educação da Finlândia e tal. Como se fosse possível em um país com dimensão continental como o Brasil, uma realidade totalmente diferente, você adotasse o modelo de um país desse tamanhinho, uma outra realidade. Toda hora o pessoal fala desse modelo de educação da Finlândia que, aliás, tem umas pesquisas apontando que não está muito legal não. Tem um índice de suicídio muito alto entre os adolescentes na Finlândia e estão começando a investigar isso aí.
[00:47:28]	P9	Eu acho que uma coisa que muita gente acaba desconsiderando, como o senhor falou, um país muito pequeno, quem mora na parte norte e na parte sul não tem uma realidade tão diferente assim. Agora, num país de tamanho como o Brasil, são realidades infinitas dentro do mesmo país.
[00:47:49]	Pesquisador	Será que o menino...
[00:47:50]	P9	Na Finlândia... Um modelo para realidades tão diferentes não tem como dar certo.
[00:47:59]	Pesquisador	Será que o menino na Finlândia deixa de ir à escola porque a comunidade dele está sendo invadida pela polícia ou está em conflito entre duas facções? Ou será que ele chega na escola com fome?

[00:48:11]	P9	O menino na Finlândia fica de recuperação porque isso aconteceu com a gente lá. No final de 2022 deixamos alunos de recuperação só para terem mais duas semanas de merenda porque não tinham o que comer em casa. Quando a barriga está cheia, quando você não se preocupa com a sua vida, é muito mais fácil estudar. É indiscutível. Quando você primeiro tem que pensar no que você vai comer, sobreviver naquele lugar que vive, é até covardia exigir que aquele aluno seja...
[00:48:51]	Pesquisador	Essa semana eu questionando um aluno da noite, adulto, pai, casado e pai, desempregado, eu falei como é que você está vivendo? Tem aquela bolsa de R$600 e eu conto que o menino vai comer na escola. O filho dele de oito anos. Para eles o almoço é na escola. O almoço do menino é na escola.
[00:49:11]	P9	É. Quando ainda tem o que comer em casa. Porque tem deles que se não comer na escola, não comem. Não comem no termo. O dia inteiro. E a merenda, eu acho isso um pouco vergonhoso. Sabendo disso, tinha que ser uma refeição muito mais elaborada do que realmente é. Mas fazer o quê? A gente vai tentando quanto uma pessoa, a gente vai fazendo o que pode. Agora, é uma coisa que, para resolver, depende mesmo de ação de poder público. Enfim. Às vezes, por exemplo, a merenda é arroz, feijão e ovo. Não tem nada a mais. É pobre nutriente. É pobre. Uma pessoa que, tudo bem, eu merendar lá, vou chegar em casa, vou jantar, vou ter um sanduíche, vou ter outras coisas para comer. Tudo bem, eu comer arroz, feijão e ovo. Agora, quem só vai comer isso? Eu acho covarde. Entendeu? Fazer uma coisa certa. Uma criança que só tem isso para comer. Fazer o quê?
[00:50:26]	Pesquisador	Arroz, feijão e ovo é o almoço do JK segunda-feira, né?
[00:50:30]	P9	É normalmente segunda, né? Porque eles alegam que a comida está congelada, né?
[00:50:38]	Pesquisador	W., você atua de forma reflexiva crítica sobre suas práticas enquanto professor, estabelecendo um processo de melhoria contínua, considera que tua formação inicial pode fornecer o subsídio para trabalhar dessa forma?
[00:50:51]	P9	Olha, eu procuro atuar de maneira crítica em cima do que eu faço em sala de aula. Muitas vezes eu reconheço que não fui bem em determinada aula. Reconheço que a mesma aula acaba não funcionando para turmas diferentes. Não dá para querer pensar uma aula para uma turma de sétimo ano e achar que essa aula vai funcionar em outra turma. Isso eu faço até hoje. Eu penso a aula, aí aplico numa turma que foi muito legal. Aí chega na outra e não dá certo. Então, aí eu volto e acabo pensando nisso. Não, tem que pensar uma aula para cada turma. Aquela turma ali, como é que tem que ser, de acordo com a realidade dela. E outra formação, sim, assim, não dá para dizer que a formação foi suficiente para a realidade do que eu vivo hoje em sala de aula. Ajuda, claro que ajuda, a formação tem que, se não ajudar, não valeu de nada. Mas é aquela coisa, sala de aula é só sala de aula. Eu acho que nem se eu fizesse curso de licenciatura na melhor universidade do mundo, não conseguiria me preparar para a realidade da sala de aula na escola pública na Prefeitura do Rio de Janeiro. Então, tem coisa que é no dia a dia mesmo. Licenciando ali, usando, claro, o que você aprendeu, mas 100% pronto. Acho que nunca vou ficar. Vou me aposentar e não vou estar 100% formado para dar aula. Vai sempre ter uma turma que vai me exigir uma coisa diferente. Nos mais variados aspectos.
[00:52:50]	Pesquisador	Pesquisas apontam a necessidade de aproximação entre a universidade e a escola, entre o professor e o pesquisador, como um caminho possível para a melhoria do processo formativo. Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[00:53:08]	P9	Olha, eficaz sim, mas eu não tenho esperança de que isso aconteça. Assim, não em larga escala. Se a gente fosse ver isso como de verdade um plano organizado pelo poder público para melhorar a educação básica, eu não tenho essa esperança. Mas eu não tenho dúvida de que seria eficaz.
[00:53:33]	Pesquisador	Você recebe alunos lá de licenciatura para fazer aquele estágio de acompanhamento?

[00:53:39]	P9	Eu nunca recebi. Mas já vi colegas de outras disciplinas recebendo. Matemática, eu acho que nem eu nem nenhum outro colega de Matemática já recebeu ali. Mas de língua portuguesa, de biologia, tem.
[00:54:00]	Pesquisador	Fica uma coisa assim meio mecânica, um aluno vai, mas o professor que está dando aula para ele não vê qual é a realidade que o aluno encontra, não tem uma proposta de trabalho mais efetiva, é simplesmente observar e escrever relatório, apresentar e tal. Então, assim, numa visão de mudanças, de possível mudança na formação lá do aluno na licenciatura, essa aproximação, até para quebrar aquele que você falou lá, que o cara não tem noção do que ele encontra na sala de aula, o que o aluno dele vai encontrar na sala de aula, para tentar diminuir esse abismo, seria interessante a pesquisa
[00:54:40]	Pesquisador	Uma pesquisa mais próxima entre o pesquisador e o professor lá da ponta, lá da sala de aula. Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação de seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[00:55:01]	P9	O mais é a vontade de aprender, porque eu falo com eles o seguinte, nós temos aqui, se a gente for olhar para a estrutura da escola, a gente perde de lavada para a maioria das escolas de rede particular. Não tem, não dá nem para comparar. Pelo menos onde eu trabalho, sei que tem outras escolas na rede que são mais bem equipadas, mas onde eu trabalho, e tem aquela coisa também, por ser um ambiente onde frequenta gente muito pobre, eles acabam levando hábitos que eles têm no local onde moram. A parede é rabiscada, a mesa é rabiscada, é suja, o ventilador quebra, o ar-condicionado já não funciona há não sei quantos anos. Enfim, a cadeira não é muito confortável, a mesa que quebra, o quadro com buraco no meio, mas enfim, a estrutura a gente perde. Mas se a gente conseguir, dentro daquele ambiente ali, que não tem uma estrutura legal, uma infraestrutura legal, se a gente conseguir criar um ambiente acadêmico adequado, a gente tem tudo que a gente precisa para desenvolver uma educação de qualidade. E todo o resto só viria a agregar. Se o Data Show funcionasse, agregaria, se a gente tivesse outros recursos pedagógicos, ou outros materiais, agregariam. Mas o que precisa, de fato, nós temos, que são professor e aluno. Porque eu passei alguns anos na educação particular e todos os meus colegas só estavam na educação particular por um motivo, por dois, na verdade. Ou porque eles queriam complementar uma renda, queriam ganhar um salário um pouco maior, ou porque eles não conseguiam uma matrícula pública. Então, o professor que está na escola pública hoje, tem algo que o professor que só está na escola particular não tem. Talvez tenha uma exceção ou outra, alguém que consiga ser muito bem remunerado numa instituição particular. Isso eu estou falando a nível de educação básica. A nível de educação superior, não sei nem como funciona, porque ele não tem experiência de nenhuma maneira. Mas, enfim, eu entendo que o grosso dos professores que estão na escola pública, eles têm, sim, uma qualidade capaz de proporcionar uma educação de excelência. Então, se os alunos tiverem vontade, a gente consegue. Só que eu também já entro em outro aspecto. Eu me vejo, por exemplo, falei com o senhor essa semana que estava enrolado com o planejamento para entregar. Essa semana entreguei, consegui entregar os planejamentos. Mas semana, ano passado, estava assumindo um coordenador novo e ele acabou deixando de cobrar essas coisinhas de planejamento, planejamento de alunos incluídos, enfim. E só foi cobrar no final do ano, quando deu problema de um responsável exigindo o planejamento do filho dele, que era incluído. A partir daí, se nós, adultos, temos ali um trabalho, precisamos de cobrança para poder fazer nosso trabalho, imagina uma criança, um pré-adolescente, um adolescente que não tiver uma cobrança. Então, isso também acaba... A gente coloca nas costas do aluno, até o aluno tem que ter vontade. O aluno tem que ter vontade, mas também tem que ter uma família fazendo a parte dela. E a gente vê que quando tem, apesar de toda a dificuldade que a escola pública enfrenta, que os alunos da escola pública enfrentam com falta de estrutura e tudo mais, mas você vê resultado. Ano passado mesmo, nós tivemos vários alunos, se não me engano, para mais de 15 alunos de nono ano, que conseguiram ser

		aprovados nas mais diferentes escolas, Pedro II, FAETEC, CEFET. Enfim, foram muitos. Acho que, desde que estou lá, nunca vi tantos de uma vez, beirando 20. Acho que lá tem três turmas de nono ano, cada turma ali com perto de 35, 40 alunos. Se fossem 120 alunos, acho que 20 para a realidade da escola pública é um número muito bom. Muito bom. Não foi só passando para uma escola de um concurso que é mais fácil. Escolas de nome, Pedro II, CEFET e FAETEC. Achei isso muito legal. Porque são alunos que a família também tem o seu papel na educação do filho. A educação não pode ser só a responsabilidade da escola. E não é. Na Constituição, não diz que é responsabilidade da escola. Funciona em três pilares. O poder público, você tem a família e você tem a sociedade atuando na formação do jovem. Então, você largar isso. O poder público se faz presente através da escola. Se eu largar isso sozinho na mão da escola, não vai dar jeito. A gente fica com um aluno por quatro horas, quatro horas e meia. E o resto do dia, o menino está ou na mão da família ou na rua, precisa de algum apoio. Mas é muito complicado você colocar na cabeça da maioria deles de que eles precisam fazer a parte deles com relação à educação do filho deles. É muito complicado.
[01:01:11]	Pesquisador	Correto. Considerando seu curso de licenciatura, você considera que esta formação inicial te forneceu subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente? Descreva sobre elogios e críticas à sua formação. De certa maneira, você já respondeu também. Só para oficializar a pergunta.
[01:01:28]	P9	Eu acho que suficiente não. Claro que ajuda muito. Eu fico imaginando assim. Daria para encarar salas de aula sem passar. Claro que não. Daria para encarar salas de aula sem passar pela graduação. Mas é impossível. Acho que a melhor universidade do mundo não vai me dar formação suficiente. Porque tem coisas que é no dia a dia, ainda mais numa realidade como a nossa. É muito complicado. Eu fico olhando para uma turma onde eu tenho um aluno que, às vezes, se está na escola pública, não é rico. A verdade é essa. Tem condições financeiras, mas enfim. Mas você vê lá um aluno arrumadinho, você vê que o pai, pelo menos, se não tem condição financeira, ele se esforça para dar o melhor que ele pode para o filho, o pai, a mãe, com relação à alimentação, vestimenta e outros que vão com a camisa suja, furada, magro, que você vê que não é uma magreza genética, não é uma coisa da criança. É magro porque não come. Isso dentro do mesmo espaço, compartilhando o mesmo espaço, sala de aula. Como é que se prepara para lidar com isso? Eu nem sei se hoje em dia, mesmo já depois de 11 anos, se eu estou pronto ou não. Com certeza eu estou melhor do que antes. Me vejo em situação melhor do que antes para lidar com esse tipo de coisa. Mas pronto, não tem como. Nem a universidade, vai me fazer melhorar e tudo mais, mas pronto. Posso me aposentar, se Deus quiser, mas não vou estar.
[01:03:17]	Pesquisador	Estou em sala de aula há 27 anos. Próximo da aposentadoria já. Faltam cinco anos para me aposentar e até hoje eu me surpreendo. Até hoje a gente se depara com situações que nunca tinha visto.
[01:03:30]	P9	Entendeu? Imagina eu aí com meus míseros onze.
[01:03:36]	Pesquisador	Hoje em dia você chama o responsável de um aluno porque ele está dando problema e tal, quando chega o responsável você fica com pena do aluno.
[01:03:44]	P9	É verdade.
[01:03:45]	Pesquisador	O pai chega alcoolizado, a mãe chega com uma roupa... Outro dia chamaram lá no JK a mãe de uma menina que estava indo com um traje inadequado para a escola.
[01:03:57]	P9	Roupa cavada.
[01:03:59]	Pesquisador	Aí quando a mãe chegou o pessoal ficou todo olhando assim, o pessoal da orientação educacional ficou olhando e pensando como é que nós vamos falar para a mãe que a roupa da menina está inadequada?
[01:04:10]	P9	Que a dela...
[01:04:12]	Pesquisador	O menino de eletro, passou mal, vamos chamar teu pai aqui, tem que te levar para o médico e tal. Não, não, não chama meu pai não. Não chama não, não chama não. Quando chamou o pai, chegou alcoolizado.

[01:04:22]	P9	Já teve um caso de um aluno nosso que caiu da escada porque lá tem um anexo que foi construído muito depois do prédio original. Esse anexo é na parte superior. Tem um lance de escada e da parte original para o banheiro tem um lance para baixo. Então são dois lances. A menina foi ao banheiro, na volta ela tonteou e caiu, foi de cabeça no chão. Pá, bateu com a cabeça. Aí desmaiou, bota no carro, leva e a menina no hospital, que ele é próximo, num hospital estadual.
[01:05:05]	Pesquisador	É o Carlos Chagas.
[01:05:06]	P9	É o Carlos Chagas. Federal? Não sei qual. Acho que é estadual.
[01:05:11]	Pesquisador	Estadual.
[01:05:12]	P9	Aí a menina falou que tinha tomado três copos grandes de vinho. Menina de 14 anos. Ah, mas seu pai sabe, tomou com o pai. Foi para a escola. Quando o pai chegou na escola, ficou completamente alterado. Dizendo que não tinha que levar a menina para o hospital. A menina caiu no chão, bateu a cabeça, começou a convulsionar. Como é que você não vai levar a garota para o hospital? Vai esperar a garota morrer ali dentro? Não vai prestar o socorro? Foi no carro de um professor, que ainda se arriscou. Porque imagina a menina morrer dentro do carro dele. Mas aí é isso. Uma garota de 14 anos bebendo vinho. O pai oferecendo. E você faz o quê? O que você está fazendo? Você está falando que vê tudo isso no JK. Que já tem um filtro enorme pela questão do concurso. Imagina uma escola municipal que abraça todo mundo, que recebe todo mundo. Esse tipo de coisa lá não... É rotina. É rotina, infelizmente.
[01:06:23]	Pesquisador	Eu sempre penso nisso W. Eu sempre penso nisso. Se eu me deparo com determinadas situações, imagina quem dá aula lá no Jardim América, no Pedro Fernandes, lá na boca da favela da Fuque Mendes, do DIC, da FICAP.
[01:06:37]	P9	É isso que o professor falou. Eu ainda estou ali no centro de Marechal. Ainda tem o buraco ainda mais fundo. Ainda tem gente que se depara, apesar de ser escola na mesma rede, ou em rede estadual, enfim. Pela localização geográfica da escola, se depara com situações ainda muito piores. Coisas tão bem. Eu ali já vi esse tipo de coisa e imagino que tem coisas piores. Ou não consigo nem imaginar.
[01:07:05]	Pesquisador	Sua formação inicial te forneceu o subsídio para exercer a docência no atual contexto social, observando questões de etnia, gênero, raça e diversidade?
[01:07:20]	P9	De novo, suficiente não. A minha monografia falando sobre tantas sugestões de trabalhos a ter feitos com relação à aplicação da lei. Agora falha o número da lei. Se não me engano é 10.639, que é a lei que fala sobre trabalhos, sobre trabalhar cultura afro e indígena em sala de aula. E eu lembro que na época que essa lei apareceu, a lei, se não me engano, é de 2003. Se não me engano é de 2003. Ainda foi com o Lula. Era uma coisa que deixou os professores meio nervosos. Eu escrevi esse trabalho em 2007, 2008. E mesmo já tendo passado uns 4 ou 5 anos da lei, ainda era uma coisa que gerava... Não sei se dá para chamar de incômodo, mas fazia você coçar a cabeça. Como eu vou trabalhar isso em sala de aula? Então eu escrevi meu trabalho e me ajudou a trabalhar essas questões. Mas formação suficiente? Não. Suficiente não.
[01:08:36]	Pesquisador	Você já está se deparando lá na escola com alguma questão dessa de gênero? Chamar pelo nome social?
[01:08:43]	P9	Algumas vezes. Algumas vezes. Inclusive agora tem um aluno... Aluna. É muito complicado porque é de gênero fluido. Então há momentos... Pelo que eu pude entender, lá onde eu trabalho tem uma professora trans de arte. Ela é professora. Foi nascida do sexo masculino, mas se identifica como mulher. Ela mesma fala que o gênero fluido é complicado. Até ela se debruça mais sobre a questão. Ela tem dificuldade de entender. Você vê a aluna. Ela é menina, se maquia, se veste como menina, se interessa por menino, mas quer ser chamada por menino. Ela tem um nome social masculino. É difícil de entender. É difícil. Aprendi até que o pronome é diferente. Não é nem ela, nem ele. É uma situação muito nova para mim. Essa é muito nova. Agora de pessoas transgêneros, já tive outros também.
[01:10:12]	Pesquisador	Fluido eu não estou sabendo ainda. Estou começando no JK a trabalhar com trans recentemente.

[01:10:21]	P9	Trans eu já tive outros. Eu achava que essas questões não fossem aparecer ali por eles serem bem novos. Trabalho ali com alunos que vão de 11, 12 anos até normalmente 14 ou 15. Claro que tem os que vão ficando um pouco mais, 16, 17. Mas aí já... Eu achava que esse tipo de situação não fosse aparecer ali. Aparece sim. Homossexual tem bastante já bem pequenininho. Eles se assumem, se identificam. Mas isso sempre teve. Agora esses trans, transgêneros, gênero fluido. Gênero fluido é o primeiro. Já estava conosco lá desde o ano passado e continua esse ano.
[01:11:19]	Pesquisador	Última pergunta. Vou ler um texto aqui para você. Diversas pesquisas apontam para a necessidade de mudança nos cursos de licenciatura com vistas a oportunizar melhores condições de formação licenciado, tomando a formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos novatos em sala de aula. Você concorda com essa afirmação? Caso concorde, quais propostas de mudança apontaria como necessário aos cursos de licenciatura para tornar a formação inicial dos professores mais próxima da realidade a ser encontrada pelos novatos em sala de aula?
[01:11:56]	P9	Olha, eu concordo. Eu penso que, por exemplo, eu tive na minha graduação matérias como prática docente, filosofia da educação, enfim, onde a gente ficava discutindo muito, muito teórico, lia muito texto e eu achava isso muito curioso, porque de prática da educação mesmo não tinha nada. Eu esperava que a prática da educação fosse me ajudar tanto em questões burocráticas, na minha rotina, como diário, enfim, planejamentos, mas nada, não tive nada disso. E também com a prática, com o dia a dia, de ter o momento de vivenciar uma sala de aula, de entrar numa sala de aula real, praticar a aula, enfim, e não aconteceu. A gente ficava ali discutindo Vygotsky, Piaget, lendo textos de Paulo Freire, que é importante, claro que é importante, mas eu penso que para ser discutido, lido, debatido, tem outra disciplina, de prática. De prática tinha que me fazer praticar. Você fez mais uma pergunta?
[01:13:30]	Pesquisador	Eu perguntei se você concorda que tem que ter mudança, e se você tem alguma proposta mais concreta de algo que precisasse ser mudado na graduação, na licenciatura, para preparar melhor o professor com aquilo que ele vai encontrar dentro de sala de aula?
[01:13:49]	P9	Isso é até uma crítica que eu tenho também, inclusive ao PROFMAT que o mestrado voltado, deveria ser, para a parte profissional, o mestrado profissional, só que lá não tinha nada de sala de aula de educação básica, era uma Matemática pesadíssima, que tem seu valor, mas que não faz você pensar e discutir e melhorar o lado do professor da educação básica, a prática da educação básica. Eu acho que como proposta seria mais isso. Você pensar... Eu já falei isso aqui, no chão da escola. Como é que você vai fazer o professor se acostumar com a realidade da sala de aula? Colocando-o numa sala de aula, claro que o professor ainda em formação, deveria ter supervisão e tudo mais, mas isso existe até de certo modo, eu acho. Isso aqui é uma coisa muito pouca, como o senhor falou. A gente vai lá, preenche os relatórios, dá uma aula, uma aula avaliativa, onde a gente faz um planejamento, isso deveria ser mais rotina, deveria ser uma coisa mais rotineira e mais do que fazer esse tipo de coisa, mais do que dar uma aula, mais do que fazer um planejamento, era a gente ter um período, como se fosse uma cadeira mesmo, uma disciplina cortada, de estar ali na sala de aula todos os dias, vendo a problemática de uma sala de aula. Acho que importante seria também não só trabalhar com educação fundamental, com educação de nível médio, mas também jovens e adultos, porque a gente sai também com essa habilitação, podendo trabalhar, que é uma realidade completamente diferente. Isso, na minha experiência, só viventei no estágio, acho que nunca tive mais, mas era uma coisa completamente diferente, era... Parecia... Eu fiz estágio na mesma escola estadual, no turno da tarde e no turno da noite, parecia outra coisa. Era um ambiente muito mais calmo, muito mais tranquilo, mas a escola funcionava quase que através de projetos. Não era aula de Matemática, não era aula de português, não era aula... Era um projeto, enfim. Então, acho que essa vivência de sala, de estar ali diariamente, acho que a universidade deveria ter essa missão, deveria ter essa

		missão. Como fazer? Eu confesso que eu não sei. Eu confesso que eu não sei se através de uma disciplina que pudesse colocar o universitário dentro de sala de aula diário, por pelo menos um semestre, mais do que é através de um período de estágio.
[01:17:28]	Pesquisador	Algumas universidades estão fazendo o que se chama de residência pedagógica. Assim, meio que copiando a residência médica, onde o cara está lá no finalzinho da Medicina, ele vai para dentro do hospital, acompanha outros médicos, já começa a atender pacientes. Minha filha mais velha faz Medicina, ela já vai para o décimo período, então ela já está indo para dentro do hospital, atendendo algumas pessoas, no básico, com a supervisão de um médico formado e tal. A UERJ, pelo menos na licenciatura, está oferecendo a residência pedagógica, colocando o licenciando já, trabalhando junto também com o professor. Seria uma opção.
[01:18:16]	P9	Eu lembro que a Unigranrio fazia alguma coisa nesse sentido. Eles tinham uns CAPS deles, de colégios de aplicação. Agora não sei. Depois que eles venderam lá, a universidade foi dividida, saiu da família, passou para esse grupo aí. Não sei como é que está. Mas, mesmo quando eu estava lá, a gente fazia um período, mas era só fim de semana. Não era diário, nem era o fim de semana todo, era um sábado. A gente passava uma manhã no CAP, mas a ideia não era... Primeiro, não é a realidade da escola pública. Segundo, era sábado, não tinha frequência obrigatória. Você já reduzia muito ali. Tinha dez alunos por turma, às vezes doze, às vezes menos. Mas, enfim, em torno de dez já não era mais a realidade nem da própria escola. E, ainda no meio do caminho, eles terminaram com o projeto. Então, ficou meio que sem nada. Ficou sem nada. Eu acho que isso é importantíssimo, essa questão da... Como você falou aí, da residência, da educação. Não tinha pensado no nome, mas...
[01:19:34]	Pesquisador	Residência pedagógica.
[01:19:37]	P9	Residência pedagógica.
[01:19:41]	Pesquisador	Ok, W., agradeço a sua participação. Vou encerrar aqui a nossa gravação e a gente pode continuar conversando.
[01:19:48]	P9	Tá bom, eu que agradeço.

Transcrição da Entrevista Realizada com a Professora P10

Tempo	Pessoa	Verbal
[00:00:16]	Pesquisador	Para começarmos, me diz seu nome completo e a sua idade.
[00:00:21]	P10	Bom, meu nome é P. H. A. M., tenho 36 anos.
[00:00:28]	Pesquisador	Qual curso de graduação você realizou, P.? A instituição e o ano de conclusão?
[00:00:34]	P10	Eu fiz a graduação em licenciatura em Física e bacharelado em Física. A licenciatura eu fechei em 2009 e o bacharelado, deixa eu confirmar, acho que em 2011, mais ou menos isso. 2010, talvez.
[00:00:55]	Pesquisador	Sim, na UERJ, né?
[00:00:57]	P10	Isso, na UERJ.
[00:00:59]	Pesquisador	Há quantos anos você atua como professora?
[00:01:05]	P10	Deixa eu ver. Eu comecei a dar aula oficialmente em 2011 no Estado. Isso, aí de lá para cá...
[00:01:20]	Pesquisador	Direto.
[00:01:21]	P10	Tô direto, isso.
[00:01:22]	Pesquisador	Só foi mudando de instituição.
[00:01:24]	P10	Isso. Na verdade, teve uma mudança, né, nesse caminho.
[00:01:29]	Pesquisador	Você realizou algum curso de pós-graduação, lato sensu, mestrado e doutorado? Caso tenha realizado, me diz aí a instituição e mais ou menos o ano de conclusão.
[00:01:40]	P10	Fiz mestrado, doutorado em Física, também na UERJ. O mestrado eu terminei em 2011 e o doutorado terminei em 2016, os dois na UERJ, no caso.
[00:01:59]	Pesquisador	Lato sensu você não chegou a fazer, assim, nenhuma pós, não? Voltada para a educação?

[00:02:06]	P10	Não, não. Minha pós-graduação toda, mestrado, doutorado, são na área de Física teórica. Não chegou a ser associada a parte de ensino nem educação.
[00:02:20]	Pesquisador	Correto. Considerando que você realizou o ensino médio, técnico em eletrotécnica, por que optou pela licenciatura?
[00:02:31]	P10	Na verdade, a minha ideia na época era fazer ou algo associado à Física ou associado à Engenharia Elétrica, que eu acho que era o mais natural da época. Como eu tinha uma facilidade do ponto de vista de interação com os colegas, em biblioteca, para ensinar algumas partes da Física, alguns assuntos, eu comecei a gostar mais do que eu já gostava. Tive professores também que me ajudaram muito nessa... me inspirando a seguir para essa área. E aí, no meu primeiro vestibular, acabei passando para Física inicialmente. E eu decidi começar a fazer para ver se realmente era aquilo, ou se eu tentaria Engenharia Elétrica depois. Acabou que eu gostei de Física e fiquei de vez.
[00:03:25]	Pesquisador	Essa seria a minha próxima pergunta. Mais especificamente, por que a Física? Eu fiz uma pergunta da licenciatura. Você diz que por conta de ter ajudado teus colegas, em biblioteca... Aliás, a grande maioria que eu estou entrevistando fala que o gosto pela licenciatura surge assim, né? De você começar a verificar que tem facilidade de ensinar seus colegas e tal. Inclusive, eu estou com esse exemplo até dentro de casa. Eu tenho a minha filha mais nova hoje fazendo licenciatura em Matemática na UERJ. Ela fazia curso médio e técnico também, em automação, no SENAI. E eu pensei que ela ia para a Engenharia e tal. Aí lá no meio do ensino médio, começou a ajudar os colegas, e o professor de Matemática começou a dar força e tal. E ela partiu para a licenciatura em Matemática. Agora, está no sétimo período de Matemática na UERJ. Então, mais especificamente, por que a Física? Você gostou de dar aula e tal. E por que especificamente a Física?
[00:04:36]	P10	Ah, porque eu acho que... Na verdade, em termos de notas, eu acho que eu tive notas melhores na época do ensino médio, até em Matemática, em relação à Física. Então, realmente, parando para pensar, poderia ter sido em Matemática a primeira opção, se pensar em licenciatura. Mas eu acho que a Física, o fato de você conseguir matematizar o que você enxerga na natureza, a possibilidade de escrever o que você está vendo, não só por palavras, mas com Matemática, eu acho que essa foi a principal motivação. Eu descobri que isso era possível. E foi o que aconteceu no ensino médio. Como eu falei, eu também tive muitos professores, tanto do técnico quanto do médio, que me inspiraram muito nessa parte. Até você mesmo, professor, apesar de ser uma coisa mais técnica, mas ainda assim tinha a Física por trás. Então, acabou que eu preferi a Física nesse caso.
[00:05:56]	Pesquisador	Entendi. Descreve as suas experiências profissionais vividas até hoje, considerando também aquelas exercidas fora do magistério. Você terminou o técnico, eu lembro que você chegou a fazer estágio na fábrica de fotocélula, não foi?
[00:06:12]	P10	Foi, foi lá na Sthil Eletrônica. Fiz. Eu fiz o estágio lá, mas eu acabei entrando direto para a graduação, então eu não cheguei a trabalhar como técnico. Na verdade, eu tinha muito receio até de trabalhar como técnico, eu tinha mais uma... porque, eu não sei, tinha uma questão ali de, talvez, de insegurança de trabalhar com a mão na massa. Eu acho que a minha parte é uma coisa mais... sempre foi uma coisa mais teórica mesmo. Então, no final das contas, eu não precisei do técnico, eu acabei que... usando mais o técnico para poder colaborar na minha vida pessoal mesmo, dentro de casa e tal. Sempre que eu podia fazer alguma coisa que eu sabia fazer ali, com relação à parte de eletricidade, eu tentava fazer tudo. Então, fora isso, eu não cheguei a trabalhar fora do magistério, não.
[00:07:15]	Pesquisador	Entendi. Então, só o estágio, aí partiu direto para a licenciatura, aí terminando a licenciatura, tu teve experiências já como professora.
[00:07:26]	P10	Experiências profissionais, no caso, como professora já dentro de sala.
[00:07:34]	Pesquisador	Isso. Tudo em geral. Aqui eu quero saber em geral das suas experiências profissionais.
[00:07:40]	P10	Então, por exemplo, eu dei aula particular, né, um bom tempo. Isso já no meio da graduação. E, essencialmente, fiquei um bom tempo em aula

		particular. Acabei pegando também, dei aula numa escola de bairro pequena, né, aquela coisa... Terminando a graduação, mas... Depois disso, eu comecei a enveredar mais para a parte de pesquisa, lá na UERJ. Que aí eu já tinha a bolsa de iniciação, dei umas aulas particulares, e aí terminando a licenciatura, já fiz a prova para o mestrado. Aí eu acabei passando com bolsa, que aí eu consegui ficar mais tranquila com relação a me manter estudando e trabalhando na pesquisa com essa bolsa de mestrado. E aí eu parei de dar aula particular nessa época. E só comecei com o Estado, que foi um emprego oficial de professora, já em 2011, quando eu já tinha entrado no doutorado. Que aí eu já tinha conseguido a bolsa, e foi naquela época que pude começar a fazer o trabalho, né, conciliar o trabalho com a bolsa de pesquisa, de doutorado e mestrado. E aí daí para frente foi só mesmo dentro da escola e atualmente no CEFET.
[00:09:22]	Pesquisador	Seu ingresso no Estado foi contrato ou foi concurso?
[00:09:25]	P10	Foi concurso.
[00:09:26]	Pesquisador	Depois você se exonerou para assumir a vaga no CEFET?
[00:09:31]	P10	Isso, exatamente, que foi em 2014.
[00:09:34]	Pesquisador	Entendi. Então de 2011 para cá, direto no magistério, né?
[00:09:38]	P10	Isso.
[00:09:39]	Pesquisador	E você nunca saiu assim para as escolas particulares conciliar com a escola?
[00:09:44]	P10	Não. Na verdade, na época do Estado, eu acabei também, acho que um pouquinho depois, em 2013 mais ou menos, isso, eu também dei aula na UERJ. Aí sim, foi com um contrato, que aí foi no Instituto de Matemática e Estatística da UERJ. Eu dei aula de equações diferenciais ordinárias.
[00:10:16]	Pesquisador	Entendi. Você sai também para a Matemática, né? Eu vejo que você posta lá que está dando aula sexta-feira à noite, né, de álgebra linear. Quando você posta lá, eu estou dando aula também sexta-feira à noite.
[00:10:31]	P10	À noite.
[00:10:32]	Pesquisador	Isso aí ninguém merece nos últimos tempos da noite de sexta-feira.
[00:10:37]	P10	Sexta-feira, exatamente.
[00:10:39]	Pesquisador	Estou dando aula de instalações elétricas nos últimos tempos de sexta-feira até 10 horas da noite. É brincadeira.
[00:10:46]	P10	Ainda bem que é uma matéria legal, porque instalações eu gostava.
[00:10:49]	Pesquisador	Não, é uma matéria... É chato eu falar isso, né, mas eu considero a matéria mais importante do curso, porque como você falou agora há pouco aí, você faz umas coisinhas em casa e tal, né, consegue fazer umas coisas em casa. Aí quando eu saio à noite lá do JK, eu moro em Vista Alegre. Aí eu passo ali no polo gastronômico de Vista Alegre, né, de carro, aí fico olhando todo mundo tomando chopp, sentado, rindo. Aí eu falo, eu aqui dando aula com... Pô, ainda sexta-feira à noite.
[00:11:24]	P10	Exatamente.
[00:11:27]	Pesquisador	A próxima pergunta, na verdade não é uma pergunta, descreva seus primeiros anos como professora. Primeiro impacto com a turma, relatando as dificuldades que você encontrou, se você teve apoio ou não, quais foram esses apoios, o que você fez para superar as dificuldades, né? O que você utilizou para vencer esses possíveis obstáculos? Porque eu tenho feito, logicamente, uma pesquisa para poder respaldar esse meu trabalho. E quase todos os autores, todos os autores, eu diria, apontam esse... tem um autor específico que chama isso de choque inicial, né, aquele primeiro contato com a turma. Você estudou a Matemática, a Física e tal, mas quando você caiu lá, especificamente naquela escola do Estado, não sei se foi o ensino médio, provavelmente foi o ensino médio, como é que foi esse teu primeiro contato?
[00:12:25]	P10	Então, com relação a... Porque assim, eu tive, na verdade, se você parar para pensar, foram dois momentos nesse que você falou, entre aspas. O que você considera, que eu falei para você, como oficial, que é na questão do Estado, e como eu dei aula antes numa escola pequena de bairro, acaba que... Também sei. Qual que eu posso falar do...?
[00:12:49]	Pesquisador	A primeira. A primeira foi a escola de bairro, na verdade, né?
[00:12:52]	P10	É, no caso, eu sinceramente não senti tanto impacto, na verdade, posso te falar isso com tranquilidade, porque eu acho que, quando eu fui

		começar a dar aula, eu usava muito isso quando eu dava aula particular também, né? Quando eu ajudava os colegas e tal, eu tentava fazer eles entenderem de uma maneira que eu não via que os meus professores, vários deles, não conseguiam ir. Eu tentava usar caminhos que eu não via eles tentando usar. Hoje em dia, eu entendo por que não tentavam usar. Muitas vezes pela questão do tempo, né? De como que... Se vai ser possível explicar alguma coisa por um caminho mais longo, porém mais completo. Será que todo mundo vai conseguir pegar essa maneira de ensinar? Porém, eu não pensei nisso na época. Eu simplesmente fui lá e estava decidida na turma, na primeira aula, a ensinar dessa maneira, de uma maneira, num caminho um pouco mais longo, mas que tivesse uma quantidade maior de informação. Então, assim, eu acho que acaba que eu tinha um pouco de carisma também para ensinar. No final das contas, eu acho que eu acabei agradando à turma, né? Inclusive, era uma turma de jovens e adultos. Minha primeira experiência em sala foi com jovens e adultos, na verdade. Então, é como eu tentava ensinar de uma maneira mais... Tentando pensar mais, aprofundar mais aquilo que estava sendo falado, eu acho que no primeiro momento eles gostaram bastante. Eu também me senti bem à vontade. Então, sim, do ponto de vista de ter receio, ficar com... ficar muito nervosa e tal, eu acho que eu não cheguei a ter isso, de fato, nesse momento. Até porque... Eu não sei, assim, eu nem contava, na verdade, de ficar, de fato, trabalhando lá nessa escola. Como eu tinha falado, eu estava mais ali para cobrir um buraco, na verdade, de um outro professor. Então, eu meio que fui lá para fazer uma colaboração. Mas aí, inclusive, como os alunos gostaram de mim e tal, a direção também achou interessante e me manteve lá por um tempo.
[00:15:23]	Pesquisador	Entendi. E nessa fase, você teve, assim, apoio pedagógico? Alguém foi olhar a tua aula, dizer se você estava trabalhando de forma correta?
[00:15:32]	P10	Não, eu nunca tive isso. Em nenhuma etapa, na verdade.
[00:15:38]	Pesquisador	Nem nas outras etapas que você descreveu do Estado e atualmente da tua instituição?
[00:15:43]	P10	Não. Em sala, nunca. Na verdade, eu acho que a única vez que eu tive uma aula que foi vista foi no meu estágio, inclusive, estágio docente. Foi em Prática de Ensino. Prática de Ensino... Acho que era Prática de Ensino, o nome. Isso mesmo.
[00:16:08]	Pesquisador	Após essa fase inicial do magistério, que é descrita aí na literatura como choque inicial, você poderia descrever como foram os anos seguintes? Assim, se possível, em etapas até aos dias atuais? Você passou por essa fase inicial, usou essa estratégia aí que você descreveu, ensinava de uma maneira diferente, que você julgava ser mais efetiva e tal, e depois você continuou com essa prática, melhorou, mudou? Como é que você poderia descrever até hoje?
[00:16:40]	P10	Então, acho que assim, não consigo pensar 100%, vou tentar ver o que eu vou lembrando, mas nessa linha do que eu falei, a questão de tentar ensinar as coisas de uma maneira mais profunda, eu percebi depois de um tempo, primeiro que muitas vezes eu acho que acabava se tendo muita informação para os alunos em geral, e muitas vezes eles não tinham maturidade para compreender como um todo, como eu acreditava que eles compreenderiam. Então, tive que começar a mudar essa estratégia assim, e comecei a tentar partir para a parte de analogias também, fazer analogias dos assuntos que eu estava tratando com alguma coisa que era mais familiar. Então, inclusive, na época da minha defesa de monografia de licenciatura, eu fiz uma monografia associada a isso, modelo analógico para ensinar eletricidade, inclusive, circuito elétrico. Então, eu comecei a pensar muito que isso seria uma coisa interessante, não só deixar o trabalho, apresentar a Física de uma maneira impecavelmente formal, conceitual, também muito precisa, para tentar, eu comecei a tentar sair um pouco dessa precisão absurda e desse formalismo absurdo para tentar minimamente colaborar com a aprendizagem significativa dos alunos. E assim, confesso que até hoje é um desafio para mim, colaborar com esse aprendizado significativo, essa aprendizagem significativa justamente por uma série de outros fatores, mas eu acho que ensinar dessa maneira, vendo sempre a cada turma, como que era o comportamento dela, com aquela estratégia mais

		lapidada que foi acontecendo aos poucos, fazendo dessa forma, eu acho que eu consegui desenvolver de uma maneira bem, vamos dizer, bem única de trabalhar, e que aí colabora melhor nesse sentido. Acabei me perdendo um pouquinho nessa parte.
[00:19:29]	Pesquisador	Não, esse autor que fala do choque inicial, ele vai descrevendo depois as fases do professor, e eu acho engraçado assim, escutando os relatos aqui, e até fazendo uma análise da minha vida mesmo como professor há 27 anos, encaixa certinho, ele fala que passado o choque inicial você estabiliza, você começou a usar aquela técnica e tal, aí depois você diversifica, que é o que pelo que eu entendi você está fazendo, está buscando mudar e tal, está batendo mais ou menos com o seu tempo de magistério. Aí depois vem uma fase chata, P., que você vai pôr-se em questão, poxa, será que eu consigo mudar? O sistema vai te convidando a desanimar, e você não pode desanimar com isso, mas vai ser convidada a desanimar. Depois que passa essa fase do desânimo, você entra na fase que eu estou, de 25 anos em diante, que é a serenidade. Você já sabe o que aconteceu, o que vai acontecer, já sabe trabalhar pelo que você aplica, pelo que não aplica. No final vem o conservantismo, você já está se preparando para sair. Eu já estou entrando no conservantismo, já estou me preparando para sair. Mas legal, quase todos que eu entrevistei aqui, eu acho legal que você lê, aí até fica assim, será que isso é real mesmo? Aí quando você começa a escutar a história de vida das pessoas, você vê que realmente o que o cara escreveu faz sentido. Próxima pergunta, como é a professora P.? Que característica você atribuiria à sua identidade profissional? Era a professora mais rígida, tipo Raed?
[00:21:18]	Pesquisador	Meio termo, Carlos Henrique? ou PC?
[00:21:27]	P10	Olha, eu nem tive aula com PC, na verdade. Eu vou falar a verdade, eu acho que assim, em nenhum momento eu peguei aquela possível vontade que alguns professores têm, principalmente das exatas, de tentar despejar num aluno tudo aquilo que ele recebeu, do ponto de vista de rigidez e tal, de uma cobrança muitas vezes desnecessariamente excessiva, até uma cobrança que não leva em conta a própria maturidade, a própria fase que a pessoa se encontra naquele estágio da vida. Então, eu acho que, assim, nesse caso, eu acho que sou uma professora que tenta escutar muito o que a minha turma tem de demanda. E eu tento ser uma pessoa fluida no sentido de cada turma vai ter um comportamento e eu vou ter que lidar com aquilo. E eu já internalizei que vai acabar sendo uma transformação a cada turma que eu tenho. Então, assim, eu acho que eu inclusive chego a ser uma pessoa que acaba maternando muito em sala, para caracterizar assim melhor. A rigidez eu acho que eu tento definir de uma maneira sempre entendendo que o aluno não vai sair dali para fazer Física, que o aluno não vai sair dali para fazer Engenharia ou Matemática. Que o aluno ali está em uma formação geral, que ele vai poder fazer qualquer curso ou até mesmo trabalhar um técnico dele. Então, no caso do CEFET agora. Então, eu acho que eu sou a professora que quer ensinar Física, que quer ensinar Matemática, mas de uma maneira realista. Ou seja, o que vai ser de útil para ele naquele curso? E não simplesmente eu pré-estabelecer o que ele tem que aprender formalmente ou conceitualmente, mas sim as habilidades que ele desenvolver ao longo do curso. A raciocínio, a maneira de analisar um problema, a questão de tentar pensar de maneira mais sistemática. Eu acho que isso para mim me define muito como professora. Essa preocupação que eu tenho em ensinar Física e Matemática já passou da parte, já foi mais essa a minha vontade no início de ensinar uma coisa mais formal, mais conceitualmente precisa. E agora fica mais no sentido de fazer o aluno despertar o raciocínio dele, despertar as habilidades para se aprender Física e Matemática. E assim, obviamente, se ele não for trabalhar com nada associado a isso no futuro, que essas habilidades que ele utilizou fiquem nele para ele utilizar em outros problemas da vida. Acho que é o que eu falo muito para eles é isso. Então, se fosse a professora, a professora que materna muito, que ouve demais a turma, que não está preocupada com, num primeiro momento, com uma nota, com um teste

		de conhecimento, é um risco nesse sentido. Mas sim com a habilidade, com o crescimento que vai tendo ao longo do curso. E isso eu tenho visto acontecer. Pego alunos do primeiro ano, pego alunos do terceiro ano e são completamente diferentes na maneira de pensar Física, na maneira de pensar Matemática. Mesmo que, conceitualmente, muitas vezes não seja o mais preciso possível. Ou matematicamente até.
[00:25:44]	Pesquisador	Correto. A tua formação inicial, curso de licenciatura, contribuiu para a construção dessa identidade profissional? Dessa maneira de trabalhar?
[00:25:54]	P10	Contribuiu. Contribuiu sim. Eu acho que eu tive a sorte também de ter uma orientadora de monografia, que foi muito importante nessa parte, a professora Glória, da UERJ. Ela, bem ou mal, nas matérias que ela deu na própria licenciatura, alguns textos importantes, algumas práticas docentes interessantes na época, um enfoque de ciência, tecnologia, sociedade, a questão dos modelos analógicos para aprendizagem significativa. Então, eu acho que principalmente essa parte contribuiu muito. Mas eu também acho, não tenho certeza, que a minha bagagem teórica, experimental, que não foi a melhor do mundo, mas por uma questão de habilidade minha mesma, sempre fui mais para a parte teórica, eu acho que contribuiu bastante também. Principalmente, pode parecer que não, para algumas pessoas, mas eu acho que a própria pesquisa na Física dura mesmo, na parte de cosmologia, na época que foi que eu trabalhei na iniciação científica, me ajudaram muito nessa parte. Ensinar Física clássica no ensino médio, conhecendo uma Física mais contemporânea, trabalhar com coisas mais atuais, tenho certeza de que foi fundamental. O mestrado e doutorado, então, nem se fala.
[00:27:41]	Pesquisador	Eu conheci a professora Glória recentemente, ela faz parte desse programa de doutorado, mestrado do CEFET, voluntária, igual a Giselle, Giselle Faur, que eu acho que também deu aula para você.
[00:27:55]	P10	Na verdade, na época ela era tipo uma, se não me engano, acho que ela era aluna, não lembro se de mestrado ou doutorado, da UFF, foi da UFF que ela fez não?
[00:28:05]	Pesquisador	Foi, foi.
[00:28:06]	P10	Acho que ela colaborava com a Glória lá eventualmente. Não sei se foi pesquisadora, convidada, não lembro realmente como é que foi.
[00:28:15]	Pesquisador	Hoje ela é concursada na UERJ, virou DE agora, porque eu fiz o mestrado com ela na Unigranrio, e ela foi minha orientadora na Unigranrio, no mestrado. Mas recentemente ela pediu demissão na Unigranrio, porque assumiu dedicação exclusiva na UERJ e é voluntária no CEFET também. Hoje ela me orienta também no CEFET. Eu fui para esse programa de doutorado, assim, por influência dela. Ela ficou insistindo, faz doutorado, faz doutorado, mas o tempo nunca permitiu. Eu tenho 60 horas na FAETEC, eu tenho 20 horas no SENAI, ainda faço uns trabalhos de Engenharia por fora, então o tempo nunca permitiu. Na pandemia, estava em casa, mais nesse ensino remoto, tive tempo de fazer um pré-projeto e participar da seleção e tal. Aí consegui entrar, tive a oportunidade de fazer a maioria das matérias obrigatórias ainda remotamente. Aí a vida me trouxe para onde eu estou agora aqui, enrolado com esse negócio, entendeu? Esse feriadão agora, quatro dias sentadinho aqui nesse computador, fazendo as transcrições e tem que começar a fazer análise de dados, mas vamos lá, né? Dá-se um jeito.
[00:29:34]	P10	A Giselle, inclusive, ela foi, se eu não me engano, depois você pode perguntar para ela. Ela fez iniciação, se eu não me engano, em Cosmologia, iniciação científica. E eu acho que foi com o meu orientador, que foi meu orientador de iniciação ao mestrado doutorado, o professor Rudney. Então, depois se você quiser até perguntar para ela, para confirmar se essa história era ela mesmo, mas eu acho que foi ela. E não tinha nada a ver com educação na época, se eu não me engano.
[00:30:06]	Pesquisador	Eu conheci também lá um professor que trabalha com ela, que é o José Cláudio.
[00:30:18]	P10	Que era professor do... ele era professor de outro lugar, não era? Acho que do Estado, se eu não me engano, antes.
[00:30:24]	Pesquisador	Não sei.
[00:30:24]	P10	Eu acho que foi ele que... acho que foi uma monografia ou uma dissertação, não lembro, com trabalho de algum modelo analógico dele.

		Eu acho que foi ele que foi o que eu usei como base ali para fazer a minha monografia. Se eu não me engano, é isso. José Cláudio.
[00:30:45]	Pesquisador	Considerando que, segundo Tardif, que é um autor aí da educação, ele considera que a identidade profissional de um professor se constrói ao longo da vida. Em que momento da tua trajetória você identifica etapas de construção dessas características que formam sua identidade profissional? Você pode considerar desde sua época como aluna?
[00:31:07]	P10	Na verdade, sim. Para a formação da identidade profissional, pelo que eu estou entendendo, então, acho que começa na época que eu... poderia pensar inicialmente na questão de ajudar os colegas na biblioteca, para estudar alguma prova. Inclusive, eu não sei se você lembra, tinha o... Eu não sei se vocês conhecem, mas o Thiago Barcelos, que o apelido dele era Pitoco, que era da minha turma. E ele era um daqueles alunos que eram mais metidos a esperto e tal. Ele normalmente não tinha notas tão boas, justamente por essa vibe dele. E aí eu o ensinei, antes de uma prova de Física, de ótica, eu ensinei para ele a ótica toda da Física da prova em menos de, sei lá, em um dia, talvez. Aí ele, depois daquele dia que eu ensinei para ele, ele gostou, estudou aquilo ali por uma semana, e nessa prova ele tirou 10, e eu tirei 9,5. Foi uma coisa assim. Então...
[00:32:26]	Pesquisador	Tirou dez, superou o mestre.
[00:32:30]	P10	Exatamente. Exatamente.
[00:32:30]	Pesquisador	Exatamente. Exatamente. nome não me é estranho não, mas eu não consigo fazer associação à pessoa, né? Porque quando fala o nome, me vem a imagem na mente. Mas eu não consigo fazer associação, pelo menos o Thiago tem muitos, né?
[00:32:43]	P10	Não, pois é. Naquela época era Thiago V., Thiago B...
[00:32:47]	Pesquisador	O T. V. eu lembro, o FM. Esse aí eu lembro, porque esse cara me dava uma dor de cabeça terrível. Era chato pra cacete. Agora, ele veio palestrar no fórum aqui do JK. Um dos temas do fórum foi... Eletro JK, não gostei, e aí? Era um ponto de interrogação. Aí eu trouxe só pessoas que estão fora da área hoje. Trouxe um médico, trouxe um advogado, uma arquiteta e o oficial do PM, que foi o T. V.. Hoje é uma pessoa totalmente diferente.
[00:33:23]	P10	Exatamente.
[00:33:25]	Pesquisador	E era muito chato aquele garoto na sala de aula, meu Deus do céu. Para você ver como é que a vida toma outros... Teve um entrevistado aqui, entrevistei ele aqui nesse lance do doutorado. Ele era um aluno também problemático pra caramba, né? Bagunceiro para cacete, nunca ficava em sala de aula, nota baixa e tal. Aí quando eu fiz essa pergunta a ele, como é que é a sua identidade profissional? Eu sou um cara rígido, eu cobro e tal. Aí ele olhou assim e riu. Aí falou, pode parecer sacanagem, mas eu sou um professor rígido. Eu falei, não tô falando nada. Você hoje é um adulto, você foi meu aluno criança. Vocês todas estão relatando para mim, o mais novo que passou por aqui tem 32 anos. 32, 34, 36, 40. Já passou um rapaz aqui de 40 anos e tal. Vocês foram meus alunos com 16 anos. Vão ser a mesma coisa hoje?
[00:34:23]	P10	Não. Exatamente.
[00:34:25]	Pesquisador	Sinceramente, eu me assusto aqui, assusto no bom sentido. Poxa, com a qualidade das entrevistas que eu estou realizando, o que vocês trazem, o que vocês fizeram, como estão trabalhando e tal. Poxa, eu fico assim de boca aberta, sinceramente. De alguma forma, né, mínima, eu participei da formação de vocês.
[00:34:51]	P10	Foi mínima também não, professor, que isso. Eu me lembro até hoje do primeiro projeto que eu fiz, que você falou comigo. Lá em Instalações 1, que ali você falou, você até perguntou se eu já tinha feito algum curso antes e tal. Porque tinha sido um bom trabalho, mas na verdade aquilo ali era realmente porque eu tinha gostado muito da aula, da maneira de ensinar, enfim, tudo encaixou.
[00:35:18]	Pesquisador	Você falou um ponto fora da curva, né, pra cima, acima da curva. Eu me lembro uma vez o Raed de fazer um comentário, dizia quem era bom, quem era ruim e tal, tal, tal. Você não se destacava muito assim, né, mais calada e tal. Não mostrava que era top, né, como alguns que gostam de se mostrar e tal. Ele falando, aluno, tal, não tal, eu falei, espera a prova, tal, que você vai ver. Aí ele veio com a sua prova e me

		mostrou assim, tirou 10, eu acho, ou 9 e pouco, né, que para ele era uma coisa que eu acho que até ofendia ele. Aí ele, aqui, olha, não tem um apagado. Fez a prova direta, não apagou nada, olha aqui e tal, bem que você falou, né e tal. Me lembro dessa passagem. Porque o nosso santo não batia bem não, entendeu? Eu tinha uma maneira de trabalhar e ele tinha outra, a gente tinha uns atritos assim nessas questões, né. O 125,5 para ele não era a mesma coisa que 125,4, acho que você deve lembrar disso, né.
[00:36:28]	P10	Na verdade, eu lembro da quinta casa decimal que ele falava.
[00:36:31]	Pesquisador	Isso, isso. Você procede com a mesma identidade profissional em todas as turmas que você leciona?
[00:36:44]	P10	Eu acho que sim, assim, eu acho que sim, eu mantenho uma base comum a todos, mas tem uma parte que está associada muito a qual é a relação de afeto que eu tenho com a turma e que a turma tem comigo. Então, quando esse afeto no sentido de você ver que as pessoas estão ali realmente, de alguma forma gostam da sua aula, gostam de você como pessoa, né. Eu acho que quando eu tenho esse entendimento de que a turma gosta, curte estar ali, mesmo quando ela não gosta muito da matéria, como eu já ouvi várias vezes vários alunos falando, ai professora, você é ótima, mas a Física é muito... enfim, então assim, eu acho que existe a base comum, eu mantenho, né, que é a questão de ouvir a turma, tentar fazer tudo aquilo que eu conversei antes, mas quando eu tenho essa relação, essa troca nesse nível, eu acho que aí que é o diferencial para cada turma.
[00:38:06]	Pesquisador	Entendi. Realmente faz parte, né. Você é um ser humano, né, passivo também de gostar e não gostar, né, da maneira como você é tratado, né. Eu tenho, assim, um problema assim, quando eu tenho algum tipo de falta de empatia com uma turma, geralmente é uma turma da noite formada por pessoas que já trabalham na área, sabe, porque eles vão em busca de um diploma, já trabalham como eletricistas e eles não está ali assim abertos a aprender alguma coisa. Recentemente eu estava dando aula de instalações à noite, estou dando aula para essa turma ainda, essa turma de sexta-feira que eu falei para você, aí falando de dimensionamento de eletrodutos e tal, aqui é meia polegada, três quartos de polegadas, aí um camarada falou: Para que essa besteira de fazer cálculo? Poxa, eu coloco logo tudo de três quartos. Eu falei, pronto, acabou o curso de instalações, gente, vamos lá, utiliza fios de 2,5mm, disjuntor de 20 A e eletroduto de 3/4. Se for chuveiro, coloca fios de 10mm e disjuntor de 40 A. Olha aí, acabou a matéria de instalação aqui, acabou, pronto. O Auri resolveu tudo para a gente, eu não vou dar mais aula. Ele ficou sem graça.
[00:39:39]	P10	Exatamente. Tem que tomar cuidado, inclusive, para não punir a turma de alguma forma, né, do tipo, ou faz uma prova, monta uma prova que seja, você descuida mais do nível dela, né, para aí, às vezes, você acaba sendo, saindo de uma prova mais complicada. Porque, assim, eu fico com isso. Normalmente, quando eu penso numa turma e eu sei que tem o mínimo de troca, eu costumo também, até inconsciente, eu acho, fazer alguma coisa melhor, mas bem cuidada, vamos dizer nesse sentido, de saber o nível da turma, saber quais são as dificuldades que ela tem. Agora, quando é uma turma que eu não gosto, realmente, assim, eu fico me policiando, tomando sempre cuidado, para não ser injusta também e deixar isso influenciar no trabalho para algumas situações dessas, né. E é difícil, muitas vezes.
[00:40:46]	Pesquisador	Até porque nessa turma, especificamente, tem uns jovens, um pessoal mais jovem, que eu acho que estão, assim, tirando um bom proveito do curso. Tem a faixa de 20 e 22 anos e ainda não tem uma orientação profissional, entendeu? Trabalhavam, assim, em serviço braçal e eu noto que eles estão desenvolvendo, estão aprendendo, se interessam e tal, trazem dúvidas, então eu não posso punir esses caras por conta de dois, na verdade, que tem uma turma de quase 20.
[00:41:20]	P10	Exatamente.
[00:41:22]	Pesquisador	As teorias e práticas educacionais que foram ministradas na sua formação inicial, lá no curso de licenciatura, contribuíram para a construção do que você é hoje como professora?

[00:41:33]	P10	Sim, com certeza. Acho que eu cheguei a falar sobre isso naquela hora, né.
[00:41:38]	Pesquisador	Sim, sim, chegou a comentar. Mas, assim, falando de uma maneira mais específica daquelas disciplinas de cunho pedagógico, você teve algumas disciplinas de cunho pedagógico na sua formação. Você acha que elas contribuem para essa desenvoltura que você tem hoje em sala de aula?
[00:42:00]	P10	Então, acho que o que eu percebi que realmente contribuiu, assim, do ponto de vista prático, para dentro de sala de aula, foram as disciplinas que eu tive na Física associadas a ensino, na instrumentação para ensino, prática de ensino 1 e 2, se eu não me engano, que na época prática de ensino zero era na faculdade de educação, lá na UERJ a gente fazia, né. Parte dessas matérias de ensino de Física especificamente eram lá do terceiro andar da Física e as de educação mais gerais, filosofia da educação, psicologia da educação, didática, currículo, enfim, a gente via lá na educação. E, assim, eu confesso que essas da educação, elas não colaboraram diretamente. Eu não vejo uma questão muito prática. Eu acho que foi mais uma questão de enriquecimento e dimensionamento de algumas questões que podem ocorrer em sala. Mas do ponto de vista de... Então, assim, eu acho que contribuíram, sim, mas contribuíram de uma maneira menos na prática do que as que eu vi na Física. Então, foi mais uma questão de tentar reforçar mais a minha... me colocar em contato mais com o tipo de texto, o tipo de discussão que se encontra acerca de educação, mas não exatamente ali para dentro de sala. Eu achei que não foi tanto assim.
[00:43:34]	Pesquisador	Entendi. Assim, te dando um embasamento teórico, mas muito pouco com viés da prática em sala de aula.
[00:43:42]	P10	Isso, exatamente. Exatamente isso.
[00:43:47]	Pesquisador	E os cursos que você fez de pós, mestrado e doutorado, eles contribuíram para a melhoria da tua prática docente? Impactaram positivamente ou negativamente a sua prática docente?
[00:44:00]	P10	Impactaram positivamente. E sim, foi muito significativo para mim. Eu acho que uma das coisas que eu faço, que eu julgo como um diferencial nas minhas aulas, é justamente eu conseguir falar sobre alguns assuntos da própria pesquisa em Física, da Física mais contemporânea, que muitas vezes não está num currículo típico de ensino médio. Até pode prever a Física moderna como um tópico no último ano e tudo, mas muitas vezes está negligenciado e tudo. E assim, eu acho que colabora bastante, não só como um tópico de Física nos três anos, mas em todos os anos eu consigo puxar um pouco para essa parte da Física atualmente, com, obviamente, o conhecimento limitado que eu tenho. Eu trabalhei numa questão muito específica no mestrado e doutorado, mas acabei tendo um pouco mais de abertura de horizontes da Física como um todo. Então, eu consigo falar, mesmo que superficialmente, sobre tópicos que eu não domino. E eu acho que isso é um diferencial, ajuda bastante na comunicação com o aluno, porque o aluno, às vezes, traz algumas questões que ele leu em algum lugar e a gente tenta discutir. Então, eu acho que sim, o mestrado e doutorado foram em teoria quântica de campos, Física de partículas, e eu acabo trazendo elementos disso também para a aula. Até porque o meu orientador também trabalhava com cosmologia. Na época da iniciação científica, eu trabalhei com cosmologia, então, trabalho em relatividade geral. Então, acaba que trazendo isso para as aulas, mesmo com pinceladas, acaba sendo uma coisa bem interessante, alguns alunos gostam. Acho que é isso. Ok.
[00:46:16]	Pesquisador	Durante sua estada na universidade, você já até começou a falar sobre isso também, durante sua estada na universidade, no decorrer do curso de licenciatura, você participou de algum projeto de pesquisa acadêmica?
[00:46:28]	P10	Sim, foi só a iniciação científica.
[00:46:31]	Pesquisador	Pode falar um pouco desse...
[00:46:33]	P10	Sim, foi... então, eu posso até falar do ponto de vista de sentimento mesmo na época, porque assim, quando eu fui à graduação, eu fui uma aluna muito... passei sem ninguém me conhecer. Eu estudava sozinha, eu não tinha dificuldade de interação com os colegas. Quem eu consegui

		minimamente encontrar ali alguma interação mais recorrente, acabou saindo do curso de Física em algum momento, em algum período. Então, no final das contas, eu me sinto... eu sinto que eu fiz o curso de Física, licenciatura e bacharelado, que eu fiz junto, eu senti que eu fiz muito sozinha. E, por causa disso, por ter essa dificuldade de comunicação, inclusive com os professores, sempre foi uma questão para mim, a comunicação com os professores também, eu acabei achando que a iniciação científica era algo que era muito maior do que eu conseguiria alcançar. Eu achava que era uma coisa... eu não fazia ideia de que você entrava ali para aprender. Eu achava que você já tinha que entrar ali com algum pré-requisito, porque todo mundo que eu ouvia falar assim, da turma e tal, tinha uma certa fluência em algum assunto, falava muito de iniciação científica, e eu não tinha fluência alguma daquilo, então eu achava que não era para mim. Lá para o final da graduação, que eu comecei a perceber que, na verdade, eu estava sentindo realmente uma insegurança absurda, porque em relação à maior parte dos alunos, eu não tinha notas ruins, eu tinha notas boas. Muitas vezes até em relação àqueles que falavam demais e tal, que eu achava que eram realmente pessoas que mereciam a iniciação. Eu comecei a pensar, nossa, então não deve ser tão ruim assim. E aí eu comecei a procurar a iniciação tarde, na verdade, eu procurei ali, se eu não me engano, no sétimo período, talvez sexto período. E aí eu já entrei para essa parte de Cosmologia, Física teórica, utilizava relatividade geral, porque eu tinha um particular interesse em relatividade, então já tinha feito duas eletivas de relatividade restrita e geral antes. E eu falei, aí também entrou aquela questão, bom, eu já fiz essas duas matérias, e cosmologia depende disso de alguma forma, então eu vou tentar essa iniciação, acho que eu tenho alguma coisa para oferecer. E aí foi isso que eu fiz.
[00:49:18]	Pesquisador	Mas esse projeto de pesquisa era você pesquisando sobre o assunto, ou você sendo colocada já numa turma para já começar um ensaio como professora? Ou era basicamente uma questão laboratorial? Experimental?
[00:49:41]	P10	Na verdade, nem laboratório nem experimental, era uma questão de fazer conta mesmo e simulação no computador. Não tinha relação com o ensino, relação zero. Eu acho que o único projeto que eu posso dizer que eu fiz associada a ensino, nessa época da graduação, foi no UERJ Sem Muros, que era um evento de extensão, hoje eu entendo que era um evento de extensão, onde você desenvolvia projetos e abria para a comunidade fora da UERJ, ou dentro, para ver os trabalhos e tudo. E assim, eu me lembro que eu fiz esse projeto numa matéria da professora Glória, que se eu não me engano foi prática de ensino 2, ou 1 talvez, alguma das práticas de ensino. E eu tinha que fazer o experimento da bússola, né? Bússola como agulha, um pedacinho de isopor e põe em cima de uma bacia com água. E eu fui, através desse projeto, numa escola municipal para poder fazer esse, apresentar esse projeto para outros alunos, alunos de fundamental. E depois eu apresentei na UERJ Sem Muros. Se eu não me engano, foi isso daí, foi a minha relação com o projeto dentro da universidade, né? Quando eu graduação. Entendi.
[00:51:16]	Pesquisador	Porque o foco aqui é a licenciatura, né?
[00:51:19]	P10	Sim, eu acabei...
[00:51:20]	Pesquisador	A tua pesquisa. Não, não é para você não falar não, estou só dizendo por que que às vezes eu fico te direcionando.
[00:51:27]	Pesquisador	Instigando para direcionar mais para a tua licenciatura. Tudo que você falar contribui. Em relação à pergunta anterior, caso você tenha participado do projeto de pesquisa, essa participação contribuiu para a sua formação? Caso não tenha participado, julga importante ofertar esses projetos, aos licenciandos em programa de pesquisa?
[00:51:50]	P10	Olha, então...
[00:51:51]	Pesquisador	Você acha que isso contribui para a formação do professor?
[00:51:55]	P10	Ah, com certeza, com certeza. Com certeza, eu acho que contribui sim. Mas eu acho que... Do ponto de vista de experiência própria, foi o que eu tinha te falado. Apesar de não contribuir de uma maneira 100% direta com o conteúdo que você dá no ensino médio, eu acho que a própria pesquisa, sem ser exatamente em ensino, sem ser exatamente

		associada à licenciatura, te dá bagagem para se falar com alguém e te dá a oportunidade de levar, de tentar pensar na maneira de traduzir o que você faz ali, ou num laboratório, ou num computador, ou com contas muito complexas, te dá a oportunidade de tentar levar aquilo ali para uma pessoa, para um aluno de fundamental, para um aluno de ensino médio, que está aprendendo ciência ainda, né? E você tem essa oportunidade, esse desafio de tentar fazer essa tradução, que é fazer uma espécie de divulgação científica, que eu acho que é extremamente importante para a gente, que eu acho que a gente carece muito disso, né? E carece de pessoas que estão na ponta, que entendam o quanto isso é importante, eles conseguirem comunicar o trabalho supercomplexo, super específico deles, de alguma forma, para as pessoas que não têm esse conhecimento. Então, eu acho que, no meu caso, a minha experiência com pesquisa, mesmo não sendo de ensino, contribuiu absurdamente para mim. Eu acho que contribui, sim, para qualquer profissional, mas desde que ele entenda a importância de ele conseguir se desenvolver de tal forma a falar sobre aquilo para pessoas leigas, ou pessoas que não são da área. Com relação ao trabalho, ao projeto que eu fiz, que eu trabalhei ali, mesmo que bem pouco, não muito tempo, com relação ao UERJ Sem Muros, eu acho que acaba sendo também na mesma linha, a linha da divulgação, a linha de dar o primeiro contato para os alunos. Então, eu acho extremamente importante também que sejam os projetos de extensão que tem na universidade, que de alguma forma, cheguem, sim, para esses alunos de licenciatura. Eu acho que é fundamental.
[00:54:29]	Pesquisador	Esse pessoal da UERJ, a Glória, a Giselle, esse professor que eu citei, que é o José Cláudio que é esposo da professora Andréa Guerra, que também trabalha lá no programa do CEFET, eles trabalham muito essa linha da divulgação da ciência, uma maneira diferente de você abordar a ciência, fugindo um pouco daquela linha dura da Física e tal. Ela trabalha a parte da história cultural da ciência, fala sobre as mulheres na ciência, ela trabalha muito essa parte, os negros na ciência, eu acho isso aí muito interessante, porque quem está fora não tem essa noção. Você pega um livro de Física, você tem toda lá, vamos falar de eletricidade, que é mais a minha praia, pega lá a eletricidade, é o Ohm, o Volt e o Ampére, só tem homens, brancos, com aquele estereótipo do cientista idealizado pelas pessoas, com a barbinha branca e tal, e eles tentam quebrar isso. Eu vou apresentar lá no ENPEC um trabalho falando de um negro na ciência. O que eles chamam aí na literatura de ator social invisível da ciência. Um técnico de laboratório do Instituto Oswaldo Cruz, que contribuiu com grande parte das descobertas de Adolfo Lutz e da filha dele, e não apareceu, durante muito tempo não apareceu. Só mais recentemente que as pesquisas mostraram que grande parte das descobertas, inclusive uma delas foi feita por ele, um técnico de laboratório semianalfabeto. Aí escrevi um artigo sobre ele, mandei para o ENPEC, foi aprovado, vou apresentar lá em outubro, lá em Goiás.
[00:56:16]	P10	Isso foi quando?
[00:56:18]	Pesquisador	Isso foi, ele trabalhou entre 1900 e 1955. Morreu em 1955. E por que eu falei desse cara? Meu pai foi funcionário do Instituto Oswaldo Cruz. Meu pai já é falecido. E ele sempre me falou, o Venâncio, Joaquim Venâncio, era um cara analfabeto, mas ele descobriu o exame da gravidez a partir da urina do sapo. Ele descobriu, fui pesquisar, e realmente na literatura aponta que por acaso lá, ele descobriu e tal. Meu pai falava, falava desse cara. Quando eu comecei a estudar a história cultural da ciência, lá uma matéria do doutorado, aí eu lembrei do meu pai falando desse camarada. Meu pai chamava até de Venancinho, de intimidade, de ter trabalhado junto. Meu pai foi funcionário em 1950, no Instituto Oswaldo Cruz. E ele morreu em 1955, então conviveram pelo menos 10 anos juntos. Aí fui pesquisar aqui a certidão de trabalho do meu pai, para ver se batia mesmo tempo, se não era viagem de idoso. Aí batia os tempos e tal, e batiam as histórias. Aí escrevi um artigo sobre o ator social invisível da ciência, Joaquim Venâncio, que é quem dá nome até à escola técnica da Fiocruz. Mas isso aí só foi reconhecido em 1989. Então eu achei muito legal essa vertente do ensino da Física e tal, que a Glória faz, que a Giselle faz, que o Zé Cláudio faz. Que para nós engenheiros físicos

		que têm aquela formação dura, em nenhum momento foi apresentado. Para mim, pelo menos, quem tem uma formação mais antiga, pelo que eu estou observando aqui, quem tem formações em outras universidades, que não a UERJ, simplesmente isso não está sendo trabalhado ainda. E vocês que vêm da UERJ, de certa maneira, mesmo que ainda um projeto experimental pequeno, a gente vê que já vem com essa formação diferenciada.
[00:58:35]	Pesquisador	Na escola que você trabalha, você participa de comunidade de aprendizagem, grupo de estudo ou troca de experiência? Tem assim algum momento lá que os professores de Física do CEFET se reúnem para trocar de experiência? Isso dá certo, se não deu certo?
[00:58:52]	P10	Então, na verdade, desse ponto de vista, lá no meu campus especificamente, nós somos duas professoras de Física atualmente. Antes tinha eu e mais um outro professor que acabou... Por pouco tempo a gente trabalha junto e tal. E aí ele saiu de licença para doutorado e quando ele voltou ficou um tempo, mas acabou fazendo a mudança de campus, ele trocou de campus e veio essa professora nova. Então, assim, do ponto de vista de troca de experiência com professores de Física no campus, isso é uma coisa que eu tenho muita carência. Eu nunca consegui ter alguém para, de fato, conversar sobre isso, sobre as metodologias e tal, mas a longo prazo. Eu acho que com essa professora atual, eu estou tendo mais liberdade para expor algumas questões minhas e ela também traz, mas ainda assim é uma coisa muito inicial, porque ela entrou, por exemplo, no ano passado.
[00:59:57]	Pesquisador	E é uma coisa informal, não é nada...
[01:00:01]	P10	Exatamente, não é nada...
[01:00:02]	Pesquisador	Eu falei de Física, mas também vale se você participa de grupo com outros professores de disciplinas em geral, médio e técnico?
[01:00:11]	P10	Formalmente, não. Sempre de maneira informal.
[01:00:16]	Pesquisador	Eu trago essas perguntas, P., porque é o que a literatura aponta como possíveis soluções para a formação do professor. Quando eu falo formação, tanto inicial como continuada. Estabelecer grupos de troca de informações, de aprendizagem. Quando eu falei da pesquisa, já inseri o aluno da licenciatura em pesquisas, com viés mais da pesquisa em sala de aula. Já botar o licenciado lá na sala de aula, o professor pesquisador lá, o formador participar de pesquisa junto com os professores lá da ponta, para tentar uma aproximação maior entre a academia e o professor lá da sala de aula, do ensino médio, do ensino fundamental. Tudo isso que eu pergunto aqui é com base no que eu levantei como referencial teórico. Então, você acha que esses grupos, essas comunidades de aprendizagem, seria importante você participar desses grupos de pesquisa, grupos de comunidade de aprendizagem, para melhoria das suas práticas?
[01:01:29]	P10	Acho que seria importante, sim. Inclusive, porque agora você falando, eu tenho uma professora lá que trabalha nesse projeto de mulheres negras fazendo ciência. É uma professora de biologia, terminou doutorado agora na parte de ensino de biologia e saúde, se eu não me engano. E ela faz exatamente essa ponte da UFRJ com o CEFET, tanto a nível de graduação quanto a nível de médio. E eu percebo a empolgação dela e a visibilidade até que ela está dando para esse tipo de coisa. E eu julgo, eu de fora percebo que sim, tem uma grande importância. Até pelo fato das alunas dela principalmente estarem tendo outras perspectivas de vida que não aquelas que foram, talvez, empurradas para ela desde mais novas, por serem mulheres negras, enfim.
[01:02:23]	Pesquisador	Se você gosta e quer pesquisar sobre o assunto, procura uma Física, os artigos escritos por uma professora de Física, Katemari Rosa. Se você quiser pesquisar, ela fala sobre a questão dos cosméticos e tal, faz um link legal para caramba. Do negro na ciência, da negra na ciência, muito legal. Inclusive, ela é uma das referências desse trabalho que eu te falei, que eu escrevi.
[01:02:51]	P10	Ela, no caso, qual é a formação dela, perdão?
[01:02:55]	Pesquisador	É Física.
[01:02:56]	P10	Física mesmo.

[01:02:56]	Pesquisador	Física, isso. Katemari Rosa, trabalha também nessa linha.
[01:03:00]	P10	Katemari eu conheço. Ah, tá, peraí, só um instantinho. Katemari, como é que é o nome? Katemari Rosa, conheço. Ah, você chegou a... Eu assisti a palestra dela no Encontro de Matéria Condensada. A Larissa a encontrou no Encontro de Matéria Condensada e ela palestrou. Então, você me fala depois que eu vejo.
[01:03:22]	Pesquisador	Muito artigo escrito por ela nessa linha de trabalho. Você atua de forma reflexiva sobre suas práticas enquanto professora, estabelecendo um processo de melhoria contínua? Considera que sua formação inicial te forneceu subsídio para trabalhar dessa forma. Atua de forma reflexiva sobre suas práticas e na tua formação na licenciatura, você foi formada para trabalhar dessa forma?
[01:03:49]	P10	Olha, eu acho que eu atuo de maneira reflexiva, mas eu acho que, por incrível que pareça, por um bom tempo eu não estava fazendo tanto isso, de fazer a reflexão sobre o meu trabalho, fazer essa melhora de alguns pontos da aula, principalmente. Eu acho que a minha formação, agora eu vou falar especificamente disso, eu sou uma professora muito de quadro, de caneta e quadro, de abstração, e eu era muito, usava muito pouco, uso muito pouco ainda, os recursos didáticos diferentes, projetor, experimento de baixo custo, enfim, coisas associadas a isso. Eu fiquei um bom tempo sem olhar muito para isso. Com a pandemia e a necessidade de se trabalhar de maneira remota, eu acho que acabei, o pior que tem sido a pandemia, nessa parte eu achei que foi um ganho para mim, a parte de reorganizar muito das minhas aulas do ponto de vista de tempo, do ponto de vista de profundidade do conteúdo, do ponto de vista de ilustração do que está sendo falado. Então, a necessidade de se usar as simulações pelo computador, foram uma necessidade de fato, porque você ensinar à distância, pelo TEAMS, uma pessoa que já tem dificuldade de abstração, sem estar olhando para o rosto dela, sem estar com um monte de gente que não queria falar, porque estava no computador ou não podia falar, enfim, tentar trazer alguma coisa para a aula, para eles tentarem conseguir uma aprendizagem, aí eu acabei tendo que fazer esse uso das ferramentas de simulação, e atualmente eu tenho usado bastante isso, e também a questão de estar sempre olhando as listas de exercício, para ver se está em um nível razoável. Então, eu acho que nesse sentido, a minha formação inicial não me trouxe muito recurso para fazer essa inovação, essa inovação constante, essa reflexão constante acerca da prática, a não ser do ponto de vista teórico. Eu sei que eu tinha que fazer isso, a gente foi trabalhado para isso, pensar no papel de professor sempre, inovar etc., mas eu não fazia. E com esse ensino remoto, que eu comecei a despertar mais para isso, e atualmente estou mais aberta nesse sentido. Não sei se eu respondi, professor, desculpa, estou confundo às vezes.
[01:07:02]	Pesquisador	No meu mestrado, eu parti também nessa linha que você citou, do experimento de baixo custo. Eu tinha como desafio, sempre tive muita dificuldade de ensinar eletromagnetismo, uma coisa muito abstrata. Aí quando eu fui lá para o mestrado, que meu mestrado foi profissional, a ideia era montar um produto educacional. Aí falaram, o que você tem mais dificuldade de ensinar? Eu falei, eletromagnetismo. Pô, tenta montar um produto educacional para facilitar esse processo de ensino aprendizagem do eletromagnetismo. Eu montei um kit, um kit onde eu consigo fazer oito experimentos. Kit baratinho, você gasta basicamente só para comprar uma fonte, o resto você consegue de material de refugo e tal. Aí fui nessa linha de trabalho. Tem muita coisa escrita também sobre esse tipo de experimento de baixo custo. Eu tenho dificuldade ainda com essas simulações. Simulador no computador, de circuito e tal. Eu tenho um pouco de aversão a isso, eu tenho que quebrar isso ainda. Eu acho que o aluno fica muito longe, porque eu sou professor do técnico, ele fica muito longe do palpável, da habilidade manipulativa de um circuito, testar efetivamente. Eu acho que isso é a minha opinião. Peca um pouco nesse sentido prático. Com o técnico de eletrotécnica não combina muito. Mas é o do momento.
[01:08:36]	P10	Lá no meu campus a gente não tem um laboratório de ciências ainda. Isso é um problema sério. Então acaba que ou é experimento de baixo

		custo que faz ali na frente deles, ou então é simulação. Então para mim, pelo menos emergencialmente, foi simulação.
[01:08:55]	Pesquisador	Simulação você trabalha até com o celular com o aluno, né?
[01:08:58]	P10	Exatamente, exatamente isso. Mas agora felizmente chegou o equipamento do ano passado, a gente está agora só dependendo da construção do espaço físico mesmo ali pra começar a tocar o laboratório.
[01:09:14]	Pesquisador	Correto. Pesquisas apontam para necessidade de aproximação entre academia e escola, ou seja, entre o professor e o pesquisador, como caminho possível para a melhoria do processo formativo. Você enxerga essa alternativa como uma possibilidade eficaz?
[01:09:31]	P10	Sim.
[01:09:32]	Pesquisador	Julga importante de alguma maneira aproximar você que está na sala de aula de alguém que está fazendo pesquisa. É o que eu estou fazendo na verdade, né? Estou tentando me aproximar dos professores e professoras pra levantar as opiniões, as realidades, as dificuldades para propor possíveis mudanças lá no processo formativo.
[01:09:59]	Pesquisador	Quais conhecimentos você julga mais importantes na formação dos seus alunos? O que você mais valoriza em sala de aula?
[01:10:07]	P10	Eu vou dizer que o que eu mais valorizo em sala de aula atualmente é justamente a vontade e o esforço do aluno para aprender alguma coisa diferente do que ele conhece. Eu acho que na minha experiência de vida, uma pessoa que tem muita facilidade, que é muito dita inteligente e tal, eu acho que ela vai ter o lugar dela, mas o que de fato move o mundo é a persistência, a vontade de aprender alguma coisa, de tentar compreender, entender. Eu acho que é isso, do ponto de vista de estatística, eu acho que é o mais relevante pra você conseguir fazer alguma coisa na sua vida, conseguir avançar na sua vida. Então, eu acho que é o que eu mais valorizo dentro de sala é realmente aquele aluno que mesmo que está com uma dificuldade absurda, mas que ele mostra a vontade de tentar entender, procura, tenta, sabe? Eu acho que isso aí, pra mim...
[01:11:19]	Pesquisador	Eu também penso da mesma forma. Hoje em dia tem até uma palavra para isso, né? Resiliência, né?
[01:11:25]	P10	Resiliência, isso.
[01:11:26]	Pesquisador	Resiliência. Você vê, às vezes, o menino lá, o aluno, com tanta dificuldade, mas ele persiste. Aí você analisa. Fazendo uma comparação do ingresso dele no JK com 15 anos e a saída dele lá com 17, 18 anos, você constata um progresso imenso. Não é aquele top, mas ele é um camarada totalmente diferente do que ele era quando chegou.
[01:11:56]	P10	Exatamente.
[01:12:00]	Pesquisador	Considerando o seu curso de licenciatura, você considera que essa formação inicial te forneceu subsídio suficiente para o pleno exercício da atividade docente? Faça aí alguns elogios e críticas à sua formação.
[01:12:14]	P10	Eu acho que sim. Eu acho que a minha formação para dar aula no ensino básico foi ótima. Eu acho que a UERJ teve uma bagagem teórica, formal, dos cursos mais duros. Para mim foi muito proveitoso. E, ao mesmo tempo, com esse olhar para o ser humano, pro aluno, para as práticas docentes, que, como até mesmo você falou, em algumas outras instituições parece que ou é mais mascarado ou é mais tímido ainda. Eu acho que lá na UERJ essa visão mais humana colaborou bastante. E a parte mais formal também não deixou a desejar não. Apesar de terem as dificuldades que tem por ser a UERJ, por ter a questão de verba, toda a questão política associada, mas eu acho que foi um bom curso sim. E uma das coisas que eu me orgulho bastante, até de mim, depois de um tempo eu sempre tive dificuldade de falar de mim também, de me reconhecer boa em alguma coisa, mas eu posso dizer que hoje eu sou uma boa professora, eu me reconheço uma boa professora e eu tenho orgulho de dizer que eu sou da UERJ, que eu fiz tudo na UERJ, graduação, mestrado, doutorado. Porque eu tô junto, às vezes, de professores que foram formados na UFRJ, na UFF e da UERJ eu percebo que foram poucos, muitas vezes. E estar ali, em pé de igualdade, justamente pelo histórico que a gente tem com relação às diversidades, quem é melhor, quem é pior. E eu agradeço muito justamente por essa formação que eu tive na UERJ. Eu acho que foi muito efetiva para mim.

[01:14:19]	Pesquisador	Eu também tenho muito orgulho de ter me formado na UERJ. E não me acho em posição inferior a nenhum outro engenheiro que eu encontro formado em outras universidades. Que para Engenharia Elétrica tem, entre aspas, o maior peso, a UFRJ, UFF e tal. Interajo com pessoas formadas de todos os cantos, até de universidades fora do Rio de Janeiro. Não vejo nenhuma carência na formação que eu tive na UERJ. Eu fui formado em outra época, né P.? Em 1995. Então, essa questão mais social, olhar o aluno com essa questão mais... O viés social não existia ainda. Era bem duro ainda. Aqui o curso é para quem não trabalha. Se você trabalha, e eu trabalhava, você não vai conseguir. Era assim meio apavorante. Mas assim, a formação em si é muito boa. E como eu te falei, hoje eu acompanho de perto uma formação UERJ, licenciatura, Matemática. A minha filha já é envolvida em projeto de pesquisa, dando aula para os índios, lá numa aldeia em Maricá. Trabalhando com índios. Então, uma coisa muito legal mesmo. Muito antenada, vamos falar assim, com a modernidade e com a realidade. Questão de inclusão, alunos especiais nas turmas. Muito legal mesmo.
[01:15:51]	Pesquisador	Sua formação inicial te forneceu o subsídio para você exercer sua docência no atual contexto social? Ou seja, observando as questões de etnia, raça, gênero e diversidade?
[01:16:04]	P10	Sim, acho que depois de tudo o que eu falei, faz bastante sentido dizer que sim.
[01:16:09]	Pesquisador	Você já tem na sua turma alunos do espectro autista, TDAH?
[01:16:16]	P10	Eu já tive. Assim, TDAH, a princípio, já aparecem alguns já diagnosticados. Outros a gente acredita que sejam. Aquela coisa que a gente conhece aí, de que aos poucos vai ficando mais fácil de detectar, justamente porque as pessoas estão se diagnosticando mais cedo. Já tive aluna cadeirante. Já tive aluno que tinha também algum transtorno, não me lembro qual, mas que também tinha uma necessidade especial. Então, sim, já tive alunos assim.
[01:17:06]	Pesquisador	E a sua formação inicial, você já chegou ao tipo, fez um curso de libras para poder lidar com...
[01:17:13]	P10	Não, não fiz. A UERJ, inclusive, na época, tinha eventualmente alguns cursos de... Lá na faculdade de educação, que eram cursos de disciplinas eletivas para educação inclusiva, não cheguei a fazer, não. Mas, assim, não posso dizer que não tive oportunidade de fazer.
[01:17:34]	Pesquisador	Para fecharmos, diversas pesquisas apontam para necessidade de mudança nos cursos de licenciatura com vistas a oportunizar melhores condições de formação, tornando essa formação mais próxima da realidade a ser encontrada pelos professores em sala de aula. Você concorda com essa afirmação? Caso concorde, quais propostas de mudança apontaria como necessário aos cursos de licenciatura a fim de tornar a formação inicial dos professores mais próxima da realidade a ser encontrada em sala de aula? É grande a frase. Se você concorda com que mudanças precisam ser realizadas nos cursos de licenciatura, e se você concorda, se você apontaria alguma coisa, assim, que você acha legal, importante, que fosse inserida na formação dos professores para você trabalhar de forma mais efetiva com seus alunos em sala de aula.
[01:18:39]	Pesquisador	Essa é a cereja do bolo.
[01:18:41]	P10	Eu acho que sim, os cursos de licenciatura, vou falar especificamente da Física, eu acho que tem sim o que melhorar. Eu acho que o que eu senti falta, que felizmente eu consegui procurar saber depois, procurar me tirar essas minhas algumas deficiências associadas a isso, é justamente, no caso específico de Física, mesmo na licenciatura, é você não fazer contas só por fazer. Porque eu acho que toda a Física que pode ser discutida conceitualmente em torno daquela conta, daquele cálculo que se está fazendo, principalmente lá para a parte de formação inicial do professor da licenciatura, eu acho que deveria ser mais abordada. Uma formação conceitual, acho que mais forte, uma formação conceitual não desvinculada da parte de cálculo, de conta mesmo o tempo todo. Como assim? Lá na UERJ eu percebi que você tinha muita matéria que era basicamente fazer conta, e a discussão da Física ficava para segundo plano ou não ficava, não existia. E tinham matérias que eram matérias que eram mais voltadas para a licenciatura e algumas poucas do

		bacharelado que se preocupavam em só parte de conceituação e parte de algumas coisas mais superficiais. Mas você não via o casamento, eu acho que enquanto você está fazendo um curso, no mesmo curso você está fazendo muita conta, que você pare para respirar, pare para falar sobre a Física, sobre aquilo, acho que isso para mim seria um diferencial bem importante entre os cursos de licenciatura em Física, principalmente associados à primeira parte, a parte de ciclo básico, vamos dizer assim. Então, acho que o principal que eu senti falta foi fazer a gente falar Física, falar de Física sem ser somente usando cálculos. E olha que eu sou entusiasta, eu adoro fazer cálculos, adoro fazer conta, me sinto confortável fazendo conta, mas eu hoje consigo compreender que aquelas contas são lindas de serem feitas, são ótimas, mas eu preciso saber comunicá-las às pessoas.
[01:21:41]	Pesquisador	E a gente aprende Física, ou pelo menos aprendia na minha época, só com conta. Conta, conta, conta.
[01:21:48]	P10	Hoje em dia você consegue ver, acho que hoje em dia a internet trouxe coisas incríveis para a formação atualmente, eu acho que é muito pouco explorada, porque, por exemplo, você hoje consegue enxergar, você consegue facilmente plotar uma função online hoje, você consegue falar de série transformada de Fourier, você vê o negócio se mexendo. E na minha época eu não conseguia enxergar isso, a não ser se eu fizesse um gráfico em diversos momentos diferentes, fazer vários gráficos, então era um trabalho absurdo, movimento não existia, eu acho que hoje você vê as coisas acontecendo, e se talvez a gente conseguisse fazer essa junção, botar a simulação mais próxima, não sei como é que está hoje realmente na licenciatura, se já está sendo usado isso, mas na minha época eu acho que eu senti muito falta disso e eu sugeriria isso, a questão da visualização, enxergar a Física, não só do ponto de vista de curiosidade, de fazer um experimento e ver uma coisa bonita acontecendo, não, é ver e analisar realmente do ponto de vista formal mesmo, para a partir daí do entendimento mais profundo que o aluno de licenciatura tiver, que a partir dali ele consiga tentar fazer essa tradução por conta. Enfim, eu acho que é isso, não sei se deu para entender.
[01:23:18]	Pesquisador	Sim, sim, entendi perfeitamente. Ok, você quer acrescentar mais alguma coisa, alguma coisa que eu não tenha perguntado, que você gostaria de falar?
[01:23:29]	P10	Não, acho que é isso, só queria agradecer mesmo a lembrança, espero que eu tenha conseguido contribuir bem para o trabalho.
[01:23:36]	Pesquisador	Eu que tenho que te agradecer.